ARQUITETURA ESCOLAR PAULISTA

anos 1950 e 1960

Governador do Estado de São Paulo
Cláudio Lembo

Secretária da Educação
Maria Lucia Vasconcelos

Secretário-Adjunto
Luciano Pereira Barbosa

Chefe de Gabinete
Evandro Fabiani Capano

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

Diretor Executivo
Willian Sampaio de Oliveira

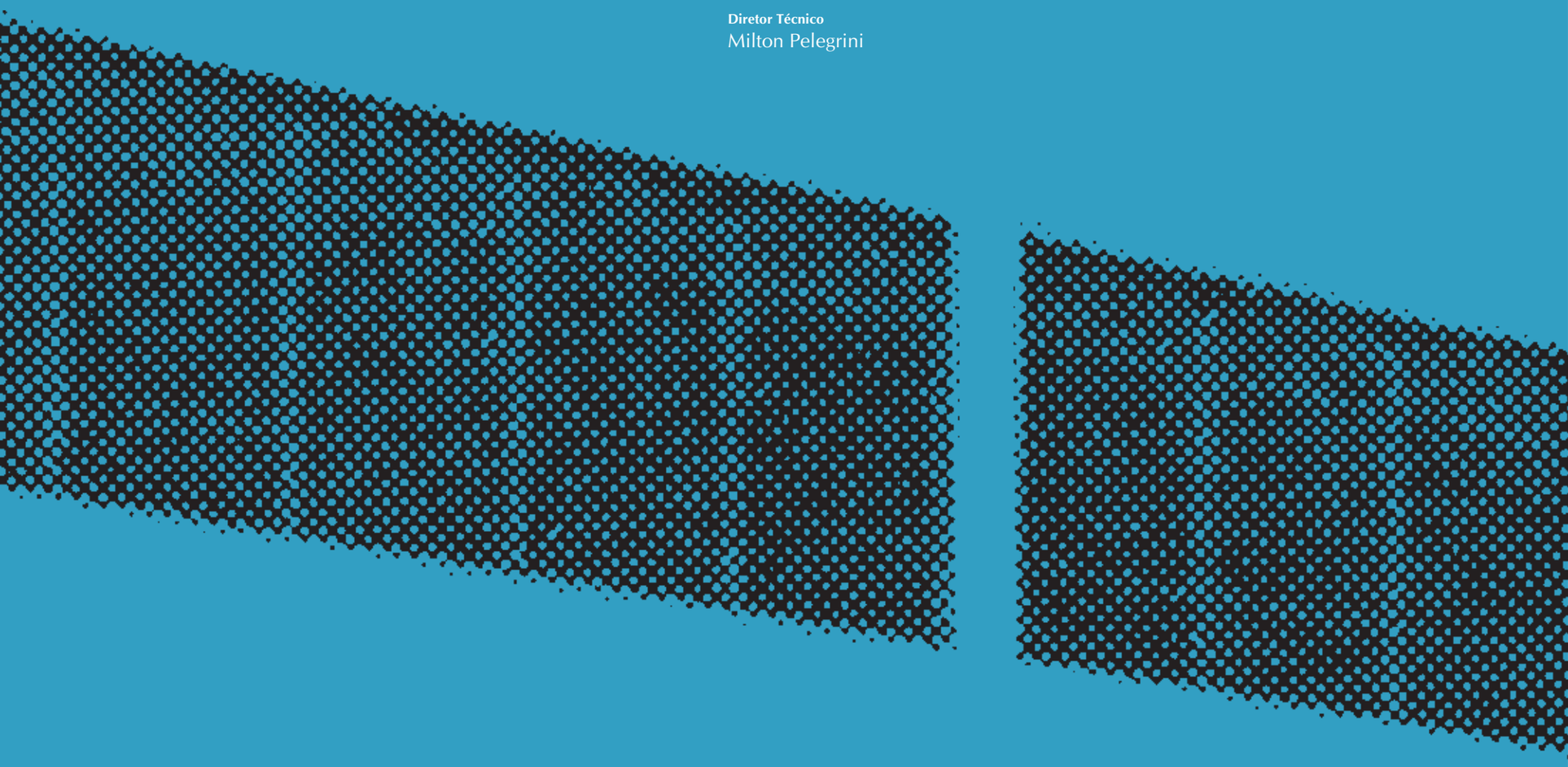
Chefe de Gabinete
Carlos Roberto Barretto

Diretor Administrativo e Financeiro
Luiz Carlos Quadrelli

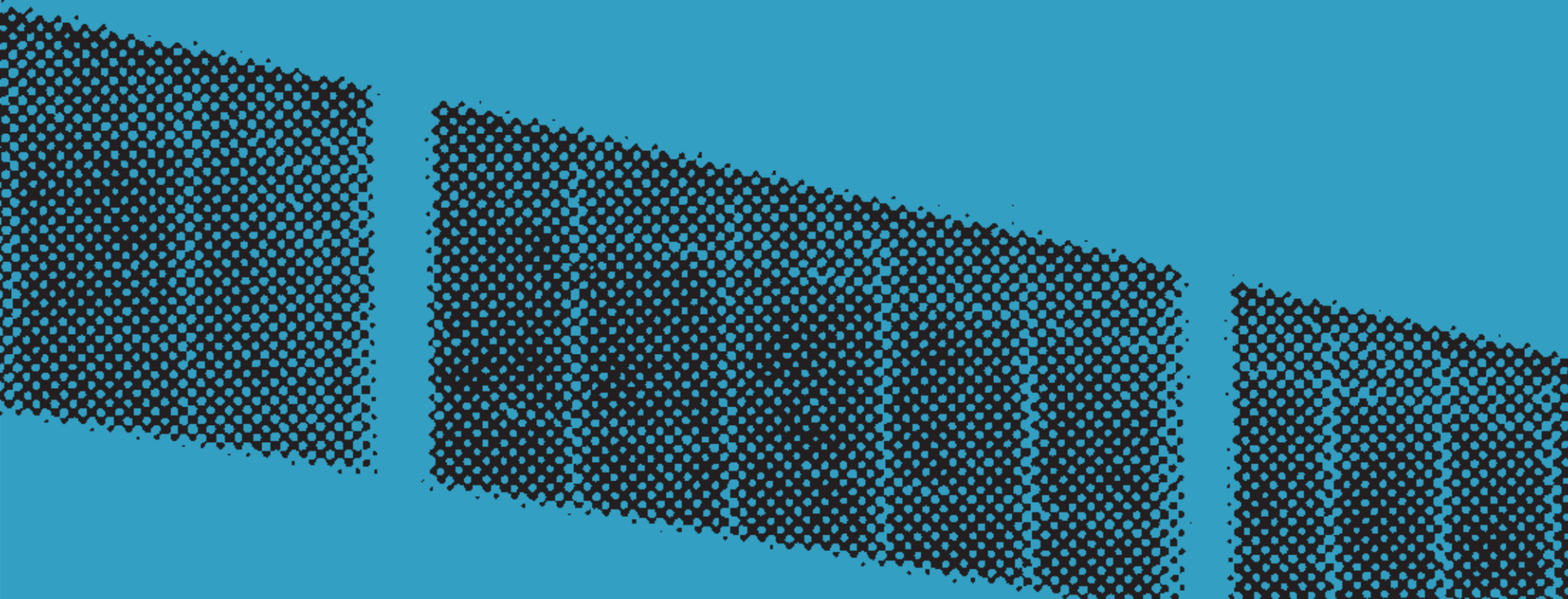
Diretor de Obras e Serviços
Jaderson Spina

Diretora de Projetos Especiais
Leila Rentroia Iannone

Diretor Técnico
Milton Pelegrini



ARQUITETURA ESCOLAR PAULISTA
anos 1950 e 1960



ARQUITETURA ESCOLAR PAULISTA:
anos 1950 e 1960

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FDE)
São Paulo, 2006

Organização
Avany de Francisco Ferreira
Mirela Geiger de Mello

Projeto Gráfico
Victor Nosek

Arte-final
Fernando Moser/Shadow Design

Preparação de Texto
Renato Potenza

Revisão de Texto
José Muniz Jr.
Vivian Miwa Matsushita

Assistentes
Fabíula Domingues
Marcela Jimenez Rodrigues
Andréa Cristina Lopes Ribeiro

Desenhos
Pablo Hereñú
Anna Helena Villela
Eduardo Rocha Ferroni
Maria Julia de Castro Herklotz
Fabiana Cyon
Giovana Avancini
Marcela Jimenez Rodrigues
Camila de Castro
Luana Rossi

Fotografias
Carlos Kipnis
Clóvis Copelli

Arquivo Técnico
Fernanda Santos Alves
Mayra Cristina de Queiróz Salles

Gráfico
Gilson Albertini Junior

Apoio de Sistemas / Banco Prédios
Marilena Castanha
Paulo César Manesco

Mapas
Emico Matsumoto
Daniela Luz Carvalho
Jorge Luis Prando

Secretaria
Eliana Carneiro Corrêa Ruiz
Maria Tereza Pinhão

ARQUITETURA ESCOLAR PAULISTA
anos 1950 e 1960

organização

Avany de Francisco Ferreira

Mirela Geiger de Mello

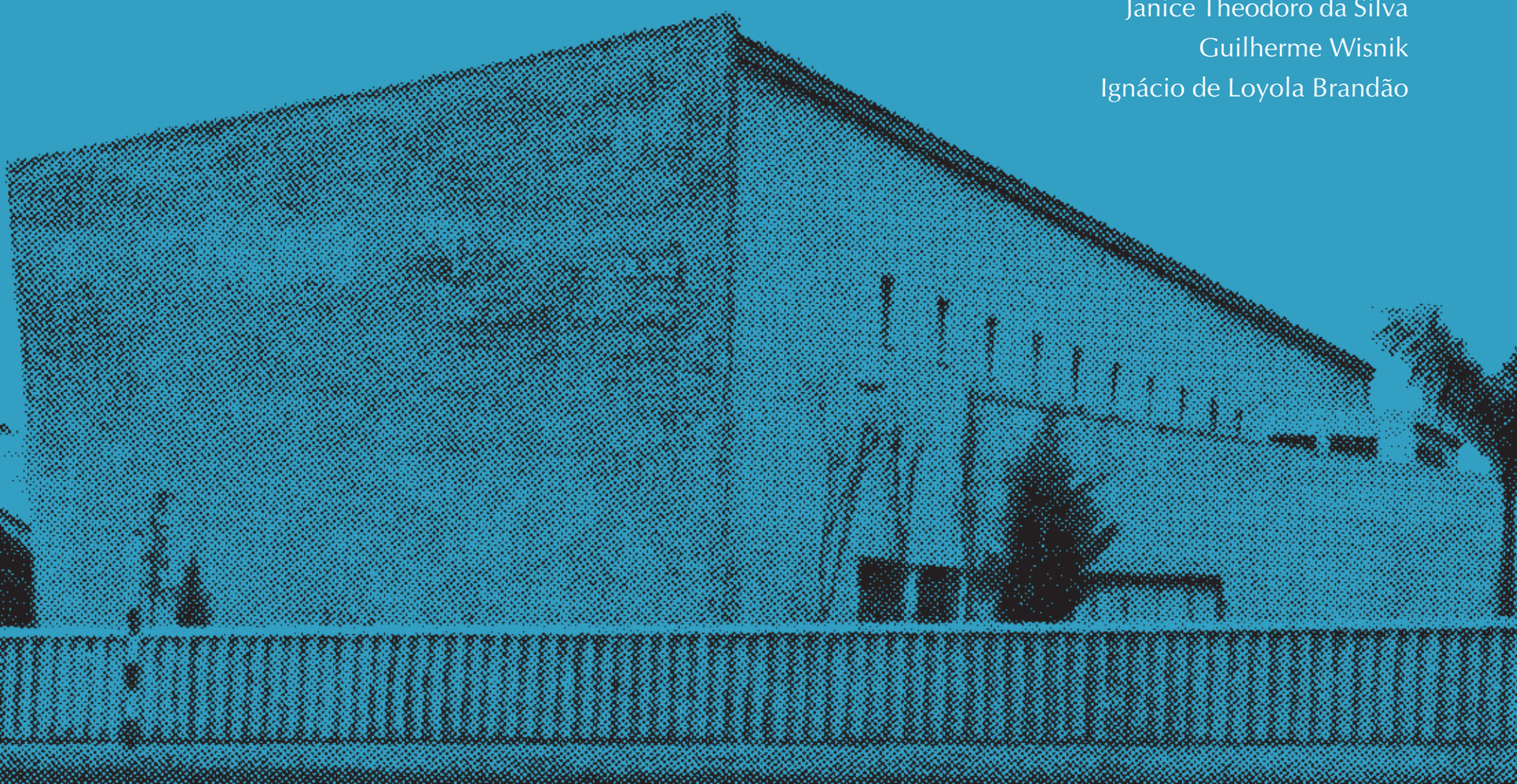
textos

Julio Roberto Katinsky

Janice Theodoro da Silva

Guilherme Wisnik

Ignácio de Loyola Brandão



A arquitetura escolar pública paulista remonta ao final do século 19.

As décadas de 1950 e 1960 foram, no entanto, especialmente significativas, reflexo da efervescência cultural, política e econômica da época.

As arquitetas Avany de Francisco Ferreira e Mirela Geiger de Mello documentaram, na presente obra, os projetos elaborados pelo Convênio Escolar e pelo Instituto de Previdência do Estado de São Paulo" (Ipesp). Mesclam o panorama histórico, dado por Janice Theodoro da Silva; com o aspecto cultural, sob o olhar de Ignácio de Loyola Brandão, além de nos apresentar a ótica dos importantes arquitetos Guilherme Wisnik e Júlio Roberto Katinsky.

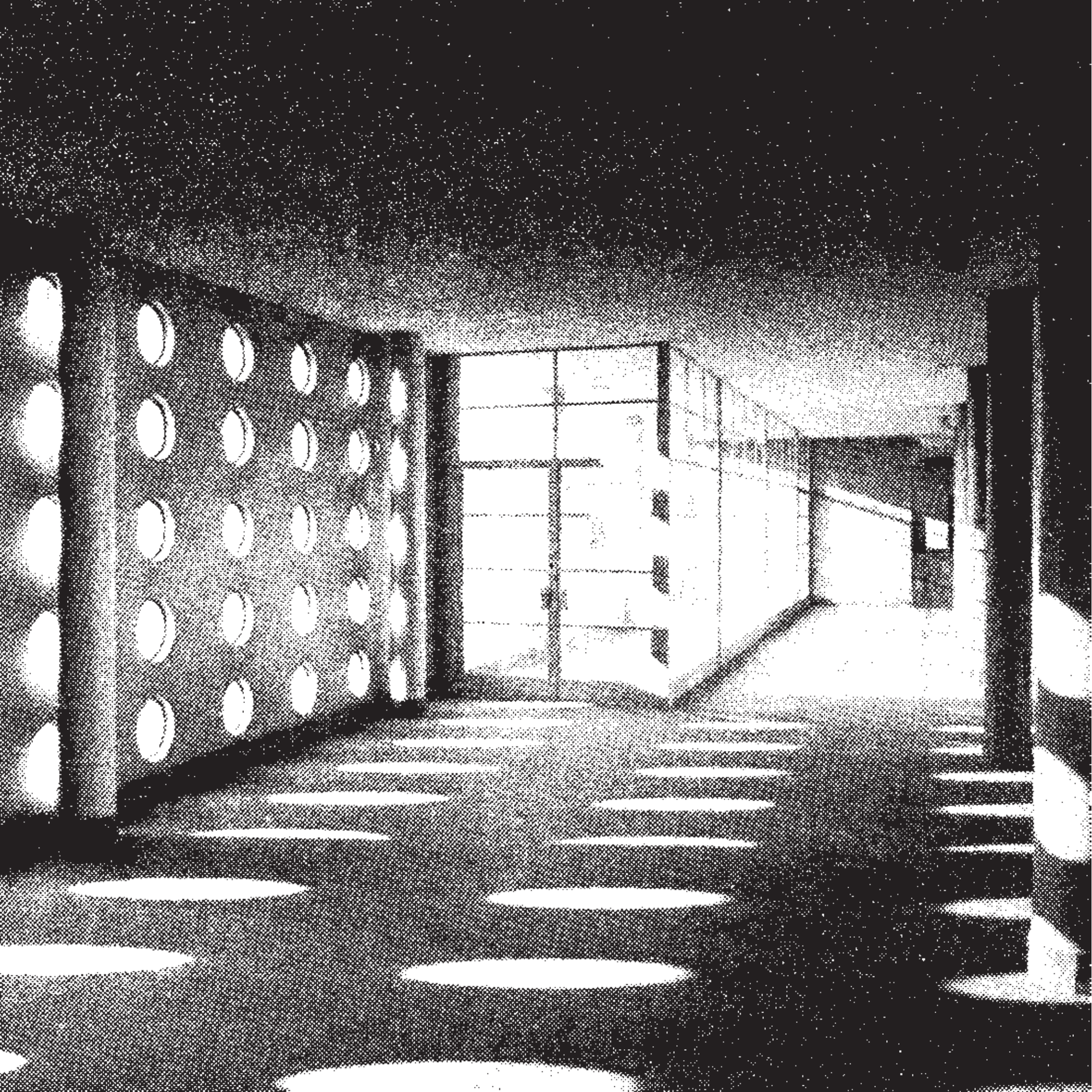
A arquitetura escolar deve, necessariamente, ancorar-se em propostas educacionais. É o que fizeram os arquitetos Hélio Duarte, Eduardo Corona e Roberto Tibau, entre outros, no período dos anos 1950.

Em 1957 é criado o Ipesp que, em 1959, recebe do governador Carvalho Pinto a tarefa de ampliar democraticamente a rede pública do Estado de São Paulo.

É notável, nesse período, a participação dos jovens arquitetos Vilanova Artigas, Carlos Cascaldi, Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro.

Este novo volume da Coleção Arquitetura Escolar Paulista é a contribuição que a Secretaria de Estado da Educação, por meio da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), entrega à análise do público em geral.

Secretária da Educação
Maria Lucia Vasconcelos



Contribuições para uma História da Arquitetura Escolar Paulista

Em 1991, a Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE deu início a uma série de livros, com o objetivo de registrar a evolução da arquitetura e da edificação escolar no Estado de São Paulo. Naquele ano, foi lançado o livro *Arquitetura Escolar Paulista 1890-1920*, com cerca de 170 edifícios escolares projetados pelo extinto Departamento de Obras Públicas (DOP).

Em 1998, publicou-se *Arquitetura Escolar Paulista – Restauro*, que trata dos procedimentos empregados na preservação de escolas tombadas pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (Condephaat). Nesse documento, foram apresentadas as técnicas utilizadas na restauração e, ainda, a maneira como são feitas as modificações para adequar os prédios às necessidades atuais.

A FDE lança agora o terceiro e o quarto livro. O primeiro deles, *A Arquitetura Escolar Paulista: estruturas pré-fabricadas*, trata da mudança no processo de construção das novas escolas, com a utilização do sistema construtivo pré-moldado de concreto. São apresentados diversos projetos arquitetônicos, um dos quais premiado na 6ª Bienal Internacional de Arquitetura, em 2005.

O presente volume trata dos projetos elaborados nas décadas de 1950 e 1960, significativas para a história da arquitetura escolar paulista e brasileira. São 240 escolas, das quais 70 foram construídas entre 1949 e 1954 e constituem a primeira manifestação da arquitetura moderna pública no Estado. As outras 170, da década de 1960, foram projetadas por jovens arquitetos da época, dentre eles Paulo Mendes da Rocha, Carlos Barjas Millan e Artigas. Esses projetos tornaram-se referência na história da arquitetura brasileira, em especial as escolas de Artigas, atualmente consagradas.

Os prédios escolares construídos nos anos 1950 e 1960 são manifestações claras da efervescência cultural do tempo da bossa nova, da construção de Brasília, do Cinema Novo e do surgimento da televisão.

Projeto iniciado em 2005, a publicação deste livro é mais uma contribuição para o registro do trabalho de profissionais dedicados à melhoria da escola. É a FDE cumprindo seu papel como órgão público voltado para a Educação.

Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE
Diretor Executivo
Willian Sampaio de Oliveira

Arquitetura Escolar Paulista: anos 1950 e 1960 15
Avany de Francisco Ferreira e Mirela Geiger de Mello

A escola Republicana em São Paulo 21
Julio Roberto Katinsky

A construção da cidadania e da escola nas décadas de 1950 e 1960 41
Janice Theodoro da Silva

O programa escolar e a formação da “escola paulista” 59
Guilherme Wisnik

As escolas dos anos 1950 69

Breves informações sobre a cultura em São Paulo nos anos 1950,
inícios dos 1960, quando o mundo e o Brasil começaram a mudar 171
Ignácio de Loyola Brandão

As escolas dos anos 1960. 181

Arquivos, Bibliotecas e Acervos consultados 367

Créditos das fotografias 367

Índice por codificação da FDE 368

Agradecimentos 371

AS ESCOLAS DOS ANOS 1950

relacionadas por autor de projeto. 69

ALUÍSIO DA ROCHA LEÃO
EE Regente Feijó 71

ANTÔNIO CARLOS DE MORAES PITOMBO
EE Albino César 72
EE Frei Paulo Luig 74
EE Professor Antônio Lisboa 75
EE Dom Pedro I 76

EDUARDO CORONA
EE Erasmo Braga 81
EE Doutor Reinaldo Ribeiro da Silva 84
EE Pedro Alexandrino 85
EE Nossa Senhora da Penha 86
DER Diretoria de Ensino-região Centro Oeste 90
EE Gabriela Mistral 91

ERNEST ROBERT CARVALHO MANGE
EE Domingos Faustino Sarmiento 92
EMEF General Antônio de Sampaio 93
EE República do Chile 94
EE Professora Isabel Vieira de Serpa e Paiva 95
EE Doutor Octávio Mendes 96
EE Professor Pedro Voss 100

HÉLIO DE QUEIROZ DUARTE
EE Almirante Barroso 104
EE Orville Derby 105
EE Pandiá Calógeras 106
EE Visconde de Taunay 110
EE Professor José Carlos Dias 111
EE Brasílio Machado 112
EE Doutor Murtinho Nobre 113
EE César Martinez 114
EE Professor José Monteiro Boanova 115
EE Prudente de Moraes 116

JOSÉ AUGUSTO B. ARRUDA
EE Dom Pedro I 76

JUVENAL WAETGE JÚNIOR
EE Thomaz Galhardo 120

OSWALDO CORRÊA GONÇALVES
EE Canuto do Val 121
EE Pedro Taques 122
EE Romeu de Moraes 123
EE Carlos Escobar 124
EE República do Paraguay 125

PAULO JOSÉ RODRIGUES ROSA
EE Coronel Domingos Quirino Ferreira 126
EE André Ohl 128

ROBERTO GOULART TIBAU
EE Dom Pedro I 76
EE Clóvis Bevilacqua 129
EE Doutor Edmundo de Carvalho 130
EE Alberto Torres 132
EE Comendador Mario Reys 134
EE Professor Ascânio de Azevedo Castilho 135
EE Artur Sabóia 136
EE Dona Suzana de Campos 137
EE Professor Alberto Conte 138
EE Júlio Ribeiro 140

RUBENS CÉSAR MADUREIRA CARDIERI
EE São Paulo 142

RUBENS FREITAS AZEVEDO
EE São Paulo 142
EE Júlio Maia 146
EMEF Professor Linneu Prestes 147

AUTORIA NÃO IDENTIFICADA
EE Professor Isaltino de Mello 148
EE Toledo Barbosa 149
EE Alfredo Bresser 150
DER Diretoria de Ensino-região Leste 4 151
EMEF Frei Gaspar da Madre de Deus 152
EE Professor Colombo de Almeida 153
EE Aristides de Castro 154
EE Dona Zalina Rolim 155
EE Brasílio Machado 156
EE Doutor José Pereira de Queiroz 158
EE Deputado Pedro Costa 159
EE Júlio Pestana 160
EE Paulo Setúbal 161
EE Manuela Lacerda Vergueiro 162
EE República do Uruguai 163
EE Almirante Visconde Inhaúma 164
EE Professor Octávio Monteiro de Castro 165
EE Júlio de Mesquita Filho 166
EE Barão Homem de Mello 167

AS ESCOLAS DOS ANOS 1960

relacionadas por autor de projeto. 181

ABELARDO DE SOUZA
EE Alfredo Marcondes Cabral 183
EE Ângelo Franzin 184
EE Doutor Morato de Oliveira 185
EE Joaquim Rodrigues Madureira 186
EMEB Pedro de Oliveira 187

ABELARDO GOMES DE ABREU
EMEF Ermínio Firmino Pollon 188
EE Professor Nestor Martins Lino 189
EE Monsenhor Jeronymo Gallo 190

ABRAHÃO SANOVICZ
EE Dona Luiza Macuco 191
EE Saturnino Antônio Rosa/EMEF Miguel Padula . . . 192
EE Professor Yukie Takemoto Scafi 193
antiga EE Professora Lydia Yvone Gomes Marques . . 283

ADOLPHO RÚBIO MORALES
EE Professor Milton de Tolosa 194
EE Professora Amália Pimentel 195
EE Professora Eugênia Vilhena de Moraes 196

ALBERTO ANDRADE
EE David Carneiro Ewbank 198
EE Doutor Epaminondas Ferreira Lobo 199
EE Severino Moreira Barbosa 200

ALBERTO RUBENS BOTTI
EE Coronel Silvestre de Lima 201
EE João Climaco de Camargo Pires 202

ALFREDO S. PAESANI
EE Professora Laurinda Vieira Pinto 203
EMEF Índio Poti 204
EE Dom Barreto 205

ARNOLDO GROSTEIN
EE Professor Sebastião Teixeira Pinto 206

ARTHUR FAJARDO NETTO
EE Professor Hildebrando Martins Sodero 207

ARY DE QUEIROZ BARROS
EE/EMEF Professor Lourenço Luciano Carneiro 210

CÂNDIDO MALTA CAMPOS FILHO
EE Padre João Batista de Aquino 212
antiga EE Professor Ângelo Vaqueiro 213

CARLO BENVENUTO FONGARO
EE Professor Bruno Pieroni 214
EE Padre Fidelis 215

antiga EE Professor Raymundo Pismel 216

CARLOS ALBERTO CERQUEIRA LEMOS
EMEF Professor Lauro Rocha 217

CARLOS BARJAS MILLAN
EE Santo Antônio 218
EMEF Prefeito Francisco Xavier Santiago 219

CARLOS CASCALDI
EE Professor Jon Teodoresco 351
EE Conselheiro Crispiniano 354
EE Professor Adamastor de Carvalho 358

DACIO A. B. OTTONI
EE Professor Hildebrando Martins Sodero 207

DAVID ARAÚJO BENEDITO OTTONI
EE Doutor Washington Luiz Pereira de Souza 220
EE Professor Wladimir Rodrigues de Arruda 221
EE Arnolfo Azevedo 222

DJALMA DE MACEDO SOARES
EE Professor Antônio de Mello Cotrim 224

EDUARDO CORONA
EE Thomaz Ribeiro de Lima 225
EE Gustavo Fernando Kuhlmann 226
EMEF Professor Victor Padilha 227
EE Professor Aggeo Pereira do Amaral 228

EDUARDO DE ALMEIDA
EE Professor Hildebrando Martins Sodero 207

EDUARDO KNEESE DE MELLO
EMEF Dona Sinhazinha 229
EMEF Professora Regina Olinda Martins Ferro 230

ELISÁRIO DA CUNHA BAHIANA
antiga EE Holambra II 231

FÁBIO M. PENTEADO
antiga EE Expedicionário Diogo Garcia Martins . . . 232
EE Oswaldo Samuel Massei 233

FERNANDO ARANTES
EMEF Dona Miloca 234
antiga EE Padre Francisco de Salles Colturato 235
EMEF Dona Izaura da Silva Vieira 236
EE João Portugal 341

GALIANO CIAMPAGLIA
EE Santo Antônio 218
EMEF Prefeito Francisco Xavier Santiago 219

GASTÃO RACHOU JÚNIOR
EE Eliseu Alves Teixeira 237

HEITOR FERREIRA DE SOUZA
EE Antônio Fontana 238

HELIO PENTEADO
EE Professora Leonor Guimarães 239
EMEF Professora Ana Maria Segura 240
EE Professor Fenízio Marchini 241

HERNANI RUSSO
EE Abel Augusto Fragata 242
EE Professora Elisa dos Santos 243
EE/EMEIF José Antônio de Castilho 244

HIROHIKO SAWAO
EE Orminda Guimarães Cotrim 245

HIROKO KAWAUCHI
EE Padre Cesare Toppino 246

HOOVER AMÉRICO SAMPAIO
EE General Porphyrio da Paz 247

ÍCARO DE CASTRO MELLO
EE Cardeal Leme 248
EE Aprigio de Oliveira 249
EMEF Professora Annita Magrini Guedes 250

ISRAEL GALMAN
EE José Ambrosio dos Santos/EMEF Nilce D. Diziola . . 251
EE Bairro Santo Antônio da Estiva 252

ISRAEL SANCOVSKI
EE Professor Carlos Augusto de Camargo 253

IVAN DE FREITAS CAVALCANTI
EMEF Farid Salomão 254

J. CAETANO DE MELLO
EE Professor Fenízio Marchini 241

JERÔNIMO ESTEVES BONILHA
EE João Bernardi 255

JOÃO CLODOMIRO B. DE ABREU
EE Professora Marietta Ferraz de Assumpção 256
EE Governador Armando de Salles Oliveira 257
EE Professor Suetônio Bittencourt Júnior 258
EE José Firpo 259

JOÃO EDUARDO DE GENNARO
EE Professora Suely Antunes de Mello 308
EE Professor Antônio Vilela Junior 312

JOÃO FRANCISCO DE ANDRADE
EMEF Professora Sonia Ibanhes Soares 260
EE Professora Justina de Oliveira Gonçalves 261

JOÃO FRANCISCO HIROKO KAWAUCH
EMEIF Amador Franco da Silveira 262

JOÃO WALTER TOSCANO
EMEF Azílio Antônio do Prado 263

JOÃO XAVIER
EMEF João Veiga Martins 264
EE Antônio Marin Cruz 265
EE Vereador Elisiário Pinto de Morais 266
EE Professora Maria do Carmo Barbosa 267

JOAQUIM GUEDES
EE Professor Fenízio Marchini 241
EE Professor Bernardino Querido 268

JON VERGARECHE MAITREJEAN
antiga EE Professor Reynaldo Galvão 269
EE Senhora Aparecida 270

JORGE WILHEIM
EE Anacleto Campanella 271
EE Professor Antônio Gomes de Oliveira 272

JORGE ZALSZUPIN
EE Guido Segalho 273
EE Francisco Marques Pinto 274
EE Professor Amadeu Oliverio 276
EE Professor Rene Rodrigues de Moraes 277

JOSÉ ALFREDO CARDIA GALRÃO
EE Gilberto Giraldi 278

JOSÉ MARIA GANDOLFI
EMEF Professor Arnaldo Rossi 279

JOSÉ PINTO
EE Orminda Guimarães Cotrim 245
EE Professor Celso Antônio 280

JOSÉ SILVESTRE V. EGREJA
EE Carlos Bernardes Staut 281

JÚLIO FERRAZ BRAGA JÚNIOR
EE Professor Antônio de Mello Cotrim 224

JÚLIO JOSÉ FRANCO NEVES
EE Gilberto Giraldi 278
EE Professora Helena Pavanelli Porto 282

JULIO ROBERTO KATINSKY
EE Saturnino Antônio Rosa/EMEF Miguel Padula . . . 192
EE Professor Yukie Takemoto Scafi 193
antiga EE Professora Lydia Yvone Gomes Marques . . 283

KURT HOLLANDER
EE Professor Antônio Adolfo Lobbe 284
EE Professora Maria Conceição Pires do Rio 285

LUIZ FERNANDO DE MORAES RÊGO
EE Professor Pedro Fernandes de Camargo 286

LUIZ PESSOA OSTIZ
EE Professora Ignêz Alves de Rezende Silva 287
EE Professor Renato Angelini 288

MAJER BOTKOWSKI
EE Doutor Carlos Garcia 289
EMEF Barão Jacareí 290
EE Professora Maria do Carmo Lelis 291
EMEF Professora Dalila da Silva Afonso 292
EE Professor Anísio Carneiro 293

MARC RUBIN
EE Coronel Silvestre de Lima 201

MARCELO DE BREYNE SILVEIRA
EE Major Hermógenes 294

MARCOS TOMANIK
EE David Carneiro Ewbank 198

MÁRIO A. REGINATO
EMEF Dona Izaura da Silva Vieira 236

MARIO GIRALDES ZÓCCHIO
EE Professora Anésia Martins Mattos 295

MAURÍCIO TUCK SCHNEIDER
EE Professora Therezinha Sartori 296
EE Professora Philomena Cardoso de Oliveira 298
EMEF Professora Julieta Trindade Evangelista 299
EE Antônio Alves Cavalheiro 300

MAURO ZUCCON
EE Professora Olívia Bianco 211

NESTOR LINDEMBERG
DER Diretoria de Ensino – região de Barretos 301
EE Cassiano Ricardo 302
EE Professor Fernando Gomes de Castro 303
EE Professor Genésio de Assis 304

NEY MARCONDES
EE Quinzinho de Barros 305

OSWALDO CORRÊA GONÇALVES
EE Professor Walter Scheppis 306
EE Comendador Brasílio Machado Neto 307

PAULO A. MENDES DA ROCHA
EE Professora Suely Antunes de Mello 308
EE Professor Antônio Vilela Junior 312

PAULO B. MAGALHÃES
DER Diretoria de Ensino – região de Barretos 301

PLÍNIO CROCE
EE Professora Maria do Carmo Barbosa 267
EE 17 de Setembro 314
EE Professor Manoel da Costa Neves 315
EE Cultura e Liberdade 316
EE Professora Benedita Arruda 317

R. M. ARQUITETOS
EMEF Capitão Neves 318
EMEF Doutor Nehif Antônio 319
EMEF Prefeito Waldomiro Sampaio de Souza 320
EMEF Prof. Maria do Carmo de Mendes Mendonça 321

R. ORTEMBLAD FILHO
EMEF Professor Oscar Arantes Pires 322
EE Victor Britto Bastos 323
EMEF Barão Piratininga 324
EMEF Professora Coraly de Souza Freire 325

RENATO NUNES
EE Orminda Guimarães Cotrim 245

ROBERT G. M. GONTIER
EE Humberto Turner 326

ROBERTO AFLALO
EE Professora Maria do Carmo Barbosa 267
EE 17 de Setembro 314
EE Professor Manoel da Costa Neves 315
EE Cultura e Liberdade 316
EE Professora Benedita Arruda 317

ROBERTO GOULART TIBAU
EMEIF Professora Maria Pires de Moura 327

ROBERTO MONTEIRO
EE Professora Olívia Bianco 211

ROGER HENRI WEILER
EMEF Professora Anna Maria Marinho Nunes 328
EEPG Professora Uzenir Coelho Zeitune 329
EE Doutor Felício Laurito 330
EE Dona Marcelina Maria da Silva Oliveira 331

ROMEU THOMÉ DA SILVA
EE Professora Carlina Caçapava de Mello 332
EE Doutor José Manoel Lobo 333

RONALDO MASOTTI GONTIJO
EE Professora Carlina Caçapava de Mello 332
EE Doutor José Manoel Lobo 333

ROSA GRENA KLIASS
EE Professor Epaminondas de Oliveira 334

RUBENS DE CAMARGO DE MONTEIRO
EE Antônio Caio 335

RUBENS GOUVÊA CARNEIRO VIANA
EMEF Professora Ana da Cunha Viana 336

SALVADOR CÂNDIA
EMEF Dona Izaura da Silva Vieira 236
EE Monsenhor Bicudo 338
EE Professora Esmeralda Soares Ferraz 340
EE João Portugal 341

SLIOMA SELTER
EMEF Carlos Bueno de Toledo 342
EMEF Professor Tibério Justo da Silva 343

TELESFORO GIORGIO CRISTOFANI
EE Professora Amália Valentina Marsiglia Rino 344

UBIRAJARA RIBEIRO
CEFAM Santa Fé do Sul 345

UBYRAJARA GONÇALVES GIGLIOLI
antigo Grupo Escolar José Bonifácio do Couto 346
EMEI Gália 347

VASCO ANTÔNIO VENCHIARUTH
EE Paulo Mendes Silva 348

VICTOR REIF
EE Monsenhor Martins 349
EE Francisco da Silveira Franco 350

VILANOVA ARTIGAS
EE Professor Jon Teodoresco 351
EE Conselheiro Crispiniano 354
EE Professor Adamastor de Carvalho 358

ZENON LOTUFO
CEFAM Santa Fé do Sul 345

ZILA TAMBASCO
EMEF Antônio Giovani Lanzi 362

ZUCCHERO AUTUORI
EE Professora Olívia Bianco 211

AUTORIA NÃO IDENTIFICADA
EE Professor Henrique Unger 363
EE Tupi Paulista 364
EE Professor Abigail de Azevedo Grillo 365

Arquitetura escolar paulista: anos 1950 e 1960

Avany de Francisco Ferreira
Mirela Geiger de Mello

A Secretaria de Estado da Educação (SEE), por meio da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), documenta neste livro os projetos elaborados nos anos 1950 e 1960 pelo Convênio Escolar e pelo Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (Ipesp), respectivamente, por se tratar de dois momentos significativos da história da arquitetura escolar paulista.

A FDE, hoje responsável pela construção e manutenção das escolas públicas estaduais, procura com esta publicação dar seqüência a outros livros relacionados à arquitetura escolar paulista, divulgando o acervo de projetos dessas duas décadas, já que caracterizam dois períodos férteis em novas proposições, que fugiram completamente da rotina do que vinha sendo feito anteriormente. A finalidade é, portanto, contribuir ao estudo, estimular o debate dessa história e permitir, ao se apropriar dessas experiências, estimular reflexões pertinentes ao edifício escolar. Esta publicação também tem o objetivo de sensibilizar a todos os diretamente envolvidos na manutenção desses edifícios, bem como seus usuários, para que percebam sua importância histórica.

Nesse sentido, a produção do Convênio e do Ipesp é analisada a partir de três diferentes óticas: da historiadora Janice Theodoro da Silva e dos arquitetos Guilherme Wisnik e Júlio Roberto Katinsky, que vêm enriquecer a leitura e a compreensão dos projetos. Soma-se a essas análises um panorama cultural da época, feito pelo escritor Ignácio de Loyola Brandão, que nos remete aos acontecimentos do período.

A década de 1950 e o início dos anos 1960 se caracterizam por um momento de grande efervescência cultural, política e econômica. Do ponto de vista cultural temos a explosão da arquitetura brasileira de Niemeyer e Lúcio Costa, com a construção do Parque do Ibirapuera e da cidade de Brasília; o advento da bossa nova, do cinema novo, da poesia concreta e a realização das bienais de artes plásticas e de arquitetura são fatores que atestam um período de muita criatividade, justamente entre a Constituinte de 1946 e o início do governo militar em 1964.

A arquitetura escolar pública paulista tem uma trajetória de 115 anos que se inicia efetivamente com a República, no final do século 19, mas cuja produção quantitativa passa a expressar números significativos justamente em meados do século 20, como pode ser visto no gráfico do número de edifícios escolares construídos por ano, chegando a seu ápice em meados da década de 1970 (p. 16). Tais indicadores são reflexos do crescimento do país, em particular do Estado de São Paulo.

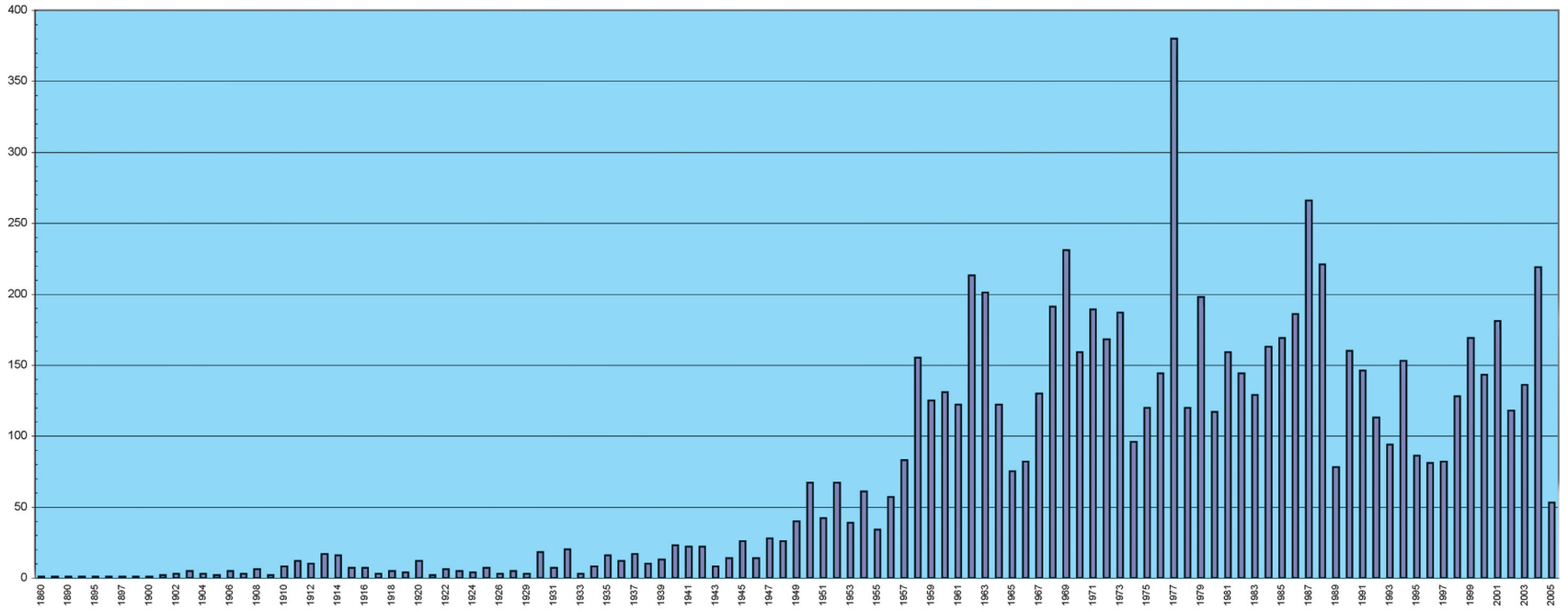
Durante esse período foram construídos cerca de 7 mil prédios, fato que demonstra os investimentos contínuos na construção de escolas, cuja administração e viabilização foram feitas por diferentes órgãos públicos, como indica o gráfico a seguir (p. 17).

A meta permanece a mesma durante toda essa trajetória: suprir vagas no ensino público para uma demanda sempre crescente. Em alguns períodos, inclusive, verificam-se produções paralelas que vêm somar esforços aos órgãos responsáveis por essa atividade, como é o caso dos dois períodos aqui divulgados, os quais saem do âmbito exclusivo do Departamento de Obras Públicas (DOP).

Atrelados ao governo estadual, esses órgãos foram, por mais de um século, responsáveis por disseminar a arquitetura escolar, desempenhando um papel importante de difundir técnicas construtivas, propor novos espaços e construir uma rede de edifícios que se tornaram referências não só arquitetônicas e culturais, como também representam elos afetivos, arraigados à população local e, principalmente, aos seus ex-alunos.

As escolas pioneiras do final do século 19 e início do 20 feitas pelo DOP são implantadas na capital e no interior, acompanhando as áreas ocupadas pela cultura do café e pelo sistema ferroviário. São compostas por um programa bastante simplificado de salas, alguns ambientes administrativos e o recreio coberto com sanitários anexos. Como características desses edifícios se sobressaem as paredes de tijolos autoportantes, os porões altos, os grandes pés-direitos, as coberturas em telhas de barro guarnecidas por platibandas, o forro de madeira, as janelas estreitas denotando os limites da técnica construtiva da época, os pisos em madeira nas áreas secas e em ladrilho hidráulico sobre abobadilhas de tijolos nas áreas molhadas.

Na década de 1930, é criada a Comissão Permanente, constituída por profissionais de diversas áreas que estabelecem as novas diretrizes para a cons-



Edifícios escolares públicos construídos no Estado de São Paulo

trução escolar. Alguns prédios projetados para a capital em 1936 se destacam dos demais, pois sintetizam as diretrizes publicadas pela comissão nesse mesmo ano, no livro *Novos Prédios para Grupo Escolar*. Aqui sobressaem os edifícios de feições pré-modernas que têm como arquitetos José Maria da Silva Neves e Hernani Do Val Penteado. O programa se enriquece com ambientes vinculados à higiene, salas de leitura, auditórios e ginásios, e a orientação dos prédios, estudada por Prestes Maia, passa a ser considerada premissa fundamental nos projetos.

Esses prédios adotam a estrutura de concreto armado, que possibilita uma das grandes evoluções no espaço da construção escolar naquele momento, isto é, a liberação do térreo através do uso de pilotis. O recreio coberto, que sempre constituiu um volume à parte do prédio escolar, passa a ser incorporado ao ambiente da escola. O uso da técnica da impermeabilização permite que o piso dos ambientes chegue ao solo e os projetos passam a se apropriar da declividade do terreno. A fachada se altera com a utilização do concreto armado: as vergas vencem vãos maiores e as janelas das salas de aula se ampliam e tornam-se horizontais.[1]

De modo geral, o período de 1920 a 1950 tem nessas escolas da capital do Estado de São Paulo, construídas em 1936 e 1937, os expoentes dessa produção, ou seja: EE Congonhas do Campo, no Tatuapé; EE Marina Cintra, na Consolação; EE Princesa Isabel, na Saúde; EE Godofredo Furtado, em Pinheiros; EE Silva Jardim, no Tucuruvi; EE Professor Gomes Cardim, na Aclimação; EE Professor José Escobar, no Ipiranga; todos de autoria de José Maria da Silva Neves. A EE Padre Manoel da Nóbrega, na Freguesia do Ó, é de autoria de Hernani do Val Penteado, mais conhecido por ser o autor do projeto do Aeroporto de Congonhas.

Porém, nesses 30 anos, de 1920 a 1950, predominam os edifícios mais singelos, térreos, construídos nos municípios do interior do Estado, principalmente para os grupos escolares, cujo programa é mais simplificado que os ginásios.

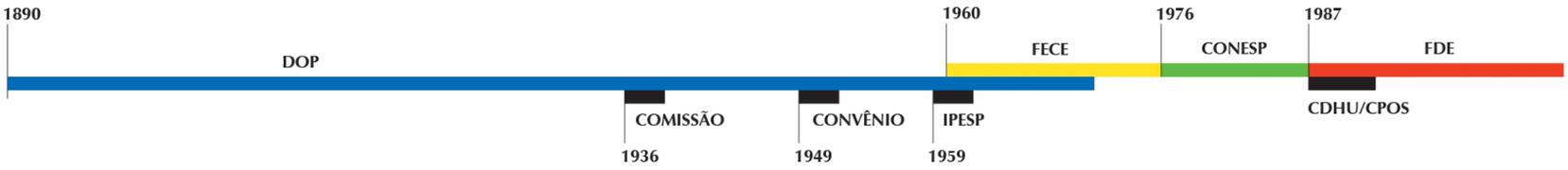
No final da década de 1940, paralelamente à atividade do DOP, acontece o Convênio Escolar, fruto de uma decisão política de construir em larga escala na capital do Estado, de modo a equacionar a demanda por vagas no ensino público em curto prazo, isto é, até 1954, ano em que a cidade de São Paulo comemoraria o 4º Centenário de sua fundação.

Convênio Escolar

O Convênio Escolar corresponde ao acordo firmado entre a Prefeitura de São Paulo e o Estado, no qual o Município se encarregaria de construir os edifícios e o Estado ficaria responsável por ministrar o ensino. Esse acordo se concretiza em fins de 1948 com a criação da Comissão Executiva do Convênio Escolar, encarregada de fazer o planejamento e viabilizar o projeto e a construção não só de escolas, como também de outros equipamentos públicos urbanos. O Convênio Escolar constrói cerca de 70 escolas na capital, no período entre 1949 e 1954.

Cabe ao arquiteto Hélio Duarte a liderança da equipe de profissionais que constituem a Comissão Executiva do Convênio Escolar, que imprimiria conceitos e procedimentos distintos daqueles adotados pelo DOP.

[1] FERREIRA, Avany de F; CORRÊA, Maria Elizabeth P.; MELLO, Mirela G. de. **Arquitetura Escolar Paulista**: **Restauro**, São Paulo: FDE, 1998. p. 22.



DOP – Departamento de Obras Públicas
Ipesp – Instituto de Previdência do Estado de São Paulo
Fece – Fundo Estadual de Construções Escolares
Conesp – Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo
FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação
CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo
CPOS – Companhia Paulista de Obras e Serviços

Do ponto de vista pedagógico, os projetos do Convênio têm como base a proposta do educador Anísio Teixeira, pioneiro ao propor a escola em período integral e disponibilizar seu espaço para a comunidade, bem como seus equipamentos complementares, isto é, bibliotecas, parques infantis, teatros etc. A equipe de arquitetos da Comissão Executiva fica responsável por traduzir espacialmente esse ideário educacional.

Os projetos são de autoria dos arquitetos Hélio Duarte, Eduardo Corona, Roberto Tibau, Oswaldo Corrêa Gonçalves, Ernest Mange, Antônio Carlos Pitombo, Paulo José Rodrigues Rosa, Rubens Freitas Azevedo, Rubens Cardieri, Aluísio da Rocha Leão e Juvenal Waetge Júnior. Os autores da maioria dos projetos são de formação carioca, que trazem como proposta a arquitetura moderna que vinha sendo feita no Rio de Janeiro sob a liderança de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Reidy.

Essa produção representa a primeira manifestação de arquitetura moderna pública em São Paulo. A escola torna-se mais próxima da escala da criança. Os espaços são generosos e luminosos, os jardins são incorporados ao edifício e sua entrada principal traduz essas características através de seu espaço convidativo.

Trata-se de outro momento importante de disseminação de técnicas e inovações que difundem uma nova linguagem arquitetônica. Elementos construtivos ganham destaque e tornam-se marcantes: os grandes caixilhos de ferro, ocupando quase todo o pé-direito, a ventilação cruzada feita através de tubos incrustados na alvenaria, os elementos vazados cerâmicos identificados como *Janelcret*, as lajes de forro, o piso em cerâmica vermelha, as portas de madeira, as pérgulas, as marquises, os esbeltos pilares em "V", a telha de fibrocimento, os volumes em forma de "asa de borboleta" e o recreio coberto em arco pré-moldado de concreto.

De maneira geral, pode-se caracterizar essa produção por blocos independentes próprios a cada função, isto é, o pedagógico, o administrativo e o de recreação, que são identificados e diferenciados volumetricamente. Esses blocos se implantam ortogonal ou paralelamente, interligados por circulações cobertas. Os projetos são específicos a cada terreno, com exceções pontuais.

Alguns prédios se destacam pelo programa mais complexo, certamente vinculado às atuais 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, antigos ginásio e colegial. Nesses edifícios há, inclusive, piscina, auditório e quadra esportiva coberta.

Oficialmente, o Convênio se estende até 1959, mas a produção mais significativa se concentra até 1954.

Já em 1957, no governo Jânio Quadros, é atribuída ao Ipesp a função de construir edifícios públicos estaduais devido à disponibilidade de recursos financeiros existentes nesse órgão. Além de escolas, o Ipesp passa a fazer fóruns, postos de saúde, delegacias de polícia, cadeias. Da mesma forma como se deu com o Convênio Escolar, essa produção ocorre paralelamente à atividade do DOP. Nesse caso, porém, se estende a todo o Estado e, pelo número de escolas construídas no período, nota-se que a responsabilidade pela construção escolar foi repassada quase que integralmente ao Ipesp, ficando o DOP com a incumbência de outras obras públicas.

O Ipesp, sem a infra-estrutura necessária para gerir essa grande quantidade de obras, se apropria dos procedimentos do DOP, entre os quais a utilização de projetos padronizados para a construção de escolas nos diferentes municípios do Estado.

Com o início da administração seguinte, do governador Carvalho Pinto, novas formas de gestão são adotadas.

Ipesp

Em 1959, Carvalho Pinto assume o governo do Estado e cria o Plano de Ação para sua gestão de 1959 a 1963, em que estabelece metas, prioridades e prazos a serem cumpridos e faz, com esse objetivo, várias reformulações administrativas. Na área da educação, Carvalho Pinto cria o Fece, para atender à construção, ampliação e equipamento de prédios destinados a escolas de ensino público primário e secundário do Estado. No início, contudo, esse órgão desempenha apenas a função de planejar, ficando ao Ipesp a incumbência de elaborar os projetos e executar as construções escolares.

O Grupo de Planejamento do Plano de Ação tem Plínio Soares de Arruda Sampaio como coordenador, e é integrado pelo economista Diogo Adholpho Nunes de Gaspar (secretário executivo); Celeste Ângela de Sousa Andrade (diretora geral do Departamento de Estatística do Estado); os professores Paulo Menezes Mendes da Rocha e Ruy Aguiar da Silva Leme (catedráticos da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo / USP); Antonio Delfim Neto (assistente da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP); Sebastião Advíncula da Cunha (Departamento Econômico

do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico / BNDE); Orestes Gonçalves (chefe do Gabinete de Estudos Econômicos e Financeiros da Secretaria da Fazenda); Ruy Miller de Paiva (engenheiro agrônomo do Departamento da Produção Vegetal da Secretaria da Agricultura). Ainda fazem parte do grupo os integrantes da Equipe Técnica: o engenheiro civil Mário Larangeira de Mendonça; os arquitetos Celso Monteiro Lamparelli, Francisco Whitaker Ferreira e Domingos Theodoro de Azevedo Netto; Henrique Silveira de Almeida (assistente da Escola Politécnica da USP); Antonio Amílcar de Oliveira Lima (técnico de administração do DEA); o contador José Reinaldo Gomes, e Pedro Penteado Nogueira.

Grande parte dos integrantes desse grupo era muito jovem, com 30 anos de idade em média, inclusive seu coordenador.

O Plano de Ação define as necessidades referentes à área da educação, ou seja, a construção de cerca de 7 mil salas de aula destinadas ao ensino primário e 1.100 ao ensino secundário e normal, visando eliminar as salas improvisadas, diminuir o número de turnos das escolas e suprir a necessidade de construir novos prédios por causa da migração da população do campo para a cidade, que se havia intensificado.

Nesse momento, Vilanova Artigas e outros arquitetos propõem à coordenação do Plano de Ação que sejam feitos projetos específicos a cada edifício público a ser construído, com a participação dos arquitetos nessa tarefa. Argumentam que o uso dos projetos padronizados provoca gastos desnecessários, pois desconsidera a topografia do terreno, obrigando a execução de obras de infra-estrutura, terraplenagem e arrimos onerosos, além das questões de insolação e de acesso que não podem ser definidas de forma correta, resultando em um edifício com várias questões mal resolvidas. Segundo Plínio de Arruda Sampaio, nesse encontro se discutiu a necessidade de diminuir os honorários profissionais dos arquitetos para que fosse possível contratá-los, viabilizando assim os projetos.

A participação dos arquitetos é discutida em Assembléia do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), em 8 de setembro de 1959. Na ata dessa Assembléia Artigas, representando a diretoria da entidade, considera que

> *as últimas administrações do governo desorganizaram seus quadros técnicos, ficando os mesmos impossibilitados de dar continuidade ao planejamento de suas obras e que o convite feito recentemente pelo Ipesp a diversos arquitetos paulistas, na base de honorários injustos, ainda significa um passo à frente no processo de reconhecimento do arquiteto como profissional, devendo o IAB adotar, nessa oportunidade, atitude tática, adequando a uma evolução desse processo no sentido do interesse da classe.*

Essa mesma Assembléia

> *autoriza a diretoria do IAB a promover junto aos órgãos do governo os entendimentos necessários para ampliar cada vez mais as medidas que vêm sendo tomadas no sentido de empregar o esforço criador dos arquitetos paulistas nas obras públicas, comunicar-lhes o significado cultural da arquitetura brasileira e encarecer a necessidade do governo de se aparelhar de uma equipe de técnicos capazes de levar a bom termo o planejamento de suas obras.*

Assim é selado um acordo entre o governo e o IAB[2] para que os prédios executados na gestão Carvalho Pinto fossem feitos com projetos elaborados pelos escritórios paulistas de arquitetura.

A contribuição dada pelos arquitetos à obra pública a partir desse momento é relevante na medida em que amplia o número de pessoas participando dessa produção cultural, enriquecendo o processo. Os honorários, cujas questões são levantadas por Plínio Soares de Arruda Sampaio e pelo IAB, oscilam ao longo do tempo em razão das legislações vigentes e dos momentos econômicos. No entanto, o início da participação dos profissionais liberais nas obras públicas, naquele momento, significa a ampliação da área de atuação dos mesmos, antes restrita apenas à iniciativa privada.

A aceitação dessa medida não é surpresa num momento de imenso prestígio da arquitetura brasileira pós-construção de Brasília. Segundo Abrahão Sanovicz: "Carvalho Pinto já tinha ido à Brasília, onde se encontrou com Juscelino Kubitschek, que lhe mostrou o trabalho dos arquitetos. Se quisesse ter o mesmo resultado, seria necessário usar os quadros que tinha em São Paulo. Foi uma época maravilhosa. Os arquitetos, de repente, tiveram de se preparar para um novo momento, que se iniciava com a construção de fóruns, escolas etc.".[3]

Assim, nesse momento, introduz-se uma forma inédita de elaborar os projetos dos edifícios escolares públicos, quando a produção é terceirizada a profissionais liberais, que trazem uma contribuição significativa à arquitetura produzida.

Mas, sobretudo, o mérito da medida está na valorização do projeto específico para cada obra que, sem dúvida, resulta numa arquitetura de melhor qualidade.

Nessa ocasião, o superintendente do Ipesp, Francisco Morato de Oliveira, faz uma reformulação interna em sua Diretoria de Engenharia em razão do grande número de obras a gerir. O engenheiro Paulo de Seixas Queiroz, vindo do DOP, assume essa diretoria, e o engenheiro Anthero Vieira Machado passa a responder pela Seção de Engenharia.

Das aproximadamente 600 escolas construídas pelo Ipesp, foram localizados cerca de 180 projetos elaborados entre 1959 e 1962, existentes nos arquivos da FDE e da Companhia Paulista de Obras e Serviços (CPOS), justamente aqueles de autoria dos escritórios terceirizados, cuja produção aqui publicada é a mais marcante.

Nessa produção, de resultado notável, vários projetos se destacam pelo caráter inovador do edifício escolar, entre eles os de autoria de Vilanova Artigas / Carlos Cascaldi e Paulo Mendes da Rocha / João de Gennaro.

---

[2] A diretoria do IAB nesse momento, gestão 1959-61, é composta pelos seguintes membros: Ícaro de Castro Mello (Presidente), João Batista Vilanova Artigas (Vice-Presidente), Alfredo Serafino Paesani (1º Secretário), Joaquim Manoel Guedes Sobrinho (2º Secretário), Victor Reif (1º Tesoutreiro), Fábio de Moura Penteado (2º Tesoureiro), Carlos Millan, Luis Roberto de Carvalho Franco, Oswaldo Correa Gonçalves, Pedro Paulo Saraiva e Rosa Kliass (Diretoria), Lauro da Costa Lima, Francisco Beck, Eduardo Kneese de Mello (Conselho Fiscal)

[3] SANOVICZ, Abrahão. Depoimentos, **AU: Arquitetura e Urbanismo**, nº 17, São Paulo, 1988. p.56.

As escolas mais importantes, como as de Itanhaém e Guarulhos, de autoria de Vilanova Artigas, alteram a concepção do espaço e tornam-se referências arquitetônicas para o conjunto de obras produzidas. São caracterizadas por um volume único no qual as diferentes funções se interagem; o recreio coberto passa a ser o espaço central e dominante desses edifícios, nos quais uma das premissas mais importantes é propiciar a convivência entre seus usuários e a integração urbana do edifício.

São elementos comuns a essa linguagem as lajes de concreto impermeabilizadas sustentadas por pórticos de geometria marcante, os grandes vãos, os níveis que se interpenetram através de ambientes em pés-direitos duplos, dimensões generosas, luminosidade, bancos, circulações que ganham o caráter de estar, jardins internos e caixilhos em todo o pé-direito cuidadosamente projetados para liberar as visuais na altura do olho do aluno. O privilégio dado ao espaço, à estrutura e à técnica construtiva em detrimento da sofisticação dos acabamentos é evidente nessas escolas.

A mudança de rumo que se dá nesse momento é surpreendente, tanto do ponto de vista da terceirização dos projetos como, fundamentalmente, da adoção de propostas arquitetônicas revolucionárias que ocorrem no edifício escolar.

O contato entre os engenheiros do Ipesp e os arquitetos era freqüente nos almoços do Instituto de Arquitetos do Brasil, nos fins de tarde nos bares e cafés da região central da cidade, onde se encontrava a maioria dos escritórios de arquitetura, como também as sedes do Ipesp, na Praça Dom José Gaspar e do IAB, na Rua Bento Freitas.

Dessa forma, segundo o engenheiro Anthero, as reuniões com o IAB eram freqüentes, de modo que esse Instituto fornecia a relação dos profissionais ali cadastrados para seleção e contratação pelo Ipesp. Aos arquitetos eram fornecidos os programas e os levantamentos topográficos. Cabia a eles a elaboração do projeto completo, em todas as suas áreas técnicas, exceto as fundações, que ficavam a cargo dos responsáveis pela construção. Tais projetos eram analisados e aprovados pela equipe do Ipesp. As obras eram executadas pelas Prefeituras, quando tinham corpo técnico capacitado. Caso contrário, eram licitadas e contratadas pelo próprio Instituto.

Curiosamente, constata-se que a maioria dos escritórios participantes era constituída de arquitetos recém-formados, ávidos por projetar edifícios públicos, dando sua contribuição à sociedade, através dos prédios escolares.

Esses profissionais, por sua vez, conversavam, trocavam opiniões e, dessa forma, proposições, como as feitas por Artigas nas escolas de Itanhaém e Guarulhos, renderam muitos debates e enriqueceram os projetos de outros profissionais.

A terceirização dos projetos a diferentes escritórios de arquitetura feita pelo Ipesp foi adotada pelos órgãos que viriam a se consolidar posteriormente como responsáveis pela construção escolar, isto é, o Fece, a Conesp e a FDE, pois é um fator que contribui à diversidade da produção arquitetônica e à economia de recursos humanos na entidade pública.

Além dessa terceirização e da realização de projetos específicos a cada terreno, nesse momento é proposta a concentração num único órgão das atividades referentes ao edifício escolar, de modo a garantir a agilidade necessária às obras de expansão e manutenção, em razão do gigantismo de sua rede escolar. Assim, em 1966 o Fece passa a centralizar todas as atividades relativas à construção escolar, sendo posteriormente sucedido pela Conesp e pela FDE, que consolidam esses procedimentos.

Constata-se que a experiência adquirida com a gestão de todo o processo desde a etapa de planejamento, de projeto e de obras, bem como a vivência dos problemas relativos à manutenção, permitem acumular conhecimento técnico e prático que se reflete num processo contínuo de crítica e aperfeiçoamento do modo de pensar e de produzir o edifício escolar.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, João Clodomiro B. de. Grupo Escolar em Presidente Prudente, SP. **Acrópole**, São Paulo, n. 340, pp. 34-6, jun. 1967.

_____. Grupo Escolar em Santos. **Acrópole**, São Paulo, n. 316, pp. 21-3, abr. 1965.

AMADEI, José. **O convênio escolar**. Engenharia Municipal, s.L., n. 14, pp. 7-9, jul./set. 1959.

_____. O que é o convênio escolar. **Habitat**, São Paulo, n. 4, p. 3, 1951.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. Ginásio Estadual de Guarulhos. **Acrópole**, São Paulo, n. 281, pp. 156-7, abr. 1962.

_____. Ginásio Estadual de Utinga. **Acrópole**, São Paulo, n. 377, pp. 20-3, set. 1970.

ARTIGAS, João Batista Vilanova; CASCALDI, Carlos. Ginásio Estadual de Guarulhos. **Acrópole**, São Paulo, n. 259, pp.171-3, maio 1960.

_____. Ginásio Estadual de Itanhaém. **Acrópole**, São Paulo, n. 271, pp. 241-3, jun. 1961.

BARDI, Lina Bo. Primeiro: escolas. **Habitat**, São Paulo, n. 4, p. 1, 1951.

COLÉGIO Estadual da Penha, SP.: projeto de Eduardo Corona. **Habitat**, São Paulo, n. 13, pp. 19-21, dez. 1953.

DUARTE, Hélio. O problema escolar e a arquitetura. **Habitat**, São Paulo, n. 4, pp. 4-6, 1951.

ENTREVISTA concedida pelo arquiteto Eduardo Corona realizada em 05 de fevereiro de 1993. In: ORNSTEIN, Sheila Walbe; BORELLI NETO, José (coord.) **O desemprenho dos edifícios da rede estadual de ensino**: o caso da Grande São Paulo; avaliação técnica - primeiros resultados. São Paulo: FAU/USP, 1993. pp. 54-68.

FERREIRA, Avany de Francisco; CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; MELLO, Mirela Geiger de. **Arquitetura Escolar Paulista**: Restauro, São Paulo: FDE, 1998.

GOVERNO do Estado de São Paulo – Administração Estadual e Desenvolvimento Econômico-Social. Plano de Ação do Governo – 1959-1963. São Paulo, 1959.

INSTITUTO de Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo Livro 150-Atas de reuniões das Assembléias Gerais. São Paulo, 1947.

OUTRAS arquiteturas do convênio escolar. **Habitat**, São Paulo, n. 9, pp. 4-8, 1952.

ROCHA, Paulo Mendes da. Edifícios escolares: comentários. **Acrópole**, São Paulo, n. 377, p. 35, set. 1970.

ROCHA, Paulo Mendes da; GENNARO, João de. Grupo Escolar de Campinas, SP. **Acrópole**, São Paulo, n. 342, pp. 24-5, ago. 1967.

_____.Grupo Escolar em São Bernardo, SP. **Acrópole**, São Paulo, n. 342, p. 29, ago. 1967.

_____.Grupo Escolar de São José dos Campos, SP. Acrópole, São Paulo, n. 342, pp. 21-3, ago.1967.

SÃO PAULO (Estado). Directoria do Ensino. Directoria de Obras Públicas. **Novos prédios para grupo escolar**. São Paulo, 1936.

SCHNEIDER, Maurício Tuck. Grupo Escolar no Guarujá. **Acrópole**, São Paulo, n. 318, pp. 23-30, jun. 1965.

SECRETARIA da Educação – Fundo Estadual de Construções Escolares. A Execução do programa de construções escolares. São Paulo, 1963.

WOLF, José. Uma pedra no caminho...: depoimento de Abrahão Sanovicz. **AU: Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 4,n. 17, pp. 55-6, abril/maio 1988.

A escola Republicana em São Paulo

Julio Roberto Katinsky

A educação universal foi uma tarefa que a República brasileira assumiu, através de seus dirigentes, desde sua implantação em 1889. A herança de analfabetismo recebida, como indica o Censo de 1890, era pesada. Constatou-se que a parcela da população capaz de desenhar seu próprio nome mal chegava a 20% do total. Podemos, portanto, dizer que a educação foi uma das grandes realizações do novo regime e que alijou, definitivamente — pelo menos para o século 20 — qualquer pretensão de retorno à Monarquia, desejada por bolsões de inconformados, mas inexpressivos politicamente.

De fato, se durante o Império, de duração independente de cerca 70 anos, a "ciência" era praticada de maneira restrita, principalmente no Observatório Astronômico e no Museu Nacional, mesmo assim, com pouca repercussão nas camadas alfabetizadas da população, a República em menos de 50 anos já era capaz de expor a multiplicação dos centros de pesquisa, com descobertas originais e de repercussão internacional: Carlos Chagas, Mario Schemberg, César Lattes, Newton Costa estabelecem um padrão de trabalho científico que integra o conhecimento universal, internacionalmente reconhecido. Ora, ante o modestíssimo conjunto de trabalhos científicos realizados no Império português e mesmo no Império brasileiro, desde o século 17 até o século 19, em São Paulo e no Rio de Janeiro a partir da última década do século 19 fundaram-se institutos e escolas superiores que perseguiram um nível de excelência nos trabalhos acadêmicos e de pesquisa, que possibilitaram o florescimento e a maturação de tantas inteligências criadoras. Em São Paulo, fundaram-se o Instituto Emilio Ribas, o Instituto Biológico, o Instituto Butantã, a Comissão Geológica e Geográfica, o Instituto Agronômico — em Campinas —, o Horto Florestal, a Escola Politécnica, a Escola Superior de Agricultura — em Piracicaba, agora com nome "Luis de Queiroz" —, a Faculdade de Medicina (1912) e a Faculdade de Higiene (1918).

Particularmente expressivo é o fato da inauguração da Escola Politécnica, em 15 de fevereiro de 1894, com um discurso que demonstrava o que a sociedade civil poderia esperar da nova escola, cujo teor pode ser estimado nas próprias palavras de seu autor, Cesário Motta Junior, Secretário de Estado do Interior:

Após a proclamação da República Federativa, quando o povo brasileiro se viu na posse legal dos seus direitos, compreenderam as mentalidades dirigentes que era mister prepará-lo e instruí-lo para o exercício efetivo das funções que "self-government" impõe à democracia. No nosso Estado quase tudo estava por fazer.
A instrução pública era negativa.
A preliminar... um embrião.
A secundária, em geral, simples mercancia.
A superior deficiente. Só tínhamos uma academia, a de Direito, que, aliás, nem bastava como meio de instrução nem era suficiente como carreira profissional.
[...] *Quanto ao superior técnico, existia em 1893 autorização para criar as escolas de engenharia civil, de artes mecânicas e a de medicina. Só para a primeira existia a respectiva verba.*
[...]
Primeiro estabelecimento de instrução superior, fundado pelo Estado de São Paulo — republicano, a Escola Politécnica liga-se ao passado por igual tentativa dos nossos avós e ao futuro se alevanta para a mocidade paulista como a luz intensa de um fanal a descortinar-lhe novos e múltiplos ramos de atividade na ciência e na indústria.
[...]
Encarada ainda pelo lado utilitário é da sua aplicação que brotaram os mais notáveis fatores do progresso material dos povos; buscai as obras mais imponentes, as mais úteis, as mais sólidas ou as mais belas e vereis no cálculo das grandezas, no estudo das proporções, no conhecimento da resistência dos materiais, no sentimento estético o alicerce dessas grandes concepções que enaltecem desde tempos imemoriais os grandes artistas, os grandes construtores.[1]

[1] MOTTA, Cássio. **Cesário Motta e seu tempo**. São Paulo: s. e., 1947.

Não há duvida em relação à visão crítica de um dirigente respeitado pela camada social dirigente, não só em relação à herança negativa recebida, mas também qual o aporte no aperfeiçoamento dos recursos produtivos se poderia esperar da nova Escola. Não deixa de ficar assinalado um certo desencanto por parte do grande político e médico de profissão, pelo fato de o governo não providenciar recursos para a instalação de uma faculdade de medicina e cirurgia, que vai ocorrer somente em 1912, quase 20 anos depois, graças ao empenho do médico Arnaldo Vieira de Carvalho. Mas vários institutos ligados à prevenção das epidemias e até mesmo de pesquisa médica, sendo um deles fundado por Le Dantec, à época já um cientista francês respeitado, e que recebeu mais tarde o nome de seu substituto: Adolpho Lutz.

Em agosto do mesmo ano, Cesário Motta Junior iria inaugurar a Escola Normal Modelo, no antigo Largo dos Curros, agora Praça da República, com o edifício projetado por Ramos de Azevedo, e com o currículo reorganizado por Caetano de Campos. Esse fato é também representativo do projeto republicano de ensino.

> *A Escola Modelo Caetano de Campos foi a mais importante de todas, e, até 1930, serviu de padrão para as demais. Era composta de duas escolas, uma para cada sexo.*
> *Foram escolhidas para suas primeiras regentes duas notáveis educadoras, responsáveis pelo rumo inovador que imprimiram às duas escolas e ainda pela introdução de métodos e de organização americanos em nosso meio. A professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade havia estudado nos Estados Unidos, durante quatro anos, novos sistemas de ensino, e Miss Márcia Priscila Brown, educadora norte-americana, trazida ao Brasil por Horacio Lane, para lecionar no Mackenzie College, fora em seu país diretora de uma Escola Normal em Saint Louis, Massachussets.*
> [...]
> *Numerosos foram os discípulos dessas educadoras, cuja ação na vida prática teve larga influência na remodelação do ensino público paulista e, posteriormente, no de outros Estados. Foram elas as primeiras disseminadoras do método analítico da leitura, do ensino intuitivo de várias matérias e da* prática dos ensinamentos de Froebel.[2]

Desde o primeiro instante, seria necessário prover, com pessoas altamente qualificadas, a docência para as novas escolas necessárias à transformação de uma sonolenta sociedade colonial, em um país moderno. Que fatores terão concorrido para essa floração aparentemente quase instantânea, se considerarmos o relativo jejum anterior de quase três séculos?

Parece-nos como mera especulação, com todo respeito por outras interpretações possíveis e provavelmente mais precisas, que esse fenômeno já estava em gestação durante todo o século 19, acentuando-se na segunda metade do século. Assim, entre 1850 e 1880, em pleno Império, duas novelas abordam o problema da educação no Brasil: *O Garatuja*, de José de Alencar, e *O ateneu*, de Raul Pompéia. Esta última é o mais completo requisitório contra a educação tradicional brasileira no século 19, no qual floresceram "escolas particulares", patrocinadas por aqueles pais de família que suspeitavam das qualidades educativas das escolas oficiais. Essa pequena obra-prima não mereceu, que eu saiba, o exame crítico merecido, lembrando ainda que ela antecipa críticas ao ensino tradicional, que iriam surgir na Europa — nosso eterno modelo — somente depois da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, o livro de Raul Pompéia, ele mesmo professor na Imperial Escola de Belas Artes, não deixa de contribuir para o descrédito tradicional brasileiro para com os professores, descrédito esse iniciado com o movimento romântico brasileiro, em especial com o anedotário da Faculdade de Direito de São Paulo, e que não se modificou, a não ser raramente, durante todo o século 20 até os dias de hoje.

Um retrato um pouco caricato dos "métodos de ensino" existentes no Império encontra-se nas *Memórias* do escritor Humberto de Campos, também criticados severamente pelos responsáveis pela reforma do ensino de São Paulo. Além de Caetano de Campos, as duas professoras, a norte-americana e a outra com estágio nos Estados Unidos, foram influentes nos cursos de escolas normais para a formação docente necessária ao provimento das escolas primárias e secundárias que se previa construir.

O livro de José de Alencar, independentemente de sua qualidade literária, caracteriza-se por um áspero ataque à educação brasileira, dominada pela Companhia de Jesus, conforme tinha sido proposta pelo governo português desde o século 16. Trata-se, portanto, de uma postura nacionalista de afirmação da independência nacional, mas reproduz o ideário romântico de seu tempo, e que está bem fixado materialmente nas pinturas de paisagem existentes nas sedes de fazenda do vale do Paraíba do Sul, fluminense e paulista, e nos retratos dos grandes do Império brasileiro:

> *É para notar que passando a Companhia de Jesus por tão solícita em aproveitar as várias aptidões da infância, cuja instrução tinha a seu carrego, expulsasse o Colégio de seu pátio ao rapaz que tão decidida vocação revelava para a pintura.*
> *Mas esse zelo e perspicácia eram estimulados pelo espírito de corporação e interesse no engrandecimento da ordem. Assim nada o excedia quando se tratava de adquirir para o Instituto um engenho superior ou mesmo uma aptidão artística.*
> *Pela mesma razão, se lhes escapava a consciência do menino em quem lobrigavam a centelha do gênio, e pressentiam nele os assomos da independência, seu desvelo era sufocar essa alma na sua nascença, crestada como ao botão de flor sem água nem sol. Assim conseguiam muitas vezes um aleijão moral, que servia para beato, se não dava para mendigo.*[3]

O romance, possivelmente um petulante requisitório *pro domo sua* do talentoso escritor, era ao mesmo tempo um reflexo da forçada laicização da sociedade carioca, patrocinada pela família imperial, e que encontra sua primeira expressão no livro *Memórias de um sargento de milícias*.

[2] MARCILIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: I.B. / Imprensa Oficial, 2005. p. 167.

[3] ALENCAR, José de. **O Garatuja**. Pará de Minas: Virtual Books, 2003.

O julgamento de José de Alencar parece incorreto, pois a Companhia de Jesus não tinha como escopo educar, mas construir almas tementes a Deus, para garantir uma possível bem-aventurança. Em todo caso, mesmo que não acreditemos em uma vida extraterrena, podemos reconhecer que as lições de catecismo significavam uma concepção de humanidade que não se limitava às satisfações (e necessidades) cotidianas, mas contemplavam uma visão superior do gênero humano. Apreciação bem mais equilibrada se expressa em uma pequena publicação de autoria de J. Pandiá Calógeras, sob o título *Os jesuítas e o ensino*, no qual reconhece o caráter civilizador do cristianismo, ao lado do imenso sofrimento provocado pela atuação dos jesuítas na política européia dos séculos 16 e 17 e em parte do século 18. Sugere esse ensaio de filosofia política (como seu autor intitula) essa ação negativa como abandono de uma atitude puramente evangelizadora por uma tendência, cada vez mais acentuada, de influir nas decisões do poder. Conclui o estudo pela defesa do Estado agnóstico (e não ateu), no qual se estabelece a inteira liberdade de culto, mas se pretende preservar as grandes conquistas das religiões ocidentais (o candomblé continuou ferozmente perseguido por muitas décadas), especialmente do catolicismo e do protestantismo. O resultado foi a instalação do primeiro grande cemitério protestante na Avenida Dr. Arnaldo, e o primeiro Instituto Presbiteriano Mackenzie logo nos primeiros anos da República.

Ao contrário, a progressiva laicização da sociedade brasileira, ocorrida na primeira metade do século 19, pode ter significado um empobrecimento da vida intelectual no Brasil. De qualquer modo, só na segunda metade do século registra-se nos parlamentos brasileiros uma discussão sobre os rumos desejáveis da educação no Brasil, conduzida por positivistas, seguidores de Augusto Comte, e na qual se destaca, desde 1879, o conselheiro Rui Barbosa. Este, em seus pronunciamentos, mostra um incontido entusiasmo pelos métodos norte-americanos, ao lado de uma orientação francamente comteana. Aliás, a mesma que vai se identificar nos paulistas já mencionados. Esse incontido entusiasmo pela República norte-americana talvez tenha motivado o grande monarquista Eduardo Prado a escrever seu livro *A ilusão americana*, que inaugurou a censura explícita na nova democracia, pois foi não só foi proibida como recolhida toda a edição, e seu autor teve de se ausentar clandestinamente, pois estava com a cabeça a prêmio pelos esbirros da nova ordem. A nova escola que iria nos libertar dos "mais torpes labéus" era, pois, orientada pelo conhecimento das humanidades, das ciências exatas e por um ensino que privilegiaria a realidade empírica em detrimento dos "conceitos" puramente abstratos, e que só serviriam para perpetuar os "ídolos", impedindo o verdadeiro conhecimento das coisas, base de toda a atividade criadora. Essa idéia irá perdurar por todo o século 20 e seu eco ainda se fará sentir no final do século, inclusive nas escolas de arquitetura.

Rui Barbosa, além de apresentar ao parlamento brasileiro o primeiro esboço de uma educação que fugia aos moldes baseados em dogmas abstratos, válidos para todo o sempre, empenhou-se pessoalmente na tradução de um manual norte-americano, largamente utilizado nos Estados Unidos, que propunha uma educação baseada no despertar da observação e da imaginação, na socialização das crianças e adolescentes, fora do âmbito familiar, mas voltado para o exercício das virtudes cívicas, urbanas. O ensino então passaria, desde o curso primário, como se dizia, a estimular a iniciativa pessoal, abolindo os castigos corporais, tão em voga no sistema anterior. No entanto, sem hostilizar, em nenhuma hipótese, a educação religiosa familiar e tradicional na sociedade brasileira. Talvez essa visão tolerante tenha sido a causa de tão profunda e rápida aceitação da educação proposta pela Primeira República.

Não há dúvida de que em São Paulo os institutos de ensino e pesquisa foram os mais respeitados em toda a Federação, e podemos dizer que esse respeito não era injustificado. Mas por que aconteceu esse fenômeno em São Paulo? Não se pode, como comumente se faz, explicá-lo pela prosperidade do café. O Brasil conheceu outros momentos e outras regiões bafejados por uma grande concentração de riqueza, e um fenômeno desse tipo ali não aconteceu. O açúcar no Nordeste, o ouro nas Minas — e indiretamente no Rio de Janeiro —, a borracha no extremo norte não provocaram tal desenvolvimento científico, tecnológico e educacional. Outra explicação corrente foi o fluxo de imigrantes. Mas houve outras regiões de imigração que não propiciaram o mesmo efeito — como no sul do país, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Propõe-se então uma outra explicação, não exclusivamente econômica.

Com o extraordinário desenvolvimento da produção cafeeira, dois fenômenos iriam interagir em São Paulo, um reforçando o outro. O primeiro consistiu no sistema de transporte ferroviário, único capaz na época de viabilizar o escoamento da produção para os portos de embarque, em particular o porto de Santos. Ora, esse notável esforço, em sua primeira etapa (1850-1867), não só contou com engenheiros estrangeiros como com mão-de-obra predominantemente estrangeira para sua instalação — operários ingleses principalmente, que trouxeram novas reivindicações e instituições sociais —, como revelou a extrema fragilidade de uma economia colonial exportadora, incapaz de produzir até os cravos que fixavam os trilhos nos dormentes. Como era já um intercâmbio moderno, a cada saca de café transportada correspondia um produto manufaturado importado, eliminando a precária produção local. Acresce que não passava despercebido o custo alto dos produtos importados e o baixo valor atribuído ao produto exportado. É o que se percebe no livro de Augusto Pinto, *História da viação pública de São Paulo* (1902), ao comentar a instalação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, com sede — nominal — em Campinas. Mas o próprio desenvolvimento da produção cafeeira multiplicou, ao induzir um acelerado crescimento urbano, as necessidades coletivas, inclusive de saúde pública.

Um outro fator que talvez tenha contribuído para as iniciativas paulistas foi a Guerra do Paraguai (1865-1870), na qual se constatou o despreparo das Forças Armadas para suas funções. Sobre essa situação temos pelo menos dois documentos conhecidos: *A retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay, perfeitamente identificado com a monarquia, e as reportagens do republicano Euclides da Cunha para o jornal *O Estado de São Paulo*, depois transformado no livro *Os sertões*. Não custa lembrar que é após essa guerra que se cogitou a construção da Estrada de Ferro Noroeste, cujo objetivo, em sua origem, era fundamentalmente estratégico. Na campanha de Canudos, os oficiais eram em sua maioria veteranos da guerra contra Solano Lopez. Pode-se dizer, parafraseando dito célebre, que o Exército entrou na guerra como monarquista e imperial e saiu republicano e ditatorial.

Também não é verdade que houve uma "proclamação da República": Esta foi instalada pela força das armas, sufocando vários movimentos sedicio-

sos, como o massacre dos guarda-marinhas do almirante Saldanha da Gama, ou o barão do Serro Azul, sendo o episódio de Canudos o mais notório.

Assim, dada a precariedade das massas brasileiras para o trabalho qualificado moderno, essa situação induziu setores mais conscientes das classes dirigentes a apelar para a importação maciça de "braços" capazes de substituir a mão de obra escrava — com seu tráfico proibido desde 1850 —, oriundos de um sistema econômico-social mais evoluído. Pode-se mesmo dizer que sem essa massa significativa de imigrantes — só de italianos vieram para o Brasil cerca de 1 milhão de pessoas depois da abolição até 1900, ou seja, 5% da população total brasileira da época — a economia cafeeira teria entrado em colapso. Podemos então dizer que se estabeleceu uma "divisão de tarefas" em São Paulo: os imigrantes foram aceitos desde os primeiros anos da República na produção de bens de consumo. As camadas dirigentes e proprietárias dirigiram suas poupanças para o grande comércio e para a indústria de bens de produção, principalmente, ou inicialmente, desde 1850 para a produção de máquinas de beneficiar café — como já assinalou Roberto Simonsem desde 1937 —, e muito antes da entrada de grande quantidade de imigrantes. Mas dada a inexistência no país de quadros técnicos de nível superior necessários para o aparelhamento do Estado, era fatal que os primeiros professores da Escola Politécnica fossem, em grande quantidade, estrangeiros ou formados no exterior. Também os arquitetos encarregados de projetar as primeiras escolas foram estrangeiros em sua maioria.

Esses arquitetos, por sua sólida formação, trouxeram os modos de projetar das suas escolas de origem, mas todos sofreram a influência do ensino francês. Pela primeira vez via-se um tão grande número estabilizado de profissionais projetando edifícios especializados nas várias cidades paulistas.

Graças à generosidade das famílias de muitos desses arquitetos, encontram-se na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) os manuais de arquitetura utilizados — e maduramente estudados — por esses profissionais. São eles: o tratado de Arquitetura de Leonce Reynaud, o tratado de Julian Guadet, e especialmente o do belga Louis Cloquet. Esse belga talvez fosse o preferido de Ramos de Azevedo, que estudou em Gand antes de organizar o curso de arquitetura, em 1894, na Escola Politécnica. Todos os três, indiretamente, criticam a exagerada postura do arquiteto Etienne Boullée, que separava radicalmente a "arte de projetar" da "arte de construir", adotada brilhantemente pelo seu mais fiel discípulo, J. N. Durand, professor de arquitetura da École de Ponts et Chausséès. Todos os três dedicam grande parte de seus tratados às técnicas construtivas utilizadas em seu tempo: as tradicionais e as novas surgidas com a Revolução Industrial. O estudo das técnicas de projetar, a partir desses manuais, fica muito facilitado graças ao trabalho de preservação e às vezes de restauro realizado pelos arquitetos da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), sobre o qual já foram realizados dois livros: *Arquitetura escolar paulista — Restauro*, organizado por Avany de Francisco Ferreira e outros, e *Arquitetura escolar paulista: 1820-1920*, organizado por Maria Elizabeth Peirão Corrêa e outros, em que se podem comparar as diretrizes dos tratados e sua realização prática. Dos três tratados, o mais antigo, publicado em 1850, mas reeditado pelo menos três vezes, obra de um engenheiro dos mais respeitados em seu tempo, Leonce Reynaud, preconizava a estreita relação dos espaços construídos com a técnica de seu tempo, e um arcabouço decorativo que fosse adequado às novas estruturas surgidas com a Revolução Industrial. Além disso, propõe que toda a edificação seria em futuro próximo produto de usina, sendo o canteiro reduzido a local no qual se comporiam os elementos praticamente acabados.

O arquiteto Julian Guadet assumiu a vaga de Reynaud na Escola de Belas Artes de Paris e se propôs a continuar a obra e o pensamento de seu predecessor. Todos os três se definem por uma arquitetura, de um lado, amparada pela razão construtiva e, por outro, pelas novas possibilidades — e imaginosas estruturas de ferro forjado — dos materiais produzidos pela indústria: ferro forjado (aço), vidro transparente ou colorido, e esmaltes a fogo.

O próprio Cloquet reproduz o seguinte parágrafo de seu ilustre antecessor:

> *Toda decoração, diz M. L. Regnaud (sic), o antigo professor de arquitetura na Escola Central de Paris, reside essencialmente na colocação em evidência do sistema de construção. Procurou-se escolher os materiais de qualidades convenientes, distribuiu-se judiciosamente, empregou-se nas condições requeridas, trabalhou-se [os materiais] com cuidado, trata-se de apresentá-los ao espectador. Atinge-se, acusando as diversas partes da obra pelas saliências mais ou menos pronunciadas, ou pelas diferenças de cores. Aplicada a decoração dos muros, esse princípio conduz a indicar o aparelho, a distinguir nitidamente a ossatura do revestimento, a marcar os contrafortes etc.*
> *O gênero de decoração que é especial à arquitetura, diz o mesmo autor, é essencialmente racional; ele quer ser agradável, mas ele quer sobretudo dar satisfação à nossa inteligência, e ele consiste na colaboração em evidência do sistema e dos materiais da construção. Ele não se limita a pôr em relevo aquilo que é necessário na construção, ele sabe imaginar disposições verossímeis quando o real não lhe fornece matéria suficiente.*[4]

Há, pois, uma unanimidade entre os três tratadistas propondo uma espécie de diálogo entre necessidade (realidade) e liberdade (imaginação), nunca inteiramente resolvido. O paradigma de arquiteto e de obra para os três tratadistas é Henri Labrouste e sua Biblioteca Sainte Geneviève (1850).

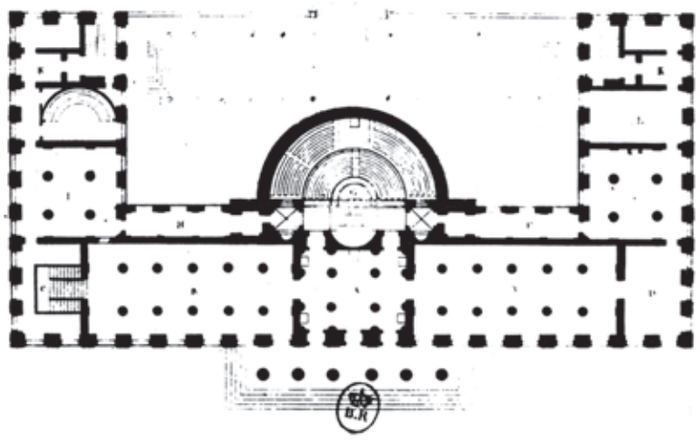
O problema central para os arquitetos do século 19, diante da aparente e avassaladora revolução na produção provocada pelo sistema capitalista, foi, em primeiro lugar, o futuro da civilização ameaçada enquanto progressiva humanização da humanidade, que se exprimiria pela contínua transformação, às vezes brutal, que ocorria nas cidades e nos processos produtivos. Nesse sentido, a frase que sintetiza esse temor legítimo pode ser aquela do filósofo Karl Marx: "Tudo que é sólido desmancha no ar".

Em segundo lugar, havia a preocupação sobre qual seria o futuro do arquiteto, tradicionalmente ligado aos sinais civilizatórios acumulados ao longo dos milênios, diante dos novos técnicos e das novas profissões nunca antes imaginadas (Adam Smith) e que pareciam sugerir a perfeita e completa obso-

[4] CLOQUET, Louis. **Traité d'architecture**. 5 vol. Paris e Liége: Librairie Polytechmique, 1898. Vol. 5, p. 122.

lescência do antigo humanismo. Desse modo, os arquitetos irão propor durante o século 19 a sua permanência na cidade contemporânea através de três proposições fundamentais.

1) Os sinais inscritos que consistem, através de inventários meticulosamente medidos, em todas as obras de arquitetura de todos os povos do planeta. Mas assim surge a idéia de uma "gramática dos estilos", que conduz a uma perplexidade: qual é o "sistema ornamental" superior a todos outros? Porque é óbvio que não se pode misturar arbitrariamente cada um dos sistemas ornamentais. Isso seria a barbárie. E por outro lado todos os sistemas foram estudados por analogia às "ordens gregas" registradas desde Vitrúvio, e, portanto, se equivalem. Essa perplexidade foi batizada de "ecletismo" pelos contemporâneos, e vista pejorativamente, sem atentar para a "estrutura básica", neoclássica, que sustenta todos esses sistemas ornamentais. Assim, desde o final do século 18, a Europa viu o neoclássico propriamente dito, o neogótico inglês de Pugin e seus seguidores, o neobizantino, o neochinês, o neo-islâmico, o neogótico francês (Viollet Le duc), o neobarroco, o neo-rococó e tantos neos quantos se queiram. No Brasil na década de 1920, além de um neocolonial, tivemos um neomarajoara inspirado nas cerâmicas descobertas pela arqueologia na Ilha de Marajó; mas, como foi dito acima, alguns arquitetos se destacaram, como Schinkel e Klenze na Alemanha, Percier e Labrouste na França e Grandjean de Montigny e seus discípulos no Brasil. Dois estudiosos norte-americanos, Henry Russel Hitchcock e Joseph Esherick, assinalaram a presença constante no ideário dos arquitetos do século 19, dos trabalhos arquitetônicos e livros de Grandjean de Montigny, apesar de ele pouco comparecer, fora do Brasil, nos livros de



Grandjean de Montigny — Projeto de Restauro do Palácio dos Estados e da Nova Sala c. *1813. Grandjean de Montigny publicou seu projeto em Paris em 1813, dois anos antes da derrubada de Napoleão e seu irmão. É provável que ele tenha visto seu projeto como de fato foi: o paradigma arquitetônico utilizado durante mais de cem anos em todo o mundo, inclusive no Brasil.*

história da arquitetura. Reconhece-se a raiz neoclássica na procura deliberada por uma simetria especular nos corpos de fábrica, mesmo quando imitava obras do passado como o neogótico, quando o gótico nunca obedeceu tão estritamente a essa simetria.

Dois movimentos artísticos escaparam a essa crítica pejorativa de falta de imaginação com que os críticos condenaram o "assalto" ao patrimônio figurativo do passado. O primeiro, iniciado pelo barão Victor Horta na Bélgica na década de 1880, espalhou-se pela Europa como incêndio na floresta em época de seca. Tomou o nome de *art nouveau* na França, Bélgica e Brasil (arte nova em Portugal), *jugend stil* na Alemanha, *liberty* na Inglaterra, *floreale* na Itália, e *secession* na Áustria. Os princípios em que se baseava o "estilo" — além do fundamento neoclássico, é claro — eram: a) a acentuação ornamental das estruturas, especialmente as novas produzidas pela indústria moderna; b) principalmente nos países latinos, a mimetização das formas decorativas com sua estrutura orgânica, biológica. Talvez fosse um entusiasmo pelos notáveis avanços realizados pelas ciências biológicas no século 19, desde Lamarck, Saint Hilaire, Spix e Martius, Wallace e Darwin. Esse entusiasmo talvez refletisse uma postura de fundamento em formas que se "explicassem por si", sem apelo a um passado alegórico. Com certeza, era o primeiro "estilo entre a flor e a máquina", como o definiu com muita felicidade o professor Flavio Motta. O *art nouveau* teve uma acolhida muito ampla nos estados do Sul do Brasil, enquanto elementos decorativos da construção, respeitando a técnica construtiva tradicional e a estrutura compositiva neoclássica.

Outro movimento artístico, bem mais discreto mas igualmente bem acolhido no Brasil, foi aquele hoje chamado de "vernacular", de origem inglesa, dos artistas ligados a John Ruskin, mas principalmente William Morris e o *arts and crafts*. No Brasil esse movimento perdeu sua denominação de origem e passou a ser batizado de "normando" ou "chalet suíço", com seus lambrequins de madeira recortada que enfeitaram graciosamente as empenas de muitos edifícios urbanos. A característica fundamental desse "estilo" era, ao lado do tratamento sóbrio dos volumes construídos, igual ao *art nouveau*, a acentuação expressiva dos elementos estruturais da construção: esteios, vigas, barrotes e aspas de reforço dos vãos, portas e janelas. É um "estilo" que em São Paulo ainda tem adeptos ostentando essa relação de beleza iluminista: exprimem diretamente sua função.

2) O segundo princípio neoclássico projetual seria o meticuloso estudo métrico comensurado das partes dos edifícios, de sorte a obedecer certas relações privilegiadas, sendo a "secção áurea" a mais apreciada na Europa.

É verdade que essa obediência às relações métricas — sarcasticamente tratadas por Filarete, um dos maiores arquitetos florentinos da Renascença — se viu um pouco abalada pela constatação, no fim do século 19, de que a proporção mais utilizada na Ásia, China e Japão era o duplo quadrado (1:2) e não a secção áurea (1:1,618). Na verdade, a proposta de exigir uma adequação dos volumes construídos a um sistema de medidas interligadas esconde uma proposição bem agressiva: separar a "edificação arquitetura" do resto da trama urbana edificada, criando um "nicho", um espaço vazio envoltório da arquitetura, e condenando, implicitamente, à segregação da arquitetura, em relação à cidade. Os neoclássicos nunca resolveram essa dicotomia, finali-

zando no absurdo do arquiteto russo Jofan, autor do monumento à Revolução de Outubro, de 1917, em propor a remodelação de toda a cidade de Moscou para adequar ao seu projeto de celebração da fundação da União Soviética.

É verdade também que a trama urbana das cidades ocidentais se banalizou progressivamente à medida que tentou se submeter ao "reticulado de xadrez" que tornaria qualquer quadra idêntica a qualquer outra, estabelecendo um valor venal totalmente homogêneo, como analisaram os historiadores da Escola de Arquitetura de Veneza ("A cidade americana"), proposição essa totalmente absurda e irrealizável, pois sempre as relações de proximidade, distância e convivência pesarão na preferência pela localização dos usos urbanos.

3) O terceiro princípio compositivo é aquele proposto pelos grandes arquitetos neoclássicos do século 18, Ledoux e Boulée, que transformaram a estética abstrata dos filósofos iluministas, Diderot e D'Alembert, em normas de ação. Consiste em propor cada volume estudado cuidadosamente para cada uso e depois reunir os volumes, "costurando-os" através dos espaços de circulação da maneira mais fluente possível. É o sistema que Hugo Segawa estudou sob o nome de "sistema pavilhonar". Cloquet assim descreveu o sistema:

> *Tipos Complexos — Quando o programa é simples, pode-se realizar freqüentemente em um único corpo de fábrica como, por exemplo, no caso de uma igreja, de um mercado. Se ele é complexo, o edifício poderá ser formado de muitas alas, que será necessário agrupar e combinar da melhor maneira.*
> *Em um edifício complexo há sempre um tipo de peça (ou uma série de peças) de importância preponderante, que se pode considerar em primeiro lugar; sua disposição terminada, o resto se determina por conseqüência: tal é o auditório em uma escola, a enfermaria em um hospital, a cela em uma prisão etc.*
> [...]
> *A superfície ou a capacidade dos locais sendo mais ou menos determinada pelo programa, sua largura dependerá em uma certa medida da amplitude conveniente das abóbadas, das lajes e coberturas, e sobretudo das condições de iluminação natural.*
> [...]
> Elaboração do Projeto
> Estudo do Programa — *um projeto de arquitetura tem por base um* programa, *isto é, a enumeração de todos os aposentos necessários, de todos os serviços a criar. Esse programa será organizado de acordo com aqueles para quem o edifício deve ser utilizado, freqüentemente para as grandes instituições, por uma comissão de especialistas. Entrega-se comumente um programa escrito, mais ou menos completo. Cabe ao arquiteto completá-lo às necessidades e a ordem os elementos que ele acolhe. Ele estuda inicialmente as necessidades e os serviços, sem se preocupar com a forma arquitetural que formará mais tarde uma espécie de envoltória das partes de sua criação. Ele fixa as dimensões de cada peça segundo sua destinação e as condições impostas, seja pelas regras gerais de sua arte, seja pelas conveniências dos interessados, seja pelos estudos prévios dos especialistas.*
> *Ele classifica em seguida todos os serviços em diferentes categorias segundo sua natureza, se esforçando por colocar cada coisa em seu lugar na parte do programa que lhe convém.*
> *Em terceiro lugar, ele se ocupa em agrupar essas partes em cada categoria e os estudos separadamente, segundo as relações que devem existir entre elas. Ele destaca as principais para colocá-las em evidência e as distribui todas sobre o plano, ou reparte entre os pisos, de maneira a aproximá-las, as afastar, as isolar ou as colocar em relações fáceis, segundo as necessidades e conveniências, com auxílio de vestíbulos, galerias, corredores, átrios descobertos, escadas, elevadores etc., enfim, para assegurar-lhes o ar e a luz.*
> *Não se faz essas operações sem esforço e sem tateio. Acontece que se deve remanejar uma primeira proposta, à direita aquilo que inicialmente havia sido colocado à esquerda, à frente aquilo que estava atrás, e remanejar muitas vezes o plano. Deve-se aliás deixar-se penetrar profundamente por todos os dados gerais e particulares, tomar conhecimento da natureza e configuração do solo, levar bem em conta o clima, a orientação, a altitude etc. e todas as circunstâncias que podem influir sobre as disposições do projeto.*[5]

Essas disposições, tudo indica, foram seguidas cuidadosamente. Somente como exemplo, Cloquet recomenda no volume 4,[6] junto com recomendações minuciosas sobre salas de aula, uma área de 1,25 m² por aluno, o que dá aproximadamente 48 m² por sala de 30 alunos. Como se preconizavam salas retangulares, para aumentar a superfície de iluminação natural no lado maior e diminuir a largura da sala em relação à fonte de iluminação, podemos associar essa área a um retângulo de 6 x 8 metros. Essa disposição não só foi obedecida nas primeiras escolas do século 20, como permaneceu como gabarito indiscutido até pelo menos o final da década de 1970. Cloquet recomenda carteiras e bancos para duplas, que também foram adotados nas escolas paulistas até pelo menos a década de 1960. Quanto ao pé-direito, a recomendação é o mínimo de 4 metros. As escolas paulistas terão de 3,60 a 4 metros de pé-direito até pelo menos a década de 1940.

Quanto à disposição dos blocos, Cloquet mostra preferência por uma construção única, linear, à feição da Biblioteca Sainte Genevieve de Paris, de autoria de Henri Labrouste, e incorporada ao patrimônio artístico francês em 1928.

Essa disposição foi seguida por grande quantidade de arquitetos funcionários do Estado. A outra disposição privilegiada pelo teórico belga é aquela que se distribui em alas, formando um pátio interno, que Cloquet chama "em ferradura". É a disposição da Escola Normal da Praça da República, depois Caetano de Campos, atualmente ocupada pela Secretaria da Educação.

---

[5] CLOQUET, Louis, op. cit., vol. 5, pp. 172-6.

[6] Idem, vol. 4, pp. 225 e ss.

Havia uma tendência a colocar o grande "salão nobre" (auditório) no interior desse pátio assim formado. É o que iria acontecer com a Escola Normal, com seu grande auditório ampliado por ocasião da fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, muitos anos depois da morte de seu primeiro arquiteto, Ramos de Azevedo, e pelo acréscimo de um piso para acolher a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da recém-fundada Universidade.

Dos autores desses projetos do começo do século 20, só quatro alcançaram notoriedade em seu tempo: Ramos de Azevedo, Victor Dubugras, Hipólito Pujol e Carlos Eckmann, este último, entretanto, pela Escola de Comércio Álvares Penteado, de propriedade privada. Esse esquecimento foi corrigido pelas arquitetas da FDE, nos livros já mencionados e nas restaurações efetuadas. Podemos destacar, sem nenhuma pretensão exaustiva, os nomes dos arquitetos Manuel Sabater, autor da antiga Escola Normal do Brás (1911), hoje EE Padre Anchieta, o arquiteto Carlos Rosencrantz, autor dos projetos da Escola Normal de Pirassununga (1912) e da Escola Normal de São Carlos (1913), com sua disposição em "ferradura" e seus elegantes auditórios, com um nível de detalhamento que impressiona mesmo gerações muito posteriores de arquitetos.

A Escola Normal de São Carlos — atual EE Dr. Álvaro Guião — apresenta ainda uma particularidade: a maioria das escolas mencionadas estabelece uma espécie de distanciamento entre o edifício e a cidade, mediante amplos espaços livres, ocupados por jardins. A escola de São Carlos, pela sua entrada em esquina, incorpora-se pela escada principal mais serenamente na cidade. Dois outros arquitetos merecem ser mencionados: J. Bianchi, autor da Escola Normal de Botucatu (1913) e César Marchisio, autor da já sóbria Escola Normal de Guaratinguetá (1918) e das Escolas Normais de Campinas (1919) e Casa Branca (1919).

Esses arquitetos deveriam ser objeto de monografias nas quais pudéssemos conhecer mais detalhadamente suas obras e o que pensavam, isso, é claro, se deixaram registros. Não há dúvida de que esse patrimônio arquitetônico não só merece ser preservado, como sua adaptação a situações novas, com os acréscimos necessários, deve ser feita de molde a valorizá-los, da forma que tem agido a FDE. Mas devem ser mais divulgados, para que possam ser preservados pela própria sociedade civil, como aconteceu em plena ditadura com a Escola Normal Caetano de Campos, por ação espontânea de seus ex-alunos quando o edifício se viu ameaçado pela construção da Estação República do Metrô.

A esse quadro brilhante não pode deixar de ser notada uma sombra que é a dicotomia de ensino herdada pela República, sem qualquer esforço no século 20 para modificá-la. Referimo-nos ao ensino técnico, diferente do ensino de humanidades. Devido à constante clareza de visão do príncipe regente D. João, ainda quando se encontrava na metrópole com o atraso científico português, assim que terminou a era napoleônica, ainda no Rio de Janeiro, procurou atrair, dos escombros da França, técnicos de alto nível para municiar o combalido e decadente Império. Mas, diferente de seus ancestrais, dessa vez, além de contratar esses técnicos, junto com seus mais abalizados cortesãos, pensou em fundar uma Escola Superior de Arte, Ciência e Ofícios. É a celebre Missão Francesa chefiada por Joaquim Le Breton, mas que tinha como mais importante membro o arquiteto Grandjean de Montigny. Le Breton apresentou uma escola de artes — pintura, escultura e arquitetura, dirigida a filhos de famílias da camada superior da sociedade — e uma segunda escola — aproveitando muitos dos mesmos artistas da primeira — para adestrar filhos de famílias modestas, financeira e socialmente, com os quais se pretendia iniciar e aperfeiçoar a indústria nacional. Pode-se imaginar que essas idéias correspondiam ao ideário desses artistas, dominados pelas propostas democráticas dos filósofos iluministas. Grandjean, além de arquiteto, editou três livros entre 1813 e 1815, com desenhos transferidos em gravuras, trabalho industrial, feito pelo próprio arquiteto, o que não era usual. Pode-se então supor que o arquiteto dominava todo o processo produtivo, desde as "artes mecânicas" até as "artes liberais". Essa segunda escola não encontrou apoio para sua implantação, provavelmente pela base escravista do Império brasileiro. Mas não se pode deixar de notar que a proposta de Le Breton ainda contemplava a velha distinção escravista do trabalho humano.

É interessante notar que as preocupações com o "ensino popular" devem ter permanecido, pelo menos em estado latente, pois em 1852, dois anos depois da morte de Grandjean, Bettancourt da Silva, o último discípulo formado pelo mestre, fundava como entidade privada o primeiro Liceu de Artes e Ofícios, dirigido aos desvalidos da fortuna, os infelizes órfãos e enjeitados. E é curioso assinalar que o já citado conselheiro Rui Barbosa pronunciou, em 1882, palestra no Liceu referindo-se ao pintor e escritor inglês John Ruskin, como nos relata Cláudio Amaral sobre a influência de John Ruskin no Brasil; William Morris só seria estudado depois da Segunda Guerra Mundial. Mas não podemos deixar de anotar todos os esforços para instituir o ensino de desenho no Brasil no século 19, inventariados pelo professor Palumbo em sua tese de doutorado, em que nos mostra, por outro lado, a precariedade de recursos com que contava a sociedade civil brasileira para enfrentar os graves desafios de modernização de suas estruturas produtivas.

O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo seria fundado em 1894 pelos mesmos técnicos que fundaram a Escola Politécnica. Mas também com caráter privado, ou seja, enquanto a instrução pública, voltada para a cidadania, era fortemente estatizada, ou pelo menos recebia um significativo apoio do Estado, a educação técnica permanecia privada, dependente dos próprios recursos. Outra diferença é que enquanto as escolas voltadas para a cidadania aperfeiçoavam continuamente seus métodos pedagógicos, as escolas voltadas para a sobrevivência permaneciam no estágio desenvolvido pelas velhas corporações medievais, com um processo de ensino quase inteiramente imitativo. Podemos resumir com a fórmula: as escolas de humanidades vão educar para a cidadania e a liberdade; as escolas técnicas vão educar para a necessidade e a coerção. É notório que os castigos corporais foram abolidos nas escolas com a República e a imaginação e a iniciativa foram estimuladas nas escolas oficiais. A obediência à mais severa e a imitação à mais passiva foram as características mais salientes nas escolas profissionais e técnicas. Essa situação não mudou nem mesmo quando, por iniciativa do engenheiro Roberto Mange, já avançado o século 20, criaram-se as escolas através do Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (Senai).

A Primeira República, do ponto de vista dos edifícios escolares, encerra-se com a Revolução de 1930, e como vemos, até o final da Primeira Guerra Mundial, apresenta um rico acervo de edifícios, estudos e experiên-

cias educativas nada desprezíveis, considerando o baixo patamar em que se encontrava o ensino no Brasil até o fim do século 19. Os intelectuais orgânicos republicanos procuravam não só novos métodos de ensino, e em certos casos inauguraram práticas novas, já existentes em outros centros culturais, como tentaram adaptações — exemplificadas por Rui Barbosa — adequadas à realidade social brasileira. Entretanto, apesar de pouco percebido no momento, um acontecimento que iria abalar a quietude, ou a tranqüilidade aparente da Primeira República foi a Primeira Guerra Mundial. De fato, nesse acontecimento três impérios aparentemente sólidos, e que garantiam o colonialismo exercido pelas grandes potências européias, desapareceram como castelos de cartas: o Império austro-húngaro — velho de mil anos —, o Império prussiano e o Império czarista. A Inglaterra e a França, dois impérios coloniais, viram-se enfraquecidos e apareceram os primeiros sinais consistentes de sua contestação, até mesmo em seu interior, com as reivindicações operárias cada vez mais agressivas.

Do ponto de vista ideológico, o positivismo francês, com suas ramificações inglesas, viu sua teses políticas negadas de forma brutal: o imenso massacre humano, o desperdício de trabalho e a destruição de bens foram ocasionados pelas mais cultas nações européias, em oposição à crença positivista em um progresso constante da humanidade ocasionado pela difusão da ciência, garantido pela reforma periódica das instituições — Lei dos Três Estados. Novas ideologias iriam tomar seu lugar. Uma delas, o idealismo alemão, em sua vertente marxista, instalado no primeiro estado autodenominado socialista, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), no antigo território do Império czarista. A outra, o pragmatismo norte-americano, ramo do empirismo inglês. Essas são as doutrinas principais, mas não podemos deixar de anotar a neo-escolástica francesa de Jacques Maritain e Etiene Gilson, muito ligada à Igreja católica romana, e o idealismo italiano, de Benedetto Croce, apoiado na riquíssima tradição intelectual italiana, o único movimento que não se apoiava em uma potência política e econômica, mas na autoridade de seu próprio desempenho intelectual. Ao movimento neo-escolástico se deve o revigoramento dos intelectuais católicos no Brasil e muito provavelmente o maior empenho em Universidades Católicas e Pontifícias Universidades Católicas — ligadas ao bispo diocesano. Todas essas doutrinas irão discutir a nova escola e procurarão substituir as "antigas" concepções didáticas e pedagógicas, responsabilizadas, em parte, pelo desastre referido. Podemos então descrever sucintamente as novas iniciativas a partir de um inventário das propostas educacionais que irão balizar e sugerir os novos programas escolares, e os edifícios capazes de absorver essas novas diretrizes.

Durante a década de 1920, paralelamente ao ruidoso acontecimento da Semana de Arte em 1922, comemorativo da independência política, surgiram várias propostas, até certo ponto ecos da mesma insatisfação e inconformismo perante as estruturas sociais consideradas arcaicas, passadistas e inadequadas ao país. As principais são a Escola Nova patrocinada por Fernando Azevedo e Lourenço Filho, a reforma Francisco Campos em Minas Gerais e a reforma Carneiro Leão em Recife (Ana Mae Barbosa) —, todas as três inspiradas nas experiências norte-americanas, aproveitando ainda válidas proposições já ensaiadas na Europa. Mas todas elas voltadas para o ensino primário e secundário, em que a ênfase estava em permitir o livre desenvolvimento criador das crianças e do adolescente. Todas elas sofreram, direta ou indiretamente, influência do pragmatismo norte-americano e em especial de John Dewey.

Também é do final da década de 1920 a experiência do educador Anísio Teixeira, o mais próximo seguidor das idéias pedagógicas do filósofo norte-americano, que serão discutidas mais adiante.

A década de 1920 caracterizou-se também pela recusa do "estilo eclético" que tanto representou a arquitetura oficial, como o *art nouveau*; começou a ganhar contornos um estilo mais sóbrio, de provável origem norte-americana, com supressão da maioria dos ornatos tradicionais, bem representado pelas Escolas Agrícolas de Piracicaba e Viçosa — atualmente incorporada à Universidade Federal de Viçosa —, e a última Escola Normal de Rosencrans. É possível que essa tendência tenha filiação com a escola de Chicago, tendo como modelo as primeiras obras de Franck Lloyd Wright, e na cidade de São Paulo as obras inspiradas no "vernacular" inglês introduzido pelo arquiteto e urbanista Barry Parker, autor dos bairros-jardim da capital. Nessa década, chega também a arquitetura posteriormente batizada de *art déco*, com ornatos reduzidos a molduras e frisos esquadrejados em argamassa, um pouco por todo o Sul do Brasil e inventariada por Alberto Xavier e sua equipe. Este último estilo será dominante em São Paulo na década de 1930, justificado por princípios de higiene — evitam acúmulo de pó e de bactérias nocivas —, e se abrem com janelas amplas para entrada do sol, o grande inimigo da tuberculose. Esse estilo será amplamente utilizado nas escolas, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, capital da República, e mesmo em outros estados, fato ainda não suficientemente estudado.

Mas para estimar o caminho percorrido, é útil comparar os livros: *Projectos de grupos, escolas reunidas e ruraes*, de autoria do engenheiro arquiteto Álvaro de Souza Camargo — editado pelo Serviço Sanitário do Estado de São Paulo em 1920 — e *Novos prédios para grupos escolares*, de 1936, obra conjunta sob a responsabilidade da Diretoria do Ensino da Secretaria de Educação e Saúde Pública e da Diretoria de Obras Públicas, também do Estado de São Paulo. Veja-se este parágrafo:

> *O comprimento da classe é limitado pela energia vocal do professor, pela acuidade visual dos alunos e, além disso, essa dimensão não deve ultrapassar determinado limite, de modo a não tornar difícil a fiscalização dos alunos.*[7]

O livro detalha e dimensiona a sala de aula, a iluminação e a ventilação mais adequadas, a largura dos corredores, as instalações sanitárias, suas dimensões de acordo com o Código Sanitário do Estado, as escadas, sua largura, e a dimensão aconselhável dos espelhos e cobertas, de forma a garantir o menor risco de acidente. Mas nada fala das necessidades didáticas a serem atendidas, além daquelas que se podem atender nas salas. Além disso, deixa clara a preocupação com a "fiscalização", partindo do pressuposto de que há delinqüentes entre a população atendida, resquício talvez dos processos coercitivos coloniais. Outra característica importante é que seu autor fala "sozinho", sendo to-

[7] CAMARGO, Mauro Álvaro de Souza. **Projectos de grupos, escolas reunidas e ruraes**. São Paulo: Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, 1920. pp. 9 e ss.

das as plantas consideradas "modelo repetíveis" e sem arquiteto declarado — seria quem assinou o volume, o preclaro autor? Tudo indica também que se tratava de escolas primárias já construídas.

Completamente diversa é a condição do volume — *Novos prédios para grupos escolares*. Trata-se de um livro que registra um estudo interdisciplinar, em que as especialidades convergem para um objeto único de planejamento, a nova Escola proposta pelo Governo do Estado de São Paulo. Os especialistas que assinavam os estudos parciais são os seguintes: Cantidio de Moura Campos, Secretário de Estado da Educação; Ranulfo Pinheiro Lima, Secretaria de Viação e Obras Públicas; e professor A. Almeida Junior, com o ensaio: "Dados Essenciais para a Solução do Problema".

Aqui segue a Lista dos professores, arquitetos e higienistas que estudaram o novo tipo de prédios para o Grupo Escolar Francisco Prestes Maia com o ensaio "A orientação dos prédios escolares": Professor A. Almeida Junior, "As janelas da sala de aula"; Carlos A. Gomes Cardim, "O piso nas edificações escolares e a sua estrutura"; Moacyr E. Álvaro, "Sobre a cor das paredes das salas de aulas"; Noemy Silveira Rudolfer, "Por que um 'Auditório-Ginásio' no prédio escolar?"; Carolina Ribeiro, "Por que uma sala de leitura no prédio escolar?"; Geraldo H. de Paula Souza, "Instalações de assistência alimentar"; A. Almeida Junior, "Chuveiros no grupo escolar"; e José Maria da Silva Neves, "A fachada das escolas".

Outro aspecto a ressaltar é que não se tratava de expor edifícios construídos, mas o registro de um planejamento a construir, e em parte já em construção. Os projetos, como se comentará em seguida, não foram conduzidos pelos arquitetos ou por um arquiteto, mas por educadores e técnicos do mais alto nível, todas as especialidades tendo de ser adequadas a um desejável conjunto de diretrizes para a execução de projetos adequados a uma pauta mais ampla do que aquela apresentada pelas diretrizes dos edifícios da Primeira República, sem negá-las propriamente, mas implicitamente negando o "projeto tipo", a ser implementado em qualquer lugar. Outra característica do livro é a preponderância dos ensaios do professor A. Almeida Junior, constituindo cerca de 40% das páginas impressas. Mas não se pode deixar de reconhecer uma proposta de trabalho interdisciplinar, que se ensaiava com o New Deal norte-americano, e que encontrara entusiástica acolhida pelo professor politécnico Luis Inácio Romeiro de Anhaia Mello, que, entretanto, não foi citado em nenhuma das mais de cem páginas do livro em questão.

Também podemos assinalar o caráter experimental que o livro acentua, com a presença de um balizamento oferecido pelos trabalhos científicos consultados e, não menos importante, pela ampliação programática oferecida com auditório, biblioteca, pátio para exercícios físicos e mesmo de área verde eventual para horta, sugerindo já uma possível, futura, educação cívica integral. O programa, assim, adquire um caráter dinâmico, ausente dos manuais de arquitetura citados, mesmo que eles já contivessem vários estudos científicos. Mas a própria ciência no livro é encarada como portadora de afirmações dogmáticas. Assim, ao estudo amplamente apoiado em bibliografia estrangeira de Francisco Prestes Maia sobre iluminação natural da sala de aula, com vistas ao melhor rendimento, conclui pela melhor orientação, em São Paulo, em apresentar a face maior da sala de aula voltada para leste. A própria sala retangular de 8 x 6 metros das antigas escolas continuou sendo recomendada pela medição de iluminação, que favoreceria esse formato. Essa orientação seria docilmente seguida nos projetos planejados em execução. Mas a maior inovação parece ser aquela oferecida pelo médico e higienista Geraldo Paula Souza, ao ressaltar a constatação de raquitismo e insuficiente alimentação das crianças, sugerindo um gabinete dentário e estabelecimento de um lanche e sopa escolar para as escolas estaduais, bem como a iniciação a hábitos de higiene — pelo estabelecimento de banhos após exercícios físicos.

A professora Noemy Silveira Rudolfer, em seu pequeno ensaio de uma página e meia, é a única que justifica a necessidade de um auditório em cada grupo escolar — auditório esse já incorporado às "escolas normais" desde o início do século —, com uma visão apoiada na leitura dos escritos do professor Anísio Teixeira, pois a autora usa a expressão "escola progressiva", popularizada pelo educador baiano. Mas parece que os outros membros da equipe não perceberam o alcance da sua proposta.

Todas essas recomendações foram incorporadas aos projetos realizados pelo engenheiro arquiteto José Maria da Silva Neves, futuro professor de Composição Decorativa da FAU-USP. Seu artigo, intitulado "A fachada das escolas", inicia-se com uma epígrafe de Julian Guadet:

> *É necessário saber ser de seu tempo; a arquitetura de uma época é determinada e caracterizada pelo estado social dessa época.*

O artigo inicia-se, de fato, por uma recusa do estilo colonial e pela adoção de um estilo induzido das conquistas científicas de nosso tempo, ou em suas próprias palavras:

> *Sejamos artistas de nosso tempo e teremos realizado uma nobre missão. Não podemos admitir hoje uma arquitetura que não seja racional, pois a escola deve aproveitar de todo o conforto das construções modernas, de todas as conquistas da ciência no sentido de realizar a perfeição sob o ponto de vista da higiene pedagógica.*
> [...]
> *A arquitetura nacional brasileira virá naturalmente, apresentando aspectos característicos de cada estado. É o que se nota na Europa. Ninguém pode, em sã consciência, considerar iguais as produções arquitetônicas de um Mattet-Stevens* [Mallet-Stevens]*, Corbsier* [Le Corbusier]*, Perret, na França e de um Piacentini, Vaccaro ou Portaluppi na Itália. De um Bonatz ou Saheneizer na Alemanha e as de um Dirnhuber na Áustria. Todas elas trazem as características raciais e climatérias de suas regiões.*

E arremata sua intervenção com estas palavras:

> *Se adotássemos novamente a rótula, a taipa ou a enxilharia de pedra, deveríamos também voltar para a soletração, a palmatória e o decurião.*

Baseados nas palavras do arquiteto e no texto da professora Rudolfer, sugere-se a matriz próxima das formas das escolas propostas pelo arquiteto

Neves, nos projetos do arquiteto federal Enéas Silva, da experiência realizada por Anísio Teixeira na administração Pedro Ernesto.

Os projetos de Silva Neves foram saudados como a tradução de uma visão moderna do tratamento global dos edifícios escolares, síntese dos ideários propostos e da estética ideal dos novos rumos da sociedade brasileira. Assim se expressa o professor Almeida Junior em seu ensaio introdutório:

> *Pela primeira vez, ao que supomos, o problema dos prédios escolares sofrem* (sic)*, em nosso Estado, o tratamento rigoroso de um conselho sistemático de profissionais especializados. Não alcançaremos com isso a perfeição, que foge ingratamente ao engenho humano, nem satisfaremos ao paladar de todos os críticos. Conseguiremos, porém, graças a esta convergência de esforço inteligente e de inesgotável boa vontade, evitar os erros de maior vulto.*
> *A opinião foi francamente favorável à arquitetura moderna. Modernismo sóbrio, discretamente sentimental, mais próximo do equilíbrio francês, do que do arrojo desconcertante das composições mexicanas. A inteligência flexível e o senso estético do jovem arquiteto paulista José Maria das Neves, que a Secretária da Viação cedeu à Diretoria do Ensino, souberam apreender com fidelidade e projetar com arte o pensamento dominante, preocupado em idealizar casas escolares simples, alegres e baratas, mas invariavelmente subordinadas ao arranjo estrutural, à educação e à "higiene".*

Podemos acrescentar subordinadas estritamente ao "sistema pavilhonar" da arquitetura neoclássica francesa, no qual, em sua versão final do século 19, os volumes foram adequados passivamente às funções. Ao lado dessa tendência, que se reconhece como moderna e pode ser associada à obra de Elizario Bahiana — Ed. Saldanha Marinho, Mappin —, uma discreta presença da arquitetura de Marcello Piacentini, principalmente em pavilhões da Escola Politécnica e do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), bem como em Escolas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), se fará sentir, ao lado de outras obras que se ressentem das soluções formais do autor do Edifício Matarazzo.

Um outro reparo a fazer é a ausência a qualquer referência às experiências de ensino propostas por Anísio Teixeira desde 1932 na gestão do prefeito Pedro Ernesto na prefeitura do Distrito Federal, com edifícios projetados pelo arquiteto Enéas Silva, publicadas na Revista da PDF, na época dirigida pela engenheira Carmen Portinho.

A menção a essa experiência notável, e que iria quase 20 anos depois informar ideologicamente as propostas do Convênio Escolar, é o item, curto por sinal, no ensaio introdutório do professor Almeida Junior com este título: "O sistema de pelotões".

O professor Almeida Junior reconheceu a excelência do sistema que ele atribui a uma inovação genial do estado de Indiana, nos Estados Unidos, pois com isso se subtrairia a influência "deletéria da rua" das crianças. Mas não traz nenhuma palavra sobre o educador baiano ou sobre seu livro *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação*, publicado em 1934. Somente a observação de que o sistema seria inviável para os recursos do Estado naquele momento. Em 1972, como homenagem a Anísio Teixeira, falecido pouco antes, o arquiteto Hélio Duarte organizou uma publicação na FAU-USP sob o título: *Escolas classe escolas parque*, na qual se esboçou pela primeira vez em São Paulo um estudo crítico sobre a filosofia da educação do notável baiano, fundamento brasileiro da experiência levada a efeito no Distrito Federal, na administração Pedro Ernesto.

Essa proposta de ensino, fortemente apoiada em experiências efetivas norte-americanas com origem na filosofia de John Dewey, encontrou em Anísio Teixeira um entusiasta seguidor, além de tradutor de obras do educador norte-americano.

Em seu livro de 1934, extremamente instigante, ele propõe filosoficamente uma superação radical da velha dicotomia artes mecânicas, artes liberais, propondo uma educação integral, pelo oferecimento de um currículo ativo, no qual se contemplariam as três atividades escolares fundamentais: ciência, arte e técnica, tudo subordinado ao interesse da criança. Não se trata simplesmente, portanto, da otimização das instalações escolares, para impedir a influência da realidade vivida, como entendia o professor Almeida Junior, mas, ao contrário, de armar a criança com instrumentos de sua autonomia em uma sociedade responsável.

Retiramos do livro alguns trechos, somente para fixar algumas idéias que tanto entusiasmaram os educadores brasileiros:

> *No interessante período de transição que estamos vivendo, a cada nova crise que surge, surge uma nova inquietação entre os homens, preocupados com os valores que se vão perdendo nas idas e vindas da transformação social. Dispensável será dizer que há nessas transformações mais conquistas de novos, do que perda de antigos valores.*[8]
> [...]
> *Pois existe tanto uma educação nova quanto uma nova medicina ou uma nova engenharia.*
> [...]
> *Renova-se nos seus meios e, por intermédio dos meios, nos próprios* fins*. Porque de fato, fins e meios não se distinguem senão mentalmente. Fins inexplicáveis não são fins, mas fantasias. Os fins são verdadeiramente fins quando os conhecemos de tal modo que eles se desprendem os* meios *de sua realização. Os meios são "frações de fins"* [Dewey].[9]
> [...]
> *Por que progredimos? Que foi que se deu no mundo para que pudéssemos, em tão pouco tempo, mudar tanto que um romano teria menor surpresa em se encontrar na corte de Luis 14, do que teria um contemporâneo de Pedro 1º que surgisse hoje no Rio? O que se deu foi a aplicação da ciência à civilização humana. Materialmente, o nosso progresso é filho das invenções e da máquina.*

[8] TEIXEIRA, Anísio. **Educação progressiva**: uma introdução à filosofia da educação. S. l., s.e., 1934. p. 13.
[9] Idem, ibidem, p.25.

[...]
Mas não foi só isso. O fato da ciência trouxe consigo uma nova mentalidade.
[...]
Tudo que ele faz é um simples ensaio.
Amanhã será diferente.
[...]
Ele constrói e reconstrói o seu ambiente.[10]
[...]
O homem, assim como está reconstruído o ambiente material que se vive, quer também reconstruir o ambiente social e moral, à luz dos mesmos processos de julgamento e de experiência: seu benefício na terra onde vive.
Nessa nova ordem de mudança constante e de permanente revisão, duas coisas ressaltam, que alteram profundamente o conceito da velha escola tradicional:
a) Precisamos preparar o homem para indagar e resolver por si os seus problemas.
b) Temos que construir a nossa escola, não como preparação para um futuro conhecimento, mas para um futuro rigorosamente imprevisível.[11]
[...]
A indústria está integrando o mundo inteiro em um todo interdependente. Não só a matéria-prima, mas a idéia e o pensamento hoje são propriedades comuns de todo homem. O vapor, o trem, o automóvel e o aeroplano, como o telégrafo, o telefone, o rádio e a televisão põem todo mundo em comunicação material e espiritual.[12]
[...]
A reorganização importa em nada menos do que trazer a vida para a escola. A escola deve vir a ser o lugar aonde a criança venha viver plena e integralmente. Só vivendo, a criança poderá ganhar os hábitos morais e sociais de que precisa, para ter uma vida feliz e integrada, em um meio dinâmico e flexível tal qual o de hoje.[13]
[...]
Considerai, dizia Kant, toda a pessoa sempre como um fim em si mesma e nunca como um meio.[14]
[...]
O mais importante, no momento, é notar como o ato de aprender depende profundamente de uma situação real de experiência *onde se possam praticar, tal qual na vida, as reações que devemos aprender e, não menos profundamente, do* propósito *em que estiver a pessoa de aprender essa ou aquela coisa.*[15]
[...]
Assim, é a nossa psicologia de aprendizagem que obriga a transformar a escola em um centro onde se vive e não um centro onde se prepara para viver.[16]
[...]
Conforme Kilpatrick*, a escola que pode satisfazer as exigências sociais e pedagógicas que apontamos atrás deve ser:*
a) Uma escola de vida e de experiência para que sejam possíveis as verdadeiras condições de aprender.
Uma escola onde os alunos são ativos e onde os projetos formem a unidade típica do processo de aprendizagem. Só uma atividade querida e projetada pelos alunos pode fazer da vida escolar uma vida que eles sintam que vale a pena viver. Aprender importará sempre em uma modificação da conduta humana, na aquisição de alguma coisa que reaja sobre a vida e de algum modo lhe enriqueça e aperfeiçoe o sentido.[17]
[...]
Não existe sociedade. Existe um processo de sociedade*. Não existe educação. Existe um* processo de educação.[18]
[...]
O chamado idealismo objetivo — característico da filosofia germânica — era, talvez de todos esses artifícios, o que andasse mais próximo da realidade. Considerando as instituições como encarnações da razão absoluta, tal filosofia criou um objetivo para adesão da inteligência, que se afirmaria à proporção que se identificasse com as instituições.
[...]
Mas o que não pressentiram a filosofia germânica em geral, nem Hegel em particular, foi que essas instituições, sendo a emanação e produto da própria razão humana, deveriam ser, naturalmente, objeto não só da conformidade, mas também da crítica da inteligência, para que, de instrumentos de libertação, não se transmudassem em instrumentos de constrição e paralisação da sua própria força renovadora.[19]
[...]
A atividade humana se justifica por si mesma e tem em si mesma o seu próprio fim. Prazer, virtude, felicidade são resultados *da atividade, o que é diferente de um fim externo que se buscasse alcançar.*[20]
[...]
Há porém um grupo de homens para quem o trabalho é a sua própria alegria. Sobretudo os artistas e os que dão à sua própria vida a natureza de uma obra de arte, conseguem esse resultado surpreendente.

[10] Idem, ibidem, p. 27.
[11] Idem, ibidem, p. 29.
[12] Idem, ibidem, p. 33.
[13] Idem, ibidem, p. 40.
[14] Idem, ibidem, p. 56.
[15] Idem, ibidem, p. 45.
[16] Idem, ibidem, p. 46.
[17] Idem, ibidem, p. 64.
[18] Idem, ibidem, p. 94.
[19] Idem, ibidem, p. 106.
[20] Idem, ibidem, p. 143.

E o que faz desse trabalho ou dessas vidas uma realização harmoniosa de prazer e alegria? É que o trabalho vale por si mesmo, e não é uma simples atividade que se perfaz pelo resultado externo que dela poderá advir.[21]

O sistema de "pelotões" era de fato um inteligente expediente para criar as condições de uma longa e agradável permanência na escola, na qual a criança se habituava a conviver e aprender com os colegas, a dedicar-se a tarefas fora daquela atitude passiva de assistir preleções, e era estimulada a desenvolver "projetos" próprios, em que iria de fato aprender.

Mas Anísio falhou em um ponto: não conseguiu formular o programa de formação de professores, e o seu sistema não previa o contínuo aperfeiçoamento dos mesmos, condições sem as quais o sistema por ele preconizado seria sempre precário e sujeito às vicissitudes do momento político.

O segundo fator que iria constituir a mais rica experiência paulista de ensino e construções escolares foi o aparecimento da Escola Brasileira de Arquitetura Moderna, sob a influência do arquiteto Le Corbusier. Charles Edouard Jeanneret (1887-1965), pintor e gravador, adotou o pseudônimo de Le Corbusier, por sugestão de Ozenfant, seu amigo, colega e admirador, para se dedicar publicamente à arquitetura.

Foi tão expressiva essa influência que, por ocasião dos funerais internacionais de Le Corbusier — o catafalco foi armado no Louvre —, os arquitetos gregos trouxeram terra da acrópole de Atenas, os arquitetos indianos trouxeram água do rio Ganges, como últimas homenagens, e o arquiteto Lucio Costa se encarregou de velar pelos despojos no percurso de Cap. Martin até Paris, sendo sua filha uma das colaboradoras na execução da peça armada no pátio do Museu. Vários arquitetos de todo mundo se pronunciaram afetivamente, mas procurando traçar os lineamentos de uma avaliação da sua obra para a arquitetura. Destacamos dois depoimentos: o do arquiteto japonês Kenzo Tange, e do arquiteto Lucio Costa, justamente representantes de dois países nos quais a influência do arquiteto francês é mais persistente. Kenzo Tange, ao traçar o perfil de Le Corbusier, comparou-o a Michelangelo Buonarrotti. Lucio Costa, entretanto, comparou-o ao cientista e arquiteto florentino Filippo Brunelleschi. Essas comparações não parecem exageradas se nós atentarmos para o fato de que Le Corbusier inicia sua "fortuna crítica" já em 1933, com o livro de Emil Kaufmann — *De Ledoux a Le Corbusier* —, recebendo uma espécie de primeira consagração com o livro do prestigiado historiador Sigfried Giedion, *Space time and architecture*, em 1938. Desde então, inúmeros ensaios lhe foram consagrados, inclusive por estudiosos brasileiros.

Para nossos fins, apresentaremos alguns aspectos de sua obra que marcaram mais fundo os arquitetos brasileiros, desde 1936 até hoje, mas que se notam especialmente no conjunto de obras do Convênio Escolar. Sua educação artística sempre esteve associada à arquitetura, pois construiu em sua terra natal várias residências, e estagiou tanto no escritório de Auguste Perret, quanto no grande ateliê de Peter Behrens, onde conheceu e com quem privou por toda a vida os arquitetos Walter Gropius e Ludwig Mier van Der Rohe. Le Corbusier iniciou-se publicamente como artista na cidade de Paris, como pintor e companheiro do pintor Ozenfant, quando fundaram um movimento de vanguarda, autodenominado de "purismo". Assim, seu compromisso com o "pensar a arquitetura" sempre esteve ligado à construção, à edificação, como fator cultural, fator esse que deve ser sobrelevado sobre todos os outros: políticos, econômicos ou mesmo sociais:

A arquitetura é um jogo sábio, correto e magnífico dos volumes reunidos sob a luz. Nossos olhos são feitos para ver formas sob a luz; as sombras e os claros relevam as formas; os cubos, os cones, as esferas, os cilindros ou as pirâmides são as grandes formas primárias que a luz revela bem;
[...]
É por isso que são belas formas, as mais belas formas.[22]
[...]
Utilizamos a pedra, a madeira, o cimento; com eles fazemos casas, palácios; é a construção. A engenhosidade trabalha.
Mas de repente, você me interessa fortemente, você me faz bem, sou feliz, digo: é belo. Eis aí a arquitetura.
A arte está aqui.
Minha casa é prática. Obrigado, assim como obrigado aos engenheiros das estradas de ferro e à Companhia dos Telefones. Vocês não tocaram meu coração.
[...]
Mas as paredes se elevam no céu em uma ordem tal que fico comovido. Sinto suas intenções. Vocês eram delicados, brutos, encantadores ou dignos. Suas pedras mo dizem. Vocês me prendem a esse lugar e meus olhos contemplam. Meus olhos contemplam algo que enuncia um pensamento. Um pensamento que se ilumina sem palavras nem sons, porém unicamente com prismas que mantêm relações entre si. Esses prismas são tais que a luz os detalha claramente. Essas relações nada têm de necessariamente prático ou descritivo. São uma criação matemática de seu espírito. São linguagem da arquitetura. Com materiais brutos, sobre um programa mais ou menos utilitário que vocês ultrapassam, vocês estabeleceram relações que me comoveram. É a arquitetura.[23]

Decorre daí que a arquitetura, para Le Corbusier, terá como caráter distintivo a criatividade. Mas em que consiste essa criatividade? Para ele criatividade não consistia em um dom divino ou genético, mas uma simples e permanente atividade intrinsecamente humana e coletiva. Disso decorre que Le Corbusier nunca hesitou em se apropriar criadoramente das inovações que ele reconhecia como válidas, em todo o repertório da arquitetura, inclusive de seus contemporâneos. Assim é que soube aproveitar as propostas brasileiras, como veremos mais adiante, no caso específico do Ministério de Educação e Saúde, ou mais tarde as inovações de seu mais próximo discípulo, Oscar Niemeyer.

[21] Idem, ibidem, p. 146.

[22] LE CORBUSIER apud JEANNERET, Charles Eduard. **Por uma arquitetura**. Tradução de Ubirajara Rebouças e Revisão crítica de Paulo Salles de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 13. (1ª edição francesa, 1924.)

[23] Idem apud ibidem, p. 105.

Coerente com essa postura, Le Corbusier, comentando uma exposição de estudantes, alunos de Mallet-Stevens, na revista *L'Esprit Nouveau*, escreveu:

> *Existe aqui intrinsecamente, o ousado do copiador e o ousado dos inventores.*
> [...]
> *A confiança na vida e a certeza da convergência final de tantos esforços inúmeros e desinteressados nos incitam muito naturalmente a ver esta manifestação com os olhos de circunstância, isto é, confiança e não se revestir de um ar grave e ao olhos de sapo do Senhor que alça os braços para o céu bradando: "Deus, aonde vamos nós!".*[24]

Em uma síntese, também da época podemos ler:

> *Uma grande época começa*
> *Um espírito novo existe*
> *Existe uma multidão de obras de*
> *Espírito novo; são encontrados*
> *Particularmente na produção industrial.*
> *Os hábitos sufocam a arquitetura.*
>
> *Os estilos são uma mentira.*
> *O estilo é uma unidade de princípios que anima todas as obras de uma época e que resulta de um estado de espírito caracterizado.*
>
> *Nossa época fixa cada dia seu estilo.*
> *Nossos olhos, infelizmente, não sabem discerni-lo ainda.*

Assim, os arremates que sempre caracterizaram os volumes construídos no passado — métopas, tríglifos, mútulos, capitéis na ordem dórica, modilhões lacrimais, capitéis na ordem jônica — deveriam ser rejeitados como pilhagens primárias do repertório do passado, e substituídos pelas soluções industriais, porém com a mesma preocupação de "ordem" que os caracterizou na tradição anterior. Daí sua obsessão pelo número, que iria resultar no seu livro e no "Módulor" — módulo de secção de ouro. Mas, se de um lado aqui nós podemos ver a presença do pensamento neoclássico francês, também podemos ver toda a rejeição a um pensamento petrificado nas academias, em sua severa critica à Bauhaus de seu amigo Walter Gropius, ainda em Weimar registrada na revista *L'Esprit Nouveau*:

> *No fundo, a Bauhaus é uma escola de arte decorativa e de arquitetura, se destacando sobre o fundo morno dos estabelecimentos similares, pela vontade de Gropius de conduzir seus alunos ao âmago do fenômeno moderno.*[25]

Aqui também podemos reconhecer em Le Corbusier uma reflexão cuidadosa em relação aos movimentos artísticos de vanguarda, apropriando-se do cubismo, em parte do futurismo e do neoplasticismo, mas não do dadaísmo, sendo que só irá absorver o surrealismo em sua "atividade de projeto" em meados da década de 1930. Representativos dessa minuciosa reflexão são os artigos acolhidos pela revista sobre Paul Cézanne e Nicolas Poussin, ambos artistas construtores de um "conceito" de pintura.

A revista apresentava-se como sendo de ciência, tecnologia e arte:

> L'Esprit Nouveau *é a primeira grande revista que colocou sobre o mesmo plano de interesse, a literatura, as artes plásticas, a música e a ciência; ela mostrou o liame que aproxima esses trabalhos superiores àqueles da indústria, produtos da ciência e também as reações desses produtos em relação a nosso ser individual e social.*[26]

De fato, não só a revista fez uma homenagem ao cientista alemão, Albert Einstein, como o grande físico Paul Langevin foi um colaborador constante, além dos escritores Paul Dermée e Jean Cocteau, entre outros.

Mas a postura é sempre de síntese das manifestações criadoras, quaisquer que fossem: contra todo exclusivismo industrialista — produção em série — pois, em suas obras concretas, Le Corbusier sempre prestigiou os artistas tradicionais, pintores, escultores, autores de obras únicas.

Ele mesmo deu exemplo absorvendo, ao lado de elementos industrializados, muros tradicionais — Maison Suisse — ou no caso do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, valorizando o escultor Celso Antonio e os azulejos desenhados por Portinari.

Uma das conseqüências dessa nova atitude de projetar é que aqueles grossos volumes de "composição", com seus "paradigmas" arquitetônicos para cada função compendiados nos tratados referidos, perderam sua razão de ser, pois volta a ser referência fundamental a inventiva disposição dos aposentos, como já lembrava o arquiteto Battista Alberti havia mais de 500 anos. Essa inventiva deverá sofrer alterações constantes, provocadas pelo avanço tecnológico e ou pelas novas conceituações pedagógicas ou sociais, isto é, a criatividade arquitetônica deverá responder às novas solicitações derivadas de uma consciência impregnada pela ciência e tecnologia em processo, características marcantes de nossa vida atual. Entretanto, sua atitude em relação à tecnologia moderna difere bastante daquela adotada pelos arquitetos do século 19.

De fato, os arquitetos neoclássicos de primeira hora — popularizados com o nome de "neoclássicos românticos" por Hitchcock — e os "ecléticos" — aí entendidos os também artistas — *art nouveau* — sempre procuraram absorver em seus projetos as inovações tecnológicas de seu tempo, como os tratadistas acentuaram ao eleger Henri Labrouste como paradigma. E as obras desse arquiteto, como a Galeria Vittorio Emanuelle em Milão, ou as gares de estradas de ferro inglesas, foram acolhidas e saudadas com entusiasmo pelos seus usuários. Esse entusiasmo contaminou mesmo intelectuais mais sensíveis como prova o quadro — *Gare de Saint Lazare* de Claude Monet, e os arquitetos do início do século 20, Henry Van de Velde, Victor Horta, Berlage ou Peter

[24] LE CORBUSIER. **L'Esprit Nouveau,** nº 23, s. l., s. d.

[25] Idem, **L'esprit Nouveau**, nº 19, s. l., s. d.

[26] **L'Esprit Nouveau**, nº 18, s. l., s. d.

Behrens. Mas todos eles, sem exceção, absorveram a tecnologia principalmente estrutural, já estabilizada em seu tempo. O mesmo se pode dizer dos arquitetos alemães de vanguarda, Gropius, Mendelsohn ou Mies Van der Rohe.

Diversa é a atitude inaugurada por Le Corbusier: desde o início de sua produção pública ele não titubeou em propor desafios estruturais e tecnológicos inusitados, em razão de seus grandes projetos — um pouco fantasiosos — urbanos: a cidade de 3 milhões de habitantes ou os vários planos — Voisin — para Paris. Mas essa atitude se consagra nos projetos da Liga das Nações, na Maison Suisse, ou no "Palácio dos Soviets", nos quais estão presentes invenções estruturais do arquiteto.

Poucos foram capazes de compreender essa nova atitude, sendo característica da outra, tradicional, passiva, bem exemplificada no livro *Mechanization takes command* de Giedion. Le Corbusier, como era seu hábito, escreveu uma carta a seu amigo e admirador, parcialmente reproduzida por Keneth Frampton em *Architetural Design*:

> *Meu caro Giedion*
> *Meus sinceros agradecimentos pelo seu grande livro, com seu perturbador e ameaçador título americano. Ele é o espelho daquele século terrível: o décimo nono. Cem anos de maquinismo emergente cego e idiota. Seu título? Bem se você deseja: Prolegômenos, volume I, 1948, mecanização tomou o comando; segundo livro, Volume II, 1950, a redenção do maquinismo — o homem retoma o comando. Eu folheei seu livro, página por página. Ele está muito bem escrito, finamente interpretado. Mas a atmosfera americana só lhe dá um perfume surrealista e um sentido de erotismo clandestino. Meu Deus, esses americanos conhecem tão pouco sobre viver! Um ponto eu concordo; eles são o lugar, o campo para experimento, o abundante mercado e o laboratório. Pelo lado das velhas nações da Europa eles são presumidos.*
> *Ao lado da França, velha e inteligente como um macaco ou um raposão, os americanos são pobres-diabos, iludidos por sua aparente abundância, que manifesta uma verdadeira inconsciência.*
> [...]
> *Pode-se ter uma atitude mais otimista para o tema de seu livro* Mechanization takes command *se admitirmos que as obras da primeira era maquinista precisam ser varridas como muita outra merda (shit): as* villes tentaculaires *e muitas outras coisas...*
> *Então vamos ver para Giedion e seu livro:*
> *É muito gratificante ter traçado a estrada da descoberta do Tohnbohn para o bazar. Há um olho desimpedido e uma mente ativa. Eu espero achar o tempo para ler pois certamente deve haver um ponto de vista... uma estética espiritual somada com uma ética... que equilibra um ponto de vista.*
> *Muito breve a energia atômica estará à disposição de todos. Esse será o fim do dilema da URSS e USA que são as nuvens ecoando acontecimentos que já passaram pelo palco. Então o rio fluirá entre suas margens. O trabalho consistirá em distinguir entre objetos e consumo estéreis e férteis. Assim teremos o espírito verdadeiro. Congratulações, Giedion, pela sua grande e bela obra. Corbú.*[27]

O aspecto criador tecnológico, principalmente estrutural, foi bem absorvido por dois jovens arquitetos brasileiros, Affonso Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer, e pelos arquitetos japoneses, especialmente Kenzo Tange.

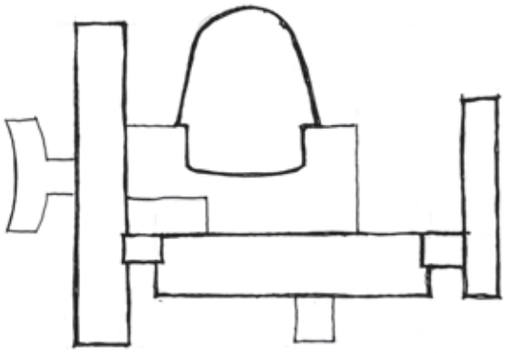
Provavelmente pelo mesmo motivo, os países desses arquitetos absorveram a indústria moderna como um fato acabado, inicialmente de forma mimética. O estruturalismo desses arquitetos era também um alerta para as precárias condições intelectuais dos seus países para enfrentar o mundo moderno, e um manifesto de confiança na indústria moderna como suporte de uma postura criadora.

Um outro aspecto da prática projetual para a qual Le Corbusier trouxe contribuição significativa foi para a "composição de arquitetura". Já foi chamada a atenção para o processo projetual funcionalista desenvolvido pelos neoclássicos franceses, ou seja, a cada função corresponde uma forma, ou na formulação do arquiteto Louis Sullivan: "a forma segue a função". Essa proposição, combinada com a tradição barroca dos grandes eixos urbanos, conduziu a uma subordinação da cidade ao edifício. Le Corbusier inverteu essa relação. Na medida em que ele negou o "estilo", propôs a nova ordem através, antes de tudo, das relações recíprocas das partes, como os elementos de uma máquina, na qual cada elemento, cada peça, só se relaciona com as peças concatenadas, de acordo com sua lei interna de formação, sua destinação intrínseca. A relação com a cidade então não se fará mais *a priori*, mas *a posteriori*. Podemos dizer então que o edifício passa a se relacionar com a cidade numa relação de cooperação, mas reconhecendo a precedência da cidade sobre o edifício. Mas essa postura só será possível se o domínio das funções for muito mais estrito que no antigo processo. Para isso é necessário experimentar exaustivamente como Le Corbusier recomendava — ver seqüência dos croquis de Le Corbusier para o Palácio dos Soviets ou os croquis de Niemeyer para o palácio do Congresso Nacional.

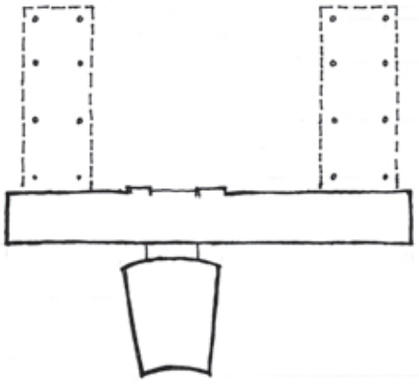
Pode-se então dizer que em oposição à antiga fórmula do neoclássico francês: "a forma segue a função", para Le Corbusier, "a função se adapta às formas". Um exemplo dessas duas atitudes nós vemos nas propostas de Grandejean de Montigny para a abertura de vias na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de adaptá-la ao seu projeto de Escola de Belas Artes, e o projeto do Palácio dos Soviets de Le Corbusier, que praticamente deixou a cidade de Moscou preexistente intocada, seu projeto sendo um acréscimo à cidade. Em compensação, o projeto do arquiteto Jofan exigia a remodelação completa de Moscou.

Muitos intelectuais, bem escolarizados, entretanto, com uma educação mais jurídica que técnica, sempre viram as máquinas como objetos fixos, sempre iguais a si mesmos, principalmente quando recebiam informações iniciais sobre seu funcionamento. Nada mais distante de sua realidade. Não é preciso um profundo conhecimento para essa imagem se desfazer — basta atentar para acontecimentos próximos de nosso cotidiano para verificar que as máquinas estão sempre mudando de forma e dimensão. Tomemos como exemplo os teares Jaccard automáticos, desde os primeiros no início do século 19,

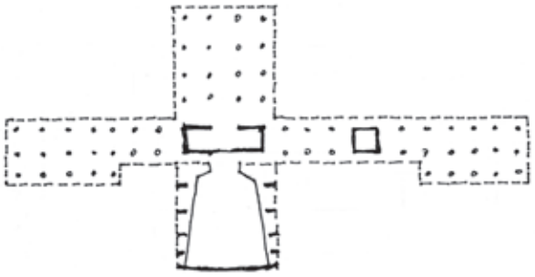
[27] LE CORBUSIER apud Keneth Frampton. **Architectural Design,** nº 51, s. l., 1981, p. 49.



Le Corbusier – Projeto do Ministério da Indústria Leve (Centrosoyus) – Moscou 1930. O arquiteto, ainda que tenha articulado os blocos, visualmente independentes, com entradas próprias, se serve do esquema geral de Grandjean de Montigny.



1º projeto do MÊS, Equipe Lucio Costa — Segue o modelo do Centrosoyus com notável inovação: destaque para o auditório.



Bahia de Guanabara
1º Projeto Le Corbusier — Ponta do Calabouço (Praia Santa Luzia). Le Corbusier apropria-se da valorização do auditório, mas transforma o edifício numa grande lâmina.

com seus programas em cartões perfurados, e os modernos teares, ainda chamados de Jaccard, que têm seus "programas" embutidos na máquina. Ou os motores a vapor, como as locomotivas das primeiras décadas do século 19, e as últimas locomotivas — dos anos 1930, sendo substituídas em seguida pelas locomotivas a diesel e as a diesel e elétricas. A diversidade formal e técnica dessas máquinas é de tal ordem, e pode ser vista em outros conjuntos ao longo do tempo, que suscitaram a admiração e entusiasmo nada menos de quem sempre foi inimigo do sistema geral sob o qual vivemos: Karl Marx, no seu livro *O capital*. Observa, de passagem, que as máquinas operatrizes — bens de capital — são uma das maiores manifestações da inteligência criadora. O filósofo e cientista alemão ensaiou no referido livro uma proposta evolucionária das máquinas — inspirado em Darwin? —, enquanto transferência de atividades até então exercidas por pessoas.

Le Corbusier, do mesmo modo, esteve atento desde o início a essa criatividade em processo e procurou incorporar essa inventividade tecnológica em suas obras à medida que elas iam surgindo, e também rejeitou qualquer estilo *a priori*, pois acreditava que esse "estilo moderno" sempre estaria em progresso. Basta ver os primeiros de seus projetos e os últimos. Por isso mesmo não hesitou em incorporar as invenções formais de todos os seus contemporâneos: Garnier, Behrens, van de Velde, Perret, Aalto, Lucio Costa ou Niemeyer, como veremos adiante.

Essa segunda maneira de conceber os volumes do projeto, que não se explica somente por um "exercício de composição" mas define-se como uma "organização espacial", foi bem apreendida pelos arquitetos brasileiros naquela época liderados por Lucio Costa, mas pode ser visualizada na série de croquis preliminares para o Ministério de Educação e Saúde — d'aprés Elizabeth Harris. O primeiro estudo de Lucio Costa e equipe se apoiou no Centrosoyus de Moscou, porém não foi uma réplica da solução russa.

Observam-se dois projetos modernos participantes do concurso em que foi vencedor Arquimedes Memória. Afonso Reidy e Jorge Moreira seguiam fielmente o projeto do Centrosoyos de Moscou, isto é, colocavam o auditório no interior do "U" como era tradicional. Só o projeto de Lucio Costa destacava o volume do auditório.

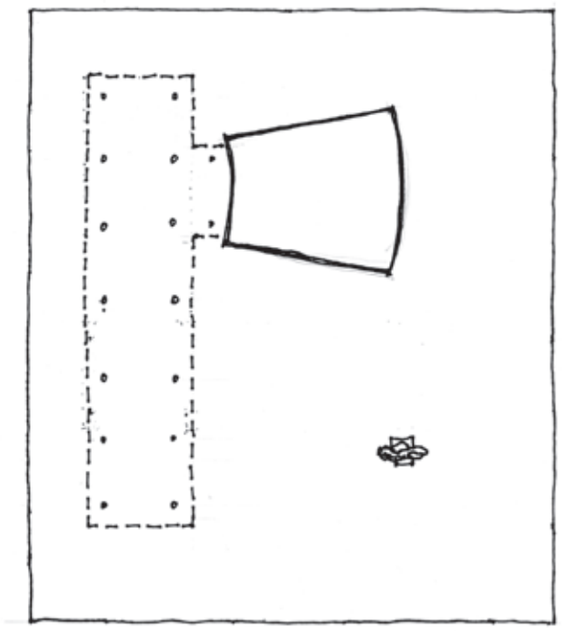
Os arquitetos brasileiros conseguiram convencer as autoridades brasileiras a convidar o arquiteto francês para opinar sobre esse primeiro projeto.

Le Corbusier se apropriou dessa solução de expor francamente o auditório como a peça hierarquicamente mais importante, alterando o bloco principal, mas sugeriu a implantação no terreno hoje ocupado pelo Museu de Arte Moderna (MAM), de Reidy.

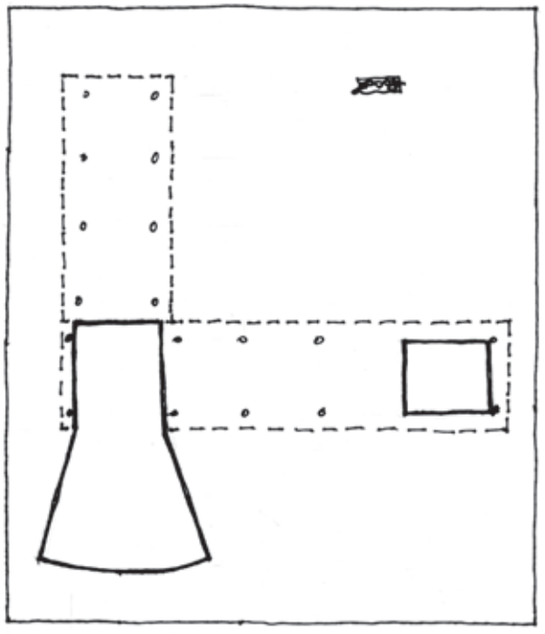
Com a recusa do Ministro em obter o terreno considerado, Le Corbusier, conservando ainda a relevância do auditório, fez um croqui às vésperas de sua partida, com um outro estudo na quadra.

Finalmente, numa proposta espontaneamente feita, o arquiteto Oscar Niemeyer, tentando adaptar o primeiro projeto de Le Corbusier ao terreno definitivo, apresentou a solução adotada finalmente por Lucio Costa.

Além desse projeto, os arquitetos brasileiros trabalharam com Le Corbusier em um projeto do campus da Universidade Federal, nesses escassos dois meses em que consistiram a estada do arquiteto no Brasil. Ver, a esse propósito, o livro *Os riscos do projeto*, de Matheus Gorovits.



2º Projeto Le Corbusier — terreno inicial na Esplanada do "Castelo". Solução essa aproveitada por Le Corbusier e Oscar Niemeyer para o edifício sede da ONU em Nova York. Por isso seus projetos puderam facilmente ser ajustados.



Projeto definitivo, equipe brasileira em que se incorporam as propostas iniciais da equipe brasileira e do primeiro projeto de Le Corbusier.

É impressionante a relação de obras notáveis dos discípulos brasileiros de Le Corbusier no período de pouco mais de dez anos:

- Ministério de Educação e Saúde 1936-1945;
- Edifícios de Pampulha, casa de Baile — Iate clube, Capela e Cassino — 1940-1943 (Oscar Niemeyer);
- Parque Guinle — 1950 (Lucio Costa);
- Conjunto de Pedregulho — 1952 (Affonso E. Reidy).

Não se pode deixar de anotar que Le Corbusier se inspirou em Oscar Niemeyer, ficando traços dessa absorção em pelo menos dois projetos: a capela de Notre Dame du Haut em Ronchamp, onde a luz e a estrutura são tratadas com o mesmo destaque da pequena capela de Pampulha, e a Assembléia de Chandigarh, onde em um mesmo edifício são usadas várias tramas de pilares, como o jovem arquiteto brasileiro usou no Cassino da Pampulha pela primeira vez, contrariando a malha proposta pelo arquiteto francês, desde as casas-dominó (1916).

Convém não esquecer, entretanto, que Le Corbusier absorveu duas estruturas novas em seus projetos de 1950 em diante: os parabolóides hiperbólicos de Candella, e os silos ingleses parabólicos, que por sua vez inspiraram a catedral de Brasília e o "espaço Niemeyer" no Havre.

Relacionamos os projetos principais de Reidy, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, pois eles constituíram o núcleo principal de discípulos de Le Corbusier, mas outros nomes como M. M. M. Roberto, Paulo Antunes Ribeiro, Atilio Correa Lima, Aldary Toledo, Carlos Frederico Ferreira, Sergio Bernardes e Acácio Gil Borsoi, Henrique Mindlin e Jorge Machado Moreira apresentaram nessas décadas relevantes contribuições.

Convênio Escolar

A arquitetura brasileira da escola corbusiana revelava no segundo pós-guerra uma espontaneidade de organizações espaciais que surpreendeu o mundo saído de uma das mais impressionantes hecatombes do período moderno. Por outro lado, o autoritarismo feroz do nazismo, do fascismo italiano e do militarismo japonês tinha sido derrotado.

No Brasil, os grupos autoritários tinham sido parcialmente alijados dos centros de decisão, promovendo-se uma nova Carta Constitucional. Havia um entusiasmo e uma esperança de grandes realizações e, talvez, a possibilidade de ingresso na sociedade dos países industrial e cientificamente avançados.

Era natural, quase se pode dizer que, constatada a enorme falta de escolas primárias na capital — devido à estagnação de mais de 20 anos, havia uma necessidade de 40 mil matrículas na cidade —, e aproximando-se a data de 1954, os órgãos decisórios da cidade e do Estado se reunissem, a partir de 1948, para dotar a cidade das escolas necessárias, em comemoração ao 4º Centenário da fundação da cidade.

Graças a uma feliz coincidência, os programas foram estabelecidos a partir das orientações filosóficas de Anísio Teixeira. E para dirigir o escritório técnico de projetos arquiteturais foi convidado o jovem arquiteto Hélio de Queiroz Duarte, recém-egresso de uma experiência de "educação progressiva" na Bahia, sob orientação do mesmo Anísio Teixeira. Participaram no início os arquitetos Eduardo Corona, Roberto Goulart Tibau, R. Carvalho Mange e

Oswaldo Correa Gonçalves. Mais tarde a eles se juntaram Ary G. Rosa, E. Monteiro, Pitombo e Lucio Grinover.

O programa proposto obedeceu a uma visão ampla do ensino, não mais como imposição de matérias, mas com conteúdos que atraíssem pela diversidade o interesse e a iniciativa das crianças. Do mesmo modo essa segunda geração de discípulos, simultaneamente de Le Corbusier e de Lucio Costa, mostra em seus projetos a absorção das lições do mestre francês, filtradas pelos arquitetos brasileiros. Compare-se a organização espacial das escolas do Convênio com a composição pavilhonar das escolas da década de 1930.

Também os recursos da modesta indústria de construção foram acionados: sempre que possível, foram utilizados elementos pré-fabricados, mesmo em peças estruturais como nos arcos dos galpões de algumas escolas.

As obras do Convênio Escolar, com seus "teatros distritais", já sugeriam centros cívicos regionais, e seus arquitetos, além de terem sido convidados para projetar escolas técnicas do Senai, com um colorido luminoso — bem distante das cores "pastel" das escolas antigas e talvez inspirado nas cores do edifício Louveira, projeto de Vilanova Artigas — foram convidados a integrar os quadros docentes da recém-fundada Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Essa experiência notável, única no Brasil e talvez na América, recebeu uma acolhida entusiástica por parte do casal Pietro Maria e Lina Bo Bardi, prestigiados responsáveis pelo Museu de Arte de São Paulo, em sua revista *Habitat*, nº 4 (1951), onde algumas escolas foram encontrar registro e divulgação. O editorial desse número assinado por Lina Bo foi dedicado ao Convênio, do qual destacamos os seguintes textos:

> *Acreditamos na possibilidade de evolução dos homens e na possibilidade de outro aperfeiçoamento de cada ser humano.*
> [...]
> *A escola-fortim, gótica, normanda ou sem estilo mas com denominador comum de edifício prisão, lembrando quase aos alunos que o estudo é um penoso dever, esta escola tornou-se longínqua e obsoleta.*[28]

Também colaboraram com artigos Anísio Teixeira, "Um presságio de progresso", o engenheiro José Amadei, "O que é o Convênio Escolar", e o arquiteto Hélio Queiroz Duarte, "O problema escolar e a arquitetura".

Apesar de todo entusiasmo pela arquitetura do Convênio por Lina Bo Bardi, o tom do artigo de Anísio Teixeira é menos eufórico; muito ao contrário, sob o título "Um presságio de progresso", o grande filósofo brasileiro da educação observava:

> *Reconheçamos, também, com Pascal que o homem é feito de tal modo que embora o sentimento anteceda o gesto, na sua ordem natural, o gesto pode gerar o sentimento. No Brasil, estamos a procurar este efeito.*
>
> *Façamos o gesto da fé para ver se a adquiriremos. A arquitetura moderna é esse gesto. Possam estes prédios escolares, concebidos em juventude, ardegos e elegantes como potros de raça, impacientes de dinamismo e de amor à vida, comunicar a educação e, pela educação, a existência brasileira, as suas finas e altas qualidades de inteligência, coragem e desprendida confiança no futuro. O Brasil precisa, para se realizar, de lirismo — que é a capacidade de se esquecer — e de virtude — que é a capacidade de se superar. A sua arquitetura moderna é uma lição magnífica dessas duas atitudes redentoras.*[29]

Mas nem essa modesta esperança se verificou. O Brasil assistiu a uma explosão criativa no âmbito da arquitetura, que ofuscou as etapas conseguidas — referimo-nos a Brasília a partir de 1956 —, mas não impediu que a escola continuasse a ser relegada ao último plano das preocupações políticas.

Em 1958, com o governo do íntegro governador Carvalho Pinto, uma última experiência de prédios escolares foi ensaiada através do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (Ipesp), na qual se destacou o arquiteto João B. Vilanova Artigas com os Ginásios de Itanhaém, Guarulhos e o edifício da FAU na Cidade Universitária, que encontrou ressonância em muitos jovens arquitetos. Mas a integridade do governador não impediu um primeiro movimento negativo que iria agravar-se nas décadas seguintes. Como vimos, as primeiras escolas republicanas, até 1920 pelo menos, foram amparadas em seus aspectos programáticos por intensas pesquisas educacionais e sanitárias desenvolvidas no século 19, e codificadas nos "Tratados de Arquitetura", anteriormente mencionados. Durante a década de 1930, as escolas de Enéas Silva no Rio de Janeiro e as de José Maria da Silva Neves e outros em São Paulo foram precedidas por reuniões de especialistas, interessados em aperfeiçoar os métodos e diretrizes didáticas; e fazer construções adequadas a transformações essenciais nos rumos da educação. As escolas do Convênio Escolar beneficiaram-se das proposições de Anísio Teixeira e da filosofia educacional de John Dewey. Nada semelhante ocorreu a partir de 1958. Não houve uma discussão dos rumos da educação desejável, nem dos recursos técnicos adequados ao ritmo de industrialização que o estado sofria, ou poderia se beneficiar. Os arquitetos foram convocados para colaborar em um ambicioso "Plano de Ação", sem dúvida positivo sob muitos aspectos, mas sem continuidade com a sociedade civil. Não houve interlocução entre os planejadores da política do Estado e seus executores. As escolas propostas, descontando os óbvios compromissos políticos locais e localistas, obedeceram a um programa rígido e, dada a premência do tempo para sua realização, não foram objeto de um debate enriquecedor. Parece que o único fator considerado foram os índices quantitativos, cabendo aos arquitetos, em geral, somente reproduzir, com maior ou menor felicidade, os modelos já ensaiados e consagrados pela então chamada "arquitetura moderna brasileira".

Apesar de descrevermos essa situação para as obras do Ipesp — encarregado maior da realização do "Plano de Ação" do governo Carvalho Pinto —, outros fatos estavam ocorrendo, muitos anteriores e que se encaminhavam no mesmo sentido. Basta consultar os dois planos elaborados pelo arquiteto Hélio

[28] EDITORIAL. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951.

[29] TEIXEIRA, Anísio. Um presságio de progresso. **Habitat**, nº 4, São Paulo, setembro-dezembro de 1951.

Duarte e equipe para duas universidades brasileiras: a Universidade de São Paulo (1956) e a Universidade de Santa Catarina (1956). Se no ensaio do mesmo arquiteto publicado pela revista *Habitat*, de 1951, todos os grandes educadores são citados, desde Comenius (século 17) até Anísio Teixeira e John Dewey, no século 20, nos dois planos acima, as considerações didáticas e pedagógicas, na melhor das hipóteses, encontram-se implícitas. Explícitas estão somente a distribuição no terreno, suas articulações viárias, áreas verdes e de lazer. Igualmente, quando em 1961 foram propostos um novo Plano Diretor para a Universidade de São Paulo, o seu campus da capital, e novos edifícios para as unidades de educação e pesquisa, não se elaborou um programa unitário, sem ser uniforme, e esses blocos permaneceram como unidades independentes, nada se beneficiando da condição universitária, a não ser pela proximidade física. Já naquela ocasião, Brasília propunha a discussão da universidade brasileira, com Darcy Ribeiro, e seu novo espaço, com Oscar Niemeyer. Como foi dito anteriormente, destacam-se os edifícios propostos por Artigas, nos quais se pressentia uma ideologia didática inovadora. Mas essa ideologia só foi formulada, em parte, pelo arquiteto, mais de dez anos depois, em um pequeno ensaio publicado na revista *Acrópole*, em 1970. E não frutificou em um debate programático público.

Podemos então dizer que, a partir de 1954, aproximadamente, o debate ideológico sobre arte e arquitetura, desenvolvido publicamente e largamente conhecido desde meados do século 18, durante todo o século 19 e século 20, estancava-se, abruptamente, mesmo tendo provado sua liberação criativa, capaz de enfrentar, até então, os mais intrincados programas sociais propostos pela nossa sociedade. Justifica-se então, para essa época, os versos de Drummond de Andrade:

Este é tempo de partido
Tempo de homens partidos.
[...]
No beco,
Apenas um muro,
sobre ele a polícia.
No céu da propaganda
Aves anunciam
A glória.[30]

Artigas e seus discípulos receberam o nome de "escola paulista", ou "brutalismo paulista", a nosso ver incorretamente pois percebe-se claramente, para quem quiser ver, a inspiração das proposições de Artigas em Reidy (Escola de Assunção, no Paraguai) e Niemeyer (Palácios de Brasília). É preciso reconhecer que a última e mais independente fase criativa de Artigas situa-se dentro da escola corbusiana da arquitetura brasileira.

A partir de 1960, principalmente depois de 1964, e durante toda a ditadura instalada em abril desse ano, o debate sobre diretrizes escolares foi eliminado. Tentativas didáticas, durante esse período sombrio, foram suprimidas, como a Escola Vocacional Oswaldo Aranha, numa atmosfera de terror pela possível "solerte infiltração de idéias subversivas".

O debate sobre as filosofias de ensino somente foi retomado no final da década de 1980. Simbólico dessa nova atitude foi o prêmio Moinho Santista atribuído ao educador Paulo Freire, ele que permaneceu boa parte de sua vida como perseguido e exilado pela ditadura brasileira.

De fato as proposições utópicas de John Dewey se atenuaram também no seu país de origem, sendo esquecidas durante mais de 20 anos no Brasil. A tal ponto que os próprios protagonistas se sentiram constrangidos em falar nelas, pois o livro de homenagem escrito por Hélio Duarte em 1973, acima citado, passa da experiência baiana de 1950 diretamente para as escolas-parque, de Brasília, sem se referir minimamente ao Convênio Escolar de São Paulo. E, quando o governador Leonel Brizola, na década de 1980, propôs sua escola, ninguém se lembrou de reconhecer na proposta do governador carioca as mesmas teses de Anísio Teixeira apresentadas meio século antes. O século 20 dissolveu todas as utopias por mais firmes que parecessem, como dizia o poeta Drummond: *"mas há uma hora em que todos os bares se fecham. E todas as virtudes se negam".*

Em nosso caso, podemos dizer que enquanto os dirigentes deste país acreditarem que professor é coisa descartável, os discursos educacionais serão... discursos.

Contudo, o alerta que esses homens lançaram continua verdadeiro e é repetido pelos cientistas atuais: ou a sociedade inicia a mudança do nosso atual sistema geral de vida ou o planeta nos mudará.

Cabe-nos pois, recolher as experiências do passado recente e dos avanços de nosso conhecimento atual para reafirmar um futuro de esperança que, indistintamente, todos desejamos para as próximas gerações.

Então, pelo menos no plano crítico, deve-se colocar o grande desafio do século 21: a formulação de uma pedagogia que favoreça a criatividade inata de todos os homens e os instrumentos para implementá-la e, como mero corolário, eliminação da dicotomia ainda vigente entre educação humanística e educação técnica, assumindo não como protagonista oculto o mercado de trabalho nem reduzindo a educação a um mero formador mecânico de mão-de-obra.

Podemos, nesse caso, acreditar que se realizará a proposta do poeta:

Um jeito só de viver,
Mas nesse jeito a variedade
A multiplicidade toda
Que há dentro de cada um.
Uma cidade sem portas
De casas sem armadilha,
Um país de riso e glória
Como nunca houve nenhum.
Este país não é meu
Nem vosso ainda, poetas.
Mas ele será um dia
O país de todo homem.[31]

[30] DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Nosso tempo. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: s. e., 1982.

[31] Idem. A cidade prevista. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: s. e., 1982.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. **O Garatuja**. Pará de Minas: Virtual Books, 2003.

AMADEI, José. O que é o Convênio Escolar. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951.

AMARAL, Cláudio. **John Ruskin e o desenho no Brasil**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2004.

BARBOSA, Ana Mãe. **Arte – Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1978; 2ª edição 1986.

_____. Arte – Educação. ZANINI, Walter (org.). **História geral da arte**. São Paulo: F. Moreira Salles, 1983.

BARBOSA, Rui. **Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública**. Prefácio de Américo Jacobina Jacombe. Rio de Janeiro: MES, 1947.

_____.**Reforma do ensino secundário e superior 1882**. Prefácio e revisão de Thiers Martins Moreira. Rio de Janeiro: MES, 1942.

CALKINS, N. A. Primeiras lições de coisas. Tradução da 18º edição norte-americana (1880) de Rui Barbosa, revista com a 40ª edição de 1884. BARBOSA, Rui. **Obras Completas de Rui Barbosa**. Prefácio de Lourenço Filho. Rio de Janeiro: MES, 1950.

CALÓGERAS, J. P. **Os jesuítas e o ensino**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1911.

CAMARGO, Mauro Álvaro de Souza. **Projectos de grupos, escolas reunidas e ruraes**. São Paulo: Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, 1920.

CAMPOS, Humberto de. **Memórias**. Primeira Parte – 1886-1900. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1960.

CLOQUET, Louis. **Traité d'architecture**. 5 volumes. Paris/Liége: Librairie Polytechmique, 1898.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Poesia e prosa. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro, s. e., 1982.

DUARTE, Hélio Queiroz. O problema escolar e a arquitetura. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951.

_____. **Roteiro de replanejamento** "Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira". São Paulo, s. e., 1956.

_____.**Considerações sobre a competência dos órgãos da FAU**. São Paulo: Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972.

DUARTE, Hélio Queiroz (organizador). **Teses acadêmicas**. Considerações. São Paulo: Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972.

DUARTE, Hélio Queiroz; MANGE, Ernest Roberto de Carvalho. **Contribuição ao ensino da arquitetura**. Tese apresentada ao 14º Congresso brasileiro de arquitetos. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1954.

DUARTE, Hélio Queiroz; MANGE, Ernest Roberto de Carvalho. **Plano da Cidade Universitária de Santa Catarina**. São Paulo, s. e., 1956.

ESHERICk, Joseph. Architectural education in the thirties and seventies – A personal view. Cap. 9. Kostof, Spiro (org.). **The architect**. Chapters in the history of the profession. Nova York: Oxford University Press, 1977.

GOROVITZ, Matheus. **Os riscos do projeto**. Prefácio de Julio Roberto Katinsky. São Paulo: EDUSP / Nobel, 1993.

GRANDJEAN, De Montigny Auguste. **Plan, coupe, élévation et details de la restauration du Palais des Etats et de sa nouvelle salle a Cassel, en Wesphalie**. Públié et grave au Trait Par Grandejean de Montigny Premier Architecte de S.M. Le Roi de Westphalie, ancien Pensionnaire de L'Académie française imperiale dês Beaux Arts à Rome. Paris: s. e., s. d. (c.1813).

GUIMARÃES, Ceça de. **Lucio Costa**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier** – Riscos brasileiros. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza e Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Nobel, 1987.

HITCHCOCK, Henry Russell. **Architecture**: nineteenth and twentieth century. 2ª edição. Harmondsworth: Penguin, c. 1963.

JEANNERET, Charles Eduard. (dit. Le Corbusier) e Ozenfant (diretores). **L'Esprit nouveau** – coleção completa – 1920-1924.

JEANNERET, Charles Eduard (dit. Le Corbusier). **Por uma arquitetura**. Tradução de Ubirajara Rebouças e Revisão crítica de Paulo Salles de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1973. (1ª edição francesa – 1924)

KATINSKY, Julio Roberto. Lucio Costa. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 12, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972. pp.33-58.

_____. O projeto de edifício como exercício escolar. **Caramelo**, nº 10, pp. 26-38, São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. Ensinar – Aprender – Por uma educação criadora. in GOUVÊA, L. A. C. e outros (organização). **Contribuição ao ensino da arquitetura e urbanismo**. Brasília: INE e PE, 1999.

_____. **Renascença** – Estudos Periféricos. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.

KATINSKY, Julio Roberto; SANOVICZ, Abrahão. **Desenho industrial e programação visual para escolas de arquitetura**. São Paulo: ABEA, 1977.

KENETH, Frampton. **Giedion in América** – Reflections in a mirror. Architectural Design, 51 – 6/7, Londres, s. e., 1981. pp. 45-52.

LE CORBUSIER. **Maneira de pensar o urbanismo**. Tradução de José Borrego. São Paulo: Europa América, 1969.

_____. **Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo**. Tradução de Carlos Eugenio Marcondes de Moura. Prefácio de Carlos A. Ferreira Martins. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. **Oeuvre complete**. Zurique: W. Boeziger, 1928-1970.

MARCILIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: I.B. / Imprensa Oficial, 2005.

MOTTA, Cássio. **Cesário Motta e seu tempo**. São Paulo: s. e., 1947.

MOURA CAMPOS, Candido. (organizador). **Novos prédios para grupo escolar**. São Paulo: Secretaria da Educação, 1936.

NOBRE, Ana Luiza e outros (organização). **Lucio Costa** – Um modo de ser moderno. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

OZENFANT, Amedee. L'atelier d'Ozenfant. **Aujourd'hui**, nº 51, s. l., s. e., nov. 1965.

PALUMBO DORIA, Renato. **Entre o belo e o útil**. Manuais de ensino de desenho no Brasil do século 19. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2004.

PESSOA, José (organizador). **Lucio Costa** – Documentos de trabalho. Rio de Janeiro: Iphan, 1999.

PINTO, Adolpho Augusto. **História da viação pública de São Paulo**. São Paulo: Vanordem, 1903.

POMPÉIA, Raul de Ávila. **O ateneu**. 4ª edição. São Paulo: Melhoramentos, s. d. (c.1967).

REYNAUD, Leonce. **Trité d'architecture**. Trosiéme edition. Paris: Dunod, 1870.

SEGAWA, Hugo. **Construção de Ordens**. Um aspecto da arquitetura no Brasil – 1808-1930. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, s. d.

_____. Hélio Duarte. **Arquitetura e Urbanismo**, nº 80, v. 14, out-nov, 1998, pp. 59-65.

_____. **Arquiteturas no Brasil** – 1900-1990. São Paulo: Edusp, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. Um presságio de progresso. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951.

_____. **Pequena introdução à filosofia da educação**. A escola progressiva ou a transformação da educação. 6ª edição. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

XAVIER, Alberto (organizador). **Lucio Costa** – Sobre arquitetura. Porto Alegre: GFAU, 1962.

WISNIK, Guilherme. **Lucio Costa**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

A construção da cidadania e da escola nas décadas de 1950 e 1960

Janice Theodoro da Silva

A Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) — subordinada à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo — reuniu neste volume imagens de alguns prédios escolares construídos no Estado de São Paulo nas décadas de 1950 e 1960. Diante deles, e a partir de algumas indagações de natureza morfológica e histórica, poderemos compreender um momento significativo da história brasileira. Como qualquer obra humana que resiste ao tempo, esses prédios são testemunhos importantes do momento histórico em que foram concebidos e construídos.

Nesses anos, que já podemos chamar de meados do século passado, arquitetos e educadores envolvidos com a construção dos edifícios escolares paulistas repensaram, criticamente, as matrizes européias e norte-americanas que inspiravam nossas políticas públicas de educação, tanto no que diz respeito aos projetos pedagógicos como aos arquitetônicos.

A arquitetura escolar das décadas de 1950 e 1960 nos permite visualizar essa reflexão por meio da forma, do volume e das técnicas construtivas. Alguns projetos criaram espaços que podiam ser utilizados para diferentes funções, procurando alterar o próprio conceito vigente de educação. Outros adotaram a horizontalidade, resultado não apenas dos avanços da tecnologia como também de um anseio de democratização da sociedade brasileira. A arquitetura de Vilanova Artigas é um exemplo dessa vontade política de transformar a sociedade. Ele concebeu o ginásio de Guarulhos a partir de uma grande cobertura e de pisos em harmonia com a topografia, integrando diversos espaços e mantendo a unidade das funções.[1] Nesse sentido, procurava-se, nos projetos renovadores dessas décadas, deixar para trás, deliberadamente, a verticalidade e a monumentalidade de muitas escolas da República Velha (1889-1930) que, de maneiras variadas, exprimiam uma sociedade profundamente hierarquizada.

Dessa forma, o resultado desse repensar, possível de ser elaborado cinco décadas depois, envolve não apenas uma política educacional como também as transformações e as contradições sociais, políticas e econômicas da sociedade brasileira, contidas em alterações significativas na linguagem arquitetônica. Nesse sentido, a explosão demográfica, a urbanização e a massificação são processos possíveis de serem compreendidos quando se avaliam o uso dos edifícios e a relação que os alunos e a comunidade circundante mantêm com eles.

Em suma, ao focalizar as construções escolares das décadas de 1950 e 1960, pretendemos compreender melhor não apenas a história da educação e das linguagens arquitetônicas nessas duas décadas, mas também a história política, social e cultural do Brasil, marcada pelo funcionamento de um Estado de tendência democrática cujos projetos visavam transformações sociais, em alguns casos, radicais — até 1964, é claro.

Antecedentes: as primeiras décadas das escolas republicanas

Desde meados do século 19, alguns grupos de intelectuais e políticos brasileiros passaram a pregar publicamente a necessidade de ajustar a sociedade a princípios iluministas e positivistas, que ganhavam força em países europeus e nos Estados Unidos desde o fim do século 18 e o início do 19. Entre esses princípios, estava a idéia de que o Estado deveria incumbir-se de promover a saúde e a instrução de seu povo, condição necessária e indispensável para a entrada de qualquer nação no seleto grupo dos povos considerados (por alguns) civilizados e desenvolvidos.

Após a Proclamação da República, em 1889, esses princípios deixaram de ser discursos de grupos minoritários — como ocorria na ordem imperial — e passaram a fazer parte da própria política e ideologia oficiais de nosso país. A instrução pública foi implantada no Brasil como parte do projeto das elites letradas que pretendiam criar uma nova sociedade. A população, alfabetizada e instruída, abandonaria as tradições arcaicas e adotaria princípios e comportamentos científico-racionais. Dessa maneira, supostamente, o Brasil se transformaria numa nação próspera e civilizada, tanto material quanto espiritualmente.

Para efetivar esses ideais, a partir de 1893 foram construídos os primeiros edifícios para os grupos escolares. Seus modelos arquitetônicos, com maiores ou menores alterações, foram empregados até os anos 1920. Esses grupos

[1] Cf. VALENTIM, Fábio Rago. **Casas para o ensino:** as escolas de Vilanova Artigas. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2003. p. 182.

ainda sobrevivem na lembrança de muitos brasileiros, mantendo sua presença e funcionamento em diversas cidades do Estado de São Paulo.[2] Num primeiro momento, eles expressaram as preocupações dos governantes da República Velha em legitimar suas políticas públicas. Após 1930, passaram a revelar, pelo número reduzido de escolas implementadas, as dificuldades em se alterar as configurações sociopolíticas brasileiras.

Infelizmente, o Estado não dispunha de instrumentos políticos e de condições para responder às transformações geradas pela crescente industrialização e urbanização do país. De qualquer forma, relembrar as escolas do final do século 19 e primeiras décadas do século 20 é importante para que se possa perceber a dimensão do espaço e do tempo por meio do confronto entre o passado e o presente.

> *... fachada grandiosa, hall de entrada primoroso, escadarias, duas alas, uma para meninos, outra para meninas, eixo simétrico, pátio interno, acabamento com materiais nobres, portas com bandeiras, janelas verticais grandes e pesadas, carteiras para dois alunos, relógio redondo com algarismos romanos e pêndulo, professoras competentes, diretor severo, recreio, exames escritos e orais, entrada e saída da escola, festas cívicas, hino nacional, hasteamento de bandeiras e declamação de poesias, uniforme azul e branco, caixa escolar, boletim de nota de comportamento e aplicação, medalhas de honra ao mérito aos melhores alunos, orfeão, cartilha, livro de leitura, brincadeiras, medo, alegria.*[3]

Se a imagem descrita acima traz, para alguns brasileiros, boas recordações, os números nos permitem avaliar a ausência da experiência escolar para muitos brasileiros. Estabelecendo proporções, teremos a idéia do desequilíbrio, ou seja, quantas crianças freqüentaram uma sala de aula e, principalmente, quantos brasileiros e brasileiras não tiveram sequer a chance de aprender a ler e a escrever. Em 1927, por exemplo, o número das matrículas globais em todo o território nacional era de 1.780.000 para uma população em idade escolar estimada em 4,7 milhões. No nível secundário, para uma população em idade escolar de 4.350.000, o número de alunos não excedia os 52 mil. No ensino técnico profissional, os alunos matriculados atingiam a cifra de 42 mil e no superior, em todo o país, somavam apenas 12.500.

Embora as escolas públicas se destinassem, em princípio, a toda a sociedade, na prática a maioria esmagadora delas foi construída nos bairros mais urbanizados das cidades para atender a grupos sociais que apoiavam as elites republicanas. Essa política favoreceu, principalmente, as classes altas e médias urbanas, que se identificavam com a idéia de progresso técnico-científico e com os ideais republicanos. Enquanto isso, a população que vivia no campo, ou nos bairros mais distantes dos centros urbanos, continuava analfabeta devido à ausência de uma rede escolar capaz de responder à demanda por vagas.

Esse é o cenário da educação brasileira que, de modo geral, caracterizou a República Velha.

Se pensarmos o Brasil de forma global, entre o final do século 19 e as primeiras décadas do século 20, a escola pública e leiga funcionava, preponderantemente, como um símbolo da possibilidade de transformações sociais, políticas e culturais do regime republicano. Entre as transformações apregoadas pelo novo regime político, uma das mais significativas era a substituição da relação entre súditos e governantes pela relação entre cidadãos e seus representantes. No entanto, o regime político atrelava a participação dos cidadãos na escolha dos representantes políticos à alfabetização e, dessa forma, limitava a participação política de grande parte da população brasileira. A escola pública da República Velha tornou-se, assim, uma das formas de acesso à cidadania, embora freqüentá-la fosse privilégio de poucos, e mesmo aqueles que tinham acesso a ela nem sempre podiam participar do processo de escolha dos representantes políticos, porque existiam outros limitadores, como a idade e o gênero sexual.[4]

Alguns edifícios escolares da República Velha, sobretudo os localizados nas áreas centrais das grandes cidades, eram imponentes, expressando, pelas suas próprias dimensões, a importância da escola pública, um dos símbolos de sustentação do recém-inaugurado regime político. Os grupos escolares destacavam-se na paisagem urbana e eram facilmente identificáveis em razão de uma certa padronização de suas fachadas, assim como outros edifícios de utilidade pública, como as estações ferroviárias.

Os edifícios escolares se caracterizavam pela simetria, empregada sobretudo para separar a ala masculina da feminina. Grandes janelas garantiam luz e ventilação à edificação, obedecendo aos novos preceitos de salubridade. Os edifícios eram altos, às vezes imponentes, o que os diferenciava daqueles que o circundavam. Com relação às formas de implantação, era freqüente a presença de porões, favoráveis à adaptação de projetos-tipo a topografias diversas. Quanto aos materiais construtivos, observa-se o emprego de tijolos de barro, de madeira, de pedra e de ferro, sobretudo no acabamento, pois esse material era o símbolo da modernidade e da Revolução Industrial, que chegava ao Brasil de forma lenta e geograficamente desigual.

Esses prédios abrigavam instituições que substituíram as chamadas escolas de primeiras letras do Império, conhecidas também como escolas unitárias, que reuniam alunos de diversos níveis de ensino em uma mesma sala, priorizando o atendimento individual, o exercício da leitura e a memorização. Diferentemente, as novas escolas republicanas dividiam os alunos em séries e preconizavam a aplicação do método intuitivo, que pretendia despertar a observação, o empirismo e o uso dos sentidos na criança. Essa nova forma de aprendizagem faria com que ela chegasse a compreender, cientificamente, o mundo em que vivia, desenvolvendo uma espécie de recapitulação do que consideravam ser, na época, a evolução do saber humano. No início da aprendizagem o aluno deveria observar o particular e concreto para depois chegar

[2] Os grupos escolares existiram até 1971, quando foram extintos pela Lei Federal nº 5692, que fundiu o ensino primário e o ginasial no chamado primeiro grau. Sendo assim, grande parte dos prédios escolares das décadas de 1950 e 1960, tema central deste artigo, ainda foi construída para abrigar a mesma estrutura escolar do início do século 20.

[3] BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e educação:** organização do espaço e propostas pedagógicas dos Grupos Escolares paulistas (1873-1971). São Carlos: Edufscar & Brasília: Inep, 2002. p. 18.

[4] A Constituição de 1891 determinava, de modo geral, que eram eleitores apenas os cidadãos — portanto homens — com mais de 21 anos que não fossem mendigos, analfabetos, militares ou eclesiásticos.

ao geral e abstrato.[5] As escolas republicanas também se diferenciavam das escolas unitárias pela existência de um currículo universal, que excluía o ensino cristão, pelo planejamento das atividades, pela avaliação sistemática do desempenho dos alunos por meio de exames padronizados — que eram verdadeiros acontecimentos cívicos — e pela nítida separação dos espaços destinados especificamente a cada uma das atividades.[6]

Essas características das escolas republicanas podem parecer, hoje, absolutamente "naturais". Isso porque são familiares às gerações recentes e, ademais, se justificariam por ser o resultado de uma suposta evolução nos métodos de ensino. No entanto, é importante observar que a implantação desse tipo de escola é expressão das transformações em curso nas esferas técnico-científica e produtiva do mundo ocidental, sobretudo a partir do século 19.

Tais transformações, que tiveram na fábrica e na linha de produção suas expressões paradigmáticas, influenciaram tanto a vida cotidiana como as relações sociopolíticas. É importante destacar a homogeneidade entre as idéias que gerenciavam as fábricas, o mundo técnico-científico e as escolas. Hoje, é visível como essas instituições e edifícios passaram, sucessivamente, a dividir suas dependências em espaços especializados: o da "produção" (de bens ou do ensino), o da recreação e o da administração, realizada por uma burocracia especializada. A meta a ser alcançada era a racionalização e o controle quantitativo dos processos produtivos, técnico-científicos ou educacionais.[7] O conhecimento científico — que deveria ser ensinado nas escolas republicanas — e o desenvolvimento da tecnologia fabril compunham as duas faces de uma mesma moeda no mundo ocidental. A segmentação do conhecimento e do processo produtivo era um pressuposto comum. O empirismo, a divisão e especialização dos saberes, a divisão do trabalho e, também, a visão do tempo como mercadoria[8] compunham uma complexa estrutura mental que caracterizava o pensamento moderno.

Apesar de o número de escolas ter crescido consideravelmente entre o começo do século 20 e o início dos anos 1930, não foi o suficiente para garantir a implantação de uma rede educacional que universalizasse a educação em âmbito nacional. A população crescia em ritmo vertiginoso e era grande o número de trabalhadores rurais que se transferiam para as cidades em busca de trabalho e de melhores condições de vida.[9] Os governantes paulistas da República Velha adotaram, como a maioria de seus sucessores nas décadas seguintes, medidas paliativas. Em 1904, reduziram o ensino primário em um ano (de cinco para quatro anos). Em 1908, duplicaram os turnos e reduziram a carga diária de aula em uma hora (de cinco para quatro horas). Em 1928, novamente, reduziram a carga de horas-aula para poderem oferecer três turnos em uma mesma escola.

O problema educacional era, de modo geral, prioridade apenas na retórica dos governadores e prefeitos paulistas. O problema da exclusão escolar cresceu constantemente, sobretudo na capital, onde a população praticamente dobrava de quinze em quinze anos. Em 1917 eram 500 mil habitantes, em 1933 eram 1 milhão, em 1950, 2 milhões e, em 1957, eram 3 milhões. O ritmo das construções urbanas também aumentava assustadoramente. Em 1920 ocorreram 1.875 novas construções, em 1930 ocorreram 3.922, em 1940, 12.490 e em 1950 ocorreram 21.600 construções.[10] Essas transformações ocorriam sem que a administração pública tivesse mecanismos adequados de controle e planejamento para ordenar um crescimento em ritmo tão acelerado, gerando um problemático inchaço urbano.

Diante de tal crescimento, as medidas paliativas não conseguiram amainar o problema da falta de vagas nas escolas públicas. Não apenas permanecia a defasagem entre o número de vagas e a demanda por escolas, como a qualidade do ensino havia decaído muito. Tendo em vista a gravidade do problema e a precariedade dos recursos disponíveis para a educação, os debates entre elites dirigentes e intelectuais tenderam a deixar de lado a qualidade do ensino. Seguindo o rumo da quantidade, as preocupações educacionais oficiais tornaram-se, basicamente, um problema de cifras do analfabetismo, que seria, segundo as elites intelectuais e políticas de então, um dos grandes responsáveis pela incapacidade do país em entrar na modernidade republicana e científico-tecnológica.

Um novo projeto político-pedagógico: a escola nova

A resposta oficial aos impasses em que vivia a educação no Brasil nos anos 1920 era limitar o problema apenas ao número de analfabetos. Em desacordo com as políticas em curso, um grupo de intelectuais iniciou um debate procurando demonstrar que a escola não deveria ser tratada apenas como o espaço da alfabetização. Seu significado era, segundo eles, muito maior. Tratava-se de criar uma escola capaz de ensinar os alunos a pensar e a atuar satisfatoriamente num mundo em transformação, como ocorria em qualquer nação que estivesse se industrializando.

Esse movimento ficou conhecido como Escola Nova e teve profunda influência nos debates político-pedagógicos das décadas seguintes, interferindo de maneira decisiva na concepção dos edifícios escolares que seriam construídos nas décadas de 1950 e 1960, tema central deste artigo.

---

[5] No Brasil, a primeira dessas escolas surgiu no sistema público na década de 1890 e, não coincidentemente, em São Paulo, uma das regiões mais importantes na composição de forças políticas da República Velha. O primeiro edifício projetado e construído especificamente para abrigar esse tipo de escola foi levantado na cidade de São Paulo em 1893. Trata-se da Escola Modelo da Luz (depois, Grupo Escolar Prudente de Moraes), projetada por Ramos de Azevedo. Essa escola foi destruída por um incêndio e em seu lugar foi construído um outro prédio escolar, projetado por Hélio Duarte na época do Convênio Escolar, tema que trataremos em detalhe mais adiante. Escolas republicanas inspiradas no projeto de Ramos de Azevedo multiplicaram-se na capital e nas cidades do interior do Estado de São Paulo e suas instalações, em geral, acompanhavam a expansão das ferrovias. Cf. BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida, op. cit.

[6] O currículo dessas primeiras escolas republicanas era composto, basicamente, por aritmética e geometria, linguagem, leitura, gramática e caligrafia, história e geografia, ciências físicas, químicas e naturais, higiene, desenho, exercícios ginásticos e trabalhos manuais — sendo estas duas últimas atividades exclusivas para os meninos.

[7] Além do mais, a separação programada entre trabalho e lazer também é algo típico das sociedades urbanas e industriais, que possuem como premissa básica de funcionamento a atuação sincrônica dos trabalhadores que participam das diversas etapas de um mesmo processo produtivo.

[8] Reunir os alunos em classes seriadas para que o professor lhes dedicasse atenção durante todo o período foi uma forma de evitar que alguns alunos ficassem ociosos enquanto o professor dedicava atenção individualizada a outros, que estariam em níveis diferentes, como ocorria nas antigas escolas unitárias. Essa mudança permitia que o professor concentrasse sua atenção numa fase do processo de escolarização — assim como um funcionário numa linha de produção — e que o tempo dos alunos não fosse desperdiçado com o ócio durante sua permanência na escola — o que pressupõe a existência da concepção do tempo-mercadoria.

[9] No princípio do século 20, em 1909, há 92 grupos escolares no Estado de São Paulo e 20 anos depois, em 1929, há 297 por todo o Estado, sendo 47 na Capital e 250 no interior. Nesse mesmo período, a cidade de São Paulo passou de menos de 500 mil habitantes, em 1917, para mais de 1 milhão, em 1933. Cf. BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida, op. cit.

[10] Cf. MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1970.

Anísio Teixeira[11] (1900-1971) foi um dos principais representantes do movimento Escola Nova em nosso país. Considerado um liberal influenciado por idéias de educadores dos Estados Unidos e da Europa e, ao mesmo tempo, simpatizante do movimento comunista do Rio de Janeiro, acreditava que a educação deveria ser um processo de contínua reorganização e reconstrução da experiência humana. Para isso, imaginava uma escola que, além de alfabetizar, formasse hábitos e atitudes, cultivasse aspirações e preparasse a criança para uma civilização técnica e industrial em transformação permanente.[12]

Os educadores e profissionais da educação escolanovistas, entre os quais também estavam Fernando Azevedo[13] (1894-1974), Manoel Bergstrom Lourenço Filho[14] (1897-1970) e Antônio Carneiro Leão[15] (1887-1966), fundaram, em 1924, a Associação Brasileira de Educação (ABE) e foram, alguns anos mais tarde, encarregados por Getúlio Vargas de preparar um plano educacional para o país. No entanto, Vargas executou uma reforma do sistema educacional brasileiro antes que o plano ficasse pronto. Os educadores reagiram lançando um manifesto que defendia uma escola primária pública, universal, leiga, obrigatória e gratuita. Além disso, a escolarização deveria adaptar-se às regiões brasileiras e ser integral, isto é, formar o aluno física, psicológica, moral e intelectualmente.

A coesão e a constância do movimento, aliadas à situação de precariedade dos edifícios e à insuficiência de vagas nas escolas públicas, resultaram em apoio da opinião pública a esses educadores. A partir dos anos de 1930, algumas das idéias propostas pelos escolanovistas foram colocadas em prática no Distrito Federal e nos Estados da Bahia, do Ceará e, também, em São Paulo. Os educadores envolvidos com esse movimento, a partir de alguns planos de renovação do ensino, construíram um modelo de organização espacial que deveria pautar a construção dos novos edifícios escolares, de modo que eles satisfizessem as necessidades das novas propostas pedagógicas.

No Estado de São Paulo, os preceitos da Escola Nova marcaram as atuações da Comissão Permanente de Educação, criada em 1934 no interior das Diretorias de Educação, vinculada ao setor de Viação e Obras Públicas. Essa comissão deveria resolver o problema da defasagem entre número de vagas e de alunos no Estado que mais crescia economicamente em todo o país. Entre as centenas de escolas que foram construídas, 11 grupos escolares projetados para a Capital destacam-se por seguir os novos preceitos pedagógicos da Escola Nova. Eles contavam com espaço para museu, biblioteca, sala de leitura e auditório, onde eram realizadas atividades político-culturais e dramáticas. Mas, infelizmente, esses edifícios foram exceções. A grande maioria deles, construídos em todo o Estado de São Paulo, entre os anos de 1920 e 1950, cerca de 400, não incorporou os preceitos da Escola Nova.

Apesar dos esforços de muitos educadores, as condições de funcionamento de muitos edifícios escolares tornavam-se cada vez mais precárias, em razão das constantes medidas paliativas que promoviam o atendimento de um número cada vez maior de alunos num mesmo espaço físico. Apesar do vigor da discussão político-pedagógica e da implementação de algumas escolas marcadas pelo ideário da Escola Nova, a defasagem entre

[11] Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité (BA), em 12 de julho de 1900. Estudou em colégios jesuítas tanto em Caetité como em Salvador. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, no Rio de Janeiro, em 1922. Em 1928, estudou na Universidade de Columbia, em Nova York, onde conheceu o pedagogo John Dewey. Em 1931, foi nomeado secretário de Educação do Rio de Janeiro. Em sua gestão, criou uma rede municipal de ensino completa, que ia da escola primária à universidade. Em abril de 1935, completou a montagem da rede de ensino do Rio de Janeiro com a criação da Universidade do Distrito Federal (UDF). Ao lado da Universidade de São Paulo (USP), inaugurada no ano seguinte, a UDF mudou o ensino superior brasileiro, mas foi extinta em 1939, durante o Estado Novo. Em 1935, perseguido pelo governo de Getúlio Vargas, Anísio refugiou-se em sua cidade natal, onde viveu até 1945. Em 1946, ele assumiu o cargo de conselheiro da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Com o fim do Estado Novo, voltou ao Brasil e tomou posse da Secretaria de Educação de seu Estado. Criou, em 1950, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador. Em 1951, assumiu o cargo de secretário-geral da Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (Capes) e, em 1952, ocupou o cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), onde ficou até 1964. Foi um dos idealizadores da Universidade de Brasília (UnB), fundada em 1961. Em 1963, tornou-se reitor da UnB. Com o golpe de 1964, foi para os Estados Unidos, lecionar nas universidades de Columbia e da Califórnia. Voltou ao Brasil em 1965. Morreu em 11 de março de 1971, A família de Anísio suspeita que ele possa ter sido vítima da repressão do governo do general Emílio Garrastazu Médici.

[12] As idéias de Anísio Teixeira basearam-se muito nas das obras de John Dewey (1859-1952), que defende um certo pragmatismo educacional. Cf. BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida, op. cit.

[13] Fernando de Azevedo foi, ainda muito jovem, professor substituto de latim e psicologia no Ginásio do Estado em Belo Horizonte. Depois, foi professor de latim e literatura na Escola Normal de São Paulo, de sociologia educacional no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo e catedrático do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Tornou-se professor emérito da referida faculdade da USP, diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1926-30) e, depois, da Instrução Pública do Estado de São Paulo (1933). Ocupou ainda os cargos de membro da Comissão Organizadora da Universidade de São Paulo (1934), de diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo (1941-42), de secretário da Educação e Saúde do Estado de São Paulo (1947), de diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, que ele instalou e organizou (1956-61), e de secretário de Educação e Cultura no governo do prefeito Prestes Maia (1961). Paralelamente a tudo isso, foi também redator e crítico literário de *O Estado de São Paulo* (1923-26), onde iniciou uma campanha por uma nova política de educação e pela criação de universidades no Brasil. No Distrito Federal (1926-30), projetou, defendeu e realizou uma reforma do ensino. Traçou e executou um largo plano de construções escolares, entre as quais estão as das ruas Mariz e Barros, destinadas à antiga Escola Normal, hoje Instituto de Educação. Em 1933, quando diretor geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, promoveu reformas, consubstanciadas no Código de Educação. Fundou, em 1931, e dirigiu por mais de 15 anos, na Companhia Editora Nacional, a Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB), da qual faziam parte a série Iniciação Científica e a coleção Brasiliana. Foi o redator e o primeiro signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em que se lançaram as bases e diretrizes de uma nova política de educação. Foi presidente da Associação Brasileira de Educação, em 1938, e eleito presidente da 8ª Conferência Mundial de Educação, que deveria realizar-se no Rio de Janeiro. Era membro correspondente da Comissão Internacional para uma História do Desenvolvimento Científico e Cultural da Humanidade (publicação da Unesco) e foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Sociologia, da qual foi presidente desde sua fundação (1935) até 1960. Foi também presidente da Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo.

[14] Lourenço Filho estudou em Santa Rita do Passa Quatro, Campinas, Pirassununga e, finalmente, na capital, onde se diplomou na Escola Normal Secundária, em 1917. Matriculou-se na Faculdade de Medicina para estudar psiquiatria mas abandonou após dois anos. Em 1919, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo e bacharelou-se em 1929. Em 1922, a convite do governo cearense, assumiu o cargo de Diretor da Instrução Pública e lecionou na Escola Normal de Fortaleza. A sua atuação no Ceará repercutiu no país e alguns pensadores da educação a consideram um germe dos movimentos nacionais de renovação pedagógica das primeiras décadas do século 20. De volta ao Estado natal, lecionou na Escola Normal de Piracicaba durante o ano de 1924. Em seguida, assumiu a vaga de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de São Paulo, função que ocupou por seis anos. Esteve presente nas Conferências Nacionais de Educação de 1927 e 1928, respectivamente em Curitiba e Belo Horizonte, onde apresentou suas idéias quanto ao ensino primário e à liberdade dos programas de ensino. Participou do grupo responsável pela elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. Exerceu cargos na administração pública federal. Foi chefe de gabinete de Francisco Campos (1931), diretor geral do Departamento Nacional de Educação (nomeado por Gustavo Capanema, em 1937) e diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1938-46). Com relação a sua visão política, convém lembrar que ele considerava o governo de Vargas como a possibilidade de modernização do Brasil. No cenário intelectual nacional, relacionava-se com Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Monteiro Lobato, Alceu Amoroso Lima, Almeida Jr., Sampaio Dória e Celso Kelly. Viveu seus últimos anos no Rio de Janeiro e, vítima de colapso cardíaco, faleceu em 3 de agosto de 1970, aos 73 anos.

[15] Antônio Carneiro Leão bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife em 1911. Foi professor de Filosofia na Universidade do Recife, de 1911 a 1914. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde prosseguiu na área da educação, como professor e administrador. Foi diretor geral da Instrução Pública no Rio de Janeiro (1922 a 1926), onde fundou a Escola Portugal, em setembro de 1924, e as vinte escolas com os nomes das vinte repúblicas americanas. Foi ainda autor da reforma da educação no Estado de Pernambuco, em 1928, secretário de Estado do Interior, Justiça e Educação do Estado de Pernambuco (1929-1930) e diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Distrito Federal, na administração Anísio Teixeira (1934). Criou e dirigiu o Centro Brasileiro de Pesquisas Pedagógicas da Universidade do Brasil.

o número de alunos e o número de vagas escolares continuou a crescer entre os anos de 1930 e 1940, em todo o Estado de São Paulo. Segundo o censo escolar de 1934, a população do Estado era de 6.433.327 habitantes e, entre eles, havia 1.137.091 indivíduos em idade escolar primária, isto é, entre 7 e 14 anos. No entanto, apenas cerca de 38% dessa população estava nas escolas.

A maioria das escolas paulistas, no final dos anos 1940, era constituída por barracões e prédios adaptados e, grande parte não contava sequer com espaços e equipamentos mínimos necessários ao seu funcionamento.

O número de excluídos do sistema escolar era assustador. Essa situação levou muitos intelectuais e políticos, especialmente os que acreditavam no papel civilizador e de integração social da escola, a refletir sobre a instabilidade do equilíbrio social brasileiro e sobre o perigo do rompimento da ordem vigente. Ante essa situação, as idéias de Anísio Teixeira encontram eco, sobretudo ao afirmar que "*... a educação é um processo de estabilidade social e apenas secundariamente de ascensão social*".[16]

Uma sociedade estratificada e paternalista que marcava as hierarquias pela majestade de seus edifícios públicos precisa se rever. As elites ancoradas no poder construíam poucas escolas que, segundo Anísio, ensinavam as crianças e adolescentes a serem apenas obedientes e terem um certo domínio da vontade. Essa escola, freqüentemente com vocação ornamental, segundo ele, deveria ser substituída por uma outra, que visasse ao desenvolvimento de uma consciência crítica, ou seja, uma escola que levasse os alunos, a partir da compreensão dos desafios cotidianos, a compartilhar a construção do bem comum considerando as diferentes aptidões e capacidades individuais.

Em suma, podemos dizer que Anísio Teixeira imaginou a sociedade ideal como uma macroescola, isto é, uma sociedade que seria regida por distinções e oportunidades baseadas no mérito — uma espécie de meritocracia. A sua proposta é clara:

> *Façamos do nosso sistema escolar um sistema de formação do homem para os diferentes níveis da vida social. Mas com um vigoroso espírito de justiça, dando primeiro aos muitos aquele mínimo de educação, sem o qual a vida não terá significado nem poderá sequer ser decentemente vivida, e depois, aos poucos, a melhor educação possível, obrigando, porém a estes poucos a custear, sempre que possível, pelo menos parte dessa educação, e, no caso de ser preciso ou de justiça, pelo valor do estudante, dá-la gratuita, caracterizando de modo indisfarçável a dívida que está ele a assumir para com a sociedade. A educação mais alta que assim está ele a receber não lhe dá direitos nem o faz credor da sociedade, antes lhe dá deveres e responsabilidades, fá-lo o devedor de um débito que só a sua produtividade real poderá pagar.*[17]

O trecho acima também deixa claro que Anísio Teixeira via na educação pública, gratuita e universal a melhor alternativa para a transformação da sociedade. Em suas palavras, a "*educação sempre se apresentou como alternativa para a revolução e a catástrofe, mas, para isto, é necessário que não se faça ela própria um caminho para o privilégio ou para a manutenção dos privilégios*".[18]

De forma geral, esses eram alguns dos problemas e idéias político-pedagógicos que marcaram as décadas de 1930 e 1940. Em fins dos anos 1940, época em que São Paulo já se consolidava como a maior potência industrial e financeira da federação, criou-se um convênio entre o Estado e a Prefeitura da capital que pretendia solucionar o problema da falta de vagas no município — onde se concentrava a maior parte do déficit de vagas do Estado — antes das comemorações de seu 4º centenário, em 1954. Embora não tenha sido capaz de zerar o déficit de vagas, o chamado Convênio Escolar realizou mais de 700 construções destinadas à educação — entre escolas, galpões, bibliotecas, parques infantis e teatros — e contribuiu para alterar o modo de conceber e executar a construção de edifícios escolares, consolidando, nos projetos, a presença de princípios da Escola Nova. Esses são alguns dos temas tratados a seguir.

Políticas institucionais da década de 1950: o convênio escolar

As décadas de 1950 e 1960 foram extremamente significativas para a história brasileira, tanto do ponto de vista internacional como do nacional. Terminada a Segunda Guerra Mundial e o Estado Novo (1937-45), a vida política e econômica brasileira sofreu profundas alterações. Pela primeira vez em nossa história, a população urbana, que vinha crescendo constantemente, ultrapassou a rural e manteve altos índices de crescimento.

Nessas duas décadas, diversas empresas multinacionais se instalaram no Brasil, especialmente as de veículos automotores, transformando a paisagem brasileira, tanto urbana quanto rural. As rodovias e os veículos automotores tornaram-se cada vez mais necessários para a nova lógica de circulação de bens, serviços e pessoas. Se em 1950 existiam 63 mil veículos em São Paulo, em 1966 o número chegava a 415 mil.[19]

Entre as principais transformações urbanas ocorridas nessas décadas, destaca-se a verticalização da cidade de São Paulo e a concomitante expansão da área urbana do município. O impacto social e econômico da urbanização e da industrialização favorecia à proletarização da mão-de-obra, rural e urbana, e não alterava, substancialmente, as desigualdades econômicas. Segundo Antonio Candido, "*... tipos rurais e urbanos são bruscamente rea-*

[16] TEIXEIRA, Anísio. A Educação escolar no Brasil. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; PEREIRA, Luiz. **Educação e sociedade** (leituras de sociologia da Educação). 5ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970. p. 396. Nesse mesmo sentido, afirma também que "*A educação escolar é uma necessidade, em nosso tipo de civilização, porque não há nível de vida em que dela não precisemos para fazer bem, o que de qualquer modo sempre teremos de fazer. Deste modo, a sua função é primeiro a de nos permitir viver eficientemente em nosso nível de vida e, somente em segundo lugar, a de nos permitir atingir um novo nível, se a nossa capacidade assim o permitir. Se toda educação escolar visar sempre a promoção social, a escola se tornará, de certo modo, repito, um instrumento de desordem social, empobrecendo de um lado, os níveis mais modestos de vida, e, por outro lado, perturbando excessivamente os níveis mais altos, levando-lhes elementos que, talvez, não estejam devidamente aptos para o novo tipo de vida que a escola acabou por lhes facilitar. Palavras duras essas, sem dúvida, mas temos de dizê-las, pois os países subdesenvolvidos são os que mais rapidamente se deixam perder pela miragem da educação como exclusivo processo de promoção social. E este será, sem dúvida, o mais grave defeito de todo o nosso sistema escolar*". Ibidem, p. 397.

[17] Ibidem, p. 412.

[18] Ibidem, p. 412.

[19] Cf. MORSE, Richard, op. cit., p. 373.

proximados no espaço geográfico e social, participando num universo que desvenda dolorosamente as discrepâncias econômicas e sociais".[20] O crescimento da população em ritmo acelerado se fez acompanhar pela desintegração dos laços de solidariedade que existiam anteriormente no campo. Ao mesmo tempo, o Estado se mostrava incapaz de desenvolver políticas que proporcionassem outras formas de integração social. O resultado foi um aumento da tensão social e das reivindicações por serviços públicos, os quais não atingiam as populações mais pobres ou recém-chegadas às grandes cidades. Com relação à zona rural, o problema era ainda muito mais grave, porque o número de analfabetos era enorme e a ausência de escolas um problema endêmico.

Para tentar corrigir a defasagem entre o número de alunos e de vagas escolares disponíveis na capital econômica e financeira do país, foi assinado, em 1949, um convênio entre o governo do Estado de São Paulo e a Prefeitura da capital. Por meio dele, a Prefeitura comprometia-se a aplicar 20% dos recursos arrecadados no sistema de ensino, e destes, 72% na construção, aquisição, adaptação e conservação de imóveis e prédios destinados ao ensino. Pretendia-se que a Prefeitura, por meio do Convênio Escolar, cumprisse a Constituição de 1946, que fixava percentuais de investimento na educação. O funcionamento e a administração das novas escolas não seriam alterados, ou seja, continuariam nas mãos do governo estadual.[21]

O Convênio Escolar vigorou, efetivamente, até 1954 e, formalmente, até 1959. Resultou na construção de cerca de 70 edifícios escolares, 500 galpões provisórios, 30 bibliotecas, 90 recantos infantis e 20 parques infantis, além das reformas e do trabalho de conservação.[22] De forma geral, até 1960, a responsabilidade pela construção dos prédios escolares no Estado de São Paulo esteve a cargo da Diretoria de Obras Públicas (DOP). Por ocasião do Convênio, foi criada uma Comissão Executiva que atuava de forma relativamente independente do DOP, planejando e acompanhando as obras que seriam executadas pela prefeitura da capital. Com o fim do Convênio, a partir de 1954, a responsabilidade pela construção das escolas, além de continuar nas mãos do DOP, passou também para a Comissão Municipal de Construções Escolares, no âmbito da capital, e para o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (Ipesp).[23]

As escolas construídas pelo Convênio Escolar incorporaram algumas idéias de Anísio Teixeira e de outros educadores ligados à Escola Nova, traduzindo-as para uma linguagem arquitetônica. Hélio de Queiroz Duarte (1906-1989) foi um dos arquitetos-chefe da Comissão Executiva do Convênio e assumiu o desafio de transformar as novas necessidades pedagógicas em projetos arquitetônicos. Além dele, inúmeros arquitetos participaram do Convênio Escolar, tais como Eduardo Corona (1921-2001), José Roberto Tibau, Oswaldo Corrêa Gonçalves e Ernest Robert de Carvalho Mange,[24] ex-estagiário de Le Corbusier. Sem dúvida, esse grupo marcou a arquitetura moderna paulistana dos anos de 1950, tanto do ponto de vista construtivo como pelas soluções plásticas.

O Convênio Escolar de São Paulo ocorreu em um momento de grande debate político-cultural em todo o país. Desde 1946 a Constituição Federal previa que era competência da União legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Portanto, era necessário reformular o sistema educacional em todo o país. Para encontrar uma solução adequada, o governo federal criou uma comissão de educadores dispostos a estudar e propor uma reforma geral da educação. Esses estudos resultaram em um projeto de lei que entrou em discussão na Câmara Federal em 1948. Após um longo período de disputas entre grupos políticos de esquerda e direita, que durou dez anos, o projeto resultou na Lei das Diretrizes e Bases (ou Lei nº 4.024), votada em dezembro de 1961.[25] Os projetos e obras do grupo de arquitetos que atuou no Convênio Escolar refletiram os debates, as utopias e os problemas sociais que caracterizaram a história brasileira e paulista dos anos de 1950.

Uma idéia-mestra que presidiu os trabalhos do Convênio foi a negação do caráter de monumento republicano dos edifícios escolares, que vigorou em muitas construções até, pelo menos, os anos 1920. Como mencionamos antes, as novas concepções arquitetônicas dos edifícios escolares apresentavam influências dos princípios da Escola Nova. Pretendia-se formar um novo homem, capaz de se adaptar a uma sociedade industrial e tecnológica em constante transformação. Nesse sentido, a escola passou a ser vista como um equipamento básico para o funcionamento eficiente de uma sociedade urbano-industrial.

Para formar esse novo homem, era necessário construir uma escola com outros equipamentos e que partisse de uma concepção de espaço renovada. A nova escola fundamentava-se, também, em uma nova concepção de cidade, influenciada por princípios socialistas ou social-democratas. Na nova cidade imaginada por essa geração de arquitetos, todos seriam alfabetizados e escolarizados e iniciariam seus estudos com igualdade de oportunidades, rom-

[20] CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 2ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

[21] Cf. AMADEI, José. O que é Convênio Escolar. **Habitat,** nº 4. São Paulo, set-dez de 1951. p. 3.

[22] Cf. BUFFA, Ester ; PINTO, Gelson de Almeida, op. cit.

[23] O Ipesp começou a atuar como órgão construtor de escolas, ao lado da Diretoria de Obras Públicas, em 1957. Entre 1957 e fevereiro de 1959, antes do início do Plano de Ação, o Ipesp construiu 51 Grupos Escolares e 24 ginásios (escolas secundárias). Cf. **A execução do programa de construções escolares**. Secretaria da Educação – Fundo Estadual de Construções Escolares. São Paulo, janeiro de 1963 (texto datilografado disponível na biblioteca da FAU/USP). Veremos que depois, em 1960, foi criado o Fundo Estadual de Construções Escolares (Fece), parte do Plano de Ação do governador Carvalho Pinto. O Fece foi desativado em 1975, sendo então substituído pela Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo (Conesp), por sua vez, substituída pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) em 1987. Cf. Ibidem.

[24] Ernest Robert de Carvalho Mange (São Paulo 1922-2005). Pintor, arquiteto e urbanista. Estuda, de 1936 a 1938, com Torquato Bassi (1880-1967), cursa engenharia civil na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), de 1940 a 1945, e estagia no escritório do arquiteto Rino Levi (1901-1965). Com bolsa do governo francês, faz estágio no ateliê do arquiteto Le Corbusier (1887-1965), entre 1947 e 1948. Em 1951, estagia no ateliê de escultura de Caetano Fraccaroli (1911-1987), em São Paulo. Em 1953, vai para Lisboa como representante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e do Instituto dos Arquitetos do Brasil no 3º Congresso da União Internacional de Arquitetos. De 1943 a 1968, leciona na Escola Técnica Getúlio Vargas, na FAU e na Escola Politécnica. Além dessas atividades, atua como presidente do Conselho Estadual de Obras Públicas do Estado de São Paulo, de 1966 a 1969; diretor-presidente da Empresa Municipal de Urbanismo (Emurb), de 1975 a 1979; presidente do Conselho Técnico e Conselho Administrativo da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB), de 1977 a 1978; primeiro titular da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano (SEHAD), de 1977 a 1979; e diretor-superintendente do Instituto Cultural Itaú (ICI), atual Instituto Itaú Cultural, de 1987 a 1997.

[25] Na fase final desse processo, Carlos Lacerda apresentou um projeto substitutivo que não permitia o monopólio estatal da educação, mantendo-a aberta para a participação das instituições privadas. O resultado de toda essa discussão não gerou grandes alterações, pois se manteve a estrutura tradicional do ensino (composto de pré-primário, primário, médio e superior) e a existência das instituições privadas de ensino e educação. A Lei de Diretrizes e Bases de 1961 também não estabeleceu um currículo fixo para todo o território nacional. Cf. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil** (1930/1973). 26ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

pendo com um passado marcado pela diferenciação e exclusão social. Nesse sentido, a escola se tornaria parte de um espaço público mais democrático e expressão de uma nova sociedade.

Alguns arquitetos defendiam que os edifícios escolares deveriam se caracterizar pela simplicidade das formas e pelo tamanho moderado, incorporando os jardins a uma disposição horizontal do prédio, fazendo com que eles não se destacassem demais na paisagem urbana.[26] Essa tipologia deveria garantir que os volumes da edificação não ultrapassassem as dimensões do corpo humano em uma proporção que gerasse a idéia de monumentalidade, que era vista por alguns desses arquitetos como típica de uma sociedade excessivamente hierarquizada.

A revista *Habitat*, nº 4, que apresenta os resultados arquitetônicos do Convênio, expressou a intenção dessas mudanças e o papel revolucionário e simbólico contido na integração da vegetação, como um elemento do conjunto arquitetônico:

> *Não à escola-monumento, escola fortim que infunde respeito e que aparece às tenras fantasias das crianças como algo de tenebroso, de áulico e até de inimigo. (...) As escolas do Convênio Escolar são amplas, horizontais, espaçosas no meio de jardins, são um convite amigável para as nossas crianças...*[27]

Muitos arquitetos envolvidos nesses projetos consideravam que suas construções contribuiriam para a transformação da sociedade. "*É possível que um ambiente modernizado imponha, de certo modo, por si mesmo, uma reforma do ensino*", afirma Hélio Duarte, um dos maiores entusiastas das idéias de Anísio Teixeira a participar do Convênio Escolar.[28] Essa transformação passaria obrigatoriamente pela universalização da escola. Muitos intelectuais, nesse período, partilhavam de uma visão evolucionista da história, que vinculava a aquisição de conhecimento obrigatoriamente às instituições escolares e à escrita. Por essa razão, consideravam o analfabetismo como uma forma de enfermidade ou manutenção de pensamentos primitivos.[29]

Hélio Duarte esteve uma temporada em Salvador, antes de 1944, quando se estabeleceu em São Paulo. Na cidade baiana entrou em contato com Anísio Teixeira e com o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, instituição criada pelo educador que reunia características de escola e de parque. Nesse centro, as crianças permaneciam por período integral e realizavam, além das aulas e práticas esportivas, uma série de atividades que o educador chamava de socializantes. As atividades desse centro não se restringiam às crianças, jovens e professores, mas envolviam toda a comunidade.

Em São Paulo, Hélio Duarte trabalhou no Convênio Escolar e foi presidente da subcomissão de Planejamento Escolar entre 1950 e 1952. Atuou também como professor de Composição de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Em sua tese, *Espaço flexível: uma tendência em arquitetura*, defendeu a industrialização da construção e a flexibilização dos espaços, sempre tendo em vista a racionalização do processo construtivo.

Embora tenha sido notável o trabalho dos arquitetos ligados ao Convênio Escolar, é importante notar que essa elite intelectual atuou de maneira desvinculada dos educadores da rede de ensino. Em geral, limitaram-se a ouvir as aspirações dos delegados de ensino por meio de algumas perguntas preestabelecidas.

O Convênio Escolar deixou de atuar significativamente após 1954, embora tenha existido formalmente até 1959, como mencionamos acima.[30] Nesse período, o problema do déficit de vagas foi significativamente minimizado na capital, mas não deixou de crescer no interior do Estado de São Paulo. Em 1960 eram apenas 109 os prédios feitos de alvenaria, de propriedade pública e construídos como escolas na capital, de um total de 267, e 1.022 no interior, de um total de 1.578 (ver Quadro 1, p. 48). Os demais eram barracões de madeira ou prédios adaptados que não conseguiam atender o enorme crescimento da população do Estado, sobretudo da população urbana.

Para termos uma idéia desse crescimento populacional e urbano, basta dizer que em 1950 haviam 9.134.423 habitantes no Estado de São Paulo (52,6% deles na zona urbana) e em 1960 esse número havia passado para 12.974.699 (62,8% deles nas cidades). Ao findar a década de 1960, seriam 17.958.693 habitantes no Estado (80,4% deles nas cidades).[31]

Para que possamos avaliar a natureza dessa transformação, basta observar o crescimento do movimento sindical, marco significativo das mudanças em curso. A medida do crescimento das consciências políticas pode ser aferida pelo aumento do número de sindicatos e, também, pelo número de trabalhadores sindicalizados. Se, em 1947, o número de assalariados afiliados a sindicatos era de 797.691 em todo o Brasil, o auge das filiações ocorreu entre 1961 e 1963, quando o total de sindicalizados atingiu o número de 1,2 milhão. O número de greves também cresceu, bem como a porcentagem de adesão a elas. Por exemplo, em 1953, metalúrgicos, têxteis, vidreiros, gráficos e trabalhadores da indústria de papel iniciaram uma greve que durou dez dias e que contou com a participação de 400 mil grevistas. Como resultado, os trabalhadores obtiveram 25% de aumento em seus salários.[32] Esse clima, marcado por profundas transformações sociais e políticas, prevaleceu até março de 1964, com o golpe militar.

Nesse contexto, caracterizado por migrações internas, explosão demográfica nas cidades e crescimento das organizações sindicais e lutas políticas populares, as pressões por escolas cresceram e se tornaram foco de debates políticos e do público em geral. Além disso, tais pressões atingiram os

---

[26] Cf. KOK, Glória ; outros (organizadores). **São Paulo 450 anos**: de vila a metrópole. A escola e a cidade. São Paulo: Bei, 2005.

[27] As arquiteturas do Convênio Escolar. **Habitat**, nº 4. São Paulo, set-dez de 1951, p. 17.

[28] DUARTE, Hélio. O problema escolar e a arquitetura. **Habitat**, nº 4. São Paulo, setembro-dezembro de 1951, p. 4.

[29] Hélio Duarte chega a dizer que "*A insuficiência mental de nosso povo não tardaria a desaparecer, se os problemas de instrução e educação merecessem dos nossos governos um interesse maior...*". Ibidem, p. 6.

[30] Entre as razões para o fim dessa iniciativa, estaria a realocação de parte da verba da educação para a construção do parque do Ibirapuera, o que teria levado Hélio Duarte a pedir demissão, pois tornaria impossível cumprir a meta inicial do Convênio. Outra razão teria sido a criação do sistema municipal de ensino primário, o que gerou conflitos entre as administrações municipal e estadual — antes, o município apenas construía e o Estado cuidava do funcionamento do sistema de ensino. Cf. BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida, op. cit.

[31] Cf. ibidem.

[32] Cf. RODRIGUES, Leôncio Martins. Sindicalismo e Classe Operária. In: **História da civilização brasileira**. vol. III – O Brasil Republicano. Sociedade e Política 1930-64. São Paulo: Difel, 1981, pp. 550-1.

meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, recém-chegada ao país, e obtiveram apoio da opinião pública.[33]

Na segunda metade da década de 1950, o governo do Estado adotou medidas paliativas, nada originais, como a construção de mais galpões, o aumento do número de períodos de funcionamento das escolas e a diminuição da carga horária diária e do número de anos do ensino primário, que chegou a ser reduzido para dois anos durante um quadriênio. Os dois quadros a seguir sintetizam a situação da rede escolar paulista na passagem da década de 1950 para a de 1960. O Quadro 1 apresenta a situação dos prédios que alojavam os grupos escolares.[34] Nele podemos perceber que cerca de um terço desses grupos funcionavam em barracões de madeira ou em construções que não haviam sido concebidas para abrigar uma escola.

Quadro 1: Prédios para grupos escolares estaduais existentes em 1960

Tipo de prédio	Capital	Municípios: mais de 50 mil habitantes	Municípios: menos de 50 mil habitantes	Total no Estado
Prédios de alvenaria, de propriedade pública e construídos especialmente para escola	109	218	804	1.131
Barracões de madeira ou prédios de alvenaria adaptados	158	164	392	714
TOTAL	267	382	1.196	1.845

O Quadro 2 apresenta a situação de funcionamento das escolas de Ensino Secundário e Normal, das quais cerca de um terço funcionava em prédios adaptados ou em edifícios construídos originalmente para abrigar grupos escolares. Nesse caso a situação era um pouco melhor, pois não havia barracões de madeira.[35]

Quadro 2: Prédios de escolas estaduais de Ensino Secundário e Normal em 1959

Tipo de prédio	Capital	Municípios: mais de 50 mil habitantes	Municípios: menos de 50 mil habitantes	Total no Estado
Prédios de alvenaria, de propriedade pública e construídos especialmente para escola	14	41	212	267
Barracões de madeira ou prédios de alvenaria adaptados	70	7	50	127
TOTAL	84	48	262	394

[33] Segundo Mayumi Watanabe Souza Lima, a importância política que os dirigentes deram ou não à pressão das exigências populares e às necessidades da reprodução da força de trabalho relacionaram-se muito com o fato desses problemas terem ganhado o status de debate público e midiático. Em suas palavras, "*Nesse aspecto essencial, as soluções de emergência, sistematicamente adotadas pelo Estado para a expansão da rede de ensino, mostram que a abertura dos serviços educativos ao acesso das camadas subalternas somente ocorreu quando à exigência do mercado se somaram as pressões populares, identificadas nos movimentos de moradores, e estes não conseguiram ser contornados, ameaçando tornar-se assunto público, isto é, atingindo a opinião de outros setores da sociedade*". SOUZA LIMA, Mayumi Watanabe de. **Arquitetura e educação**. São Paulo: Nobel, 1995. p. 75.

[34] Cf. **A execução do programa de construções escolares**. Secretaria da Educação – Fundo Estadual de Construções Escolares, op. cit., p. 17.

[35] Cf. ibidem.

Em 1959, frente às pressões políticas, o governador Carvalho Pinto[36] (1910-1987) e sua equipe elaboraram o chamado Plano de Ação para a área educacional. Esse plano visava atender a toda a demanda de ensino primário do Estado, incorporando a totalidade das crianças em idade escolar. Ao mesmo tempo, o plano propunha um período maior de permanência dos alunos na escola.

Apesar dos quase 600 prédios escolares construídos pelo Ipesp, as metas iniciais não foram cumpridas integralmente, sobretudo nas zonas rurais do Estado.[37] Além disso, a política educacional esteve voltada, basicamente, para a inclusão do aluno na escola, sem que se discutisse o que seria uma educação de qualidade.

Políticas institucionais da década de 1960: os escritórios de arquitetura

Para executar o Plano de Ação, foi criado o Fundo Estadual de Construções Escolares (Fece), em 1960, que tinha entre suas principais metas fazer um diagnóstico da rede física escolar, bem como "mapear" o déficit de vagas por região e criar formas de padronizar as licitações e os programas arquitetônicos para baixar o custo das obras — esta última tarefa foi postergadas e concretizou-se já na época da Conesp.[38] O Plano de Ação lançou mão de outros órgãos construtores além da DOP, como o Ipesp, que apesar de ser o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, atuava com construções escolares desde 1957.[39] O Instituto delegou a realização dos projetos de arquitetura dos futu-

[36] Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto nasceu em 15 de março de 1910, em São Paulo. Ingressou em 1927 na Faculdade de Direito de São Paulo, pela qual se formou em 1931. Entre 1938 e 1945, durante o Estado Novo, foi assessor jurídico da prefeitura de São Paulo na administração de Francisco Prestes Maia, permanecendo no cargo até 1947. Em 1953, foi nomeado para a Secretaria de Finanças da prefeitura de São Paulo, no início da gestão de Jânio Quadros. Quando Jânio foi eleito para o governo estadual, Carvalho Pinto tornou-se secretário estadual de Finanças. Em 1958, foi eleito governador de São Paulo com o apoio de Jânio Quadros. Apoiou a candidatura de Jânio nas eleições presidenciais de 1960. Durante a grave crise decorrente da renúncia de Jânio em 25 de agosto de 1961, e agravada pelo veto dos ministros militares à posse do vice-presidente João Goulart, Carvalho Pinto e outros governadores reuniram-se com os chefes militares para buscar uma solução capaz de preservar a ordem constitucional. A fórmula encontrada foi a aprovação pelo Congresso da Emenda Constitucional nº 4, que instituía o regime parlamentarista. Carvalho Pinto deixou o governo paulista em fevereiro de 1963, passando à condição de ministro do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. Em junho de 1963, foi convidado pelo presidente João Goulart a assumir o Ministério da Fazenda. Empossado no cargo, Carvalho Pinto procurou diminuir a quantidade de dinheiro circulante, reduzir o déficit federal e controlar a concessão de crédito. As pressões dos banqueiros se somaram às críticas contra a nova orientação financeira. Carvalho Pinto pediu demissão em dezembro de 1963. Nessa época, as articulações contra Goulart estavam avançadas. Convidado a aderir ao movimento, Carvalho Pinto lançou um manifesto em 19 de março de 1964 declarando que as reivindicações impostas pela justiça social estavam "*lançando o povo nos braços de demagogos e aventureiros*". Em 31 de março, apoiou o golpe militar que derrubou Goulart. Com a edição do Ato Institucional nº 2 (27/10/1965), que extinguiu os partidos políticos, e a posterior implantação do bipartidarismo, em 1966, se filiou à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido governista pelo qual se elegeu senador por São Paulo nesse mesmo ano. Em 1974 não foi bem sucedido na sua tentativa de reeleição. Morreu em São Paulo em 21 de julho de 1987.

[37] O atendimento das zonas rurais ficaria preferencialmente a cargo das prefeituras. O objetivo desse plano era construir 3 mil salas de aula nas escolas existentes, que atenderiam 240 mil alunos, e mais 4 mil salas de aula para 320 mil novos alunos, o que supostamente eliminaria o déficit e proporcionaria o atendimento da demanda pelos próximos quatro anos. Cf. **A execução do programa de construções escolares**. Secretaria da Educação – Fundo Estadual de Construções Escolares, op. cit.

[38] Adotar um sistema desse tipo significa normatizar e determinar de modo exato todas as partes, geometrias, características, materiais e procedimentos envolvidos na construção de um prédio escolar e em seus equipamentos de funcionamento.

[39] A Lei Estadual nº 5.444, de 17 de novembro de 1959, dispõe sobre as medidas de caráter financeiro relativas ao Plano de Ação do Governo, e dá outras providências, como o montante a ser gasto nas obras estaduais durante o quadriênio 1959-1962.

ros prédios escolares a escritórios paulistanos, bastante envolvidos com propostas modernistas.

Essa prática rompeu a tradição anterior, pela qual a responsabilidade dos projetos ficava a cargo de funcionários públicos. Para a Secretaria de Educação do Estado, essa mudança visava ampliar a rede escolar segundo critérios quantitativos, isto é, respondendo proporcionalmente à demanda real por vagas em cada região; e não a partir de uma reivindicação desta ou daquela comunidade junto a políticos do legislativo e do executivo. Segundo relatório da Secretaria, esse clientelismo gerou um grande desequilíbrio na distribuição das escolas secundárias, que existiam em excesso no interior, sobretudo nas pequenas cidades, e eram insuficientes nos grandes centros urbanos.[40]

O Plano de Ação procurou racionalizar a distribuição de verbas para as construções escolares com base numa avaliação quantitativa, superando, assim, as reivindicações das comunidades e o clientelismo político. O aumento e a distribuição das vagas eram calculados em razão da demanda de alunos, que eram alocados na rede escolar de forma a utilizá-la no seu limite máximo. O resultado dessa equação foi, mais uma vez, a queda na qualidade de ensino, sobretudo nas escolas que operavam com um número menor — e talvez ideal — de alunos.

Do ponto de vista arquitetônico, alguns prédios escolares paulistas construídos nos anos 1960 pelos escritórios paulistanos seguiam os padrões dos edifícios inaugurados pelo Convênio Escolar e seus antecessores. A estrutura mantinha blocos separados para salas de aula, para a administração e para as atividades recreativas e socializantes.

Já outros prédios, projetados por escritórios de arquitetura cujos participantes consideravam a arquitetura como uma linguagem política, consolidaram o uso de elementos arquitetônicos extremamente modernos. Utilizando recursos criados por novas tecnologias, criaram formas extremamente renovadoras que procuravam revolucionar o conceito de escola. O edifício escolar deixou de ser considerado como um objeto isolado do contexto para se tornar parte integrante da sociedade e, portanto, um espaço cujas funções integrariam as atividades escolares à vida da comunidade. Vale a pena ressaltar que a importância desses projetos está em sua capacidade de expressar um novo conceito de escola, bem distante daquele que pretendia con-formar o indivíduo a um modelo tradicional e preconcebido de educação e sociedade.

À medida que a forma do edifício escolar expandia as áreas de convívio, valorizava-se o diálogo privilegiando-se a troca de conhecimento e não a repetição de um discurso unívoco e de vocação pedagógica em torno de saberes e conhecimentos preestabelecidos. Portanto, tratava-se de conceber um espaço com o mínimo de fronteiras, tanto entre os professores e os alunos como entre a escola e a comunidade. Nesse sentido, dotavam as construções de corredores mais largos, com bancos, pátios amplos e praças internas. Em suma, uma estrutura capaz de fazer com que os espaços livres e de fácil circulação possibilitassem e simbolizassem a cooperação, ou seja, um comportamento mais integrador e crítico com relação à própria sociedade da qual a escola era fruto. Em suma, tratava-se de conceber uma arquitetura que, ao revolucionar o espaço, permitisse a crítica a todo o corpo social por meio da intensificação dos contatos e, principalmente, pela troca constante de papéis entre os usuários do edifício.

Um dos arquitetos que caracterizou o modo desses escritórios conceberem e planejarem um prédio escolar foi João Batista Vilanova Artigas (1915-1984), responsável pela construção do prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, inaugurado em 1969, e de várias escolas estaduais e privadas.[41]

Durante o período do Plano de Ação, o diálogo entre arquitetos e pedagogos continuou a ser escasso ou quase inexistente. Talvez o distanciamento entre esses profissionais tenha sido resultado de diferentes e inconciliáveis concepções de educação e de escola. Por um lado, estariam os pedagogos que mantinham uma concepção da escola como um espaço de preparação do indivíduo para que ele, posteriormente, estivesse apto a integrar a sociedade. Essa preparação dizia (e ainda diz) respeito a uma conformação a algo determinado previamente. Por outro lado, estariam os arquitetos, como Vilanova Artigas, que projetavam escolas visando o deslocamento das antigas funções do edifício escolar para, propositadamente, "desorganizar" o modelo constituído anteriormente. Em outras palavras, poderíamos dizer que o deslocamento era o espaço da crítica. A intenção desses arquitetos era que a mudança de função permitisse aos usuários do edifício desconstruir o campo simbólico que tradicionalmente vinculava uma forma a uma função.

Convém destacar que a crítica à arquitetura moderna, muitas vezes, não nos deixa perceber o que estava sendo realmente discutido, ou seja, o que era para cada autor de um projeto educar e em que medida a forma por ele criada expressava a sua concepção de educação. É o que parece ocorrer na crítica de Ester Buffa e de Gelson de Almeida Pinto:

> *Assim, se por um lado, os edifícios exteriormente fossem imponentes e se apresentassem em toda a plenitude moderna estampada nas formas geométricas simples e no concreto aparente, por outro lado, interiormente, apesar da proposta moderna evidenciada pelas ruas e pátios internos, certos detalhes importan-*

[40] Segundo texto da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, "*O processo de construção de um prédio escolar em uma localidade qualquer, via de regra, era iniciado com gestões de representantes do local a ser beneficiado, junto aos setores políticos da administração estadual. Atuando diretamente junto ao Executivo, ou indiretamente, através de deputados, ou outros agentes da política estadual, as localidades pleiteavam junto ao Governo a autorização para a execução das obras reivindicadas. Quando essa autorização era obtida, as providências passavam a depender de órgãos da Secretaria da Educação, que indicavam o terreno e o tipo de prédio à Diretoria de Obras Públicas, responsável pela execução das obras. Não havia planos gerais de construções escolares, e apenas a Diretoria de Obras Públicas era utilizada como órgão construtor*". O resultado era que aos 6.756.966 habitantes dos municípios com mais de 50 mil habitantes, em 1960, ofereciam-se apenas 55 prédios de ensino secundário e para os 6.217.733 habitantes dos municípios com menos de 50 mil habitantes ofereciam-se 212 prédios. Cf. **A execução do programa de construções escolares**. Secretaria da Educação — Fundo Estadual de Construções Escolares, op. cit., p. 11.

[41] As escolas públicas projetadas por ele são: EE Adamastor de Carvalho (Utinga, Santo André), EE Conselheiro Crispiniano (Guarulhos), EE Jon Theodoresco (Itanhaém), EE Júlio Espíndola de Castro (Jaú), Centro Integrado de Educação Pré-Primária de Vila Alpina, EE Jardim Oiti, EE Joaquim Nabuco, EE Jardim Paulista, EE Jardim Chapadão, EE Conceiçãozinha, EE Agenor de Campo, EE Parque Boa Esperança, EE Sete Praias, EE Parque Ludovico, EE Jardim Flor do Campo e EE Vila Menck. Também projetou o prédio do Colégio Doze de Outubro, escola particular no bairro de Santo Amaro.

tes foram negligenciados, exatamente, entendemos nós, por essa distância entre arquitetos e pedagogos no momento da definição do programa das escolas.[42]

Nesse sentido, diferentemente desses autores, que apontam uma certa contradição entre as propostas modernistas de arquitetura e o cotidiano escolar, considero que a discussão proposta diz respeito a diferentes concepções de educação e de escola, ou seja, não se trata de contradição, mas de premissas diferentes sobre o que significa educar ou para que serve a escola.

Para grande parte dos pedagogos e profissionais envolvidos no cotidiano escolar, os aspectos negligenciados pela arquitetura moderna provavelmente dizem respeito à perfeita adaptação do edifício a sua função de con-formação do aluno. Portanto, banheiros distantes das salas de aula poderiam gerar, por exemplo, problema de disciplinas para o professor. Mas qual é a distância ideal entre uma sala de aula e um banheiro? O banheiro não seria, na escola tradicional, o lugar de um certo perigo moral? E, nesse sentido, ele não precisaria estar próximo do espaço do professor ou de outros funcionários para ser mais bem controlado e para que o aluno retornasse rapidamente à sala de aula? Mas, se a escola passou a ser vista pelos arquitetos modernistas e por uma série de intelectuais como o lugar apropriado para se levantar questões e críticas sociais, talvez essa fosse uma questão que merecesse ser discutida. A discussão sobre o tema permitiria o surgimento da dúvida de que as coisas tinham um sentido determinado e um lugar fixo. Como dizia Roland Barthes, dominar é formalizar.[43] A escola era, e ainda é em muitos casos, o lugar do exercício da formalização, o lugar onde se aprende como se deve pensar e agir a partir de um modelo preconcebido e considerado ideal.

Portanto, revolucionar o conceito de escola significava ir às raízes e desconstruir a lógica do modelo precedente, permitindo a multiplicidade de sentidos para um mesmo objeto arquitetônico. Desse modo, não se trata de contradições da arquitetura moderna, mas de uma vontade consciente de tornar explícito um movimento de pensamento capaz de questionar os estereótipos responsáveis pelo desenho padrão de escola.

Em suma, convém observar que as discussões em relação às propostas e práticas pedagógicas, tanto na década de 1950 quanto na de 1960, estavam centradas nas proposições defendidas pela Escola Nova, que nem sempre correspondiam aos anseios de alguns arquitetos. Embora o debate de natureza político-cultural já estivesse delineado por volta dos anos 1930, ele não pôde vir à tona no meio educacional durante a ditadura de Vargas. Nesses anos, além da repressão e censura do Estado Novo, o tema em pauta era a defesa da escola pública, leiga e gratuita, em oposição às escolas confessionais e particulares, bem como a formação de uma identidade nacional homogênea.

Posteriormente, em um momento privilegiado de liberdade política, o debate se radicalizou entre aqueles que estavam ansiosos por rupturas e renovações das estruturas político-econômicas e sociais e aqueles que desejavam apenas mudanças que permitissem a inserção de todos os brasileiros na escola. Portanto, a questão era: Que tipo de escola queremos? Uma escola para conservar o status quo ou para revolucionar as estruturas da sociedade?[44]

* * *

Embora a escolarização fosse considerada um prerrequisito para a existência de mão-de-obra qualificada, o que lhe garantia o apoio das elites econômicas à universalização do sistema escolar, as políticas governamentais não conseguiram responder a esse desafio, nem mesmo em São Paulo, a região mais industrializada do país. A mesma proposta, isto é, a necessidade de um capital humano qualificado, foi defendida pelos militares após 1964, mas também não resultou numa melhor qualidade de ensino e tampouco em sua universalização efetiva.[45] Mais uma vez, a utopia da ascensão social e econômica, por meio da escola, desaguava no pântano das injustiças sociais.

Para que estas palavras não soem apenas como metáfora, basta lembrar que em 1971, quando a cidade de São Paulo possuía mais de 6 milhões de habitantes, o déficit de salas de aula chegou a 4.500 em todo o Estado. Muitas das escolas existentes funcionavam precariamente, comportando 40 alunos por sala, oferecendo seus cursos em quatro períodos consecutivos, sem zeladoria,[46] laboratório ou quadra esportiva. A situação era tão crítica que na capital, em 1971, apenas 40% das escolas possuíam quadra esportiva.[47]

A situação da rede escolar física do Estado de São Paulo ficou ainda mais precária depois da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971), que promoveu a junção do primário e do ginásio no chamado primeiro grau, fazendo com que muitos prédios dos grupos escolares primários recebessem alunos de outras faixas etárias, sem a menor adequação de suas construções ou mobiliário.[48]

Outro problema que merece ser citado era (e ainda é) o afunilamento do número de alunos a cada série escolar cursada. Na cidade de São Paulo,

[42] Entre esses detalhes, estariam a existência de bibliotecas entre as salas de aula e a de sanitários distantes, além de problemas de conforto térmico e acústico, que eram preteridos em função das formas arquitetônicas que caracterizariam a adoção de padrões arquitetônicos modernos. BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida, op. cit., p. 141. Os arquitetos da Secretaria de Educação do Estado que escreveram o relatório de atividades do Fece atribuem, simploriamente, essa falta de diálogo à incompreensão dos educadores em relação às funções dos arquitetos:"*Tem sido praticamente nulo o diálogo entre arquitetos e educadores, ignorando esses últimos, quase que totalmente, a função dos primeiros no processo de concepção de um prédio escolar*". **A execução do programa de construções escolares**. Secretaria da Educação – Fundo Estadual de Construções Escolares, op. cit., p. 103.

[43] Cf. BARTHES, Roland. **O obvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1984.

[44] Foi somente na década de 1970 que surgiram críticas capazes de abalar de vez o otimismo em relação à escola, sobretudo a produzida pelos sociólogos franceses. Essas críticas mostravam como a instituição escolar e seu funcionamento eram parte dos mecanismos de reprodução da ordem social e, portanto, de suas desigualdades. Cf. BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida, op. cit.

[45] Após 1964, as mudanças no desenvolvimento econômico parecem ter atingido de modo mais incisivo o debate educacional, levando à formulação da oposição entre eficácia e produtividade *versus* educação pré-capitalista. Tais mudanças concretizaram-se após 1964 nas redefinições das funções do Estado e no convênio entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Agency for International Development dos Estados Unidos (Usaid), que pretendia dar um sentido objetivo, prático e pouco crítico ao sistema educacional brasileiro. Cf. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, op. cit.

[46] Hoje, a necessidade de zeladoria nas escolas públicas é um assunto polêmico. Embora muitas escolas solicitem a presença de um zelador morando na escola, como medida de proteção, parece que a presença desse funcionário nem sempre resulta em melhor conservação do edifício.

[47] Cf. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, op. cit.

[48] Cf. KOK, Glória; outros (organizadores), op. cit.

de mil crianças matriculadas na primeira série primária em 1960, apenas 125 (isto é, 12,5%) ingressaram no ensino superior em 1970, ou seja, 11 anos mais tarde, período suficiente para terem cumprido o ensino primário, ginasial e colegial.[49]

É importante destacar que, mesmo assim, a situação do Estado de São Paulo e de sua capital era uma das melhores do país. Para termos uma idéia, entre 1950 e 1971, o Brasil teve 9.566.886 matrículas no início do primeiro ano escolar e apenas 262.907 ingressos no ensino superior, isto é, menos de 3%. O Quadro 3 nos permite ter a proporção dessas matrículas em relação ao total da população do país entre 1950 e 1970, bem como do impressionante crescimento dos habitantes das cidades, o que contribuiu para que a zona rural fosse, de modo geral, sempre preterida nos programas e planos educacionais.[50]

Quadro 3: Dados comparativos da população e do sistema educativo brasileiro em 1950 e 1970

CATEGORIA DE DADOS	1950	1970
População total do país	51.944.397	93.204.379
População economicamente ativa	17.117.362	29.245.293
População empregada na indústria	2.468.866	5.263.805
Densidade demográfica	6,14	11,8
População urbana	36%	56%
Analfabetos com mais de 15 anos	50%	33,1%
População em idade escolar (5 a 24 anos)	23.817.548	43.592.810

Em suma, a universalização da rede escolar, a alfabetização de todos os brasileiros e a transformação da escola num local onde se desenvolveria a cooperação e a meritocracia ou, por outro lado, o pensamento crítico e a revolução social, foram temas constantes na história recente do Brasil. Vários projetos foram encaminhados por diferentes partidos e por diversos regimes políticos, mas infelizmente nenhum deles logrou êxito total, seja em relação à universalização da rede ou à alfabetização. Em termos nacionais, uma parte considerável dos edifícios escolares, sobretudo os situados na periferia das grandes cidades e nas zonas rurais das regiões mais pobres, ainda é composta por edificações bastante precárias.

O que é prioritário, hoje? Por onde começar? Pela reforma da escola, do Estado, das mentalidades ou da sociedade?

O esforço em direção da alfabetização de todos os brasileiros é um objetivo em vias de se realizar. Grande parte dos brasileiros foi, ainda que precariamente, alfabetizada ao longo do século 20, como podemos ver, comparativamente com outros dados, no Quadro 4.[51]

[49] Cf. BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida, op. cit.

[50] Esses dados baseiam-se em informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e foram obtidos em ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, op. cit.

[51] Cf. PISA 2000. **Relatório nacional**. Brasília: Ministério da Educação e Inep, 2001, p. 15.

Quadro 4: Indicadores demográficos e econômicos e taxa de alfabetização no Brasil entre 1900 e 1999

Indicador	População	Densidade demográfica	PIB anual*	PIB anual *per capita*	% população	% analfabetos urbana**
1900	17.438.434	2,05				65,3
1920	30.635.605	3,6				66,9
1940	41.236.315	4,84				56,2
1947			66.913.967			
1950	51.944.397	6,1	84.432.638	1.625	36,2	50
1960	72.757.000	8,34	172.135.485	2.366	45	39,5
1970	96.021.000	11,36	313.521.807	3.262	56	32
1980	140.940.000	14,39	716.584.421	5.890	66	25
1990	147.940.000	17,49	837.744.590	5.663	75	19
1999	167.970.000	19,86	1.040.854.073	6.197	81	15,8

* valores em R$ de 2000
** maiores de 15 anos

Esse direito, assegurado pela Constituição a todo o cidadão brasileiro, está em fase de conclusão. Agora, o grande desafio é a qualidade do ensino.

Existe luz no meio do túnel.

Ao iniciar este novo século 21, o discurso sobre os problemas da educação brasileira pode, finalmente, ser alterado. As políticas públicas em curso de avaliação do sistema escolar permitem um diagnóstico bem detalhado, sendo possível, caso haja vontade política, reconhecer as escolas com maiores dificuldades e intervir para melhorá-las.

Embora permaneça a polêmica entre arquitetos, administradores, comunidades de bairro e organizações não-governamentais, observa-se, nesta última década, um processo crescente de aproximação e identificação da comunidade com a escola, o qual tem produzido, em algumas regiões urbanas e rurais, exemplos bastante estimulantes que podem se tornar referência para a superação dos problemas atuais.

Com relação aos projetos, as escolas pensadas originalmente como espaços abertos para a comunidade enfrentaram, com freqüência, muitos problemas. Em razão deles, muitos administradores interferiram nos projetos originais. Essas alterações, antes de serem criticadas, devem ser analisadas pelos arquitetos, urbanistas e pedagogos como indicadores que devem interferir na constituição de novas políticas públicas. Afinal, o desejo de muitos arquitetos era a interlocução com a sociedade. Os prédios foram construídos e a comunidade, com o que ela tem de bom e ruim, está ali, integrada na escola. A história dessa relação está inscrita na forma do edifício e nas paredes das escolas, e ela nem sempre é como gostaríamos que tivesse sido.

Qual o melhor caminho para o diálogo? Como criar identidade entre a escola e a comunidade na qual ela está inserida?

Realizar projetos pedagógico-arquitetônicos e manter as escolas funcionando bem continuam sendo desafios que nos obrigam a abrir os olhos e

compreender as contradições da sociedade contemporânea. É preciso cuidar dos edifícios, do mobiliário, do material de informática e, especialmente, dos professores, dos alunos e da comunidade que cerca a escola. Mas, é preciso, também, cuidar para que a população tenha uma visão da complexidade do sistema educacional e do significado político do que é educar, para que a educação não seja identificada apenas com fins imediatos e pragmáticos. A possibilidade de ascensão social, por exemplo, muitas vezes contribui para legitimar a competição e um modelo social injusto e cruel, no qual a culpa do "fracasso" é atribuída apenas ao indivíduo. A inclusão social, mesmo nos países ricos, ainda é um sonho com matizes ideológicos.[52] A educação formal não diluiu as barreiras dos mais diversos tipos de estratificação econômica, social e, principalmente, cultural, tanto no Brasil como em países da Europa ou nos Estados Unidos.

No entanto, para a maior parte dos brasileiros, a utopia da ascensão social ainda continua sendo o móvel que leva os alunos à escola e estimula os pais a cuidar para que seus filhos concluam os estudos. A alfabetização não é mais um sonho distante, é uma possibilidade concreta. Agora o sonho refere-se à Universidade, que teve recentemente um enorme crescimento em nosso país, mas cuja qualidade, como ocorreu anteriormente com a educação primária e secundária, é, em muitos casos, duvidosa.

Linguagens pedagógicas e linguagens arquitetônicas: o desenho como política pedagógica

Na sociedade moderna, a escola representa o cerne, o eixo em torno do qual se formam cidadãos capazes de, por meio do Estado, fazer valer um ordenamento político consoante com a vontade da maioria.

É freqüente analisarmos as transformações e valores de uma sociedade a partir de textos políticos, produzidos por sua elite. O mesmo não ocorre em relação às formas dos objetos, porque não existe uma relação simples e estável entre forma e conteúdo,[53] cujo sentido é dado pela força da tradição e dos seus significados históricos,[54] perceptíveis apenas na média ou longa duração. Se perguntarmos, a qualquer pessoa, para que serve uma escola, ou qual a sua importância, creio que será fácil obter uma resposta à questão. Mas, se quisermos buscar a gênese da idéia a partir do edifício, o trajeto da reflexão será bem mais complexo, porque o exercício de leitura envolve a transformação de uma categoria em signo, racionalizado por uma cultura em um determinado momento histórico. Um exemplo poderá esclarecer a proposição. Freqüentemente o modelo ideal de sala de aula é uma porta e quatro paredes, estrutura que deve favorecer a concentração do aluno durante as aulas. Embora a assertiva possa parecer correta, esse significado atribuído a uma sala de aula pode dificultar a interlocução. O professor, nesse cenário, se transforma em modelo ideal e não numa possibilidade. Essa discussão (de alterar a forma para gerar interrogação sobre o significado) está presente em alguns prédios construídos entre 1950 e 1960. Portanto, a adequação de uma forma a uma função é apenas uma hipótese. Podem existir outras que respondam a outras demandas, reais ou imaginárias.

Dois conceitos de educação para diferentes projetos

Os prédios escolares das décadas de 1950 e 1960, móveis centrais desse estudo, devem ser analisados como um objeto que torna inteligível a sociedade da qual faz parte e, convém ressaltar, não como o seu reflexo. É a análise desse objeto que nos permite perceber a presença de dois projetos — Convênio Escolar e Plano de Ação/Ipesp — que não podem ser compreendidos apenas como uma continuidade, porque seus pressupostos nem sempre são os mesmos.

Os projetos coordenados por Hélio Duarte responderam a um tipo de inquietação social, vinculada à formação de um homem capaz de viver em um mundo técnico-industrial em transformação constante. Já as propostas arquitetônicas de Vilanova Artigas relacionavam-se a outro tipo de inquietação, ou seja, à formação de um homem que seria o vetor de uma profunda transformação social.

Qual o lugar da diferença?

Para construir este trajeto de análise, que tem as escolas das décadas de 1950 e 1960 como documento fundador, é necessário retomar as características históricas e arquitetônicas dos edifícios nesse período.

Arquitetonicamente, as escolas paulistas construídas nos anos 1930 e 1940 não apresentam grandes mudanças em relação às suas predecessoras das décadas passadas. No entanto, alguns projetos romperam, pelo menos em parte, com os modelos arquitetônicos anteriores, como os de José Maria da Silva Neves, que optou por formas geométricas, concreto armado, estrutura independente da vedação, recreio coberto sob pilotis e grandes aberturas envidraçadas. Essas foram algumas das transformações que serviram de base para as alterações dos edifícios escolares nas décadas seguintes.[55]

Durante os anos 1950 as condições políticas nacionais e internacionais permitiram o reconhecimento de uma arquitetura propriamente brasileira. As idéias e os ideais que estavam na base desses projetos respondiam a um movimento mundial, cuja interlocução era ampla e envolvia nomes como Frank Lloyd Wright (1867-1959),[56] Walter Gropius (1883-1969), Ludwig Mies Va Der Rohe (1886-1969) e Le Corbusier (1887-1965), entre outros.

Os projetos renovadores

Qual o papel desses projetos renovadores?

Realizar a crítica social por meio do próprio objeto arquitetônico.

---

[52] Basta lembrar os problemas enfrentados pelas escolas, especialmente de periferia, na França em 2005, onde o grande tema em discussão é como realizar um processo de inclusão social.

[53] BARTHES Roland. **O grão da voz**. Lisboa: Edições 70, 1982, p.63.

[54] "*O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda operação com documentos, portanto, é de natureza retórica.*" MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista. História e cultura material**. Nova série, vol. 2. São Paulo: Museu Paulista, jan-dez, 1994. p. 21.

[55] Cf. BUFFA, Ester ; PINTO, Gelson de Almeida, op. cit.

[56] Vale a pena lembrar que Frank LLoyd Wright faz parte de uma geração que deixou um legado muito importante. Ao pensar uma arquitetura orgânica, ele pretendeu desenvolver o conceito de "aprender fazendo", processo longo de aprendizagem, mas capaz de despertar os futuros arquitetos, e mesmo os arquitetos já formados, para o novo, um novo que não inclui a competitividade e que, portanto, exigia uma outra concepção de tempo e de espaço. Assim como a arquitetura moderna brasileira vive hoje um momento de revisão de seus princípios, os discípulos de Wright enfrentam em Taliesin West (laboratório construído em 1938 para estudo da arquitetura em Scottsdale, no Arizona, Estados Unidos) uma série de dificuldades entre aqueles professores que pretendem manter as propostas de Wright e aqueles que pensam em "atualizar" o currículo da escola.

O processo de renovação teve início com as discussões desenvolvidas a partir das propostas de Anísio Teixeira em torno da chamada Escola Nova. A concepção de escola de Anísio Teixeira e Hélio Duarte ganhou corpo em Salvador, por meio do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, e desdobrou-se em inúmeros projetos desenvolvidos pelo Convênio Escolar sob a direção de Hélio Duarte. Evidentemente, foi necessário percorrer um caminho longo para ser possível elaborar uma crítica ao conceito "escola". Pensar uma Escola Nova é um exercício importante quando se pretende encontrar a gênese da questão e seus dilemas em uma situação histórica específica. Quando o esforço, basicamente de natureza teórico-crítica, encontra espaço político-democrático para se expressar, criam-se condições para a produção de obras de ruptura.

O início desse processo ocorreu quando Anísio Teixeira, educador profundamente envolvido com a renovação do ensino, assume o comando da Secretaria de Educação e Saúde (1947-1951), na Bahia, e se aproxima de arquitetos interessados em implantar idéias renovadoras que dialogavam com o projeto da Escola Nova. Como nos lembra Hugo Segawa:

> *... os dois primeiros arquitetos que se debruçaram na tradução dessa filosofia educacional em espaços arquitetônicos foram Hélio Duarte e Diógenes Rebouças. O planejamento geral do Centro Educacional Carneiro Ribeiro — primeira e única materialização da idéia de Anísio Teixeira, inaugurado em 1950 — foi desenvolvido por Hélio Duarte, mas a definição final dos edifícios foi de Rebouças.*[57]

Quando Hélio Duarte foi coordenar a construção de escolas no Convênio Escolar, sua referência básica, na área pedagógica, encontrava-se em Anísio Teixeira. Para a realização de um projeto renovador, era necessário também ouvir os delegados de ensino. Eram eles que poderiam especificar, com detalhes, as necessidades de uma nova escola. Como estava nascendo uma nova concepção de educação, faltavam referências anteriores que pudessem fornecer diretrizes concretas. O tempo era escasso para que as idéias pudessem amadurecer e tomar forma em um projeto arquitetônico genuinamente renovador. Não era fácil, mesmo para aqueles professores ansiosos por uma melhoria do ensino, imaginar uma escola em que a estrutura interna não estivesse, por exemplo, centrada, prioritariamente, na sala de aula, mas em formas de sociabilidade que criavam uma nova dinâmica relacional. Era difícil pensar uma escola em que as fronteiras entre espaço de lazer e de estudo fossem tênues.

Para Anísio Teixeira era importante pensar a cultura interna da escola voltada para todas as necessidades dos alunos. Uma boa escola não apenas prepararia o aluno para o seu ingresso adequado na sociedade, como responderia também pelas necessidades básicas (alimentação, por exemplo) que muitas famílias não tinham condições de oferecer aos seus filhos de forma adequada. Nesse sentido, a linguagem arquitetônica utilizada nas escolas do Convênio contempla espaços para atividades que anteriormente não faziam parte do cotidiano escolar (refeitório, por exemplo). Apesar de algumas mudanças serem efetuadas no projeto em razão de novas necessidades, as fronteiras entre sala de aula, galpão de esportes e áreas de circulação eram mantidas.

Contudo, a tendência dos novos projetos era ampliar os corredores, integrar as janelas e a luz natural, incorporando a vegetação ao interior do edifício. A escola-classe e a escola-parque, concebidas por Anísio, deveriam ser pensadas como duas edificações que remeteriam a uma estrutura tradicional. A cada função correspondia um espaço determinado, ou seja, o lugar do lazer e o lugar do estudo, como já ocorria nas escolas anteriores, embora agregando outros espaços para diversas atividades, como música, teatro, esportes etc., adequadas às diferentes faixas etárias.

A mudança pretendida pela Escola Nova tinha raízes no conhecimento que se aprofundava dia a dia das diferentes fases do desenvolvimento da cognição. A nova escola se estruturava tendo como eixo a relação entre professor e aluno a partir das fases de amadurecimento intelectual da criança e do adolescente. A proposta vinha como uma espécie de contrapartida à escola republicana tradicional, em vigor até os anos 1950, que exigia a adaptação do aluno à escola; caso contrário, seria excluído. O aluno, nessa escola, era uma categoria abstrata que se dividia apenas em séries escolares. Ele podia ter 7, 8, 9 ou 10 anos e isso pouco importava para o professor que deveria alfabetizá-lo na primeira série do primário. O resultado era reprovações maciças, levando grande número de crianças a deixar a escola logo nos primeiros anos. Anísio cita em sua conferência que as reprovações no próprio Distrito Federal chegavam a 50%.[58]

A escola de Anísio Teixeira e Hélio Duarte era diferente porque pressupunha categorias relacionadas ao aluno que antes eram menos relevantes. Levava em consideração, por exemplo, a idade dos alunos e a necessidade da escola desenvolver mecanismos voltados para sua adaptação a ela. Anísio é claro quando se refere à relação entre idade e graduação organizada por séries. Diz ele: "*Receber na primeira série meninos de 8, 9 e 10 anos e até mais será toda uma desordem, salvo, repito, se a escola não fosse a escola da educação básica*".[59] Essa escola, embora mobilizasse referenciais anteriores em termos da estrutura dos edifícios, já procurava uma maior harmonia em relação aos seus pequenos protagonistas.

A Escola Nova procurava formar hábitos de vida, de comportamento, de trabalho e de julgamento moral e intelectual em todos os brasileiros, sem selecionar e excluir, valorizando sempre no processo de aprendizagem a relação entre a idade da criança e a classe à qual deveria pertencer. Tratava-se, portanto, de criar condições para que os alunos aprendessem a responder demandas sociais já determinadas. Do ponto de vista arquitetônico a escola mantinha suas antigas formas de inserção na comunidade, salvo algumas raras exceções, ou seja, existia uma separação entre externo e interno.

---

[57] SEGAWA, Hugo. Hélio Duarte. Moderno peregrino educador. **Separata AU80**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, s. d., p. 4.

[58] Anísio Teixeira cita números bastante esclarecedores da defasagem entre a idade dos alunos e a série que cursavam: "*Para uma população escolar de 7 a 11 anos de idade, num total de 7.595.000, a escola primária colhe 4.921.986, ou seja, cerca de 70%. Destes, porém, encontram-se no primeiro ano 2.664.121, quando ali só deviam encontrar 1,6 milhão (grupo de idade de 7 anos), no segundo, 1.075.792, quando aí se deviam achar 1,5 milhão, no terceiro., 735.116, onde deviam estar outros 1,5 milhão, no quarto e quinto ano, 466.957, quando aí deviam estar 1.480.000; só este fato já afila singularmente a pirâmide...*". TEIXEIRA, Anísio. A Educação escolar no Brasil. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; PEREIRA, Luiz, op. cit., p. 389.

[59] Idem, ibidem, p 390.

Portanto, o desafio enfrentado por Hélio Duarte era propor um programa arquitetônico que criasse classes com o conforto necessário. A iluminação, a ventilação, a dimensão das carteiras, a sala dos professores, do médico, do dentista, a biblioteca e o galpão para ginástica deveriam responder às necessidades de cada faixa etária. O detalhamento interno do prédio era importante, pois as funções de cada um dos espaços construídos deveriam ser previstas no projeto.

Hélio Duarte optou por projetos simples e pelo uso de materiais em acordo com a arquitetura moderna, como concreto, sem deixar de levar em conta o preço da obra, utilizando coberturas de telhas de fibrocimento para cobrir o pátio, favorecendo a utilização desse espaço para a prática esportiva em dias chuvosos. As dimensões escolhidas, tanto das áreas de circulação como do pátio, demonstram uma preocupação com a integração constante dos alunos. Embora a arquitetura fosse despojada, os edifícios mantinham elegância nas formas retas, freqüentemente acopladas a um grande galpão construído com arcos de concreto. O uso do concreto permitia que o edifício, concebido a partir de uma linha horizontal, fosse inserido com muita leveza na paisagem. Essa tipologia pode ser encontrada em diversos prédios escolares que foram projetados segundo os preceitos de Hélio Duarte, como o Grupo Escolar Almirante Barroso (1949), no Jabaquara, o Grupo Escolar de Moema (1949), a Biblioteca Infantil do Tatuapé (1950), o Grupo Escolar de Visconde de Taunay, no bairro do Limão, e o Grupo Escolar Pandiá Calógeras, no Alto da Mooca.

O Grupo Escolar Erasmo Braga, no Tatuapé, projetado por Eduardo Corona, traz as marcas da arquitetura moderna brasileira. Merece destaque o uso de pilotis, cujo resultado é a leveza na inserção na topografia, assim como a valorização das áreas de circulação em todo o edifício.

Outros projetos, afinados com a mesma proposta, foram realizados até 1954, coincidindo com a presença de Hélio Duarte na instituição, embora o Convênio tivesse continuado a existir formalmente até 1959.

A criação de escolas-classe e escolas-parque, proposta de Anísio Teixeira, foi concebida como um sistema escolar interligado, no qual o aluno permaneceria durante nove horas. Ele teria acesso, num primeiro turno, ao conhecimento na escola-classe e depois do almoço, na escola-parque, desenvolveria uma série de atividades sociais, desportivas, teria acesso à biblioteca, ao teatro, às artes etc. Essa escola reproduz o que seria o modelo de um cotidiano ideal adequado para a formação de uma criança. Até hoje esse modelo é utilizado, sendo referencial de políticas públicas tanto em âmbito municipal e estadual como federal. Nesse sentido, basta observar as propostas dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps) no Rio de Janeiro e dos Centros Educacionais Unificados (CEUs) em São Paulo, cujas propostas encontram suas raízes na Escola Nova.

A ambigüidade contida nessa proposta, explicitada por meio da linguagem arquitetônica, é que a escola, para Anísio, podia igualar as oportunidades dos indivíduos se oferecesse uma educação de qualidade para todas as crianças. Portanto, não se tratava de criar um projeto de escola que negasse o próprio conceito de educação ou o papel dessa formação escolar na conformação da sociedade moderna. A escola-classe de Anísio era uma escola e o galpão da escola-parque também era escola, onde atividades de outra natureza como educação física e artes eram ensinadas. Tanto os edifícios da escola-classe quanto os da escola-parque eram consonantes com a idéia de uma construção especialmente projetada e executada para ser o local onde um professor ensina um modelo preconcebido do que é tido como conhecimento básico, necessário para um determinado grupo de pessoas ingressarem no mundo do trabalho. Embora seja possível ampliar as funções, tornando o espaço mais adequado às necessidades dos alunos, a gênese do que é um edifício escolar é a mesma das décadas anteriores, embora a maneira de conceber o aprendizado seja outra. Já as escolas projetadas por Artigas caminharam em sentido diverso a esse conjunto de referências de raiz humanista, quebrando os códigos-padrão, instaurando uma outra lógica que carregava muita energia, e tem instigado até hoje a reflexão e o debate.

A ampliação do debate

Os debates em torno da Escola Nova são ampliados com a presença intensa de Darcy Ribeiro.[60] As discussões entre Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro foram e são, ainda hoje, extremamente importantes para que possamos compreender o alcance das mudanças pretendidas. Na época, Darcy se dizia federalista e Anísio, municipalista. Essa diferença, em certa medida, explica os dois momentos que caracterizaram as construções escolares nas décadas de 1950 e 1960. As concepções de ambos carregam uma vontade constante de interferir, por meio de uma linguagem arquitetônica e pedagógica, na construção de uma sociedade mais justa. Anísio pensava a negociação política, primeiro, em nível municipal. Darcy propunha uma estratégia em nível nacional, ou seja, pensava que só o Estado em âmbito nacional poderia implantar um projeto capaz de romper a influência dos "coronéis" que dominavam as políticas municipais.

É importante observar a diferença entre os dois, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, porque resultam em projetos políticos diferentes, nem sempre qualificados de forma detalhada. O que é interessante observar são os lugares de cruzamento das propostas de um e de outro e os lugares das diferenças. Também é importante notar que ambos amadureceram suas proposições durante o período em que estiveram vinculados à vida política brasileira.

Pensar uma escola a partir de um determinado modelo pedagógico de relação aluno-professor é diferente de pensar uma escola que seja, basica-

[60] Darcy Ribeiro nasceu em Minas Gerais, Montes Claros, em 26 de outubro de 1922. Formou-se em Antropologia em São Paulo (1946) e dedicou-se aos estudos dos índios de diversas tribos do Brasil (1946-1956). Nesse período fundou o Museu do Índio e o Parque Indígena do Xingu. Criou a Universidade de Brasília, da qual foi o primeiro reitor, e foi Ministro da Educação, no gabinete Hermes Lima. Mais tarde, foi Ministro-Chefe da Casa Civil de João Goulart e coordenava a implantação das reformas estruturais quando sucedeu o golpe militar de 1964, que o obrigou a se exilar. Foi assessor do presidente Salvador Allende, no Chile, e de Velasco Alvarado, no Peru. Retornando ao Brasil, em 1976, elegeu-se vice-governador do Estado do Rio de Janeiro (1982), foi secretário da Cultura e coordenador do Programa Especial de Educação, com o encargo de implantar 500 Cieps, que são grandes escolas de turno completo para mil crianças e adolescentes cada. Criou, então, a Biblioteca Pública Estadual, a Casa França-Brasil, a Casa Laura Alvim, o Centro Infantil de Cultura de Ipanema e o Sambódromo, em que colocou 200 salas de aula para fazê-lo funcionar também como uma enorme escola primária. Elegeu-se senador da República (1991). Entre 1991 e 1992, como Secretário Extraordinário de Programas Especiais do Rio de Janeiro, ocupou-se de completar a rede dos Cieps e de criar um novo padrão de ensino médio, através dos Ginásios Públicos. Planejou e fundou, em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), em 1994, que tinha a ambição de ser uma "Universidade do Terceiro Milênio". Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. No seu último ano de vida, dedicou-se especialmente a organizar a Universidade Aberta do Brasil, com cursos de educação à distância, para funcionar a partir de 1997, e a Escola Normal Superior, para a formação de professores de primeiro grau. Organizou a Fundação Darcy Ribeiro, em 1996, localizada em sua antiga residência em Copacabana, com o objetivo de manter sua obra viva e elaborar projetos nas áreas educacional e cultural. Um de seus últimos projetos lançado publicamente foi o Projeto Caboclo, destinado aos povos da floresta amazônica. Darcy Ribeiro faleceu em 17 de fevereiro de 1997.

mente, símbolo de uma nova concepção política de Estado. Só para citar um exemplo, no primeiro caso o projeto pressupõe uma escola com salas de aula fechadas, refeitório, quadra de esportes, teatro etc., ou seja, uma escola que ainda era tributária do referencial anterior. O detalhamento do projeto, especialmente no seu interior, é muito importante, porque visa ao bem-estar do aluno, tanto do ponto de vista físico como intelectual. Essa escola pode ser recontextualizada, ou seja, pode ser pensada como um modelo a ser implantado em diversos bairros ou cidades porque se constitui em uma unidade voltada, basicamente, para a formação intelectual e cultural do aluno.

Essa escola, embora pudesse incorporar espaços flexíveis, como sugeria Hélio Duarte, não expressa uma crítica radical da sociedade nem permite, pela sua forma arquitetônica, a desconstrução da própria idéia de escola, embora possa ser construída a partir de referências da arquitetura moderna. A sua inserção no bairro não leva a comunidade a questionar o seu significado (muitas vezes periférico) dentro da cidade. A escola de Anísio quer educar as crianças para que a periferia deixe de ser uma periferia atrasada e se transforme numa periferia com infra-estrutura adequada à vida da população. Portanto, o edifício escolar pretende integrar um maior número de crianças, mas ele ainda guarda uma fronteira com a comunidade, que aprecia, à distância, as instalações de um lugar que poderá lhe garantir sua ascensão social. Portanto, seu cerne, o que dá sentido a essa escola, é a reprodução de um modelo político e econômico, que visa formar mão-de-obra qualificada para uma sociedade urbana e tecnológica. Esse modelo de escola não está centrado na possibilidade de uma crítica sobre o próprio sentido da escola na sociedade em que está inserida, isto é, de uma crítica que historicize a escola.

O que é uma crítica que permita historicizar a escola?

A escola republicana, como dissemos de início, é parte do processo de busca de legitimidade do Estado. Essa é a plataforma de inúmeros intelectuais que defendem a escola pública, como dever do Estado capaz de reconhecer não só as necessidades dos setores mais pobres da população, como também os direitos sindicais e políticos da classe operária. Uma crítica que historicize a escola é aquela que permite compreender a estreita relação entre a natureza do Estado republicano e o sistema de educação por ele proposto. Talvez seja esse o lugar central do desentendimento entre arquitetos e pedagogos. Alguns arquitetos e intelectuais perguntavam: que escola é essa, produtora apenas de mão-de-obra qualificada para as indústrias? Ao mesmo tempo, a maior parte dos pedagogos, professores e profissionais envolvidos no cotidiano escolar queria formar bem os alunos, sem a intenção de indagar o papel do Estado e da escola na sociedade brasileira.

Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Vilanova Artigas, entre tantos outros, foram personagens da nossa história política que viveram essa contradição e tentaram expressar, em diferentes linguagens, um pouco antes de 1964, as críticas que faziam à sociedade brasileira.

Essa discussão caracteriza a diferença entre os projetos do Convênio Escolar, nos quais a crítica ainda era tênue sugerindo apenas mudanças, e alguns dos projetos realizados pelos escritórios paulistanos de arquitetura, como os de Vilanova Artigas, que expressavam uma vontade firme de discutir à própria idéia de escola na sociedade moderna, retomando as raízes do problema que dizia respeito ao funcionamento da sociedade capitalista.

Os escritórios paulistanos de arquitetura

As sementes brotaram, algumas sementes.

No caso específico, regadas por pressões populares que, em 1959, levaram Carvalho Pinto a elaborar um plano para a área educacional que previa o fim do déficit de vagas. Naquela época, o déficit acumulado de salas de aula chegava a 3 mil. As dificuldades eram inúmeras para aqueles que queriam solucionar um problema com essas dimensões e dispunham de recursos bastante escassos. A solução encontrada foi definir prioridades.

A primeira delas foi atender a zona urbana, responsabilizando os municípios pelo atendimento das zonas rurais. Se retornarmos às discussões de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, perceberemos a sua importância. O descaso do poder público em relação aos municípios brasileiros localizados em regiões distantes e à zona rural era uma constante. Freqüentemente os recursos, sempre escassos, destinados aos municípios para a educação não são gastos, de fato, nessa área. Quando se repassa a responsabilidade pela escolarização para as prefeituras, a exigência constitucional não é cumprida em razão dos costumeiros déficits de orçamento.

A segunda prioridade, que visava agilizar o processo de construção das escolas, foi encarregar o Ipesp de construir as novas escolas, pois as 8 mil salas de aula pretendidas — que dariam conta do déficit acumulado e da demanda dos próximos quatro anos — não poderiam ser construídas pela DOP. O Ipesp, que já vinha realizando algumas construções escolares para o Estado desde 1957, passou a contratar escritórios de arquitetura paulistanos para projetar as novas escolas, fora dos quadros oficiais. Paralelamente, em 1960, o poder executivo estadual criava o Fece,

> *... encarregado de elaborar, desenvolver e custear o programa de construções escolares do ensino primário e médio no Estado de São Paulo. A partir de 1966, o Fece fica encarregado também da construção de prédios escolares, assumindo progressivamente o lugar da DOP. Esta foi a estrutura com a qual o governo do estado se reorganizou administrativamente para a execução do "Plano de Ação".*[61]

Com Carvalho Pinto, estamos diante de uma mudança na natureza da política pública. Se o Convênio Escolar centralizava a concepção e a execução dos projetos em órgãos públicos, o Plano de Ação representava uma mudança do arcabouço jurídico-institucional anterior, permitindo que terceiros projetassem a obra, ou seja, alteraram-se os instrumentos jurídicos em razão da necessidade de um processo de tomada de decisões mais rápido e eficiente.

De acordo com a Lei Estadual nº 5.444, de 17 de novembro de 1959, e com o Decreto nº 36.799, de 21 de junho de 1960, o Ipesp e o Fece assumiram uma função executiva, cujo controle estava nas mãos de um Conselho presidido pelo Secretário de Educação e constituído pelo Diretor Geral do Departamento de Educação, pelo Diretor Geral do Departamento de Ensino Profissional, pelo Diretor Geral da Secretaria de Educação e por um membro do grupo de Planejamento. Embora a Comissão escolhida tenha sido responsável por projetos ad-

[61] Cf. VALENTIM, Fábio Rago. **Casas para o ensino**: as escolas de Vilanova Artigas. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2003. p. 81.

miráveis do ponto de vista arquitetônico, os dispositivos legais que criaram o Plano de Ação previam um espaço de discussão política mais restrito, embora fosse responsável por maior agilidade na execução das obras.

Se, por um lado, as decisões do poder executivo permitiam que se delegasse o projeto das escolas a escritórios particulares especializados em arquitetura, gerando maior eficiência e menor custo, por outro, esse novo procedimento acentuou a distância entre os arquitetos, os educadores e os professores da rede, alguns dos principais destinatários da escola. Essas alterações, de ordem institucional, permitiram que os escritórios de arquitetura ganhassem liberdade para projetar e executar suas concepções de mundo e de escola, nem sempre consonantes com aquelas defendidas por grande parte dos educadores e mesmo pelo governo do Estado. A ambigüidade da situação era grande.

Em meio a um clima político-cultural propício ao debate, muitos projetos arquitetônicos foram responsáveis pela criação de espaços "verdadeiramente revolucionários" em meio a uma sociedade mais arcaica que moderna, mais burguesa que socialista. Conceber uma escola como lugar da crítica correspondia, em termos arquitetônicos, à busca de uma fissura em uma estrutura simbólica bastante rígida e complexa, cuja expressão maior era a de uma cidade estratificada criada pela Revolução Industrial.

O gesto do arquiteto correspondia, assim, à vontade de criação de um novo homem político, da civilidade como expressão maior da pólis. As mudanças ocorridas nos projetos arquitetônicos procuraram tornar a escola parte e todo, expressão da própria dinâmica urbana, responsável pela criação de um homem "policiado", ou seja, capaz de viver na pólis.

A Escola Nova, defendida inicialmente por Anísio e desenhada por arquitetos marcados pelo movimento moderno, representou uma ruptura, ainda contida dentro de certos limites, com relação ao passado. Ruptura que vai se completar, de forma radical, nas obras dos arquitetos dos escritórios paulistanos, sobretudo nas de Vilanova Artigas.

O elemento que diferencia as escolas projetadas por Vilanova Artigas daquelas do Convênio Escolar é a capacidade do projeto em revolucionar a própria idéia de escola, como um edifício com uma função estrita voltada para a educação. Artigas partiu de outra premissa buscando um outro conceito, no qual a escola é parte orgânica, elemento integrador e ativo da comunidade. Essa proposta não tem sua origem no ideário da Escola Nova, de raiz humanista, mas numa crítica de base marxista que diz respeito à conformação da sociedade brasileira, da qual a escola é parte. Essa é, a nosso ver, a raiz do desentendimento entre, por um lado, pedagogos, professores e profissionais da educação, que queriam apenas educar bem, e, por outro, alguns arquitetos, que pretendiam contribuir para uma transformação estrutural da sociedade.

Nesse sentido, Vilanova Artigas concebe um outro princípio ordenador, que dissolve a idéia de divisão entre espaço de circulação, de lazer e de aula, construindo um espaço organicamente integrado e onde diversas atividades podiam e podem ser realizadas concomitantemente. Altera a escala, evitando, em suas palavras, "*... pés-direitos exagerados, ou mesmo diferentes do conhecido no ambiente doméstico, que fazem a escola antiquada, estranha ao meio em que a criança se desenvolve*".[62] Convém lembrar que, apesar das premissas serem diferentes, uma série de soluções encontradas pelas escolas do Convênio foi incorporada posteriormente.

* * *

Não foi fácil, no Brasil, harmonizar as novas linguagens pedagógicas e as novas linguagens arquitetônicas. Rino Levi, em 1926, voltando da Itália, observa como era difícil mudar o perfil das construções urbanas em São Paulo.[63] De fato, as estruturas mentais são estruturas de longa duração.

No final da década de 1930, os arquitetos paulistanos buscaram soluções renovadoras em consonância com a realidade brasileira. O concreto e o despojamento das construções foram traços marcantes dessa geração, que priorizou a criação de espaços que proporcionassem a circulação livre das pessoas e formas de integração que quebrassem as formalidades que anteriormente caracterizavam a vida das escolas. A ordem das filas de alunos por tamanho, a ordem das notas em função do desempenho dos alunos, a ordem das carteiras presas ao chão, dos uniformes e dos horários, era a ordem que levava os alunos a esperar ansiosamente pelo sinal que os autorizava a ganhar a liberdade longe da escola.

Os ginásios de Itanhaém (1959) e Guarulhos (1961), com seus galpões cobertos, grandes vãos e área para diversas atividades, que podiam estar ligadas tanto à escola como à comunidade, consolidam as novas linguagens arquitetônicas.

> *Essas escolas são concebidas como volumes únicos, caracterizados por uma grande laje de concreto impermeabilizada sustentada por pórticos que, com suas formas marcantes, passam a ser elementos plásticos da composição. A utilização do concreto deve-se à sua determinação de avançar no projeto construtivo, propondo a busca de uma produção em larga escala.*[64]

A nova concepção de espaço desmobiliza, simbolicamente, a antiga ordem, permitindo que se multipliquem as intenções e usos de cada ambiente, favorecendo uma experiência sensível aos freqüentadores, levando-os a diversificar suas concepções de espaço. O corredor não é só para passagem, em silêncio; o galpão não é apenas o lugar da educação física, e a sala de aula apenas o espaço da contraposição do professor com o aluno. O corredor pode servir como lugar de encontro, o pátio com uma boa acústica pode ser adequado para concertos musicais e a sala de aula com mobiliário móvel permitir um melhor deslocamento de seus ocupantes. Nesses edifícios, símbolos da modernidade, a forma verte os significados originais e quebra a relação tradicional entre *uma* forma e *uma* função: a porta entre dois ambientes pode deixar de existir para que atividades diferentes sejam incorporadas num mesmo espaço.

---

[62] Apud ibidem, p. 170.

[63] Richard Morse escreve que "*A arquitetura moderna esteve representada sem maiores resultados na Semana de Arte Moderna por Tamoio; e ao voltar de uma temporada na Itália (1926), Rino Levi verificou que ela ainda não obtivera reconhecimento a não ser em alguns artigos de Mario de Andrade. O clima que Rino Levi encontrou está bem definido em artigo escrito pelo arquiteto da Estação da Sorocabana, publicado em uma revista paulistana, Arquitetura e Construções (agosto de 1929)*". MORSE, Richard, op. cit., p. 376.

[64] FERREIRA, Avany De Francisco; CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; MELLO, Mirela Geiger de. (orgs.) **Arquitetura escolar paulista**. Restauro. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1998. p.32.

Mas essa não é a questão essencial. Pretendia-se mais. Pretendia-se questionar porque a escola havia sido um monólito que comprimia os alunos e os professores entre quatro paredes.

Seria para fazê-los ter vontade de sair de lá rapidamente?

As contradições

É interessante observar a profunda ambigüidade desse momento histórico. O Estado, no governo de Carvalho Pinto, terceiriza os serviços para diversos escritórios de arquitetura, em que muitos arquitetos eram de formação marxista. A eles coube a tarefa de construir escolas, cujos projetos questionassem o próprio conceito de escola, responsável pela ordenação da sociedade capitalista em que viviam.

Qual era o cerne desse novo conceito de escola?

Era o lugar da razão crítica e não apenas da conformação de um homem que fosse qualificado para a vida numa sociedade tecnológica e industrial. Como o Estado seria a expressão da razão e guardião do bem comum, inclusive numa sociedade socialista, o cerne dessa nova sociedade, que precisava ser simbolizada, estava contido na rede educacional oficial, tanto nas escolas primária e secundária como nas universidades.

A mesma matriz conceitual — e polêmica — esteve presente nos projetos das escolas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e nos campi universitários de São Carlos, Florianópolis, São Paulo, São Bernardo e Fortaleza. Essa concepção de arquitetura criou raízes no Brasil porque vários desses arquitetos também foram professores e atores da cena política. Em sala de aula, centenas de alunos debateram o significado desses projetos e, em âmbito privado, continuaram a realizar outros projetos com a mesma matriz.

Essa ambigüidade entre sociedade real e sociedade ideal, para a qual essas escolas foram construídas, também estava presente na junção de uma política pública de natureza institucional, portanto atrelada a um projeto político no qual Carvalho Pinto era um representante significativo, e o papel revolucionário que esses edifícios poderiam, de fato, desempenhar.

O resultado dessa ambigüidade foi um projeto arquitetônico que não pôde, por si mesmo, auxiliar a construção de uma nova sociedade. O ano de 1964 iniciou um período de supressão de todas as liberdades e de um grande déficit de legitimidade política. Muitos freqüentadores desses edifícios escolares, vítimas de uma profunda desigualdade social, tiveram e ainda têm relação difícil e, muitas vezes, violenta com esses espaços pensados, a princípio, como lugar do encontro.

Portanto, a contradição, muitas vezes expressa na forma de utilização desses espaços, merece ser analisada não apenas naqueles edifícios bem conservados, onde a comunidade se identificou com eles cuidando de sua preservação, mas, principalmente, naqueles que, em razão tanto da falta de políticas públicas de conservação como do uso intenso pela população, carregam as marcas (depredações) de uma sociedade desigual e excludente, apesar dos esforços de centenas e milhares de educadores e arquitetos. São esses sinais que devem ser hoje analisados, porque carregam uma mensagem, em forma de grafite ou desenho. É um pedido de ajuda, uma forma de expressar a sua existência por parte daqueles que se sentem humilhados, nivelados por baixo e renegados numa sociedade que não lhes dá espaço para ser cidadão ativo da pólis.

A discussão sobre a importância do Estado em criar monumentos que reafirmem o seu papel diante da sociedade era e é grande. Todas as sociedades, das mais simples às mais complexas, têm um *ethos*, que é tributário do que é vivido e pensado. Nesse sentido, os membros de uma sociedade sabem reconhecer as construções e objetos que fazem parte (ou não) do seu patrimônio. A natureza das relações do cidadão com o seu patrimônio (substantivo que deriva do nome do pai) é fruto dos valores e das contradições da sua sociedade. São elas, as contradições, que podem despertar consciências e percepções críticas sobre o que deve ser preservado, sobre o que deve ser transformado ou, mesmo, sobre o que pode deixar de existir para abrir um novo espaço para a comunidade.

Este artigo pretende ser um passo, a mais, no despertar das consciências.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

AMADEI, José. O que é Convênio Escolar. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951. p. 3.

As arquiteturas do Convênio Escolar. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951. pp. 7-40.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e educação**: organização do espaço e propostas pedagógicas dos Grupos Escolares paulistas (1873-1971). São Carlos: Edufscar & Brasília: Inep, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 2ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

CARVALHO, Marta Maria de. Reformas da instrução pública. Eliane Marta Teixeira Lopes ; outros (organizadores). **500 anos de educação no Brasil**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 225-51.

DUARTE, Hélio. O problema escolar e a arquitetura. **Habitat**, nº 4. São Paulo, set-dez, 1951. pp. 4-6.

FERREIRA, Avany De Francisco; CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; MELLO, Mirela Geiger de (org.). **Arquitetura escolar paulista**. Restauro. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1998.

FORACCHI, Marialice Mencarini; PEREIRA, Luiz. **Educação e sociedade**: leituras de sociologia da Educação. 5ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1970.

KOK, Glória; outros (organizadores). **São Paulo 450 anos**: de vila a metrópole. A escola e a cidade. São Paulo: Bei, 2005.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. História e cultura material. Nova série, vol. 2. São Paulo: Museu Paulista, jan-dez, 1994.

MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1970.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **Sindicalismo e Classe Operária**. História da civilização brasileira. Vol. III – O Brasil Republicano. Sociedade e Política 1930-64. São Paulo: Difel, 1981.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 26ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO – Fundo Estadual de Construções Escolares. **A execução do programa de construções escolares**. São Paulo, janeiro de 1963 (texto datilografado disponível na biblioteca da FAU/USP).

SEGAWA, Hugo. Hélio Duarte. Moderno peregrino educador. **Separata AU80**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, s. d.

SOUZA LIMA, Mayumi Watanabe de. **Arquitetura e educação**. São Paulo: Nobel, 1995.

TEIXEIRA, Anísio. A Educação escolar no Brasil. In: FORACCHI, Marialice Mencarini & PEREIRA, Luiz. **Educação e sociedade** (leituras de sociologia da Educação). 5a edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970. pp. 388-413.

VALENTIM, Fábio Rago. **Casas para o ensino:** as escolas de Vilanova Artigas. Dissertação de mestrado. Orientador Eduardo de Almeida. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2003.

O programa escolar e a formação da "escola paulista"

Guilherme Wisnik

Caracterização geral

Convênio Escolar e Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (Ipesp) são os nomes que identificam a produção de escolas feitas em São Paulo entre os anos de 1949-1954, e de 1959-1962, respectivamente. O primeiro refere-se ao título do acordo firmado em 1948 entre Governo do Estado e Prefeitura Municipal para a construção de uma rede de escolas na cidade, com vistas a diminuir o enorme déficit que se acumulara naquele momento, após décadas de crescimento populacional sem investimentos na área.[1] O segundo reporta-se à instituição que se responsabilizou pela coordenação de projetos escolares feitos para diversas cidades do interior do estado durante o "Plano de Ação" do governo Carvalho Pinto: o Ipesp.[2]

O Convênio e o Ipesp definem-se desde logo como momentos singulares no panorama da construção escolar paulista, dada a quantidade expressiva de unidades escolares edificadas nesses dois períodos: aproximadamente 70, apenas na cidade de São Paulo, entre 1949 e 1954 — período correspondente ao Convênio Escolar —, e quase 600 no estado, entre 1959 e 1962 — momento mais intenso e significativo das obras do Ipesp. No entanto, do ponto de vista arquitetônico, em ambos os casos, a sua importância ultrapassa em muito o dado apenas quantitativo. Pode-se dizer que essas escolas, tomadas em conjunto, são responsáveis não apenas por procurar responder à demanda educacional de bairros periféricos e carentes da capital paulista, e de cidades deficientes de equipamentos escolares no estado, mas também por constituir, em pouco tempo, um expressivo acervo de construções modernas em São Paulo. É preciso lembrar que, nesse caso, diferentemente do que ocorreu no Rio de Janeiro, a arquitetura moderna não tinha sido promovida pelo Estado através de obras públicas substantivas. Ao contrário, afirmara-se ao longo de um processo mais lento e inconstante de encomendas privadas, à mercê do informal porém frenético mercado imobiliário da cidade.

Assim, o período do Convênio marca uma iniciativa pioneira de difusão e consolidação da arquitetura moderna em São Paulo através do poder público. Nesse caso, apesar de a cidade já contar com profissionais de reconhecida competência, como Rino Levi, Oswaldo Bratke e Vilanova Artigas, além de muitos outros, optou-se por "importar" a experiência do arquiteto Hélio Duarte, nascido e formado no Rio de Janeiro, e que havia desenvolvido um importante trabalho na área de construções escolares em Salvador, ao lado do importante educador baiano Anísio Teixeira. Contratado em 1948 pela parceria entre Estado e Prefeitura para liderar uma equipe de arquitetos na implementação da rede de construções escolares do Convênio, Hélio Duarte foi o mensageiro e portador, em São Paulo, de dois importantes legados recentes no Brasil naquele momento: a arquitetura moderna carioca — de herança corbusiana e, àquela altura, já conhecida mundialmente sob a alcunha de *brazilian style*[3] — e o projeto pedagógico de Anísio Teixeira, pioneiro defensor de uma escola pública, laica e gratuita no Brasil, e figura de destaque na fundação do movimento Escola Nova, e na reforma do ensino do Distrito Federal, no início da década de 1930.

O passo seguinte nesse percurso, consumado no período do Ipesp, e que prefigura o padrão da relação entre governo do Estado e profissional-arquiteto seguido até hoje, é a contratação direta de escritórios independentes, fora dos quadros internos ao funcionalismo público. Essa importante ampliação do espectro de profissionais encarregados de desenvolver projetos públicos veio finalmente incorporar e dar maior visibilidade ao trabalho

[1] "O 'Convênio Escolar' foi um acordo firmado entre a Prefeitura Municipal e o Estado, que se uniram naquele momento para dar cumprimento às determinações da Constituição de 1946, que obrigava a União, Estados e Municípios a investirem uma porcentagem mínima dos recursos arrecadados na educação primária. Pelo acordo, a prefeitura se encarregaria de construir prédios escolares para cobrir o déficit existente no setor, enquanto o governo estadual ficaria responsável por ministrar o ensino." FERREIRA, Avany de F. ; CORRÊA, Maria Elizabeth P. ; MELLO, Mirela G. De. **Arquitetura escolar paulista**. Restauro. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1998, p. 27.

[2] "O PLADI, Plano de Ação e Desenvolvimento Integrado, do governo Carvalho Pinto, 'Plano de Ação', como era conhecido, descreveu a situação em que nos encontrávamos: fazia-se necessária a 'construção e equipamento de unidades escolares, num total de 683 salas, para atender, aproximadamente, 55 mil alunos que, no momento, freqüentam aulas em galpões ou salas inadequadas. Construção e equipamento de unidades escolares, num total de 2.298 salas, para reter na escola, durante quatro horas, os alunos que, atualmente, permanecem nela apenas duas e meia ou três horas diárias. Construção de 4 mil novas salas de aula em novas unidades." ARTIGAS,Vilanova. **Sobre escolas**. Caminhos da arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 130.

[3] Ver, por exemplo, BANHAM, Reyner. **Age of the masters**. Londres: The Architectural Press, 1962.

de um grupo expressivo de arquitetos radicados em São Paulo. Fazendo um balanço desse percurso, Vilanova Artigas observa que, a partir desse momento, "*a sociedade tomou conhecimento da existência dessa reserva técnica que são os quadros da arquitetura paulista*".[4] De modo complementar, Paulo Mendes da Rocha anota que "*a necessidade de uma unidade sobre o problema da escola*" terminou por constituir "*um verdadeiro grupo de trabalho e de troca de informações*", e que os projetos resultantes "*revelam um notável avanço geral, na prática profissional no nosso meio*".[5]

É claro que isso não significa que se tenha constituído um padrão homogêneo nos inúmeros projetos de escolas do Ipesp, mas é digno de nota o fato de ser possível enxergar em alguns desses projetos a emergência de uma sólida tradição arquitetônica em São Paulo, sob a liderança de Vilanova Artigas. Portanto, o que se verá ao longo desse processo é a passagem de uma situação de demanda momentânea, marcada pelo sentido de urgência, e pela diversidade das respostas, à constituição de uma linguagem própria, identificável e com desdobramentos futuros. Tal passagem acompanha uma situação em que essa arquitetura passa a ser oficial, amparada na encomenda do Estado, deslocando para as obras públicas uma série de raciocínios desenvolvidos anteriormente em projetos residenciais. Por outro lado, há também, como veremos, um movimento dialético de incorporação de uma linguagem desenvolvida no Rio de Janeiro — pórticos estruturais, concreto aparente, volume compacto —, por um lado, e de negação de seus pressupostos ideológicos, por outro.

Está concentrada aí uma questão central para a arquitetura moderna brasileira: a passagem da arquitetura carioca à paulista durante a década de 1960, como eixo maior da produção nacional, o que nos deixa a tarefa de compreender melhor os movimentos de continuidade e ruptura havidos nesse processo.

Consolidação e difusão

"*Moderno e peregrino*" é o termo usado por Hugo Segawa para definir um conjunto de arquitetos da primeira geração moderna brasileira, que se empenharam em difundir os princípios da arquitetura racionalista pelo país, expandido o legado vanguardista fermentado na capital da República a partir dos anos 1930.[6] Hélio Duarte tem uma atuação exemplar nesse sentido, que se destaca na área dos encargos públicos e como arquiteto e urbanista, com trabalhos desenvolvidos em diversas cidades do Brasil, quanto no campo do ensino. Formado no Rio de Janeiro em 1930, ele veio a realizar importantes trabalhos profissionais em Recife, João Pessoa, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, tendo sido também professor na Escola de Belas-Artes de Salvador, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) — onde se aposentou, em 1976 —, na Escola de Engenharia de São Carlos, na Universidade Nacional de Brasília, e diretor do curso de arquitetura na Universidade Federal do Ceará.

Em Salvador, Duarte desenvolveu alguns importantes projetos escolares sob a tutela de Anísio Teixeira, que veio a se tornar Secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia na segunda metade da década de 1940, com um trabalho pioneiro na cidade. Discípulo de John Dewey — com quem chegou a ter aulas, nos Estados Unidos —, Anísio pensava a educação como um aprendizado amplo e dinâmico. Isto é: não apenas uma atividade intelectual estanque e progressiva, mas um permanente "*processo de reconstrução e reorganização da experiência*". É com base nisso que concebe um projeto de ensino em que a instrução formal deve ser complementada por outras atividades essenciais — socializantes, em suas palavras —, como as de educação física, artística, social e industrial; idéia que se traduz espacialmente na distinção concreta entre "escolas-classe" e "escolas-parque", na forma de edifícios fisicamente separados, e freqüentados pelas crianças em horários diferentes.

Segundo essa concepção, adotada por Duarte, a escola deve estar subordinada à criança, o que faz com que seu traço tenha de levar em conta o "espírito infantil", e não o imperativo hierárquico que caracterizou o edifício escolar republicano — simétrico e imponente — ou a disciplina higienista encampada a partir dos anos 1930. Ao contrário da disciplina, diz Hélio, o espaço da escola deve estimular o prazer e a expansão, a mobilidade infantil, em recreações feitas ao ar livre.

Além disso, a escola passava a ser entendida, dessa maneira, não como um edifício ensimesmado, mas um equipamento urbano aglutinador da comunidade local — aberto à noite e nos finais de semana — e irradiador de experiências novas. Em cada bairro, ela seria vista como ponto de reunião social, lugar para reuniões de pais, cursos, bailes, cinema e teatro educativos, além de biblioteca de consulta pública. "*Forças centrípetas convergiriam para a escola*", dizia Duarte, "*e seriam as concorrentes da formação intelectual, social, e profissional dessas pequenas comunidades, onde depois de processadas passariam a ser as forças centrífugas — difusoras do conhecimento adquirido.*"[7]

Contratado, em 1948, como diretor técnico da Comissão Executiva do Convênio Escolar (Cece), órgão criado para gerir os projetos e obras do Convênio, Duarte veio a colocar em prática, em São Paulo, muitos dos princípios aprendidos nessa rara experiência pedagógico-arquitetônica. Ocorre que na capital paulista o incremento maciço de unidades escolares não se faria acompanhar de uma reforma do ensino. Antes, o "plano qüinqüenal" traçado pela parceria Estado-Município se concentrava no objetivo de equacionar o déficit no setor de modo urgente e acelerado até 1954, ano em que a cidade festejaria o 4º Centenário de sua fundação.

Essa ênfase claramente quantitativa da ação coordenada entre poderes públicos não deixou de ser sentida como um incômodo por Duarte, que confes-

[4] ARTIGAS, Vilanova. **Sobre escolas**. Caminhos da arquitetura. op. cit., p. 130. Artigas observa que os arquitetos paulistas já tinham uma experiência técnica acumulada a duras penas na realização de obras particulares, e, portanto, encontravam-se em situação privilegiada para responder a uma demanda emergencial, para a qual os órgãos de projeto do Estado não estavam aparelhados.

[5] ROCHA, Paulo Mendes da. **Edifícios escolares**: comentários. Acrópole, 377, setembro de 1970, p. 35.

[6] Hélio Duarte formou-se no curso de engenheiro-arquiteto na então Escola Nacional de Belas-Artes (ENBA) em 1930, ainda antes da histórica reforma promovida por Lucio Costa na instituição. Ver SEGAWA, Hugo. Hélio Duarte (1906-1989): moderno e peregrino. **Projeto**, nº 131, maio de 1990, p. 51. Em outra ocasião, Segawa compara o papel pioneiro de divulgação, exercido por Duarte a figuras como Acácio Gil Borsoi, Edgar Graeff, Oscar Arine e Severiano Porto. Ver SEGAWA, Hugo. **Arquitetos peregrinos, nômades e migrantes.** Arquiteturas no Brasil. São Paulo: Edusp, 1998.

[7] DUARTE, Hélio. O problema escolar e a arquitetura. **Habitat**, nº 4, set-dez de 1951, pp. 5-6. Reconhece-se, nessa concepção, o modelo de uma série de grupos escolares desenvolvidos posteriormente, como o Centro Integrado de Educação Pública (Ciep), no Rio de Janeiro, e o Centro Educacional Unificado (CEU), em São Paulo.

sou o temor de estar apenas "*enfeitando um edifício obsoleto*".[8] Contudo, tal deficiência de base, do lado da encomenda, não chegava a aplacar a sua crença no poder revolucionário da arquitetura, entendida como uma atividade demiúrgica, antecipadora.[9] Essa crença de base, vista hoje como utópica, permeava não apenas o ideário dos arquitetos de extração moderna, concretamente empenhados na "construção" da nação, como se espraiava para outras áreas da intelectualidade brasileira. Sobre isso, basta ver a opinião do próprio Anísio Teixeira, que via a nossa arquitetura moderna, em meio à inconstância política do país, como uma expressão afirmativa de "*atitudes redentoras*".[10]

Dentro desse quadro, Duarte termina por adaptar uma série de princípios formulados na Bahia para a situação paulista. Assim, mesmo sem chegar a construir as chamadas escolas-parque, ele parte do desmembramento do monobloco que caracterizava o edifício escolar republicano, dividindo-o em um conjunto de unidades articuladas por marquises, passarelas, rampas e escadas. Marcos de superação de uma etapa anterior — que ele entende, pejorativamente, como sendo caracterizada por edifícios "áulicos" e "carrancudos" —,[11] e espraiando-se amigavelmente no ambiente "natural" das cidades, essas escolas definem-se como "*amplas, horizontais, espaçosas, no meio de jardins*".[12]

Além de escolas primárias, foram construídas, nesse conjunto, instituições complementares do ensino básico, e de outros níveis de instrução, como recantos infantis — Jardim da Luz e Praça Buenos Aires —, bibliotecas — Santo Amaro, Tatuapé —, centros de saúde, escolas pré-primárias, ginásios, colégios, escolas rurais — Alberto Torres, no Butantã — e teatros — Arthur de Azevedo, na Móoca, Paulo Eiró, em Santo Amaro, e João Caetano, na Vila Mariana.

Essa nova configuração espacial, dado o seu caráter de exemplaridade, pode ser vista como a expressão acabada de uma intrincada rede de convergências, que precisa, aqui, ser elencada: 1) as importantes mudanças na área da pedagogia no mundo, sobretudo a partir do trabalho da educadora italiana Maria Montessori, questionando o princípio disciplinador que governava os processos de aprendizado;[13] 2) o filtro, no Brasil, feito por Anísio Teixeira, e o ambiente renovador existente em Salvador desde os anos 1940, que permitiu a floração de uma série de movimentos culturais na década de 1960;[14] 3) o paradigma urbanístico-arquitetônico moderno, baseado na idéia do zoneamento funcional, da fluidez espacial, das unidades independentes, e da "cidade verde"; 4) a interpretação desse modelo, feita no Rio de Janeiro desde os anos 1930 pelos arquitetos brasileiros, e a consolidação, na década de 1930, de uma "tradição" própria, com uma produção emergente que se expande para outros centros regionais; 5) a distensão democrática no país após 1945, favorecendo a disseminação do padrão moderno para além de uma parcela "esclarecida" do Estado, antes restrita à equipe do ministro Gustavo Capanema, no governo Vargas; 6) o sucesso internacional da arquitetura moderna brasileira a partir de 1943, com a exposição Brazil Builds, feita no Museum of Modern Art de Nova York (MoMA), que logrou reverter em grande medida a recepção irônica e desconfiada da imprensa nacional diante do edifício do Ministério da Educação e Saúde;[15] 7) o ambiente cosmopolita de São Paulo nos anos de 1950, que acolhe a arquitetura moderna e o desenho industrial mais avançado, passando a patrocinar as artes de vanguarda nas Bienais de São Paulo, na criação do Museu de Arte de São Paulo (Masp) e do Museu de Arte Moderna (MAM), no Instituto de Arte Contemporânea (IAC), e consuma, com o concretismo, o "projeto civilizatório" dos artistas da Semana de Arte Moderna de 1922, superando uma situação de provincianismo que já se arrastava havia décadas.

Do ponto de vista arquitetônico, o conjunto de escolas construídas pelo Convênio Escolar, apesar de não se restringir a um esquema padronizado — tanto no aspecto construtivo quanto no arranjo e desenho dos ambientes —, possui uma fisionomia geral bastante reconhecível. Suas características mais marcantes são a forma abobadada do galpão — feita em arcos pré-moldados de concreto —, que situa a recreação infantil em um ambiente coberto mas aberto, e a separação dos programas de aula e secretaria em blocos distintos, dispostos muitas vezes ortogonalmente, e conectados por circulação externa, sendo, o primeiro, freqüentemente configurado como um pavilhão em dois pavimentos, e aberto para a paisagem através de amplos caixilhos que rasgam a fachada de fora a fora, e o segundo, hierarquicamente subordinado, definido como um volume térreo e com aberturas menores.

Além disso há nessas obras a presença de uma série de elementos plásticos recorrentes, tais como delgadas marquises apoiadas em delicados tubos de ferro em "V", e coberturas em telhas de fibrocimento por sobre lajes. Tais coberturas, com inclinações muitas vezes duplas — como a "asa de borboleta" do Iate Clube da Pampulha (1942), de Oscar Niemeyer, inspirada na Casa Errazuris (1930), de Le Corbusier —, lograram dinamizar sensivelmente esses edifícios, unificando volumetricamente aquilo que em planta pode parecer fragmentado. É o que ocorre, por exemplo, nas escolas Pedro Taques (Guaianazes) e Professor Ascânio Azevedo Castilho e Comendador Mário Reys (Itaquera).

São projetos típicos dessa tipologia do Convênio as escolas Professor José Carlos Dias (Vila Baruel), Visconde de Taunay (Limão), Professor Colobo de Almeida (Casa Verde), Gabriela Mistral (Tucuruvi), Murtinho Nobre (Vila

[8] "Não importa 'quanta' educação, mas 'qual' a educação que está a criança recebendo." DUARTE, Hélio, op. cit., p. 6.

[9] "Em nossas escolas deveria haver um professor ensinando uma matéria absolutamente nova, a"'Natureza', com seu enorme valor de realidade, de poesia, de base da nossa vida. Os arquitetos do Convênio parecem ter aprontado o caminho para o advento deste novo professor." EDITORIAL. As arquiteturas do Convênio Escolar, **Habitat**, nº 4, São Paulo, setembro-dezembro de 1951, p. 7.

[10] "O Brasil precisa, para se realizar, de lirismo — que é a capacidade de se esquecer — e de virtude — que é a capacidade de se superar. A sua arquitetura moderna é uma lição magnífica dessas duas atitudes redentoras." TEIXEIRA, Anísio. Um presságio de progresso. **Habitat**, nº 4, São Paulo, setembro-dezembro de 1951, p. 2.

[11] Essa contraposição ao modelo disciplinador da escola republicana prevalece nas análises dos arquitetos agentes das mudanças, como Hélio Duarte e Vilanova Artigas. Contudo, seria importante registrar aqui o importante papel de transição representado pelos edifícios escolares *art déco* construídos na cidade de São Paulo na década de 1930, que adotaram a estrutura de concreto armado, o contraste volumétrico entre a horizontalidade do volume e a verticalidade das torres de circulação, e, sobretudo, desmembraram o volume compacto com vistas a conseguir sempre boas insolações, criando plantas estruturadas por eixos ortogonais, eliminando o corredor central. Ver FERREIRA, Avany de F.; CORRÊA, Maria Elizabeth P. ; MELLO, Mirela G. de., op. cit., p. 22.

[12] LEGENDA. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951, p. 17.

[13] TESTA, Carlo. **New educational facilities**. München: Verlag für Architektur Artemis, 1975. E, ainda, a revista **AB Arquitetura Brasileira, Escolas**, Rio de Janeiro, 1972.

[14] RISÉRIO, Antonio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.

[15] DECKKER, Zilah Q. **Brazil built**: the architecture of the modern movement in Brazil. Londres: Spon Press, 2001.

Monumento), Júlio de Mesquita Filho (Ipiranga), Professor Pedro Voss (Vila Clementino), Romeu de Morais (Vila Ipojuca), Prudente de Morais (Luz), Almirante Barroso (Jabaquara), Canuto do Vall (Barra Funda), Pandiá Calógeras (Alto da Móoca), Reinaldo Ribeiro da Silva (Vila Anastácio).

Esse dinamismo leve e aéreo, de "*fluidas formas planas*"[16] é, como se sabe, uma das marcas mais reconhecíveis da arquitetura carioca das décadas de 1930 e 1940, celebrizada na produção de figuras como Affonso Eduardo Reidy, irmãos Roberto e Oscar Niemeyer. Contudo, caracteriza uma produção que, àquela altura, já se havia difundido enormemente pelo país, a ponto de tornar-se dominante na obra de arquitetos "paulistas" nesse período, tais como Rino Levi — Instituto Sedes Sapientiae, 1941 — e Vilanova Artigas — Casa da Criança e Rodoviária de Londrina, 1950. Desse modo, não é surpresa alguma a adoção dessa linha mestra nos projetos do Convênio, desenhados por uma equipe chefiada por Hélio Duarte, e constituída por quatro arquitetos e/ou engenheiros jovens: os "cariocas" Roberto Tibau e Eduardo Corona, formados na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, e os "paulistas" Oswaldo Corrêa Gonçalves e Ernest Mange, formados na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.[17]

Contudo, para melhor situar as razões e significados contidos nesses projetos, será preciso retomar os princípios espaciais que governam a revolução moderna na arquitetura, considerando, para o caso brasileiro, a penetração predominante da vertente corbusiana. Quer dizer, a idéia de construções "*amplas, horizontais, espaçosas, no meio de jardins*", pressupõe uma compreensão da relação entre edificação e espaço urbano completamente distinta da que se consolidou nas cidades tradicionais européias da metrópole e da colônia: edifícios relativamente uniformes, respeitando os gabaritos e alinhamentos dos lotes, e definindo pátios centrais fechados nos miolos das quadras.

Como se sabe, os projetos de cidades modernas feitos por Le Corbusier — criados, em sua grande maioria, como ensaios especulativos — rompem com esse esquema fechado, abrindo o espaço da cidade a uma continuidade verde e expansiva no nível do solo, pontuada por construções habitacionais *à redents*, dispostas como lâminas lineares de forma razoavelmente genérica. No entanto, é na intervenção em tecidos urbanos consolidados que o seu raciocínio espacial ganha em complexidade e interesse, dada a tensão criada nesse encontro de opostos. Como observa Alan Colquhoun, é nos chamados *grands travaux* (1927-32)[18] que Le Corbusier vai enfrentar uma combinação nova de desafios: a encomenda concreta para terrenos reais e a escala intermediária entre a residência unifamiliar e a cidade.

O projeto do Centrosoyus (1928) para Moscou foi, evidentemente, um paradigma seguido pelos arquitetos brasileiros no concurso para o edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública (1935). Nota-se claramente nesses projetos — tanto nos desenhos de Affonso Eduardo Reidy, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos, feitos para o concurso, quanto nos da equipe liderada posteriormente por Lucio Costa — a tensão entre a tentativa dos jovens brasileiros de lançar mão dos elementos novos — pilotis, volumes retilíneos, fachadas envidraçadas — e a sua dificuldade em romper a rigidez dos alinhamentos, propondo, via de regra, desenhos em forma de "U", em que se abria timidamente apenas uma das faces do antigo bloco perimetral, mantendo o edifício com um tratamento plástico ainda muito homogêneo.

Ao ser convocado como consultor no projeto, a primeira atitude de Le Corbusier diante do partido ensaiado pelos brasileiros, mimetizando de maneira canhestra os seus estudos para o Centrosoyus, foi descartar essa implantação, em croquis que reproduziam o partido em "U" rasurado com um "X" por cima. Não cabe, aqui, recontar mais uma vez a famosa história desse projeto,[19] mas apenas registrar o seu caráter inaugural e, por isso mesmo, didático, em relação ao tema tratado. Como sabemos, a partir da intervenção de Le Corbusier, e com o desenvolvimento surpreendentemente maduro do projeto, feito pelos arquitetos brasileiros sob a inspiração de Niemeyer, o edifício do Ministério evoluiu para uma articulação formidável — a um tempo rigorosa e expressiva — de três volumes distintos — torre de escritórios, salão de exposições e auditório —, criando uma praça coberta, no térreo, inteiramente aberta para as ruas lindeiras.

Isto é, realizou-se uma obra que era não apenas o primeiro arranhacéu moderno do mundo a concretizar amplamente os cinco pontos da arquitetura moderna preconizados por Le Corbusier, mas também um edifício que, de certa maneira, equacionava os seus impasses formulados nos *grands travaux*: a hesitação entre o continuum linear dos projetos de cidades, e os *objets-types* isolados, destacados como figura em meio ao entorno urbano.

Como notou Colquhoun, é a busca de uma solução híbrida entre esses dois procedimentos opostos que caracteriza a complexidade ambígua dos *grands travaux*, tendente à criação de assimetrias — composições imprevistas, de modo a negar as soluções *a priori* — e, sobretudo, de uma forte "elementarização", isto é, a caracterização nítida dos programas na forma volumétrica de cada edifício. Esse elemento eminentemente reflexivo, auto-explicativo, da arquitetura moderna em sua vertente mais plástica, poderíamos completar, é o que distingue fortemente a filiação brasileira dos arranjos decididamente neutros e planares do neoplasticismo holandês e miesiano, por exemplo. Nessa "elementarização" aclimatada aos trópicos, destacam-se tanto a marcação nítida do caráter de cada edifício/programa, com soluções volumétricas livres e arrojadas, quanto a expansão fluida dos espaços, na criação de jardins e pátios abertos mas não devassados, numa relação de abertura e franca disponibilidade em relação à "natureza" circundante.

Essa postura é a tônica de uma série de projetos cariocas dos anos 1930 e 1940, numa linhagem que se inicia no projeto do Ministério da Educação e Saúde (1935-36), se diversifica e cristaliza no conjunto da

[16] FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp. 312-3.

[17] Ainda assinam alguns projetos os arquitetos Antônio Carlos Pitombo, Rubens Azevedo, Juvenal Júnior e Hernani do Val Penteado.

[18] COLQUHOUN, Alan. As estratégias dos grands travaux. **Modernidade e tradição clássica** – ensaios sobre arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2004. Optou-se por manter a designação em francês (*grands travaux*), que em tradução literal significa "grandes trabalhos". Os projetos que integram esse grupo são: o Palácio da Nações (1927), o Centrosoyus (1928), a Cité de Refuge (1929), e o Palácio dos Sovietes (1929).

[19] Ver, por exemplo, BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981, pp. 81-93; ou WISNIK, Guilherme. **Lucio Costa**. São Paulo: Cosac Naify, 2001, pp. 16-22.

Pampulha (1940-43), e alcança expressão notável, em maior escala, no conjunto Pedregulho (1946). Assim, voltando ao objeto tratado aqui, a flagrante semelhança entre as soluções empregadas pelos arquitetos do Convênio — sobretudo Hélio Duarte, Roberto Tibau e Eduardo Corona — em São Paulo, e os edifícios escolares do conjunto Pedregulho, por exemplo, não deixa dúvida sobre a filiação a que estamos nos referindo. Considerando-se, no entanto, que em São Paulo tanto os elementos vazados cerâmicos, cobogós, quanto os painéis de azulejo e/ou mosaico, feitos sob encomenda por artistas como Candido Portinari e Roberto Burle Marx, são substituídos por blocos de concreto industrializados, janelcret, e por painéis pré-fabricados com furos cilíndricos.

Transição, mudança de rumos e plano de futuro

Não há dúvida de que as escolas de Itanhaém (1959) e Guarulhos (1960), projetadas por Vilanova Artigas na primeira série de escolas construídas pelo Ipesp, se tornaram "modelos" para uma ampla reorientação de rumos na arquitetura em São Paulo. Reorientação esta que termina por extrapolar o programa escolar, e lançar as bases de uma produção que, sugestivamente, veio a ser conhecida como""escola paulista".

No volume monográfico que escreveu sobre a obra de Artigas, João Masao Kamita situa essa nova orientação na produção do arquiteto como, entre outras coisas, uma contraposição direta ao modelo criado pelo Convênio. Atitude que, em suas palavras, se caracteriza pela "*recusa em pensar o edifício como um agregado aleatório e precário de blocos independentes (salas, administração, serviços e pátio), para se decidir por um partido que favoreça a integração orgânica entre os setores*".[20]

Contudo, como lembra Fábio Valentim, apesar de se poder considerar a unificação espacial sob uma cobertura única, no projeto do ginásio de Itanhaém, um exemplo inaugural na tipologia do edifício escolar brasileiro, a assimilação do antigo galpão no corpo principal do prédio não era uma novidade, uma vez que já havia sido empregada por Niemeyer na escola Júlia Kubitschek (1951), por Reidy no colégio Brasil-Paraguai (1952) e em diversas escolas do Convênio Escolar (1949-54), em São Paulo.[21] Entretanto, observa,

> *em todos esses casos, as escolas eram resolvidas em dois ou três pavimentos, ficando o pátio de recreação no térreo, em pilotis, separado das salas de aula, sempre localizadas nos pisos superiores. A novidade da escola de Itanhaém é a assimilação do "galpão" não mais como anexo de um edifício principal, ou como pilotis, mas como o espaço de integração orgânica das diversas atividades. Desta forma, espaços exclusivamente destinados à circulação praticamente desaparecem da planta.*[22]

Particularmente, a incorporação do pórtico estrutural serial na definição da forma do edifício como um todo — pensado, por sua vez, como um volume compacto — sinaliza uma aproximação de Artigas à vertente mais construtiva da arquitetura carioca — notadamente a exemplos como o Museu de Arte Moderna (1953), de Reidy, e a fábrica da Duchen (1950), de Niemeyer. Aproximação esta que já se delineava no seu elogio exaltado à famosa autocrítica feita por Niemeyer em 1958, em que este se propunha a renunciar à "*tendência excessiva para a originalidade*" em nome da valorização da estrutura na definição plástica do edifício.[23] Por outro lado, o que vemos nas soluções encontradas por Artigas é a submissão desse ímpeto sintético-construtivo, deduzido já no desenho do corte, a um raciocínio infinitamente adestrado na complexidade dos arranjos espaciais internos, vale dizer na fluidez dos ambientes em meios-níveis — donde se subtrai a necessidade de obstáculos separando visualmente os espaços —, e na criação de um vazio central iluminante, valorizando o caráter "público" e congregacional do edifício escolar.[24] Imagem de uma riqueza espacial interna em que se adivinha a presença de uma matriz mais wrightiana do que corbusiana no cerne da intuição projetual de Artigas, que certamente ultrapassa a chamada fase inicial de sua carreira, chamada de wrightiana, e alcança a sua obra madura.

A pesquisadora Dalva Thomaz situa a primeira metade da década de 1950 como um período de profundo impasse na obra de Artigas, marcado ao mesmo tempo por uma radicalização ideológica — que resulta em ácidas críticas aos "mestres" modernos e à arte de vanguarda —, e por uma decepção com as soluções propugnadas pelo regime socialista, incômodo que vem à tona após a sua viagem à União Soviética, em 1953.[25] A estiagem de projetos daí resultante, como observa Kamita, representa um momento de maturação e transformação na obra de Artigas, em que o arquiteto procura formular respostas à altura dos seus altos questionamentos. E, como sabemos, as formulará no projeto de casas feitas na segunda metade dos anos 1950, e nas obras públicas construídas no início da década de 1960, em que se destacam os edifícios escolares.

De algum modo, as questões desenvolvidas nos projetos das casas migram e se amplificam nas escolas. Pois, se as casas projetadas por Artigas são pensadas como espaços públicos — na integração e ascetismo dos espa-

[20] KAMITA, João Masao. **Vilanova Artigas**. São Paulo: Cosac Naify, 2000, p. 27.

[21] Essa composição mais compacta, implicando uma redução da diversidade volumétrica, e conseqüentemente do destaque "elementarista" das unidades programáticas, nas escolas do Convênio, se acentua naqueles projetos em que os arquitetos, além de eliminar o galpão abobadado, recusaram a fragmentação do programa em edifícios separados, sintetizando-o em um pavilhão único, como acontece nas escolas Regente Feijó (Nossa Sra. do Ó), Toledo Barbosa (Carandiru), Professor Otávio Monteiro de Castro (Vila Jaguará) e Carlos Escobar (Tatuapé). Nota-se, ainda, que em casos como os das escolas Dna. Suzana de Campos (Perus) e Orville Derby (Vila Formosa), essa solução decorre de uma atenção às particularidades topográficas do terreno, tirando-se partido do seu desnível na criação de uma área exclusiva para recreação sob pilotis.

[22] VALENTIM, Fábio. **Casas para o ensino**: as escolas de Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2003, p. 168.

[23] NIEMEYER, Oscar Depoimento [1958]. XAVIER, Alberto (organizador). **Depoimento de uma geração**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. No comentário de Artigas, também publicado nesse compêndio, encontram-se observações como a seguinte: "O depoimento de Niemeyer é uma síntese feliz do que se continha no espírito de todos os arquitetos sérios do Brasil e marca também o ponto de partida para uma nova fase do desenvolvimento da arquitetura nacional". ARTIGAS,Vilanova. **Revisão crítica de Niemeyer** [1958]. XAVIER, Alberto, op. cit., p. 240.

[24] É importante ressaltar que muitas dessas características já pareciam claramente formuladas, em São Paulo, no projeto do Ginásio do Clube Atlético Paulistano (1958), de Paulo Mendes da Rocha.

[25] Idem, ibidem.

ços, que combatem frontalmente a dimensão do "privado", associado à idéia de "privacidade" domiciliar —, suas escolas, por outro lado, conservam a dimensão de uma certa intimidade doméstica — o que se mostra, por exemplo, na bela leitura da escola de Guarulhos feita por Avany Ferreira, Maria Elizabeth Corrêa e Mirela Geiger de Mello: "*Os generosos bancos de concreto estrategicamente colocados propiciam um estar hierarquizado, ora em espaços maiores, ora em espaços mais aconchegantes não perdendo a escala de prédio público, mas permitindo a intimidade de uma casa*".[26]

Isto é, sendo Artigas uma pessoa profundamente ligada ao ensino e à criação de um projeto pedagógico compatível com o ideal humanista da profissão que defendia, nada melhor do que o programa educacional como base para a formulação de problemas novos, ligados tanto à espacialidade arquitetônica quanto à prática profissional.[27] Assim, ao traçar o histórico das construções escolares em São Paulo, no famoso texto que escreveu sobre o assunto, Artigas ressalta o "*caráter impaciente*" da arquitetura paulista nos anos de 1960, justificando-o pelo fato de esta desenvolver-se "*no eixo onde estão os grandes problemas*". É em virtude disso, diz ele, que ela dá-se "*a proezas e audácias nem sempre compreendidas*".[28]

Quer dizer, a importância do programa escolar pede soluções de grande envergadura — como a estrutura em concreto protendido do ginásio em Eldorado Paulista, de Pedro Paulo Saraiva —, que implicam uma opção pelo trabalho junto ao Estado, e uma ênfase na tecnologia construtiva a partir de um raciocínio infra-estrutural, capaz de alavancar o desenvolvimento do país. Daí a sua opção radical pelo concreto armado, cuja indústria encontrava-se já bem desenvolvida no Brasil, parecendo descortinar, naquele momento, promissoras promessas de pré-fabricação em grande escala, indicada no seu projeto para o ginásio de Utinga (1962) e, posteriormente, no conjunto habitacional CECAP "Zezinho Magalhães Prado" (1968), em parceria com Paulo Mendes da Rocha e Fábio Penteado.[29]

Essa referida reorientação de rumos na obra de Artigas significou uma negação do otimismo implícito na sua fase "carioca", correspondente às obras que construiu em Londrina. Pode-se dizer que o que se arma, nesse momento, é praticamente uma inversão daquele ideal anterior, caracterizado pelo desenho dinâmico da cobertura, e por formas francamente exteriorizadas. Nessa superação do idealismo utópico moderno, representado aqui pela arquitetura feita no Rio de Janeiro, há, segundo Kamita, uma percepção da "premência do presente" como fator determinante. Isto é, uma compreensão nova da forma, vista agora como um campo de tensões, um arcabouço de relações materiais em permanente conflito. Vem daí a incorporação contundente da opacidade em suas obras, numa problematicidade explícita, e até didática, da relação entre interior e exterior. Comparando, certa vez, a sua atitude projetual à de Niemeyer, Artigas disse o seguinte: "*Oscar e eu temos as mesmas preocupações e encontramos os mesmos problemas*", mas "*enquanto ele sempre se esforça para resolver as contradições numa síntese harmoniosa, eu as exponho claramente*".[30]

Como se vê, os paradigmas assumidos aqui não são mais aqueles que impulsionaram o surgimento da arquitetura moderna brasileira nos anos 1930 — notadamente os *grands travaux* de Le Corbusier. Há nessa incorporação tensa do materialismo histórico em Artigas tanto o esforço de fundação de um ponto de vista autônomo em relação aos grandes centros, tendente à afirmação de uma soberania nacional — a um tempo orgulhosa de si, e demarcando nitidamente sua situação periférica no quadro mundial —, como o espelhamento de um novo contexto internacional, surgido no pós-guerra europeu, em que a ideologia moderna fazia sua autocrítica. Tanto pela fantasia tecnológica das megaestruturas, que abandonavam as soluções pontuais para pensar as construções como invólucros de múltiplos programas, incluindo-se as obras de infra-estrutura urbana, quanto pela angústia grave do "brutalismo", que em obras como a Unidade de Habitação de Marselha (1947), ou as casas Jaoul (1952), de Le Corbusier, colocava a nu a ingenuidade precedente de uma visão neutra da técnica, e de que a "civilização maquinista" pudesse ser um futuro à vista.[31]

Há nesse momento, portanto, nas obras de Artigas, uma entronização da crítica na forma construída, fazendo com que esta deixe de ser entendida como volume geométrico abstrato para ser pensada como estrutura. Vem daí a necessidade de tornar visíveis as entranhas da construção, de deixar à vista sua mecânica, "*expressa na forma dos fluxos vetoriais que a atravessam (cargas, empuxos, pesos, ventilação, iluminação, movimento das águas)*", e as "*marcas do seu ciclo produtivo pela utilização franca dos materiais e pelos sinais dos processos de execução (concreto aparente)*",[32] característica esta que o aproxima do brutalismo.

Seu raciocínio vai, portanto, na direção de se estabelecer uma identidade fundamental entre as estruturas espacial e portante, caminho que, na interpretação de Kamita, é definido na casa Taques Bittencourt (1959), cuja configuração se torna, em suas palavras, "*o princípio do partido para as soluções de grande porte, especialmente as escolas*".[33] Princípio este que vem a ser o seguinte: uso de pórticos estruturais, rampas, meios níveis, e criação de um vazio central iluminante, incorporando uma natureza controlada. O terreno se movimenta, assim como a forma dos apoios, e a continuidade espacial está garantida na extensão abarcadora da grande cobertura, e

[26] FERREIRA, Avany de F.; CORRÊA, Maria Elizabeth P. ; MELLO, Mirela G. de., op. cit., p. 32. Também a dissertação de Fábio Valentim, ao qualificar as escolas de Artigas como "casas de ensino", indica nitidamente essa proximidade.

[27] É conhecida a fundamental atuação de Artigas no campo da formulação de projetos curriculares renovadores, como a reforma no ensino da FAU-USP em 1962 — proposta já em 1957 —, sem a qual a compreensão do seu projeto para o edifício da escola (1961) fica comprometida. Cf. EDITORIAL. Fórum: o percurso do ensino na Fau. **Caramelo**, nº 6. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1993.

[28] ARTIGAS,Vilanova. **Sobre escolas**. Caminhos da arquitetura.op. cit., p. 131.

[29] A ênfase em concepções para projetos de grande porte não era um delírio grandiloqüente de Artigas. Ao contrário, estava na base da própria encomenda do governo, que, a partir da experiência da construção de Brasília, não era ingênuo em relação ao poder publicitário daquela vinculação inédita entre arquitetura e poder. Como declarou Abrahão Sanovicz, "Carvalho Pinto já tinha ido a Brasília, onde se encontrou com Juscelino, que lhe mostrou o trabalho dos arquitetos. Ele entendeu esse fenômeno (da identidade da administração com os edifícios que produz). Se quisesse ter o mesmo resultado, seria necessário usar os quadros que tinha em São Paulo". SANOVICZ, Abrahão. Depoimentos. **Arquitetura e Urbanismo**, nº 17, 1988, p. 56.

[30] BRUAND, Yves, op. cit., p. 302.

[31] Cf. BANHAM, Reyner. **El brutalismo**: ética o estética? Barcelona: Gustavo Gili, 1966; e **Megaestructuras** – futuro urbano del pasado reciente. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

[32] KAMITA, João Masao, op. cit., p. 34.

[33] Idem, ibidem, p. 27.

na repetição serial do sistema estrutural. Assim, enquanto há uma redução do exterior a uma volumetria simples, um invólucro básico, o espaço interno se complexa, destacando um pátio de convivência, e uma integração espacial que elimina corredores e a necessidade de compartimentação das zonas funcionais.

As escolas do Ipesp estão longe de apresentar o padrão de homogeneidade arquitetônica do conjunto do Convênio Escolar. Basta ver a quantidade de arquitetos envolvidos na criação dos projetos, que já temos uma noção da heterogeneidade dessa produção. Muitos nomes podem ser elencados, aqui, como fazendo parte desse grupo. Estão entre eles, além de Vilanova Artigas, já citado, e de Oswaldo Corrêa Gonçalves e Eduardo Corona, que eram membros do grupo do Convênio, arquitetos já experientes do grupo de São Paulo, tais como Elisiário Bahiana, Salvador Cândia, Ícaro de Castro Mello, Eduardo Kneese de Mello, Plínio Croce, Roberto Aflalo, Galiano Ciampaglia, Zenon Lotufo, Abelardo de Souza, David Ottoni e Telésforo Cristófani. Podemos destacar, ainda, outros, que eram jovens, e se não eram já conhecidos, vieram a sê-lo em seguida, como Paulo Mendes da Rocha, Fábio Penteado, Pedro Paulo Saraiva, Jon Maitrejean, Alfredo Paesani, Abrahão Sanovicz, Júlio Katinsky, Cândido Malta Campos Filho, Jorge Wilheim, Ruy Ohtake, Eduardo de Almeida, Israel Sancovski, Gerônimo Bonilha, Alberto Botti, Marc Rubin, Carlos Millan, Rosa Kliass, João Xavier e Ubyrajara Gilioli.

Por outro lado, como dissemos, apesar da falta de homogeneidade geral, é de dentro da produção do Ipesp que surge uma linha forte para a arquitetura brasileira subseqüente, a partir das escolas projetadas por Artigas entre 1959 e 1960. Contudo, essa orientação, que ao longo da década tende a se tornar dominante, é apenas uma das abordagens nos vários projetos de escolas do Ipesp. Significativamente é possível identificar, nesse conjunto, a presença de grupos escolares ainda semelhantes aos do Convênio, tais como as escolas em Santo André, de Majer Botkowski; em Suzano, de Abelardo de Souza; e em Ribeirão Preto, de Adolpho Rubio. Há, também, um grupo de escolas feito com materiais e desenhos muito singelos — alvenaria de tijolos, tesouras de madeira e telhas de barro, com pavilhões lineares, em forma de "L" ou de "U". São os grupos escolares em Jundiaí, de Vasco Venchiaruth; em Pedregulho, de Gastão Rachou; e em Caraguatatuba, de Eduardo Corona; Itapira, de Salvador Cândia; Jaguariúna e Santo Antônio, de Carlos Millan; Mogi Mirim e Reginópolis, de Eduardo Kneese de Mello; Rio das Pedras, de Plínio Croce; Vargem Grande, de Júlio Neves; e Alto Alegre, de Fábio Penteado.

Dentro desse padrão construtivo, no entanto, a escola em Jundiaí, de Plínio Croce e Roberto Aflalo, representa uma solução de apurado rigor no desenho: uma construção térrea, de planta quadrada, formada por quatro galerias perimetrais cobertas com telhado em quatro águas, abrindo um pátio no centro, marcado por um espelho d'água. A única galeria sem salas de aula — que fica, portanto, aberta — dá acesso ao galpão situado no fundo do terreno em desnível, ao ar livre.

Entre os demais projetos, destacam-se soluções de notável arrojo técnico e espacial, como as soluções incomuns encontradas por João Clodomiro de Abreu para duas escolas: os grupos escolares em Santos e em Presidente Prudente, ambos com estrutura porticada, em concreto armado, criando um volume externo — circular e triangular, respectivamente — que define, internamente, um pátio-jardim protegido mas aberto.

Por fim, existem os projetos que se colocam em linha de continuidade com as escolas de Artigas, definidos como caixas de concreto suportadas por pilares ou pórticos, e caracterizadas por espaços fluidos voltados para um vazio central coberto, que se prolonga em um jardim ao ar livre, no térreo. No caso das escolas em São Caetano do Sul, de Fábio Penteado, e em Campinas, de Alfredo Paesani, por exemplo, a construção com rampas e meios níveis explora o desnível do terreno, que se rebate, também, nas coberturas inclinadas e no desenho diagonal dos pórticos.

Outra solução recorrente é a proposição de um volume térreo com cobertura inclinada gerando um mezanino corrido ao longo de uma das fachadas, além de um pé-direito duplo na área comum, vazio central, iluminado por clarabóias. Esse partido foi utilizado por Jorge Wilheim, na escola em São Caetano do Sul; Alberto Botti, na escola em Barretos, e Paulo Mendes da Rocha, no grupo escolar em Campinas, onde o fechamento inclinado, com *brise-soleil*, na fachada das salas termina por cobrir uma generosa varanda íntima das salas de aula.

Há, por fim, a solução variante do partido que resulta das escolas de Artigas: uma construção em dois níveis aberta a uma faixa central contínua, com pé-direito duplo. Tal partido, adotado por Maurício Tuck Schneider na escola no Guarujá, foi também brilhantemente explorado por Paulo Mendes da Rocha no grupo escolar em São José dos Campos, onde um pequeno anfiteatro é proposto na área de recreação, tendo a galeria de circulação das salas, no piso elevado, como um balcão corrido voltado para ele.

Muito já se falou sobre o caráter introvertido desses projetos da "escola paulista", como que a afirmar uma voluntária recusa da cidade em nome da constituição de um espaço urbano recriado, como um "laboratório" interno. Mas não podemos esquecer a generosa implantação desses edifícios, que fazem o piso do entorno fluir "naturalmente" para dentro dos seus espaços, sem portas nem entradas hierarquicamente definidas, incorporando a cidade quase que imperceptivelmente nesses lugares de excelência. Pode-se dizer, assim, que é um partido decididamente urbanístico que define tais projetos. Vocação que, numa etapa posterior, virá a se realizar exemplarmente na Rodoviária de Jaú (1973), de Artigas, edifício-ponte que articula o entorno em diversos níveis, nos trânsitos motorizado e peatonal. E virá, também, a ser metaforizada no chão que se movimenta sob uma grande cobertura iluminante no Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Osaka (1969), de Paulo Mendes da Rocha, fundando simbolicamente o lugar do encontro, isto é, o marco urbano.[34]

É sob esse prisma aparentemente invertido, em refração oblíqua, que podemos compreender melhor a observação de Mendes da Rocha acerca da relação entre as escolas do Ipesp e a cidade:

[34] "Chegar-se-á ao Pavilhão do Brasil, gradativamente, para então se dar conta que a maior diferenciação se faz na cobertura, 'vazada' de luz, e não na base. O chão acolhe, suavemente, o caminhante. Não mostra divisas. Mas solicita uma sensível e inteligente compreensão. Nada indica a violentação pelo supérfluo, pelo insignificante, por tudo aquilo que ainda como sugestão possa escamotear a universal fraternidade." MOTTA, Flávio. Arquitetura brasileira para a Expo'70. **Acrópole**, nº 372, 1970.

a incorporação do tradicional 'galpão' coberto, áreas de 'recreio' como espaço vital no edifício, um novo espaço exibindo os grandes vãos, a iluminação superior, 'janelas para o espaço', paisagem recentemente conquistada destinada a oficinas, teatros, exposições... já muda radicalmente todo o edifício no seu conceito, na sua nova estética, voltando a escola para a cidade e sua vida, ampliando a sua didática.[35]

BIBLIOGRAFIA

AB Arquitetura Brasileira – Escolas. Rio de Janeiro, 1972.

ARTIGAS,Vilanova. Revisão crítica de Niemeyer [1958]. XAVIER, Alberto (organizador). **Depoimento de uma geração**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ARTIGAS,Vilanova. Sobre escolas. **Caminhos da arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BANHAM, Reyner **Age of the masters**. Londres: The Architectural Press, 1962.

_____. **El brutalismo**: ética o estética? Barcelona: Gustavo Gili, 1966.

_____. **Megaestructuras** – futuro urbano del pasado reciente. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

COLQUHOUN, Alan. As estratégias dos grands travaux. **Modernidade e tradição clássica** – ensaios sobre arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DECKKER, Zilah Q. **Brazil built**: the architecture of the modern movement in Brazil. Londres: Spon Press, 2001.

DUARTE, Hélio. O problema escolar e a arquitetura. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951.

EDITORIAL. As arquiteturas do Convênio Escolar, **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951.

EDITORIAL. Fórum: o percurso do ensino na Fau. **Caramelo**, nº 6. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1993.

FERREIRA, Avany de F. ; CORRÊA, Maria Elizabeth P. ; MELLO, Mirela G. de. (organizadoras). **Arquitetura escolar paulista**. Restauro. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1998.

FRAMPTON, Kenneth **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KAMITA, João Masao. **Vilanova Artigas**. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

LEGENDA. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951, p. 17.

MOTTA, Flávio. Arquitetura brasileira para a Expo'70. **Acrópole**, nº 372, 1970.

NIEMEYER, Oscar. Depoimento [1958]. XAVIER, Alberto (organizador). **Depoimento de uma geração**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

RISÉRIO, Antonio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.

ROCHA, Paulo Mendes da. Edifícios escolares: comentários. **Acrópole**, 377, set. 1970.

SANOVICZ, Abrahão. Depoimentos. **Arquitetura e Urbanismo**, nº 17, 1988.

SEGAWA, Hugo. Hélio Duarte (1906-1989): moderno e peregrino. **Projeto**, nº 131, maio de 1990.

_____. Arquitetos peregrinos, nômades e migrantes. **Arquiteturas no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.

TEIXEIRA, Anísio. Um presságio de progresso. **Habitat**, nº 4, São Paulo, set-dez, 1951.

TESTA, Carlo. **New educational facilities**. München: Verlag für Architektur Artemis, 1975.

THOMAZ, Dalva. **Um olhar sobre Vilanova Artigas e sua contribuição à arquitetura brasileira**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1997.

VALENTIM, Fábio. **Casas para o ensino**: as escolas de Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2003.

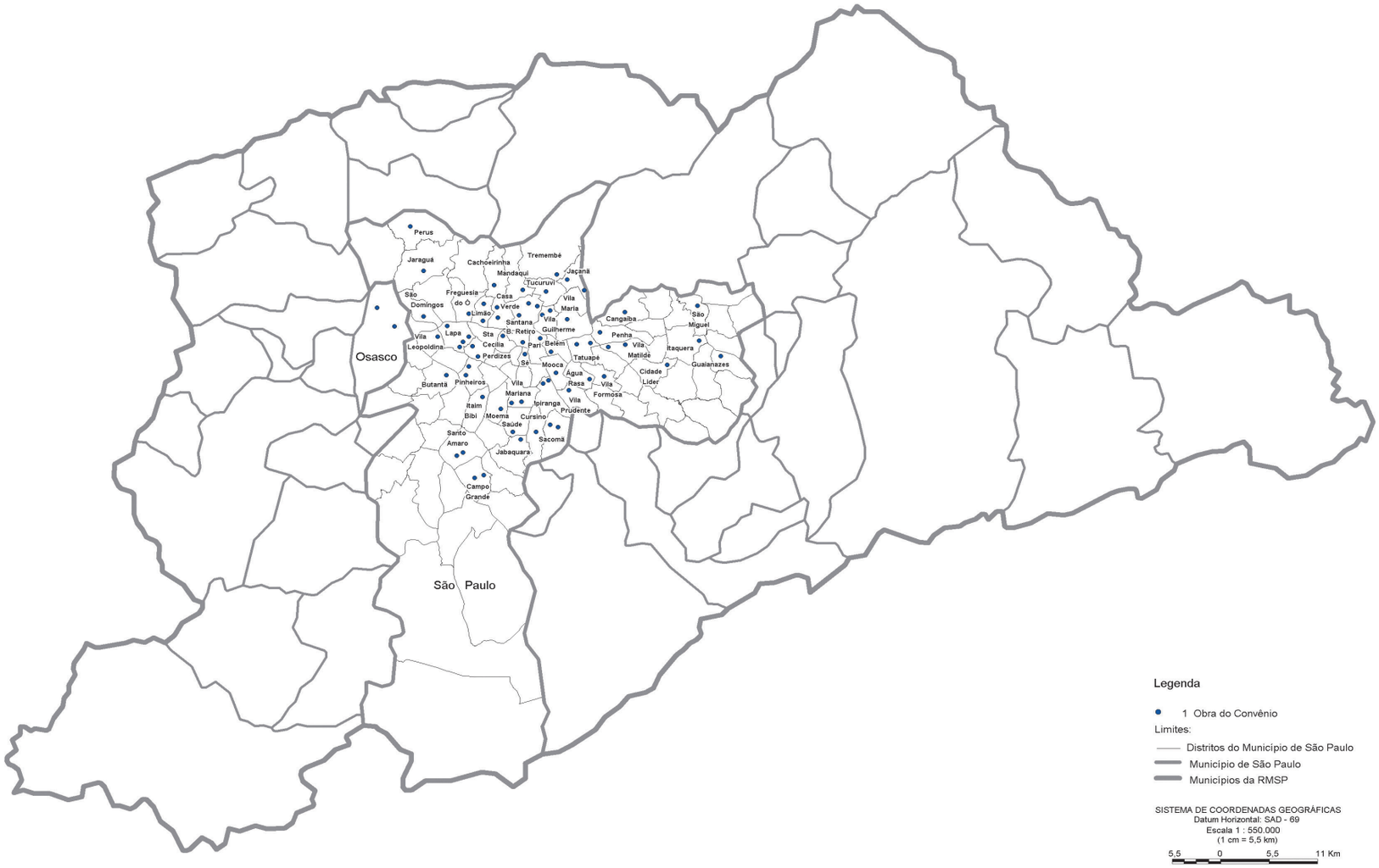
WISNIK, Guilherme. **Lucio Costa**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

[35] ROCHA, Paulo Mendes da, op. cit., p. 35, grifo meu.

O BRASIL
ANÍSIO
TEIXEIRA
UZEIROS
A 232

As escolas dos anos 1950

OBRAS DO CONVÊNIO ESCOLAR



Legenda

1 Obra do Convênio

Limites:

Distritos do Município de São Paulo

Município de São Paulo

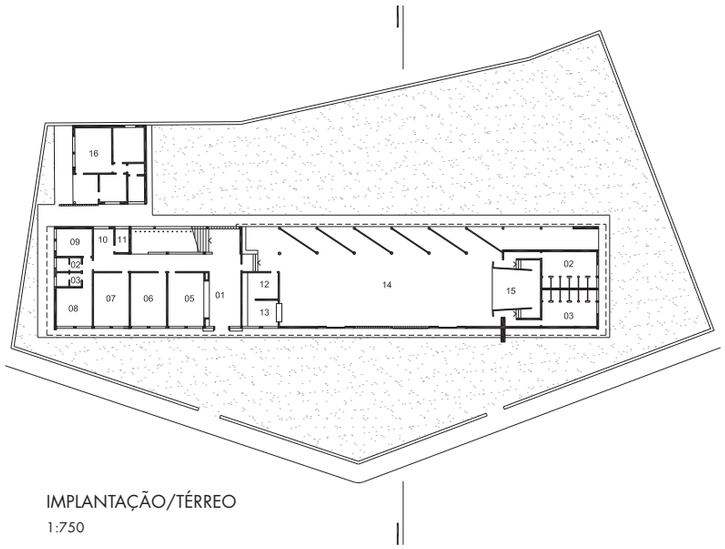
Municípios da RMSP

SISTEMA DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS
Datum Horizontal: SAD - 69
Escala 1 : 550.000
(1 cm = 5,5 km)

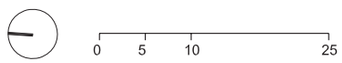
5,5 0 5,5 11 Km

EE Regente Feijó

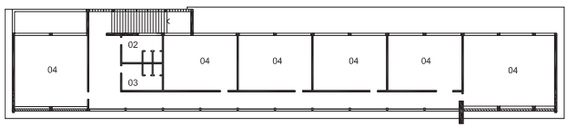
Aluísio da Rocha Leão | 1952 | São Paulo, Nossa Senhora do Ó | Rua Antonio de Couros, s/n



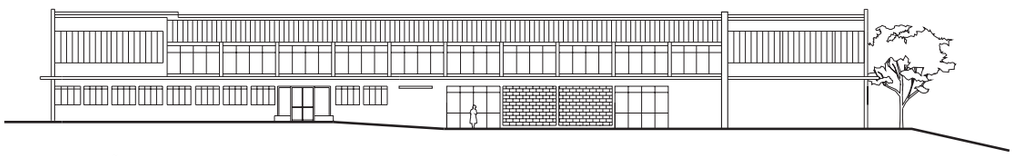
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



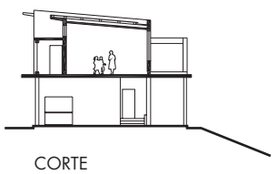
01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SALA DE AULA
05. SECRETARIA
06. DIRETOR
07. PROFESSORES
08. MÉDICO
09. DENTISTA
10. SALA DE ESPERA
11. MATERIAL ESCOLAR
12. COZINHA
13. DISTRIBUIÇÃO
14. RECREIO COBERTO
15. PALCO
16. ZELADORIA



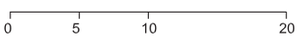
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



ELEVAÇÃO OESTE
1:500

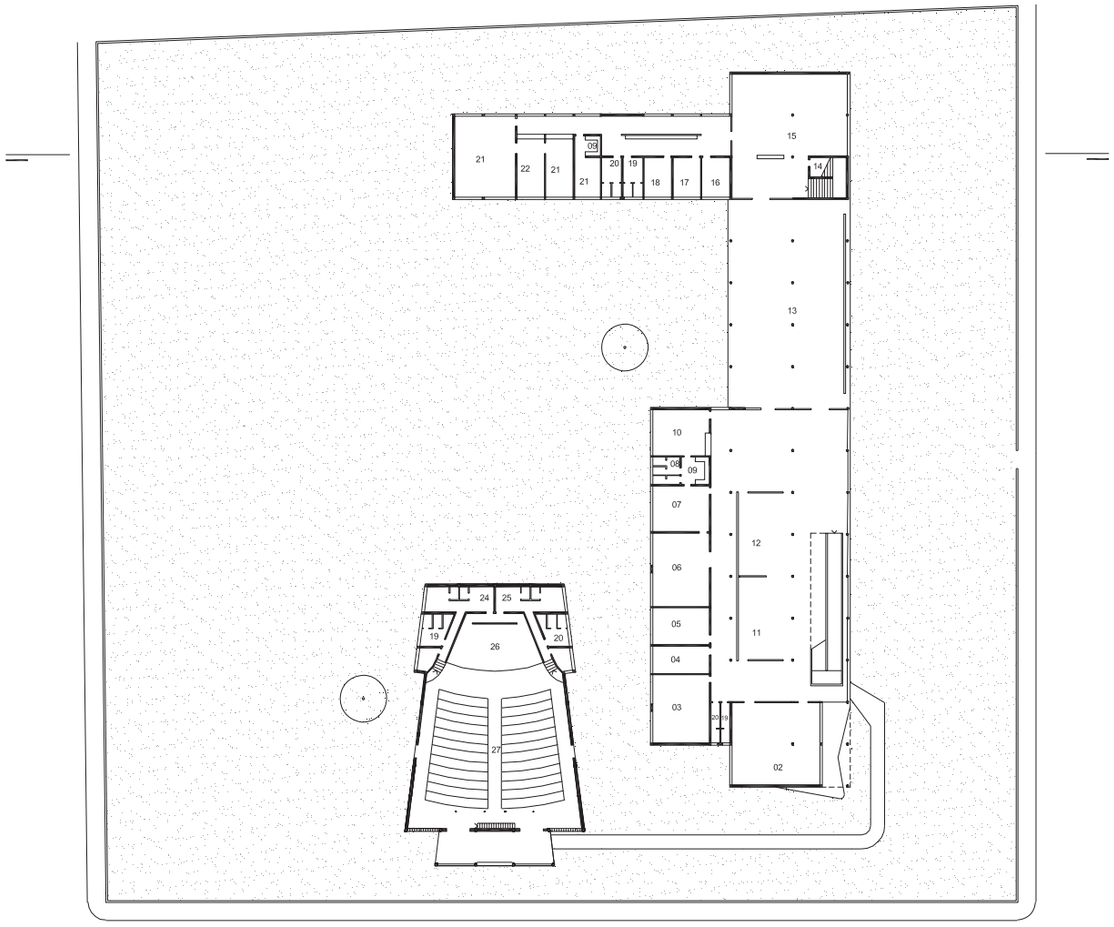


CORTE
1:500

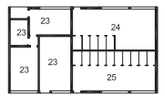


EE Albino César

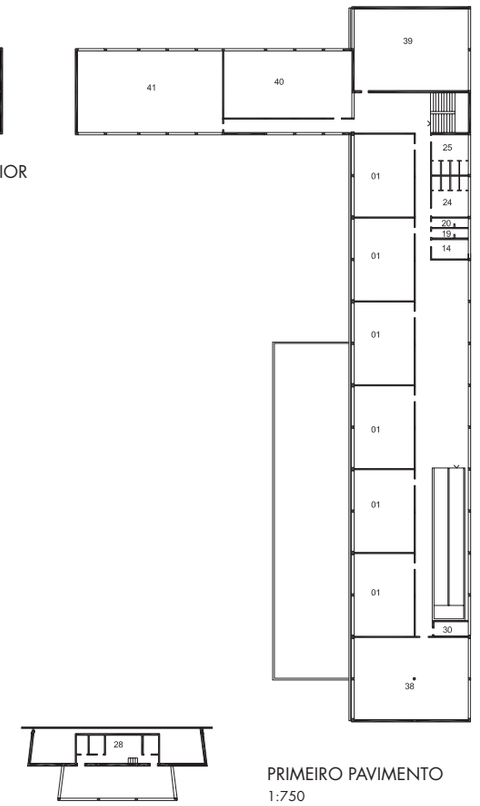
Antônio Carlos de Moraes Pitombo | 1953 | São Paulo, Tucuruvi | Rua Cajamar, 5



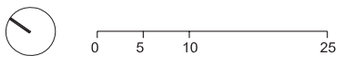
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



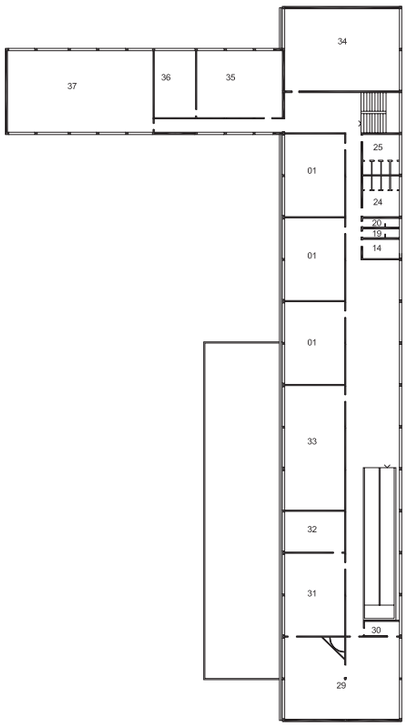
PAVIMENTO INFERIOR
1:750



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

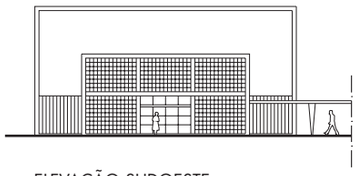


01. SALA DE AULA
02. BIBLIOTECA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. MATERIAL ESCOLAR
05. SALA DO INSPETOR
06. SALA DE CONGREGAÇÃO
07. DIRETORIA
08. SANITÁRIO DIRETORIA
09. ARQUIVO
10. SECRETARIA
11. HALL-MUSEU
12. EXPOSIÇÃO
13. RECREAÇÃO
14. DEPÓSITO
15. CANTINA
16. DENTISTA
17. MÉDICO
18. ENFERMARIA
19. SANITÁRIO MASCULINO
20. SANITÁRIO FEMININO
21. GRÊMIO
22. COOPERATIVA
23. ZELADORIA
24. VESTIÁRIO MASCULINO
25. VESTIÁRIO FEMININO
26. PALCO
27. AUDITÓRIO
28. SALA DE PROJEÇÃO
29. AUDITÓRIO DE QUÍMICA
30. SALA DE SERVENTES
31. LABORATÓRIO DE QUÍMICA
32. PREPARAÇÃO DE QUÍMICA
33. LÍNGUAS VIVAS
34. AUDITÓRIO DE FÍSICA
35. LABORATÓRIO DE FÍSICA
36. PREPARAÇÃO DE FÍSICA
37. SALA DE DESENHO
38. GEOGRAFIA
39. HISTÓRIA
40. TRABALHOS MANUAIS FEMININO
41. TRABALHOS MANUAIS MASCULINO

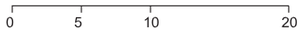


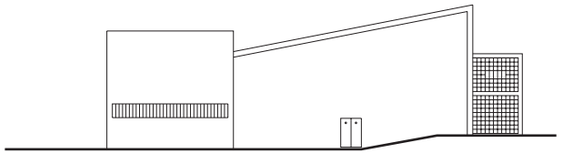
SEGUNDO PAVIMENTO
1:750

CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

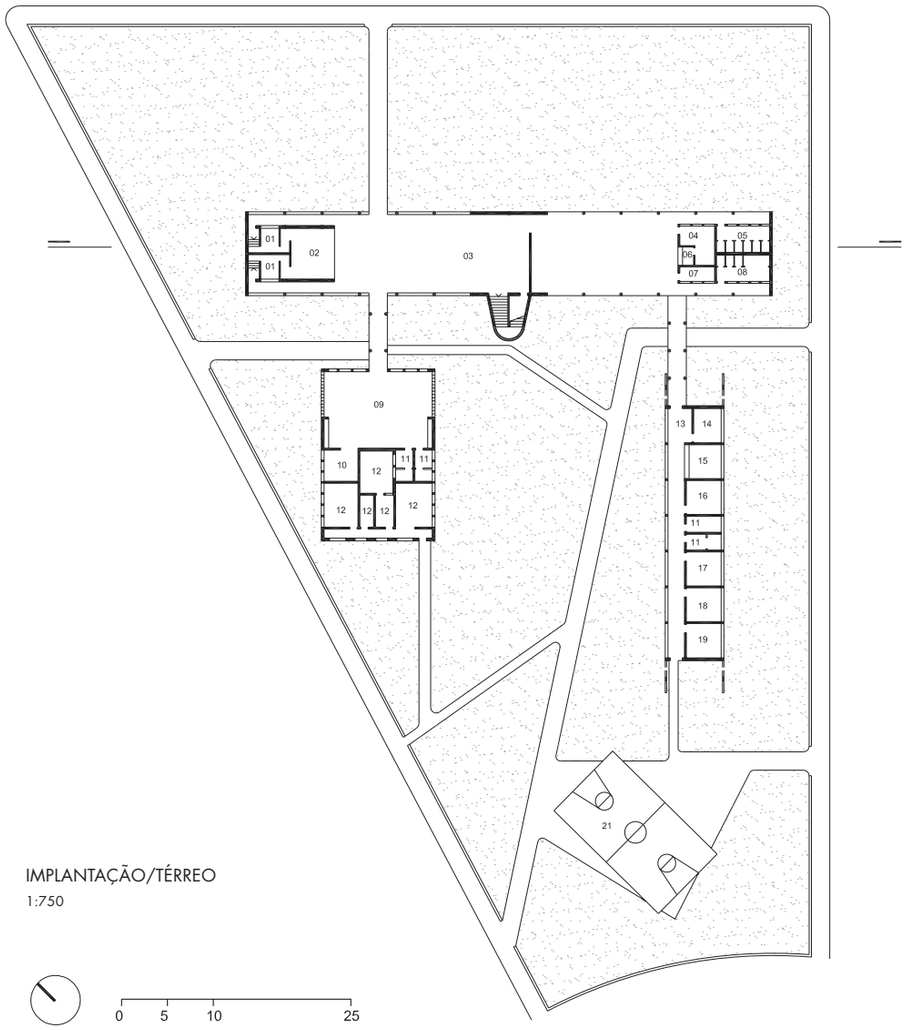




ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

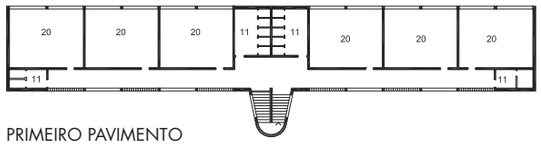
EE Frei Paulo Luig

Antônio Carlos de Moraes Pitombo | 1954 | São Paulo, Pari | Rua Carlos de Campos, 841



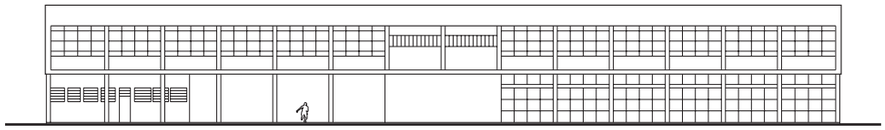
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

0 5 10 25



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

01. VESTIÁRIO
02. PALCO
03. RECREAÇÃO
04. NUTRICIONISTA E COZINHA
05. SANITÁRIO FEMININO
06. DISTRIBUIÇÃO
07. DEPÓSITO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. OFICINA VOCACIONAL
10. SALA INSTRUTOR
11. SANITÁRIO
12. ZELADORIA
13. HALL
14. ASSISTENTE SOCIAL
15. SECRETARIA
16. DIRETORIA
17. PROFESSORES
18. MÉDICO
19. DENTISTA
20. SALA DE AULA
21. QUADRA POLIESPORTIVA



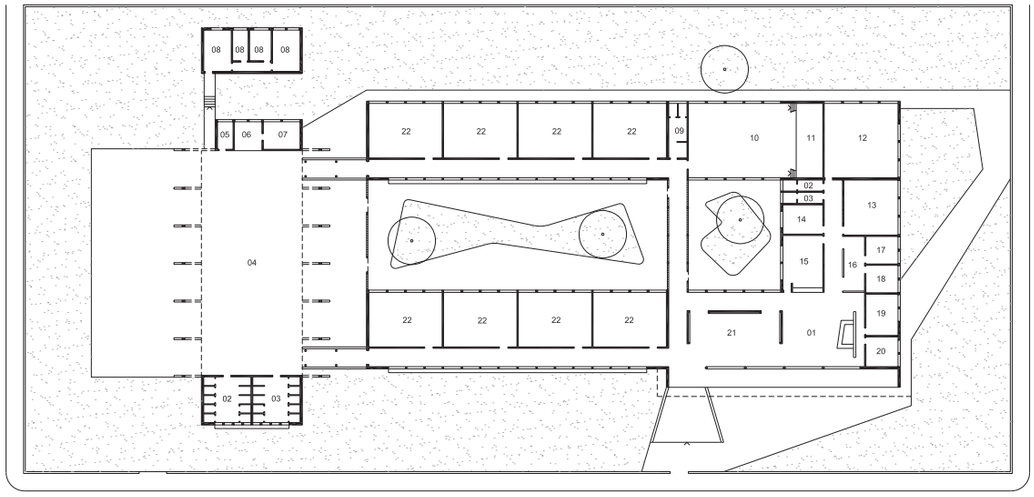
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

0 5 10 20

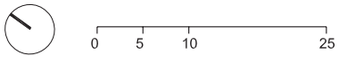
CORTE LONGITUDINAL
1:500

EE Professor Antônio Lisboa

Antônio Carlos de Moraes Pitombo | 1954 | obra construída com outro projeto | São Paulo, Santana | Rua Professor Fábio Fanucchi, 425

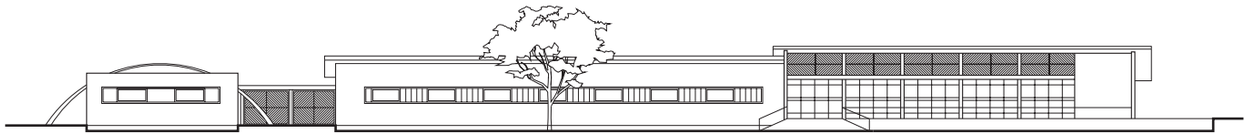


01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. RECREIO COBERTO
05. DESPENSA
06. DISTRIBUIÇÃO
07. COPA
08. ZELADORIA
09. SANITÁRIO FUNCIONÁRIOS
10. AUDITÓRIO
11. PALCO
12. BIBLIOTECA
13. SALA DOS PROFESSORES
14. DIRETORIA
15. SECRETARIA
16. SALA DE ESPERA
17. MÉDICO
18. DENTISTA
19. MATERIAL ESCOLAR
20. ASSISTÊNCIA SOCIAL
21. EXPOSIÇÃO E HALL-MUSEU
22. SALA DE AULA

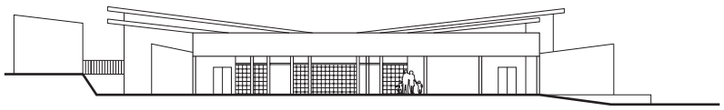


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

CORTE LONGITUDINAL
1:500



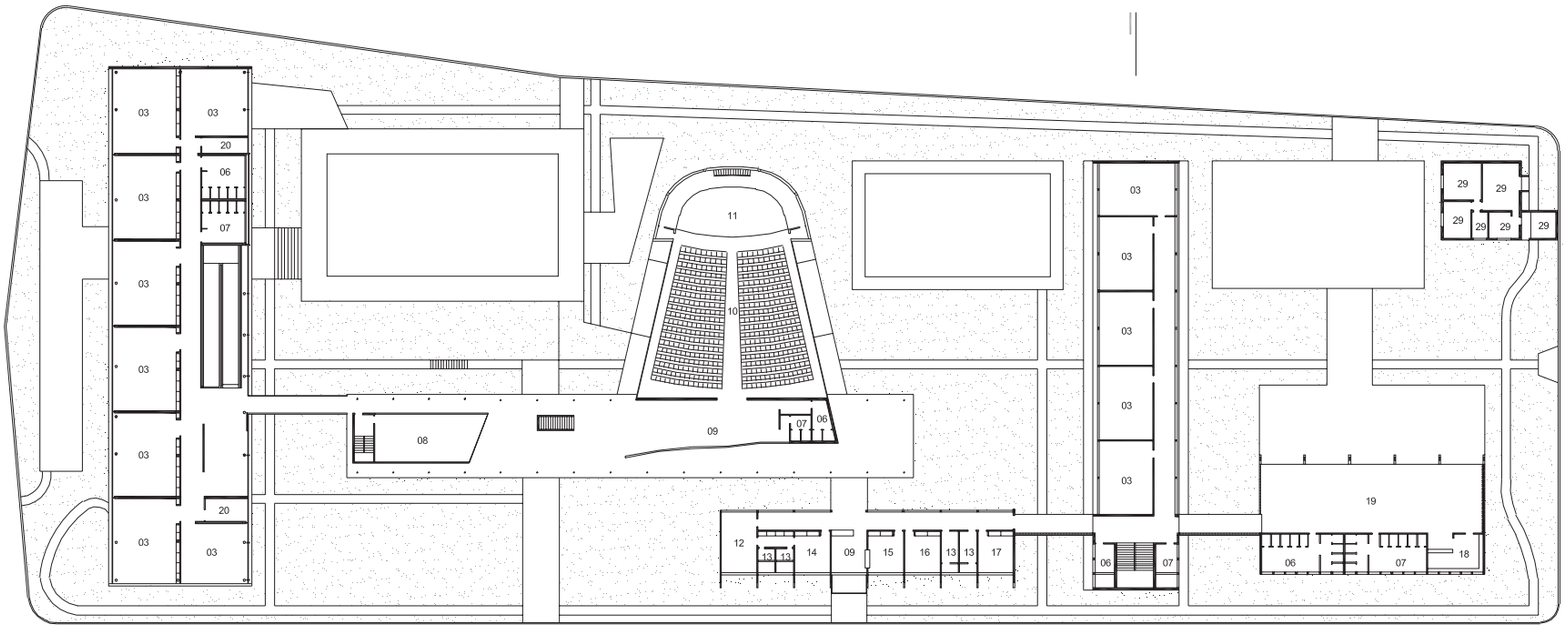
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500



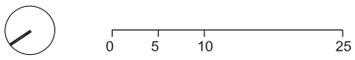
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

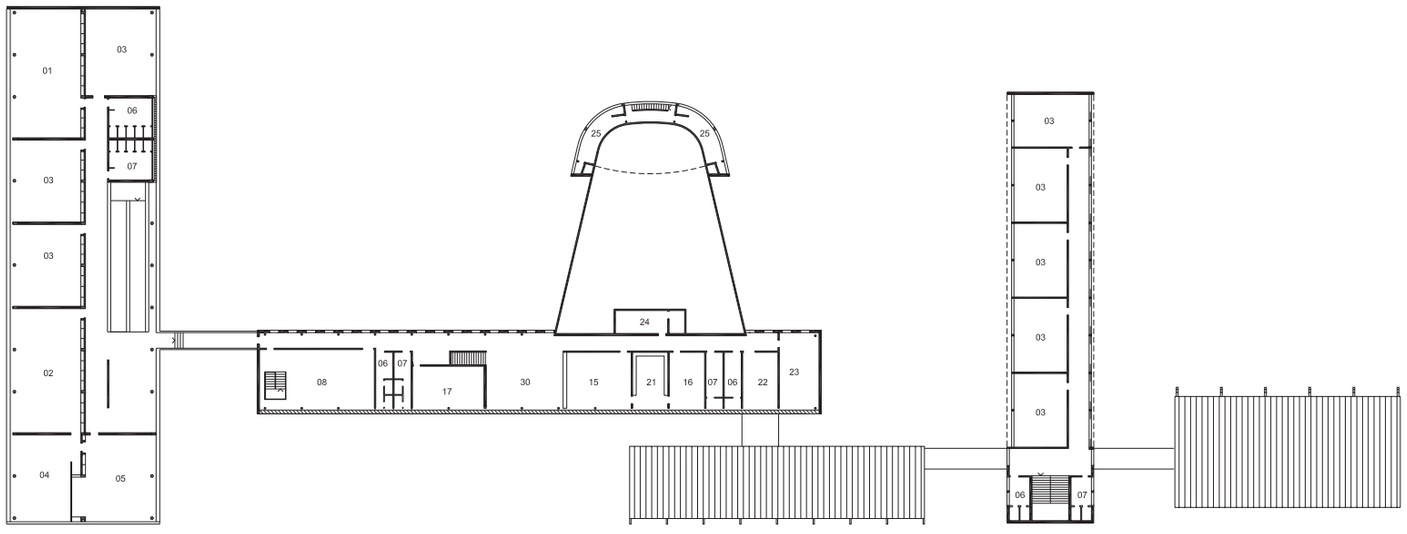
EE Dom Pedro I

Antonio Carlos de M. Pitombo, José Augusto B. Arruda, Roberto G. Tibau | 1955 | São Paulo, São Miguel Paulista | Rua Américo Gomes da Costa, 59

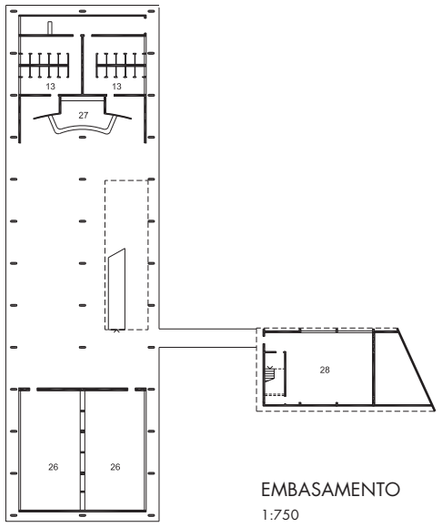


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



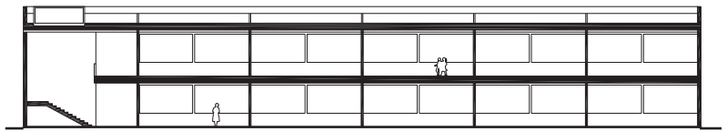


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

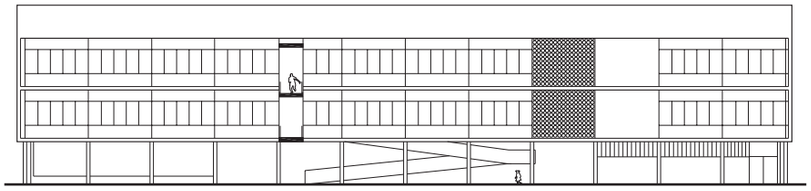


EMBASAMENTO
1:750

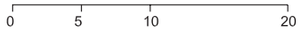
01. DESENHO
02. CIÊNCIAS E FÍSICA
03. SALAS DE AULA
04. ANFITEATRO
05. QUÍMICA
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. BIBLIOTECA
09. SALA DE ESPERA
10. AUDITÓRIO
11. PALCO
12. MÉDICO E ENFERMEIRA
13. SANITÁRIO
14. DENTISTA
15. SECRETARIA
16. DIRETOR
17. SALA DOS PROFESSORES
18. DISTRIBUIÇÃO E COZINHA
19. RECREAÇÃO
20. DEPÓSITO
21. ARQUIVO
22. INSPETOR
23. CONGREGAÇÃO
24. CABINE DE PROJEÇÃO
25. CAMARINS
26. SALA DE TRABALHOS MANUAIS
27. CANTINA
28. GRÊMIO
29. ZELADORIA
30. HALL

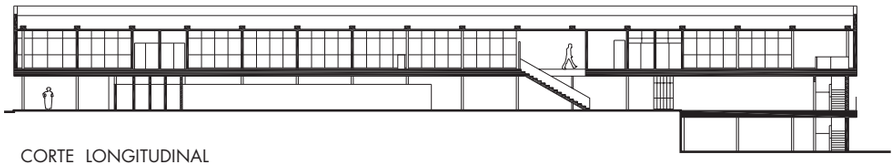


CORTE LONGITUDINAL
1:500

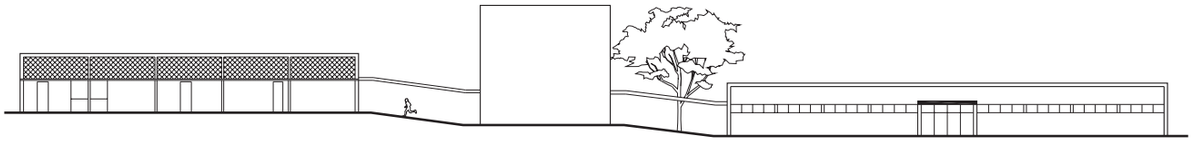


FACHADA SUDOESTE
1:500





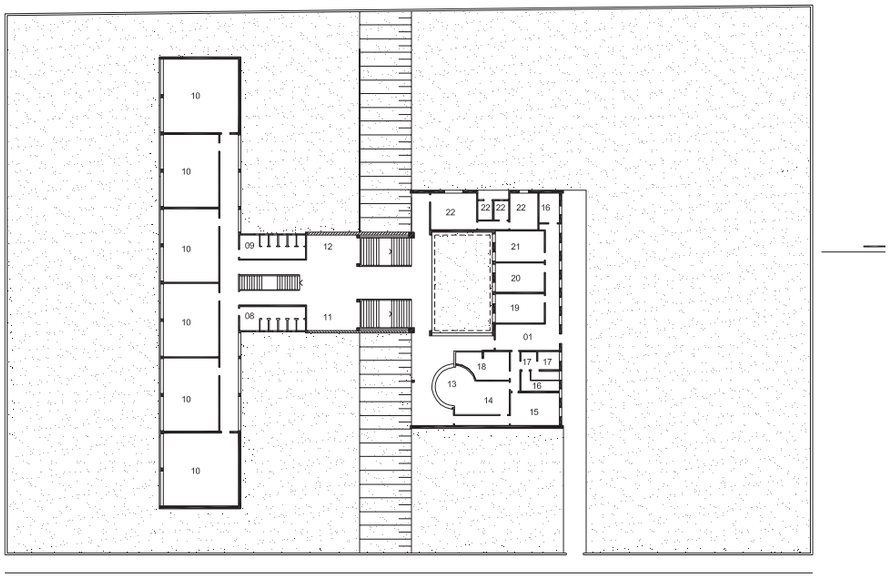
CORTE LONGITUDINAL
1:500



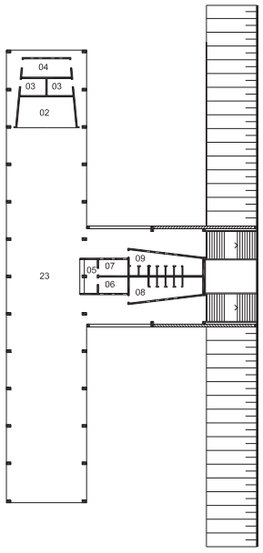
FACHADA NOROESTE
1:500

EE Erasmo Braga

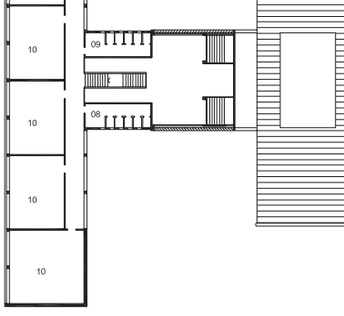
Eduardo Corona | 1950 | São Paulo, Tatuapé | Rua Maria Eugênia, 190



IMPLANTAÇÃO/PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



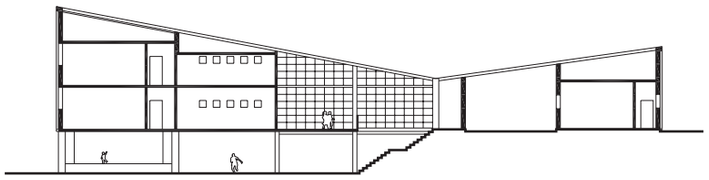
SEGUNDO PAVIMENTO
1:750



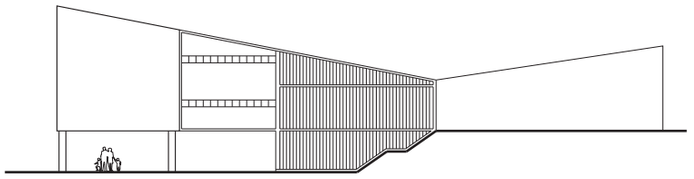
PAVIMENTO TÉRREO
1:750

0 5 10 25

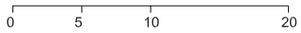
01. HALL DE ENTRADA
02. PALCO
03. VESTIÁRIO
04. DEPÓSITO
05. DISTRIBUIÇÃO
06. NUTRICIONISTA
07. COZINHA
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. SANITÁRIO FEMININO
10. SALA DE AULA
11. BIBLIOTECA INFANTIL
12. HALL-MUSEU
13. BIBLIOTECA
14. SALA DOS PROFESSORES
15. DIRETORIA
16. SANITÁRIO
17. ARQUIVO
18. SECRETARIA
19. ASSISTENTE SOCIAL
20. DENTISTA
21. MÉDICO
22. ZELADORIA
23. RECREIO COBERTO



CORTE TRANSVERSAL
1:500

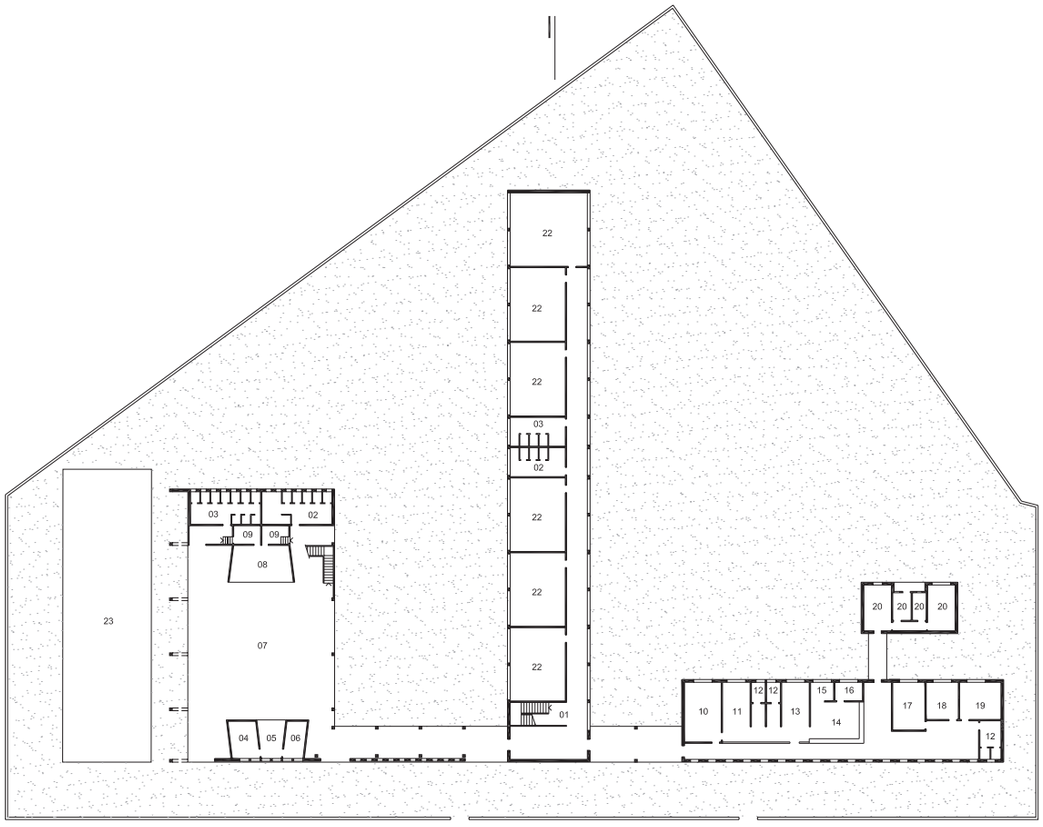


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

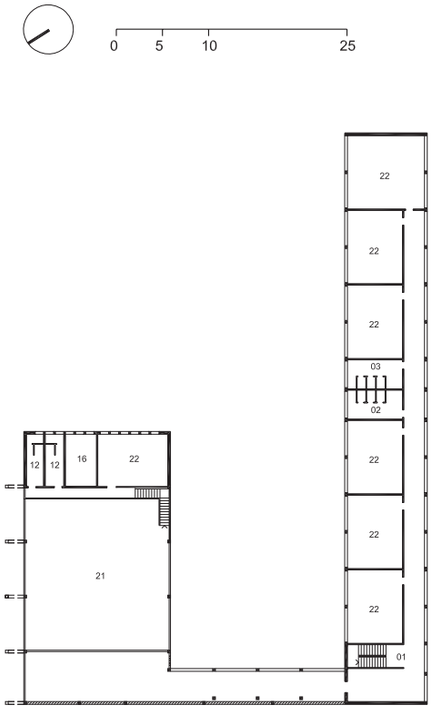


EE Doutor Reinaldo Ribeiro da Silva

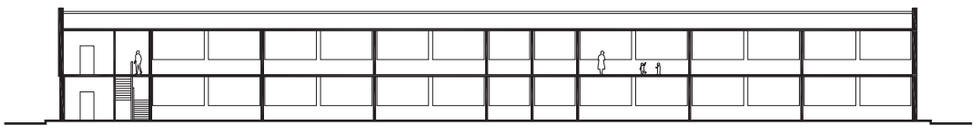
Eduardo Corona | 1950 | São Paulo, Lapa | Avenida Embaixador Macedo Soares, 10935



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

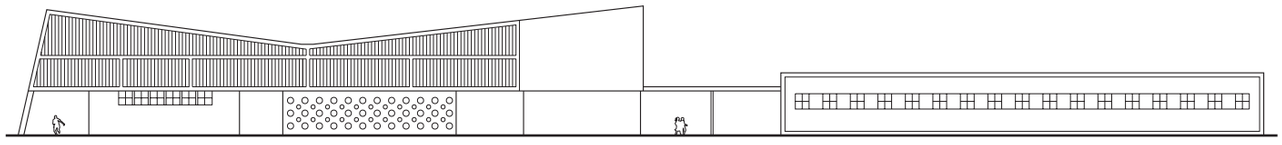


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500

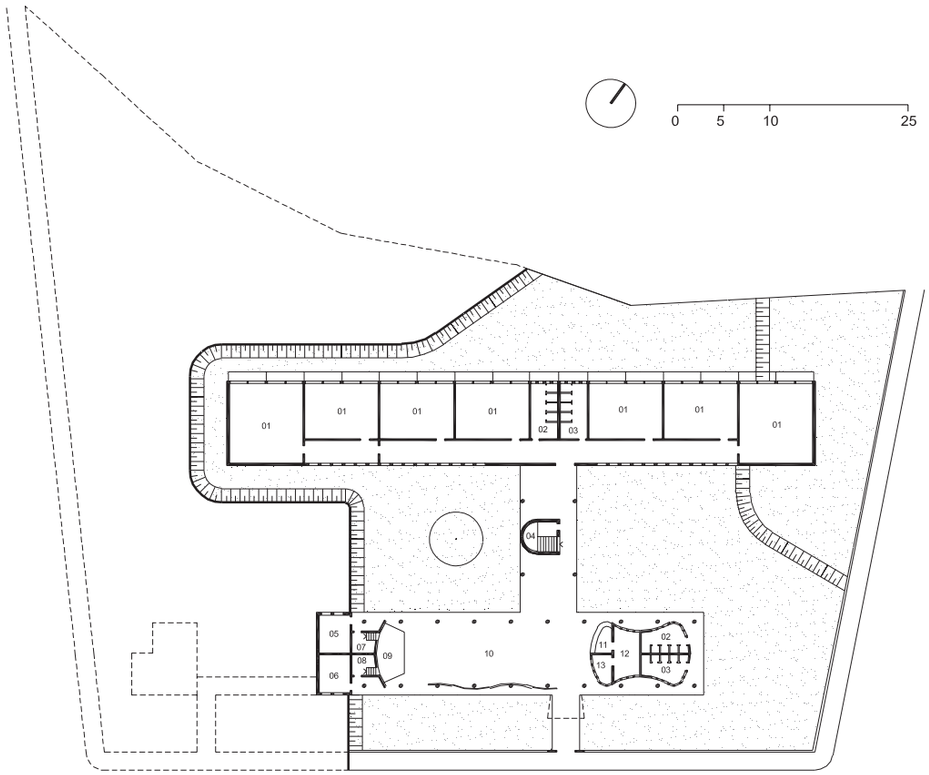
01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. COZINHA
05. DISTRIBUIÇÃO
06. NUTRICIONISTA
07. RECREIO COBERTO
08. PALCO
09. VESTIÁRIO
10. BIBLIOTECA
11. SALA DOS PROFESSORES
12. SANITÁRIO
13. DIRETOR
14. SECRETARIA
15. ARQUIVO
16. DEPÓSITO
17. SERVIÇO SOCIAL
18. MÉDICO
19. DENTISTA
20. ZELADORIA
21. VAZIO DO RECREIO COBERTO
22. SALA DE AULA
23. AMPLIAÇÃO EXECUTADA EM 1969



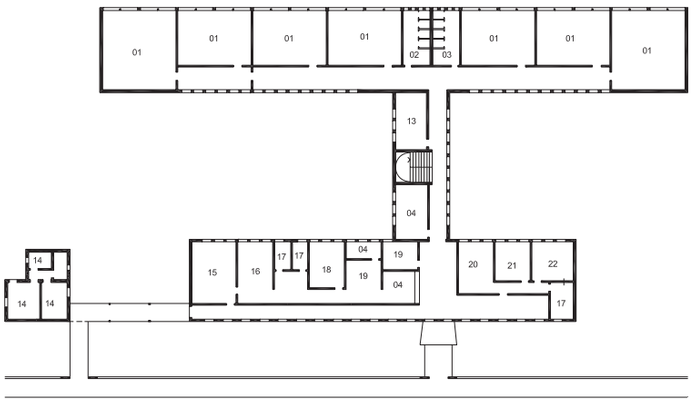
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

EE Pedro Alexandrino

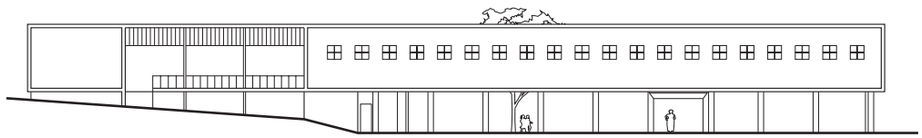
Eduardo Corona | 1950 | São Paulo, Tucuruvi | Rua Imbiras, 49



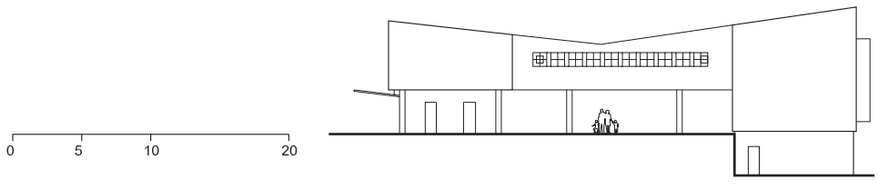
IMPLANTAÇÃO/PAVIMENTO TÉRREO
1:750



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



ELEVAÇÃO SUL
1:500



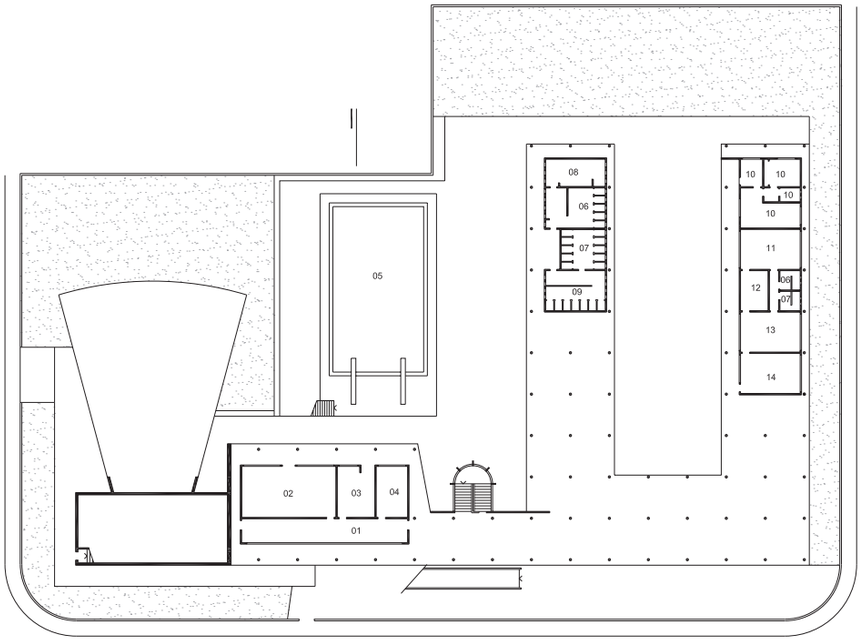
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. DEPÓSITO
05. SALA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
06. ALMOXARIFADO
07. VESTIÁRIO MASCULINO
08. VESTIÁRIO FEMININO
09. PALCO
10. AUDITÓRIO
11. CANTINA
12. COZINHA
13. DESPENSA
14. ZELADORIA
15. SECRETARIA
16. BIBLIOTECA
17. SANITÁRIO
18. DIRETORIA
19. SALA DE LEITURA
20. SALA DOS PROFESSORES
21. MÉDICO
22. DENTISTA

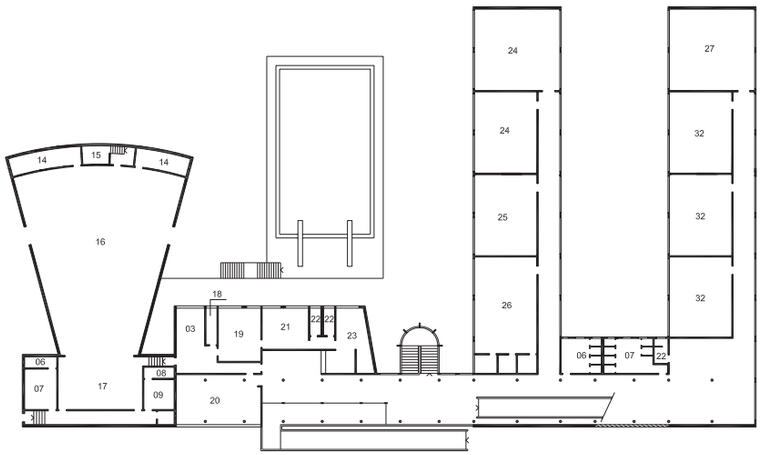
EE Nossa Senhora da Penha

Eduardo Corona | 1951 | São Paulo, Penha | Rua Padre Benedito de Camargo, 762

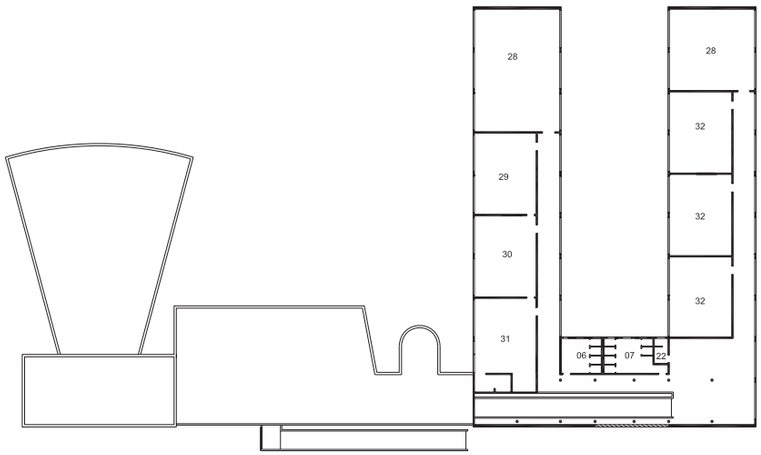
01. HALL-MUSEU
02. SALA DE REUNIÕES
03. DIRETORIA
04. IMPRENSA
05. PISCINA
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. VESTIÁRIO MASCULINO
09. VESTIÁRIO FEMININO
10. ZELADORIA
11. DENTISTA
12. SALA DE ESPERA
13. MÉDICO
14. DEPÓSITO
15. CABINE
16. PLATÉIA
17. PALCO
18. SANITÁRIO
19. SALA DE CONGREGAÇÃO
20. BIBLIOTECA
21. SALA DOS PROFESSORES
22. SANITÁRIO
23. ARQUIVO
24. SALA DE TRABALHOS MANUAIS
25. CIÊNCIAS E HISTÓRIA NATURAL
26. SALA DE LÍNGUAS
27. GEOGRAFIA
28. SALA DE DESENHO
29. LABORATÓRIO DE FÍSICA
30. ANFITEATRO
31. LABORATÓRIO DE QUÍMICA
32. SALA DE AULA



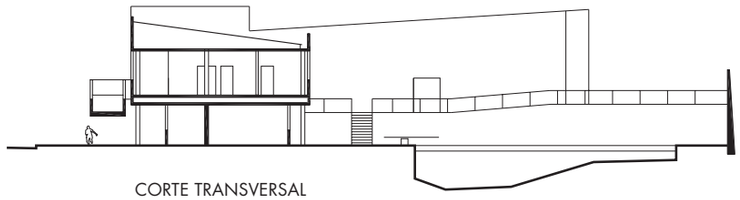
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



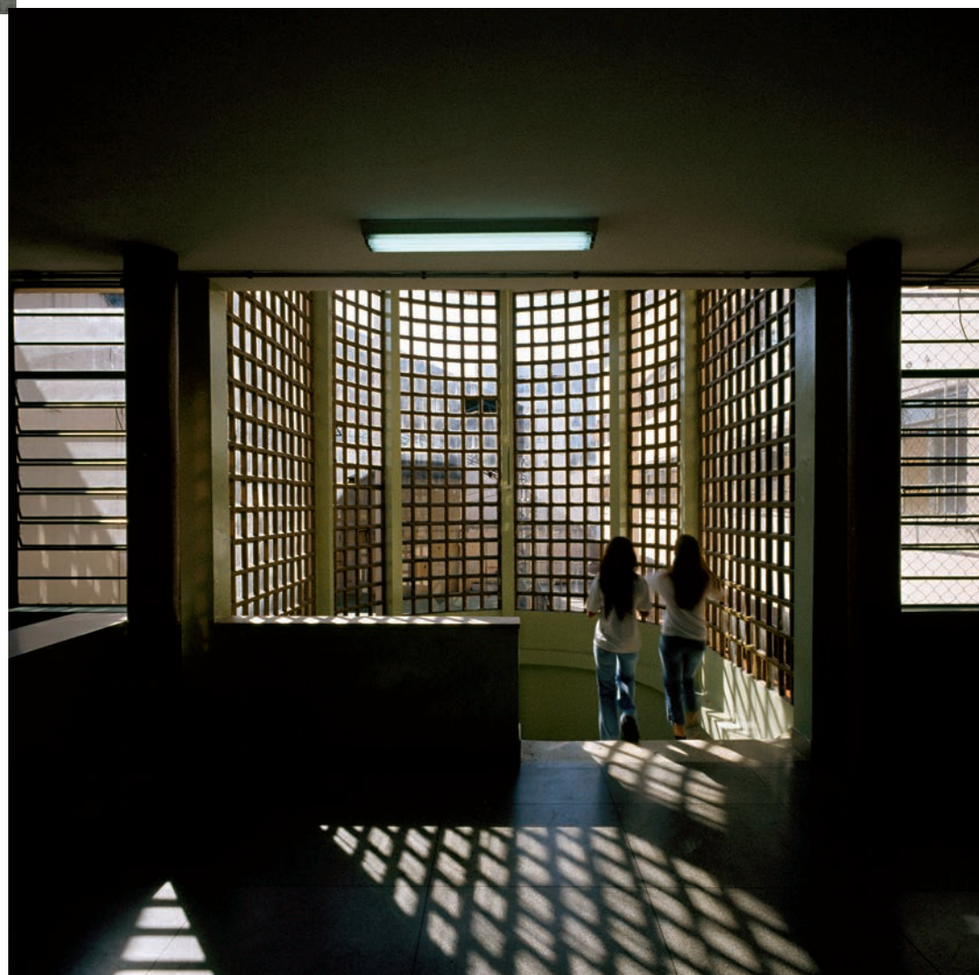
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

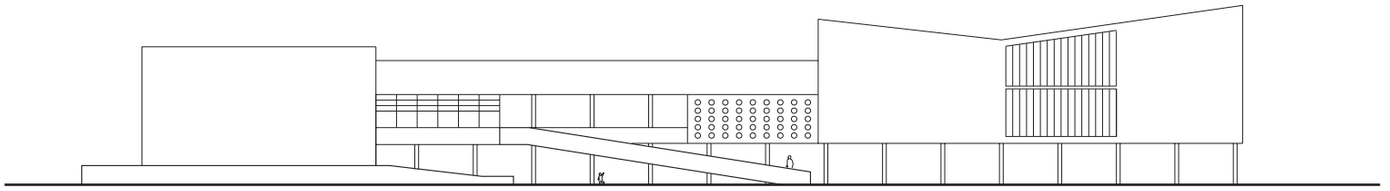


SEGUNDO PAVIMENTO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500



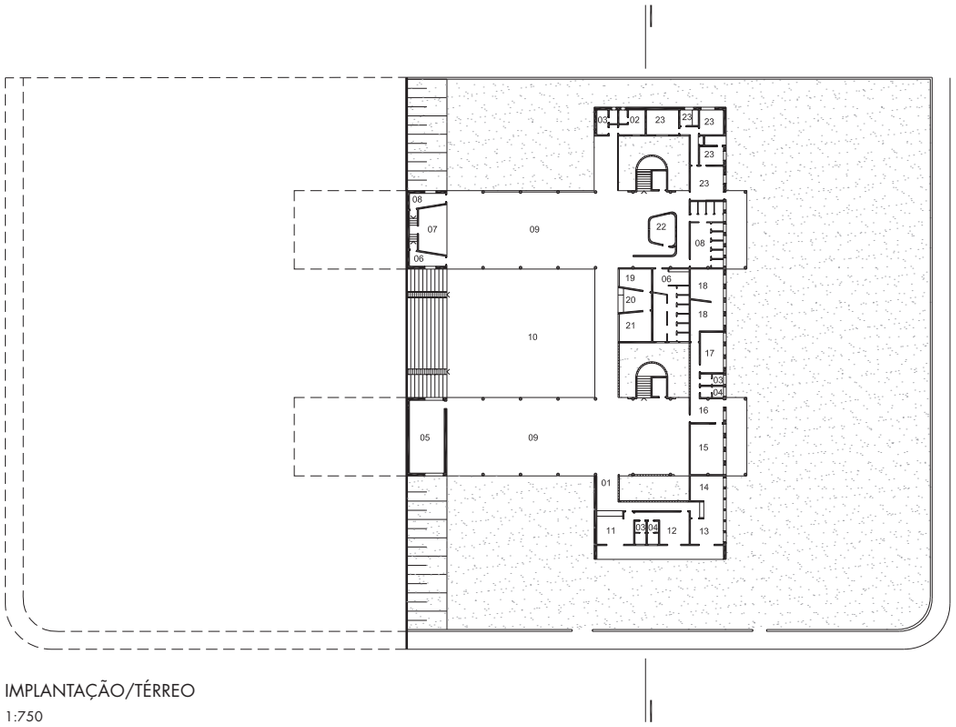


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

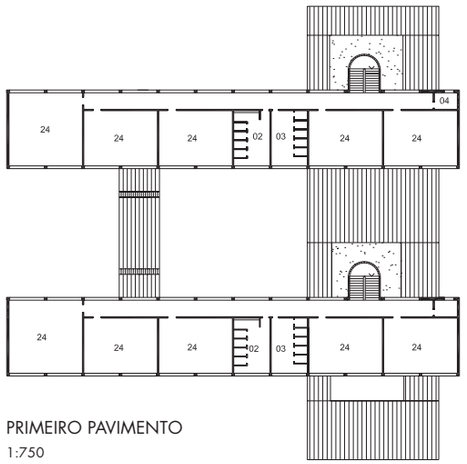
0 5 10 20

DER Diretoria de Ensino-região Centro Oeste

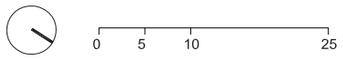
Eduardo Corona | 1951 | São Paulo, Perdizes | Rua Doutor Paulo Vieira, 257

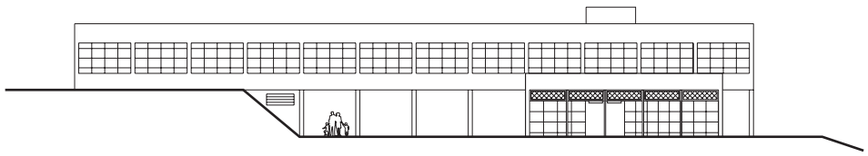


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



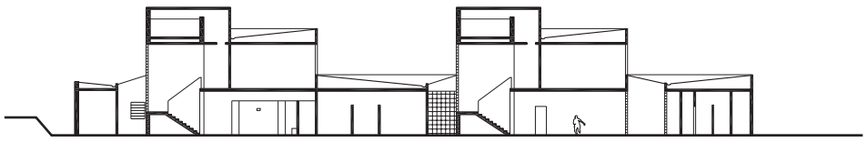
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



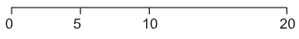


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO
05. SALA DE TRABALHO MANUAL
06. VESTIÁRIO MASCULINO
07. PALCO
08. VESTIÁRIO FEMININO
09. RECREIO COBERTO
10. PÁTIO
11. SECRETARIA
12. DIRETOR
13. SALA DOS PROFESSORES
14. BIBLIOTECA
15. MÉDICO
16. SALA DE ESPERA
17. DENTISTA
18. ASSISTENTE SOCIAL
19. NUTRICIONISTA
20. DISTRIBUIÇÃO
21. COZINHA
22. CABINE DE PROJEÇÃO
23. ZELADORIA
24. SALA DE AULA

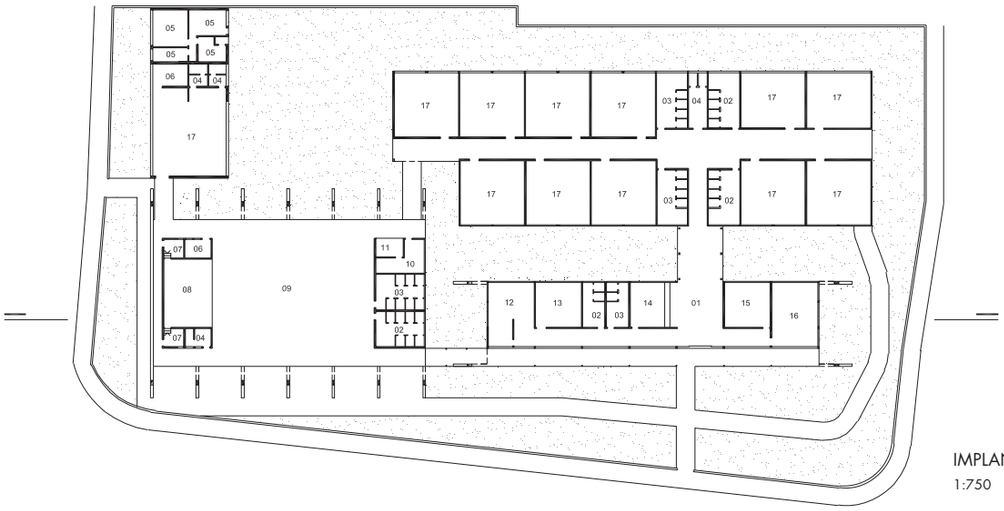


CORTE LONGITUDINAL
1:500

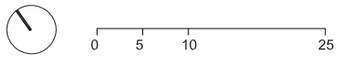


EE Gabriela Mistral

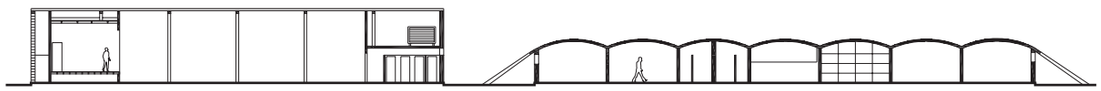
Eduardo Corona | 1952 | São Paulo, Tucuruvi | Rua Major Baracca, 584



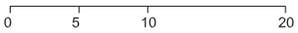
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

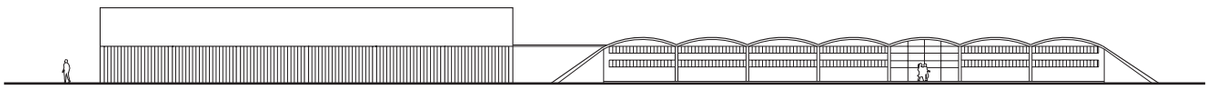


01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO
05. ZELADORIA
06. DEPÓSITO
07. VESTIÁRIO
08. PALCO
09. RECREIO COBERTO
10. COZINHA
11. DISTRIBUIÇÃO
12. SALA DOS PROFESSORES / BIBLIOTECA
13. DIRETORIA
14. SECRETARIA
15. DENTISTA
16. MÉDICO
17. SALA DE AULA



CORTE LONGITUDINAL
1:500

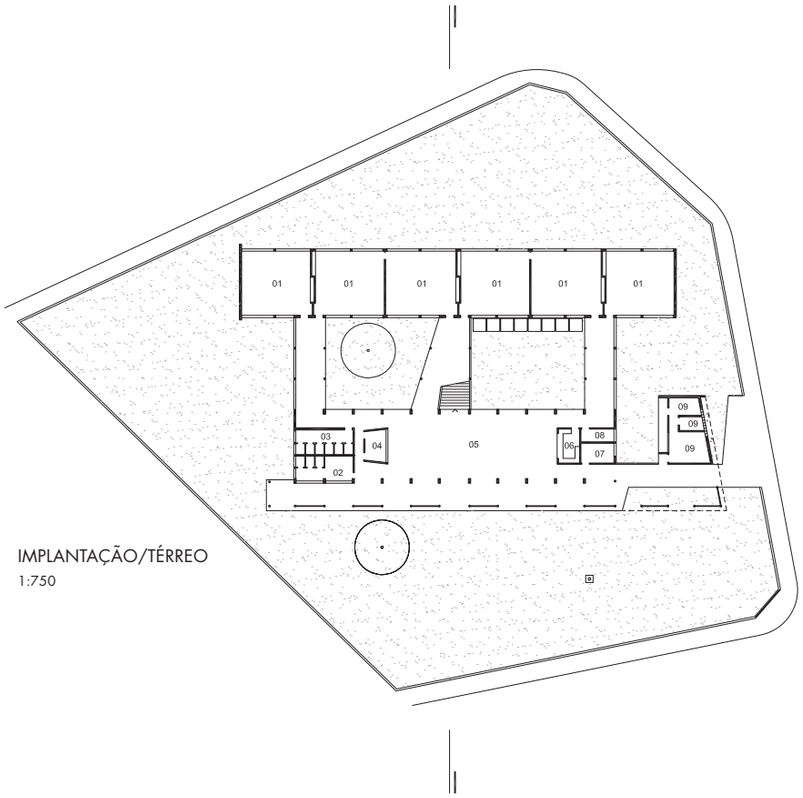




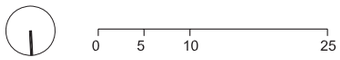
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

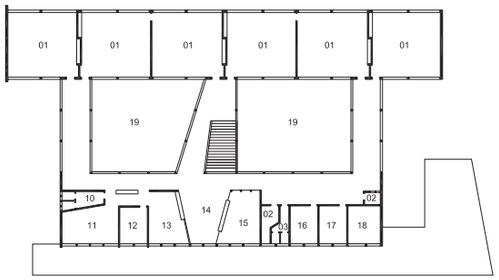
EE Domingos Faustino Sarmiento

Ernest Robert Carvalho Mange | 1950 | São Paulo, Bras | Rua 21 de Abril, 970



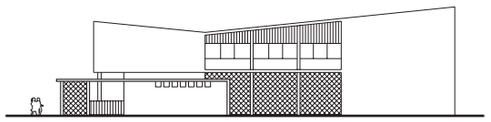
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



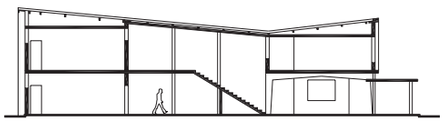


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

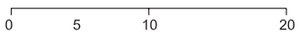
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. PALCO
05. RECREIO COBERTO
06. COZINHA
07. DEPÓSITO
08. SERVENTES
09. ZELADORIA
10. SANITÁRIO
11. SALA DOS PROFESSORES
12. DIRETORIA
13. SECRETARIA
14. HALL-MUSEU
15. BIBLIOTECA
16. ASSISTÊNCIA SOCIAL
17. DENTISTA
18. MÉDICO
19. VAZIO



ELEVAÇÃO OESTE
1:500

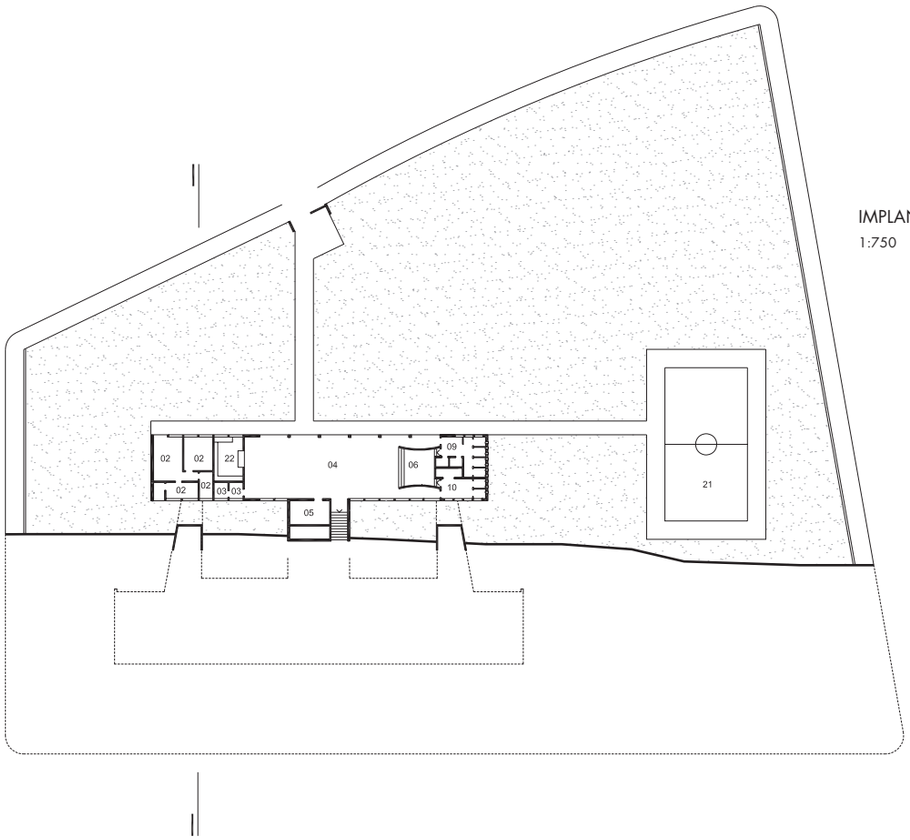


CORTE TRANSVERSAL
1:500



EMEF General Antônio de Sampaio

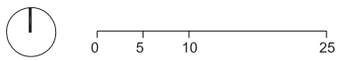
Ernest Robert Carvalho Mange | 1950 | Osasco | Avenida dos Autonomistas, 6565

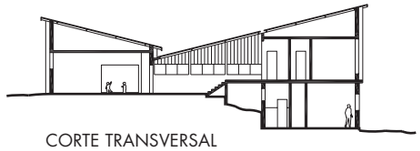


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

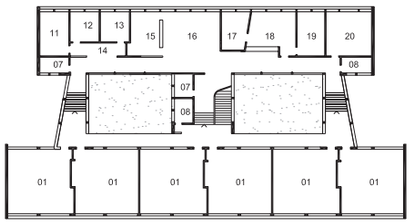
01. SALA DE AULA
02. ZELADORIA
03. SANITÁRIO
04. RECREIO COBERTO
05. DEPÓSITO
06. PALCO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. SANITÁRIO/VESTIÁRIO FEMININO
10. SANITÁRIO/VESTIÁRIO MASCULINO
11. MÉDICO
12. DENTISTA
13. ASSISTENTE SOCIAL
14. SALA DE ESPERA
15. BIBLIOTECA
16. HALL-MUSEU
17. MATERIAL ESCOLAR
18. SECRETARIA
19. DIRETORIA
20. SALA DOS PROFESSORES
21. QUADRA POLIESPORTIVA
22. COZINHA

ELEVAÇÃO OESTE
1:500

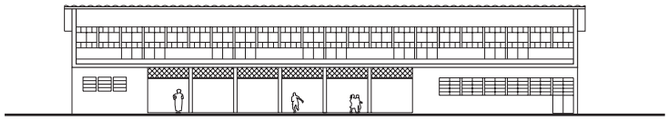




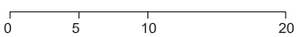
CORTE TRANSVERSAL
1:500



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

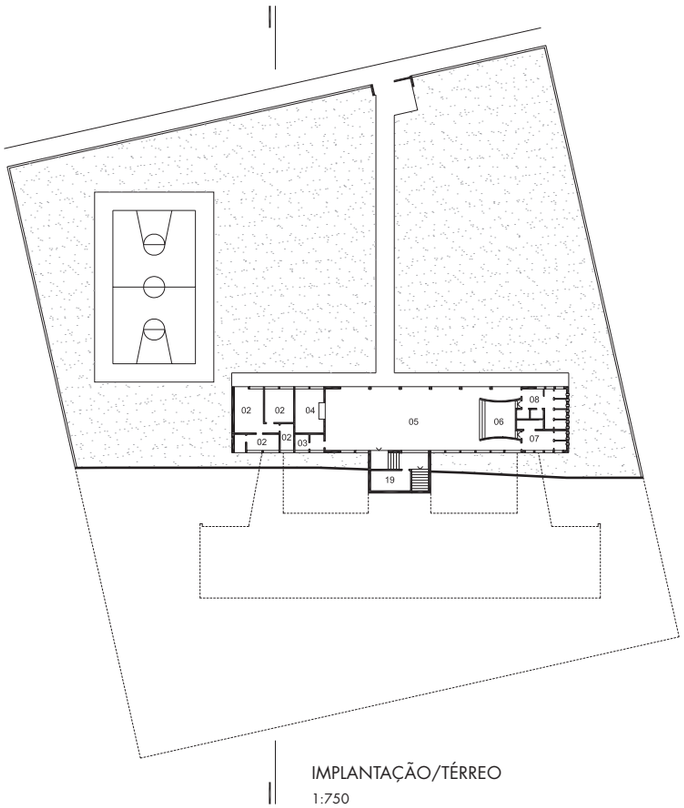


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

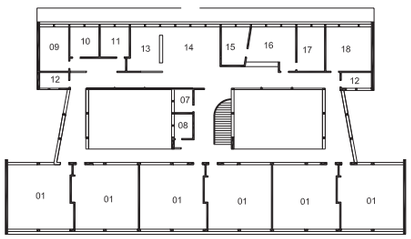


EE República do Chile

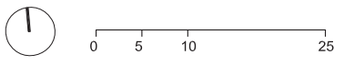
Ernest Robert Carvalho Mange | 1950 | São Paulo, Vila Nova Cachoeirinha | Rua Maracaia, 204



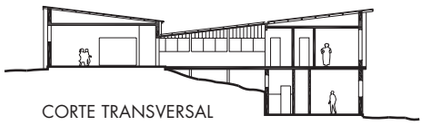
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



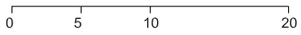
PAVIMENTO SUPERIOR
1:750

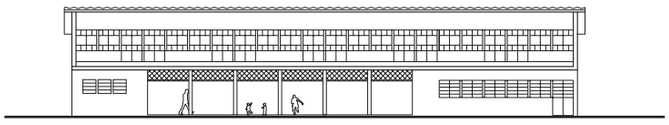


01. SALA DE AULA
02. ZELADORIA
03. SANITÁRIO
04. COZINHA
05. RECREIO COBERTO
06. PALCO
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. SANITÁRIO FEMININO
09. MÉDICO
10. DENTISTA
11. ASSISTÊNCIA SOCIAL
12. SANITÁRIO
13. BIBLIOTECA
14. HALL-MUSEU
15. MATERIAL ESCOLAR
16. SECRETARIA
17. DIRETORIA
18. SALA DOS PROFESSORES
19. DEPÓSITO



CORTE TRANSVERSAL
1:500

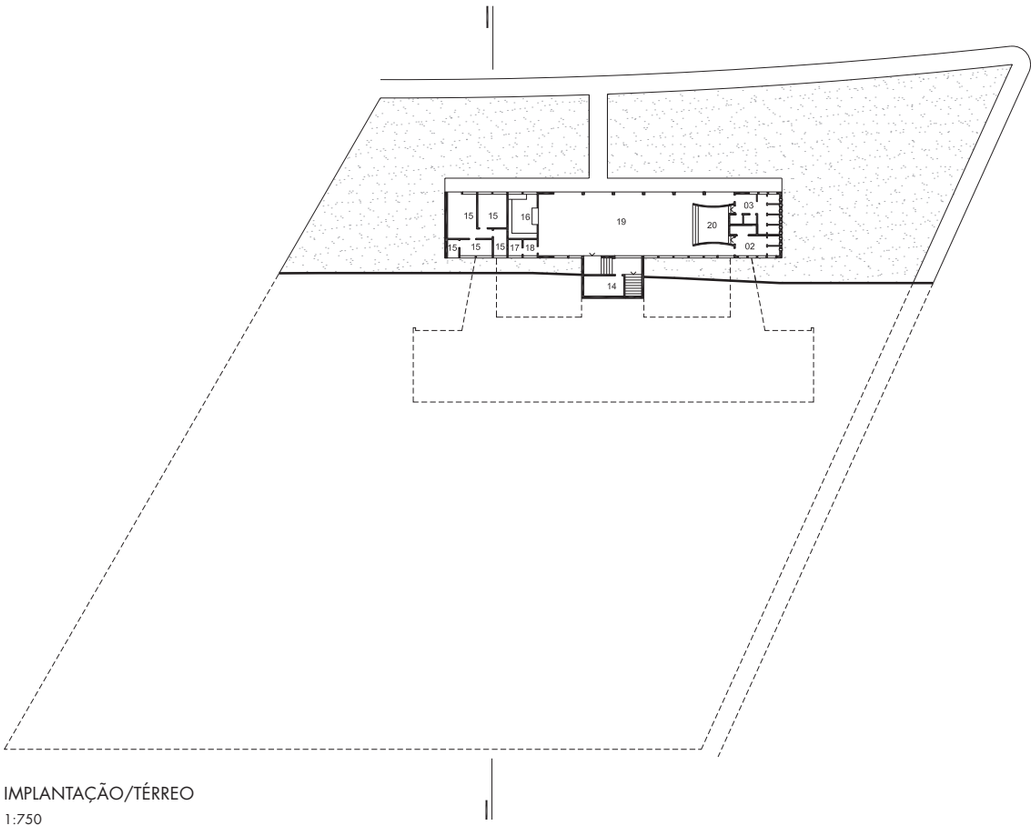




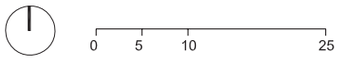
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

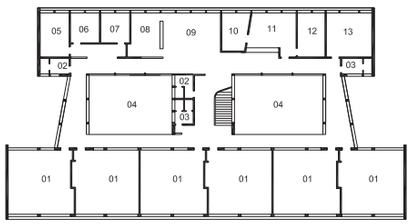
EE Professora Isabel Vieira de Serpa e Paiva

Ernest Robert Carvalho Mange | 1951 | São Paulo, Jaraguá | Avenida Jerimanduba, s/n



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

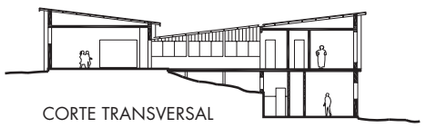




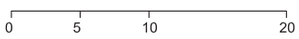
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

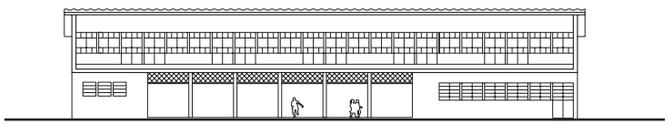
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. JARDIM
05. MÉDICO
06. DENTISTA
07. ASSISTENTE SOCIAL
08. BIBLIOTECA
09. HALL-MUSEU
10. MATERIAL ESCOLAR
11. SECRETARIA
12. DIRETORIA
13. SALA DOS PROFESSORES
14. DEPÓSITO
15. ZELADORIA
16. COZINHA
17. VESTIÁRIO
18. SERVIÇO
19. RECREIO COBERTO
20. PALCO

ELEVAÇÃO LESTE
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

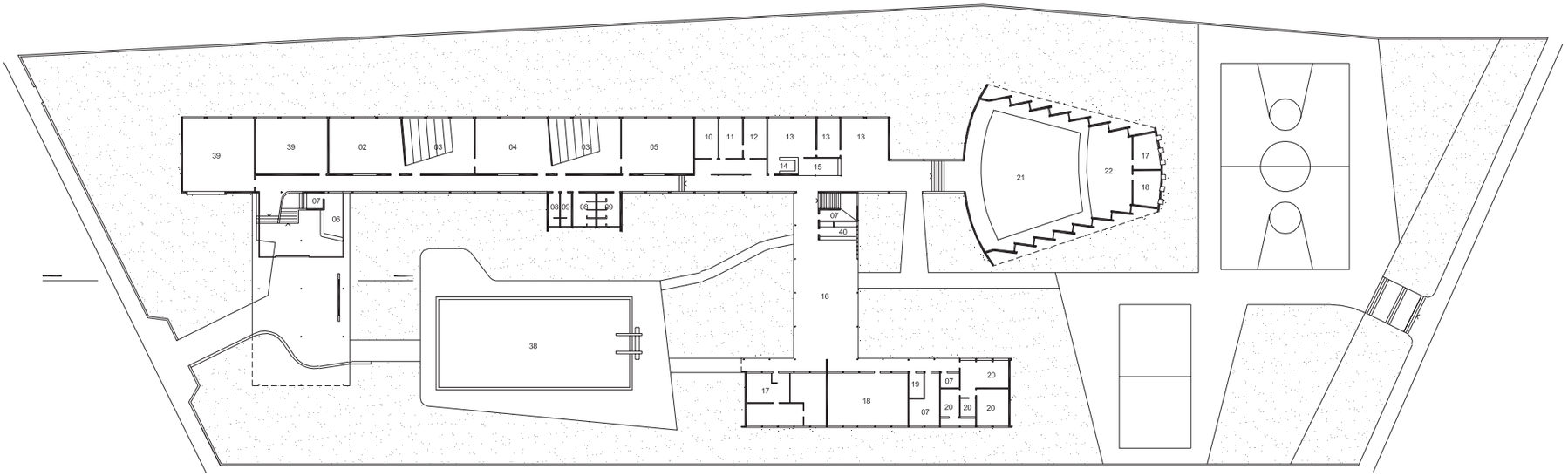




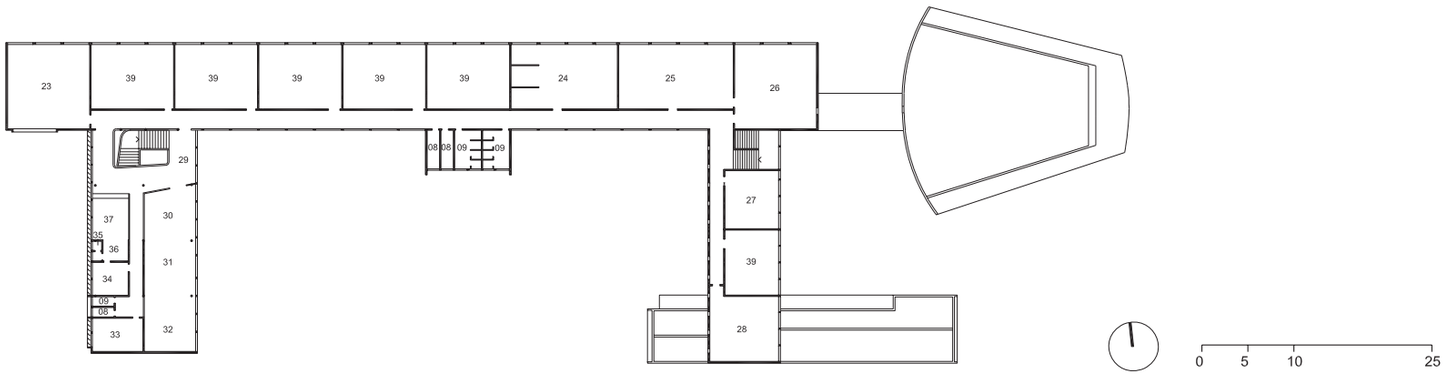
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EE Doutor Octávio Mendes

Ernest Robert Carvalho Mange | 1951 | São Paulo, Santana | Rua Voluntários da Pátria, 3422

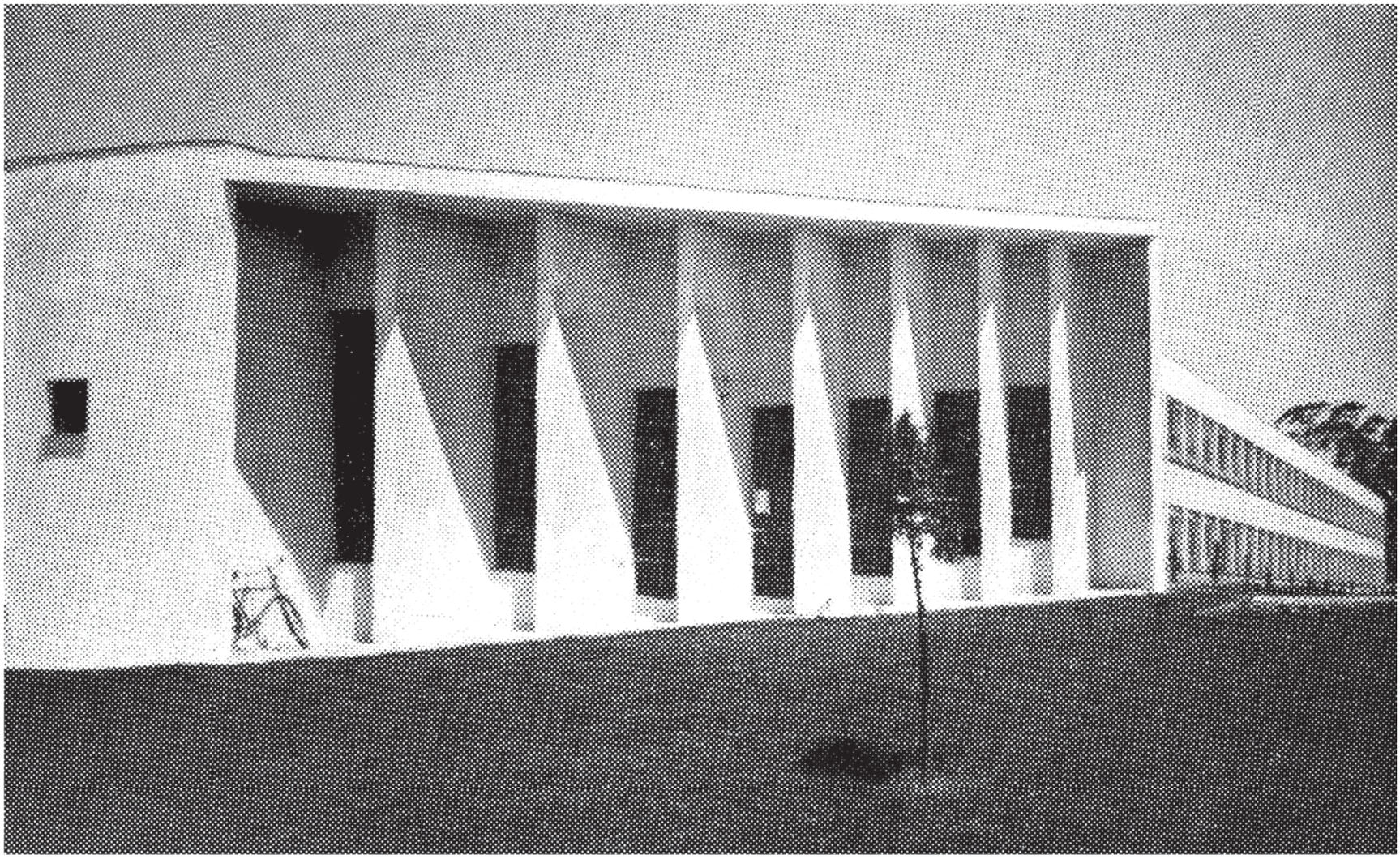


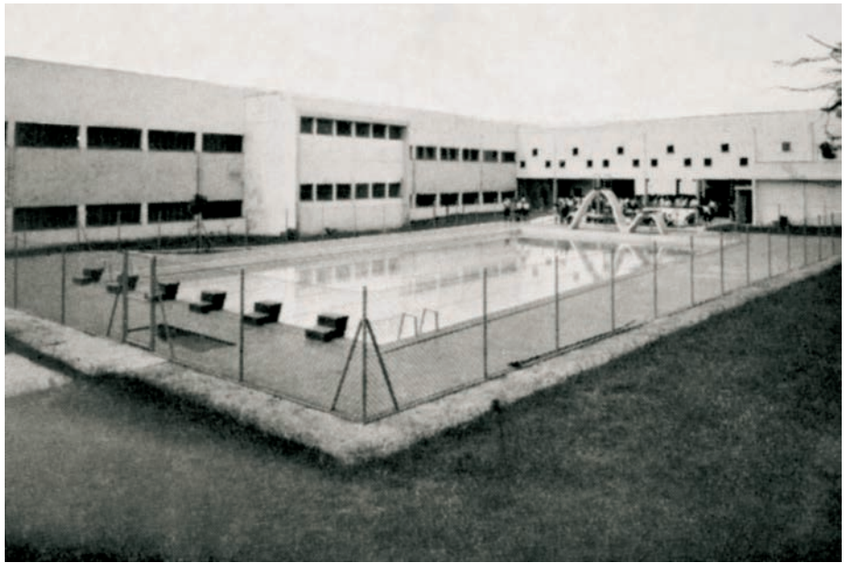
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

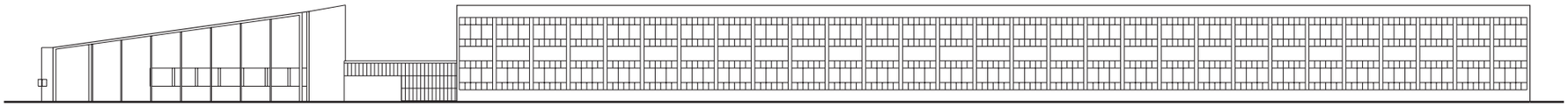


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

01. HALL DE ENTRADA
02. SALA DE FÍSICA
03. ANFITEATRO
04. SALA DE QUÍMICA
05. HISTÓRIA NATURAL
06. PORTARIA
07. DEPÓSITO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. SANITÁRIO FEMININO
10. DENTISTA
11. MÉDICO
12. ENFERMARIA
13. GRÊMIO
14. ARQUIVO
15. COOPERATIVA
16. RECREIO COBERTO
17. VESTIÁRIO MASCULINO
18. VESTIÁRIO FEMININO
19. VESTIÁRIO SERVENTES
20. ZELADORIA
21. AUDITÓRIO
22. PALCO
23. SALA DE DESENHO
24. SALA DE LÍNGUAS
25. SALA DE GEOGRAFIA
26. SALA DE HISTÓRIA
27. TRABALHOS MANUAIS FEMININO
28. TRABALHOS MANUAIS MASCULINO
29. HALL-MUSEU
30. SALA DE LEITURA
31. BIBLIOTECA
32. SALA DOS PROFESSORES
33. INSPETOR
34. DIRETORIA
35. SANITÁRIO DIRETORIA
36. ARQUIVO
37. SECRETARIA
38. PISCINA
39. SALA DE AULA
40. CANTINA

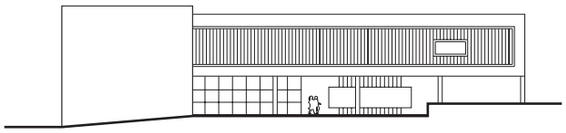




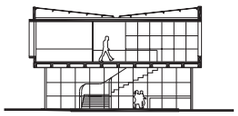


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

0 5 10 20



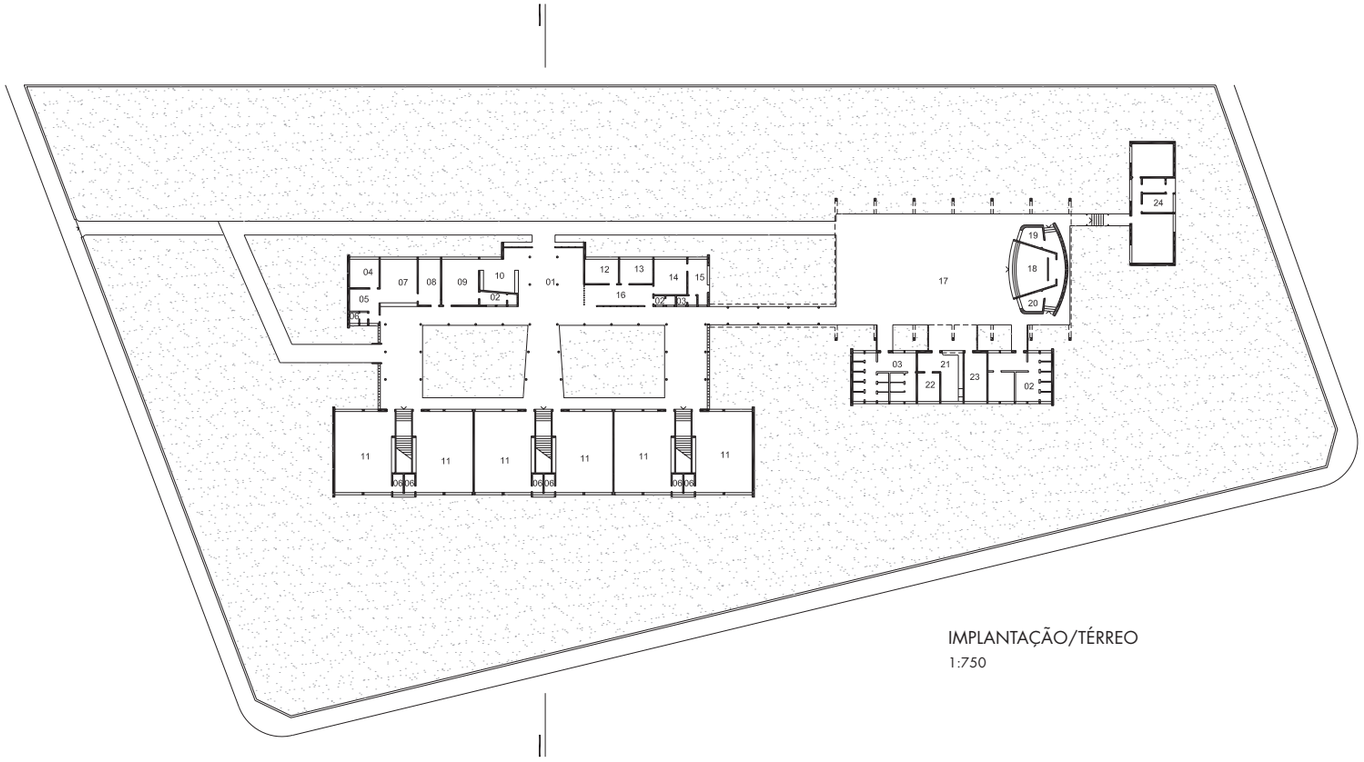
ELEVAÇÃO OESTE
1:500



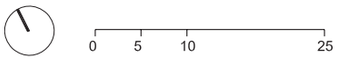
CORTE TRANSVERSAL
1:500

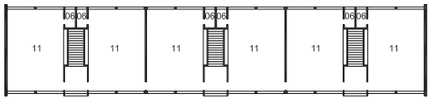
EE Professor Pedro Voss

Ernest Robert Carvalho Mange | 1951 | São Paulo, Saúde | Rua Jose de Magalhães, 477



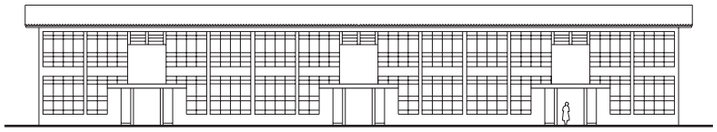
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750





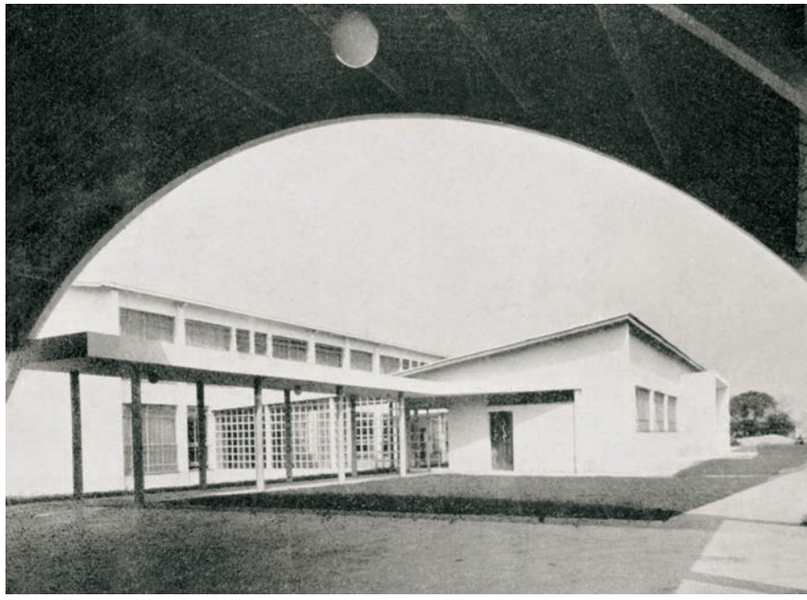
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

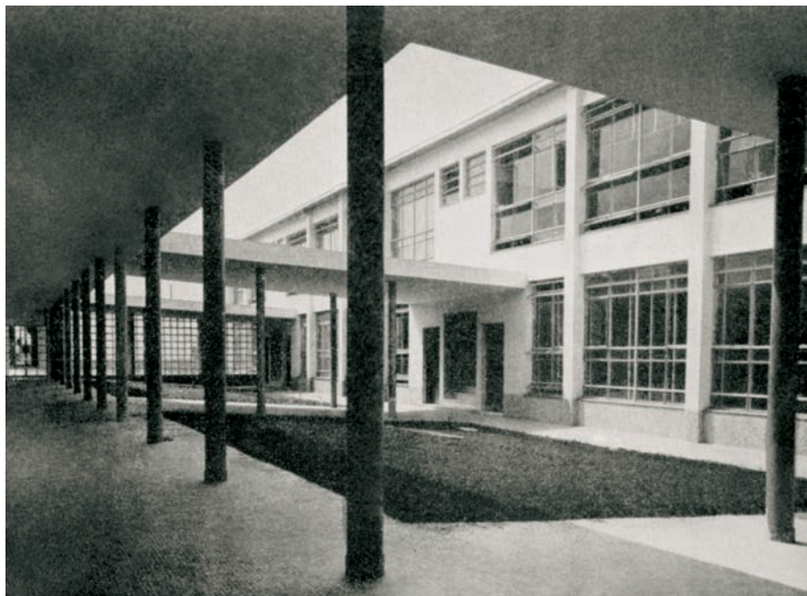
01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. DIRETORIA
05. ARQUIVO
06. SANITÁRIOS
07. SECRETARIA
08. MATERIAL ESCOLAR
09. SALA DOS PROFESSORES
10. BIBLIOTECA
11. SALA DE AULA
12. ASSISTÊNCIA SOCIAL
13. DENTISTA
14. MÉDICO
15. VESTIÁRIO SERVENTE
16. SALA DE ESPERA
17. RECREIO COBERTO
18. PALCO
19. VESTIÁRIO MASCULINO
20. VESTIÁRIO FEMININO
21. COZINHA/DISTRIBUIÇÃO
22. NUTRIÇÃO
23. DEPÓSITO
24. ZELADORIA



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

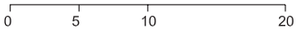
0 5 10 20





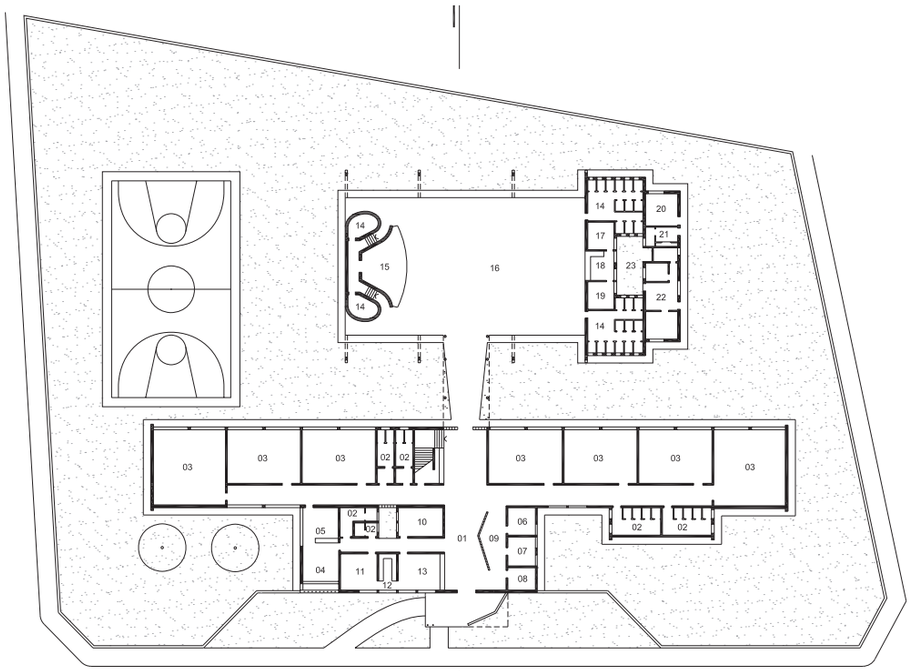
CORTE TRANSVERSAL
1:500

ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500



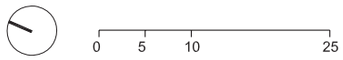
EE Almirante Barroso

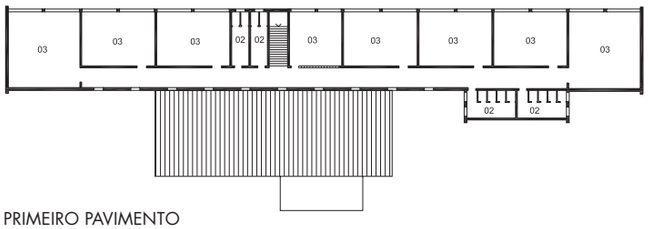
Hélio de Queiroz Duarte | 1949 | São Paulo, Jabaquara | Avenida Jabaquara, 2875



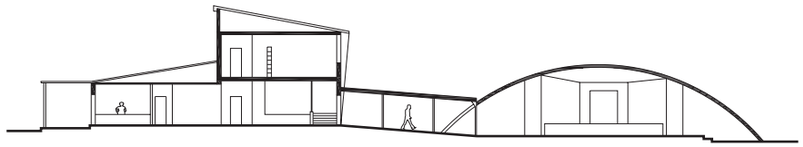
01. HALL DE ENTRADA
02. SANITÁRIO
03. SALA DE AULA
04. BIBLIOTECA
05. PROFESSORES
06. DENTISTA
07. MÉDICO
08. ASSISTENTE SOCIAL
09. SALA DE ESPERA
10. ALMOXARIFADO
11. DIRETORIA
12. ARQUIVO
13. SECRETARIA
14. SANITÁRIOS/VESTIÁRIOS
15. PALCO
16. RECREIO COBERTO
17. COZINHA
18. DISTRIBUIÇÃO
19. NUTRICIONISTA
20. DEPÓSITO
21. SERVENTES
22. ZELADORIA
23. PÁTIO

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

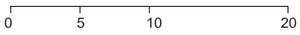




PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



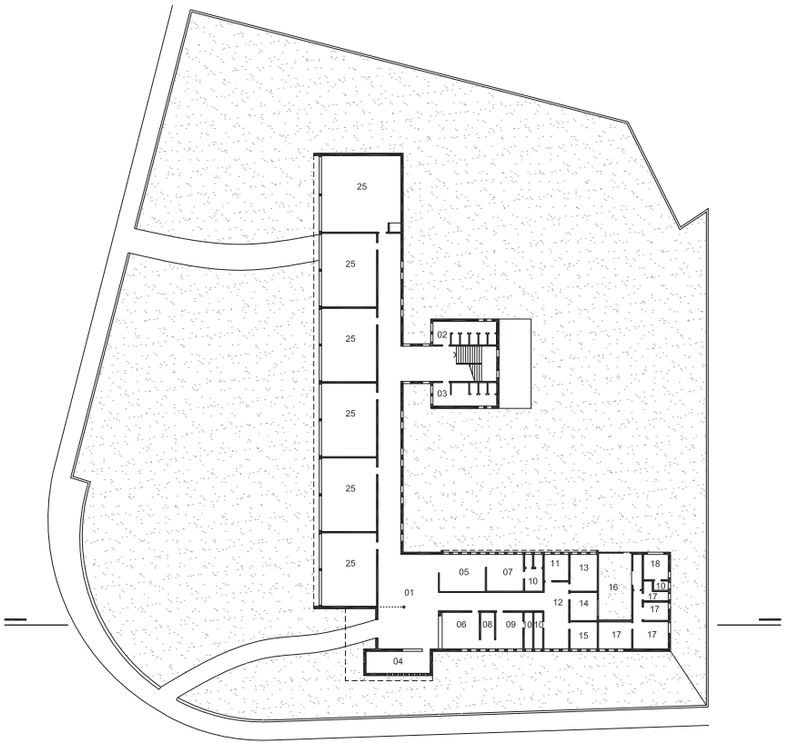
CORTE TRANSVERSAL
1:500



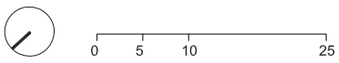
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

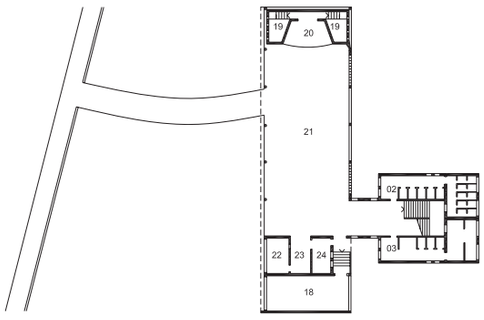
EE Orville Derby

Hélio de Queiroz Duarte | 1949 | São Paulo, Vila Formosa | Rua Saigon, 55

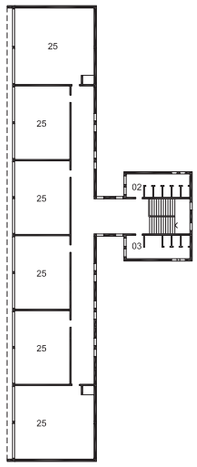


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



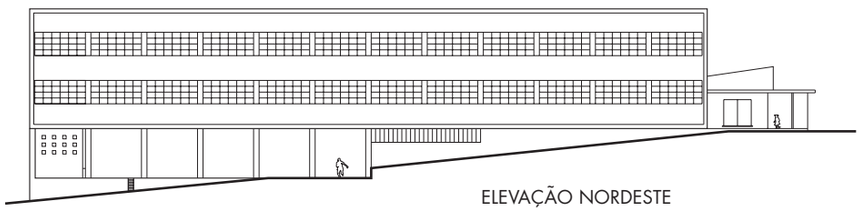


PAVIMENTO INFERIOR
1:750

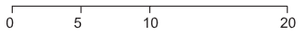


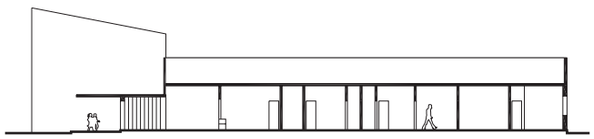
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. GUARDADOS
05. BIBLIOTECA
06. SECRETARIA
07. SALA DOS PROFESSORES
08. ARQUIVO
09. DIRETORIA
10. SANITÁRIO
11. MATERIAL ESCOLAR
12. SALA DE ESPERA
13. MÉDICO
14. DENTISTA
15. ASSISTENTE SOCIAL
16. PÁTIO
17. ZELADORIA
18. DEPÓSITO
19. VESTIÁRIO
20. PALCO
21. RECREIO COBERTO
22. COZINHA
23. DISTRIBUIÇÃO
24. NUTRICIONISTA
25. SALA DE AULA



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

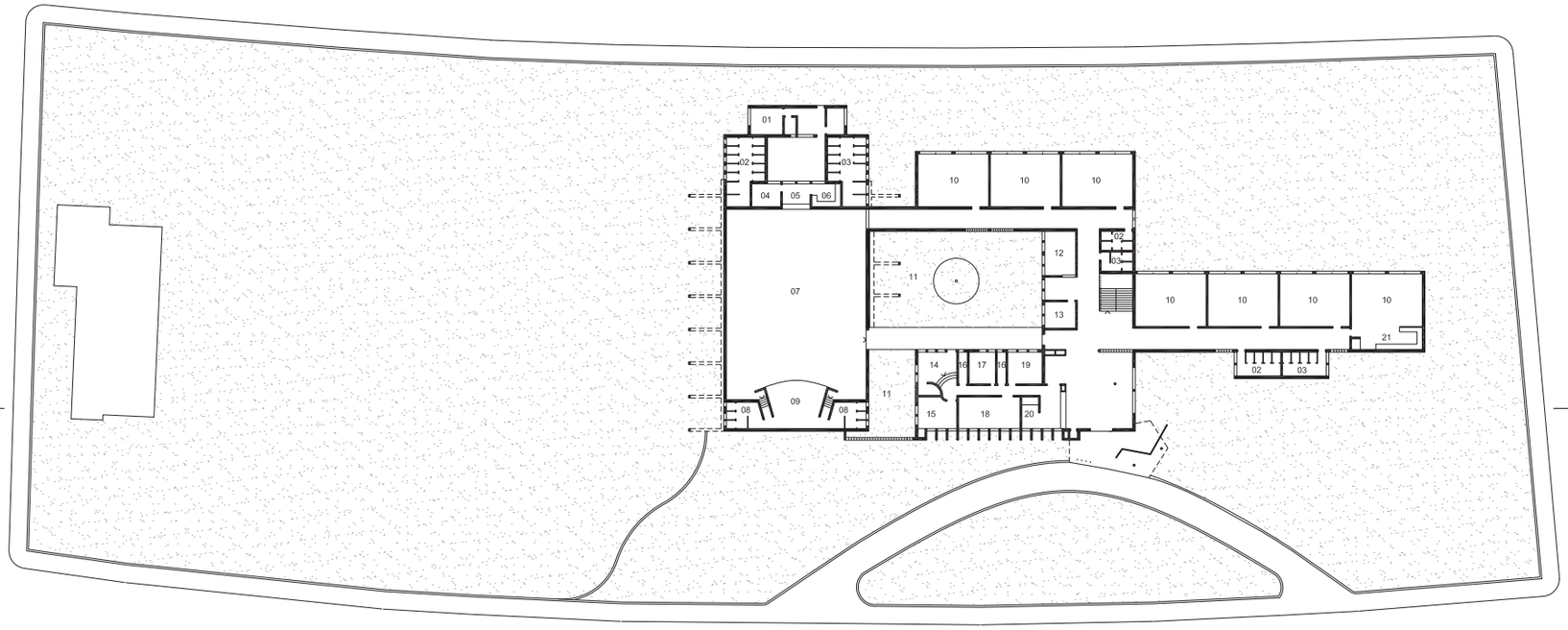




CORTE LONGITUDINAL
1:500

EE Pandiá Calógeras

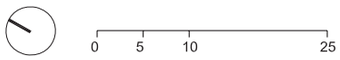
Hélio de Queiroz Duarte | 1949 | São Paulo, Alto da Mooca | Avenida Paes de Barros, 1025



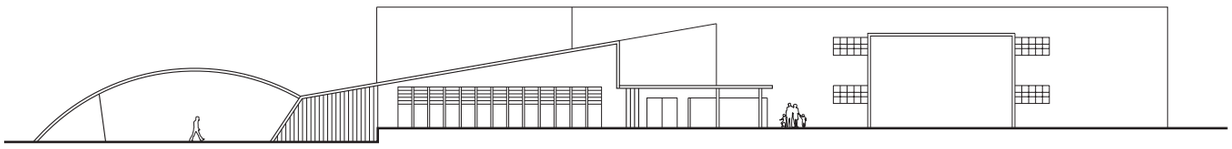
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

PRIMEIRO PAVIMENTO

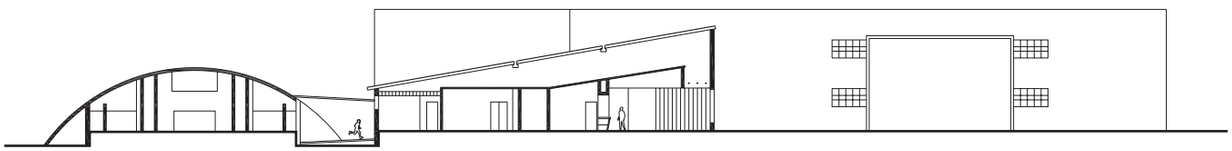
1:750



01. ZELADORIA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. NUTRICIONISTA
05. DISTRIBUIÇÃO
06. COZINHA
07. RECREIO COBERTO
08. VESTIÁRIO
09. PALCO
10. SALA DE AULA
11. JARDIM
12. GUARDADOS
13. ASSISTENTE SOCIAL
14. BIBLIOTECA
15. PROFESSORES
16. SANITÁRIO
17. VICE-DIRETORIA
18. MATERIAL ESCOLAR
19. DIRETORIA
20. SECRETARIA
21. HALL-MUSEU DE CIÊNCIAS
22. MÉDICO
23. ESPERA
24. DENTISTA
25. DEPÓSITO



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

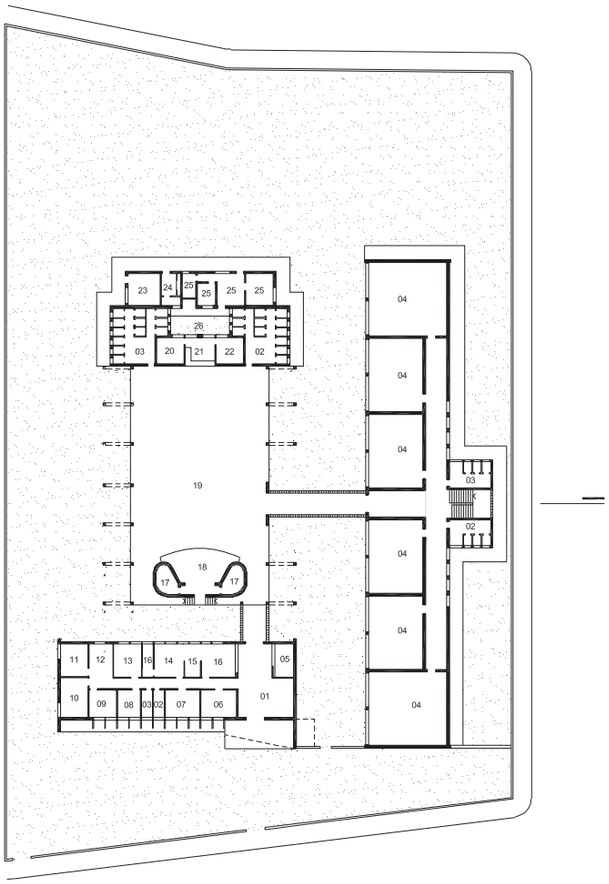


CORTE LONGITUDINAL
1:500

0 5 10 20

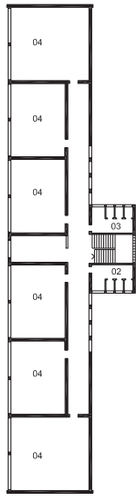
EE Visconde de Taunay

Hélio de Queiroz Duarte | 1949 | São Paulo, Limão | Avenida Professor Celestino Bourroul, 304

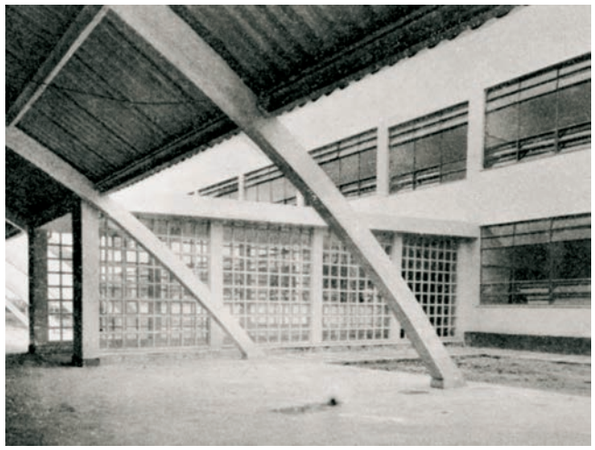


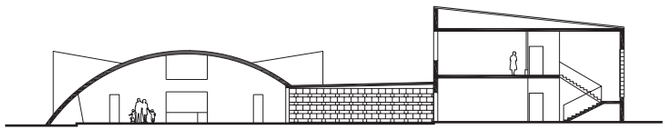
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

0 5 10 25



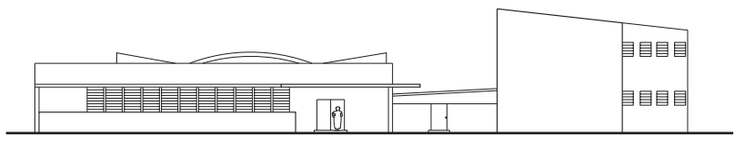
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750





CORTE TRANSVERSAL
1:500

0 5 10 20

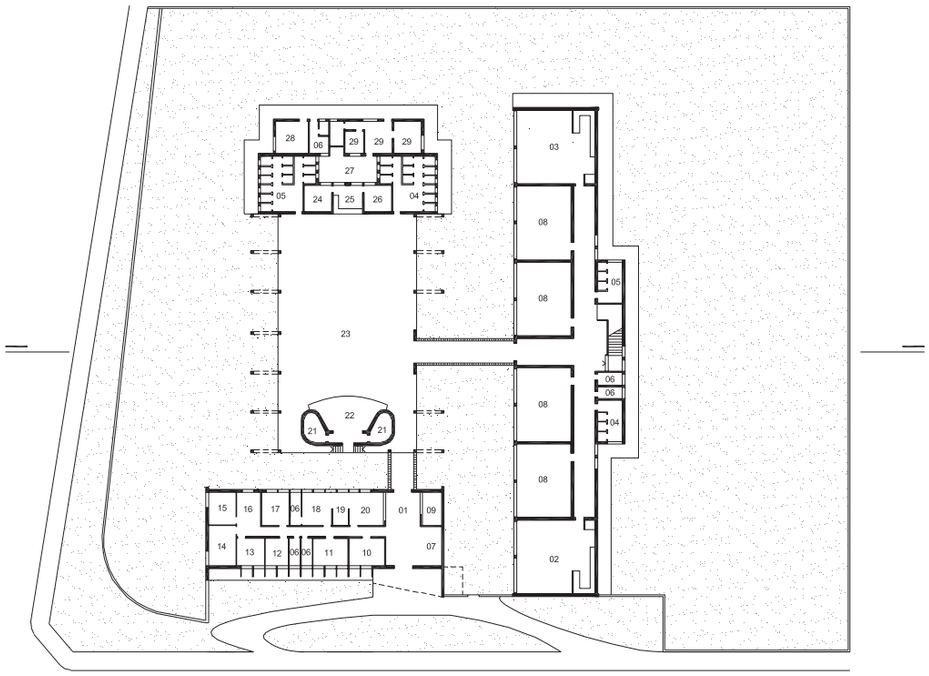


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SALA DE AULA
05. GUARDADOS
06. BIBLIOTECA
07. SALA DOS PROFESSORES
08. MATERIAL ESCOLAR
09. DENTISTA
10. MÉDICO
11. ASSISTENTE SOCIAL
12 SALA DE ESPERA
13. ALMOXARIFADO
14. DIRETORIA
15. ARQUIVO
16. SECRETARIA
17. VESTIÁRIO
18. PALCO
19. RECREIO COBERTO
20. COZINHA
21. DISTRIBUIÇÃO
22. NUTRICIONISTA
23. DEPÓSITO
24. SERVENTES
25. ZELADORIA
26. PÁTIO

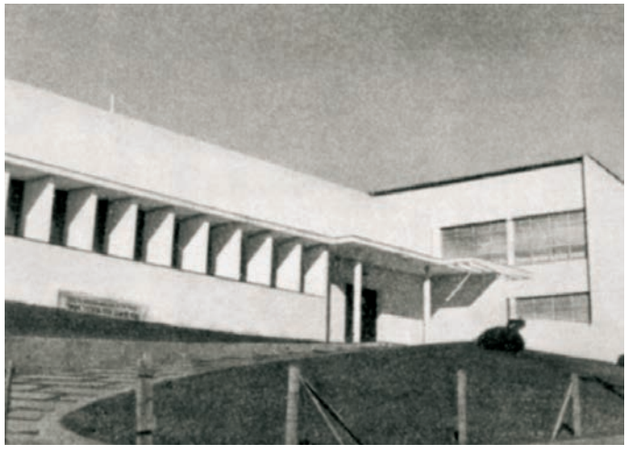
EE Professor José Carlos Dias

Hélio de Queiróz Duarte | 1949 | São Paulo, Casa Verde | Rua Vichy, 488

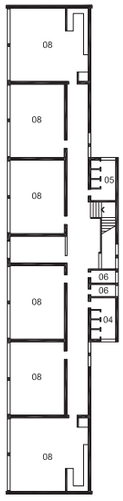


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

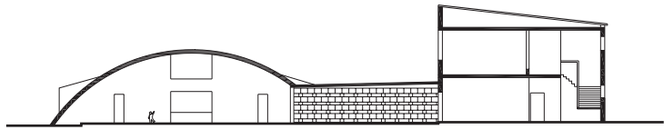
0 5 10 25



01. HALL DE ENTRADA
02. MUSEU DE CIÊNCIAS
03. MUSEU DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. SANITÁRIO
07. HALL-MUSEU
08. SALA DE AULA
09. GUARDADOS
10. BIBLIOTECA
11. SALA DOS PROFESSORES
12. MATERIAL ESCOLAR
13. DENTISTA
14. MÉDICO
15. ASSISTENTE SOCIAL
16. SALA DE ESPERA
17. ALMOXARIFADO
18. DIRETORIA
19. ARQUIVO
20. SECRETARIA
21. VESTIÁRIO
22. PALCO
23. RECREIO COBERTO
24. COZINHA
25. DISTRIBUIÇÃO
26. NUTRICIONISTA
27. PÁTIO
28. DEPÓSITO
29. ZELADORIA

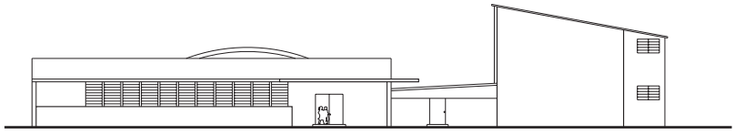


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

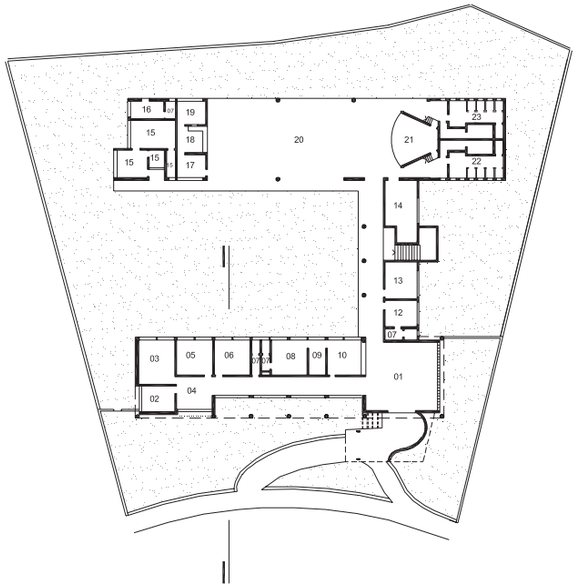
0 5 10 20



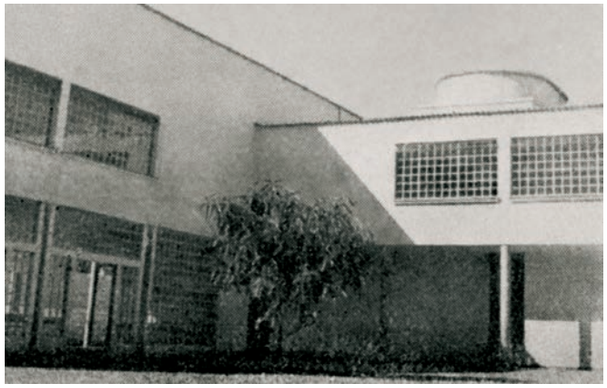
ELEVAÇÃO OESTE
1:500

EE Brasílio Machado

Hélio de Queiroz Duarte | 1950 | São Paulo, Vila Madalena | Rua Morás, 630

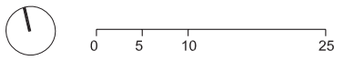


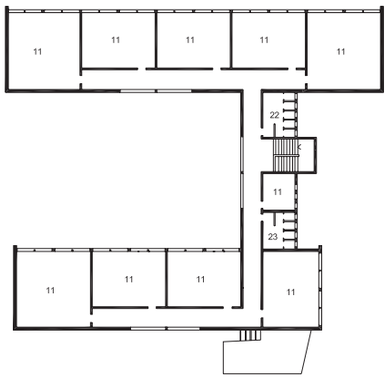
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



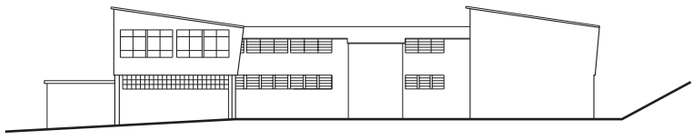
01. HALL-MUSEU
02. ASSISTENTE SOCIAL
03. MÉDICO
04. SALA DE ESPERA
05. DENTISTA
06. MATERIAL ESCOLAR
07. SANITÁRIO
08. DIRETORIA
09. ARQUIVO
10. SECRETARIA
11. SALA DE AULA
12. SALA DOS PROFESSORES
13. BIBLIOTECA
14. DEPÓSITO
15. ZELADORIA
16. SERVENTE
17. NUTRICIONISTA
18. DISTRIBUIÇÃO
19. COZINHA
20. RECREIO COBERTO
21. PALCO
22. SANITÁRIO MASCULINO
23. SANITÁRIO FEMININO

CORTE TRANSVERSAL
1:500

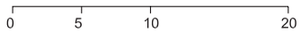


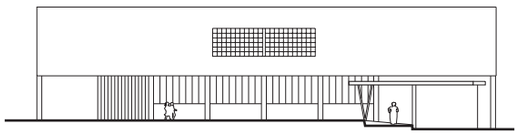


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

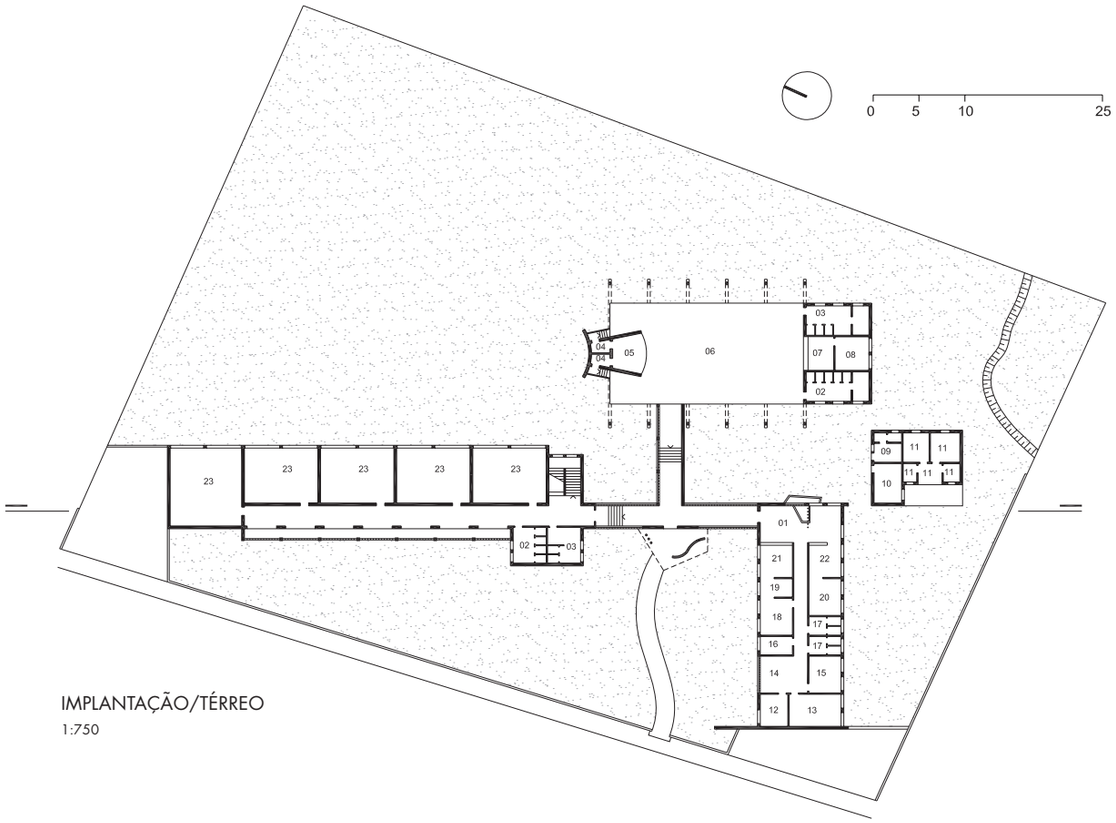




ELEVAÇÃO SUL
1:500

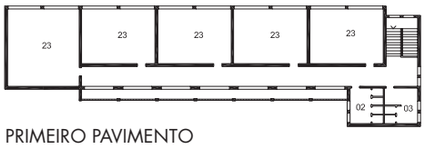
EE Doutor Murtinho Nobre

Hélio de Queiroz Duarte | 1950 | São Paulo, Cambuci | Rua Ouvidor Portugal, 789

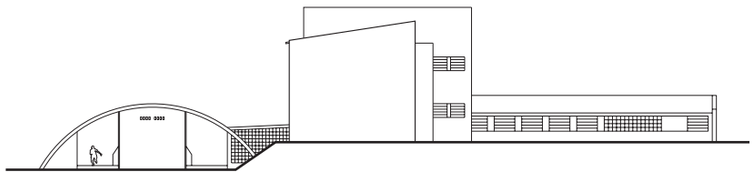


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

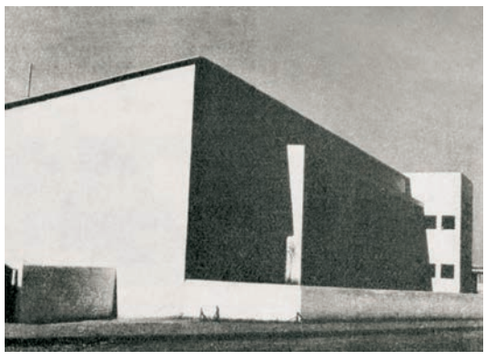
01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. VESTIÁRIO
05. PALCO
06. RECREIO COBERTO
07. DISTRIBUIÇÃO
08. COZINHA
09. SERVENTE
10. ALMOXARIFADO
11. ZELADORIA
12. ASSISTENTE SOCIAL
13. MÉDICO
14. SALA DE ESPERA
15. DENTISTA
16. MATERIAL ESCOLAR
17. SANITÁRIO
18. DIRETORIA
19. ARQUIVO
20. SALA DOS PROFESSORES
21. SECRETARIA
22. BIBLIOTECA
23. SALA DE AULA

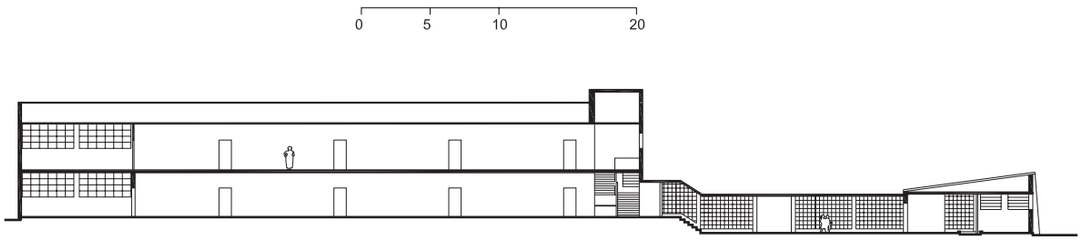


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

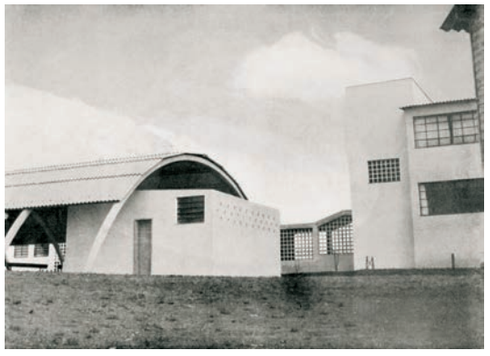


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500





CORTE LONGITUDINAL
1:500

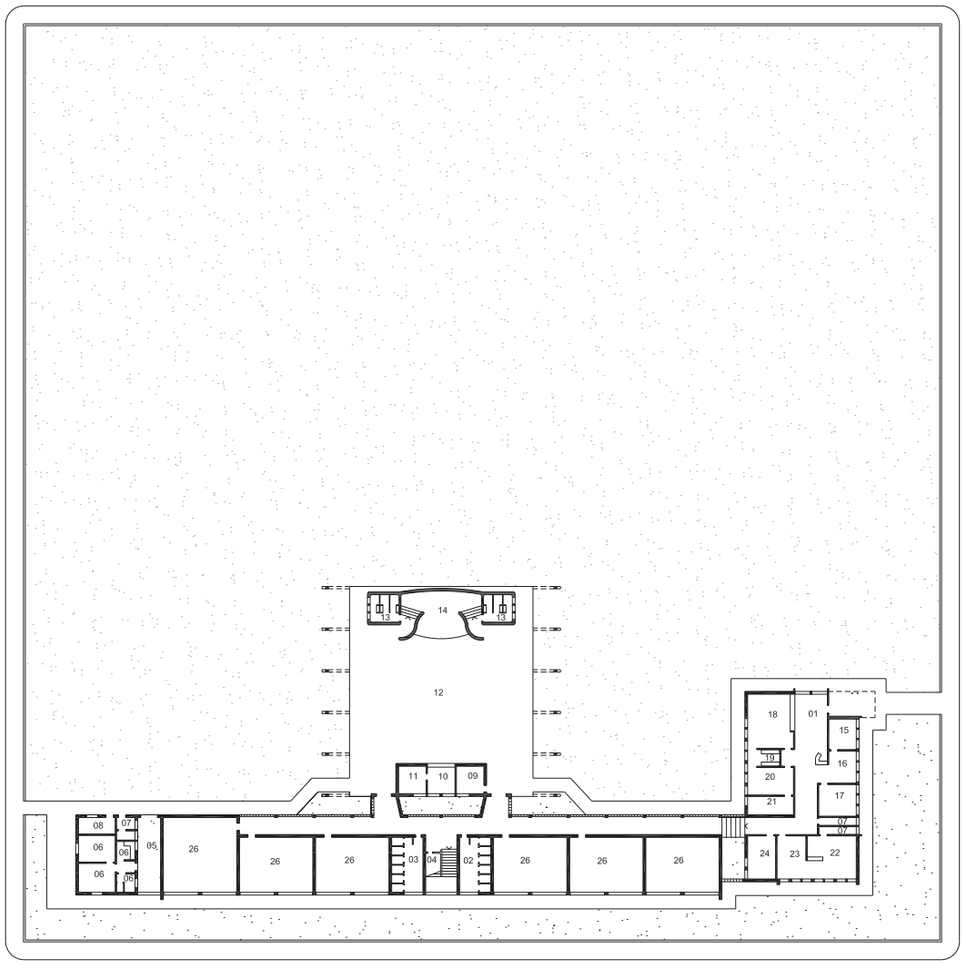


EE César Martinez

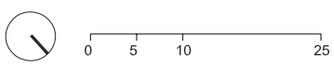
Hélio de Queiroz Duarte | 1950 | São Paulo, Indianópolis | Alameda Irae, 155

EE Professor José Monteiro Boanova

Hélio de Queiroz Duarte | 1951 | São Paulo, Lapa | Rua Dalton, 10

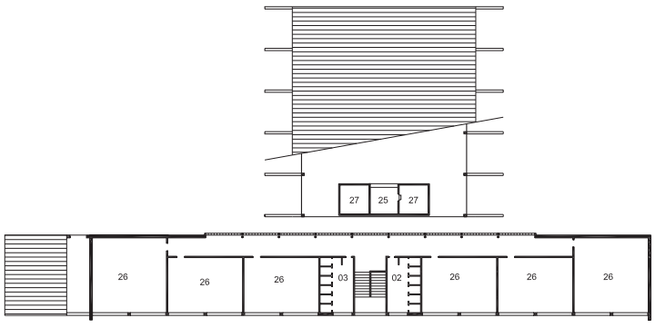


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
EE César Martinez
1:750

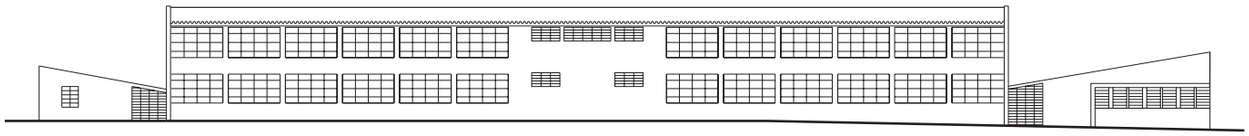


Neste caso é utilizado o mesmo projeto em duas escolas.

01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. DEPÓSITO
05. PÁTIO
06. ZELADORIA
07. SANITÁRIO
08. ALMOXARIFADO
09. NUTRICIONISTA
10. DISTRIBUIÇÃO
11. COZINHA
12. RECREIO COBERTO
13. VESTIÁRIOS
14. PALCO
15. DENTISTA
16. SALA DE ESPERA
17. MÉDICO
18. SECRETARIA
19. ARQUIVO
20. DIRETORIA
21. MATERIAL ESCOLAR
22. SALA DOS PROFESSORES
23. BIBLIOTECA
24. ASSISTENTE SOCIAL
25. SALA DE PROJEÇÃO
26. SALA DE AULA
27. VAZIO

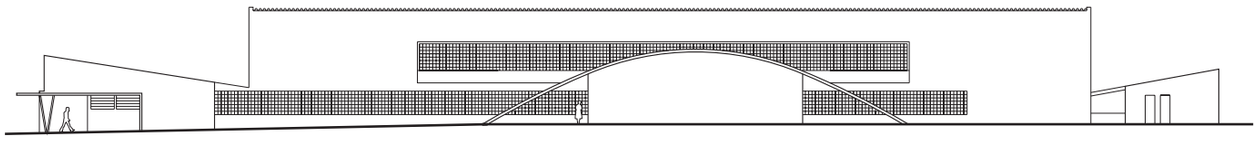


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



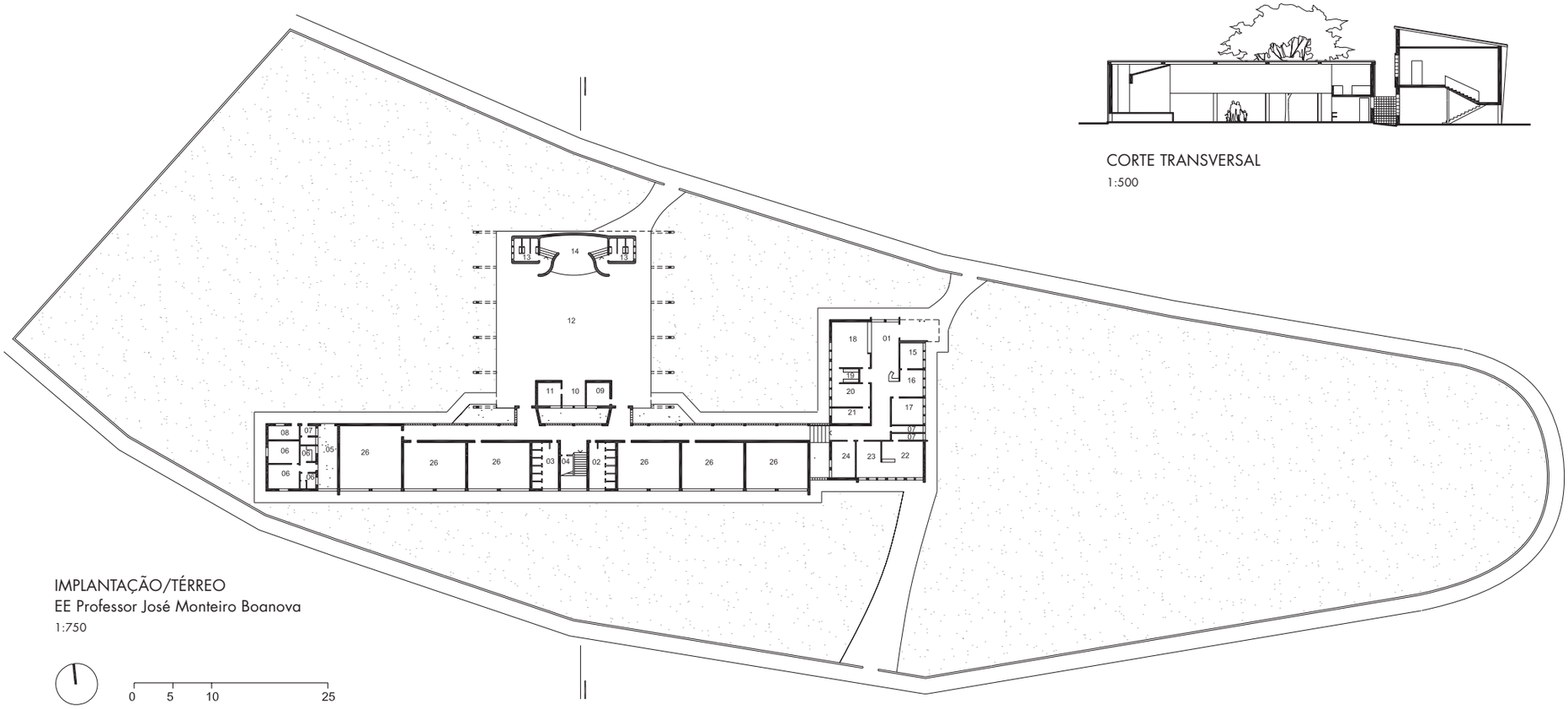
ELEVAÇÃO 1
1:500

0 5 10 20



ELEVAÇÃO 2
1:500

CORTE TRANSVERSAL
1:500

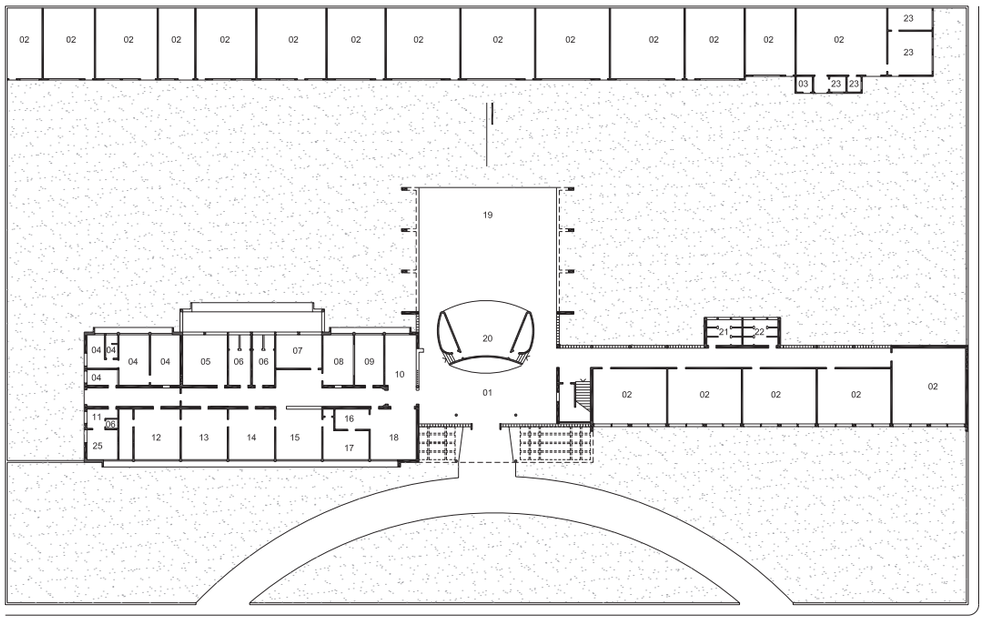


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
EE Professor José Monteiro Boanova
1:750

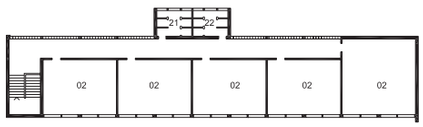
0 5 10 25

EE Prudente de Moraes

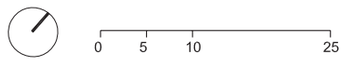
Hélio de Queiroz Duarte | data não identificada | São Paulo, Bom Retiro | Avenida Tiradentes, 273



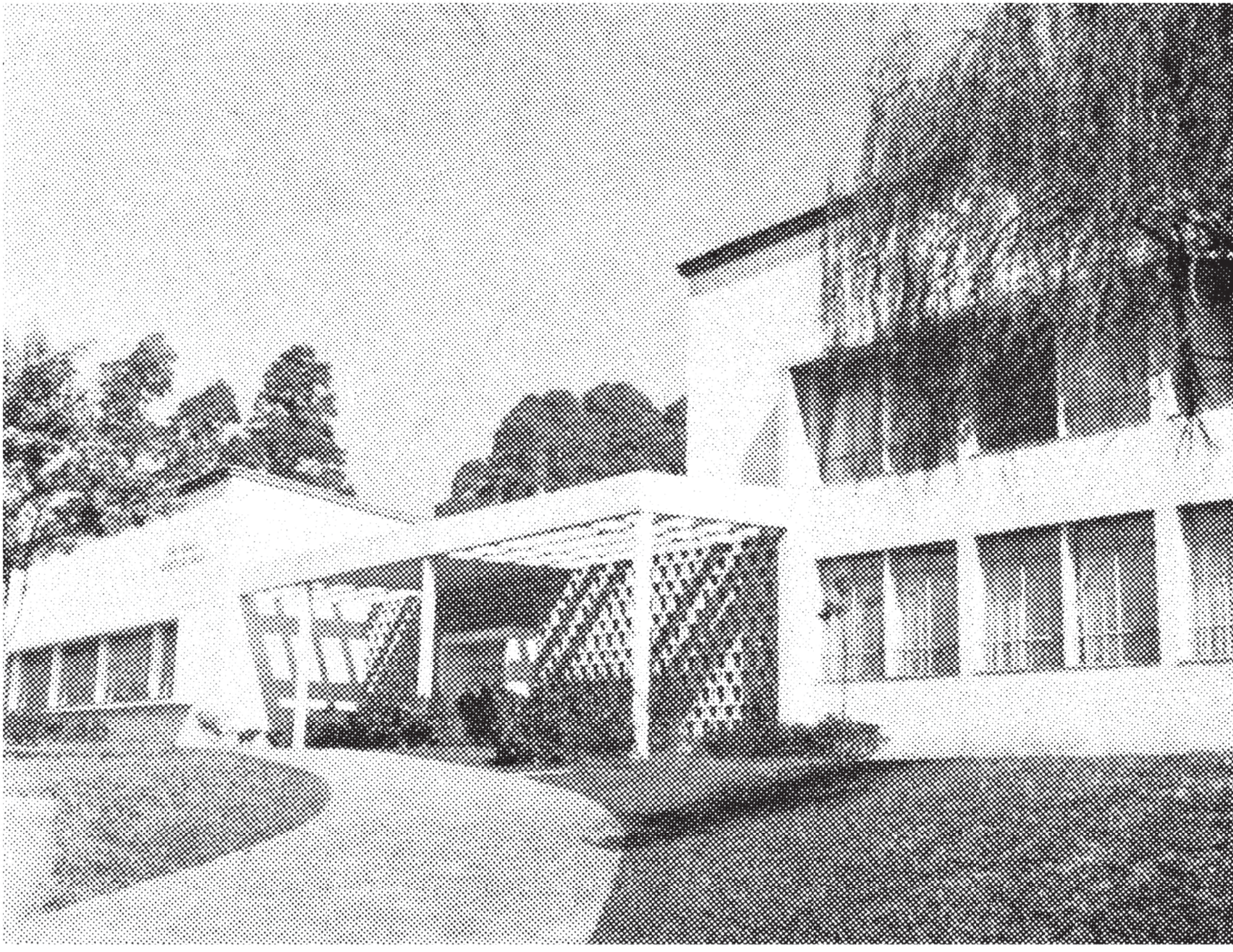
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

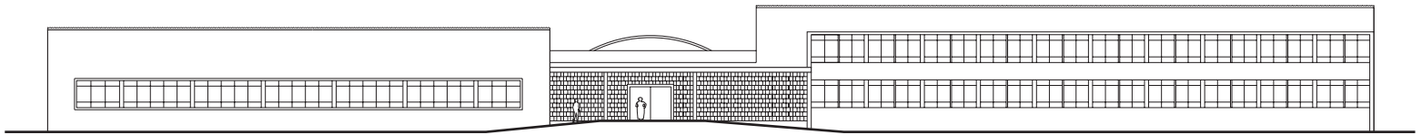


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



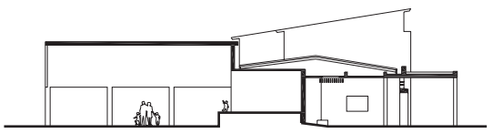
01. HALL DE ENTRADA
02. SALA DE AULA
03. INSPETOR
04. ZELADORIA
05. MATERIAL ESCOLAR
06. SANITÁRIO
07. MÉDICO
08. DENTISTA
09. ASSISTENTE SOCIAL
10. HALL-MUSEU
11. SERVENTES
12. ALMOXARIFADO
13. BIBLIOTECA
14. SALA DOS PROFESSORES
15. SALA DE ESPERA
16. ARQUIVO
17. DIRETORIA
18. SECRETARIA
19. RECREIO COBERTO
20. PALCO
21. SANITÁRIO FEMININO
22. SANITÁRIO MASCULINO
23. DEPÓSITO





ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

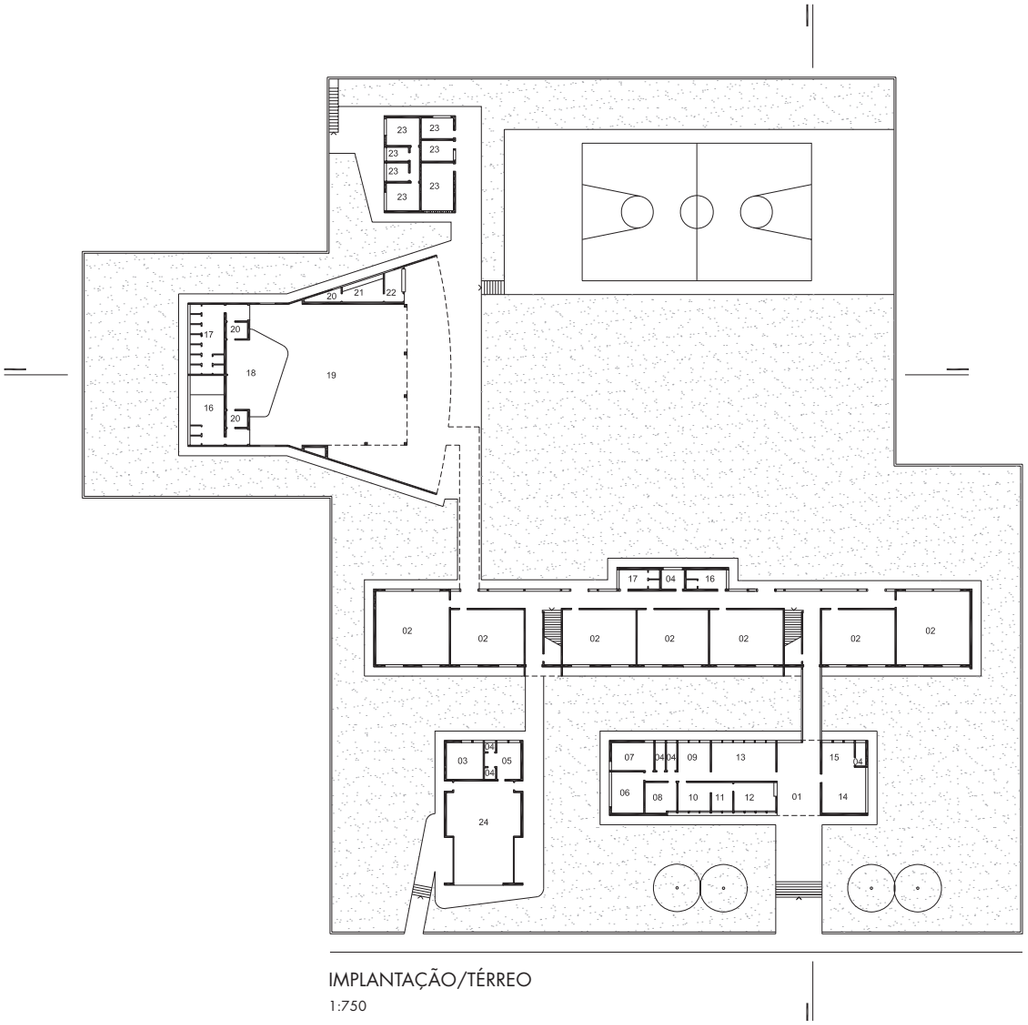
0 5 10 20



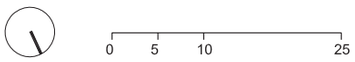
CORTE TRANSVERSAL
1:500

EE Thomaz Galhardo

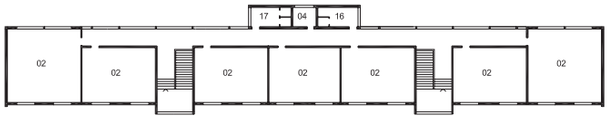
Juvenal Waetge Júnior | 1952 | São Paulo, Lapa | Rua Marcelina, 629



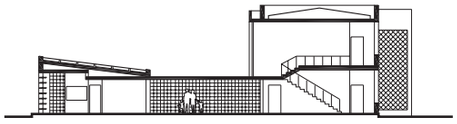
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



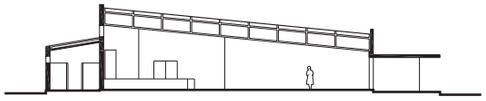
01. HALL DE ENTRADA
02. SALA DE AULA
03. INSTRUTOR
04. SANITÁRIO
05. VESTIÁRIO
06. MÉDICO
07. DENTISTA
08. ASSISTENTE SOCIAL
09. SALA DE ESPERA
10. DIRETORIA
11. ARQUIVO
12. SECRETARIA
13. HALL-MUSEU
14. BIBLIOTECA
15. SALA DOS PROFESSORES
16. SANITÁRIO MASCULINO
17. SANITÁRIO FEMININO
18. PALCO
19. RECREIO COBERTO
20. DEPÓSITO
21. COZINHA
22. COPA E NUTRIÇÃO
23. ZELADORIA
24. VOCACIONAL



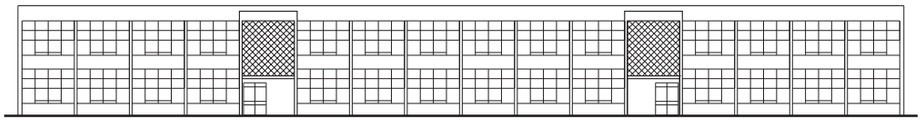
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



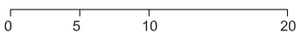
CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

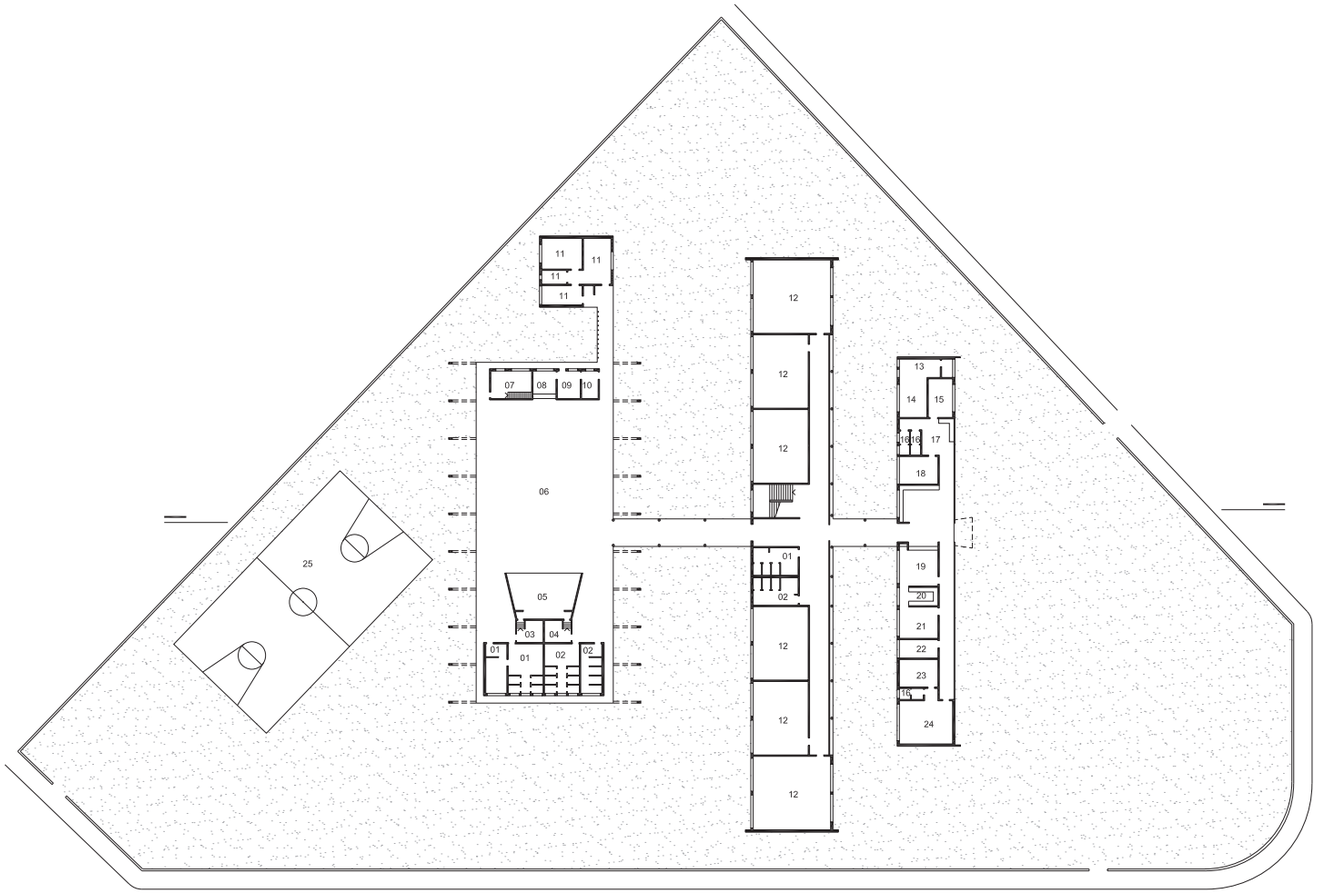


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

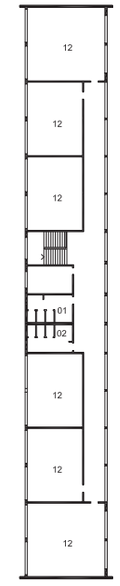


EE Canuto do Val

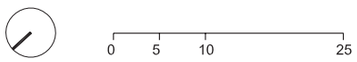
Oswaldo Corrêa Gonçalves | 1950 | São Paulo, Barra Funda | Avenida Doutor Abrahão Ribeiro, 526



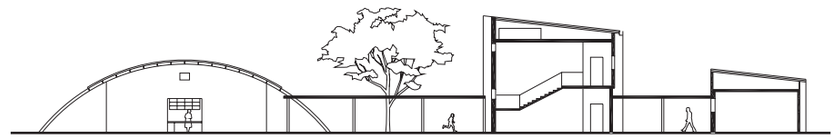
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



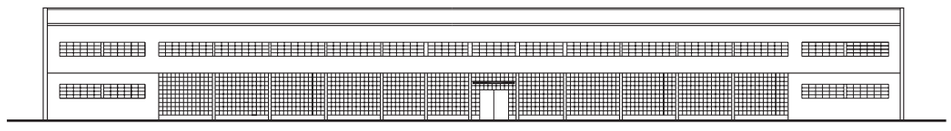
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



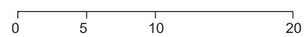
01. SANITÁRIO MASCULINO
02. SANITÁRIO FEMININO
03. VESTIÁRIO MASCULINO
04. VESTIÁRIO FEMININO
05. PALCO
06. RECREIO COBERTO
07. DEPÓSITO
08. DISTRIBUIÇÃO
09. COZINHA
10. NUTRIÇÃO
11. ZELADORIA
12. SALA DE AULA
13. ASSISTENTE SOCIAL
14. MÉDICO
15. DENTISTA
16. SANITÁRIOS
17. SALA DE ESPERA
18. SALA SOCIAL
19. SECRETARIA
20. ARQUIVO
21. DIRETORIA
22. MATERIAL ESCOLAR
23. SALA DE PROFESSORES
24. BIBLIOTECA
25. QUADRA POLIESPORTIVA



CORTE TRANSVERSAL
1:500

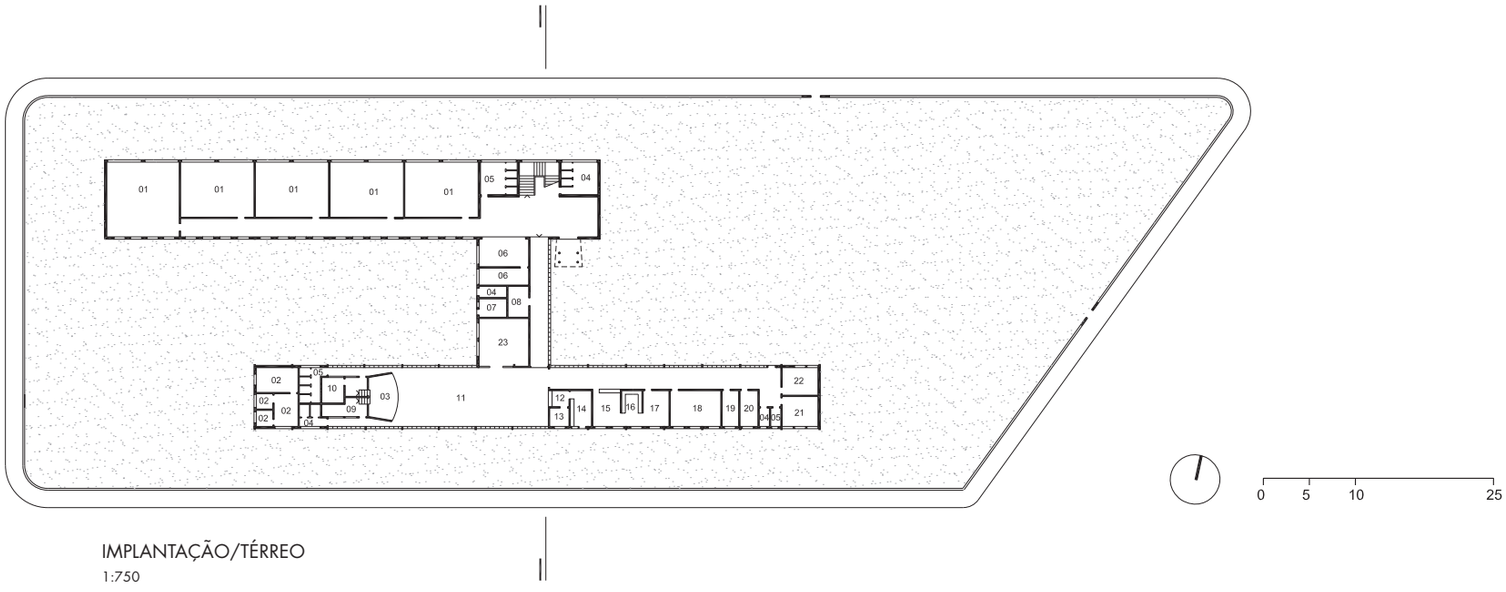


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

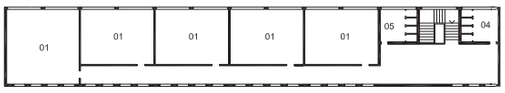


EE Pedro Taques

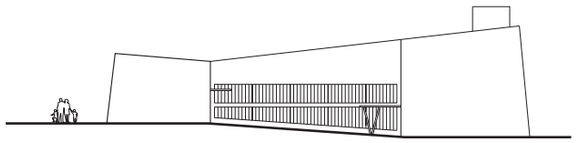
Oswaldo Corrêa Gonçalves | 1950 | São Paulo, Guaianazes | Rua Comandante Carlos Ruhl, 56



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

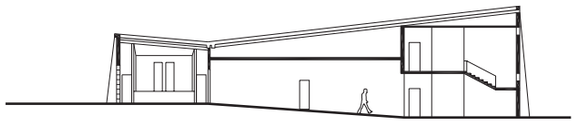


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

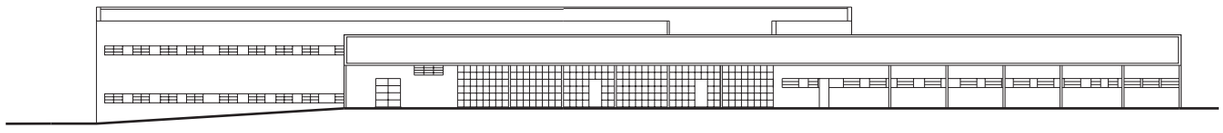


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

01. SALA DE AULA
02. ZELADORIA
03. PALCO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. BIBLIOTECA
07. SERVENTES
08. ALMOXARIFADO
09. VESTIÁRIO MASCULINO
10. VESTIÁRIO FEMININO
11. RECREIO COBERTO
12. DISTRIBUIÇÃO
13. NUTRICIONISTA
14. COZINHA
15. SECRETARIA
16. ARQUIVO
17. DIRETORIA
18. SALA DOS PROFESSORES
19. MATERIAL ESCOLAR
20. ASSISTÊNCIA SOCIAL
21. DENTISTA
22. MÉDICO
23. HALL-MUSEU



CORTE TRANSVERSAL
1:500

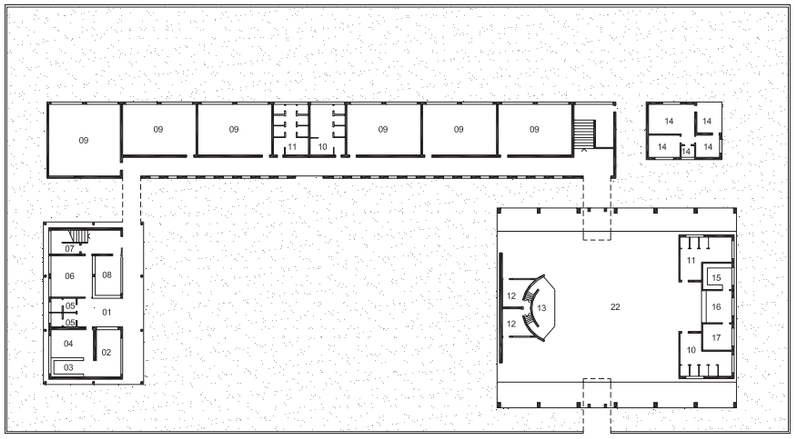


ELEVAÇÃO SUL
1:500

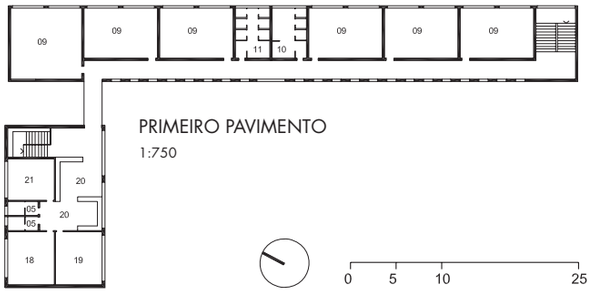
0 5 10 20

EE Romeu de Moraes

Oswaldo Corrêa Gonçalves | 1950 | São Paulo, Lapa | Rua Tonelero, 407

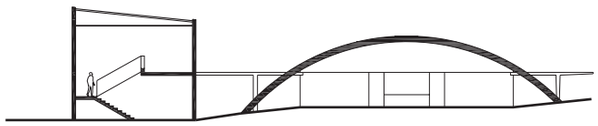


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

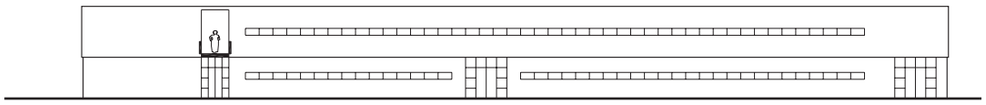


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

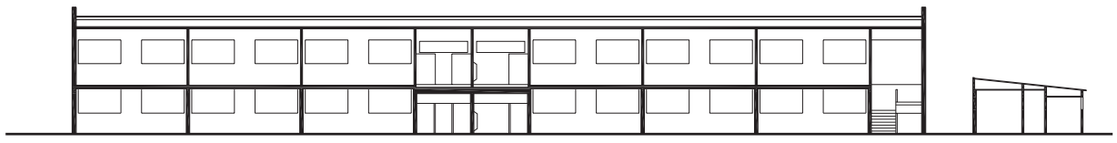
01. HALL-MUSEU
02. SECRETARIA
03. ARQUIVO
04. DIRETORIA
05. SANITÁRIO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. DEPÓSITO
08. BIBLIOTECA
09. SALA DE AULA
10. SANITÁRIO MASCULINO
11. SANITÁRIO FEMININO
12. VESTIÁRIO
13. PALCO
14. ZELADORIA
15. COZINHA
16. DISTRIBUIÇÃO
17. NUTRIÇÃO
18. DENTISTA
19. ASSISTENTE SOCIAL
20. SALA DE ESPERA
21. MÉDICO
22. RECREIO COBERTO



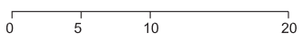
CORTE TRANSVERSAL
1:500

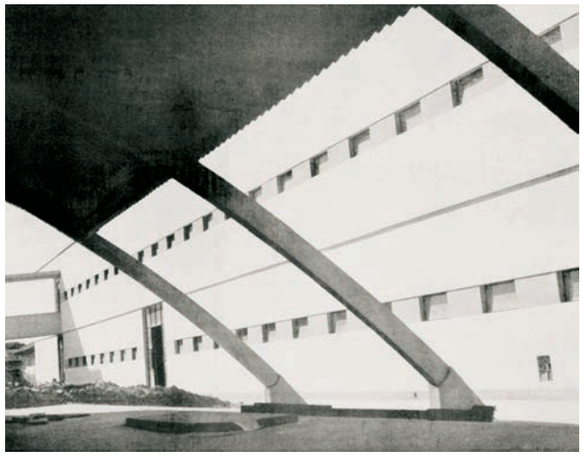


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500



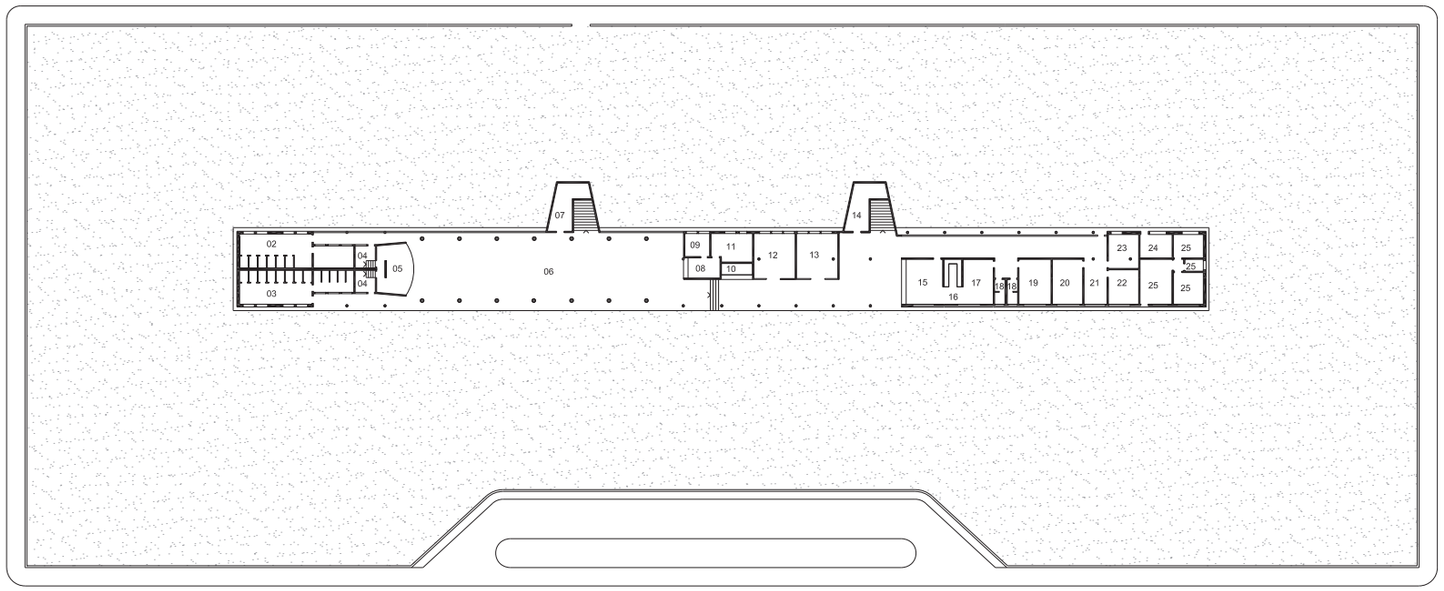
CORTE LONGITUDINAL
1:500





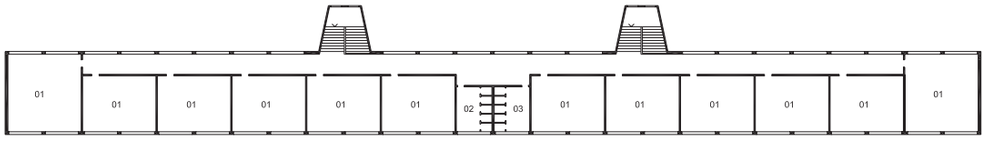
EE Carlos Escobar

Oswaldo Corrêa Gonçalves | 1950 | São Paulo, Tatuapé | Rua Adelino de Almeida Castilho, 178

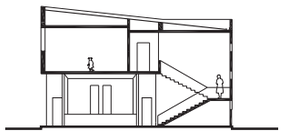


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

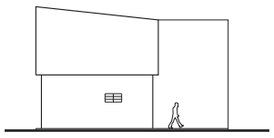
0 5 10 25



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

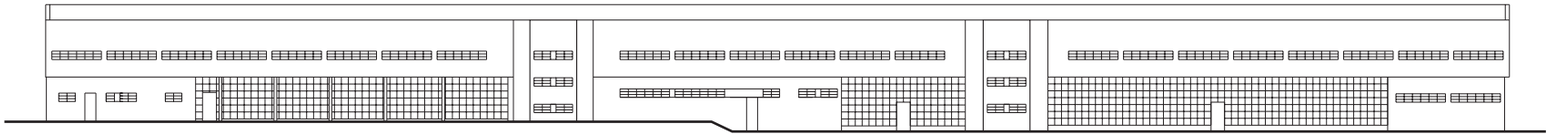


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO OESTE
1:500

01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. VESTIÁRIO
05. PALCO
06. RECREIO COBERTO
07. MATERIAL ESCOLAR
08. DISTRIBUIÇÃO
09. NUTRIÇÃO
10. GUARDADOS
11. COZINHA
12. HALL-MUSEU
13. BIBLIOTECA
14. COORDENADOR
15. SECRETARIA
16. ARQUIVO
17. DIRETORIA
18. SANITÁRIO
19. SALA DOS PROFESSORES
20. MÉDICO
21. SALA DE ESPERA
22. ASSISTENTE SOCIAL
23. DENTISTA
24. SERVENTES
25. ZELADORIA

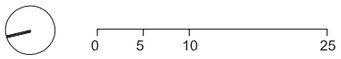


ELEVAÇÃO SUL
1:500

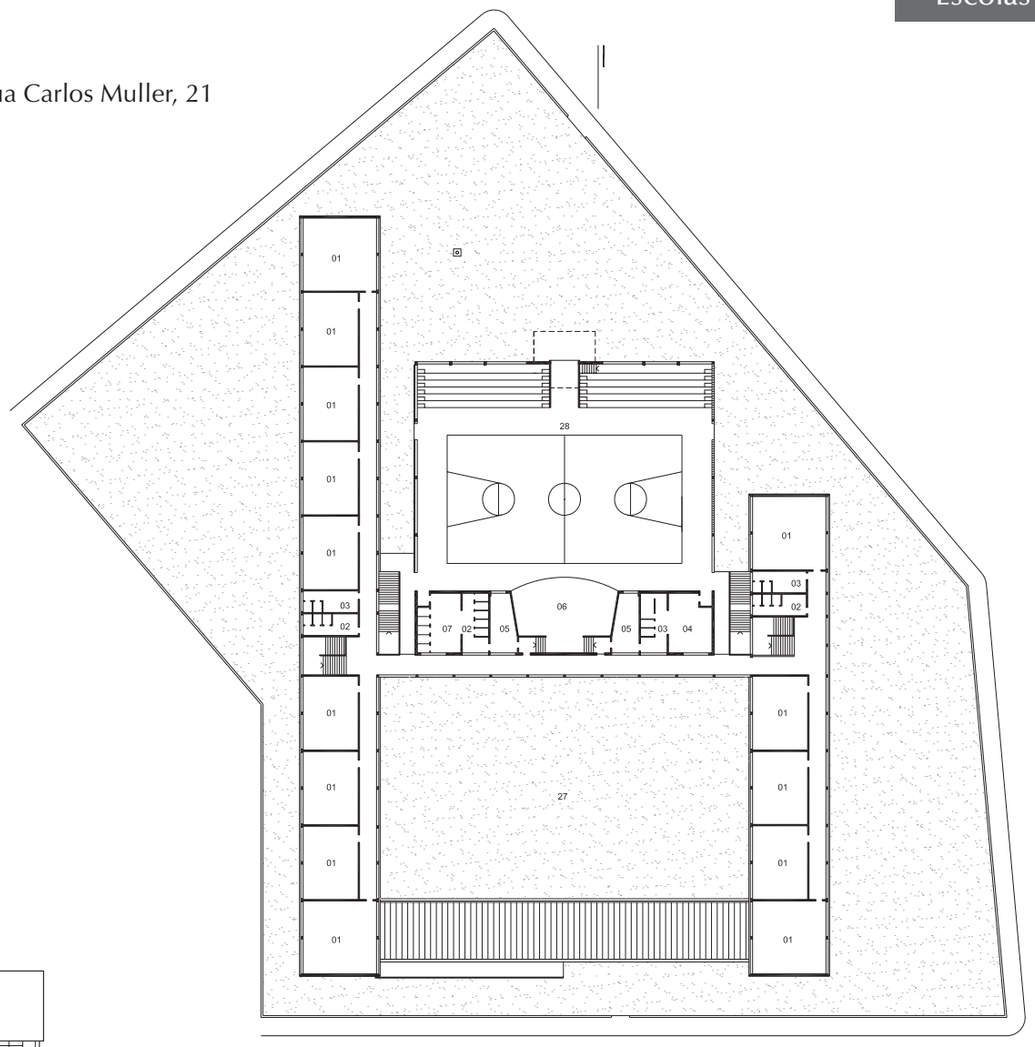
0 5 10 20

EE República do Paraguay

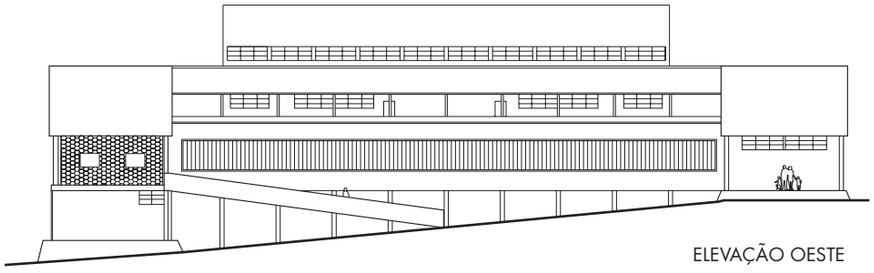
Oswaldo Corrêa Gonçalves | 1951 | São Paulo, Vila Prudente | Rua Carlos Muller, 21



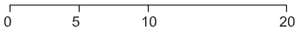
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. VESTIÁRIO MASCULINO
05. CAMARIM
06. PALCO
07. VESTIÁRIO FEMININO
08. COZINHA
09. DEPÓSITO
10. DISTRIBUIÇÃO
11. NUTRICIONISTA
12. DENTISTA
13. ASSISTENTE SOCIAL
14. MÉDICO
15. SALA DOS PROFESSORES
16. BIBLIOTECA
17. MATERIAL ESCOLAR
18. SANITÁRIO
19. DIRETORIA
20. ARQUIVO
21. SECRETARIA
22. ENTRADA
23. RECREIO COBERTO
24. REFEITÓRIO
25. COOPERATIVAS
26. INICIATIVAS
27. PÁTIO
28. GINÁSIO POLIESPORTIVO

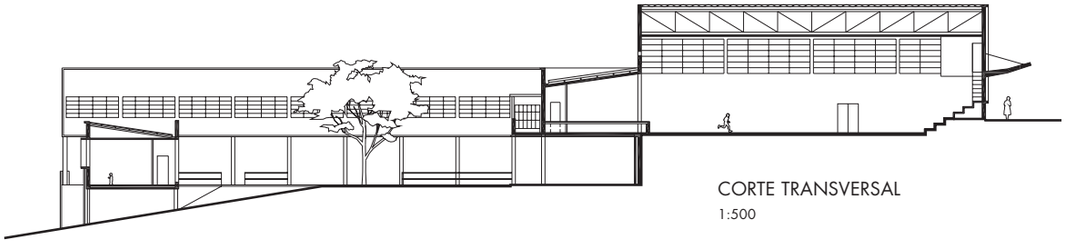


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

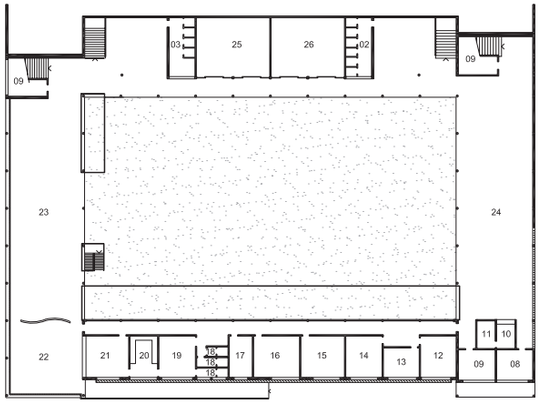


ELEVAÇÃO OESTE
1:500





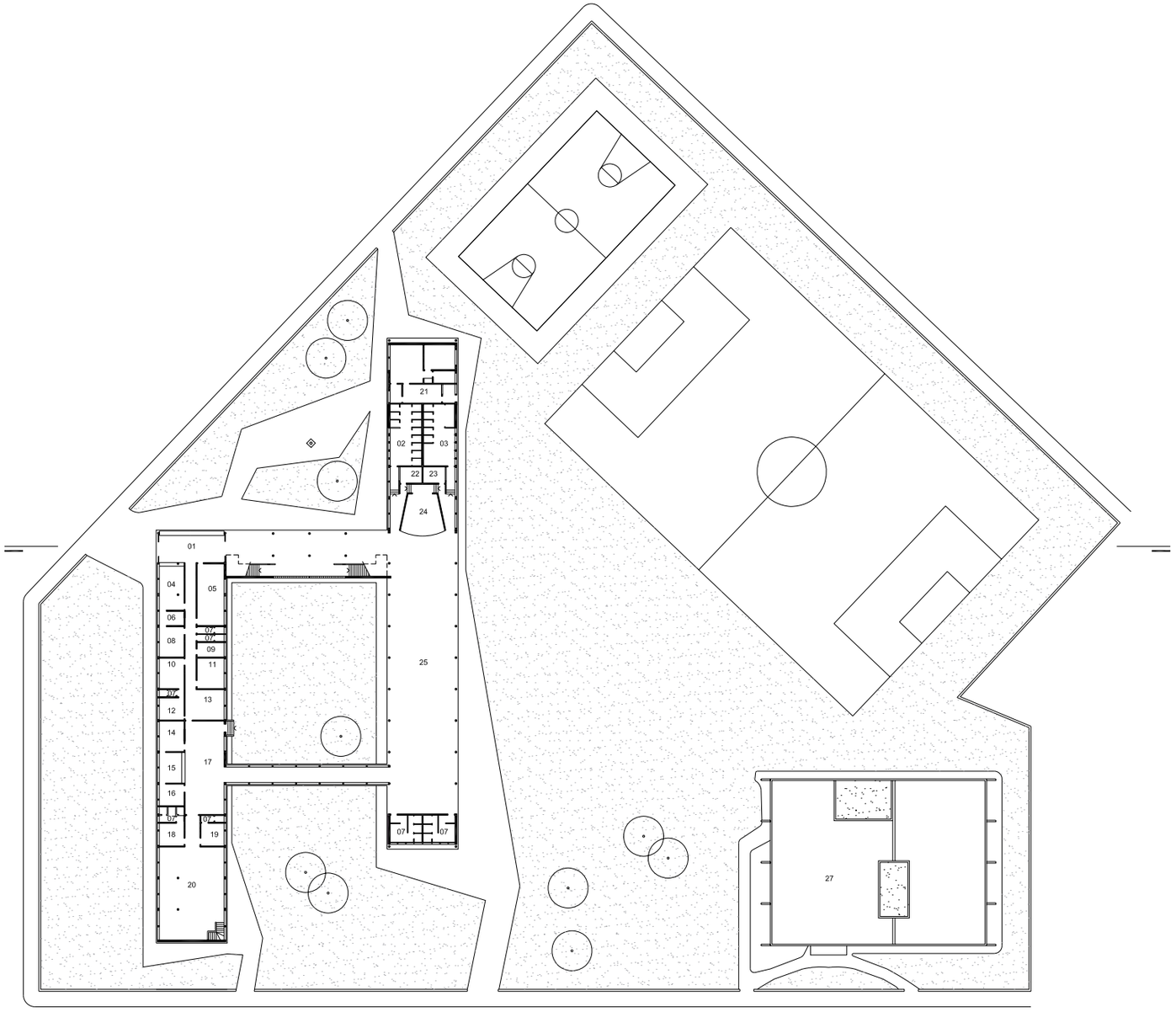
CORTE TRANSVERSAL
1:500



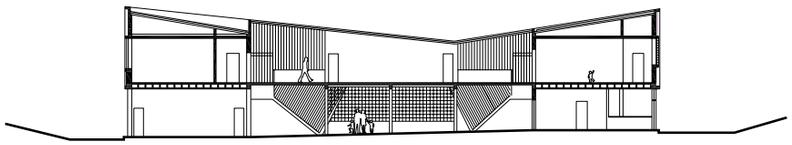
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

EE Coronel Domingos Quirino Ferreira

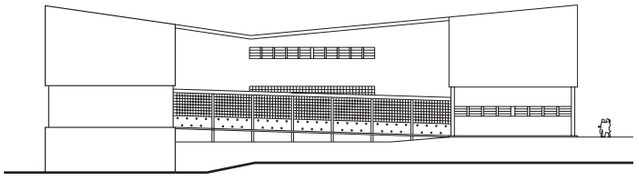
Paulo José Rodrigues Rosa | 1953 | obra construída com outro projeto | São Paulo, Jabaquara | Avenida do Café, 681



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

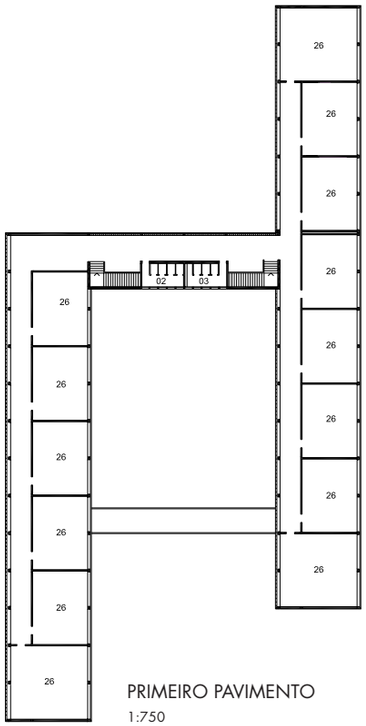


CORTE TRANSVERSAL
1:500



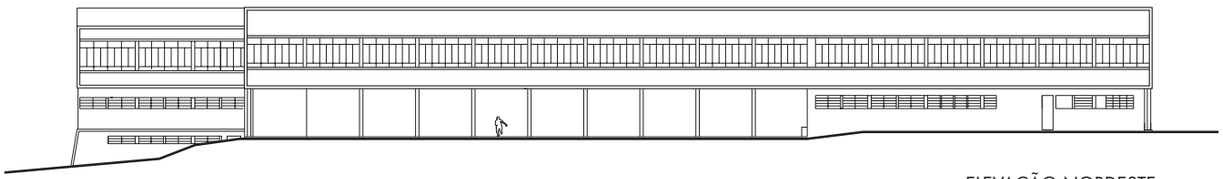
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

0 5 10 20



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

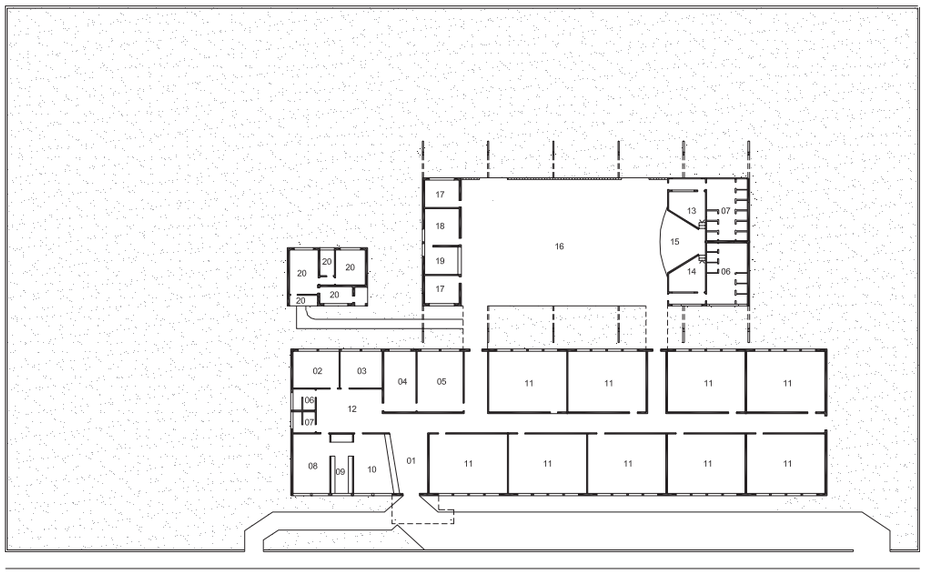
01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SECRETARIA
05. BIBLIOTECA / SALA DOS PROFESSORES
06. ARQUIVO
07. SANITÁRIO
08. DIRETORIA
09. MATERIAL ESCOLAR
10. MÉDICO
11. ASSISTENTE SOCIAL
12. DENTISTA
13. SALA DE ESPERA
14. COZINHA
15. DISTRIBUIÇÃO
16. DESPENSA
17. REFEITÓRIO
18. INSTRUTOR
19. VESTIÁRIO
20. CURSO VOCACIONAL
21. ZELADORIA
22. VESTIÁRIO FEMININO
23. VESTIÁRIO MASCULINO
24. PALCO
25. RECREIO COBERTO
26. SALA DE AULA
27. FUTURA CONSTRUÇÃO

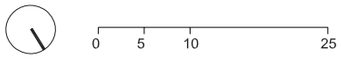


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

EE André Ohl

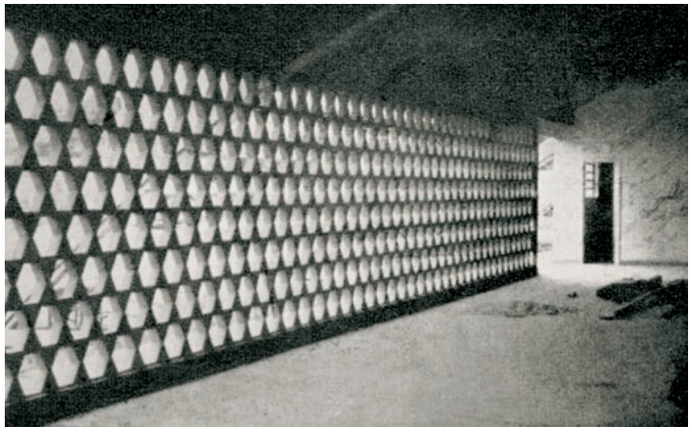
Paulo José Rodrigues Rosa | 1954 | São Paulo, Alto da Mooca | Avenida Sapopemba, 3244

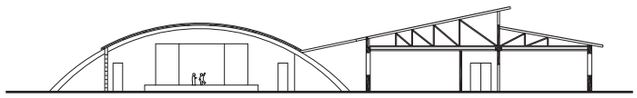




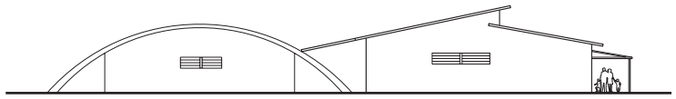
01. HALL-MUSEU
02. MÉDICO
03. DENTISTA
04. SALA DOS PROFESSORES
05. BIBLIOTECA
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. DIRETORIA
09. ARQUIVO
10. SECRETARIA
11. SALA DE AULA
12. SALA DE ESPERA
13. VESTIÁRIO FEMININO
14. VESTIÁRIO MASCULINO
15. PALCO
16. RECREIO COBERTO
17. DEPÓSITO
18. COZINHA
19. DISTRIBUIÇÃO
20. ZELADORIA

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

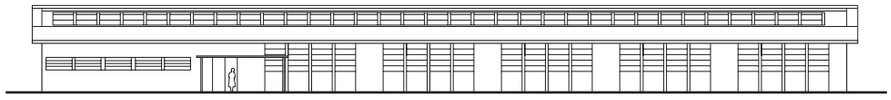




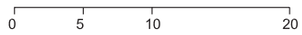
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

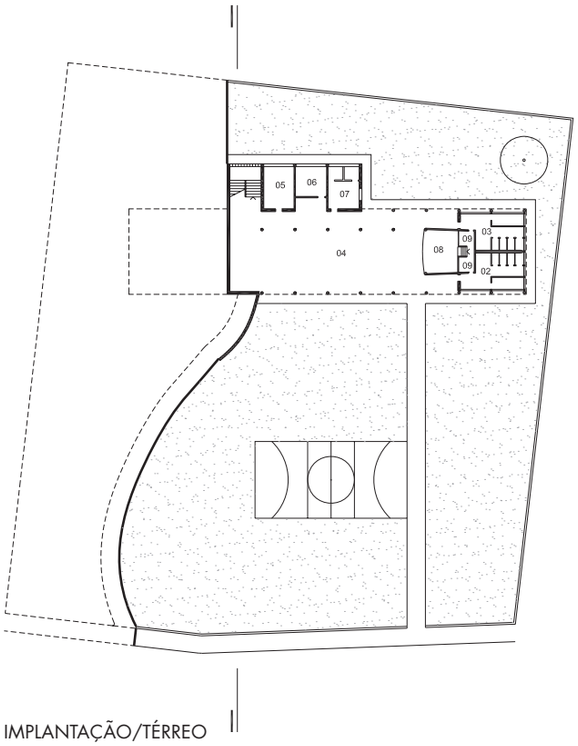


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

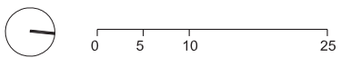


EE Clóvis Bevilacqua

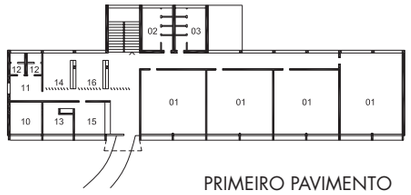
Roberto Goulart Tibau | 1950 | São Paulo, Perdizes | Rua Daniel Cardoso, 129



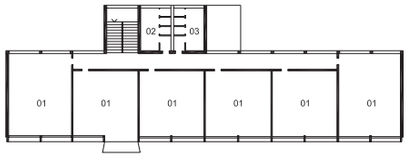
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



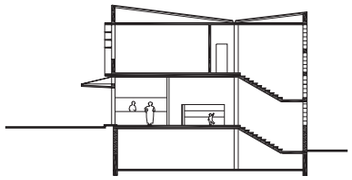
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. RECREIO COBERTO
05. DEPÓSITO
06. COZINHA
07. ZELADORIA
08. PALCO
09. VESTIÁRIO
10. MÉDICO
11. SALA DE ESPERA
12. SANITÁRIO
13. DIRETORIA
14. SALA DOS PROFESSORES
15. SECRETARIA
16. BIBLIOTECA



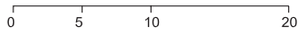
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

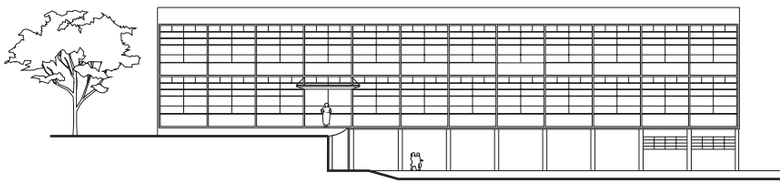


SEGUNDO PAVIMENTO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

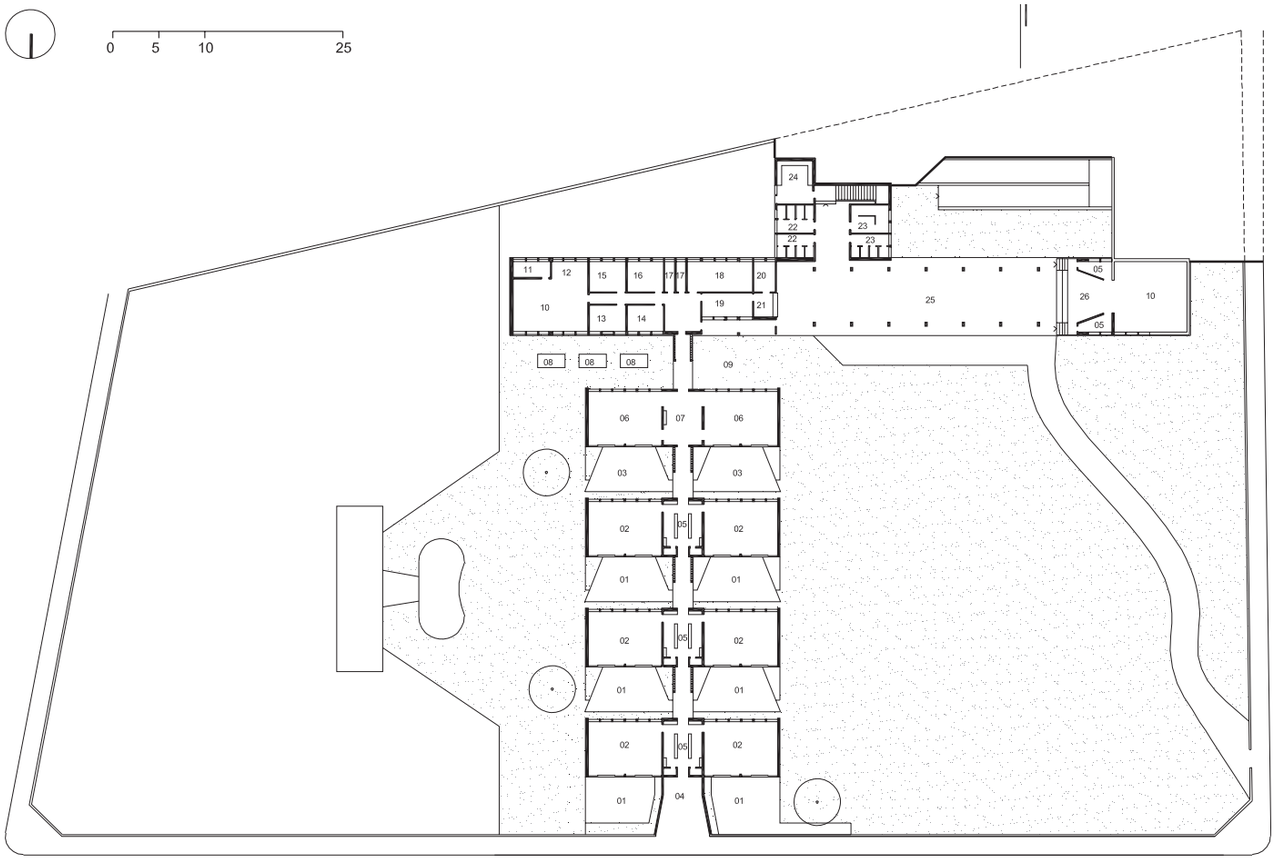




ELEVAÇÃO LESTE
1:500

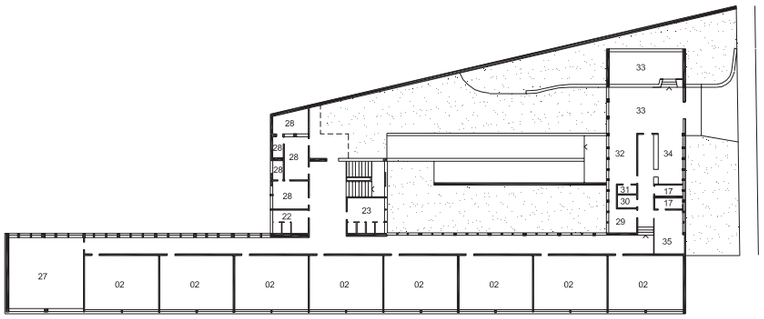
EE Doutor Edmundo de Carvalho

Roberto Goulart Tibau | 1950 | São Paulo, Lapa | Rua Tibério, 145



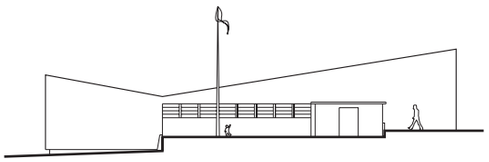
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. AULA AO AR LIVRE
02. SALA DE AULA
03. JARDIM
04. ESPERA DOS PAIS
05. VESTIÁRIO
06. REFEITÓRIO
07. LAVABO REFEITÓRIO
08. HORTA
09. VIVEIROS
10. SALA DE DANÇA
11. CÂMARA ESCURA
12. EDUCAÇÃO FÍSICA E GINÁSTICA CORRETORA
13. DENTISTA
14. MÉDICO
15. LABORATÓRIO FISIOLÓGICO
16. ASSITENTE SOCIAL
17. SANITÁRIO
18. EDUCAÇÃO FÍSICA
19. COZINHA
20. NUTRICIONISTA
21. SOPA ESCOLAR
22. SANITÁRIO FEMININO
23. SANITÁRIO MASCULINO
24. ALMOXARIFADO
25. RECREIO COBERTO
26. PALCO
27. TRABALHOS MANUAIS
28. ZELADORIA
29. DIRETORIA
30. MATERIAL ESCOLAR
31. ARQUIVO
32. SECRETARIA
33. HALL-MUSEU
34. BIBLIOTECA
35. SALA DOS PROFESSORES



PRIMEIRO PAVIMENTO

1:750



ELEVAÇÃO OESTE

1:500

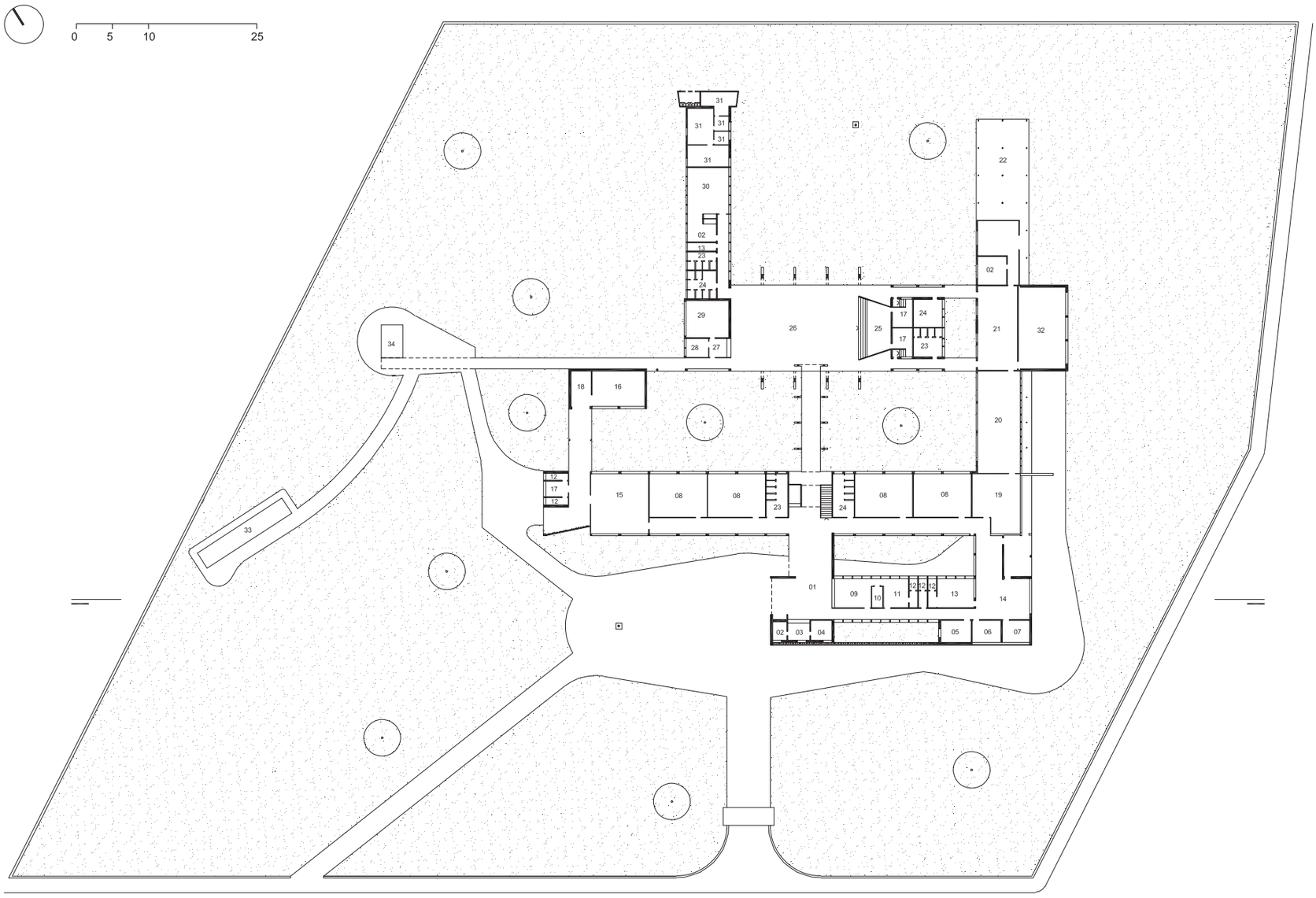
0 5 10 20

CORTE TRANSVERSAL

1:500

EE Alberto Torres

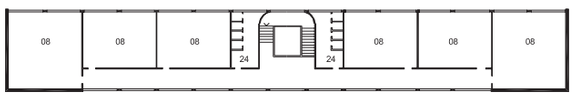
Roberto Goulart Tibau | 1951 | São Paulo, Butantã | Avenida Vital Brasil, 1260



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO

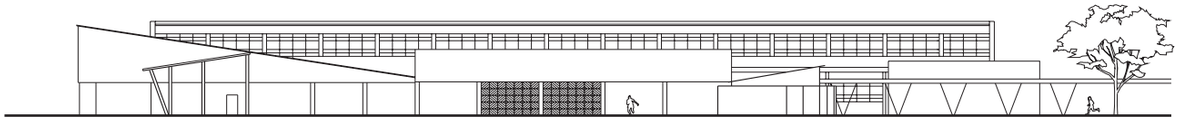
1:750

01. HALL-MUSEU
02. DEPÓSITO
03. PORTARIA
04. MATERIAL ESCOLAR
05. MÉDICO
06. DENTISTA
07. ASSISTENTE SOCIAL
08. SALA DE AULA
09. SECRETARIA
10. ARQUIVO
11. DIRETORIA
12. SANITÁRIO
13. SALA DOS PROFESSORES
14. SALA DE ESPERA
15. JARDIM DE INFÂNCIA
16. REFEITÓRIO
17. VESTIÁRIO
18. MACAS
19. METALURGIA
20. MODELAGEM
21. DESENHO
22. COELHEIRAS
23. SANITÁRIO MASCULINO
24. SANITÁRIO FEMININO
25. PALCO
26. RECREIO COBERTO
27. DISTRIBUIÇÃO
28. NUTRICIONISTA
29. COZINHA
30. CARPINTARIA
31. ZELADORIA
32. TECELAGEM
33. APIÁRIO
34. SIRGARIA

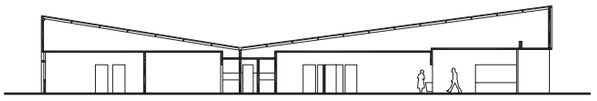


PRIMEIRO PAVIMENTO

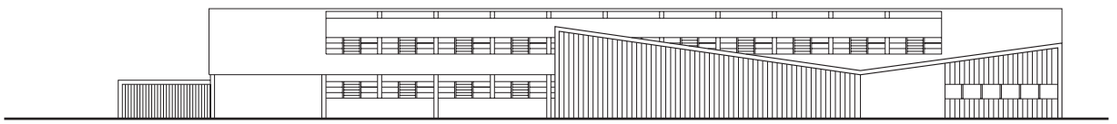
1:750



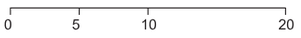
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

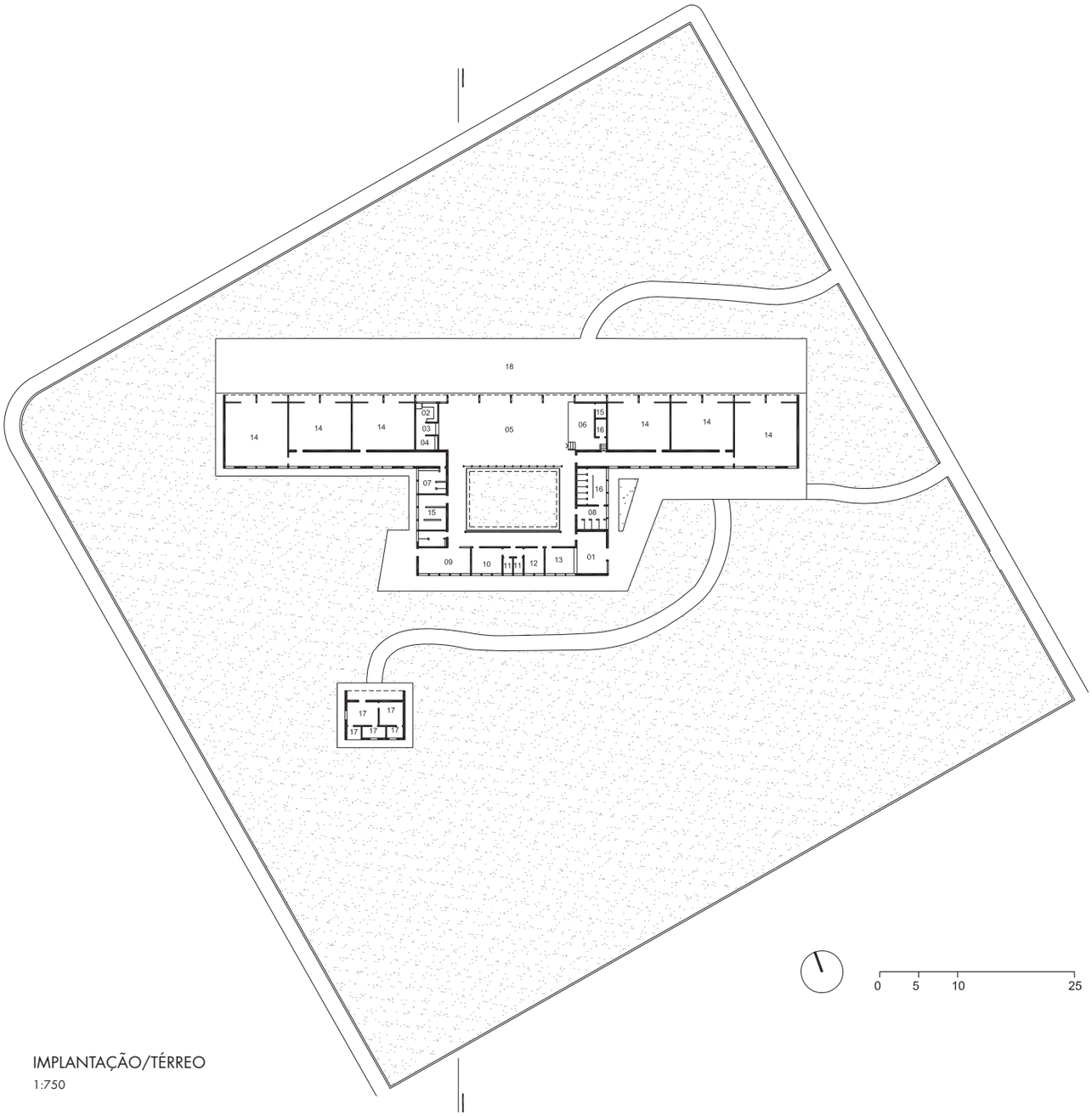


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

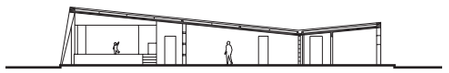


EE Comendador Mario Reys

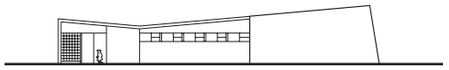
Roberto Goulart Tibau | 1951 | São Paulo, Itaquera | Rua Jeribatuba, 102



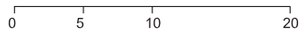
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



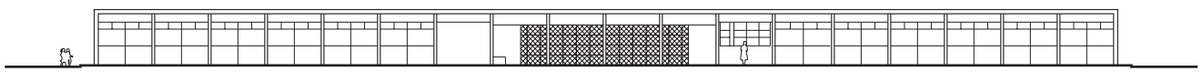
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500



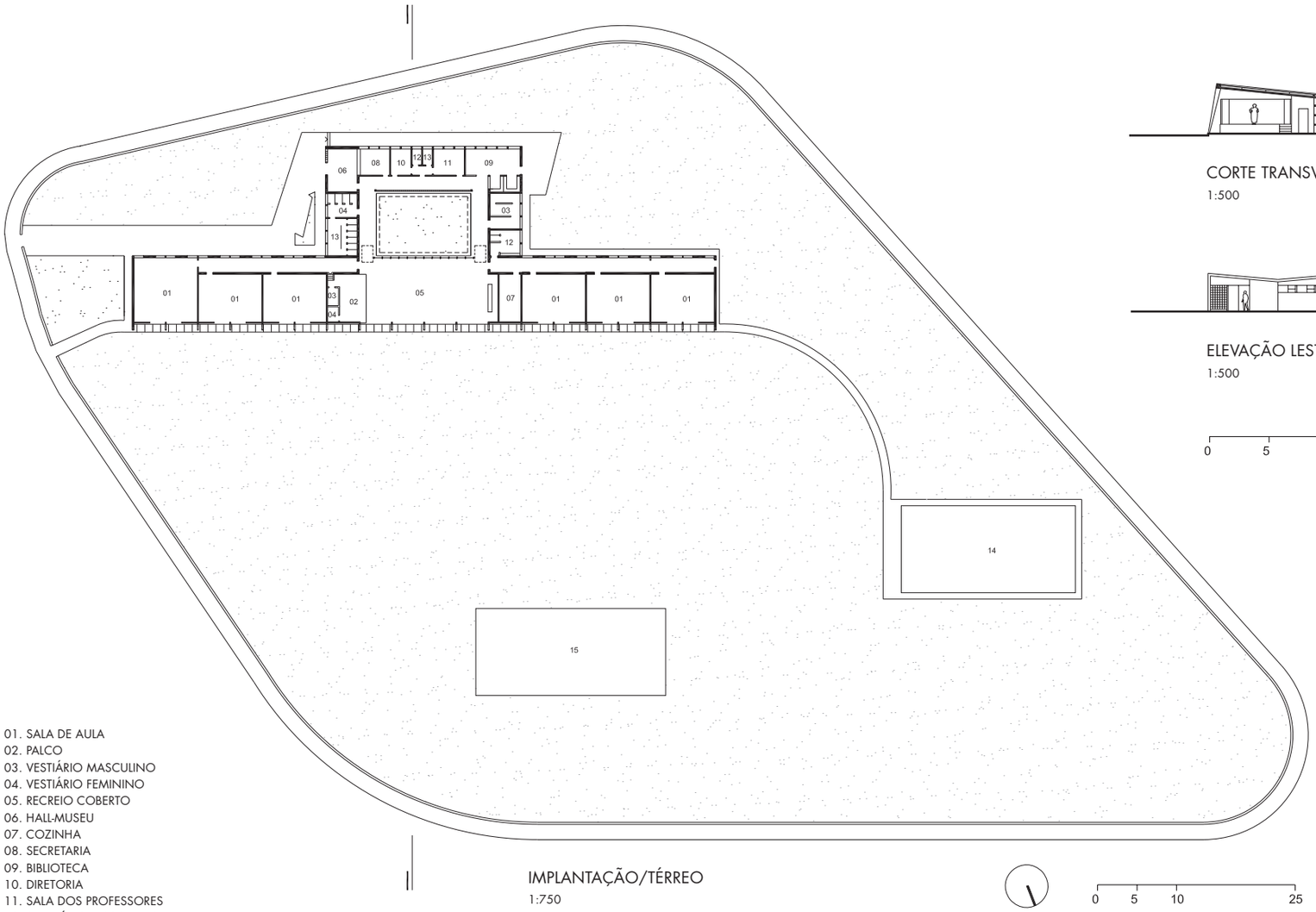
01. HALL-MUSEU
02. COZINHA
03. DISTRIBUIÇÃO
04. NUTRICIONISTA
05. RECREIO COBERTO
06. PALCO
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. SANITÁRIO FEMININO
09. BIBLIOTECA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. SANITÁRIO
12. DIRETORIA
13. SECRETARIA
14. SALA DE AULA
15. VESTIÁRIO MASCULINO
16. VESTIÁRIO FEMININO
17. ZELADORIA
18. PÁTIO



ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EE Professor Ascânio de Azevedo Castilho

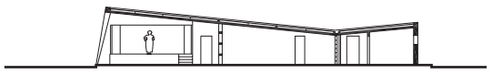
Roberto Goulart Tibau | 1951 | São Paulo, Itaquera | Avenida Líder, 2168



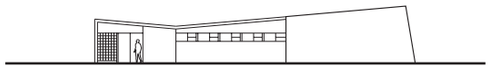
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

0 5 10 25

01. SALA DE AULA
02. PALCO
03. VESTIÁRIO MASCULINO
04. VESTIÁRIO FEMININO
05. RECREIO COBERTO
06. HALL-MUSEU
07. COZINHA
08. SECRETARIA
09. BIBLIOTECA
10. DIRETORIA
11. SALA DOS PROFESSORES
12. SANITÁRIO MASCULINO
13. SANITÁRIO FEMININO
14. ZELADORIA
15. EDIFÍCIO EXISTENTE

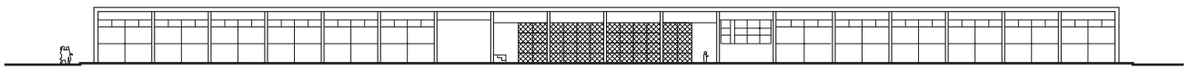


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

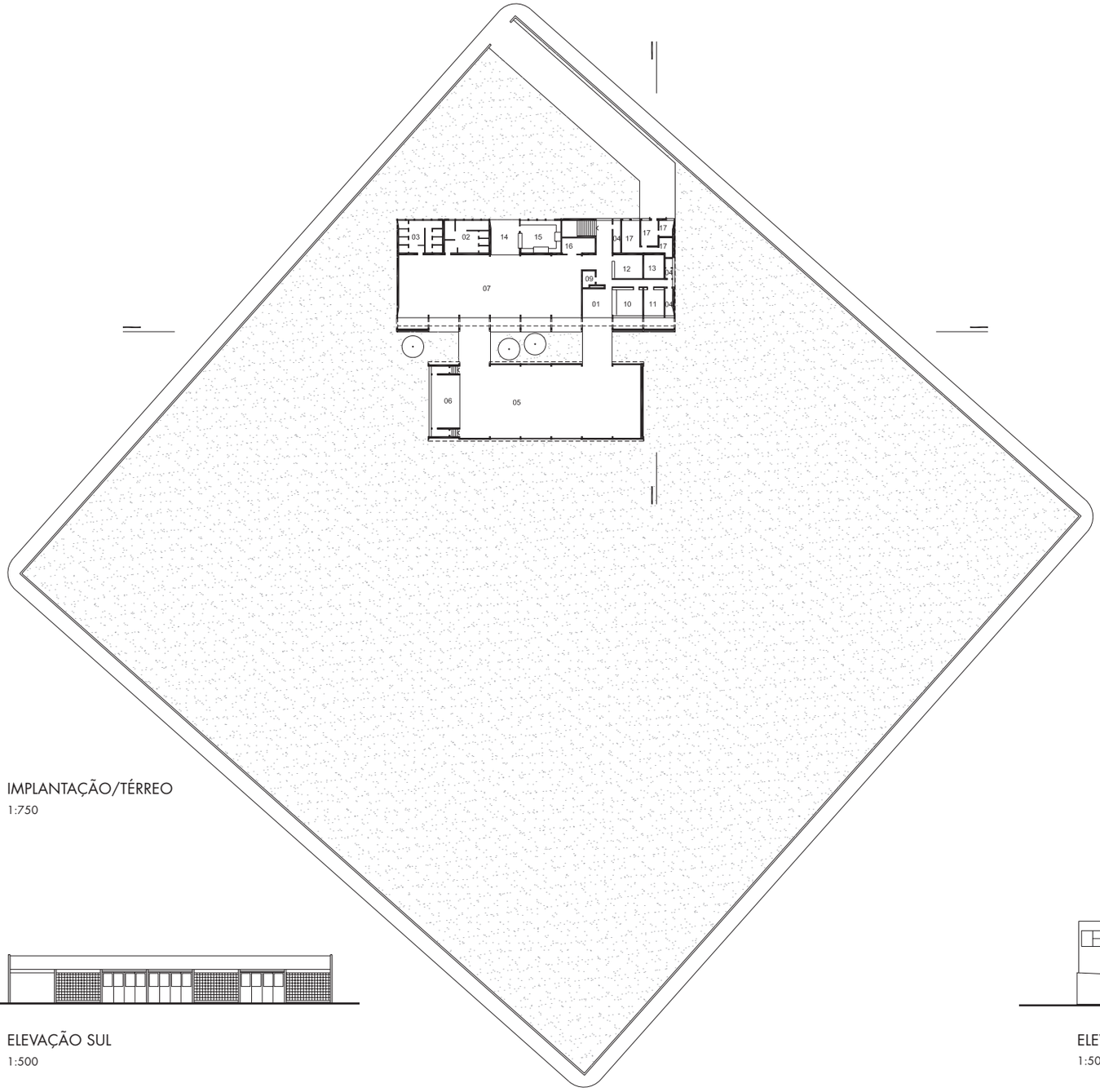
0 5 10 20



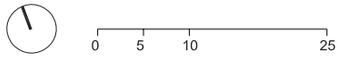
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

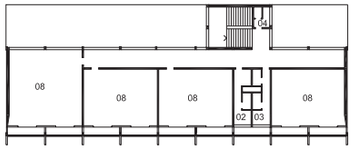
EE Artur Sabóia

Roberto Goulart Tibau | 1952 | São Paulo, Saúde | Rua Taquarichim, 22



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

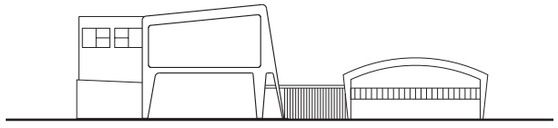




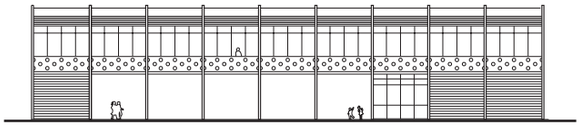
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO
05. RECREIO COBERTO
06. PALCO
07. RECREIO
08. SALA DE AULA
09. MATERIAL ESCOLAR
10. SECRETARIA
11. DIRETORIA
12. SALA DOS PROFESSORES
13. MÉDICO
14. DISTRIBUIÇÃO
15. COZINHA
16. DEPÓSITO
17. ZELADORIA

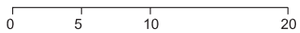
ELEVAÇÃO SUL
1:500

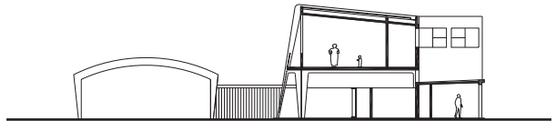


ELEVAÇÃO OESTE
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

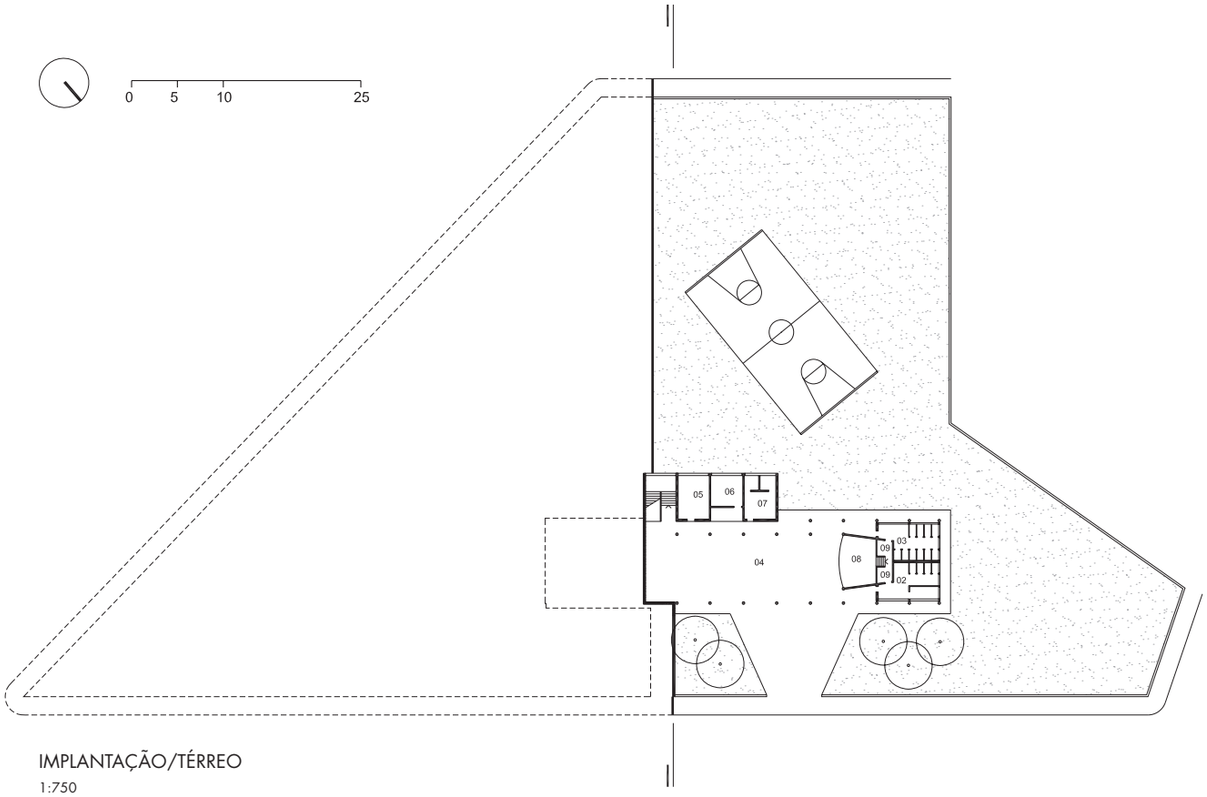




CORTE TRANSVERSAL
1:500

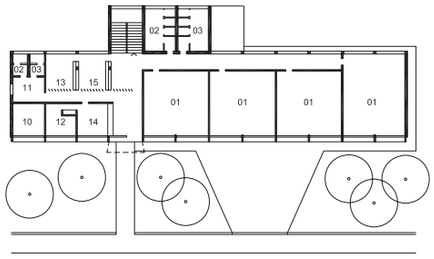
EE Dona Suzana de Campos

Roberto Goulart Tibau | 1953 | São Paulo, Perus | Rua Antônio Maia, 691

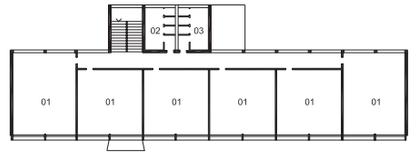


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

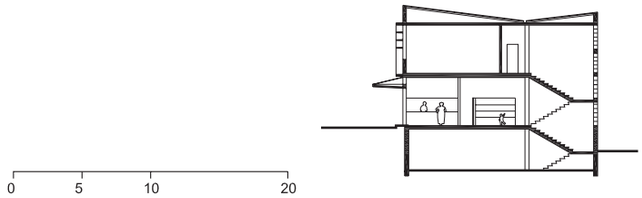
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. RECREIO COBERTO
05. DEPÓSITO
06. COZINHA
07. ZELADORIA
08. PALCO
09. VESTIÁRIO
10. MÉDICO
11. SALA DE ESPERA
12. DIRETORIA
13. SALA DOS PROFESSORES
14. SECRETARIA
15. BIBLIOTECA



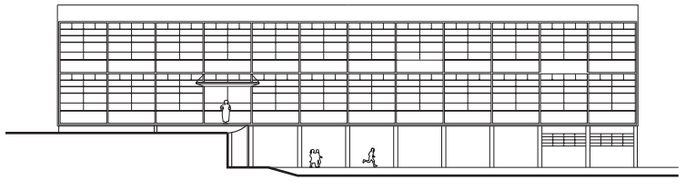
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



SEGUNDO PAVIMENTO
1:750



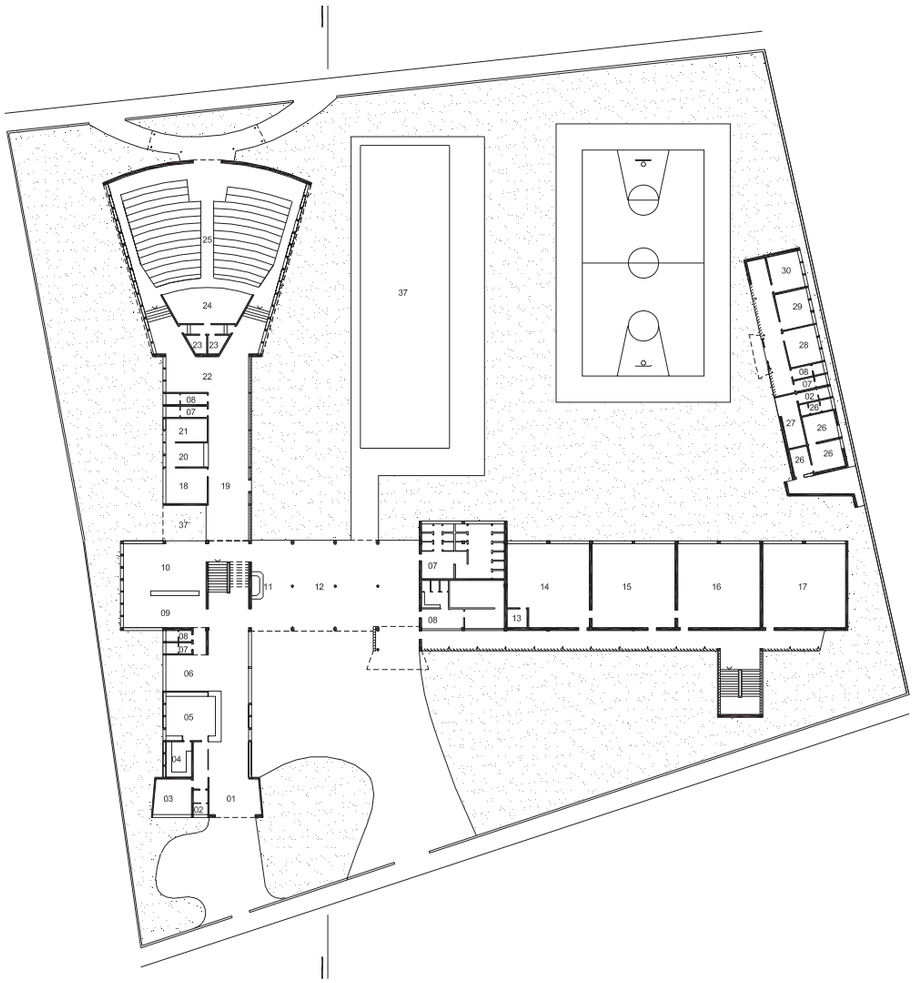
CORTE TRANSVERSAL
1:500



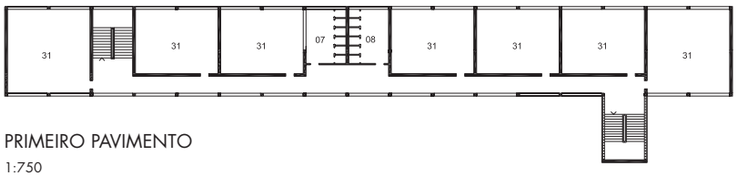
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

EE Professor Alberto Conte

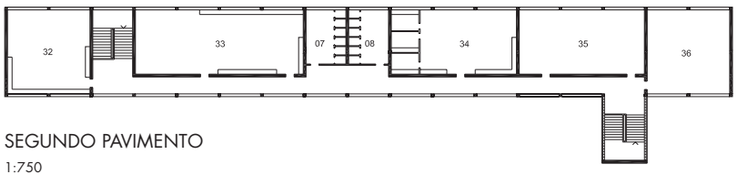
Roberto Goulart Tibau | 1953 | São Paulo, Santo Amaro | Avenida Doutor Mario Lopes Leão, 120



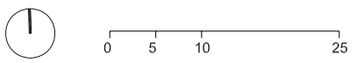
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



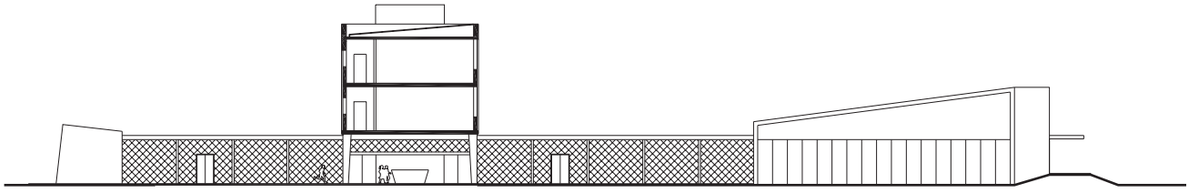
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



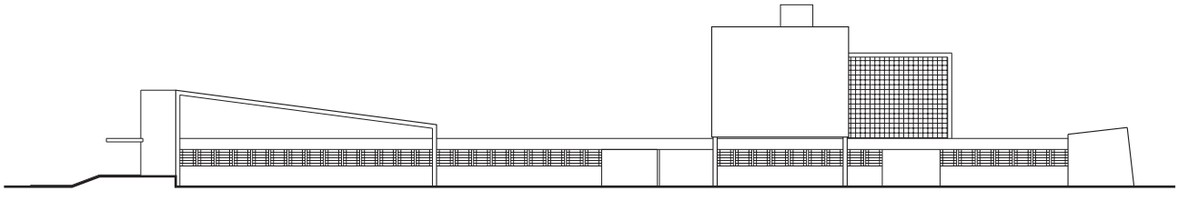
SEGUNDO PAVIMENTO
1:750



01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO
03. DIRETOR
04. ARQUIVO
05. SECRETARIA
06. CONGREGAÇÃO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. SALA DOS PROFESSORES
10. BIBLIOTECA
11. CANTINA
12. RECREIO COBERTO
13. CAPELA
14. QUÍMICA
15. ANFITEATRO
16. FÍSICA
17. CIÊNCIAS E HISTÓRIA NATURAL
18. DIRETORIA DO GRÊMIO
19. CIRCULAÇÃO
20. COOPERATIVA
21. SALA DE IMPRENSA
22. SALA DE EXPOSIÇÕES
23. VESTIÁRIO
24. PALCO
25. AUDITÓRIO
26. ZELADORIA
27. DEPÓSITO
28. ENFERMARIA
29. DENTISTA
30. MÉDICO
31. SALA DE AULA
32. GEOGRAFIA
33. DESENHO
34. LÍNGUAS
35. TRABALHOS MANUAIS MASCULINO
36. TRABALHOS MANUAIS FEMININO
37. PISCINA



CORTE TRANSVERSAL
1:500

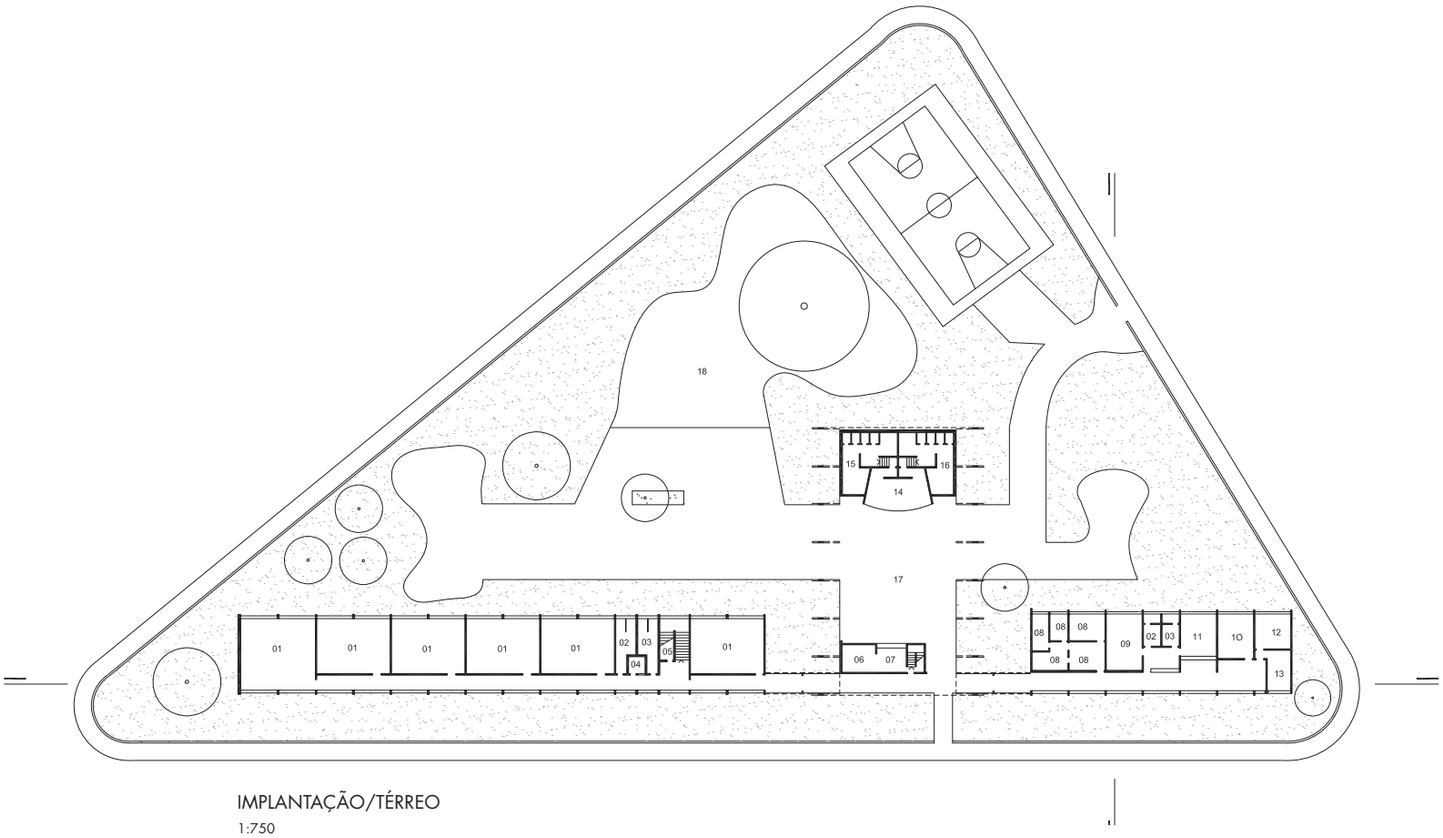


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

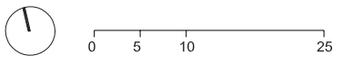
0 5 10 20

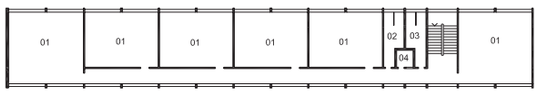
EE Júlio Ribeiro

Roberto Goulart Tibau | 1954 | São Paulo, Saúde | Rua Doutor Nestor Alberto de Macedo, 117



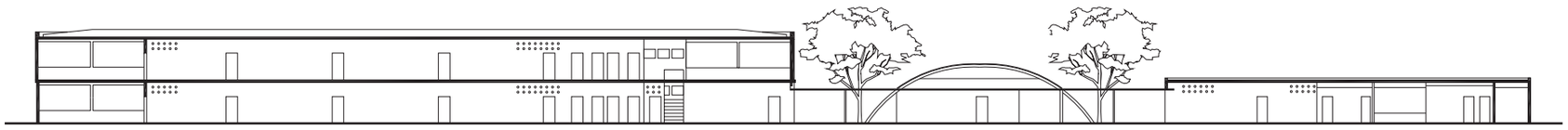
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



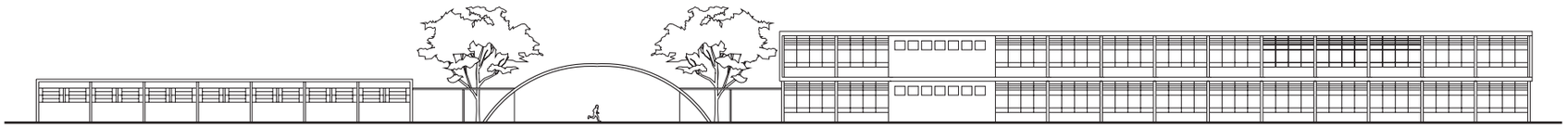


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

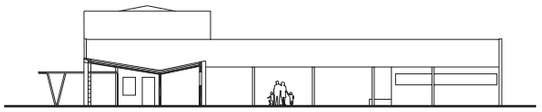
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO
05. DEPÓSITO
06. COZINHA
07. DISTRIBUIÇÃO
08. ZELADORIA
09. SALA DOS PROFESSORES
10. SECRETARIA
11. DIRETORIA
12. MÉDICO
13. DENTISTA
14. PALCO
15. VESTIÁRIO MASCULINO
16. VESTIÁRIO FEMININO
17. RECREIO COBERTO
18. PÁTIO



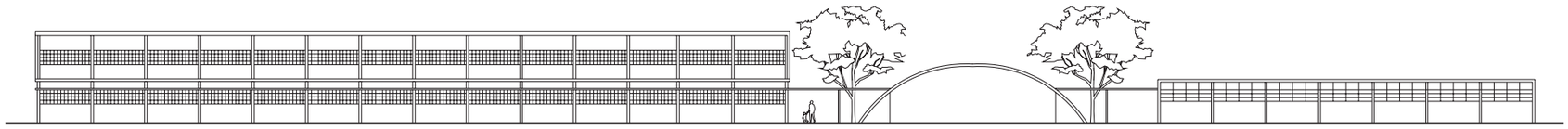
CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO NORTE
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

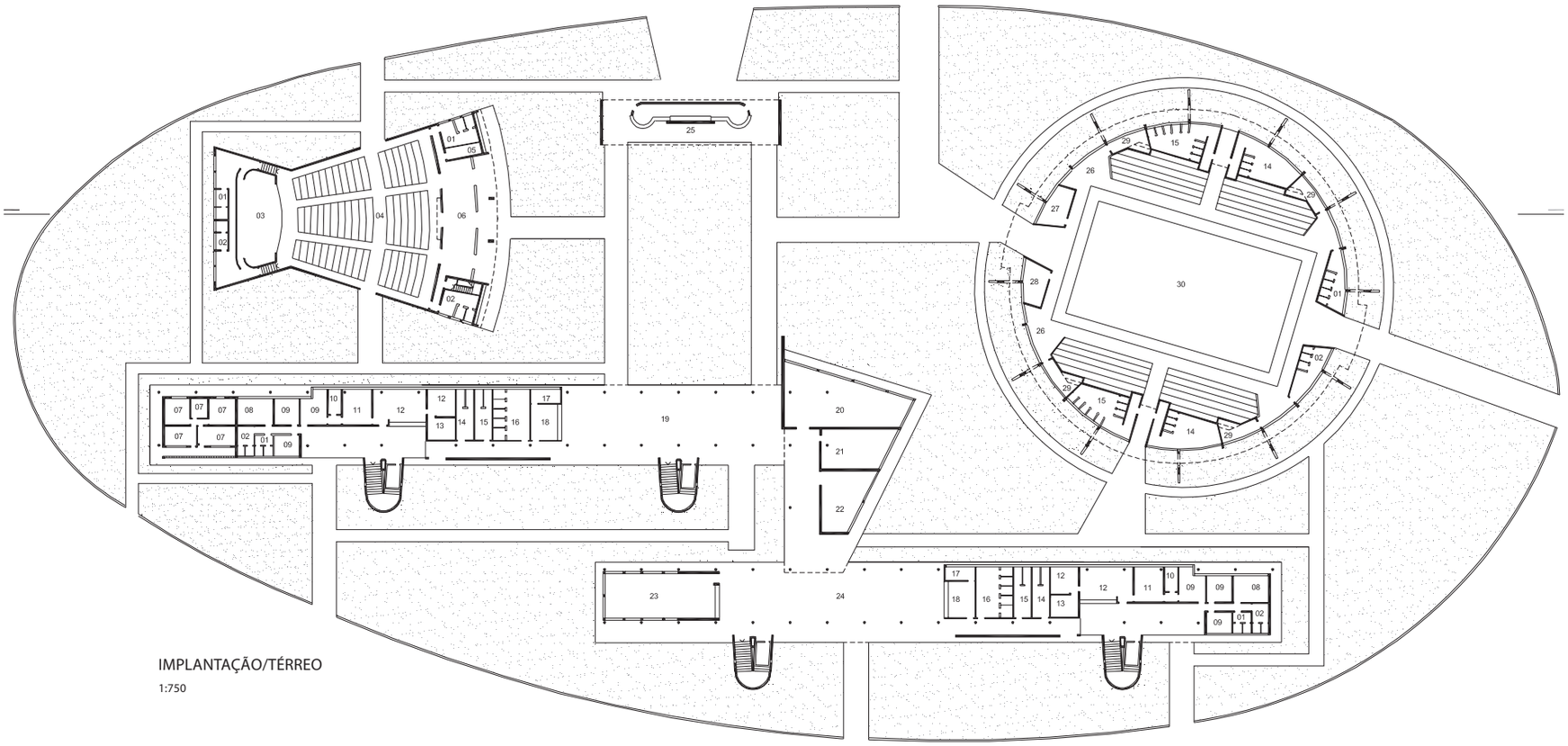


ELEVAÇÃO SUL
1:500

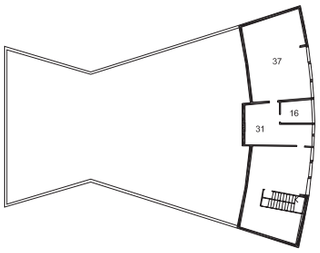
0 5 10 20

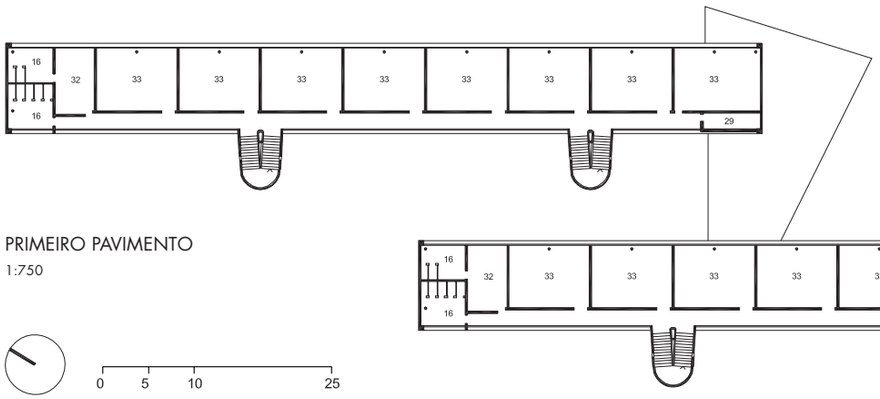
EE São Paulo

Rubens César Madureira Cardieri, Rubens Freitas Azevedo | 1955 | São Paulo, Brás | Rua da Figueira, 500

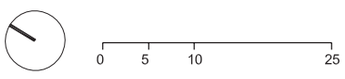


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

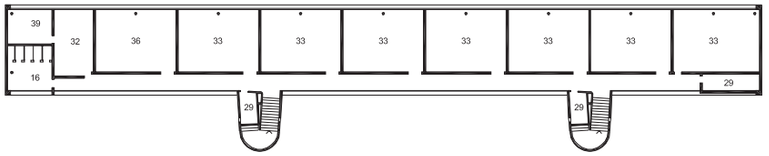


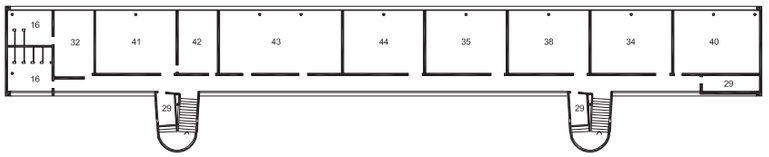


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

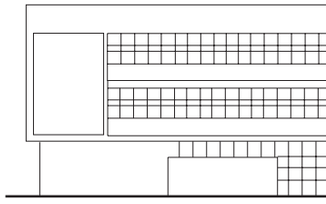


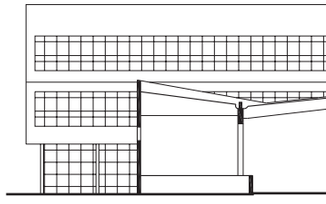
01. SANITÁRIO FEMININO
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. PALCO
04. PLATÉIA
05. BILHETERIA
06. SALA DE ESPERA
07. ZELADORIA
08. ORIENTADOR
09. INSPETOR
10. SANITÁRIO
11. DIRETORIA
12. SECRETARIA
13. ALMOXARIFADO
14. VESTIÁRIO MASCULINO
15. VESTIÁRIO FEMININO
16. SANITÁRIO
17. COZINHA
18. DISTRIBUIÇÃO
19. RECREIO FEMININO
20. BIBLIOTECA
21. ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS
22. CONGREGAÇÃO
23. GRÊMIO
24. RECREIO MASCULINO
25. PORTARIA
26. BAR
27. DENTISTA
28. MÉDICO
29. DEPÓSITO
30. QUADRA POLIESPORTIVA
31. CABINE
32. SALA DOS PROFESSORES
33. SALA DE AULA
34. SALA DE LÍNGUAS
35. SALA DE GEOGRAFIA
36. SALA DE HISTÓRIA
37. TRABALHOS MANUAIS
38. HISTÓRIA NATURAL
39. LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS
40. SALA DE DESENHO
41. LABORATÓRIO DE QUÍMICA
42. PREPARAÇÃO DE QUÍMICA E FÍSICA
43. ANFITEATRO
44. SALA DE FÍSICA

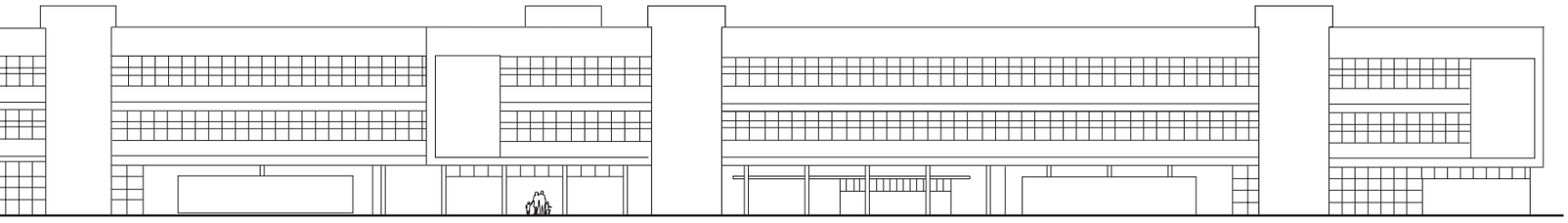




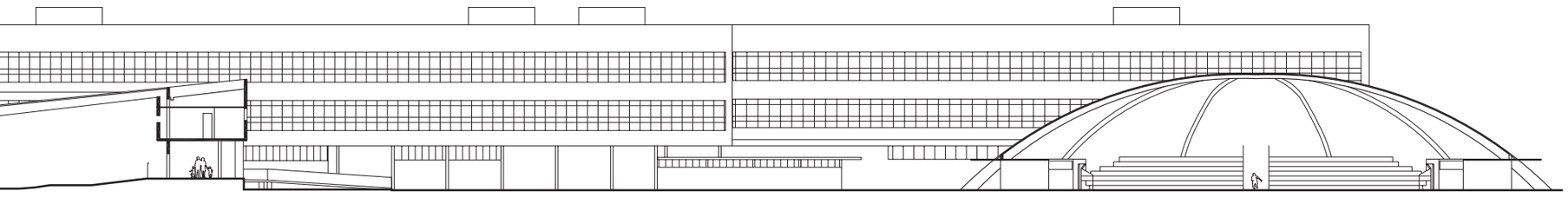
SEGUNDO PAVIMENTO
1:750







ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

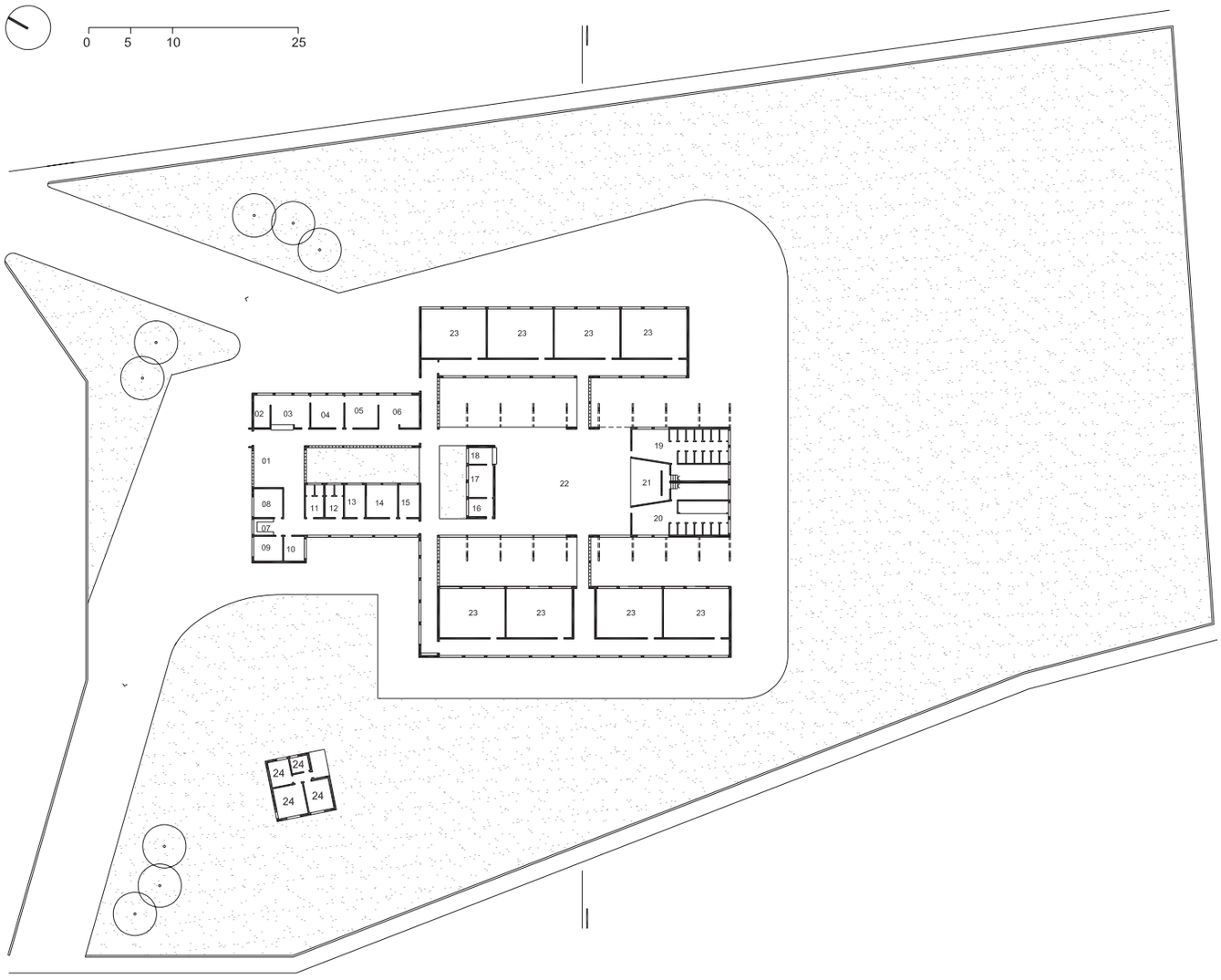


CORTE LONGITUDINAL
1:500

0 5 10 20

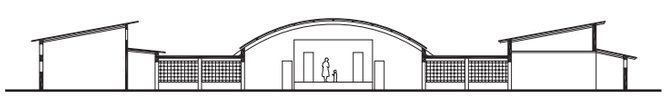
EE Júlio Maia

Rubens Freitas Azevedo | 1954 | São Paulo, Vila Maria | Rua Sobral Junior, 234

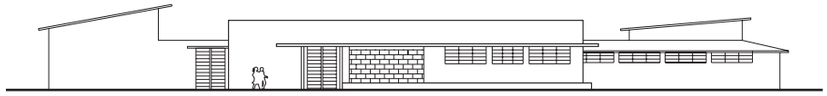


01. HALL-MUSEU
02. ARQUIVO
03. SECRETARIA
04. DIRETORIA
05. SALA DOS PROFESSORES
06. BIBLIOTECA
07. SALA DE ESPERA
08. MÉDICO
09. DENTISTA
10. ASSISTÊNCIA SOCIAL
11. SANITÁRIO MASCULINO
12. SANITÁRIO FEMININO
13. MATERIAL ESCOLAR
14. DEPÓSITO
15. SALA DE SERVENTE
16. NUTRICIONISTA
17. COZINHA
18. DISTRIBUIÇÃO
19. VESTIÁRIO FEMININO
20. VESTIÁRIO MASCULINO
21. PALCO
22. RECREIO COBERTO
23. SALA DE AULA
24. ZELADORIA

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



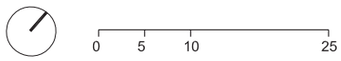
CORTE TRANSVERSAL
1:500

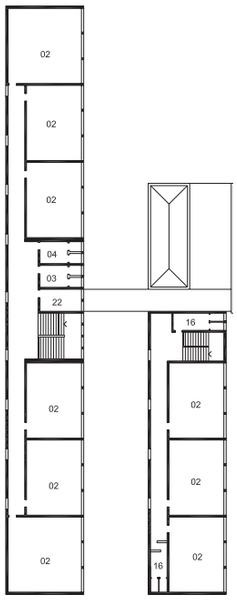


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

EMEF Professor Linneu Prestes

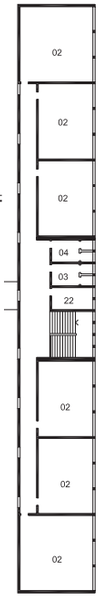
Rubens Freitas Azevedo | 1958 | São Paulo, Santo Amaro | Avenida Adolfo Pinheiro, 511



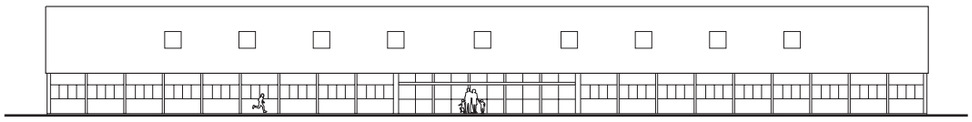


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

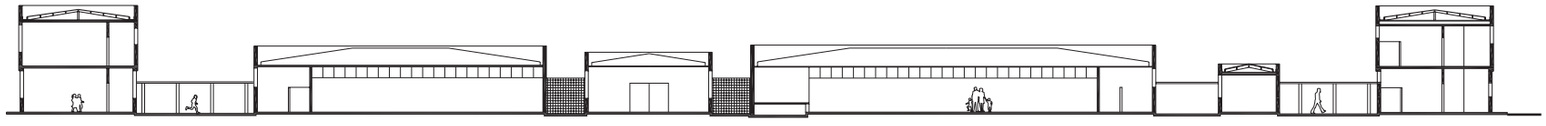


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

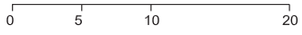


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

01. HALL-MUSEU
02. SALA DE AULA
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. ZELADORIA
06. RECREIO COBERTO
07. VESTIÁRIO MASCULINO
08. VESTIÁRIO FEMININO
09. PALCO
10. VESTIÁRIO FUNCIONÁRIOS
11. DESPENSA
12. COZINHA
13. REFEITÓRIO
14. MATERIAL ESCOLAR
15. DIRETORIA
16. SANITÁRIO
17. SECRETARIA
18. SALA DOS PROFESSORES
19. MÉDICO-ENFERMARIA
20. DENTISTA
21. BIBLIOTECA
22. DEPÓSITO

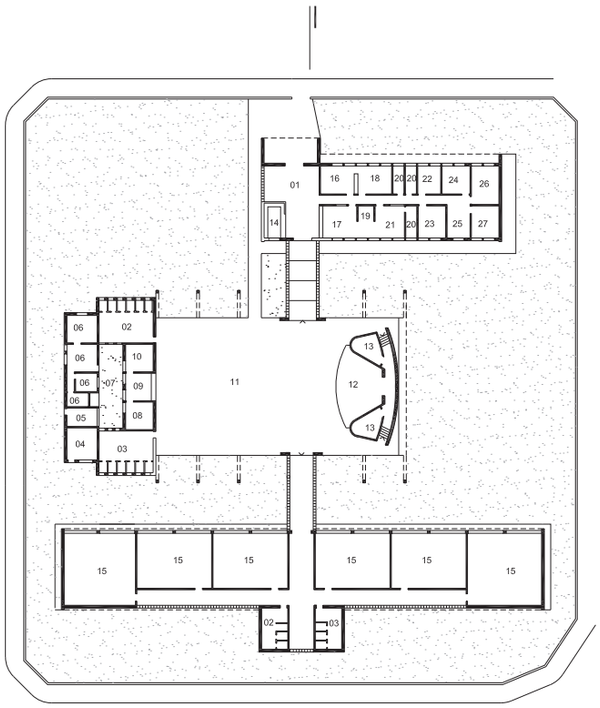


CORTE LONGITUDINAL
1:500

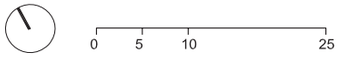


EE Professor Isaltino de Mello

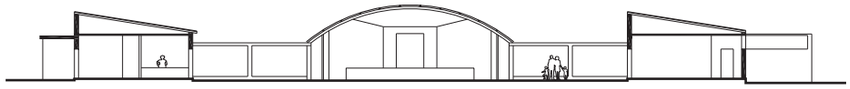
Autoria não identificada | 1949 | São Paulo, Santo Amaro | Rua Toninhas, 73



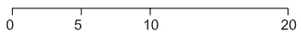
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

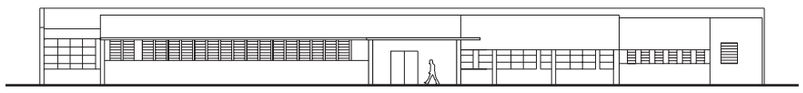


01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. DEPÓSITO
05. SERVENTE
06. ZELADORIA
07. PÁTIO
08. COZINHA
09. DISTRIBUIÇÃO
10. NUTRICIONISTA
11. RECREIO COBERTO
12. PALCO
13. VESTIÁRIO
14. GUARDADOS
15. SALA DE AULA
16. BIBLIOTECA
17. SECRETARIA
18. SALA DOS PROFESSORES
19. ARQUIVO
20. SANITÁRIO
21. DIRETORIA
22. MATERIAL ESCOLAR
23. ALMOXARIFADO
24. DENTISTA
25. SALA DE ESPERA
26. MÉDICO
27. ASSISTENTE SOCIAL



CORTE TRANSVERSAL
1:500

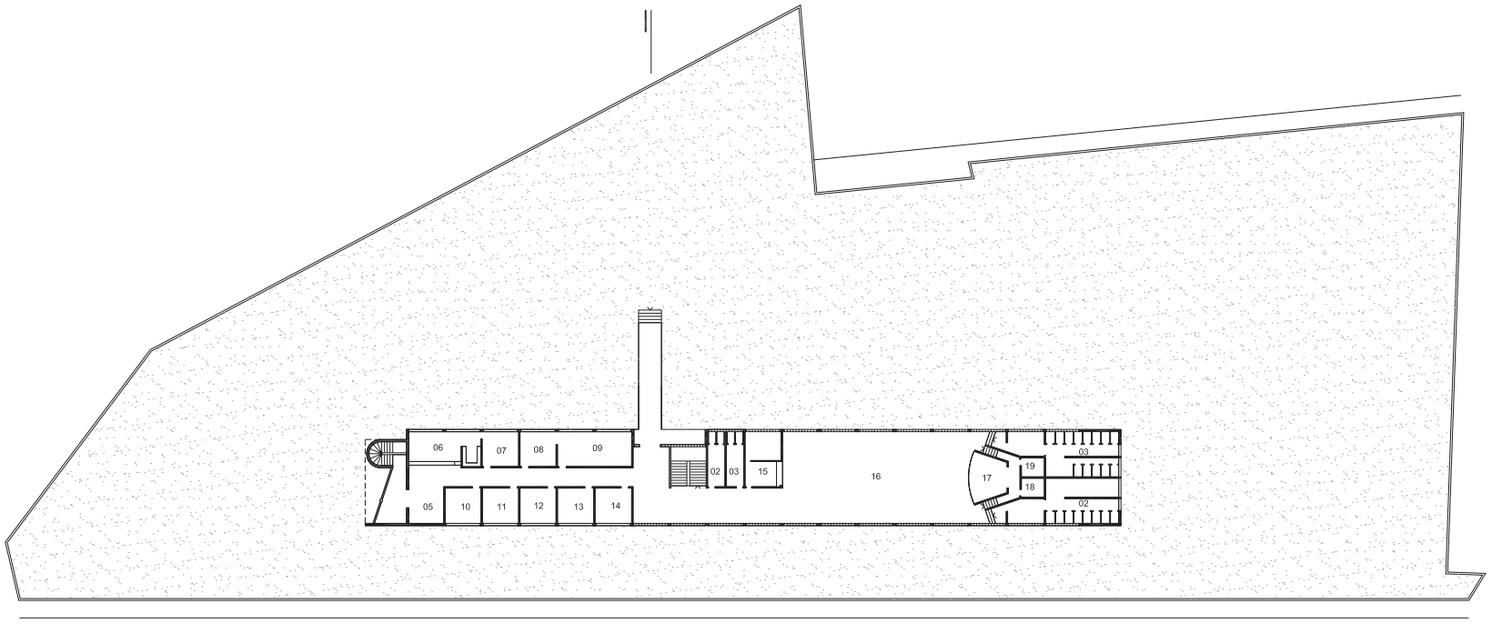




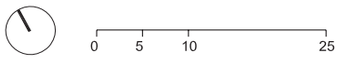
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

EE Toledo Barbosa

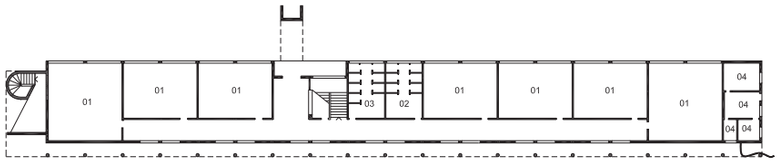
Autoria não identificada | 1949 | São Paulo, Vila Guilherme | Rua Maria Candida, 293



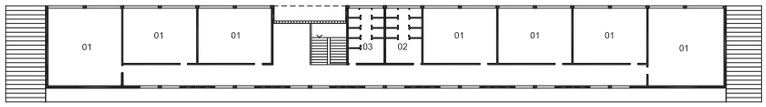
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



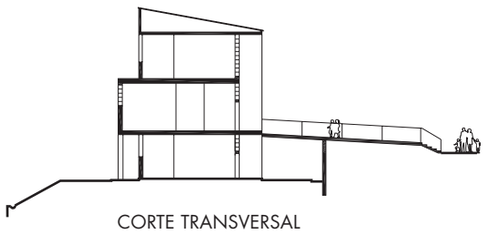
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. ZELADORIA
05. SALA DE ESPERA
06. SECRETARIA
07. DIRETORIA
08. SALA DOS PROFESSORES
09. BIBLIOTECA
10. ASSISTÊNCIA SOCIAL
11. MATERIAL ESCOLAR
12. NUTRICIONISTA
13. DENTISTA
14. MÉDICO
15. COZINHA
16. RECREIO COBERTO
17. PALCO
18. VESTIÁRIO MASCULINO
19. VESTIÁRIO FEMININO



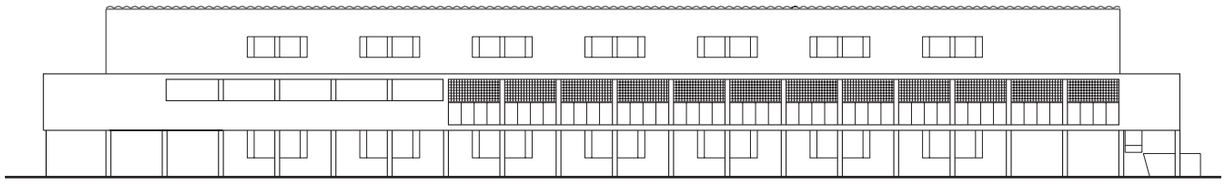
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



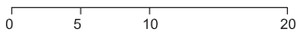
SEGUNDO PAVIMENTO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

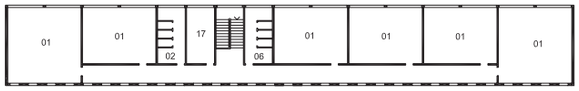


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

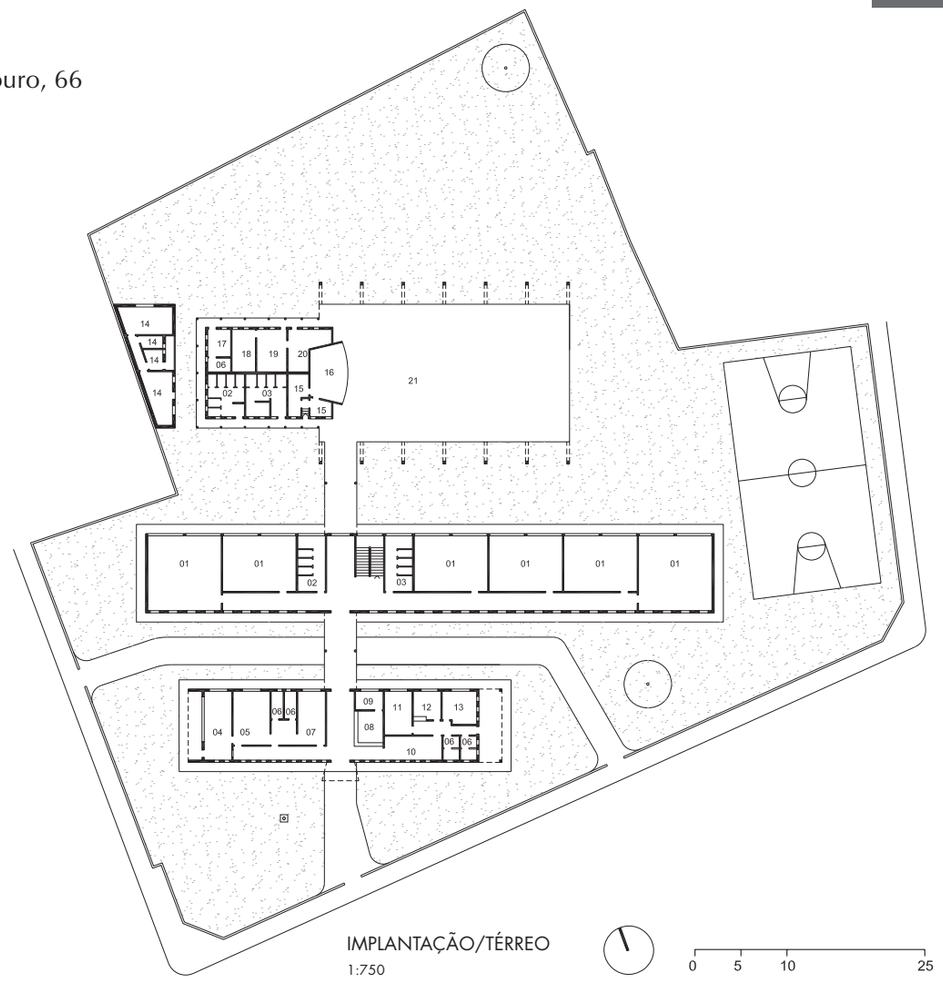


EE Alfredo Bresser

Autoria não identificada | 1950 | São Paulo, Pinheiros | Rua Sumidouro, 66



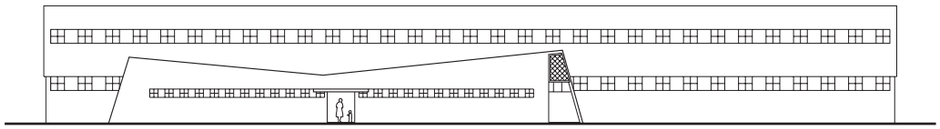
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



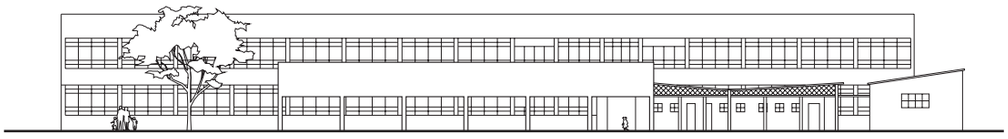
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

0 5 10 25

01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. BIBLIOTECA
05. SALA DOS PROFESSORES
06. SANITÁRIO
07. DIRETORIA
08. SECRETARIA
09. GUARDADOS
10. SALA DE ESPERA
11. MÉDICO
12. ASSISTENTE SOCIAL
13. DENTISTA
14. ZELADORIA
15. VESTIÁRIO
16. PALCO
17. DEPÓSITO
18. NUTRICIONISTA
19. COZINHA
20. DISTRIBUIÇÃO
21. RECREIO COBERTO



ELEVAÇÃO SUL
1:500

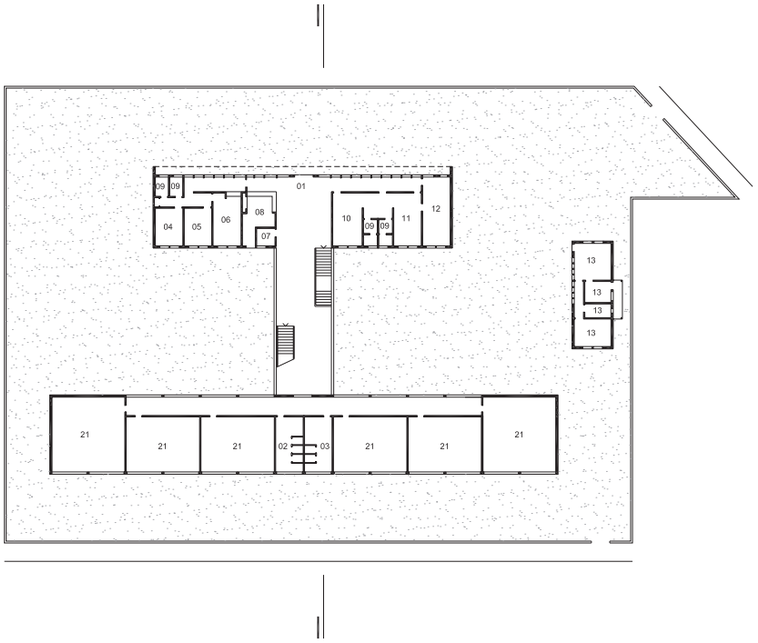


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

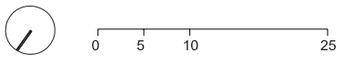
0 5 10 20

DER Diretoria de Ensino-região Leste 4

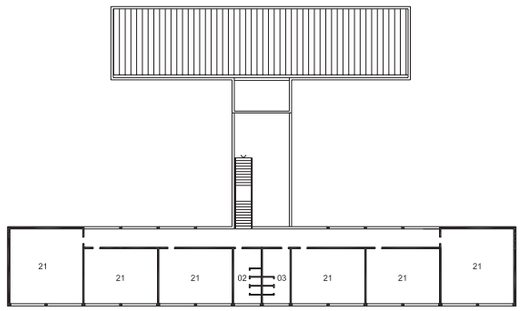
Autoria não identificada | 1950 | São Paulo, Vila Matilde | Rua Joaquim Marra, 232 (atual acesso: Rua Dona Matilde, 35)



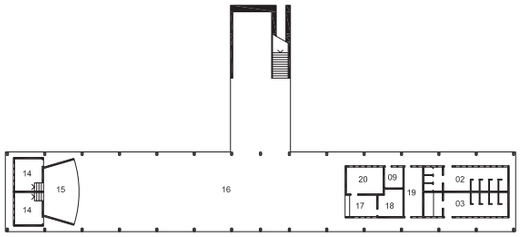
IMPLANTAÇÃO/PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



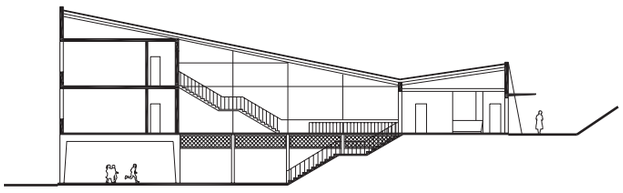
01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. MÉDICO
05. DENTISTA
06. ASSISTENTE SOCIAL
07. MATERIAL ESCOLAR
08. SECRETARIA
09. SANITÁRIO
10. DIRETORIA
11. SALA DOS PROFESSORES
12. BIBLIOTECA
13. ZELADORIA
14. VESTIÁRIO
15. PALCO
16. RECREIO COBERTO
17. DISTRIBUIÇÃO
18. NUTRICIONISTA
19. DEPÓSITO
20. COZINHA
21. SALA DE AULA



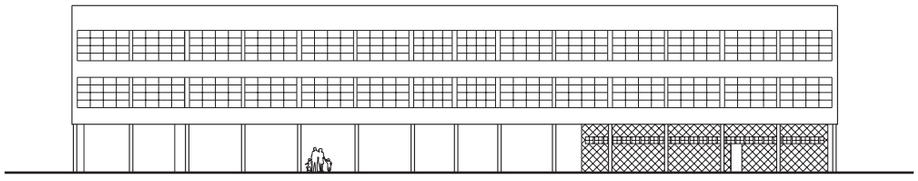
SEGUNDO PAVIMENTO
1:750



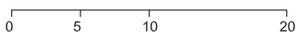
TÉRREO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

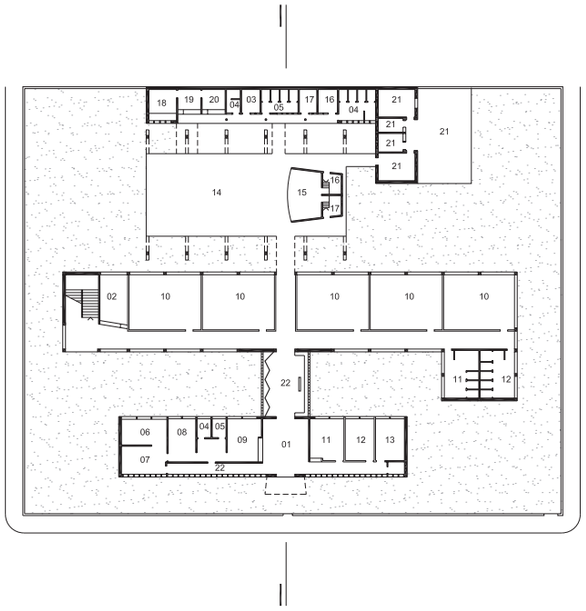


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



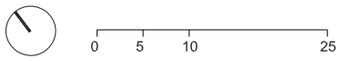
EMEF Frei Gaspar da Madre de Deus

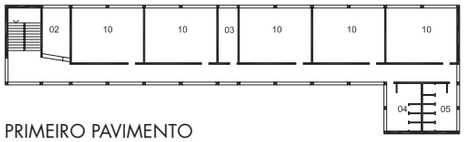
Autoria não identificada | 1950 | Osasco | Avenida Oswaldo Colino, 980



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO

1:750

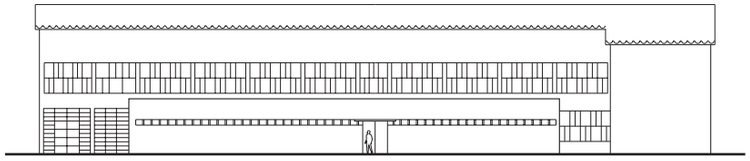




PRIMEIRO PAVIMENTO

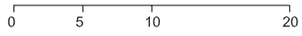
1:750

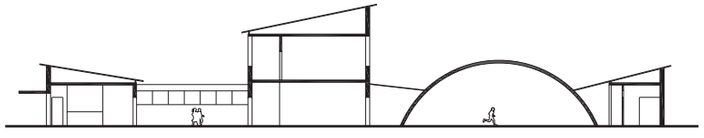
01. HALL-MUSEU
02. GUARDADOS
03. DEPÓSITO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. BIBLIOTECA
08. DIRETORIA
09. SECRETARIA
10. SALA DE AULA
11. ASSISTENTE SOCIAL
12. MÉDICO
13. DENTISTA
14. RECREIO COBERTO
15. PALCO
16. VESTIÁRIO MASCULINO
17. VESTIÁRIO FEMININO
18. COZINHA
19. DISTRIBUIÇÃO
20. NUTRICIONISTA
21. ZELADORIA
22. CIRCULAÇÃO



ELEVAÇÃO SUDOESTE

1:500



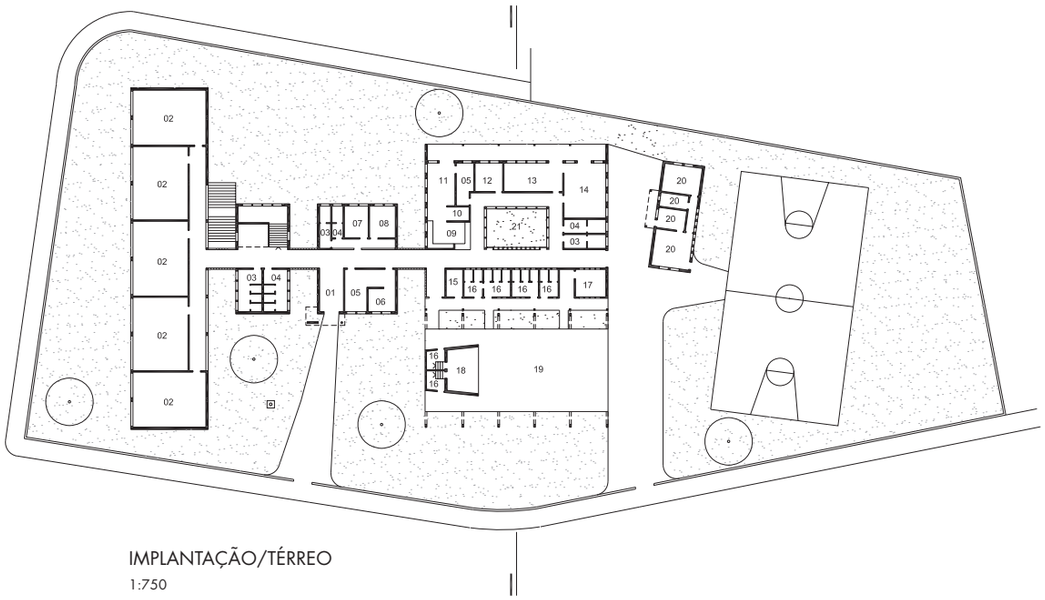


CORTE TRANSVERSAL

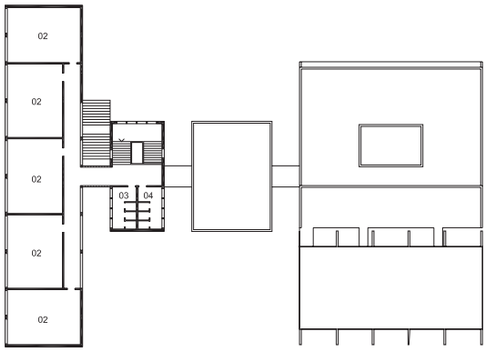
1:500

EE Professor Colombo de Almeida

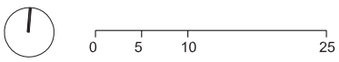
Autoria não identificada | 1950 | São Paulo, Casa Verde | Rua Graciano Altieri, 114



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

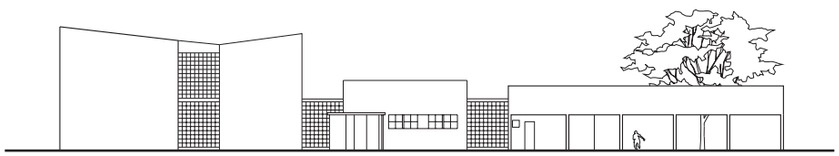


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

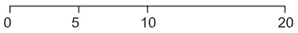


01. HALL-MUSEU
02. SALA DE AULA
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. SALA DE ESPERA
06. ASSISTENTE SOCIAL
07. DENTISTA
08. MÉDICO
09. SECRETARIA
10. ARQUIVO
11. DIRETORIA
12. MATERIAL ESCOLAR
13. SALA DOS PROFESSORES
14. BIBLIOTECA
15. DEPÓSITO
16. VESTIÁRIO
17. COZINHA
18. PALCO
19. RECREIO COBERTO
20. ZELADORIA
21. JARDIM

CORTE TRANSVERSAL
1:500

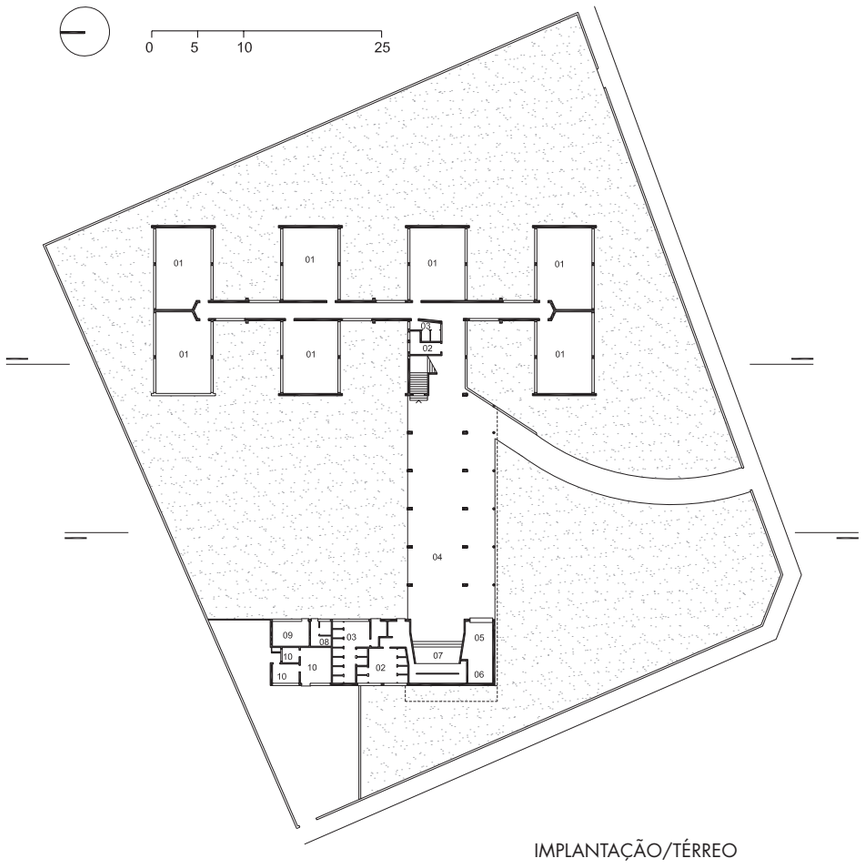


ELEVAÇÃO NORTE
1:500



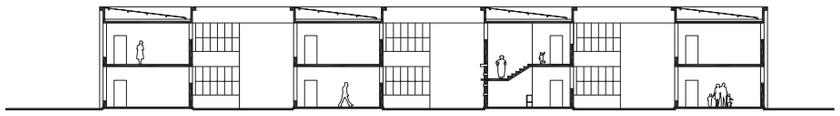
EE Aristides de Castro

Autoria não identificada | 1951 | São Paulo, Jardim Paulista | Rua Leopoldo Couto Magalhães Junior, 306

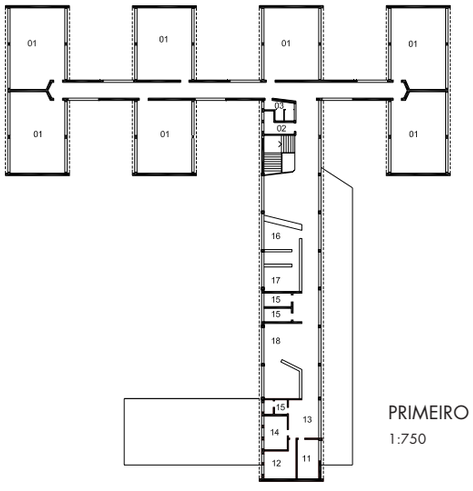


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

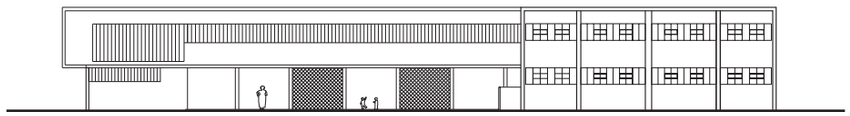
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. RECREIO COBERTO
05. DISTRIBUIÇÃO
06. COZINHA
07. PALCO
08. VESTIÁRIO
09. DEPÓSITO
10. ZELADORIA
11. ASSISTENTE SOCIAL
12. MÉDICO
13. HALL-MUSEU
14. DENTISTA
15. SANITÁRIOS
16. DIRETORIA
17. MATERIAL ESCOLAR
18. SECRETARIA



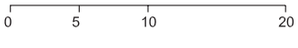
CORTE TRANSVERSAL 1
1:500

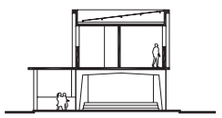


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



ELEVAÇÃO SUL
1:500

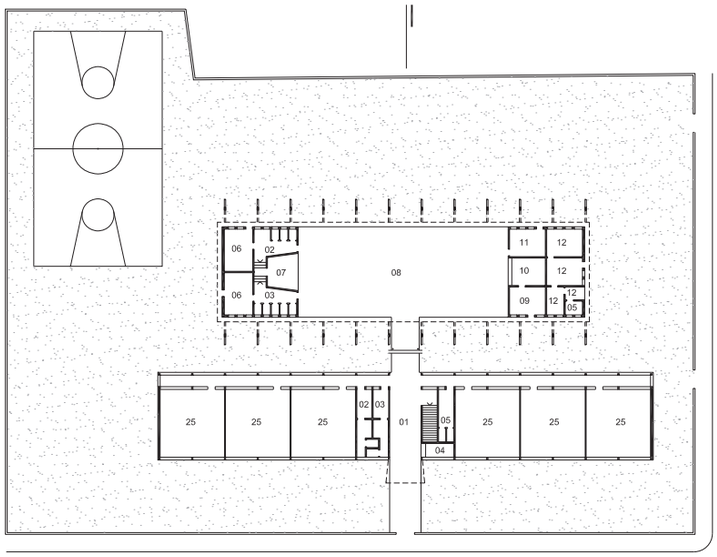




CORTE TRANSVERSAL 2
1:500

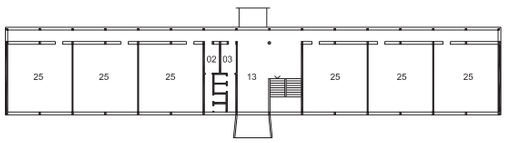
EE Dona Zalina Rolim

Autoria não identificada | 1951 | São Paulo, Vila Matilde | Rua Doutor Luiz Carlos, 740

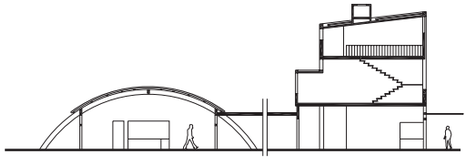


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. HALL DE ENTRADA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. PORTARIA
05. SANITÁRIO
06. VESTIÁRIO
07. PALCO
08. RECREIO COBERTO
09. COZINHA
10. DISTRIBUIÇÃO
11. DEPÓSITO
12. ZELADORIA
13. HALL-MUSEU
14. DENTISTA
15. RADIOGRAFIA
16. MÉDICO
17. ASSISTENTE SOCIAL
18. PROFESSORES
19. BIBLIOTECA
20. SALA DE ESPERA
21. SECRETARIA
22. MATERIAL ESCOLAR
23. ARQUIVO
24. DIRETORIA
25. SALA DE AULA

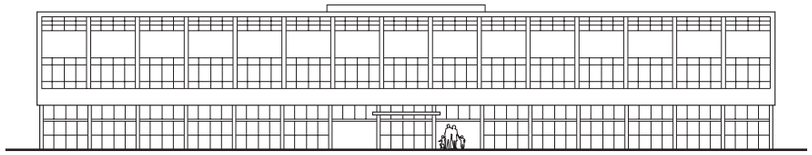


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

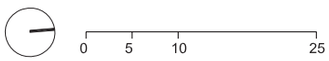


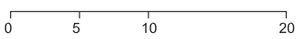
CORTE TRANSVERSAL
1:500

SEGUNDO PAVIMENTO
1:750



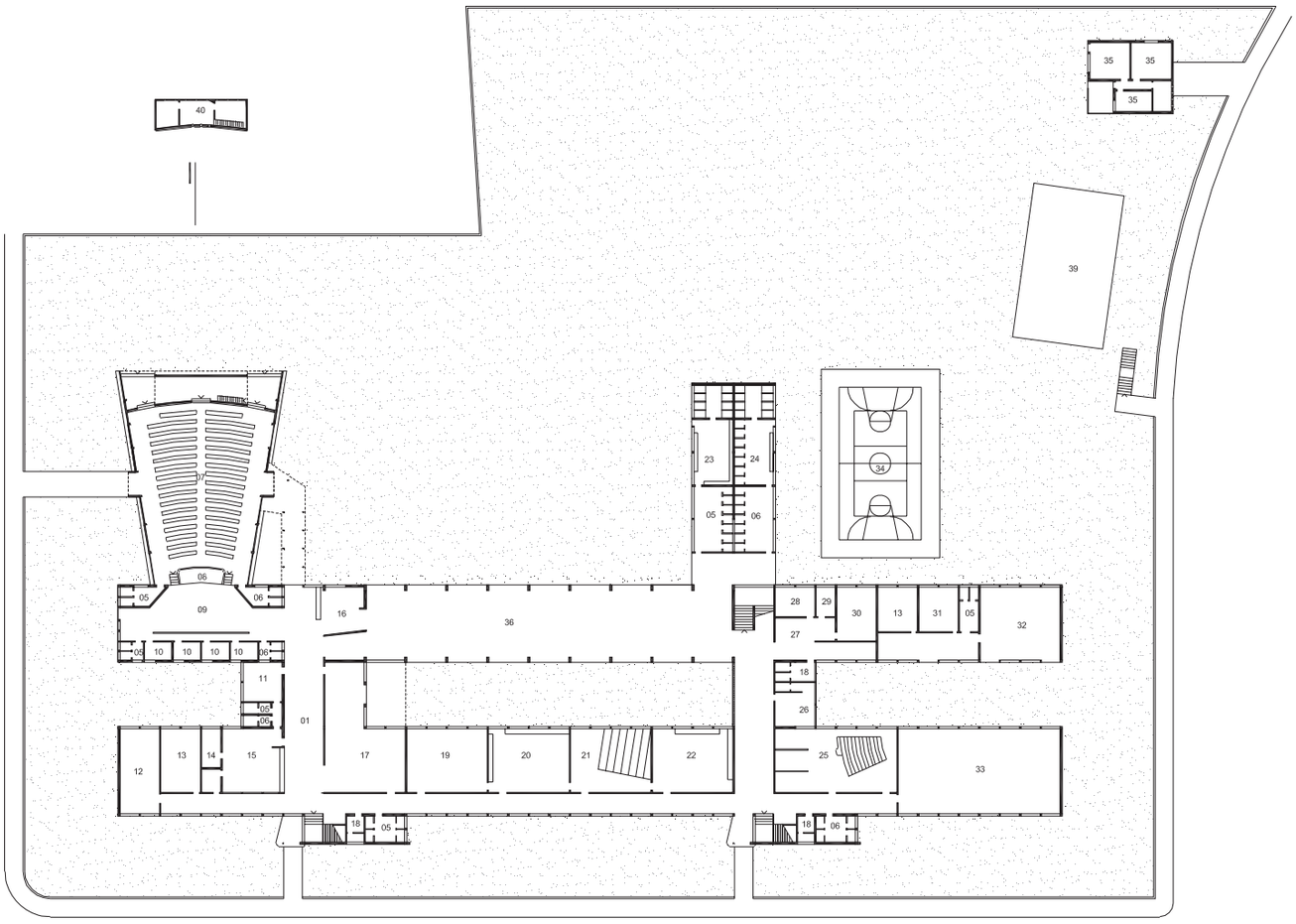
ELEVAÇÃO LESTE
1:500





EE Brasílio Machado

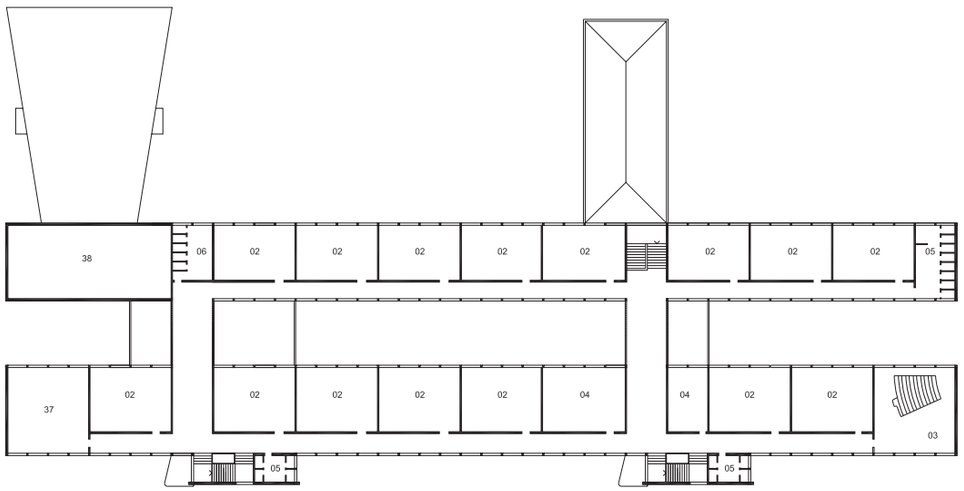
Autoria não identificada | 1951 | São Paulo, Saúde | Rua Afonso Celso, 311



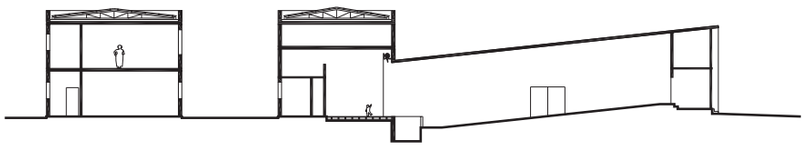
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. HALL-MUSEU
02. SALA DE AULA
03. SALA DE GEOGRAFIA
04. SALA DOS PROFESSORES
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. SANITÁRIO FEMININO
07. AUDITÓRIO
08. ORQUESTRA
09. PALCO
10. CAMARIM
11. INSPETOR
12. CONGREGAÇÃO
13. DIRETORIA
14. ENTREVISTA
15. SECRETARIA
16. CANTINA
17. BIBLIOTECA
18. SANITÁRIO
19. SALA DE CIÊNCIA E HISTÓRIA NATURAL
20. SALA DE FÍSICA
21. ANFITEATRO
22. SALA DE QUÍMICA
23. VESTIÁRIO MASCULINO
24. VESTIÁRIO FEMININO
25. SALA DE LÍNGUAS
26. SERVENTES
27. SALA DE ESPERA
28. DENTISTA
29. ENFERMAGEM
30. MÉDICO
31. REDAÇÃO
32. GRÊMIO
33. SALA DE TRABALHOS MANUAIS
34. QUADRA POLIESPORTIVA
35. ZELADORIA
36. RECREIO COBERTO
37. SALA DE DESENHO
38. VAZIO TEATRO
39. CLÍNICA DE ODONTOLOGIA
40. CABINE DE PROJEÇÃO

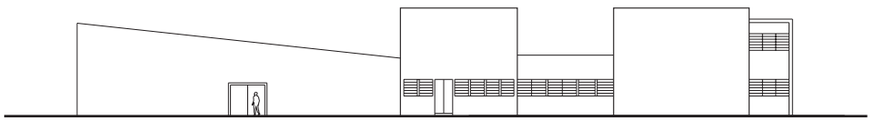
0 5 10 25



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

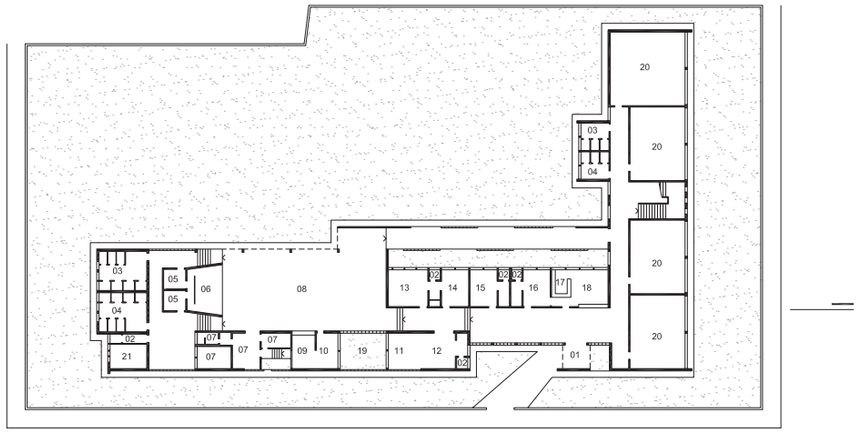


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

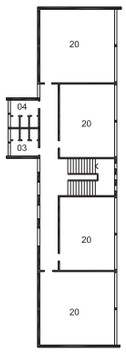
0 5 10 20

EE Doutor José Pereira de Queiroz

Autoria não identificada | 1951 | São Paulo, Vila Matilde | Rua Paranhos, 264

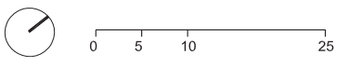


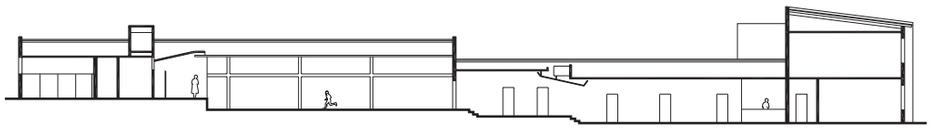
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



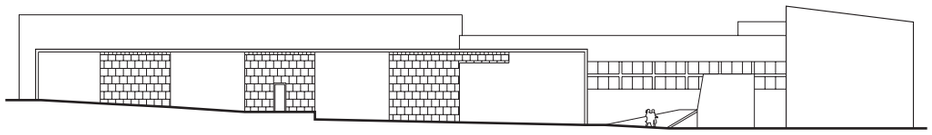
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. VESTIÁRIO
06. PALCO
07. ZELADORIA
08. RECREIO
09. DISTRIBUIÇÃO
10. COZINHA
11. BIBLIOTECA
12. SALA DOS PROFESSORES
13. MÉDICO
14. DENTISTA
15. ASSISTENTE SOCIAL
16. DIRETORIA
17. ARQUIVO
18. SECRETARIA
19. JARDIM
20. SALA DE AULA
21. DEPÓSITO

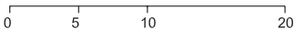




CORTE LONGITUDINAL
1:500



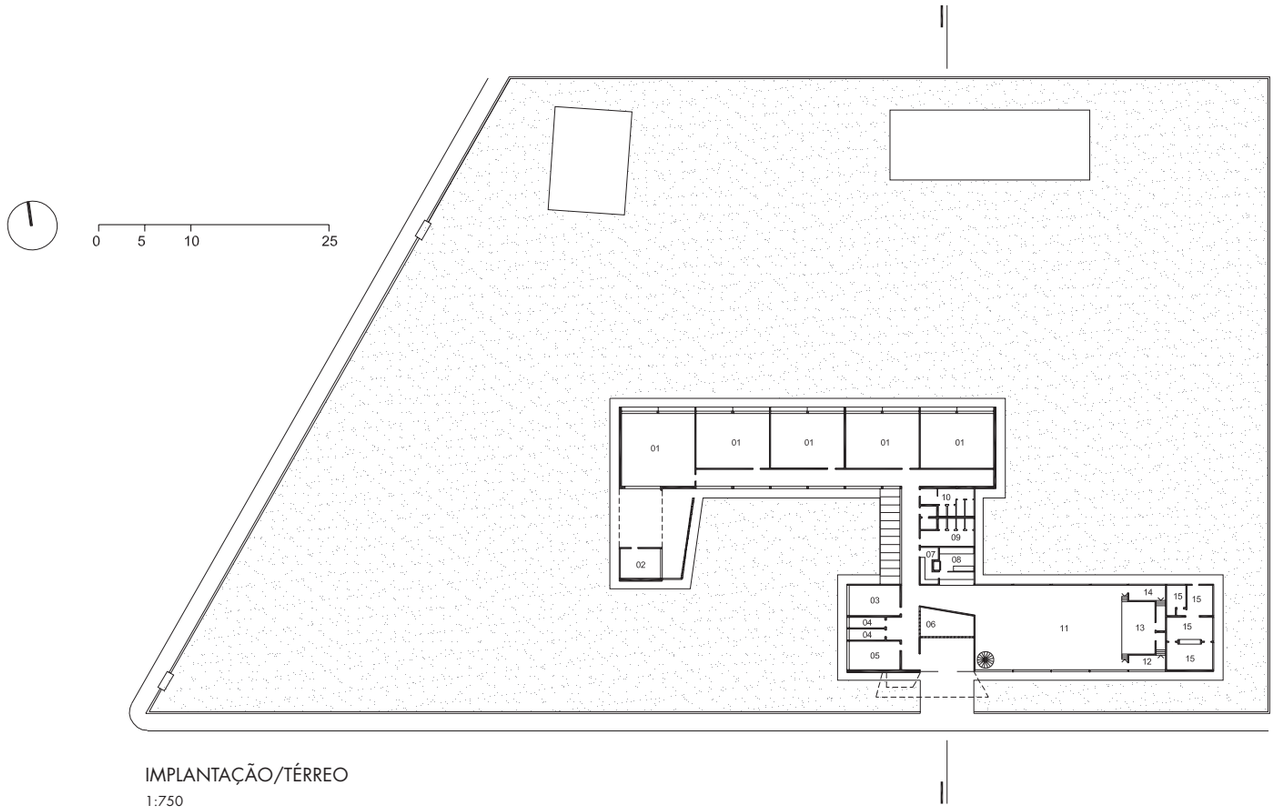
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500



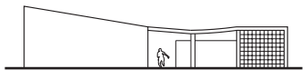
EE Deputado Pedro Costa

Autoria não identificada | 1952 | São Paulo, Vila Guilherme | Rua Nilo Luiz Mazzei, 378

01. SALA DE AULA
02. BIBLIOTECA
03. DIRETORIA
04. SANITÁRIO
05. DENTISTA
06. SALA DOS PROFESSORES
07. DESPENSA
08. COZINHA
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. SANITÁRIO FEMININO
11. RECREIO COBERTO
12. CAMARIM
13. PALCO
14. DEPÓSITO
15. ZELADORIA

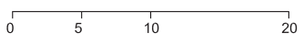


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



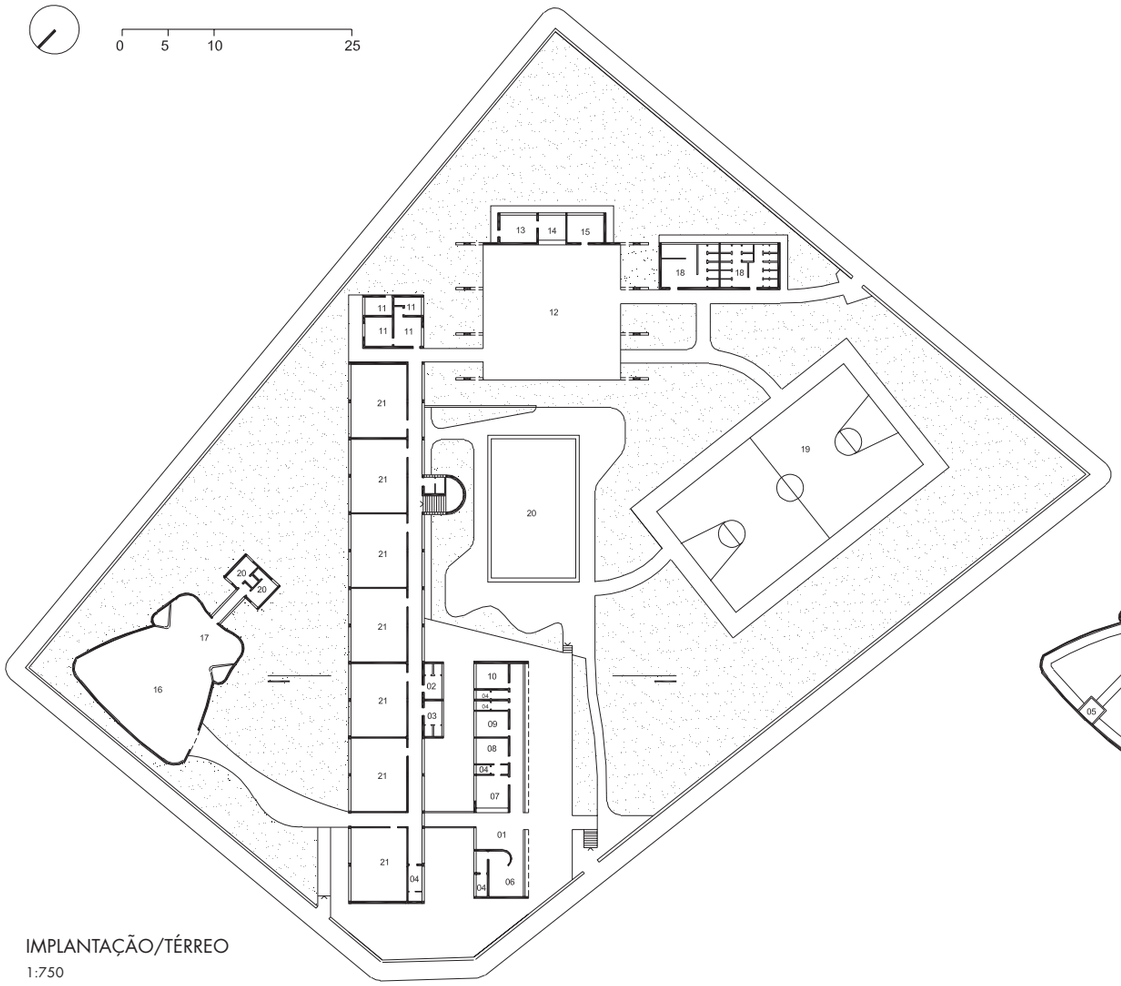
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

CORTE TRANSVERSAL
1:500

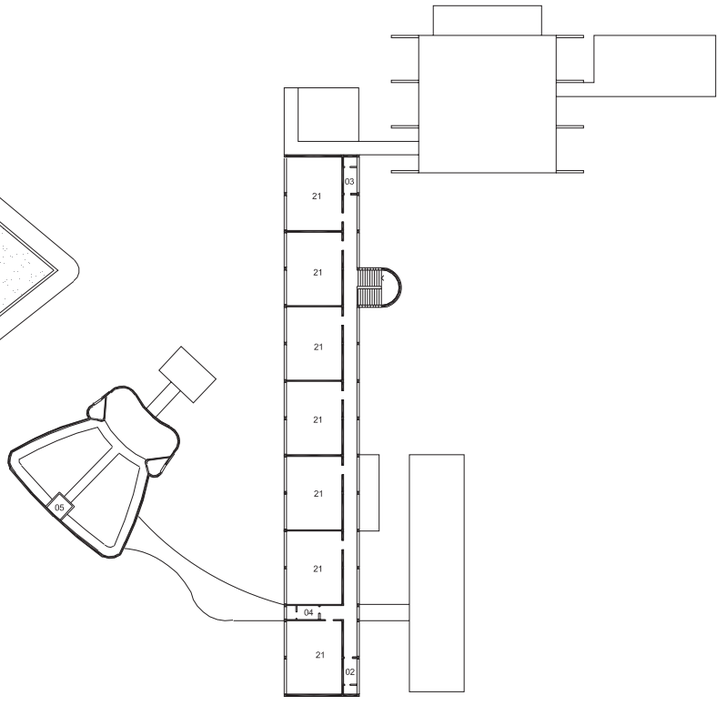


EE Júlio Pestana

Autoria não identificada | 1952 | São Paulo, Tucuruvi | Avenida Guapira, 2862

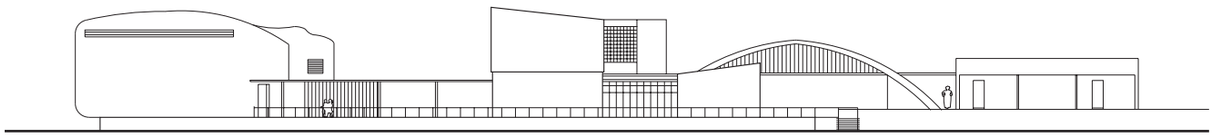


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

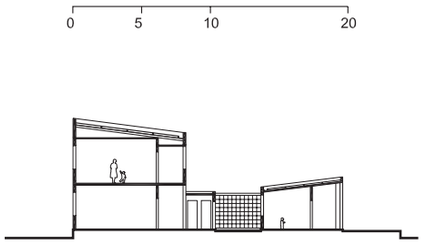


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO
05. CABINE DE PROJEÇÃO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. SECRETARIA
08. DIRETORIA
09. BIBLIOTECA
10. DENTISTA
11. ZELADORIA
12. RECREIO COBERTO
13. COZINHA
14. CANTINA
15. LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS
16. AUDITÓRIO
17. PALCO
18. VESTIÁRIO
19. QUADRA POLIESPORTIVA
20. PISCINA
21. SALA DE AULA



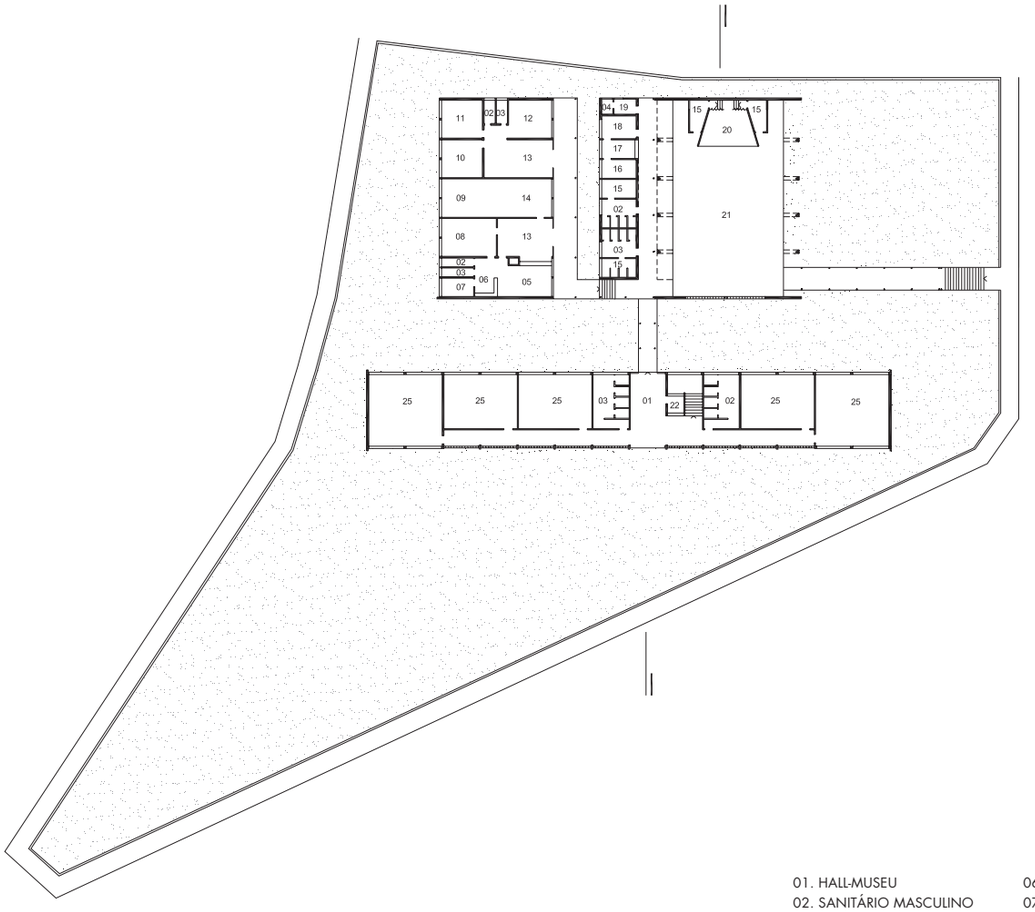
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



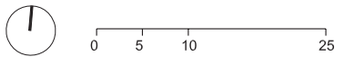
CORTE TRANSVERSAL
1:500

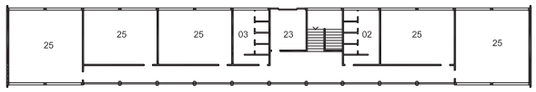
EE Paulo Setúbal

Autoria não identificada | 1952 | São Paulo, Limão | Avenida Deputado Emílio Carlos, 1980



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

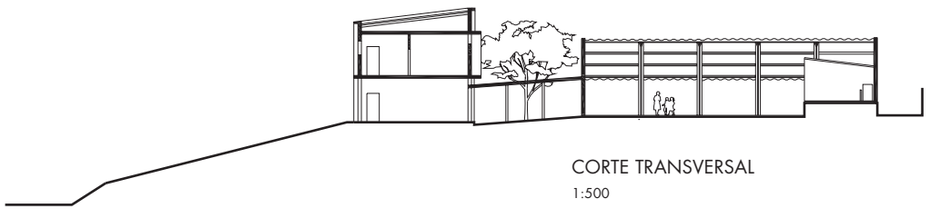




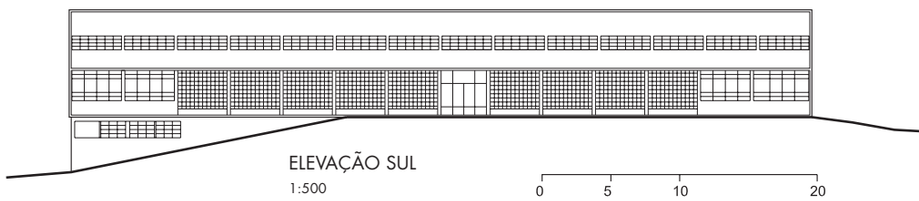
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

PAVIMENTO INFERIOR
1:750

01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO
05. SECRETARIA
06. ARQUIVO
07. MATERIAL ESCOLAR
08. DIRETORIA
09. SALA PROFESSORES
10. ASSISTENTE SOCIAL
11. MÉDICO
12. DENTISTA
13. SALA DE ESPERA
14. BIBLIOTECA
15. VESTIÁRIO
16. NUTRICIONISTA
17. DISTRIBUIÇÃO
18. COZINHA
19. SALA DE CONVÍVIO
20. PALCO
21. RECREIO COBERTO
22. GUARDADOS
23. MUSEU ESCOLAR
24. ZELADORIA
25. SALA DE AULA



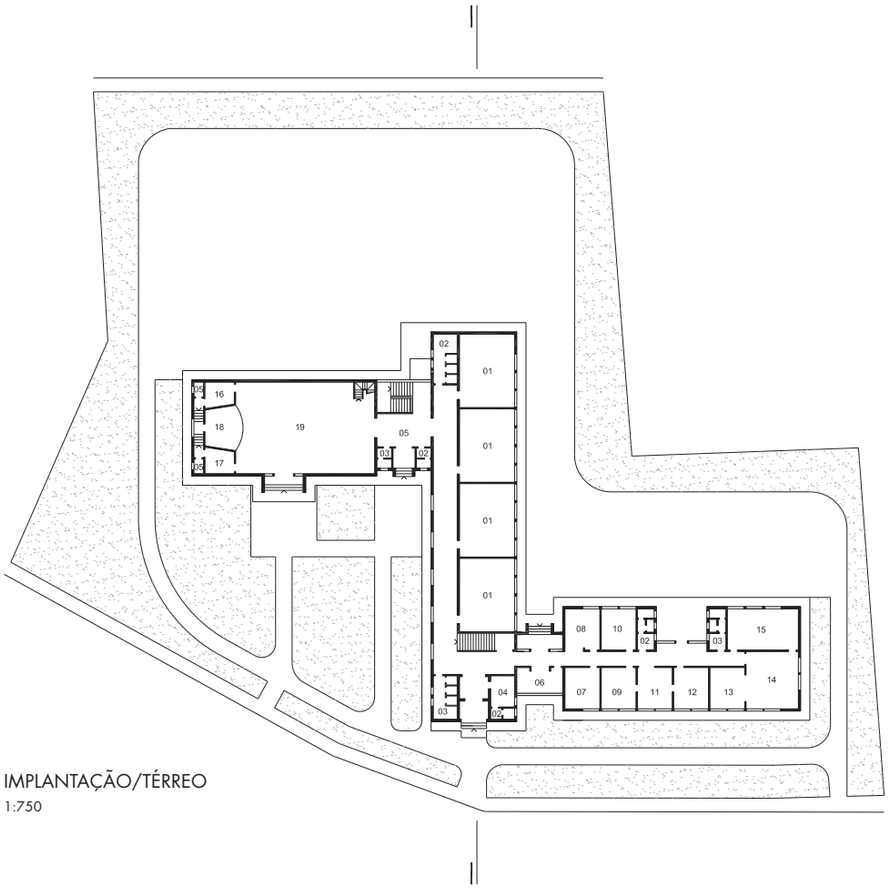
CORTE TRANSVERSAL
1:500



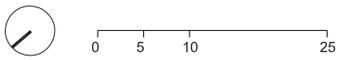
ELEVAÇÃO SUL
1:500

EE Manuela Lacerda Vergueiro

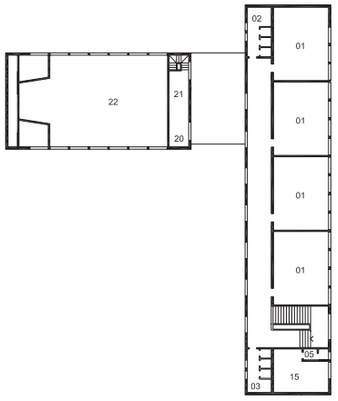
Autoria não identificada | 1952 | São Paulo, Ipiranga | Rua Tamuara, 176



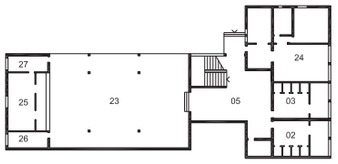
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



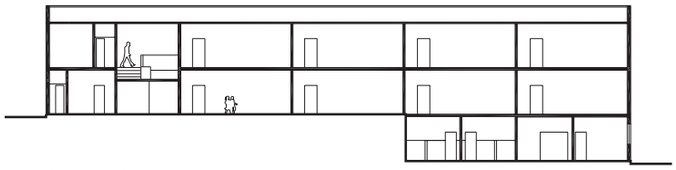
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. PORTARIA
05. HALL-MUSEU
06. GUARDADOS
07. DENTISTA
08. SECRETARIA
09. MÉDICO
10. DIRETORIA
11. SALA DE ESPERA
12. ASSISTENTE SOCIAL
13. BIBLIOTECA
14. SALA DE LEITURA
15. SALA DOS PROFESSORES
16. VESTIÁRIO FEMININO
17. VESTIÁRIO MASCULINO
18. PALCO
19. SALÃO / TEATRO
20. DEPÓSITO
21. CABINE DE PROJEÇÃO
22. VAZIO DO SALÃO
23. RECREIO COBERTO
24. ZELADOR
25. COZINHA
26. DESPENSA
27. NUTRICIONISTA



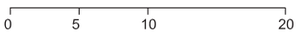
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

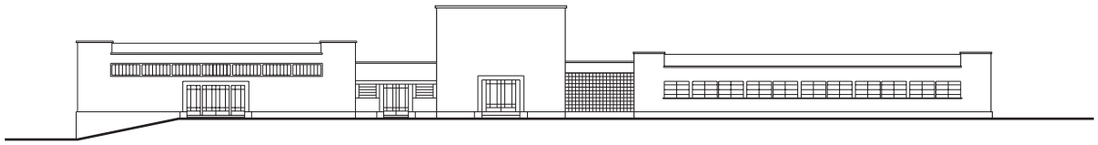


PAVIMENTO INFERIOR
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500

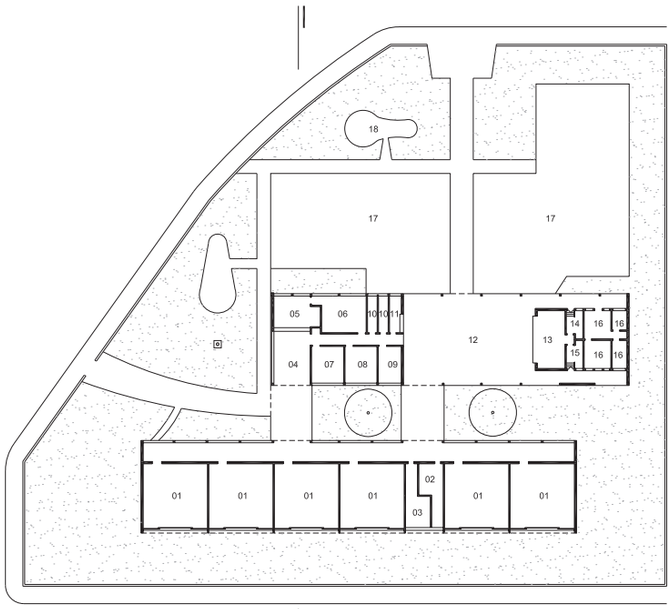




ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

EE República do Uruguai

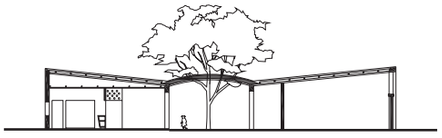
Autoria não identificada | 1953 | São Paulo, Cangaíba | Rua Antonio Roberto de Almeida, 149



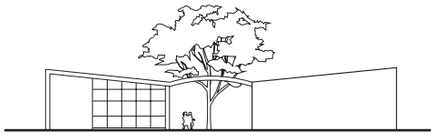
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. HALL-MUSEU
05. SECRETARIA
06. DIRETORIA
07. MÉDICO / DENTISTA
08. SALA DOS PROFESSORES
09. BIBLIOTECA
10. SANITÁRIO
11. COZINHA
12. RECREIO COBERTO
13. PALCO
14. VESTIÁRIO MASCULINO
15. VESTIÁRIO FEMININO
16. ZELADORIA
17. PÁTIO
18. MARQUISE

0 5 10 25

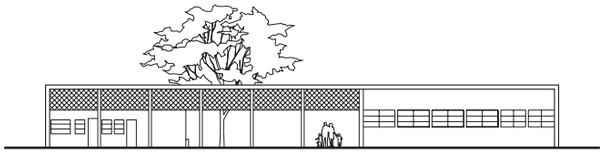


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

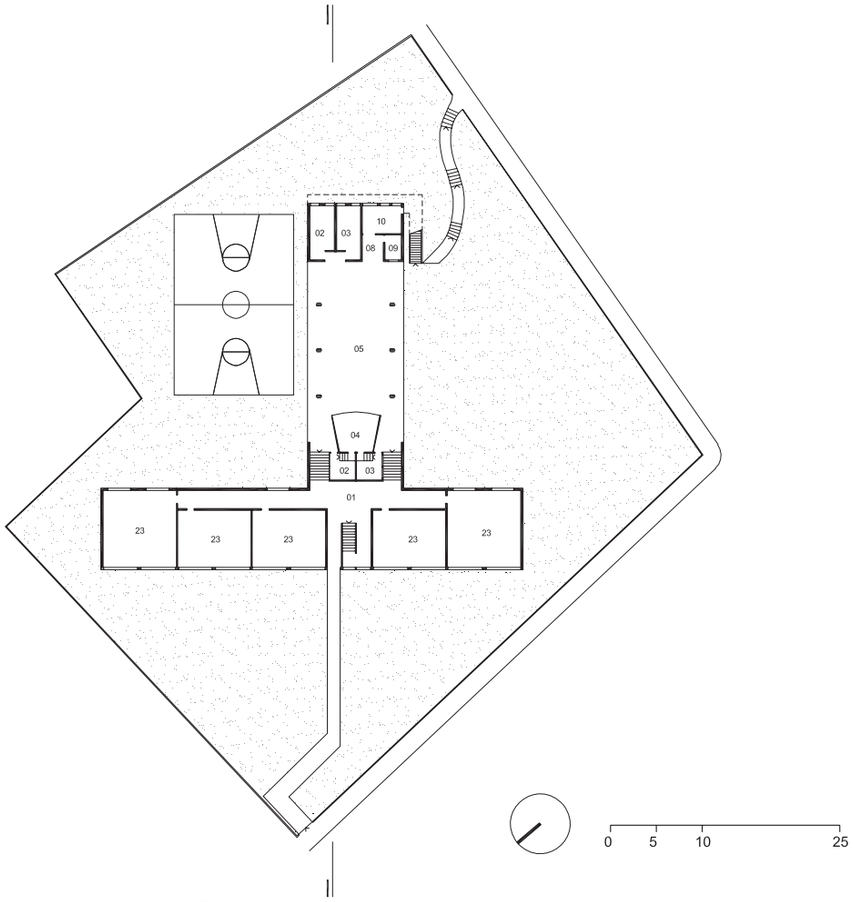
0 5 10 20



ELEVAÇÃO SUL
1:500

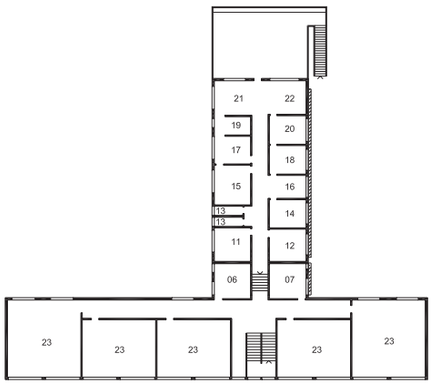
EE Almirante Visconde Inhaúma

Autoria e data não identificadas | São Paulo, Santana | Avenida Guaca, 1382

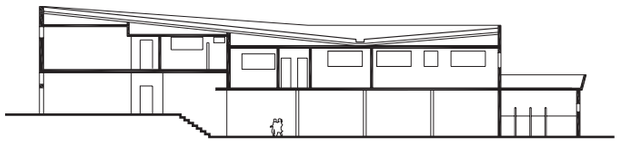


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

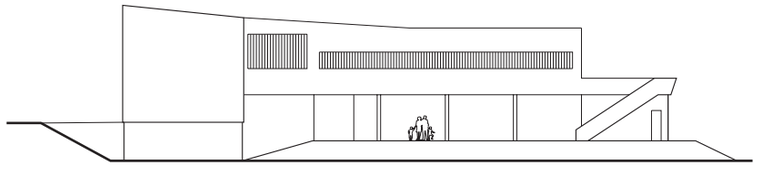
01. HALL DE ENTRADA
02. VESTIÁRIO MASCULINO
03. VESTIÁRIO FEMININO
04. PALCO
05. RECREIO COBERTO
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. DISTRIBUIÇÃO
09. NUTRICIONISTA
10. COZINHA
11. SALA DOS PROFESSORES
12. BIBLIOTECA
13. SANITÁRIO
14. DENTISTA
15. DIRETORIA
16. MÉDICO
17. MATERIAL ESCOLAR
18. SALA DE ESPERA
19. ARQUIVO
20. ASSISTÊNCIA SOCIAL
21. SECRETARIA
22. HALL-MUSEU
23. SALA DE AULA



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



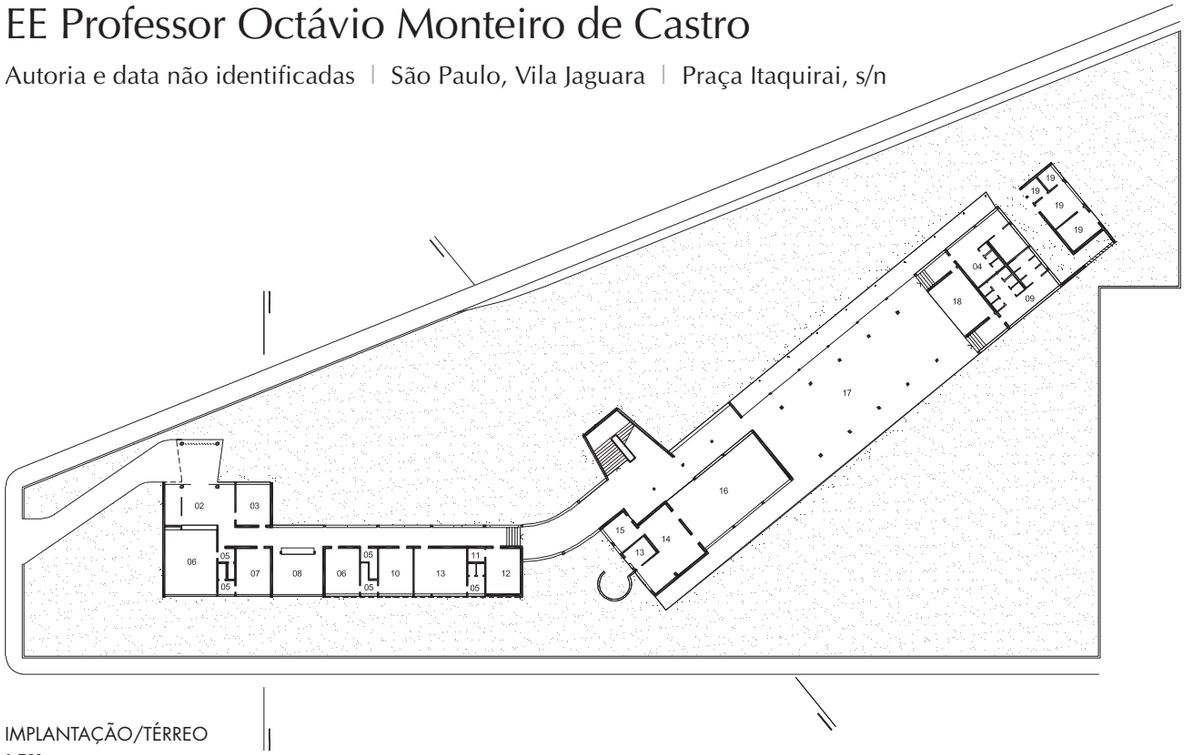
CORTE TRANSVERSAL
1:500



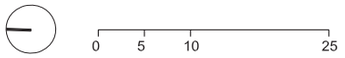
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

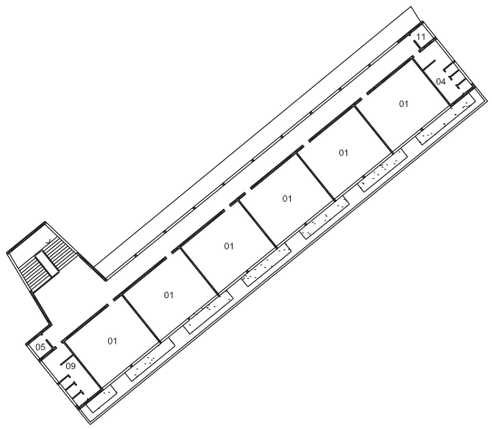
EE Professor Octávio Monteiro de Castro

Autoria e data não identificadas | São Paulo, Vila Jaguara | Praça Itaquirai, s/n



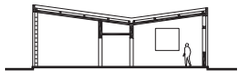
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



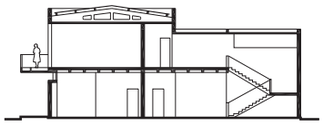


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

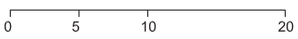
01. SALA DE AULA
02. HALL-MUSEU
03. ASSISTENTE SOCIAL
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SANITÁRIO
06. BIBLIOTECA
07. DIRETORIA
08. SECRETARIA
09. SANITÁRIO FEMININO
10. DENTISTA
11. DEPÓSITO
12. SALA DOS PROFESORES
13. DESPENSA
14. COZINHA
15. NUTRICIONISTA
16. REFEITÓRIO
17. RECREIO COBERTO
18. PALCO
19. ZELADORIA

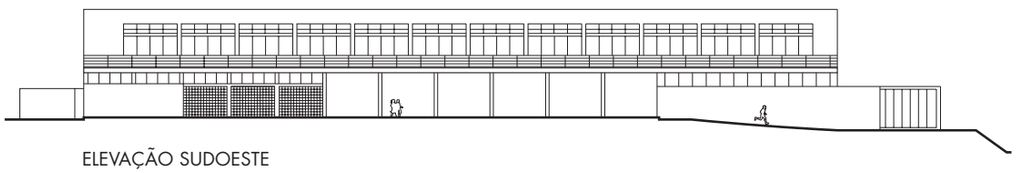


CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

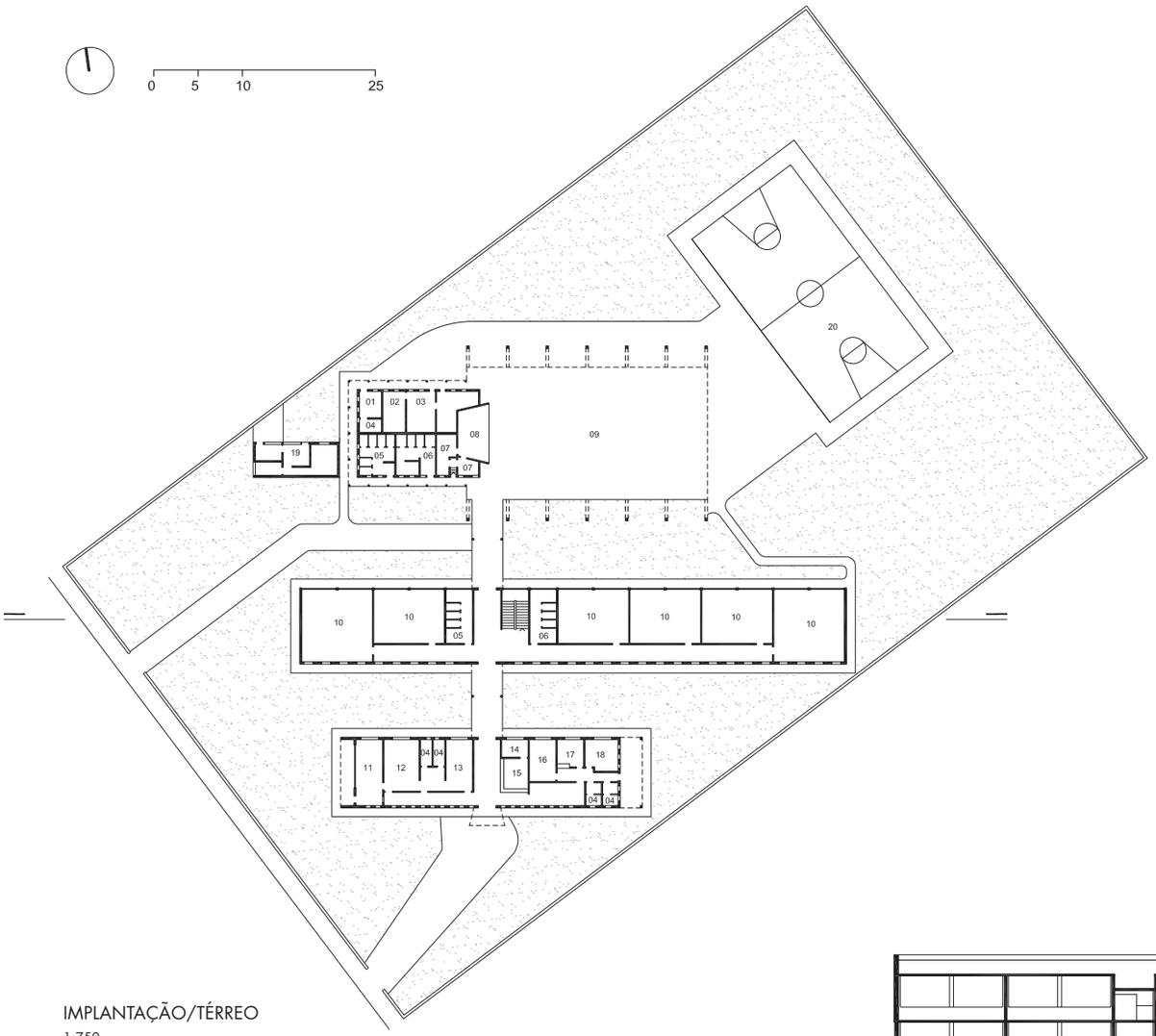




ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

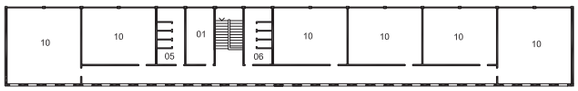
EE Júlio de Mesquita Filho

Autoria e data não identificadas | São Paulo, Ipiranga | Rua Agostinho Gomes, 601

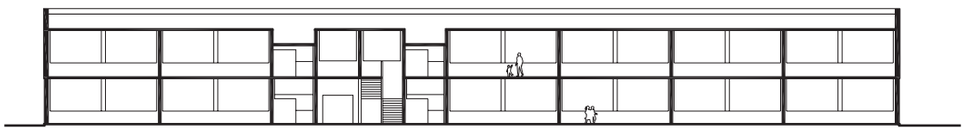


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

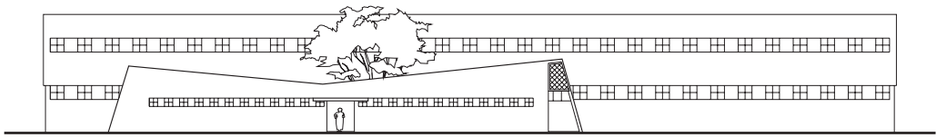
01. DEPÓSITO
02. NUTRICIONISTA
03. COZINHA
04. SANITÁRIO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. VESTIÁRIO
08. PALCO
09. RECREIO COBERTO
10. SALA DE AULA
11. BIBLIOTECA
12. PROFESSORES
13. DIRETORIA
14. GUARDADOS
15. SECRETARIA
16. MÉDICO
17. ASSISTENTE SOCIAL
18. DENTISTA
19. ZELADORIA
20. QUADRA POLIESPORTIVA



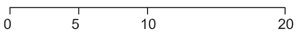
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500

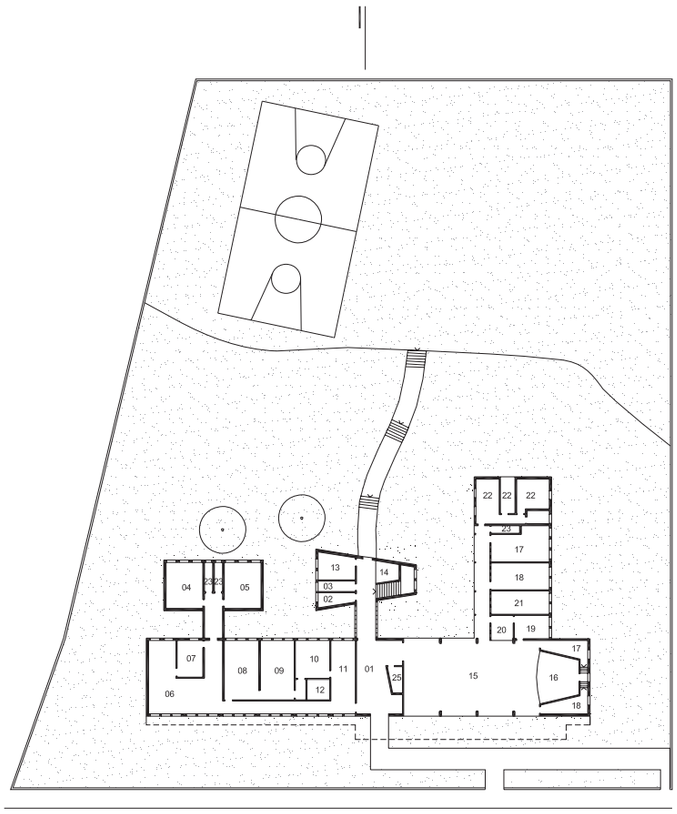


ELEVAÇÃO SUL
1:500



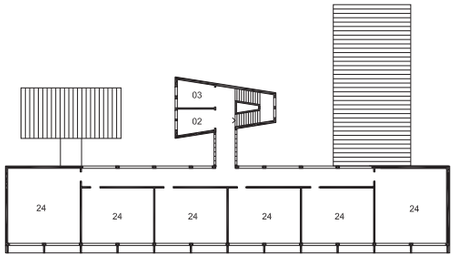
EE Barão Homem de Mello

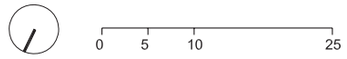
Autoria e data não identificadas | São Paulo, Santana | Rua Alfredo Pujol, 1555



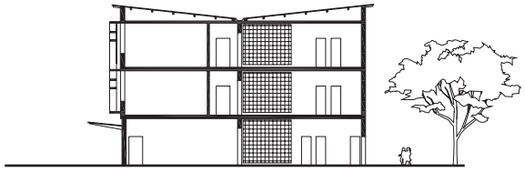
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

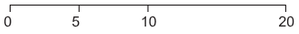
01. HALL-MUSEU
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. MÉDICO
05. DENTISTA
06. SERVIÇO SOCIAL
07. SALA DE ESPERA
08. BIBLIOTECA
09. SALA DOS PROFESSORES
10. DIRETORIA
11. SECRETARIA
12. ARQUIVO
13. MATERIAL ESCOLAR
14. GUARDADOS
15. RECREIO COBERTO
16. PALCO
17. VESTIÁRIO MASCULINO
18. VESTIÁRIO FEMININO
19. DEPÓSITO
20. DISTRIBUIÇÃO
21. COZINHA
22. ZELADORIA
23. SANITÁRIO
24. SALA DE AULA
25. CABINE DE PROJEÇÃO



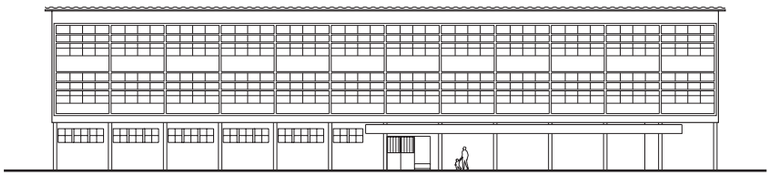


PRIMEIRO E SEGUNDO PAVIMENTOS
1:750





CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORTE
1:500

Foto aérea da cidade de São Paulo em 1962. No centro, o Parque do Ibirapuera.

OFICINA

Breves informações sobre a cultura em São Paulo nos anos 1950, inícios dos 1960, quando o mundo e o Brasil começaram a mudar

Ignácio de Loyola Brandão

Rufavam clarins e tambores e ouvia-se o slogan: "o primeiro a dar notícias". Oito da noite, os adultos reuniam-se diante do rádio para ouvir o Repórter Esso, que trazia as melhores e mais atualizadas informações. Quando o locutor dizia: "*em edição extraordinária*" era porque algo de grave estava acontecendo e todos ficavam em suspense, esperando o que diria "a testemunha ocular da história". Assim, na manhã de agosto de 1954, se soube logo cedo que o presidente Getúlio Vargas tinha se suicidado com um tiro no peito. O rádio nos anos 1950 não tinha mais a audiência espetacular que mantivera nos anos 1930 e 1940, mas cada casa tinha o seu aparelho e as novelas eram seguidas religiosamente. Elas faziam chorar e eram o assunto para as conversas de fim de noite ou da manhã seguinte. Quando da transmissão de *O direito de nascer*, com seus 314 capítulos, as pessoas juntavam parentes e amigos nas casas para acompanhar a trágica epopéia do doutor Albertinho Limonta, personagem transposto da realidade cubana para a brasileira. As novelas podiam ser as da Rádio Nacional do Rio de Janeiro ou as locais da Rádio São Paulo.

Para os homens o melhor momento eram as transmissões de jogos no domingo à tarde, principalmente se houvesse um clássico. Sem esquecer os programas humorísticos. Mas os campeões eram os programas de auditório, principalmente os cariocas de Ary Barroso, Paulo Gracindo, César de Alencar ou Manoel Barcelos. As cantoras favoritas eram as mesmas: Emilinha Borba, Marlene, Nora Ney, Ademilde Fonseca, Marion, as irmãs Batista, cujas vozes vinham do Rio. Seguiam-se com ansiedade as eleições para Rei e Rainha do rádio. Os programas de calouros arrebatavam, apostava-se quem continuaria até o final de uma série de apresentações com prêmios em dinheiro e a promessa de gravação. Quem julgava? Os ouvintes.

A cidade estava com 2 milhões de habitantes, mas ainda conservava hábitos provincianos. O paulistano seguia os programas humorísticos e musicais, sintonizava as rádios de São Paulo como Record, América, Tupi, Difusora, Gazeta, Excelsior, Cruzeiro do Sul, Piratininga, mas jamais deixava de ouvir a Rádio Nacional do Rio de Janeiro ou eventualmente a Mayrink Veiga. O humor do Nhô Totíco, do Zé Fidelis, da PRK 30, a Escola Risonha e Franca, o célebre *Balança, mas não cai*, com Paulo Gracindo, o primo rico, e Brandão Filho, o primo pobre, depois transpostos para a TV, os programas de auditório, as rivalidades entre cantores, os fã-clubes histéricos, as transmissões dos jogos de futebol, marcavam a hegemonia do rádio. Os ouvintes liam a *Radiolândia* e a *Revista do rádio*, adoravam os *Mexericos da Candinha*, ouviam Isaura Garcia, Adoniran Barbosa e Inezita Barroso. Música caipira ou sertaneja tinha público certo. O gênero era, todavia, mais puro, autêntico, não essa fraude de hoje, puramente comercial.

No início da década, em 1951, nasceu a televisão, que começou com um público mínimo; a primeira transmissão foi feita para uns escassos aparelhos, porque a Tupi foi fundada, mas ainda não se vendiam televisores no País. Com o correr dos anos ela foi ganhando público, sendo que muitos recebiam apenas imagens fantasmagóricas, precisavam adivinhar o que estava acontecendo. Programas femininos ou infantis (a série do Pica-pau Amarelo foi um grande êxito), *O céu é o limite*, que testava a memória dos concorrentes com grande suspense, o *Almoço com as estrelas* — aos sábados com Lolita e Airton Rodrigues — , o Chacrinha, as *Folias Philips*, com suas histórias reais de celebridades, Hebe Camargo e o *O mundo é das mulheres* ou *Maiôs a beira-mar*. Aos domingos transmitia-se futebol ao vivo com Raul Tabajara (o Galvão Bueno da época) lamentando: "*pena que a televisão não seja em cores*". Era quase um bordão.

Inesquecíveis foram Eva Wilma e John Herbert em *Alô doçura*, que durou anos, antecipando as *sitcoms* de hoje. A *Praça da Alegria* com Manoel da Nóbrega criou um formato de humor que persiste, ainda que melancólico. O *Grande Teatro Tupi* e a TV de vanguarda levaram textos clássicos e grandes autores para a televisão, quebrando o preconceito existente contra o meio. Capenga, precária, aprendendo a andar, trazendo do rádio fórmulas gastas, de qualquer modo a cultura televisiva se impôs e cresceu, quem não tinha aparelho convidava as pessoas (algumas famílias cobravam, o que foi satirizado por Anselmo Duarte no filme *Absolutamente certo*, de 1959), criando uma nova classe social, a do televizinho. A década de 1950 marcou profundamente a afirmação de uma nova cultura que, meio século mais tarde, dominaria amplamente a população. A televisão provocou o declínio da audiência radiofônica e, gradualmente, começou a cavar por baixo da cultura cinematográfica que era forte e determinante.

Quando era feio perder um filme

Os porteiros eram categóricos: "Assim, o senhor não entra!". Sem paletó e gravata não se entrava nos cinemas de São Paulo no final dos anos 1940 e durante os 1950.[1] Em meados da década de 1960 as coisas se abrandaram, com as enormes mudanças ocorridas no Brasil (aliás, no mundo) e na cidade, principalmente no centro. Cinema era parte fundamental da cultura, dos hábitos, a "maior diversão", como apregoavam os anúncios, compondo um slogan. "*O cinema era a grande*

[1] Inimá Simões em seu livro *Salas de cinema em São Paulo* ouviu curiosa referência de Aldo Lúcio, operador do cine Metro por 50 anos: "Naquele tempo não entrava nem preto nem homens sem gravata". SIMÕES, Inimá. **Salas de cinema em São Paulo**. São Paulo: Secretarias Municipal e Estadual de Cultura, 1990.

invenção da época, era feio perder um filme", confessou o escritor Marcos Rey.[2] Havia de tudo para todos. Saibam logo que este não é um ensaio ou tese, nem estudo aprofundado — o que exigiria alguns volumes — e sim uma crônica amena, um pouco alongada, muito mais um *vol d'oiseau*, pinceladas sobre um tempo, uma época. Se damos tanto destaque ao cinema é porque existia uma cultura arraigada em relação a ele. A necessidade de ver filmes era forte, essencial, o que a cidade oferecia de melhor a preços acessíveis e para todas as classes sociais.[3] Exigia um ritual, o do bem vestir, o de tornar um momento de diversão em encontro social, o de mostrar-se, exibir, ver e ser visto. As grandes estréias e *avant-premiéres* eram caracterizadas pelo *black-tie*, pelo *summer*, pelos vestidos longos e, dependendo da estação, com a presença de peles. O chamado *grand-monde* paulista era esnobe, sofisticado e europeu. Tempo em que São Paulo era a cidade da garoa, fenômeno climático que desapareceu.

Os olhos do Brasil estavam voltados para as salas paulistanas, luxuosas, confortáveis, arquitetonicamente rebuscadas. Nos finais de semana, vinha gente de outros Estados e do interior para assistir aos lançamentos. Eram cerca de 150 cinemas, a maior parte concentrada no centro, mas havia bairros como o Brás, Santa Cecília e Pompéia com salas de primeira categoria. Os nomes vindos dos anos 1940 eram pomposos, assinala Inimá Simões, estudioso do assunto, autor de um livro pioneiro, *Salas de cinema em São Paulo*. Fazia parte da cultura da época, conferia status assistir às sessões no monumental Babylonia, no Imperial, Roxy, Capitólio, Rex, Ópera. Ou no Paramount, o supra-sumo, com seus balcões, galerias e camarotes. Luxo, estilo rococó, ou um evidente barroquismo encontravam-se na arquitetura e decoração do Rosário, Alhambra, Santa Cecília, Santa Helena. Sem esquecer o marco arquitetônico que foi o UFA-Palace (depois Art-Palácio), projeto de Rino Levi, o mestre modernista que modificou o conceito de construções em São Paulo. O mesmo Rino daria à cidade o Ipiranga, chamado de "monumento ao cinema", com uma novidade: o Pullman com poltronas numeradas, ao qual se chegava por um elevador. Sofisticação absoluta.

Uma sala para cada tipo de filme

Os espectadores iam ao República, na Praça da República, para ver a maior tela da América Latina escolhida para abrigar o CinemaScope, um sistema de lentes anamórficas desenvolvido pelo estúdio da 20th Century Fox para atenuar a crise que se abatera sobre o cinema norte-americano. Era uma tela ampla, espetacular, que assombrava. Também causou *frisson* com a 3-D, terceira dimensão. O Marrocos, na Rua Conselheiro Crispiniano, tinha sido construído em 1952 para abrigar a parte mais elegante do Festival Internacional de Cinema de São Paulo durante o IV Centenário da Cidade. Enorme, tinha bar, uma fonte no lobby, tapetes persas. Luxo, definido como palácio mourisco modernizado. O Metro, na Avenida São João, ostentava uma arquitetura barroca. Era voz corrente que todos os cinemas Metro no mundo eram iguais, os exibidores locais recebiam o projeto pronto, como acontece hoje com o McDonalds ou a Pizza Hut (que teve breve duração no Brasil). O Marabá, na Avenida Ipiranga, exibia uma programação popular e era a sala escolhida para os grandes momentos. A Cinematográfica Vera Cruz promoveu estréias hollywoodianas, como as de *O cangaceiro* e *Sinhá moça*, por exemplo, com enormes refletores nas ruas e os astros chegando em carros de luxo como Cadillacs. O Art-Palácio, no Largo do Paissandu, era dos mais cobiçados pelos distribuidores, tinha freqüência fixa, um fenômeno. Dizia-se que se você fotografasse a sessão do meio-dia de uma segunda-feira e repetisse a foto na próxima semana, do mesmo ângulo, veria as mesmas pessoas, só que em locais diferentes. Foi a sala favorita de Mazzaropi que ali estreava, ali exibia. Cinema era religião, culto. As salas de bairro disputavam recordes: o Piratininga, no Brás, se proclamava o maior da América do Sul, com suas 4.300 poltronas, seguido pelo Universo, também no Brás e projeto de Rino Levi, com 4.260, e pelo Nacional, na Lapa, com 3.250.

Sabíamos que o Jussara, na Rua Dom José (e depois o Normandie, na Avenida Rio Branco), era para os filmes franceses, o Coral, na Rua Sete de Abril, para os italianos, o Regina, na Avenida São João, para os *blockbusters* como *Amor, sublime amor*, destinados a ficar meses, o Rio Branco, na Avenida Rio Branco, para os *roadshows*, ou seja, de longa permanência, o Comodoro, na Avenida São João, para o Cinerama, com uma tela curva e três projetores para provocar a sensação de terceira dimensão. Em 1957, quando cheguei a São Paulo, fiquei assombrado com a inauguração do cine Olido, no largo do Paissandu. Sala com mais de 2 mil poltronas e que surgia com uma novidade: lugares numerados e venda antecipada de ingressos. Saber que se podia chegar no sábado, em cima da hora e estar com os bilhetes na mão causava sensação. Além disso, o Olido iniciava a sessão com um concerto por uma *big band* regida pelo maestro Rafael Pugliese, que se tornou uma estrela. Pouco mais de um ano depois, outro cinema com lugares numerados, o Rivoli, que não passava do célebre Ritz São João reformado e luxuoso. Também com poltronas numeradas, foi inaugurado com o filme mais falado daquele tempo, *A volta ao mundo em 80 dias*, no processo TODD AO, projeção em tela superlarga e com ótima definição de imagens. Invenção de Michael Todd, um supermarqueteiro que inclusive casou-se com Elizabeth Taylor.

Meados dos anos 1950, começo da década de 1960, o eixo do centro da cidade passou a mudar, os cinemas seguiram pela Rua Augusta, o *point* elegante: havia o Marachá, o Regência, o Piccolino e o Paulista (neste se reuniam os playboys da época). Subiram a Consolação com o Cine Rio, depois Teatro Record (destruído por um incêndio, hoje é um banco), com o Ritz Consolação transformado em Trianon que deu lugar ao Belas Artes, um conjunto de salas agora denominado Centro Cultural HSBC. Modificava-se a cidade, estilhaçavam os espaços culturais. A Avenida Paulista abrigou o Astor no Conjunto Nacional, megassala para *blockbusters*, mas então já se tinha chegado aos anos 1970.

Vera Cruz, o sonho de uma Hollywood caipira

Afrânio Mendes Catani, em um livro sobre a Cinematográfica Maristela, diz que "*entre 1949 e 1953 criaram-se em São Paulo cerca de duas dezenas de companhias cinematográficas e produtoras de filmes. Mas a maioria não foi em frente, exceto três empreendimentos de vulto, sustentados por industriais paulistas: a Vera Cruz, a Maristela e a Multifilmes, que pela primeira vez dariam à crítica de cinema no Brasil a possibilidade de falar em "indústria cinematográfica' sem eufemismos*".[4]

A Vera Cruz foi criada por Franco Zampari, empresário do ramo metalúrgico, destinada a fazer um cinema de arte, internacional, em oposição às chanchadas vindas do Rio de Janeiro e que constituíam um cinema popular de grande rentabilidade e pouca qualidade.[5] Num bairro de São Bernardo de Campo, o Jardins do Mar, ergueram-se os colossais estúdios que tiveram enorme repercussão na mídia. Verda-

[2] GAMA, Lucia Helena. **Nos bares da vida**. Produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950. São Paulo: Senac, 1998.

[3] O que ocorria com o cinema era idêntico nas cidades do interior, era a diversão principal, esperada, comentada, os filmes emocionavam, falavam-se deles por dias, como hoje se faz com as telenovelas.

[4] MENDES CATANI, Afrânio. **A sombra da outra**. A cinematográfica Maristela e o cinema industrial paulista nos anos 50. São Paulo: Panorama do Saber, 2002.

[5] As chanchadas estão passando hoje por um ciclo de revisão de conceitos neste novo século. Demolidas pela crítica na época, agora são vistas como alicerces de um cinema que se aproximava do povo e que continha em si as raízes de tudo o que se fez no futuro, inclusive na televisão.

de que a Vera Cruz dava mostras de modernidade com a criação de um departamento de Comunicação e Marketing profissionalizado em um momento em que essas especializações sequer existiam. Cavalheiro Lima e Gustavo Nonnemberg se encarregaram de "divulgar" a Vera Cruz e o fizeram com eficiência. Os filmes da empresa eram desenhados como, qualidade, avanço, tecnologia. Franco Zampari não poupou dinheiro, construiu os estúdios e trouxe da Europa nomes como Alberto Cavalcanti, brasileiro que obteve fama e respeitabilidade na Inglaterra, Ray Sturgess, que tinha fotografado *Hamlet*, de Lawrence Olivier, Chick Fowle, Oswald e Edith Hafenrichter, Fabio Carpi, Luciano Salce, Bob Huke, Tom Payne e dezenas de outros.

Os filmes foram cativando o público, ainda que despertassem polêmicas entre os críticos: *Caiçara*, *Terra é sempre terra*, *Ângela*, *Tico-Tico no fubá*, *Sai da frente*, *Nadando em dinheiro*, *Apassionata*, *Veneno*, *O cangaceiro*, *Uma pulga na balança*, *Sinhá moça*, *Esquina da ilusão*, *A família Lero-Lero*, *Luz apagada*, *Candinho*, *Na senda do crime*, *É proibido beijar* e *Floradas na serra*.

Com *O cangaceiro*, de Lima Barreto, um bom cineasta e melhor marqueteiro, que se autoproclamava o Orson Welles brasileiro, o nosso país ganhou projeção no Festival de Cannes e o filme explodiu nas bilheterias. *Olé, muié rendera* tornou-se um *hit* musical tocado e cantado a exaustão, e Milton Ribeiro, o cruel capitão Galdino, ganhou celebridade instantânea. Nunca mais livrou-se do papel, teve de viver vários cangaceiros. Outro sucesso foi *Sinhá moça*, com a dupla romântica Eliane Lage e Anselmo Duarte. Ele era o maior galã brasileiro, dono de enorme fã-clube, e a Vera Cruz foi buscá-lo no Rio, tirando-o dos estúdios da Atlântida a peso de ouro. *Sinhá moça* fez sucesso no festival de Veneza e rendeu grandes bilheterias, lançando uma atriz que fez longa carreira no cinema, teatro e televisão, Ruth de Souza. Independentemente das críticas, que foram muitas e pesadas, a Vera Cruz colocou o cinema brasileiro no plano internacional. Ela foi a escada para o lançamento de Mazzaropi como o cômico caipira (uma criação de Abílio Pereira de Almeida) por excelência em filmes como *Sai da frente*, *Nadando em dinheiro* e *Candinho*, êxitos de bilheteria. Mazza, como era chamado, fez sucesso até o final da vida, fundou sua própria produtora e arrastava multidões aos cinemas, além de fazer shows pelo País. *Tico-Tico no fubá* foi outro sucesso popular, contando a vida do compositor Zequinha de Abreu.

Ocasos, renascimentos, rebeliões

Foram 18 filmes em cinco anos e a Vera Cruz acabou. Arruinaram a empresa que, todavia, marcou época: inúmeros problemas de distribuição, pouco retorno dos investimentos, o cerco que o cinema americano fazia às produções nacionais em todo o mundo, má administração das produções, falta de estrutura e nenhum controle dos gastos. Lia-se nos jornais que Lima Barreto esperava dias e dias pelo aparecimento de um determinado tipo de nuvem para acionar as câmeras em *O cangaceiro*; as imagens de Chick Fowle eram inspiradas por Gabriel Figueroa, o genial fotógrafo mexicano, *cult* naquele tempo. Havia animosidade principalmente da imprensa carioca que, ressentida, jamais poupou críticas à Vera Cruz. Esta era vista como um cinema arcaico, anacrônico; todavia, seu apuro técnico obrigou o cinema brasileiro a modificar atitudes e repensar produções.

A Maristela foi um sonho de Marinho Audrá, um industrial de tecidos, que, em 1950, estava embalado nos sonhos de construir uma Vera Cruz paralela. Os estúdios do bairro de Jaçanã — periferia distante naqueles anos — produziram alguns filmes que tiveram repercussão na mídia, como *Presença de Anita*, má adaptação do *best-seller* de Mário Donato; *O comprador de fazendas*, baseado em conto de Monteiro Lobato e veículo para o *superstar* da época, Procópio Ferreira; *Simão, o Caolho*, dirigido por Alberto Cavalcanti, cineasta de reputação internacional que quase foi destruído pela antropofagia brasileira; *O saci*, de Rodolfo Nani, considerada uma das mais auspiciosas estréias de jovem diretor; *O canto do mar*, de Cavalcanti, que resultou numa guerra entre a intelectualidade. Premida por dívidas, a Maristela encerrou atividades na altura de 1958. A Multifilmes foi a produtora fundada pelo italiano Mario Civelli, um idealista, porém péssimo administrador e pior diretor. Os estúdios em Mairiporã eram amplos e razoavelmente equipados, porém nenhum filme seu chegou a ter destaque. O melhor do estúdio era a estrela belíssima Maria Dilnahm, que tinha obtido grande sucesso em *Absolutamente certo*.

O ocaso da Vera Cruz se deu também em um momento em que o cinema ideológico obrigava a repensar tudo. Uma nova ideologia surgiu quando foi lançado *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos (1954-1955), seguido por *Rio Zona Norte* (1957). Ao mesmo tempo, em São Paulo, Roberto Santos seguia pela mesma trilha com *O grande momento* (1957), da Maristela, hoje um clássico. Foram três filmes pontas-de-lança que apontaram para o futuro que chegaria com o cinema novo e o *slogan* que empolgou a juventude ("Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça") e desembocou em Glauber Rocha. Cinema novo que corria paralelo ao *nouveau* cinema francês de Jean-Luc Godard, François Truffaut, Claude Chabrol, Louis Malle etc. A rebelião começava a correr mundo. Essa rebelião que tinha um correspondente americano na explosão de Elvis Presley e do rock, na poesia dos *beatniks*, contestando o *establishment*, ou nas novas maneiras de interpretar no teatro e cinema com Marlon Brando, James Dean e o Actor's Studio.

Esses homens incríveis e suas paixões maravilhosas

A crítica cinematográfica tinha um papa, Francisco Luiz de Almeida Salles, mais conhecido como Almeida Salles, e também chamado "o presidente". Certa época, ele foi presidente da Sociedade Amigos da Cinemateca e ficou com o título entre os amigos. Escrevia em *O Estado de S. Paulo* e colaborava com o Suplemento Literário, quando se tratava de um ensaio mais longo. Almeida Salles conhecia história do cinema, técnica, filosofia, ciência política e social. Suas críticas eram claras e objetivas, sem erudição, porém percucientes. Pode-se dizer que ele formou dezenas de jovens e influenciou cineastas, sua palavra era respeitada. Defendia o cinema brasileiro com unhas e dentes, o que era compartilhado por outro papa da época, Paulo Emilio Sales Gomes, um dos criadores de Cinemateca Brasileira, autor de um livro fundamental sobre Jean Vigo e o incentivador de qualquer jovem que ousasse fundar um cineclube. Enciclopédia ambulante de cinema, Paulo Emílio era simples e tinha outra qualidade compartilhada com Almeida Salles, o humor. Suas gargalhadas eram deslumbrantes, contagiosas.

Paulo Emilio também escrevia em *O Estado de S. Paulo*, mas podia ser lido igualmente na revista *Anhembi*, publicação cultural fundada e editada por Paulo Duarte. *Anhembi* era uma revista de teor mais amplo, tinha artes, sociologia, política, história, arqueologia, lingüística, urbanismo etc. Eventualmente Paulo, um múltiplo saber, ocupava-se de cinema. Certa vez, fui ao saguão dos Diários Associados, na Rua Sete de Abril, onde tinha sido montado um auditório, apenas para ouvi-lo discorrer sobre Luis Buñuel, com quem ele conviveu certa época. A crítica estava ainda nas mãos de Benedito J. Duarte, da *Folha de S.Paulo* (na época havia a *Folha da Manhã*, a *Folha da Tarde* e a *Folha da Noite*). B. J. Duarte, como ele assinava, era um homem magro, nervoso, inquieto e, às vezes, irascível. Um documentarista de primeira linha, que também influenciou outra vertente de jovens cinéfilos como Adhemar Carvalhaes, Alfredo Sterhein e Jairo Ferreira. Nos Diários, o posto era ocupado por Flávio Tambellini, depois realizador, um *expert* em política cinematográfica, mercados, exibição e distribuição. Pai de Flávio Tambellini, produtor de cinema, do grupo Conspiração. O cinema era colocado em discussão o tempo

todo, em alto nível. As críticas eram embasadas e não meras resenhas apressadas. No fundo, as resenhas de hoje e as indicações que se fazem em jornais sobre os filmes que a televisão exibe são filhas de um trabalho criado por Rubem Biáfora no início da década de 1950 em *O Estado de S. Paulo* e que se chamava "Indicações da Semana". Eram dicas breves sobre cada filme a ser lançado. Dava título original, produção, direção, ficha técnica completa, elenco, comentava o filme, relacionando aquele trabalho com o de outros diretores. Biáfora possuía um arquivo e uma memória excepcionais e destilava informações curiosíssimas, pitorescas, trazendo detalhes insólitos sobre determinados extras, figurantes ou atores que faziam pontas mínimas. Anos mais tarde dirigiria dois filmes, *Ravina* e *O quarto*.

Havia outros militantes da crítica, mas que exerciam colaboração eventual. Um deles foi Luis Carlos Bresser Pereira, décadas mais tarde Ministro da Fazenda do Brasil, escrevendo em *O tempo*; Helena Silveira, escritora que se transformou em excelente crítica de televisão abordava filmes na *Folha da Manhã*, onde também pontificou Noé Gertel. J. H. Trigueirinho Neto, que se transformaria em diretor, escrevia para a revista *Anhembi*. Fernando de Barros atuou por muitos anos na *Última Hora*, até ceder o posto, voluntariamente, para Jean-Claude Bernardet, Maurice Capovilla, Armindo Blanco e eu, já nos anos de 1960. Se já existia *A Cena Muda*, altamente especializada em cinema, logo surgiu a *Cinelândia*, criada nos moldes das americanas *Photoplay* ou *Movie Screen*: artigos, reportagens, entrevistas, fofocas. A revista *Carioca*, das mais vendidas, misturava rádio, teatro e cinema.

A noite do grande impacto

Almeida Salles e Paulo Emílio, unidos a Caio Scheiby e a Rudá de Andrade, comandavam um pólo fundamental, a *Cinemateca Brasileira*, que teve sede no prédio dos Diários, na Rua Sete de Abril, depois passou para uma sala sobre o Cine Coral, na mesma rua, mudando-se enfim para o Ibirapuera, de onde saltou para o atual endereço. A *Cinemateca* foi essencial para a formação em cinema de algumas gerações. Ela incentivava os cineclubes, promovia festivais, ciclos, seminários e montou um acervo expressivo de filmes, fotos, cartazes, recortes, documentos. Alguns cineclubes do interior promoviam festivais de cinema brasileiro com o apoio da Cinemateca, como o de Marília, que manteve a tradição por anos, o de Araraquara e o de Bauru. Filmes clássicos e de primeira linha eram enviados a essas cidades e a grande sensação era a presença do "presidente" Almeida Salles, sempre bem-humorado. Certa vez, indo a um churrasco em Vera Cruz, cidadezinha próxima a Marília, o jipe aberto que levava Almeida ficou atrás da caravana, levando poeira vermelha. Rudá Andrade, ao seu lado, preocupou-se e pediu ao motorista que se distanciasse. Almeida Salles impediu, dizendo: "Esta é a carícia da terra generosa desse bom interior".

A Cinemateca esteve por trás de um grande Festival do Cinema Italiano realizado na cidade em 1959 por iniciativa da Unitalia e que trouxe a São Paulo nomes como Giulietta Masina, Annie Girardot, Renato Salvatori, Ugo Tognazzi, Lea Massari e outros. Também promoveu a histórica estréia de *A doce vida* (*La Dolce Vita*), de Fellini .

Os anos 1950 faziam a virada, penetrava-se nos anos 1960. Como esquecer um dos momentos mais memoráveis da história do cinema em São Paulo, a estréia de *A doce vida*, no Cine Coral? O filme provocou tal impacto — ali estavam todos os intelectuais, toda a classe teatral e cinematográfica, os jornalistas — que a multidão saiu em silêncio, caminhando pela Rua Sete de Abril em busca dos habituais pontos de encontro, o restaurante Gigetto e o Clubinho dos Artistas, ou Paribar e o Arpége, bares da moda. Era normal sair de um filme e ir discutir no bar. O mundo não seria mais o mesmo depois daquele filme espantoso, amoral, avassalador. Outro momento de impacto aconteceu com *O acossado* (*A Bout de Soufle*), de Jean-Luc Godard. De um momento para o outro, fazer cinema era completamente diferente, havia liberdade total, nenhuma preocupação com a continuidade, a câmera se movia como louca (o fotógrafo ficara sentado numa cadeira de rodas, o que lhe dava imensa mobilidade e dispensava as complicadas gruas) e o herói era o antiherói, um marginal, desbundado, descolado e amoral. Dali em diante, Jean-Paul Belmondo tornou-se nosso ídolo e Jean Seberg a musa mais moderna que se podia imaginar. Estava decretado o fim do cinemão, dos filmes dinossauros. Gritamos mais ainda: "Estava assinalado o fim de Hollywood". Éramos jovens demais para conhecer a História do mundo e seus caminhos, suas intenções. De qualquer modo, *O acossado* trouxe um ar mais puro para que respirássemos. O marasmo cedia lugar ao movimento, à revolta, à rebelião que seguiria até a grande explosão de 68.

O Sacy e a procissão de famosos

Sendo o jornal que sempre tinha incentivado as promoções culturais e vivendo o cinema paulista um momento de alto astral, o jornal *O Estado de S. Paulo* criou um prêmio, O Sacy, destinado ao melhor filme, melhor diretor, ator, atriz, fotógrafo, roteiro etc. Um pouco nos moldes do Oscar. A estatueta representando o Sacy foi esculpida por Victor Brecheret e era uma obra de arte de grande valor. O jornal tinha poder de fogo para arregimentar toda a classe e fazer com que a mídia se ocupasse do prêmio. Mesmo os concorrentes davam cobertura, porque o Sacy, um prêmio cobiçado, era notícia esperada pelo leitor. Havia a sessão solene no Cine Marrocos, evento que exigia longo e *black-tie*, seguida por um banquete no Automóvel Clube. A entrega tinha ares de Oscar com o anúncio dos concorrentes e a abertura de envelopes. Centenas de fotógrafos se aglomeravam e faltava apenas a transmissão pela televisão, na época muito fechada, visão de pouco alcance, sem senso de oportunidade. Após a entrega, projetava-se, em *avant-premiére*, um longa metragem que só entraria em cartaz dentro de alguns meses. Certa vez, não me lembro o ano, exibiu-se *Um corpo que cai* (*Vertigo*), de Alfred Hitchcock, sem legendas, na versão original. Todo mundo fingiu que entendeu! Terminada a projeção os convidados saiam a pé do Marrocos, caminhando para o Automóvel Clube, a duas quadras dali, na Rua Formosa. Poucas vezes se viu um aglomerado com tanta gente famosa, tanta celebridade passeando organizadamente, prato cheio para os fotógrafos. Uma procissão de famosos. Algum tempo depois de criado para o cinema, o Sacy passou a ser entregue também ao pessoal do teatro, na mesma solenidade. Na década de 1960, o Sacy foi extinto após complicações com algumas premiações com as quais outros premiados não concordaram, contestando.

Mulheres nuas, coxas de fora, muita música

A presença da Vera Cruz coincidiu com a decadência das chanchadas, gênero cômico-musical de grande aceitação que servia de veículo para as marchinhas que fariam sucesso no Carnaval. Filmes tipicamente cariocas, com atores e cantores do Rio de Janeiro, eram feitos com orçamentos baratos e tinham distribuição racional e bastante organizada. As chanchadas foram num decrescendo até a extinção ocasionada, entre outros, pela ascensão de um novo meio de comunicação, a televisão, a TV Tupi, inaugurada em São Paulo em 1951. As chanchadas celebrizaram Oscarito, Grande Otelo, Ankito e Zé Trindade como cômicos populares da maior aceitação. Na esteira de celebridades vieram Anselmo Duarte, Eliana Macedo, o eterno vilão José Lewgoy, Benê Nunes, um pianista que tocava em meio a fumaça de gelo seco em todos os filmes, a orquestra de Ruy Rey, a rumbeira Cuquita Carballo, e centenas de cantores entre os quais Emilinha Borba, Marlene, Nora Ney, Adelaide Chiozzo, Jorge Goulart, Francisco Carlos, El

Broto, as irmãs Linda e Dircinha Batista, vedetes que vinham do teatro de revista como Virginia Lane, Mara Rubia, Siwa. Aliás, chanchada e teatro de revista, ou rebolado, eram parentes muito chegados, com a mesma estrutura: enredo débil, uma cena cômica, um número musical. O teatro de revista avançou mais à medida que a censura afrouxou e permitiu que mulheres despidas (chamada de nus artísticos), a princípio absolutamente imóveis como estátuas, adquirissem movimentos cada vez mais acelerados, chegando ao *strip-tease*, antes confinado a boates fechadas. O *strip* com nudez total, no entanto, só foi uma conquista tardia, chegou nos anos 1980, quando o gênero estava em estado terminal. *Strip* era admitido, já nos anos 1960, desde que as mulheres usassem tapa-sexo.

O Teatro de Revista foi uma tradição popular que veio de meados do século 19, com fórmula herdada da França, a chamada *revue de fin d'année*, com misturas do burlesco americano. O gênero se desenvolveu e se aperfeiçoou, produzido em geral no Rio de Janeiro e com temporadas exportadas para São Paulo e outras capitais. Oscarito, Mesquitinha, Walter D'Avila, Colé, Silva Filho, Modesto Souza, Costinha, José Vasconcelos, Zeloni (era perfeito imitando JK), Celeste Aída, Violeta Ferraz, Eros Volusia, Angelita Martinez, Luz Del Fuego, Renata Fronzi, Berta Loran, as esculturais Célia Coutinho, Carmem Verônica, Joana D'Arc e Daysi Paiva, Eloína e Nélia Paula, entre outros, eram nomes que atraíam a bilheteria e formaram-se na tradição da Revista. Sem esquecer o mito Dercy Gonçalves. Entre os grandes produtores estavam Walter Pinto, o Ziegfeld brasileiro, com produções suntuosas, caríssimas, Zilco Ribeiro, Carlos Machado, Geysa Bôscoli. A estrutura era invariável: uma cortina cômica, um número musical, uma vedete em monólogo picante, mexendo com a platéia (o teatro interativo existia havia muito, não é tão moderno como se pensa), bailarinas (*girls*) em biquínis reduzidos mantinham a excitação masculina, outro número musical, um comediante sozinho na boca de cena (enquanto trocavam os cenários).

A Revista foi um grande palco para a sátira política, permeada às vezes por uma crítica feroz. Por anos, os bordões cômicos acabavam se incorporando à linguagem coloquial. Max Nunes, que hoje é redator do programa de Jô Soares, escreveu muita revista e passou depois para a televisão, quando o gênero foi cooptado pelos programas humorísticos como *Faça o amor, não faça a guerra* e *Planeta dos homens* — para citar apenas dois —, chegando ao atual *Zorra total* e *Praça da Alegria*, débeis caricaturas de um humor anacrônico no século 21. Os títulos das Revistas eram chamativos, apelativos: *Tem bububu no bobobó*, *Eu quero é me badalar*, *Olha o teu rabo*, *Comigo ninguém pode*, *Tira o dedo do pudim*, *No país dos Cadillacs*, *É fogo na bica*, *Papando alto*, *Garotas em hi-fi*, *Encosta a cabecinha*, entre centenas e centenas. A crítica dita "séria" nunca se ocupava do rebolado, considerado teatro menor, sensacionalista. As próprias platéias eram desprezadas. Por anos, as Revistas tiveram em São Paulo o seu templo no Teatro Santana, na Rua Vinte e Quatro de Maio, sala imponente, barroca. Demolida, hoje tem uma galeria comercial no lugar. As Revistas de Bolso de Zilco Ribeiro situavam-se no Teatro Natal na Praça Júlio Mesquita. Outras companhias se apresentavam no Teatro de Alumínio, na Praça das Bandeiras, também desaparecido. Em algumas temporadas, Walter Pinto, com seus shows milionários, usava o Teatro Paramount, na Avenida Brigadeiro Luis Antônio.

Foi toda uma época de grande público, lotações esgotadas, período de fausto, brilho, luzes, sensualidade, que desapareceu. Salvyano Cavalcanti de Paiva, um crítico de cinema que se dedicou ao assunto, alega (perceba-se aqui um certo moralismo, para não dizer reacionarismo) que "*uma multiplicidade de motivos conduziu ao extermínio desse tipo de diversão popular, cuja vitalidade resistiu um século. Entre as causas apontadas por diferentes estudiosos estão, com mais freqüência, as de ordem ética, as financeiras, as políticas. Inegável é que as mudanças sociais, principalmente as ocorridas nas grandes capitais cosmopolitas, acarretando a liberação e a permissividade em logradouros públicos, os avanços da moda de vestir-se ou desnudar-se da mulher e o comportamento desinibido diante dos velhos padrões constituíram componentes valiosos no ato de tornar a revista obsoleta*".[6] Acrescenta ainda dois fatores, a revolução sexual e lingüística e a quebra dos tabus. Já o crítico teatral Maksen Luiz acentuou que "*a Revista não conseguiu encontrar ajustamento aos novos costumes, à concorrência do grande show que é o desfile das escolas de samba ou a televisão, à pressão dos custos e à perda da tradição do gênero*".[7] Incontestáveis são dois argumentos: contra a Revista atuaram a televisão, que lhe roubou a fórmula, a estrutura, os comediantes e as estrelas — eram chamadas vedetes — com melhores salários e maior visibilidade, e a ditadura militar de 1964 com uma censura férrea, demolidora e hipócrita.

O TBC e o futuro do teatro

315, Rua Major Diogo, Bela Vista, ou Bexiga, se preferirem. Endereço da primeira grande revolução no teatro moderno brasileiro. Na noite de 11 de outubro de 1948 inaugurava-se o Teatro Brasileiro de Comédia, destinado a ser um marco. Um prédio de três andares, recém-reformado, cheirando a fresco, abrigou o melhor da sociedade paulistana, numa estréia em que os convites foram vendidos a um alto preço. A burguesia paulistana estava patrocinando o teatro. "*Na platéia se viam vestidos de* soirée*, echarpes, sentia-se o perfume Chanel,* blackties*, fina* gormandise *e etiqueta social não deixavam de ser sinais de alta distinção na sociedade e, mais do que isso, índices de cultivo artístico e cultural. Afinal eram pessoas que dispunham de tais hábitos, de tais condições de consumo e de existência social que podiam viajar ao exterior e acompanhar as novidades que surgiam, principalmente em Londres e Paris, em matéria de artes plásticas, literatura, cinema, teatro e, até, de pensamento político e filosófico.*"[8] Assim o ator David José Lessa Mattos descreveu a noite histórica.

Até então, o teatro se resumia, com algumas raras e honrosas exceções como se costuma dizer, a comédias ou dramalhões de cunho popular, veículos para alguns grandes nomes que percorriam o país, mambembando, para se usar a expressão do meio, em circos, pavilhões, salas adaptadas ou teatros municipais, quando existiam. Imensa colcha de retalhos que não expressava uma cultura nem nacional nem internacional. Na sua primeira noite, o TBC trouxe o monólogo de Jean Cocteau, *La voix humaine*, com Henriette Morineau, e *A mulher do próximo*, de Abílio Pereira de Almeida, que também dirigiu. No elenco, além do próprio autor-diretor, estavam Cacilda Becker, Carlos Vergueiro e Marina Freire. Abílio e a maior parte do elenco vinham do Grupo de Teatro Experimental, fundado por Alfredo Mesquita, da família que regia o jornal *O Estado de S. Paulo*. Alfredo teve um papel de proa na fundação do moderno teatro brasileiro, primeiro com o GTE, em seguida com a Escola de Arte Dramática que formou todos os grandes atores, diretores e dramaturgos das décadas seguintes. Primeira escola de alto nível com aulas que iam de dramaturgia à direção, interpretação, história do teatro, impostação de voz, expressão corporal. Havia ainda o Grupo Universitário de Teatro, de Décio de Almeida Prado, crítico teatral de *O Estado de S. Paulo* que ocupou o palco do TBC com *O baile dos ladrões*, de Jean Anouilh, em tradução de Abílio Pereira de Almeida e,

[6] *Viva o rebolado* é um bem documentado livro, com muitas ilustrações, melhor referencial que existe sobre o assunto ao lado de *Não adianta chorar*, de Neyde Veneziano.

[7] *Jornal do Brasil*, abril de 1985.

[8] LESSA MATTOS, David José. **O espetáculo da cultura paulista**. Teatro e TV em São Paulo, 1940-1950. São Paulo: Codex, 2002.

atenção, de Antonio Candido. Com essas duas peças entravam em cena no TBC e no teatro brasileiro duas de nossas maiores atrizes, Cacilda Becker e Nydia Licia.

O TBC foi o primeiro grande sonho em arte de Franco Zampari, o mesmo homem que fundou a Vera Cruz. Até hoje não se compreende porque a Rua Major Diogo não se chama ainda Franco Zampari. Zampari começou a trazer gente de alto quilate (como se dizia): Adolfo Celi, da Academia de Arte Dramática de Roma, Luciano Salce, Ruggero Jacobbi, Ziembinski — o genial polonês que tinha virado o teatro do avesso com a encenação de *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, no Rio de Janeiro —, Flaminio Bollini Cerri. Segundo Sábato Magaldi e Maria Thereza Vargas, a história do teatro profissional em São Paulo começou realmente com o TBC e seu espírito empresarial,[9] ainda que sem objetivo de lucro, o funcionamento em moldes de indústria, a implantação do teatro de equipe, o diretor como autoridade máxima (até então o diretor era decorativo, os grande nomes, as grandes estrelas não se deixavam dirigir, eram intocáveis), cuidado extremo no cenário e figurinos, o ecletismo do repertório (ia de Sófocles a Tennessee Williams), a estabilidade do elenco, o recrutamento de intérpretes de preparo intelectual mais elevado. Também a questão das salas se modificava. O teatrão com frisas e camarotes, galerias e balcões, com preços diferentes para cada setor, dava lugar a uma sala pequena, bem-adaptada, criando maior intimidade entre o ator e o público e possibilitando interpretações sóbrias e comedidas (menos gritadas, digamos).

Décio de Almeida Prado assinalou que foi à sombra do TBC que "crescemos e nos formamos todos, atores, críticos ou espectadores. Deve-se à sua influência a relativa homogeneidade do meio teatral paulista, maior, acreditamos do que a de qualquer outra no Brasil". No TBC foram formados, além de Cacilda e Nydia, nomes como Paulo Autran, Tônia Carrero, Jardel Filho, Walmor Chagas, Fernanda Montenegro, Cleyde Yaconis, Flávio Rangel, Fredi Kleeman, Leonardo Vilar, Ruy Affonso, Josef Guerreiro, Luis Linhares, Sérgio Cardoso, Elizabeth Henreid, Mauricio Barroso, Nathalia Timberg, Tereza Rachel, Sérgio Britto, Célia Biar, Francisco Cuoco, Raul Cortez, Monah Delacy. Incontáveis figurinistas, cenógrafos, iluminadores, maquinistas. Do TBC nasceram companhias como a de Tonia-Celi-Autran, a de Sérgio Cardoso e Nydia Licia, o grupo de Cacilda Becker e Walmor Chagas e o Teatro dos Sete, que moldaram a sustentaram o teatro moderno brasileiro. Ali se alicerçou da dramaturgia de Abílio Pereira de Almeida a Jorge Andrade e Gianfrancesco Guarnieri, ainda que este tenha sido cria do Teatro de Arena. Ao TBC se deve a criação de um público de nível mais exigente e apurado e a formação de um espírito crítico até então inexistente na imprensa. Ali se viu a atualidade do teatro internacional e o melhor do nacional. O TBC estava de tal modo ligado à cidade que, em 1955, *O Estado de S. Paulo* comentou que ele pertencia à São Paulo, "*marcando-a da mesma forma que o Banco do Brasil, o viaduto do Chá, os nossos museus, o Parque do Ibirapuera*".

A existência do TBC possibilitou o aparecimento dos teatros Bela Vista (hoje Sérgio Cardoso) e Maria Della Costa (sede do Teatro Popular de Arte, de Maria e Sandro Polloni), salas perfeitamente aparelhadas com tecnologia de ponta, mentalidades arejadas e ousadas. No Bela Vista se viu de Pirandello a Ariano Suassuna, chegando a Abílio Pereira de Almeida, sempre presente, salvador das finanças de todas as companhias com suas comédias satirizando a sociedade brasileira e a burguesia paulistana. O TMDC estreou com *O canto da cotovia*, em 1954, peça de Jean Anouilh, que ganhou todos os prêmios daquele ano, mostrando que o TBC já tinha — por sorte da cultura — um rival à altura.

Indissolúvel dos tempos áureos do TBC foi o Nick Bar, ao lado do teatro, ponto de encontro de toda a classe teatral e cinematográfica, além da gente de sociedade. O nome do bar veio de uma peça de William Saroyan encenada no TBC em 1949. Aberto pelo americano Joe Kantor, primo do comediante Ed Kantor, ali acontecia de tudo, desde shows de música e humor a brigas entre artistas, cenas de ciúmes, contratação de pessoas. Ao piano, o maestro Enrico Simonetti, que mais tarde regeu uma orquestra famosa na televisão e a favorita nos grandes bailes. Dick Farney tocou e cantou ali muitas vezes. A grande especialidade do Nick Bar era o sanduíche de galinha (as coisas eram bem mais simples do que hoje). Tornou-se um bar mítico, aquele que todo mundo queria freqüentar, turistas passavam para ver. Joe Kantor era um homem muito bem relacionado, personagem da noite, vivia no meio do pessoal de cinema, fez pontas em todos os filmes da Vera Cruz.

A juventude do grupo Arena

Ao lado do TBC, naqueles anos de 1950, deve-se olhar com muito carinho para o surgimento do Teatro de Arena. Era a juventude com novas propostas. O Arena nasceu no dia 11 de abril de 1953 no Museu de Arte Moderna, na Rua Sete de Abril, prédio dos Diários. Chegava mudando porque não havia palco, os atores representavam no meio dos espectadores, numa arena circular. José Renato, seu diretor e fundador, tinha sido aluno da Escola de Arte Dramática e decidira modificar o panorama com um grupo profissional, estimulado pelo trabalho intenso e perfeccionista. No Arena estreou Eva Wilma em 1954 com *Uma mulher e três palhaços*, de Marcel Achard. Em dois anos, o grupo tinha encenado Claude Spaak, Tennessee Williams e Pirandello. O melhor, no entanto, foi encontrar um local que funcionou como sede do Arena por décadas. A pequena sala da Rua Theodoro Bayma, no centro da cidade, numa ruazinha em frente à igreja da Consolação, tornou-se o mito e o símbolo de um teatro que se distanciaria do TBC, avançando em suas propostas. Porque se engajou no social, na dramaturgia voltada para os problemas brasileiros, para a condição de nosso homem, nossa terra. Para isso se teve a colaboração de Augusto Boal, que foi cooptado por José Renato para ser um parceiro. Foi o momento em que entrou em cena o Teatro Paulista do Estudante, que trouxe nomes como Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, e Gianfrancesco Guarnieri.

E então aconteceu uma noite histórica, 22 de fevereiro de 1958, quando o Arena apresentou *Eles não usam black-tie*, de Guarnieri. Uma peça extremamente simples, com um argumento linear, mas que colocava no palco um operário e seus problemas de sobrevivência, luta cotidiana. O público aderiu de imediato ao texto e alavancou uma das mais importantes propostas de arte. Em pouco tempo, em torno do Arena circulavam nomes que se projetaram ao longo do tempo pelas atitudes políticas e posições ideológicas definidas e contestatórias: Guarnieri, Vianinha, José Renato e Boal, Flávio Migliaccio, Chico de Assis, Manoel Carlos — hoje o novelista de nomeada da Globo —, Nelson Xavier, Maria Thereza Vargas, Roberto Freire, Roberto Santos, Sábato Magaldi, Milton Gonçalves.

Os textos nacionais se sucediam: *Chapetuba Futebol Clube*, de Vianinha, *Quarto de empregada* e *Gente como a gente*, de Roberto Freire, *Revolução na América do Sul*, de Boal, *A farsa da esposa perfeita*, de Edy Lima, entre outros. Era o Brasil, nossa cara exposta. O Arena se tornou uma sensação, necessidade, cada peça encenada provocava polêmicas, discussões. Atravessou a década de 1950 e percorreu a de 1960 como um furacão. Fundou-se o Arena carioca. Juntando-se ao Grupo Opinião, montou-se o espetáculo mais emblemático de todos os tempos, em pleno período ditatorial: *Opinião*, com Nara Leão (depois Maria Bethânia), músicas de Zé Ketty e João do Valle. A canção de protesto "Carcará" foi o grito de revolta de todos os que sentiam a opressão do regime militarista sobre as cabeças. Vieram na esteira *Arena conta Zumbi* e *Arena conta Tiradentes*. O grupo revelou nomes exponenciais como Dina Sfat, Paulo José, Joana Fomm, David José e Juca

[9] MAGALDI, Sábato; VARGAS, Maria Thereza. **Cem anos de teatro em São Paulo**. São Paulo: Senac, 2000.

de Oliveira. Para Sábato Magaldi, o que melhor "*define o Arena foi o fato de ter nacionalizado o nosso teatro. Ele impôs em definitivo os nomes brasileiros capazes de encontrar uma correspondência imediata com o público. E seus intérpretes passaram a adotar uma prosódia brasileira espontânea em contraposição ao estilo europeizante do TBC*".[10] De certa maneira, a existência do Arena e a transformação que ele operou abriram caminho para a presença de um dramaturgo como Plínio Marcos, que explodiria com violência em meados dos anos 1960, com um teatro contundente e demolidor.

A tarde em que Vivien Leigh foi ao Oficina

Impossível passar em branco sobre o Teatro Oficina, ainda que seus momentos maiores tenham sido nos anos 1960, quando revolucionou inteiramente a cena com a força de cem dinamites. Em outubro de 1958, o grupo de universitários de Direito da Faculdade do Largo de São Francisco, liderado por José Celso Martinez Correa, deu seus primeiros passos com duas peças em um ato: *Vento forte para um papagaio subir*, de Zé Celso, e *A ponte*, de Carlos Queiroz Telles. As reações da crítica foram fracas, quase inexistentes. Em maio de 1959, o Oficina encenou nova peça de Zé Celso, *A incubadeira*, apresentada com sucesso no Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em Santos. A peça foi premiada e bem recebida pelo público absolutamente jovem que lotava o Teatro Independência. A incubadeira, com Etty Frazer e Renato Borghi, passou para o Teatro de Arena e preparou o público para suas duas próximas montagens: *As moscas* e *A engrenagem*, ambas de Sartre, no Teatro Novos Comediantes, uma sala meio esquecida na Rua Jaceguai, no Bexiga. Ao passar por São Paulo, vindo de Cuba e rumo a Araraquara, onde deu duas palestras, Sartre teve um encontro com os jovens do Oficina e liberou *A engrenagem*. Estava aberto o caminho que continuaria com *A vida impressa em dólar*, belo título para o original *Awake and sing*, de Clifford Odets, dramaturgo da esquerda americana, e depois *Um bonde chamado desejo*, de Tennessee Williams, *Todo anjo é terrível*, de Ketti Frings e *Quatro num quarto*, de Kataiev. De passagem por São Paulo, Vivien Leigh, que tinha feito *Blanche Du Bois* no cinema, aceitou o convite do Oficina e apareceu no teatro uma tarde, para assistir a uma representação só para ela de *Um bonde*. Na platéia se encontrava Sábato Magaldi, uma das testemunhas de que Vivien gostou. Fui a outra. A próxima peça seria *Os pequenos burgueses*, de Gorki, um dos maiores sucessos do Oficina. Mas já estamos em 1963 e em breve os palcos sofreriam impactos sucessivos com *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, *Galileu Galilei*, de Brecht e *A roda viva*, de Chico Buarque. Mas a trajetória fulminante do Oficina, ainda que tenha tido seu embrião no final dos anos 1960, se desenvolveu raivosa e indignada nas décadas de 1960 e 1970, marcando fundamente todos nós.

São Paulo no circuito internacional de artes

Há uma data que se tornou emblemática, marcando a grande virada do Brasil nas artes plásticas: 20 de outubro de 1951, dia da abertura da primeira Bienal de São Paulo, criada pelo Museu de Arte Moderna, MAM. Momento chave que determinou a entrada do País num circuito internacional do qual ele estava excluído. A primeira Bienal aconteceu no Trianon, um espaço que existia onde hoje se situa o MASP, na Avenida Paulista. Estavam expostas 1.800 obras vindas de 20 países e o evento assombrou a cidade e o Brasil. Nessa época quase não havia museus no Brasil — Masp e MAM eram recentes e quase dez anos depois viria o Museu de Arte Brasileira (MAB) — e nenhum movimento de intercâmbio de arte, diz Leonor Amarante, especialista, em história das Bienais. O público enfrentava a barreira do desconhecimento da chamada "arte moderna" e, atônito, procurava compreender as ousadas "propostas" que estavam nas paredes e iam de Picasso a Giacometti, de Portinari a Di Cavalcanti. Um passo enorme tinha sido dado e o inspirador e fomentador de tudo foi Ciccilo Matarazzo, apelido de Francisco Matarazzo Sobrinho, milionário e mecenas, que trouxe com Lourival Gomes Machado, diretor do MAM, o formato da Bienal de Veneza, a mais antiga do mundo, criada em 1895. Dominada pelo abstracionismo, a primeira Bienal provocou polêmicas intensas entre os críticos de arte, cada um ligado a sua ideologia. Expressivos prêmios em dinheiro, obtidos graças ao patrocínio de empresas (uma inovação), foram entregues. O grande prêmio de pintura foi para o francês Roger Chastel com *Namorados no café* e a curiosidade (e diversão) foi intensa, porque o público leigo não conseguia "enxergar" os namorados em uma pintura abstrata. O prêmio escultura foi para Max Bill, com *Unidade tripartida*. Os brasileiros premiados foram: Caciporé Torres, de 19 anos, o mais jovem participante da Bienal, Aldemir Martins, Mario Cravo, Oswaldo Goeldi, Danilo Di Prete e Victor Brecheret, este uma grande estrela. Ciccilo Matarazzo regeu a Bienal por 24 anos, mestre absoluto. Muitíssimo bem relacionado, com trânsito em todas as áreas políticas, econômicas e artísticas, Ciccilo foi o fundador do MAM em 1947, ajudou na fundação do TBC e na criação da Vera Cruz e, em 1954, presidiu a Comissão de Festejos do 4º Centenário de São Paulo.

A segunda Bienal foi aberta em dezembro de 1953, para poder penetrar no ano seguinte como parte dos festejos do centenário. O diretor artístico (hoje correspondendo ao curador) foi Sérgio Milliet, que também participou do júri. É necessário falar dessa figura essencial na cultura paulistana nos anos de 1950, Sérgio Milliet. Dono de vasta cultura, era um homem simples, *low-profile*. Foi poeta, crítico de artes e literatura, diretor da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, primeiro presidente da União Brasileira de Escritores, membro da Associação Internacional de Críticos de Arte e fundador da Associação Brasileira de Críticos de Arte, um dos fundadores da Faculdade de Sociologia e Política da USP, um dos idealizadores do Museu de Arte Moderna (MAM). Era ouvido, consultado, respeitado, lido, sua palavra dirimia dúvidas. Famoso por fazer do Paribar, um bistrôzinho atrás da Biblioteca Municipal, seu QG, ali recebia amigos, admiradores, leitores, artistas. Seu ensaio "Marginalidade da Pintura Moderna" é um texto fundamental, referencial necessário. *Os Diários Críticos* (dez volumes, cobrindo de 1940 a 1956) são referenciais necessários a quem quer estudar a história da arte. Poeta, Milliet foi também um *condottieri*. A primeira Bienal foi um êxito absoluto. Mais de 200 mil visitantes consagraram a mostra, definida como "a exposição da década". Dessa vez, como as proporções tinham sido enormemente ampliadas (28 mil metros quadrados, sete vezes mais do que a primeira), a Bienal deixou o acanhado Trianon e transferiu-se para o Ibirapuera projetado por Oscar Niemeyer para abrigar os festejos dos 400 anos. Para Leonor Amarante, os "*prédios de vidro com fachadas que se refletiam no lago formavam uma moldura perfeita para as vanguardas e eram a síntese do progresso da arquitetura no Brasil*". A grande estrela foi Picasso e poucos guardam na memória que a sua *Guernica* esteve em São Paulo. Um registro importante. Novamente a França levou o grande prêmio com Henri Laurens. Os brasileiros vencedores foram, Volpi, Di Cavalcanti, Bruno Giorgi, Arnald Pedroso d'Horta, Livio Abramo e Antonio Bandeira. Até o final da década teríamos ainda três Bienais, em 1955, 1957 e 1959, sempre marcadas por batalhas encarniçadas na imprensa e atitudes de protesto de críticos e artistas. Ninguém ficava indiferente e quem ganhava eram as artes plásticas, permanentemente agitadas pela comparação entre o novo e o antigo, a vanguarda e os clássicos. Sérgio Milliet continuou como curador até 1959, quando foi substituído por Lourival Gomes Machado, sendo que este passou o bastão para Mário Pedrosa em 1961. O destaque de 1959 foram os protestos violentos contra a representação portuguesa, selecionada a dedo pelos salazaristas, portanto, uma arte

[10] Idem, ibidem.

que não incomodava, trazia o timbre oficial. A grande atração dessa quinta Bienal foi a presença de 30 obras de Van Gogh. As Bienais passaram da juventude e atingiram a maturidade, cumprindo seu destino, sua tarefa: excitar a discussão, promover os debates, trazer as novidades, discutir a produção artística nacional e internacional. Hoje existem no mundo três mostras de vulto: a Bienal de Veneza, a Documenta de Kassel e a Bienal de São Paulo. E tudo começou naqueles anos em que a modorra e o provincianismo ainda dominavam a cidade. Talvez possamos dizer o país.

Uma literatura urbana que se ocupa da cidade

Enquanto professores e estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na Rua Maria Antônia, como Ruth Cardoso, Octavio Ianni e José Artur Gianotti costumavam freqüentar a Leiteria Americana na Rua Xavier de Toledo, também um dos pontos do ensaísta e crítico Lívio Xavier, havia escritores que preferiam as mesas do café existente nos fundos da Livraria Jaraguá na Rua Marconi. As livrarias eram pontos de encontro, ali se conversava, se discutia, se encontrava com editores. Tudo acontecia naquele pequeno quadrado do Centro da cidade limitado de um lado pelo Teatro Municipal e do outro pela Biblioteca Pública, cujos fundos davam para outro bar que era *point* (a palavra ainda não existia na época), o Paribar. Na Rua Barão de Itapetininga floresciam livrarias de porte. Uma delas era a Brasiliense, em cujo prédio estava também a editora fundada por Caio Prado e que editava o mais lido dos autores, Monteiro Lobato, falecido em 1948. Aliás, em 1952 foi fundada a Comissão da Semana Monteiro Lobato, que lutou e conseguiu o tombamento da chácara do Visconde de Tremembé, em Taubaté, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Arquivo Nacional. Outras livrarias bem freqüentadas e procuradas eram a italiana e a francesa, pontes que garantiam o intercâmbio com a Europa.

Na década de 1950 e princípios da de 1960, ainda pontificavam autores que, vindos da Geração de 30, continuavam ativos, como José Geraldo Vieira que, depois de *A mulher que fugiu de Sodoma* e de *A quadragésima porta*, publicou em 1952 O albatroz. Romances intimistas, distantes do regionalismo vigente. A mulher de Vieira, Maria de Lourdes Teixeira, ensaísta, editora de suplementos literários como Letras e Artes e primeira mulher aceita na Academia Paulista de Letras, começou com um romance de 1950, *O banco de três lugares*, seguido por uma biografia de Graça Aranha — um dos pais do modernismo —, passando por *Raiz amarga*, de 1960, para culminar com *Rua Augusta* em 1962, dentro de uma linha de literatura urbana paulistana em que a cidade era personagem. Lygia Fagundes Telles, que tinha despontado no final dos anos de 1930 com os contos de *Porões e sobrados* e depois *Praia viva* em 1944, publicaria seu primeiro romance *Ciranda de pedra* em 1955, ao qual seguiria *Histórias do desencontro* em 1958. As décadas de 1950 e 1960 serviram para alicerçar uma das mais sólidas e brilhantes carreiras literárias do Brasil, referencial constante quando se fala de estilo e modernidade.

Outros escritores começam a mostrar obras que evoluiriam ao longo do tempo, atingindo a atualidade: Mário Donato, cujo romance *Presença de Anita*, lançado nos estertores dos anos 1940, repercutiria intensamente nos anos seguintes provocando polêmicas intensas em torno de moral e sexualidade. Até se tornar minissérie da TV Globo, recentemente. Mário prosseguiu com *Galatéia e o fantasma*, de 1951, *Madrugada sem Deus*, de 1954, *A parábola das 4 cruzes*, de 1959, entrando na década de 1960 com *O Tiracera*, de 1962. O irmão de Mário, Edmundo, preferiu usar um pseudônimo, Marcos Rey, para fazer carreira sem estar à sombra dos Donatos (o outro é Hernani). Rey começou com *Um gato no triângulo*, em 1953, e só voltou a publicar sete anos depois. *Café na cama* foi o romance *best-seller* de 1960, vindo então *Entre sem bater*, em 1961. Fiel ao urbanismo, os personagens de Marcos Rey transitam por uma São Paulo esmiuçada em todos os aspectos do seu cotidiano, desde o mundo dos moradores da periferia aos bordéis, prostitutas, cafetinas, malandros, desocupados, policiais, comerciários e funcionários públicos. Ele passou pela televisão, sendo considerado até hoje o melhor adaptador de Monteiro Lobato na longa série *O Sítio do Pica-pau Amarelo*. Quanto a Hernani Donato, chefe do setor de propaganda da Comissão do 4º Centenário da Cidade, incursionou pela literatura infanto-juvenil, mas deixou marcas mais profunda com dois romances de alta intensidade, *Chão bruto*, de 1956, e *Selva trágica*, de 1959. Autor prolífico, lançou ainda biografias e dezenas ensaios.

Duas irmãs, Dinah Silveira de Queirós e Helena Silveira, filhas de um eminente homem público, Alarico Silveira, autor de uma Enciclopédia Brasileira, fizeram carreiras separadas e em rumos diferentes. Dinah, casada com um diplomata, viajou mundo, mas suas duas obras maiores estão com os pés fincados em São Paulo: *Floradas na serra*, um grande sucesso, resgatou o mundo dos tuberculosos isolados em Campos do Jordão, assunto tabu e que, adaptado ao cinema, foi um dos últimos filmes produzidos pela Vera Cruz. O outro — entre muitos — foi *A muralha*, transformado em minissérie pela Globo. Helena Silveira teve carreira variada e agitada, passou pelo teatro (*No fundo do poço*, 1950 e *A torre*, 1952), pelos contos (*Mulheres, freqüentemente*, 1954) e chegou à crônica com *Damasco* e *Outros caminhos*, 1957. Helena fez, primeiro, a crônica tradicional como um recorte da realidade e viagens, mas acabou seduzida por um novo veículo, a televisão. Foi uma das primeiras colunistas de TV do Brasil. Era ácida, sarcástica, irritada com a mediocridade reinante. Suas colunas servem hoje de referencial para uma história da televisão no Brasil. O ambiente da prosa, em meio a um mundo que se agitava e se modificava (rock, *beatniks*, industrialização acelerada do país) no fundo revelou-se calmo e sem grandes revoluções. Essa década foi marcada também pela morte de um dos criadores mais inquietos e provocadores de nossa vida intelectual, Oswald de Andrade, falecido em 1954.

Um movimento na contracorrente

Foi a poesia quem emitiu a nota mais questionadora com o movimento concretista que até hoje é debatido, reconhecido, rejeitado. Sua influência chegou até a música popular brasileira nos anos 1970 e 1980 com Caetano, Gil, e mais recentemente Arnaldo Antunes. Se havia de um lado o "príncipe dos poetas", Guilherme de Almeida, ainda publicando (*O anjo de sal* é de 1951), mas atacado como o "poeta oficial"; se havia uma "instituição" como o poeta e teatrólogo Menotti Del Picchia, um dos mentores da Semana de 1922, mas que na altura dos anos 1950 estava calado e sem produção; se havia Pericles Eugênio da Silva Ramos, tradutor de Shakespeare e poeta (*Sol sem tempo*, 1953); se havia Mário da Silva Brito, poeta e historiador do modernismo com *Antecedentes da Semana de Arte Moderna*, 1958; se havia um conjunto de poetas mais acadêmicos, do outro lado surgiram criadores que pretendiam ser tsunamis: Décio Pignatari, Haroldo de Campos e seu irmão Augusto propuseram uma revolução radical na poesia, negando velhas formas e trazendo conceitos inesperados, negando inteiramente a famosa Geração de 45. O movimento explodiu em 1956 no Museu de Arte Moderna de São Paulo, quando foram apresentados poemas-manifestos, quadros e esculturas concretistas. Era uma poesia visual, gráfica, feita por jogos de formas e símbolos, que os detratores chamavam de "fazer palavras cruzadas". Por outro lado, e opondo-se ferozmente aos concretistas, nasceu o movimento Práxis, com uma revista própria, liderado por Mário Chamie, que seduziu inclusive Cassiano Ricardo, consagrado de outras gerações. As vanguardas explodiam e encantavam pelo novo, pela ousadia, pelo arrojo de propostas que desmontavam o tradicional e o estabelecido. Outro momento foi o do Poema Processo, que se dedicou à criação de formas visuais, abandonando o

experimentalismo lingüístico. Essa rebeldia conduzia, de alguma maneira, para autores que no início dos anos 1960 romperiam barreiras com um discurso que propunha o caos, exposto em dois livros: *Deus da chuva e da morte*, 1962, e *Kaos*, 1963. O que Jorge Mautner buscava com esses dois romances se cristalizou na música que ele faz até hoje, inconformista, anarquista, irônica. Essa vertente atingiria mais à frente Paulo Leminski, sua poesia e seu romance *Catatau*.

Foi uma década em que intelectuais do porte de Antonio Candido e Gilda de Mello Souza estavam em pleno vigor, formando as gerações futuras como Davi Arriguci e Roberto Schwarz. Tempo em que o Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo* (comandado por Lívio Xavier — uma figura cuja atuação abrangente ainda precisa ser avaliada como merece — e mais tarde por Nilo Scalzo) floresceu, em que ensaístas como Wilson Martins e Sérgio Milliet, polivalente, estabeleciam os parâmetros da nova crítica. E a crônica, nos moldes de Rubem Braga, não encontrou muito campo em São Paulo, ainda que Luiz Martins tenha inventado a minicrônica diária no *Estadão*, Helena Silveira tenha passado pelo gênero na *Folha* e Lourenço Diaféria tenha dados os primeiros passos, que seriam consolidados nos anos 1960, transformando-o no grande cronista do dia-a-dia paulistano.

Uma geração que leu muito

Na Biblioteca Municipal reuniam-se não apenas os estudantes para fazer pesquisas, mas também parte da intelectualidade. As conversas se davam em salas reservadas ou em torno da estátua do saguão, ou ainda na escadaria de entrada ou nas escadarias que davam acesso a andares superiores. Era uma turma de "viciados" em livro e discussões, mais conhecida como a "turma da biblioteca". O sistema de ensino era rígido, dividido em primeiro grau, ginásio e pré-universitário (clássico, para quem ia fazer Humanas, e científico para quem ia fazer Exatas). Ginásio e pré-universitário tinham cerca de 13 cursos que incluíam de matemática a física, química, filosofia, lógica, história do Brasil e geral, canto orfeônico, latim, espanhol, francês, inglês, trabalhos manuais (sim senhor!). Equivalia a uma universidade hoje, pois na realidade preparava. Não existia recuperação. Se alguém não obtinha média, poderia fazer exame de segunda época. Reprovava-se sem contemplação, era o ensino público, não uma indústria. Talvez tenha sido uma geração que leu muito, das que mais leu.

Livros mais baratos chegavam ao público por meio de duas instituições fortes: o Clube do Livro, fundado por Mário Graciotti, que criou um sistema de reembolso postal eficiente para a entrega de volumes de tamanho único. Eram acessíveis para todos os bolsos, mas descobriu-se mais tarde, quando Graciotti já tinha morrido, que havia um problema. Os livros eram não só reduzidos a um formato standard, como muito mal traduzidos e, pior, sofriam ainda uma censura moral e política, denunciou John Milton em *O Clube do Livro e a tradução.*[11] De qualquer maneira, ajudaram a formar leitores. Outra iniciativa barata era a Biblioteca Saraiva, livros de melhor feitio, capas coloridas e uma boa seleção de títulos que davam primazia aos brasileiros.

Não se pode deixar de lado, um aspecto da cultura popular representado pela edição dos almanaques. Desde aqueles que se dirigiam a um segmento religioso, como os *Ecos Marianos*, publicados pelos padres Redentoristas em Aparecida do Norte, que traziam todo tipo de informação, das fases da lua às biografias de santos, ficção, poesia, conselhos de saúde, até — e principalmente — os que eram distribuídos em farmácias e amplamente procurados no final do ano. Eram tradicionais os almanaques Fontoura (do Biotônico, responsável pela divulgação de *O Jeca-Tatú,* obra de Monteiro Lobato), *A Saúde da Mulher*, *Capivarol*, o da Farmácia Catedral, o *Renascim*, o *Elixir Brasil*, *Xarope São João*, o *Bayer*. Eles traziam receitas, adivinhações, palavras cruzadas, conselhos domésticos, dicas para plantio, charadas, minicontos, trovas, horóscopos. Final de ano sem almanaque era impossível admitir. De formato pequeno, cerca de 14 x 19 centímetros, um máximo de 35 páginas, eram editados em centenas de milhares e chegavam a todos os cantos do Brasil.

Então, tudo começa a mudar

A década de 1950 se mostrou o período em que o país começou a sofrer o assédio da cultura norte-americana, deixando de lado a inspiração francesa que tinha moldado a cabeça da intelectualidade. Lembrar que a USP nasceu com um formato europeu. Chegava a era da Coca-Cola, do chiclete, do hot-dog, emergia um vocabulário que abusava do *ok boy*, *camam*, *all right*, liam-se autores como Ernest Hemingway, Louis Bromfield, Pearl Buck, John dos Passos, Raymond Chandler e Dashiell Hammett (que chegavam pela Coleção Amarela da Editora Globo de Porto Alegre), William Faulkner, Dorothy Parker. Havia em todas as telas o cinema americano de Billy Wilder, Henry Hathaway, Robert Siodmak, Joseph Manckiewicz, Jules Dassin. A música americana de cantores como Frank Sinatra, Nat King Cole, Frankie Laine, Paul Anka, Pat Boone, Ella Fitzgerald, Lena Horne, Eartha Kitt e a das grandes orquestras, como Glenn Miller e Harry James, seguia paralela à invasão estridente e contestatória do rock'n'roll. A moda era mais livre, chegaram as camisas esporte, o jeans, o tênis, as camisetas (antes só usadas em eventos esportivos).

Ao mesmo tempo, a cidade se modificava velozmente, edifícios e mais edifícios sendo erguidos, a indústria automobilística dando partida (um carrinho, o Romi Isetta, inteiramente fabricado no Brasil, em Santa Bárbara d'Oeste era tremendamente popular), o trânsito cada vez mais congestionado, os primeiros *self-services* começando a aparecer, as lojas de departamentos se multiplicando, os primeiros supermercados demolindo o sistema de quitandas, empórios e cadernetas. Grandes mudanças viriam a seguir na cultura, na política, nos usos e costumes, no comportamento. Um novo Brasil mostrava a sua cara.

BIBLIOGRAFIA

BORELLI, Hélvio. **Noites paulistanas**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2005.

BRANCO, Frederico. **Postais paulistas**. São Paulo: Maltese, 1993.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CAVALCANTI DE PAIVA, Salvyano. **Viva o rebolado**. Vida e morte do teatro de Revista brasileiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

ESQUENAZI, Rose. **No túnel do tempo**. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1993.

FAOUR, Rodrigo. **Revista do rádio**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Secretaria das Culturas / Rio Arte, 2002.

GAMA, Lúcia Helena. **Nos bares da vida**. Produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950. São Paulo: Senac, 1998.

LESSA MATTOS, David José. **O espetáculo da cultura paulista**. Teatro e TV em São Paulo, 1940-1950. São Paulo: Codex, 2002.

MAGALDI, Sábato ; VARGAS, Maria Thereza. **Cem anos de teatro em São Paulo**. São Paulo: Senac, 2000.

MARTINELLI, Sérgio (Organizador). **Vera Cruz**. Imagens e história do cinema brasileiro. São Paulo: @ Books, 2002.

MENDES CATANI, Afrânio. **A sombra da outra**. A cinematográfica Maristela e o cinema industrial paulista nos anos 50. São Paulo: Panorama do Saber, 2002.

MEYER, Marlyse. **Do Almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê/Memorial/Secretaria de Cultura do Estado, 2001.

MILTON, John. **O Clube do Livro e a tradução**. Bauru: Edusc, 2002.

SIMÕES, Inimá. **Salas de cinema em São Paulo**. São Paulo: Secretarias Municipal e Estadual de Cultura, 1990.

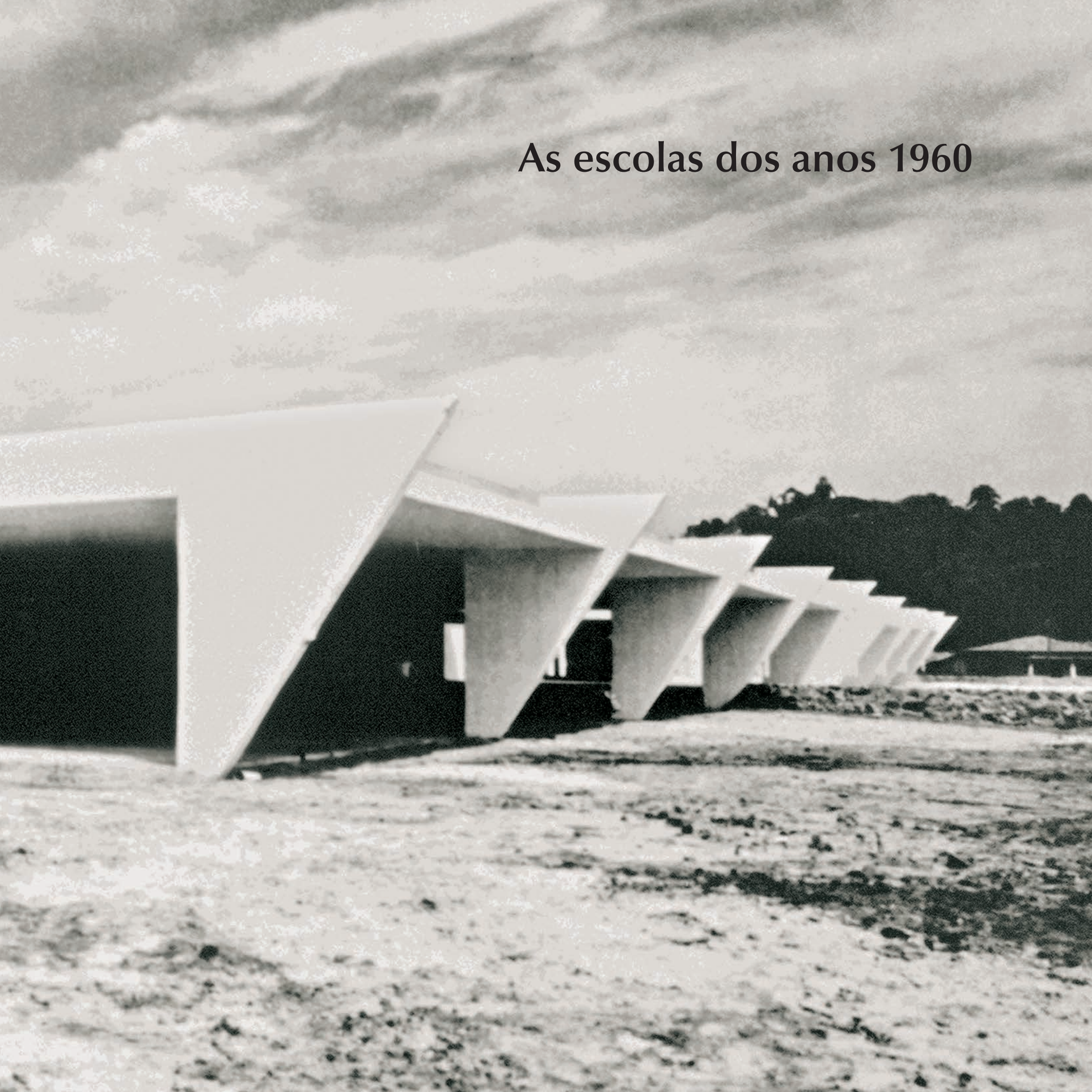
REBOLO GONÇALVES, Lisbeth. **Sérgio Milliet, 100 anos**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2005.

TOSTA DIAS, Márcia. **Os donos da voz**. São Paulo: Indústria Fonográfica e Mundialização da Cultura / Boitempo, 2000.

VENEZIANO, Neyde. **Não adianta chorar**. Teatro brasileiro... Oba!. Campinas: Unicamp, 1996.

[11] MILTON, John. **O Clube do Livro e a tradução**. Bauru: Edusc, 2002.

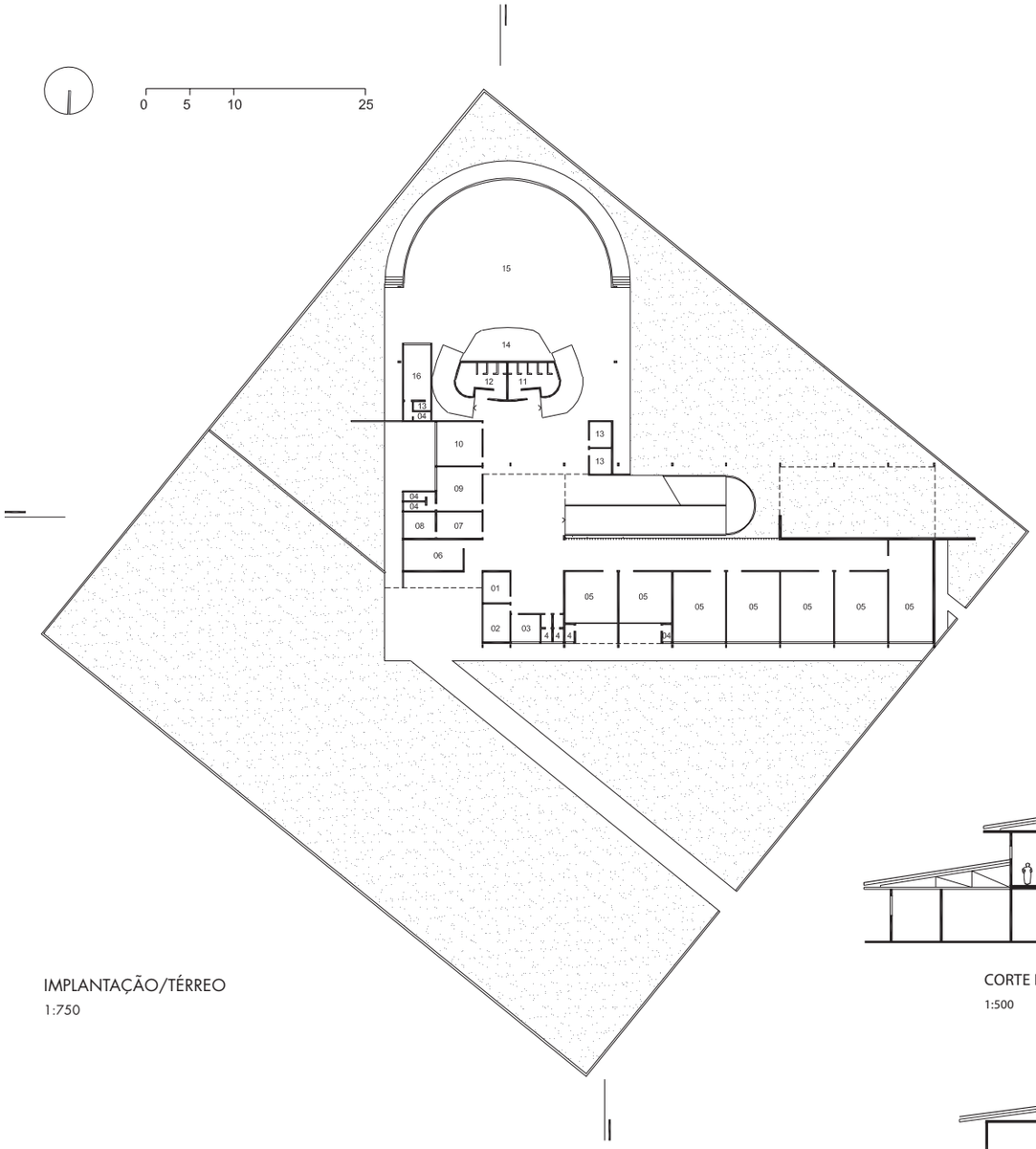
As escolas dos anos 1960



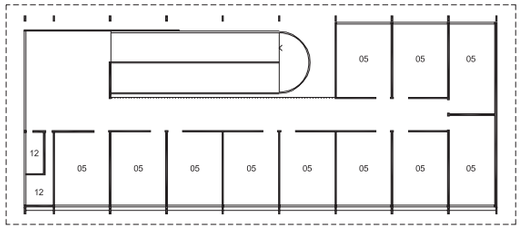
OBRAS DO IPESP

EE Alfredo Marcondes Cabral

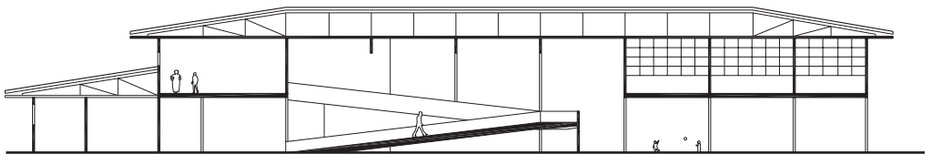
Abelardo de Souza | 1960 | Presidente Venceslau, Centro | Rua Anita Garibaldi, 572



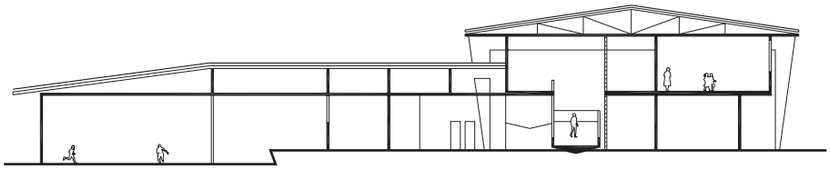
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



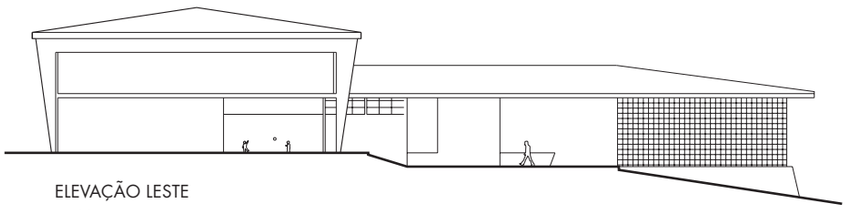
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



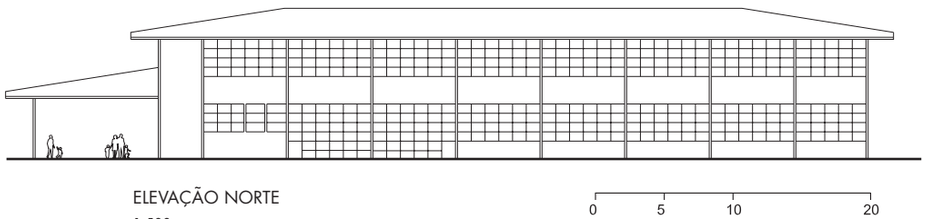
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



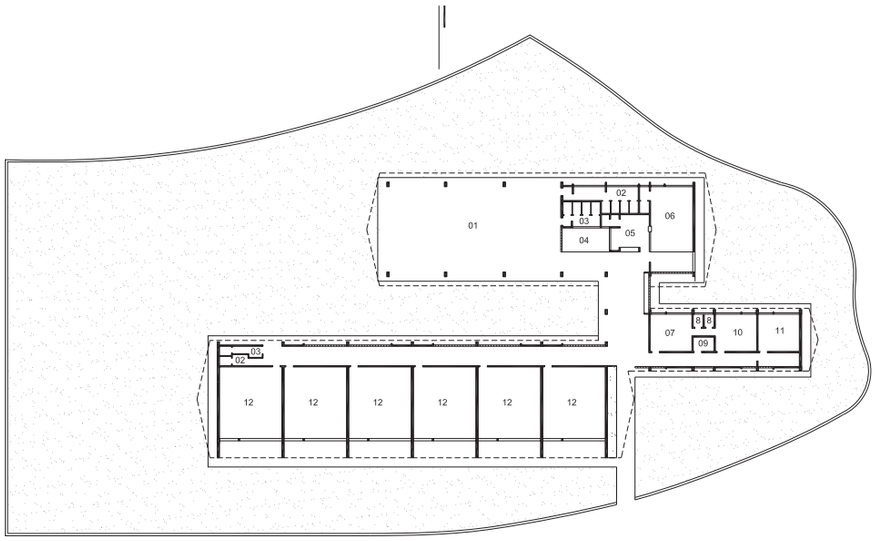
ELEVAÇÃO LESTE
1:500



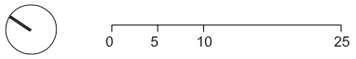
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EE Ângelo Franzin

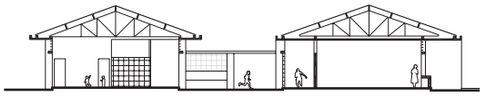
Abelardo de Souza | 1961 | Águas de São Pedro, Centro | Avenida Presidente John Fitzgerald Kennedy, s/nº

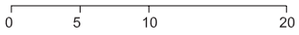


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

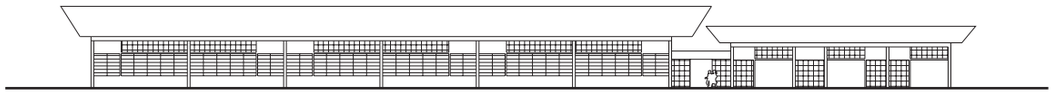


01. RECREIO COBERTO
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. PÁTIO DESCOBERTO
05. COZINHA
06. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
07. DIRETORIA
08. SANITÁRIO
09. DEPÓSITO
10. BIBLIOTECA/SALA DOS PROFESSORES
11. SECRETARIA
12. SALA DE AULA





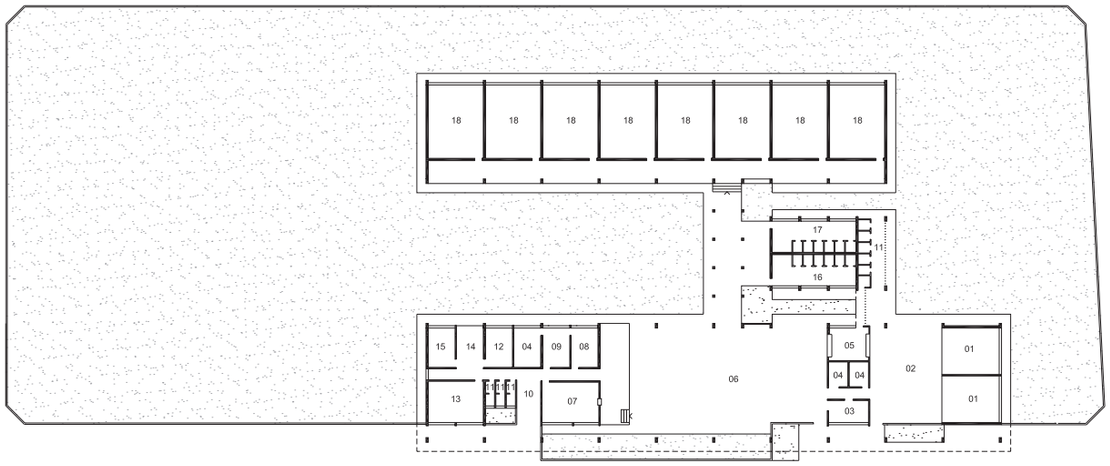
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

EE Doutor Morato de Oliveira

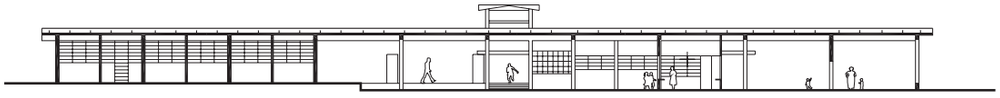
Abelardo de Souza | 1961 | Suzano, Vila Amorim | Rua Amelia Guerra, 550



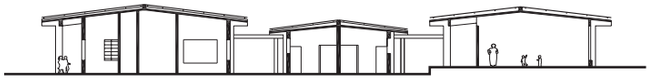
01. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
02. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
03. COZINHA
04. DEPÓSITO
05. CANTINA
06. RECREIO COBERTO
07. SECRETARIA
08. DIRETORIA
09. AUXILIAR DA DIRETORIA
10. ENTRADA
11. SANITÁRIO
12. DENTISTA
13. BIBLIOTECA
14. ESPERA
15. SALA DOS PROFESSORES
16. SANITÁRIO FEMININO
17. SANITÁRIO MASCULINO
18. SALA DE AULA

0 5 10 25

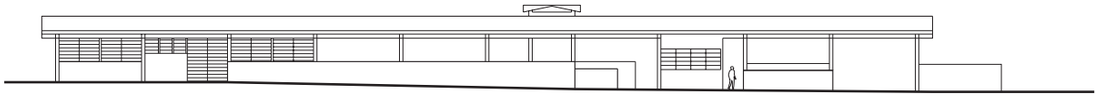
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



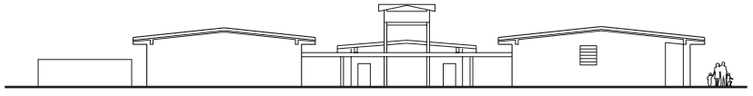
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORTE
1:500

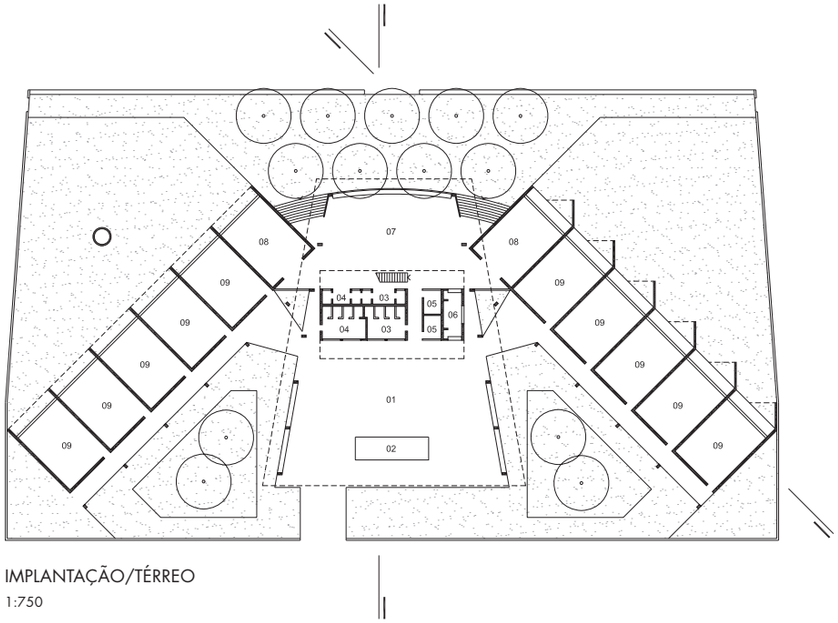


0 5 10 20

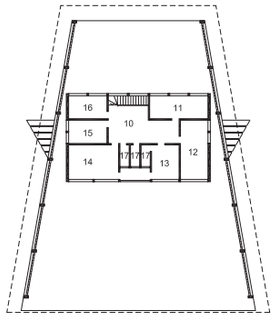
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

EE Joaquim Rodrigues Madureira

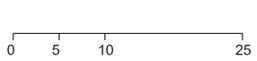
Abelardo de Souza | 1962 | obra construída com outro projeto | Bauru, Vista Alegre | Praça das Orquídeas, 1-6



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



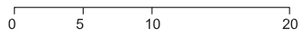
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

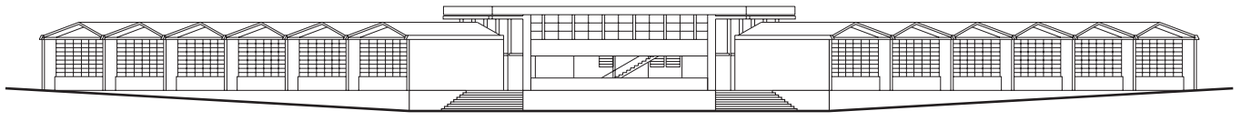


01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. DEPÓSITO
06. COZINHA
07. RECREIO PRÉ-PRIMÁRIO
08. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. SALA DE AULA
10. HALL DE ENTRADA
11. SECRETARIA
12. SALA DOS PROFESSORES
13. DIRETORIA
14. BIBLIOTECA
15. EDUCADOR SANITÁRIO
16. DENTISTA
17. SANITÁRIO

CORTE LONGITUDINAL
1:500

CORTE TRANSVERSAL
1:500

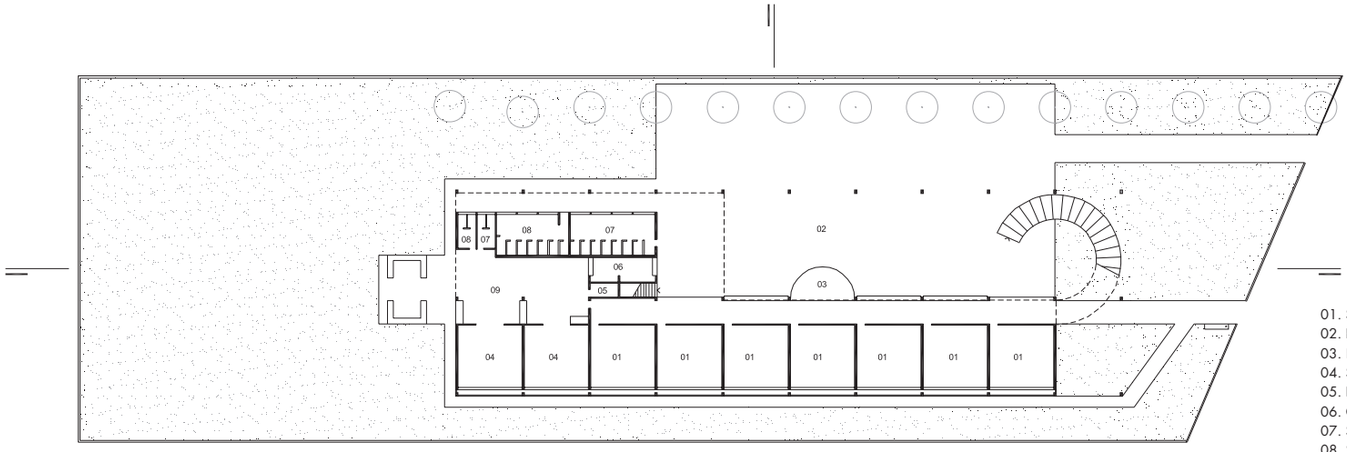




ELEVAÇÃO SUL
1:500

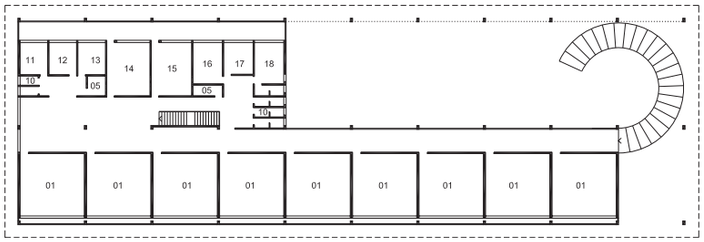
EMEB Pedro de Oliveira

Abelardo de Souza | 1962 | Jundiaí, Vila Joana | Rua Dino, 151

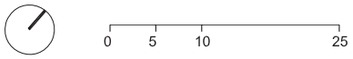


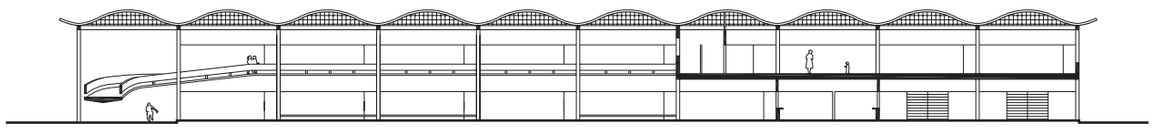
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. SALA DE AULA
02. RECREIO COBERTO
03. PALCO
04. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
05. DEPÓSITO
06. COZINHA
07. SANITÁRIO FEMININO
08. SANITÁIO MASCULINO
09. RECREIO PRÉ-PRIMÁRIO
10. SANITÁRIO
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. MÉDICO
13. DENTISTA
14. BIBLIOTECA
15. SALA DOS PROFESSORES
16. SECRETARIA
17. ARQUIVOS
18. DIRETORIA

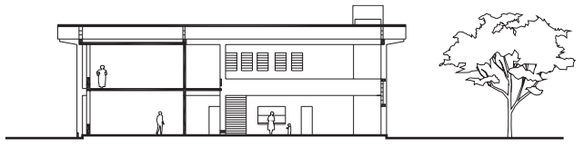


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

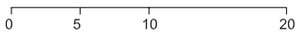


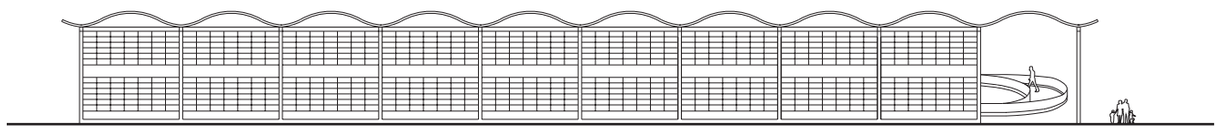


CORTE LONGITUDINAL
1:500

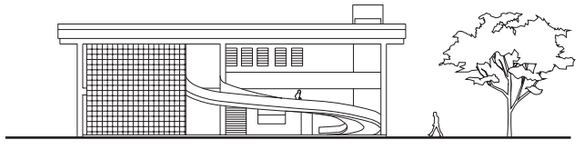


CORTE TRANSVERSAL
1:500





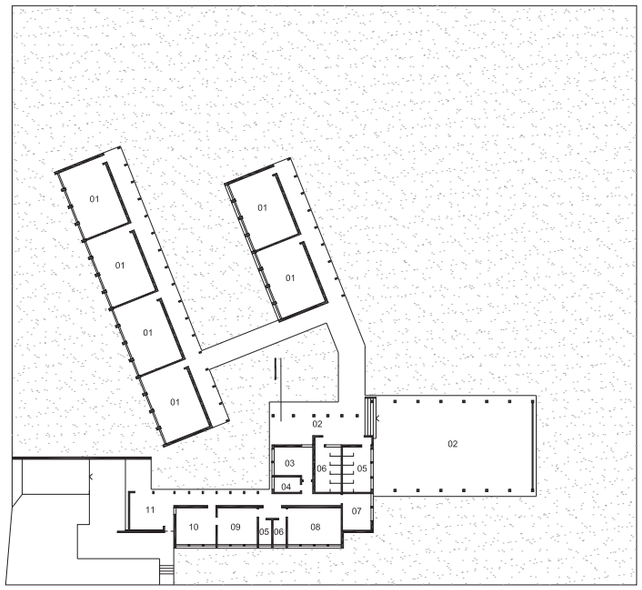
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

EMEF Ermínio Firmino Pollon

Abelardo Gomes de Abreu | 1959 | Lucélia, União | Estrada Vicinal Pascoal M. Lentini, s/nº

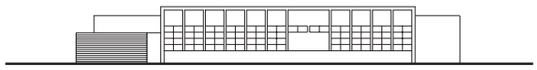


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

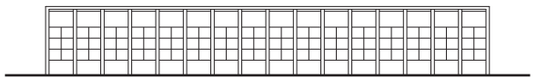
01. SALA DE AULA
02. RECREIO COBERTO
03. COZINHA
04. DESPENSA
05. SANITÁRIO FEMININO
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. CONSULTÓRIO
08. SALA DOS PROFESSORES
09. DIRETORIA
10. SECRETARIA
11. ÁREA COBERTA

0 5 10 25

CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

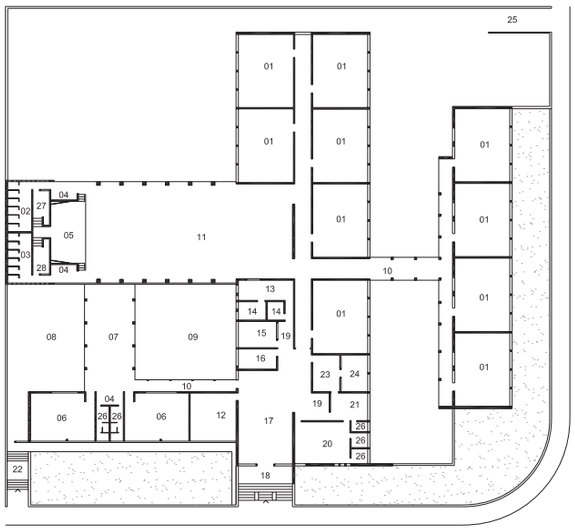


ELEVAÇÃO SUL
1:500

0 5 10 20

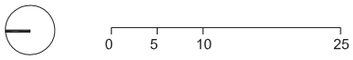
EE Professor Nestor Martins Lino

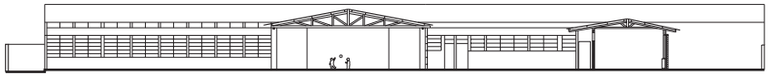
Abelardo Gomes de Abreu | 1960 | Limeira, Vila Camargo | Avenida São Sebastião, 1101



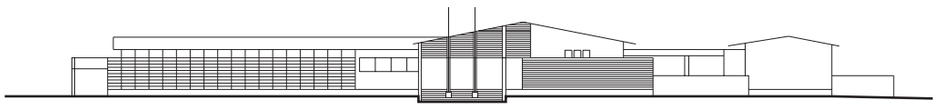
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. BEBEDOURO
05. PALCO
06. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
07. ÁREA COBERTA
08. JARDIM DA INFÂNCIA
09. PÁTIO DESCOBERTO
10. PASSAGEM
11. RECREIO COBERTO
12. BIBLIOTECA
13. COZINHA
14. DEPÓSITO
15. CONSULTÓRIO
16. EDUCADOR SANITÁRIO
17. RECEPÇÃO
18. ENTRADA PRINCIPAL
19. ESPERA
20. SALA DOS PROFESSORES
21. DIRETORIA
22. ENTRADA PRÉ-PRIMÁRIO
23. SECRETARIA
24. ARQUIVO
25. ENTRADA SECUNDÁRIA
26. SANITÁRIO
27. VESTIÁRIO MASCULINO
28. VESTIÁRIO FEMININO

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

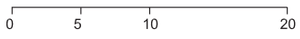




CORTE TRANSVERSAL
1:500

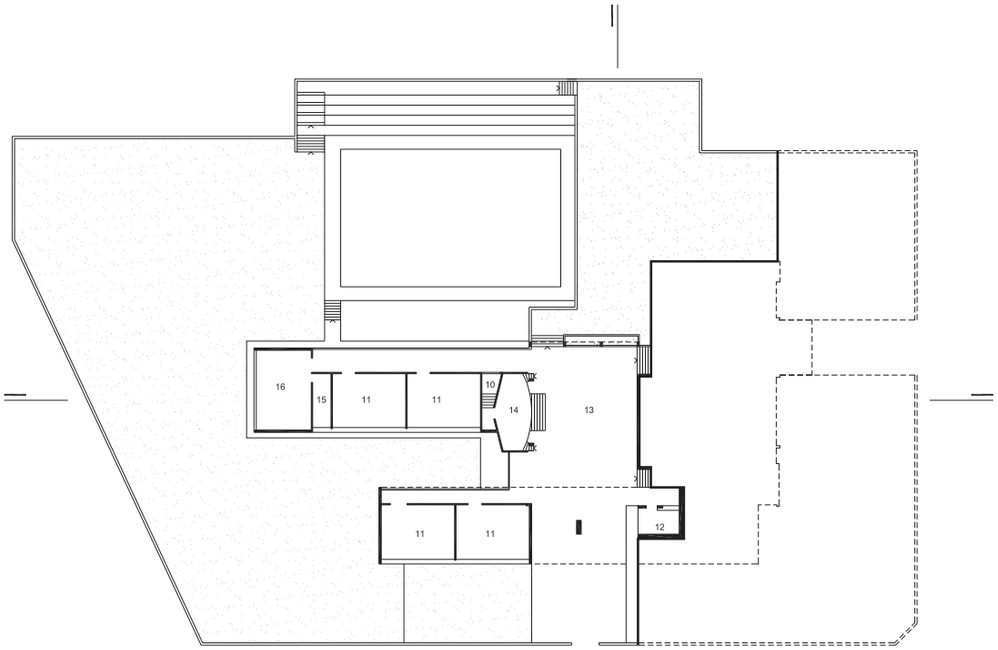


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

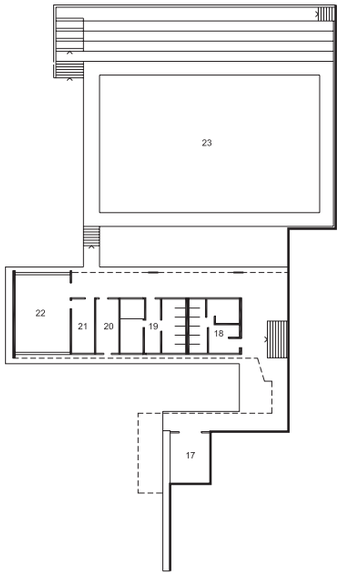


EE Monsenhor Jeronymo Gallo

Abelardo Gomes de Abreu | 1961 | obra construída com outro projeto | Piracicaba, Vila Rezende | Avenida Barão de Valença, 518



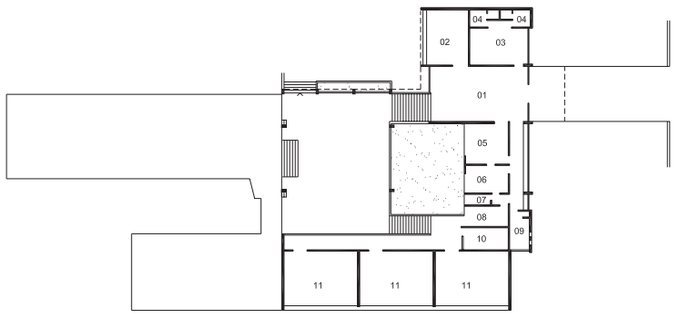
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



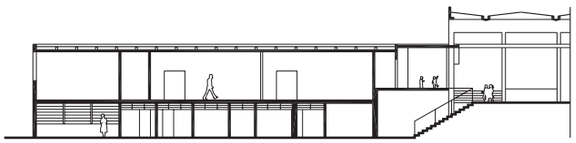
PAVIMENTO INFERIOR
1:750

0 5 10 25

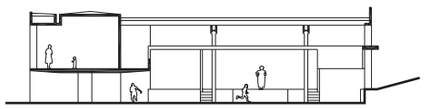
01. HALL-MUSEU
02. BIBLIOTECA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. SANITÁRIO
05. SECRETARIA
06. DIRETORIA
07. LAVABO
08. DENTISTA
09. EDUCADOR
10. VESTIÁRIO
11. SALA DE AULA
12. CANTINA
13. RECREIO COBERTO
14. PALCO
15. SALA DE APARELHOS
16. LABORATÓRIO
17. GRÊMIO
18. VESTIÁRIO FEMININO
19. VESTIÁRIO MASCULINO
20. EXAME BIOMÉTRICO
21. ALMOXARIFADO
22. TRABALHOS MANUAIS
23. QUADRA POLIESPORTIVA



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



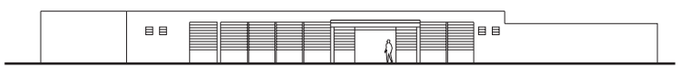
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

0 5 10 20

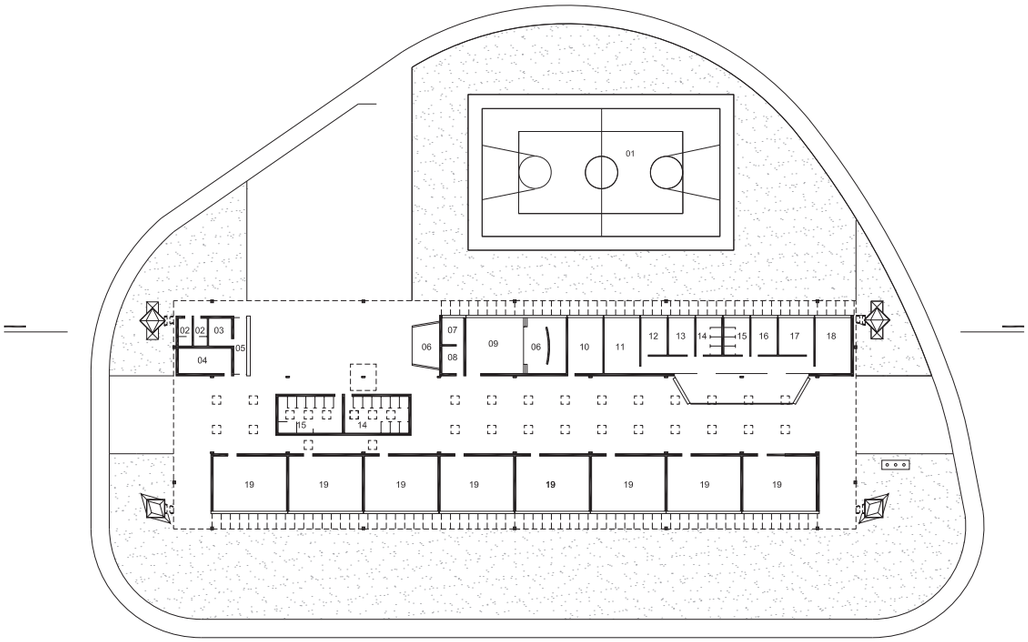
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500



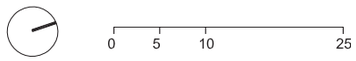
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

EE Dona Luiza Macuco

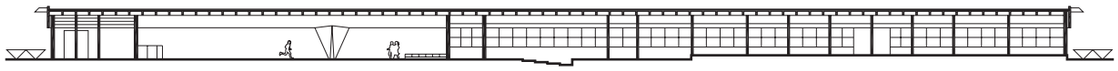
Abrahão Sanovicz | 1962 | Santos, Ponta da Praia | Avenida Aristóteles de Menezes, s/nº



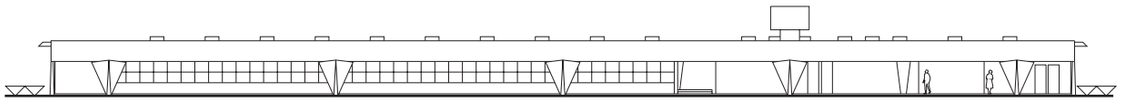
01. QUADRA POLIESPORTIVA
02. SANITÁRIO
03. COPA/COZINHA
04. GRÊMIO
05. CANTINA
06. PALCO
07. DEPÓSITO
08. EXAME BIOMÉTRICO
09. ANFITEATRO
10. BIBLIOTECA
11. SALA DOS PROFESSORES
12. ORIENTADOR
13. DENTISTA
14. SANITÁRIO FEMININO
15. SANITÁRIO MASCULINO
16. ALMOXARIFADO
17. DIRETORIA
18. SECRETARIA
19. SALA DE AULA

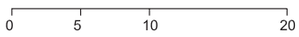


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500

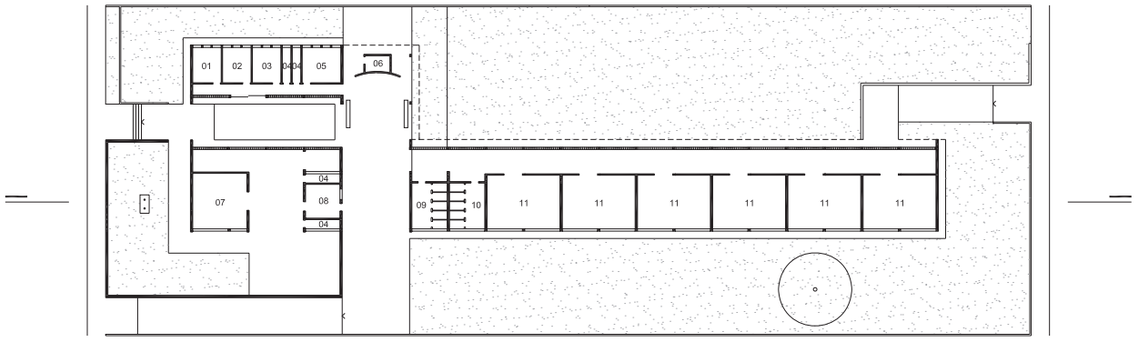




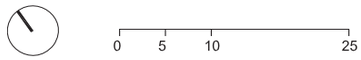
ELEVAÇÃO OESTE
1:500

EE Saturnino Antônio Rosa/EMEF Miguel Padula

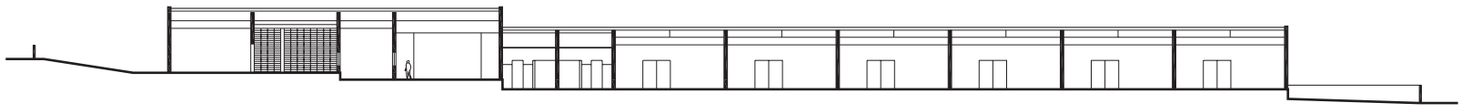
Abrahão Sanovicz e Julio Roberto Katinsky | 1961 | Embaúba | Avenida São Sebastião, 157



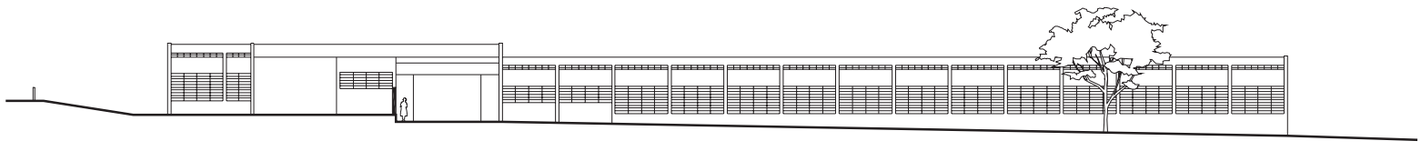
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



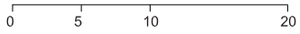
01. DENTISTA
02. SECRETARIA
03. DIRETORIA
04. SANITÁRIO
05. SALA DOS PROFESSORES
06. DEPÓSITO
07. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
08. COZINHA
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. SANITÁRIO FEMININO
11. SALA DE AULA



CORTE LONGITUDINAL
1:500

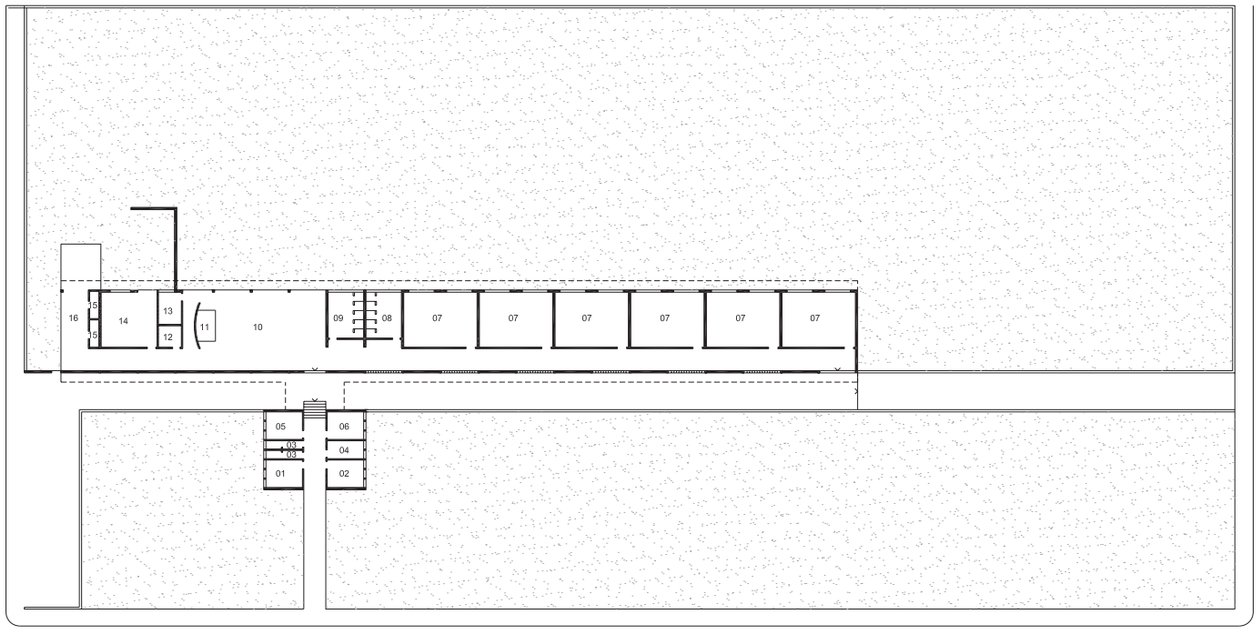


ELEVAÇÃO SUL
1:500



EE Professor Yukie Takemoto Scafi

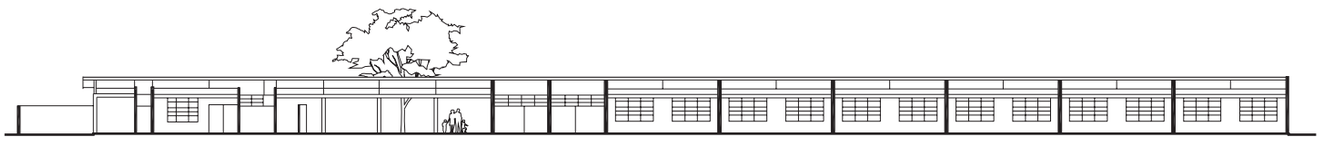
Abrahão Sanovicz e Julio Roberto Katinsky | 1960 | Flórida Paulista, Atlântida | Rua dos Expedicionários, s/nº



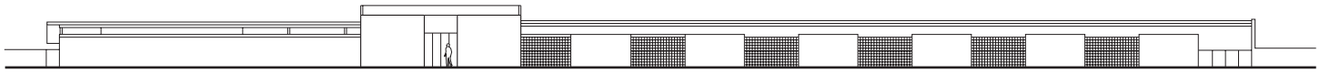
0 5 10 25

01. SECRETARIA
02. SALA DOS PROFESSORES
03. SANITÁRIO
04. MATERIAL DIDÁTICO
05. DIRETORIA
06. DENTISTA
07. SALA DE AULA
08. SANITÁRIO FEMININO
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. RECREIO COBERTO
11. PALCO
12. DEPÓSITO
13. COZINHA
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. SANITÁRIO
16. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO

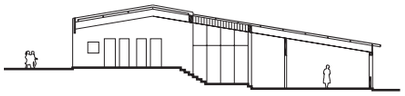
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

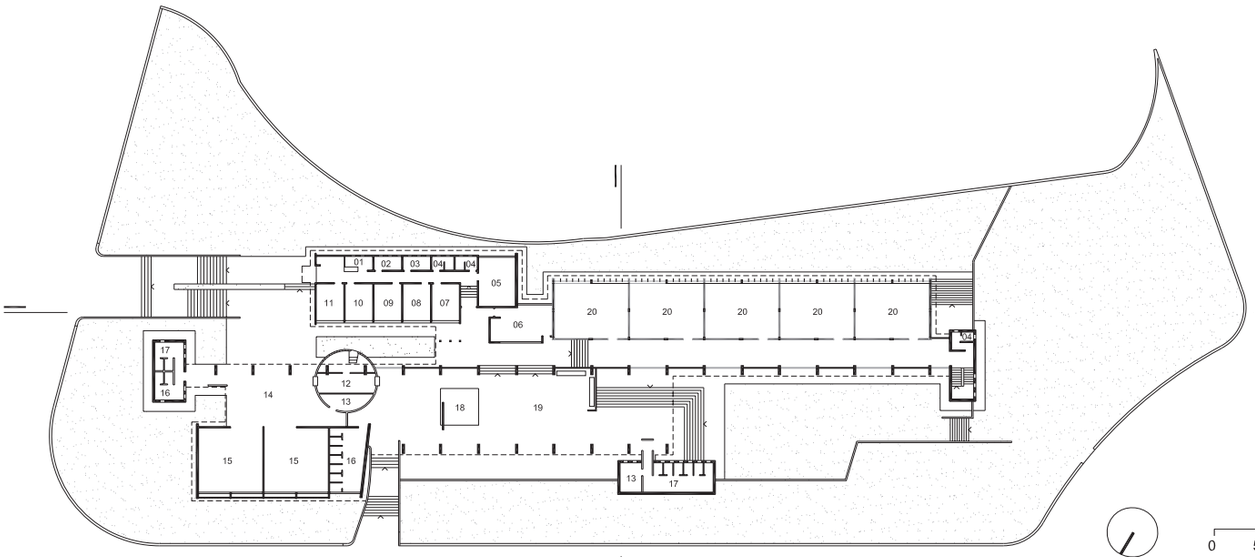


0 5 10 20

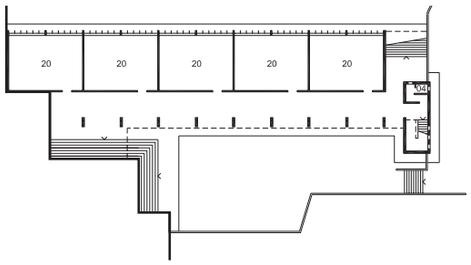
CORTE TRANSVERSAL
1:500

EE Professor Milton de Tolosa

Adolpho Rúbio Morales | 1961 | Campinas, Jardim Leonor | Rua Mto Salvador B. de Oliveira, 84

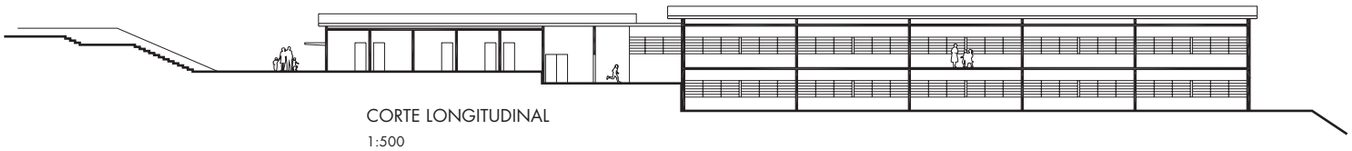


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

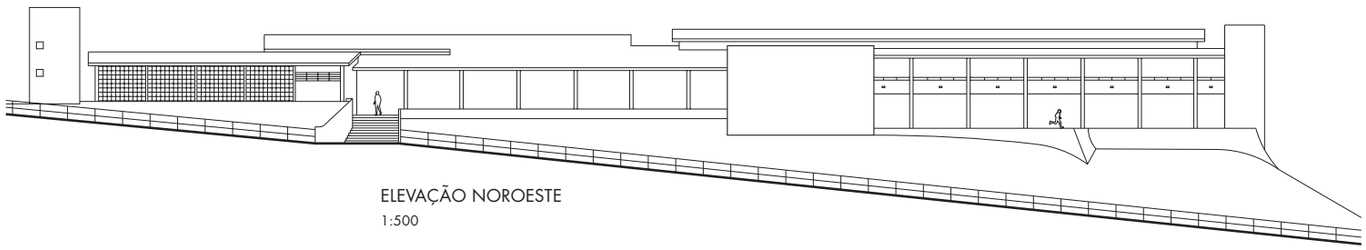


PAVIMENTO INFERIOR
1:750

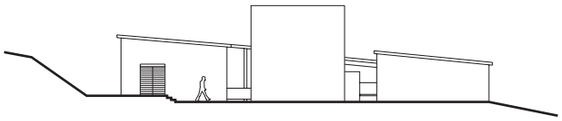
01. PORTARIA
02. MATERIAL DE LIMPEZA
03. MATERIAL DIDÁTICO
04. SANITÁRIO
05. SALA DOS PROFESSORES
06. BIBLIOTECA
07. AUXILIAR DA DIRETORIA
08. DIRETORIA
09. ARQUIVO/SECRETARIA
10. DENTISTA
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. COZINHA
13. DEPÓSITO
14. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
15. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
16. SANITÁRIO FEMININO
17. SANITÁRIO MASCULINO
18. PALCO
19. RECREIO COBERTO
20. SALA DE AULA



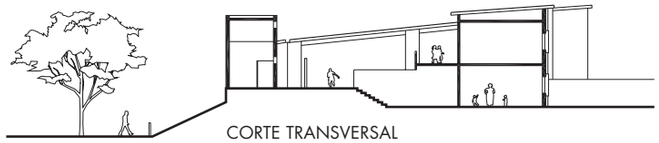
CORTE LONGITUDINAL
1:500



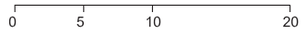
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

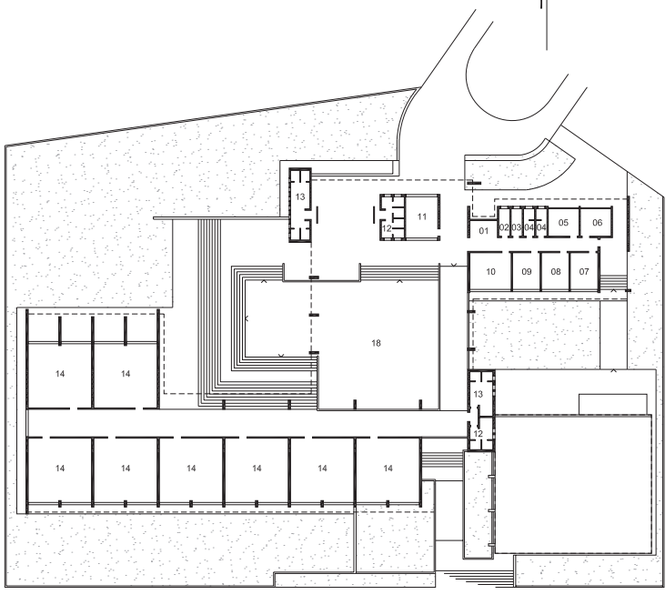


CORTE TRANSVERSAL
1:500

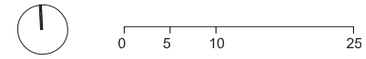


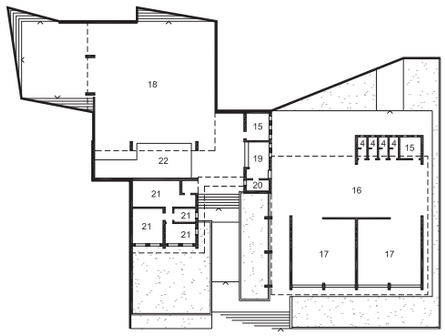
EE Professora Amália Pimentel

Adolpho Rubio Morales | 1961 | Franca, Jardim Francano | Rua Voluntário Mário Mazini, 1220



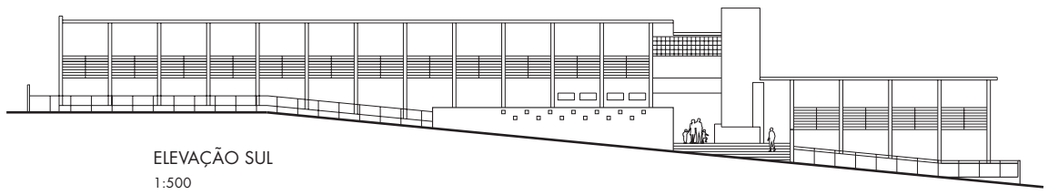
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



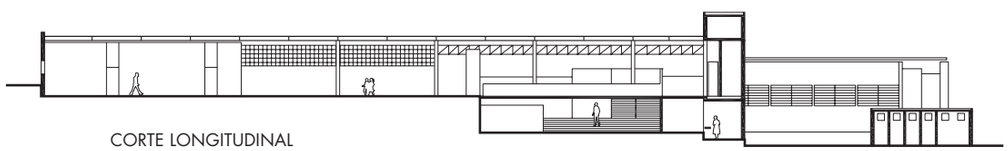


PAVIMENTO INFERIOR
1:750

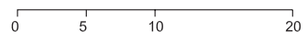
01. PORTARIA
02. MATERIAL LIMPEZA
03. MATERIAL DIDÁTICO
04. SANITÁRIO
05. EDUCADOR SANITÁRIO
06. DENTISTA
07. DIRETORIA
08. ARQUIVO/SECRETARIA
09. AUXILIAR DA DIRETORIA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. BIBLIOTECA
12. SANITÁRIO FEMININO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. SALA DE AULA
15. DEPÓSITO
16. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. RECREIO COBERTO
19. COZINHA
20. DESPENSA
21. ZELADORIA
22. PALCO

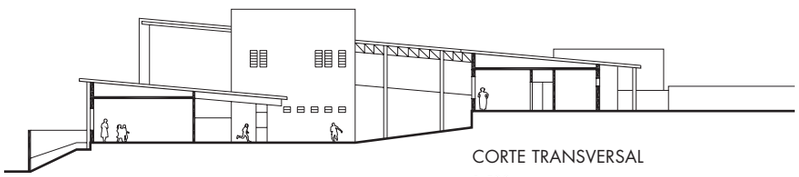


ELEVAÇÃO SUL
1:500

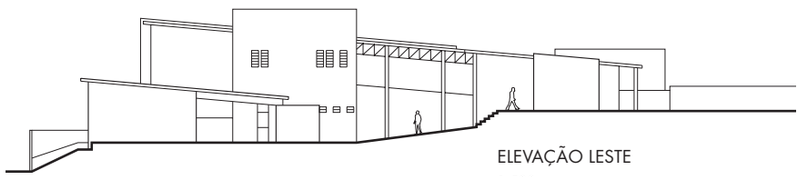


CORTE LONGITUDINAL
1:500





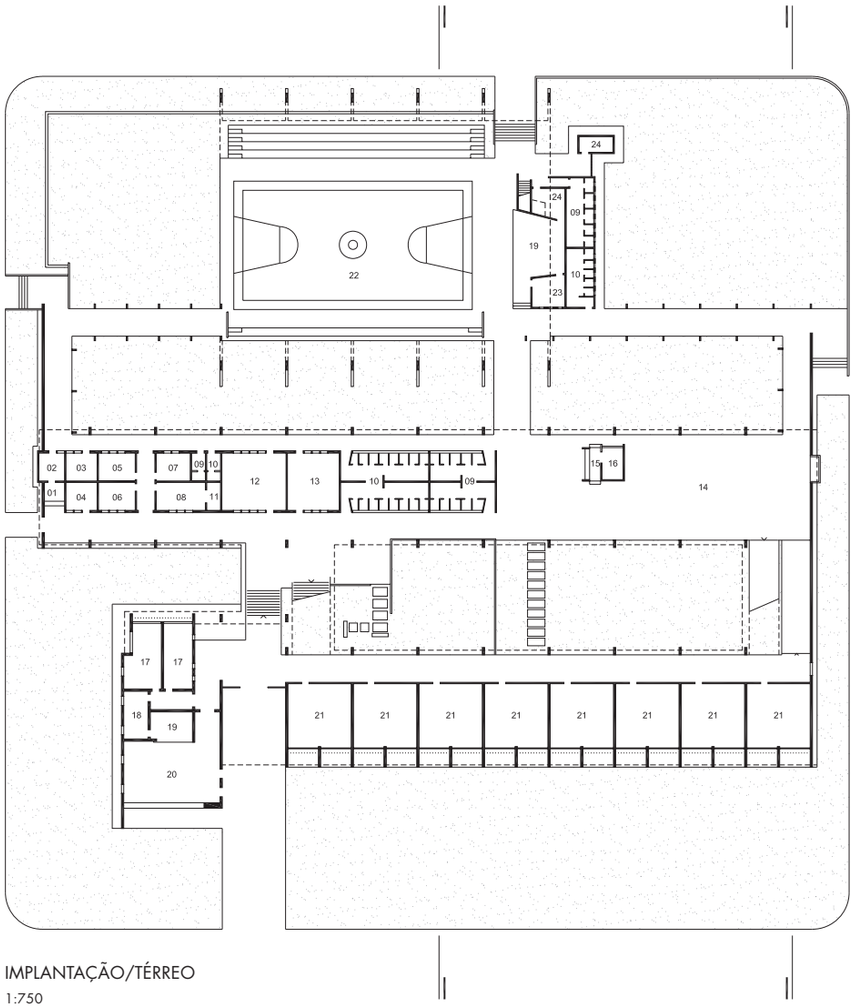
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

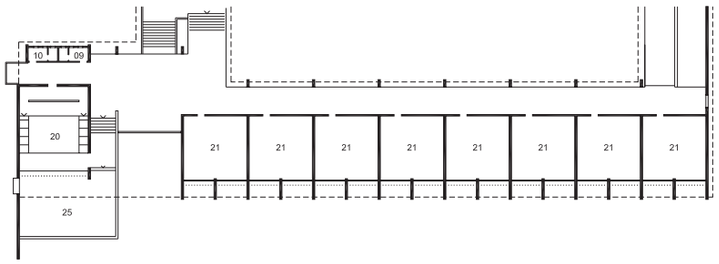
EE Professora Eugênia Vilhena de Moraes

Adolpho Rubio Morales | 1962 | Ribeirão Preto, Vila Virginia | Rua Abílio Sampaio, 900

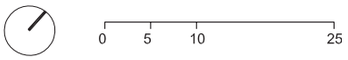


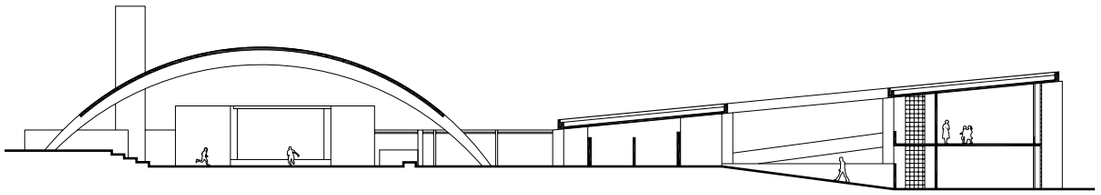
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. PORTARIA
02. ALMOXARIFADO
03. MÉDICO
04. DENTISTA
05. SUBDIRETORIA
06. DIRETORIA
07. EDUCADOR
08. SECRETARIA
09. SANITÁRIO FEMININO
10. SANITÁRIO MASCULINO
11. ARQUIVO
12. BIBLIOTECA
13. SALA DOS PROFESSORES
14. RECREIO COBERTO
15. CANTINA
16. COZINHA
17. LABORATÓRIO
18. SALETA
19. PALCO
20. AUDITÓRIO
21. SALA DE AULA
22. QUADRA POLIESPORTIVA
23. GRÊMIO
24. DEPÓSITO
25. TERRAÇO

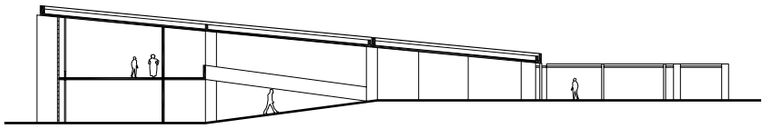


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

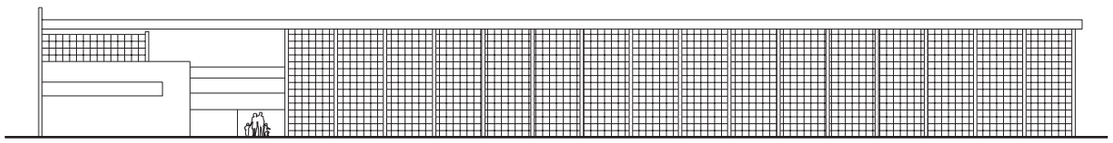




CORTE TRANSVERSAL
1:500

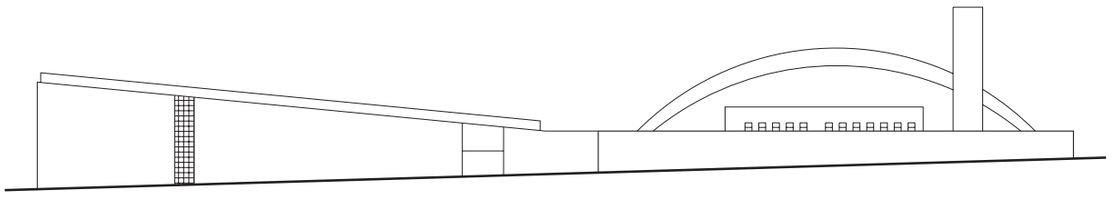


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

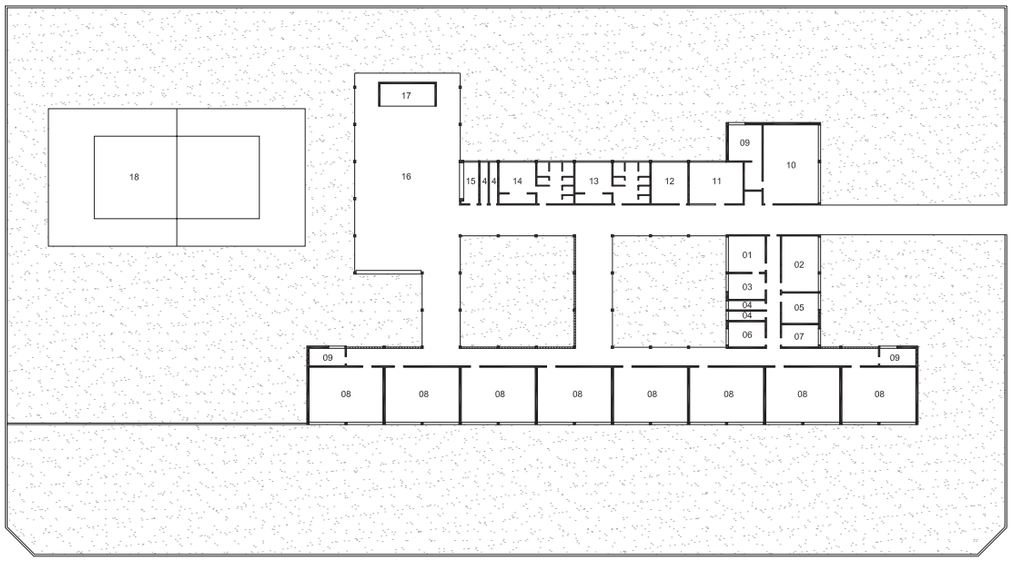
0 5 10 20

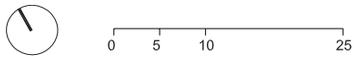


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

EE David Carneiro Ewbank

Alberto Andrade e Marcos Tomanik | 1961 | Franca, Santos Dumont | Rua Alberto de Azevedo, 1279



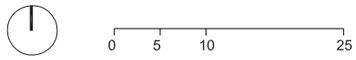


01. SECRETARIA
02. SALA DOS PROFESSORES
03. DIRTETORIA
04. SANITÁRIO
05. ALMOXARIFADO
06. ASSISTENTE EDUCACIONAL
07. DENTISTA
08. SALA DE AULA
09. SALETA
10. ANFITEATRO
11. BIBLIOTECA
12. MÉDICO
13. VESTIÁRIO/SANITÁRIO FEMININO
14. VESTIÁRIO/SANITÁRIO MASCULINO
15. COZINHA
16. RECREIO COBERTO
17. PALCO
18. QUADRA POLIESPORTIVA

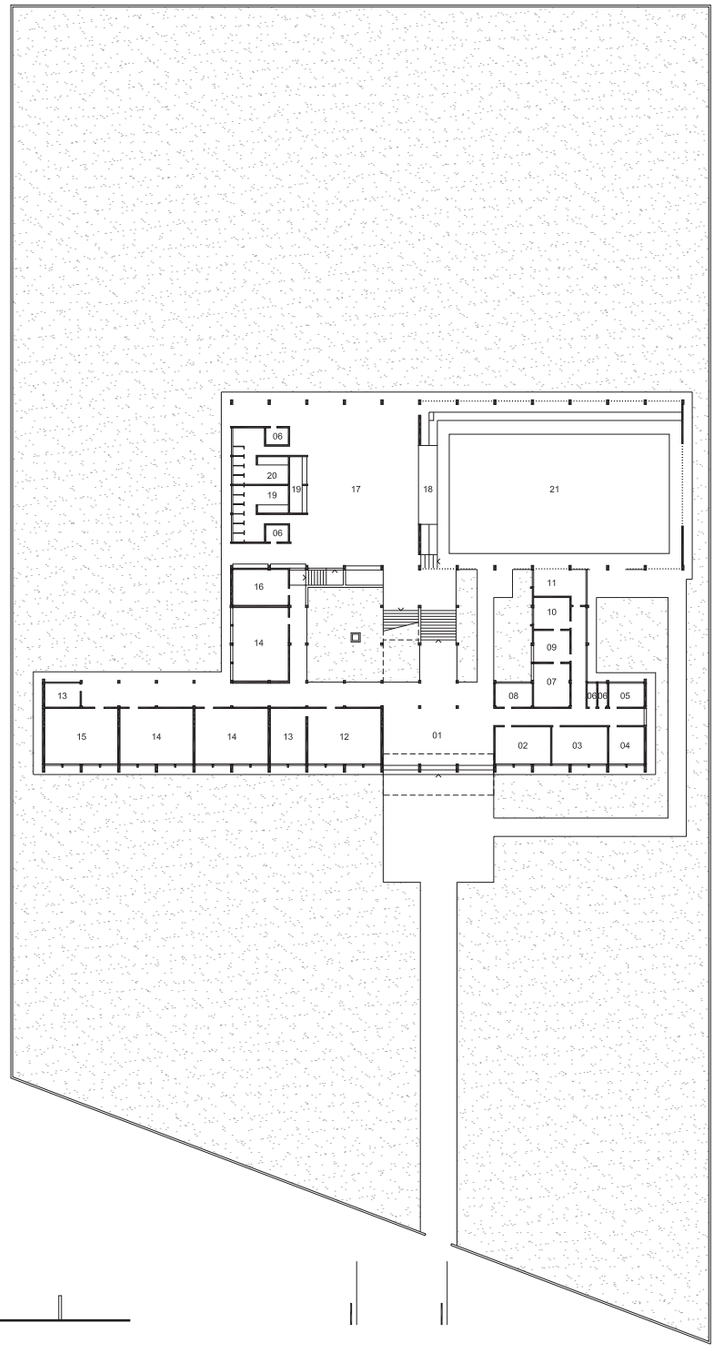
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

EE Doutor Epaminondas Ferreira Lobo

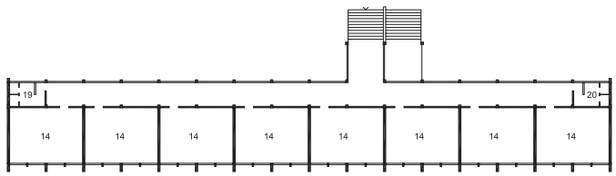
Alberto Andrade | 1962 | Itararé, Centro | Rua Major Salvador Rufino, 59



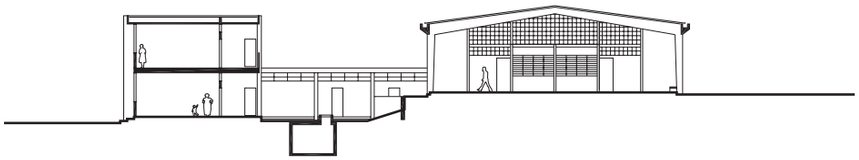
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



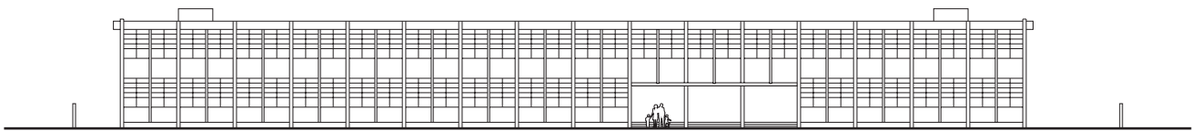
01. ENTRADA
02. BIBLIOTECA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. MÉDICO
05. ASSISTENTE EDUCACIONAL
06. SANITÁRIO
07. SECRETARIA
08. DENTISTA
09. AUXILIAR DA DIRETORIA
10. DIRETORIA
11. ARQUIVO
12. ANFITEATRO
13. SALETA
14. SALA DE AULA
15. LABORATÓRIO
16. GRÊMIO
17. RECREIO COBERTO
18. PALCO
19. SANITÁRIO FEMININO
20. SANITÁRIO MASCULINO
21. GINÁSIO POLIESPORTIVO



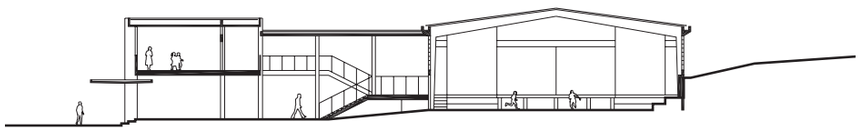
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



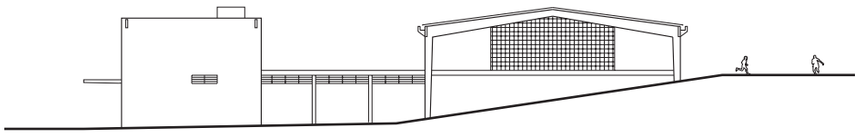
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500



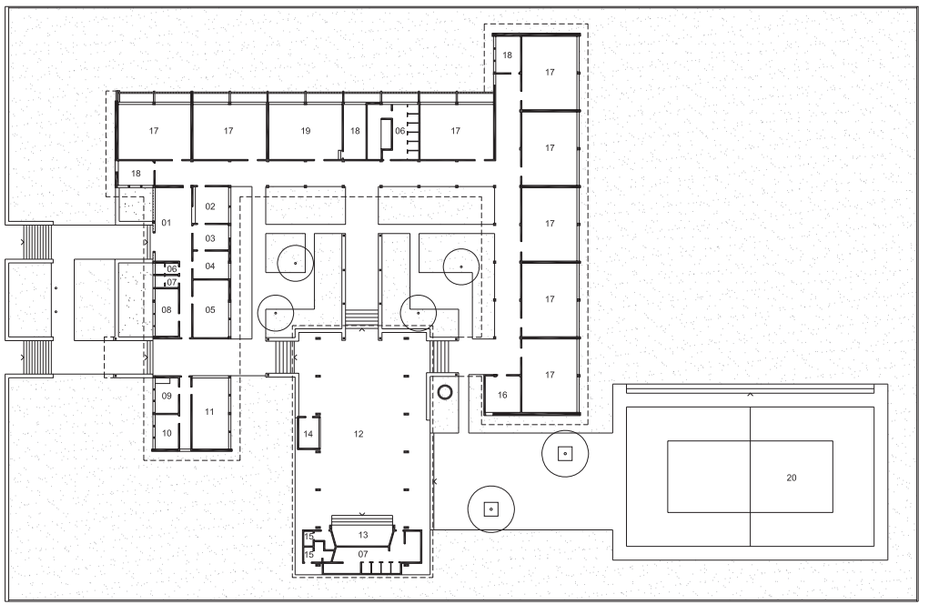
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

EE Severino Moreira Barbosa

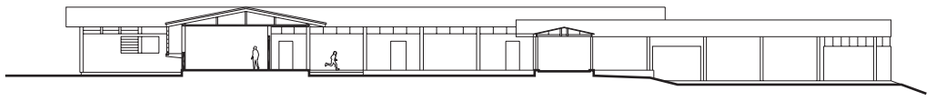
Alberto Andrade | data não identificada | Cachoeira Paulista, Piteu | Avenida Deocleciano da Silva Azevedo, 333



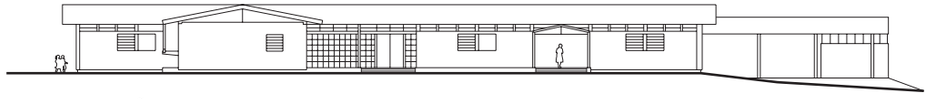
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. HALL DE ENTRADA
02. SECRETARIA
03. DIRETORIA
04. ARQUIVO
05. SALA DOS PROFESSORES
06. SANITÁRIO FEMININO
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. MÉDICO
09. DENTISTA
10. ASSISTENTE EDUCACIONAL
11. BIBLIOTECA
12. RECREIO COBERTO
13. PALCO
14. CANTINA
15. SANITÁRIO
16. GRÊMIO
17. SALA DE AULA
18. SALETA
19. ANFITEATRO
20. QUADRA POLIESPORTIVA

0 5 10 25

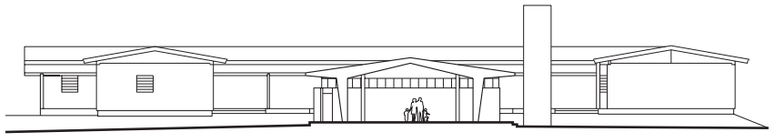


CORTE LONGITUDINAL
1:500

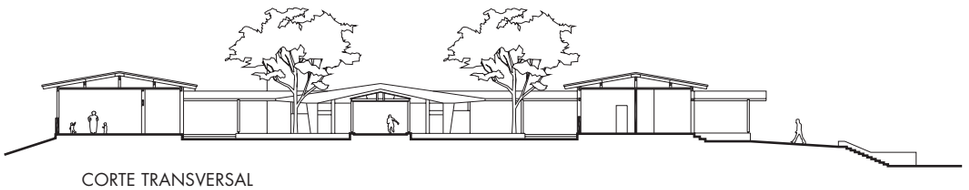


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

0 5 10 20



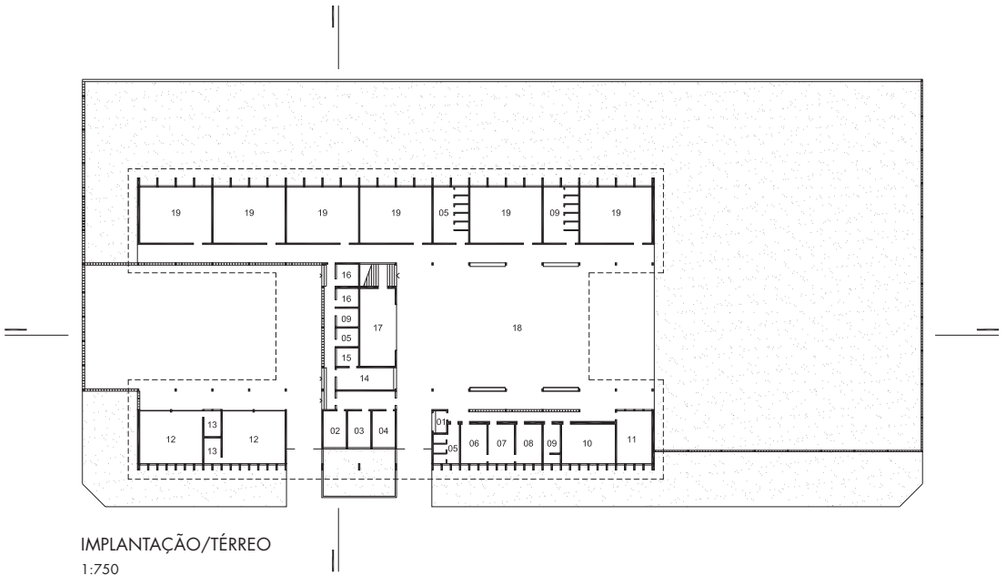
ELEVAÇÃO LESTE
1:500



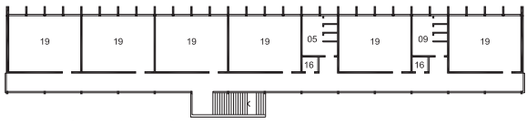
CORTE TRANSVERSAL
1:500

EE Coronel Silvestre de Lima

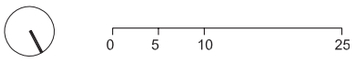
Alberto Rubens Botti e Marc Rubin | 1960 | Barretos, Alvorada | Rua 42, 266

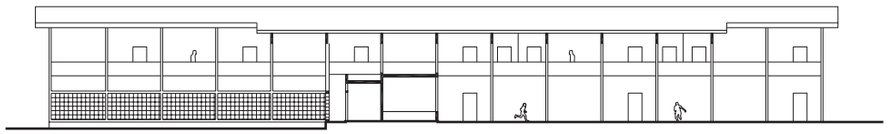


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



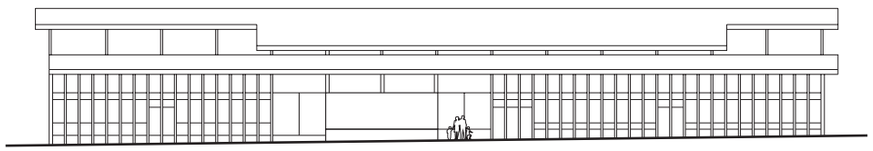
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



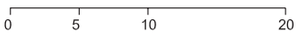


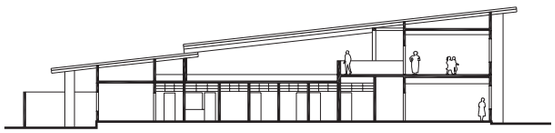
CORTE LONGITUDINAL
1:500

01. PORTARIA
02. MÉDICO
03. DENTISTA
04. EDUCADOR
05. SANITÁRIO FEMININO
06. ARQUIVO/SECRETARIA
07. AUXILIAR DA DIRETORIA
08. DIRETORIA
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. SALA DOS PROFESSORES
11. BIBLIOTECA
12. SALA PRÉ-PRIMÁRIO
13. SANITÁRIO
14. COZINHA
15. DESPENSA
16. DEPÓSITO
17. PALCO
18. RECREIO COBERTO
19. SALA DE AULA

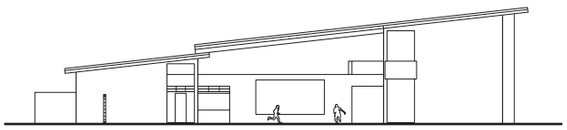


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500





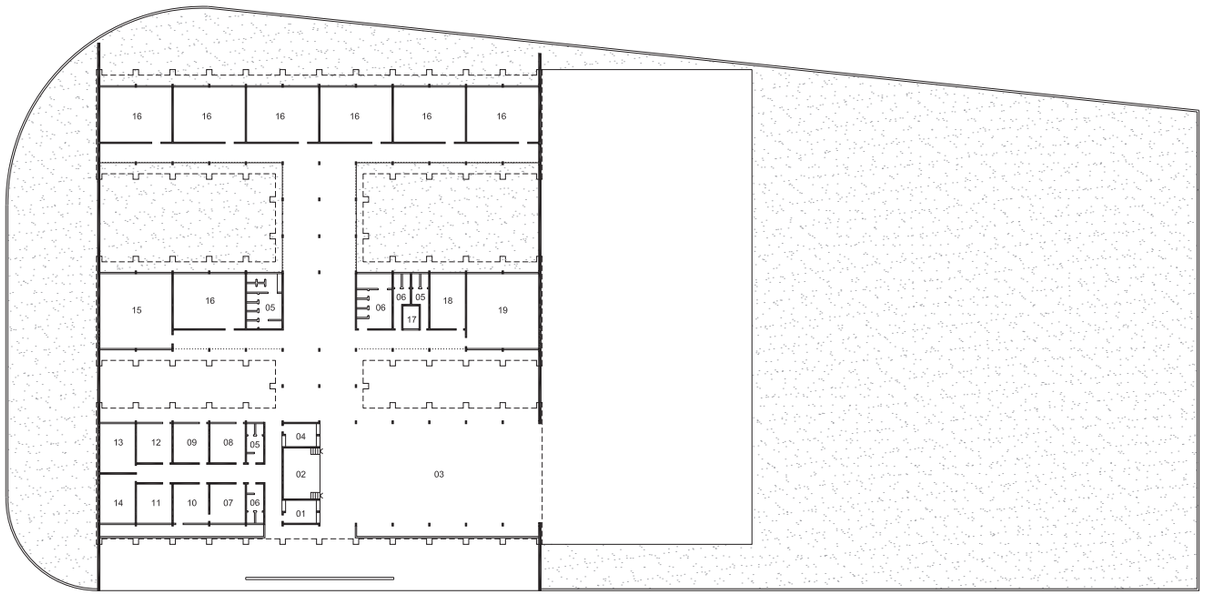
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

EE João Climaco de Camargo Pires

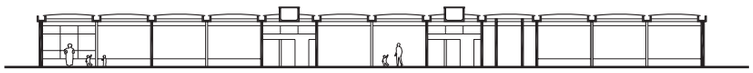
Alberto Rubens Botti | 1961 | obra construída com outro projeto | Sorocaba, Jardim Alvorada | Rua Professor Antônio Prudente de Moraes, 41



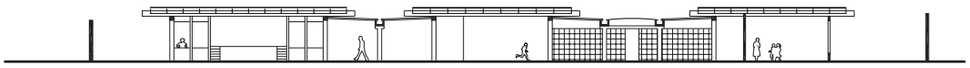
0 5 10 25

01. PORTARIA
02. PALCO
03. RECREIO COBERTO
04. CANTINA
05. SANITÁRIO FEMININO
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SECRETARIA
08. MÉDICO
09. DENTISTA
10. ALMOXARIFADO
11. DIRETORIA
12. ORIENTADOR EDUCACIONAL
13. BIBLIOTECA
14. SALA DOS PROFESSORES
15. SALA AMBIENTE
16. SALA DE AULA
17. DEPÓSITO
18. SALETA
19. ANFITEATRO

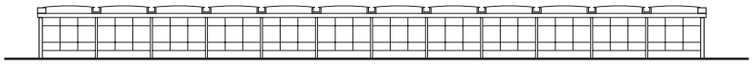
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



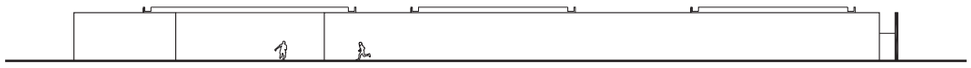
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

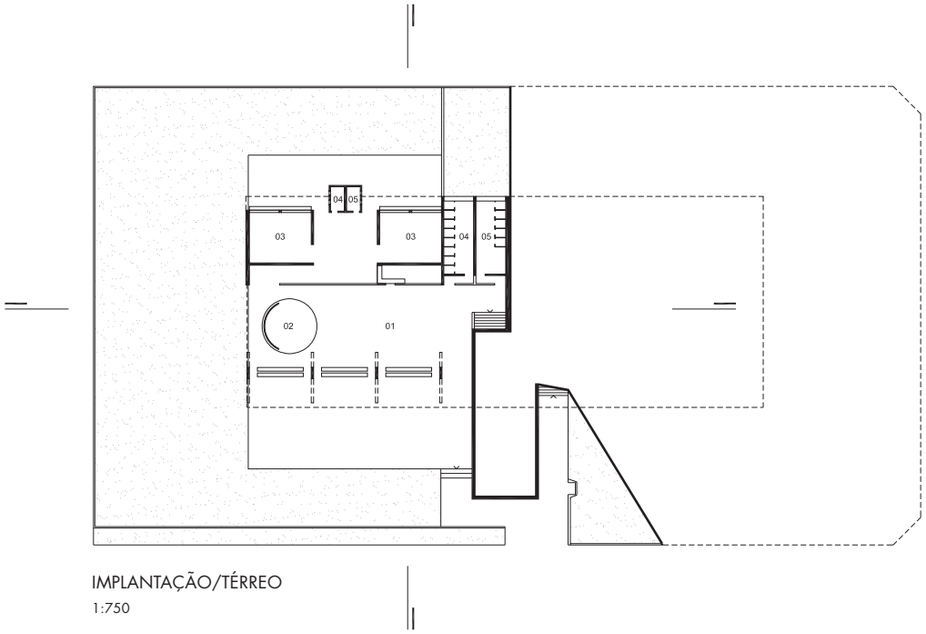


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

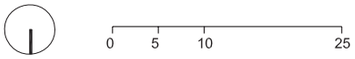
0 5 10 20

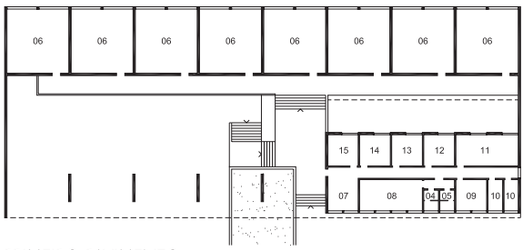
EE Professora Laurinda Vieira Pinto

Alfredo S. Paesani | 1961 | Ibiúna, Jardim Nova Ibiúna | Rua Venezuela, 60

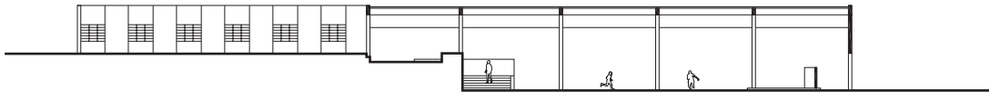


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



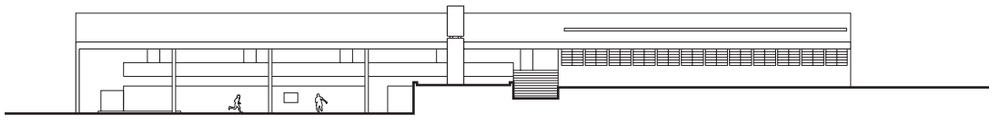


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

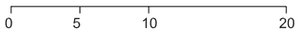


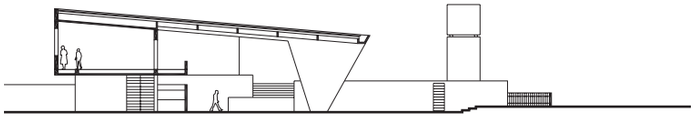
CORTE LONGITUDINAL
1:500

01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. SALA DE AULA
07. PORTARIA
08. SALA DOS PROFESSORES
09. DENTISTA
10. DEPÓSITO
11. BIBLIOTECA
12. EDUCADOR SANITÁRIO
13. ARQUIVO/SECRETARIA
14. AUXILIAR DA DIRETORIA
15. DIRETORIA

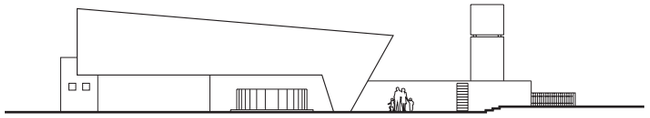


ELEVAÇÃO NORTE
1:500





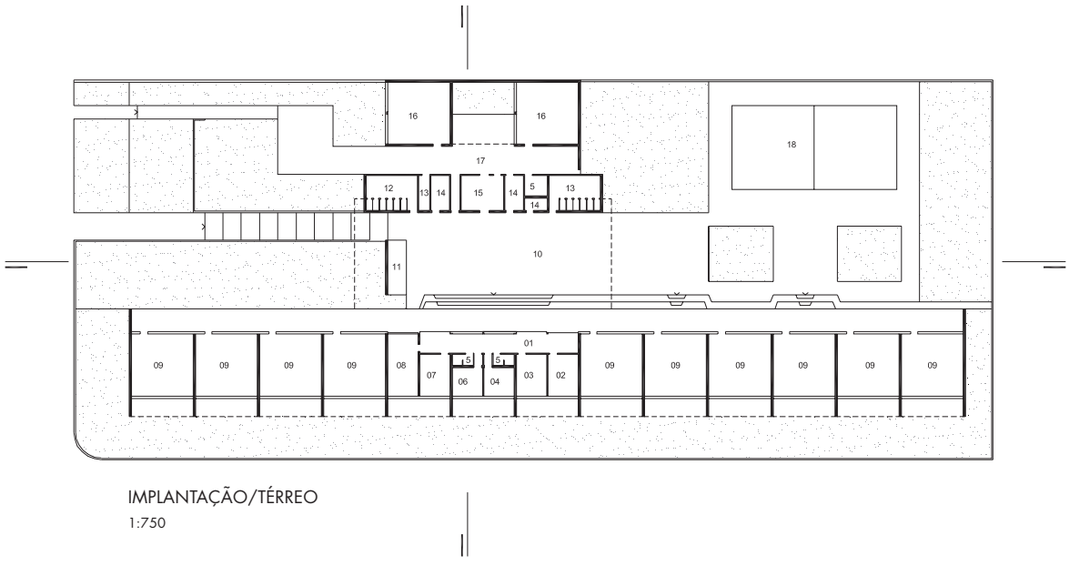
CORTE TRANSVERSAL
1:500



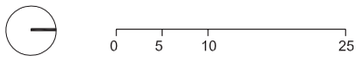
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

EMEF Índio Poti

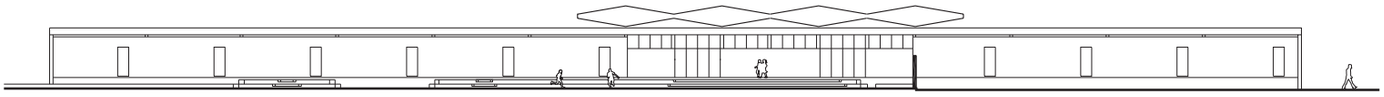
Alfredo S. Paesani | 1961 | Araçatuba, Vila Carvalho | Rua Paraguai, 306



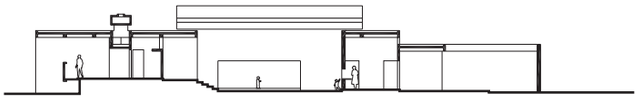
01. PORTARIA
02. SALA DOS PROFESSORES
03. BIBLIOTECA
04. EDUCADOR SANITÁRIO
05. SANITÁRIO
06. DENTISTA
07. DIRETORIA
08. SECRETARIA
09. SALA DE AULA
10. RECREIO COBERTO
11. PALCO
12. SANITÁRIO FEMININO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. DEPÓSITO
15. COZINHA
16. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
17. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. QUADRA POLIESPORTIVA



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

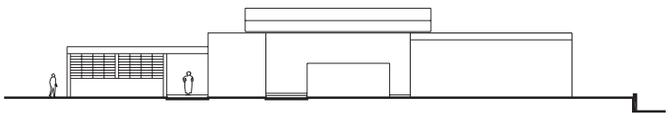


CORTE LONGITUDINAL
1:500

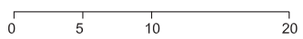


CORTE TRANSVERSAL
1:500

ELEVAÇÃO LESTE
1:500



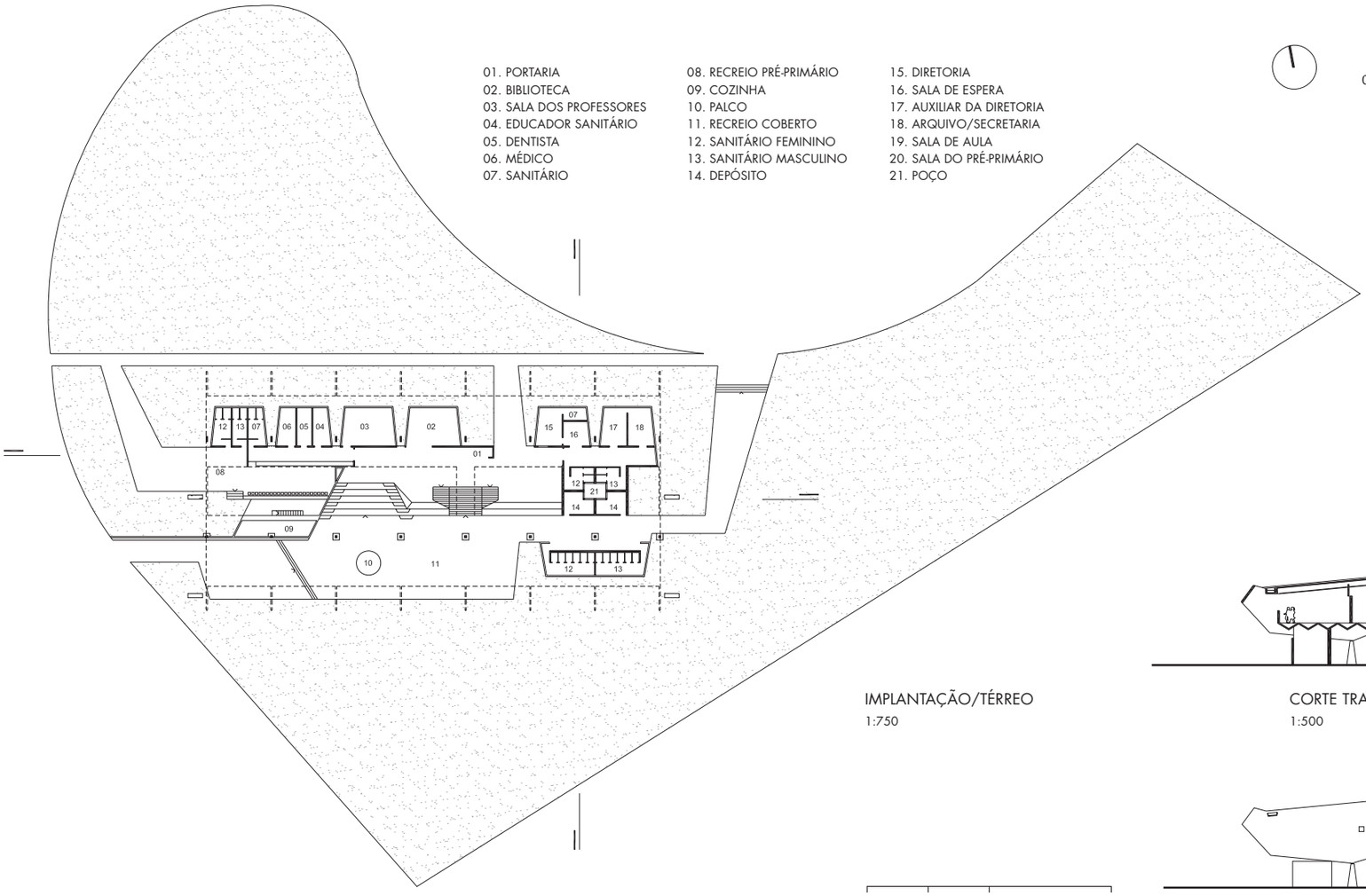
ELEVAÇÃO SUL
1:500



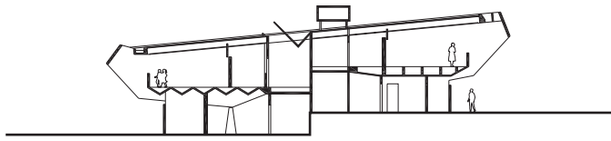
EE Dom Barreto

Alfredo S. Paesani | 1962 | obra construída com outro projeto | Campinas, Ponte Preta | Rua General Carneiro, 120

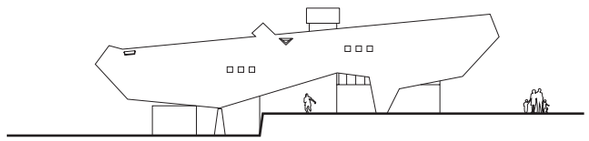
01. PORTARIA
02. BIBLIOTECA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. EDUCADOR SANITÁRIO
05. DENTISTA
06. MÉDICO
07. SANITÁRIO
08. RECREIO PRÉ-PRIMÁRIO
09. COZINHA
10. PALCO
11. RECREIO COBERTO
12. SANITÁRIO FEMININO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. DEPÓSITO
15. DIRETORIA
16. SALA DE ESPERA
17. AUXILIAR DA DIRETORIA
18. ARQUIVO/SECRETARIA
19. SALA DE AULA
20. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
21. POÇO



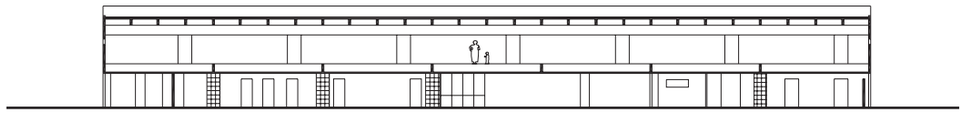
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



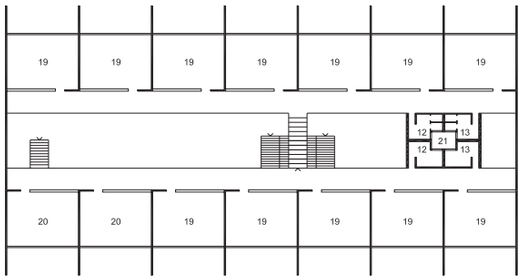
CORTE TRANSVERSAL
1:500



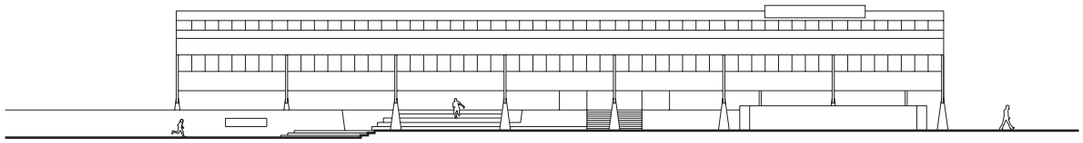
ELEVAÇÃO LESTE
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500



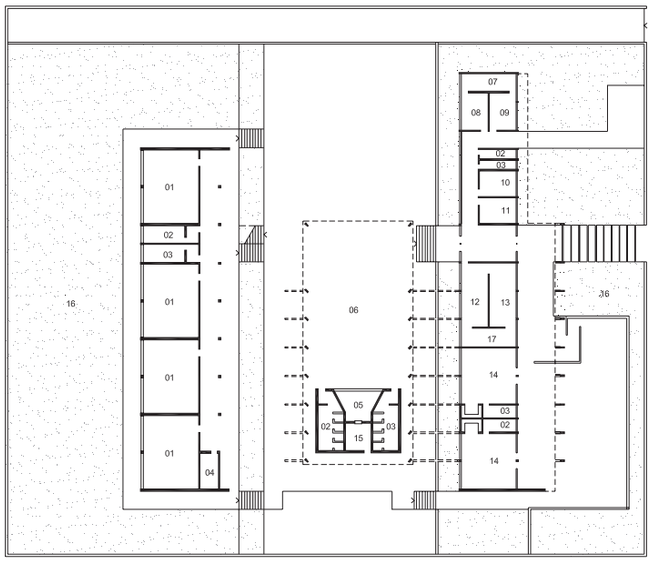
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



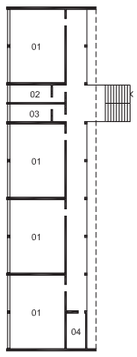
ELEVAÇÃO SUL
1:500

EE Professor Sebastião Teixeira Pinto

Arnoldo Grostein | 1960 | Tupã, Vila Marajoara | Rua Abel Ferreira Leite, 681

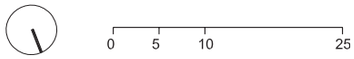


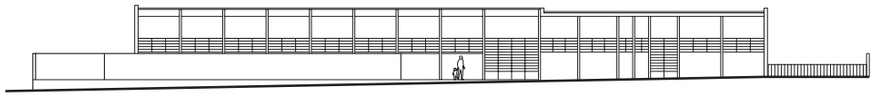
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



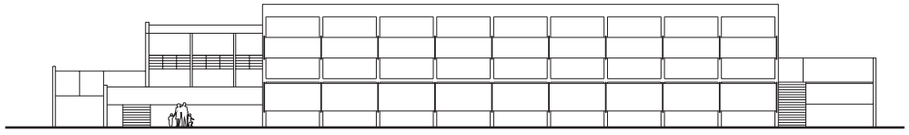
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. DEPÓSITO
05. PALCO
06. RECREIO COBERTO
07. ARQUIVO
08. DIRETORIA
09. SECRETARIA
10. DENTISTA
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. BIBLIOTECA
13. SALA DOS PROFESSORES
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. COZINHA
16. PÁTIO
17. MATERIAL DIDÁTICO

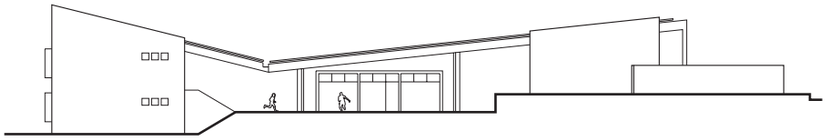




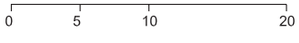
ELEVAÇÃO OESTE
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

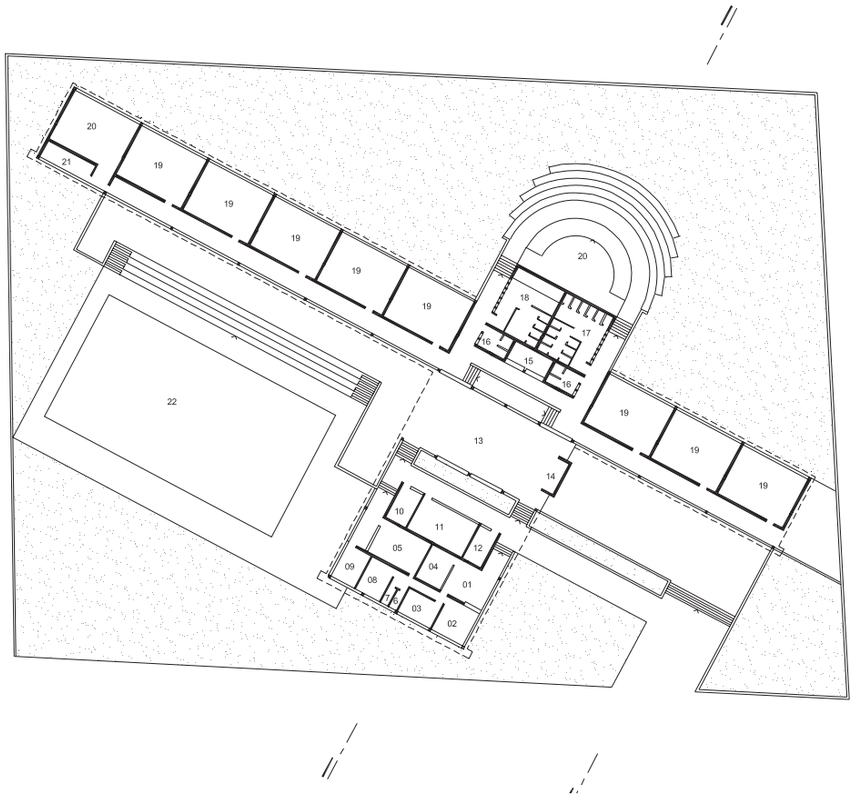


ELEVAÇÃO NORTE
1:500



EE Professor Hildebrando Martins Sodero

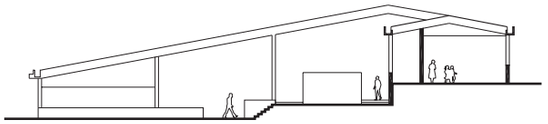
Arthur Fajardo Netto, Dacio A. B. Ottoni e Eduardo de Almeida | 1960 | Silveiras, Centro | Avenida Cyro Moreira Andrade, 1461



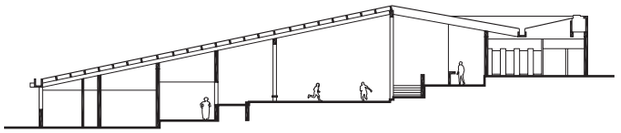
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. PORTARIA
02. SECRETARIA
03. DIRETORIA
04. ALMOXARIFADO
05. SALA DOS PROFESSORES
06. SANITÁRIO FEMININO
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. ORIENTADOR EDUCACIONAL
09. GRÊMIO
10. MÉDICO
11. BIBLIOTECA
12. DENTISTA
13. RECREIO COBERTO
14. PALCO
15. CANTINA
16. SANITÁRIO
17. VESTIÁRIO FEMININO
18. VESTIÁRIO MASCULINO
19. SALA DE AULA
20. ANFITEATRO
21. SALETA
22. QUADRA POLIESPORTIIVA

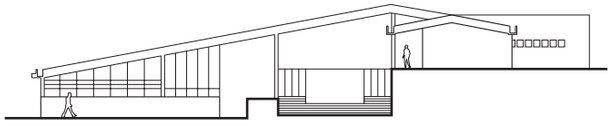
0 5 10 25



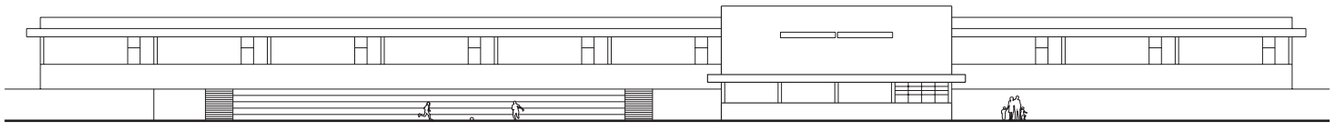
CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO OESTE
1:500

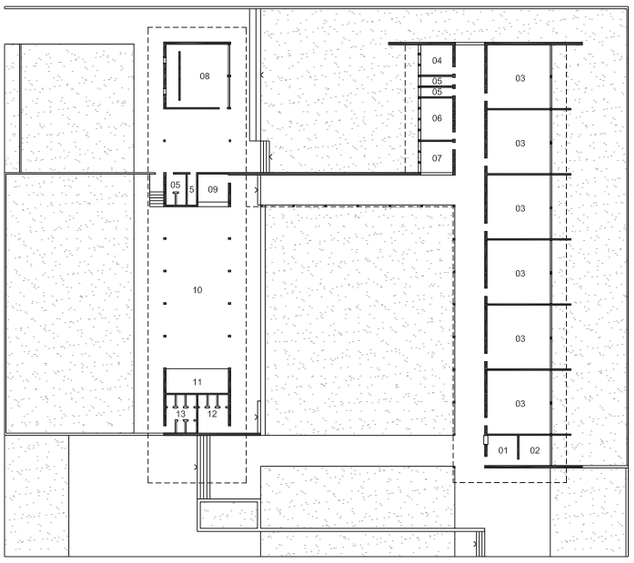


0 5 10 20

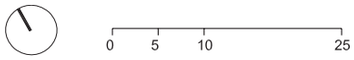
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EE/EMEF Professor Lourenço Luciano Carneiro

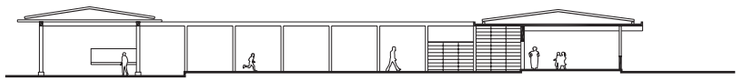
Ary de Queiroz Barros | data não identificada | Maracaí, Santa Cruz Boa Vista | Rua José Manzoni, 120



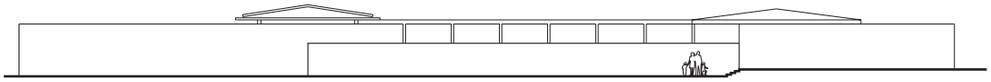
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



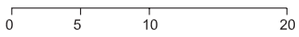
01. PORTARIA
02. SECRETARIA
03. SALA DE AULA
04. DENTISTA
05. SANITÁRIO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. DIRETORIA
08. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. COZINHA
10. RECREIO COBERTO
11. PALCO
12. SANITÁRIO MASCULINO
13. SANITÁRIO FEMININO

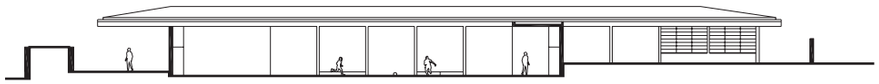


CORTE TRANSVERSAL
1:500

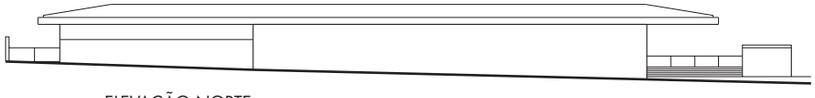


ELEVAÇÃO OESTE
1:500





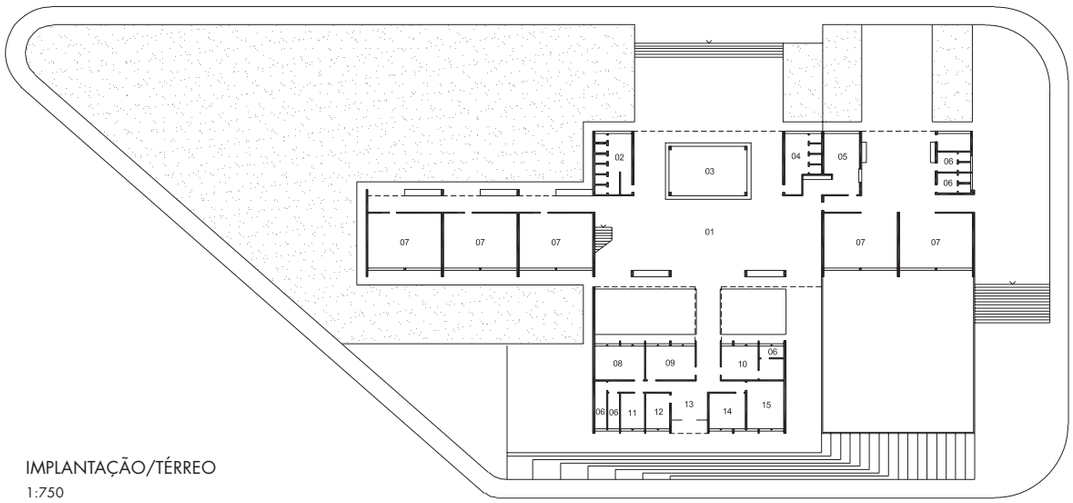
CORTE LONGITUDINAL
1:500



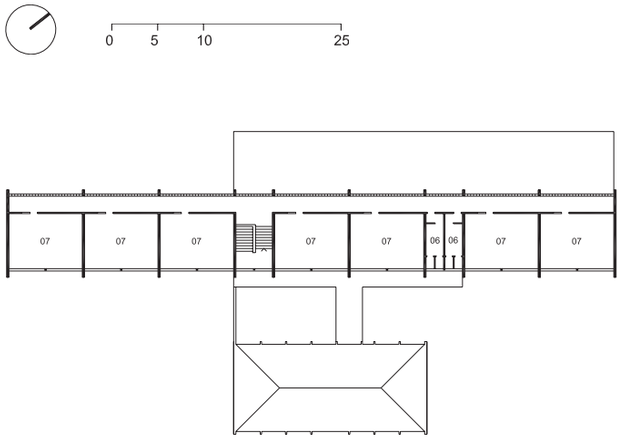
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EE Professora Olívia Bianco

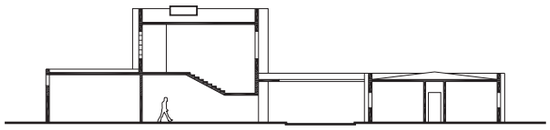
Autuori, Roberto Monteiro e Mauro Zuccon | data não identificada | Piracicaba, Jaraguá | Rua Professor José Martins de Toledo, 394



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

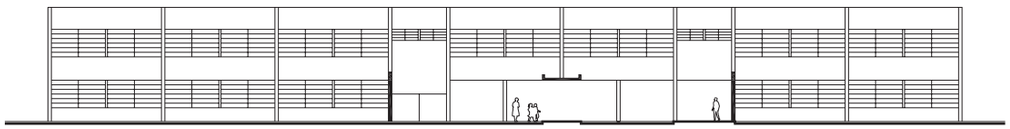


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

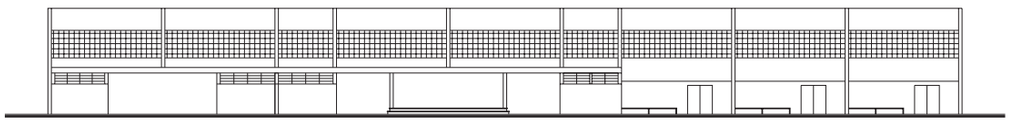


CORTE TRANSVERSAL
1:500

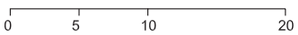
01. RECREIO COBERTO
02. SANITÁRIO FEMININO
03. PALCO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. COZINHA
06. SANITÁRIO
07. SALA DE AULA
08. BIBLIOTECA
09. SALA DOS PROFESSORES
10. DIRETORIA
11. EDUCADOR
12. DENTISTA
13. HALL DE ENTRADA
14. ARQUIVO/SECRETARIA
15. AUXILIAR DA DIRETORIA



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

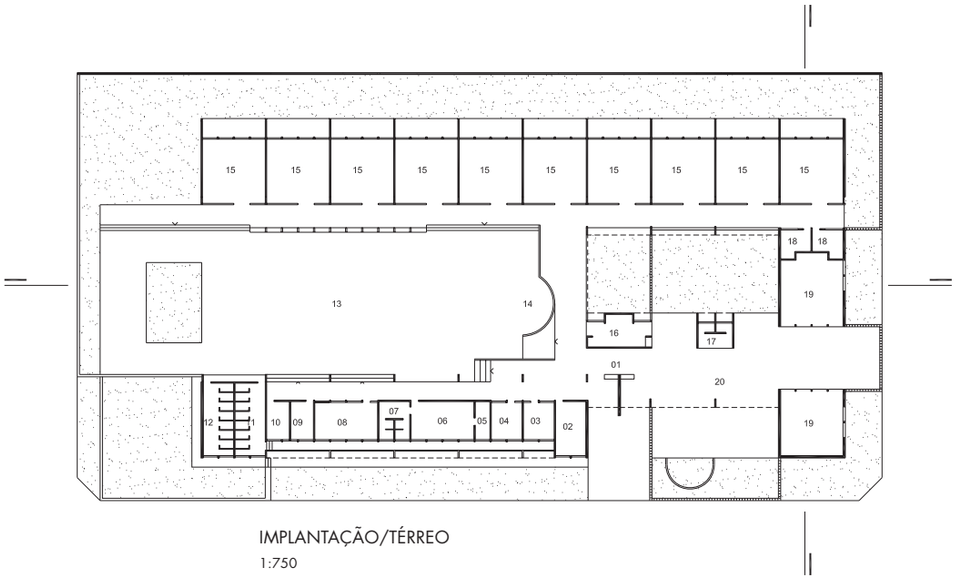


ELEVAÇÃO OESTE
1:500



EE Padre João Batista de Aquino

Cândido Malta Campos Filho | 1961 | Agudos, Santo Antônio | Avenida João Travaim, 400

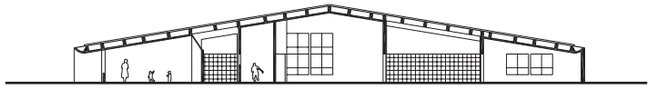


01. PORTARIA
02. ARQUIVO/SECRETARIA
03. AUXILIAR DA DIRETORIA
04. DIRETOR
05. MATERIAL DIDÁTICO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. VESTIÁRIOS
08. BIBLIOTECA
09. EDUCADOR
10. DENTISTA
11. SANITÁRIO FEMININO
12. SANITÁRIO MASCULINO
13. RECREIO COBERTO
14. PALCO
15. SALA DE AULA
16. COZINHA
17. SANITÁRIO
18. DEPÓSITO
19. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
20. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO

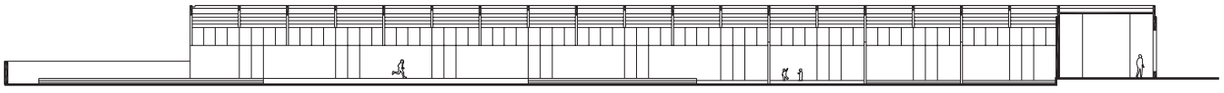
0 5 10 25

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

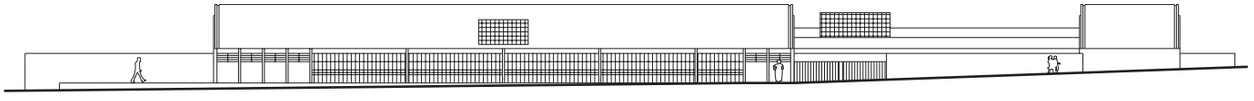
ELEVAÇÃO SUL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

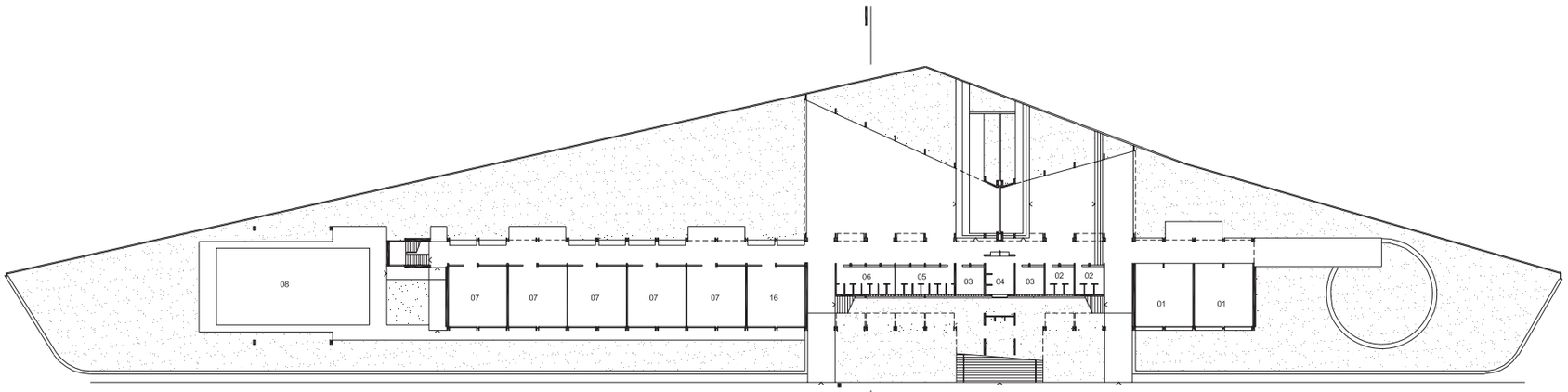


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

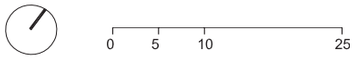
0 5 10 20

antiga EE Professor Ângelo Vaqueiro

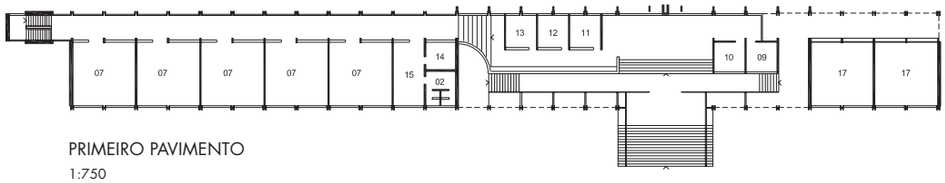
Candido Malta Campos Filho | 1963 | obra construída com outro projeto | São Caetano do Sul, Centro | Avenida Conselheiro Antônio Prado, 305



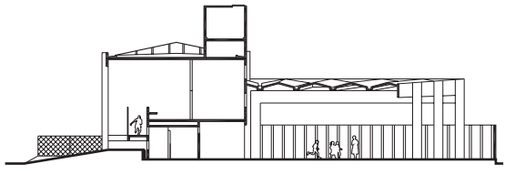
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



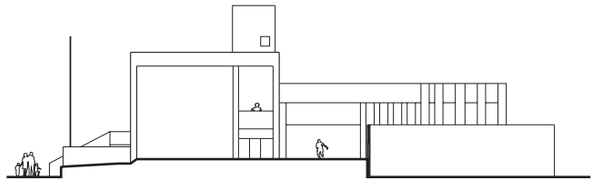
01. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
02. SANITÁRIO
03. DEPÓSITO
04. COZINHA
05. SANITÁRIO FEMININO
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SALA DE AULA
08. QUADRA POLIESPORTIVA
09. DENTISTA
10. EDUCADOR SANITÁRIO
11. DIRETORIA
12. AUXILIAR DA DIRETORIA
13. ARQUIVO/SECRETARIA
14. MATERIAL DIDÁTICO
15. SALA DOS PROFESSORES
16. BIBLIOTECA
17. VAZIO



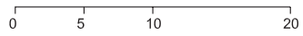
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

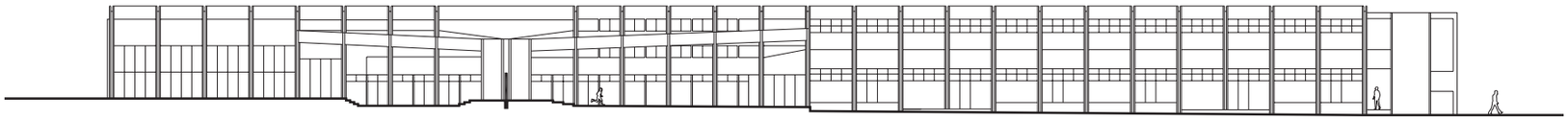


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

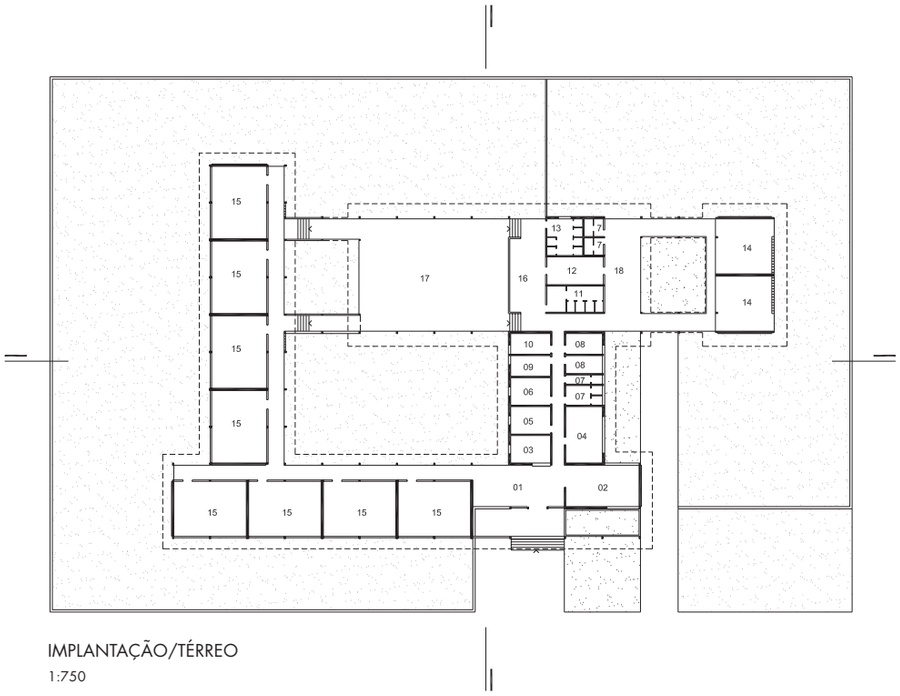




ELEVAÇÃO NORTE
1:500

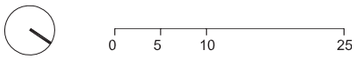
EE Professor Bruno Pieroni

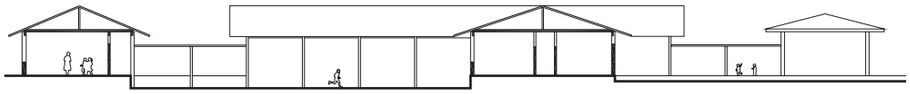
Carlo Benvenuto Fongaro | data não identificada | Sertãozinho, Centro | Rua Luis Obert Escudeiro, 240



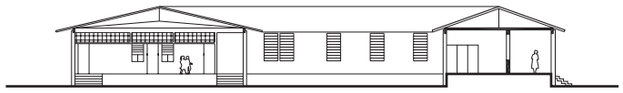
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. HALL DE ENTRADA
02. BIBLIOTECA
03. SECRETARIA
04. SALA DOS PROFESSORES
05. DIRETORIA
06. ARQUIVO
07. SANITÁRIO
08. DEPÓSITO
09. MÉDICO
10. DENTISTA
11. SANITÁRIO MASCULINO
12. COZINHA
13. SANITÁRIO FEMININO
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. SALA DE AULA
16. PALCO
17. RECREIO COBERTO
18. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO

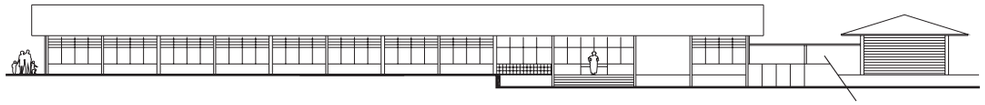




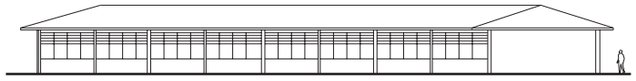
CORTE LONGITUDINAL
1:500



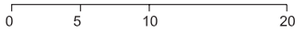
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

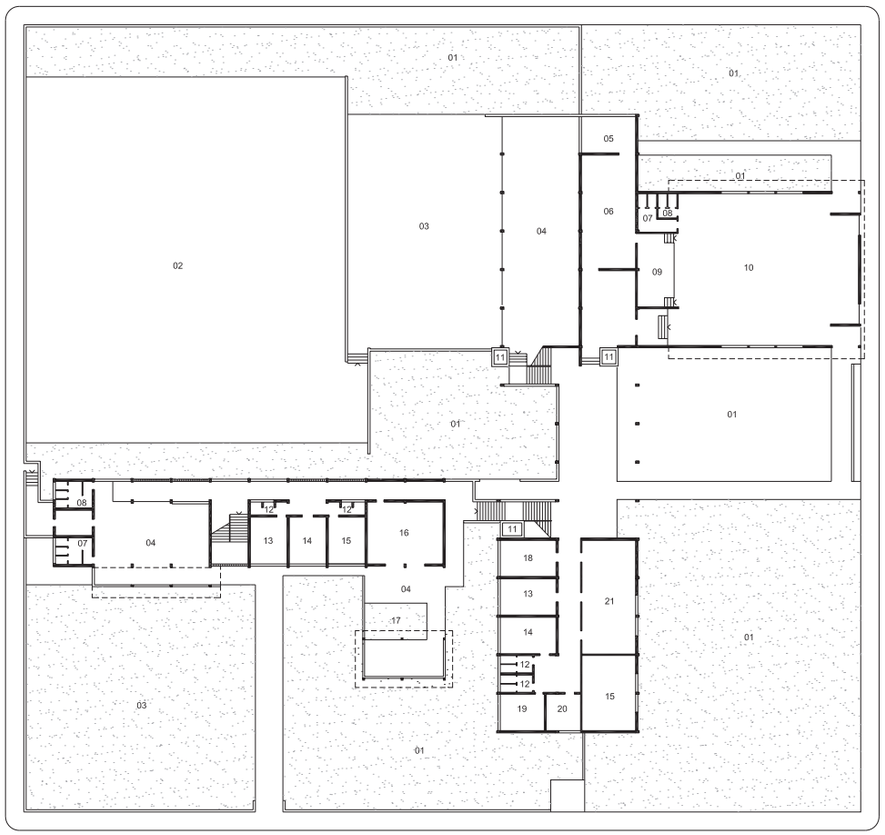


ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

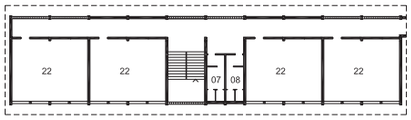


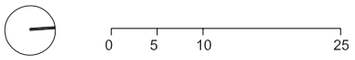
EE Padre Fidelis

Carlo Benvenuto Fongaro | data não identificada | Tanabi, Centro | Rua Capitão Jerônimo Fortunato, 557

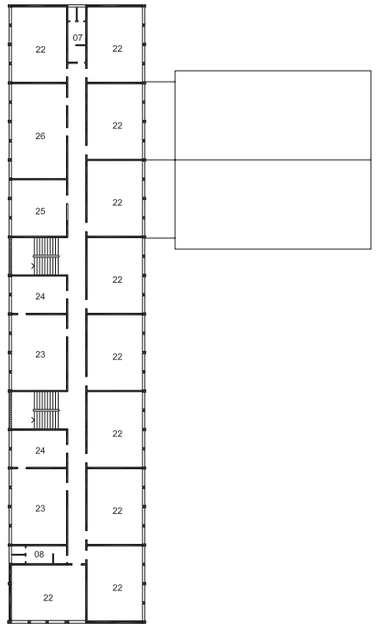


01. GRAMADO
02. ESPORTE
03. PÁTIO
04. RECREIO COBERTO
05. TERRAÇO
06. GRÊMIO
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. SANITÁRIO FEMININO
09. PALCO
10. AUDITÓRIO
11. JARDINEIRA
12. SANITÁRIO
13. MATERIAL DIDÁTICO
14. DIRETORIA
15. SALA DOS PROFESSORES
16. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
17. CAIXA DE AREIA
18. MÉDICO
19. VICE-DIRETORIA
20. SALA DE ESPERA
21. SECRETARIA
22. SALA DE AULA
23. LABORATÓRIO
24. PREPARO
25. BIBLIOTECA
26. TRABALHOS MANUAIS
27. CANTINA
28. DEPÓSITO
29. SALA DE BIOMETRIA
30. VESTIÁRIO MASCULINO
31. VESTIÁRIO FEMININO

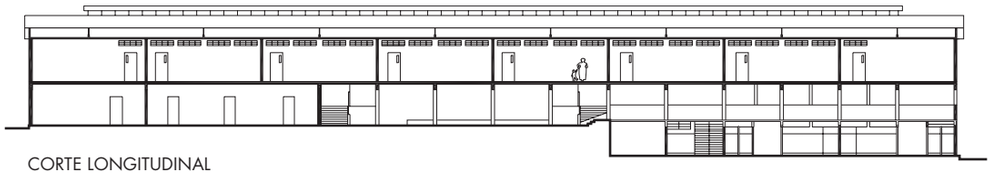




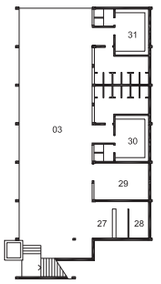
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



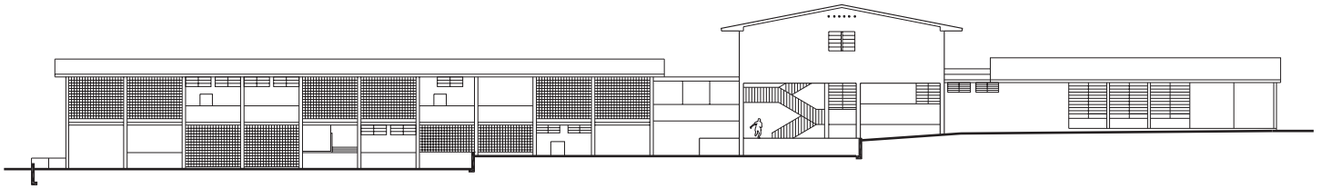
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



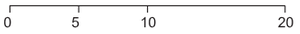
CORTE LONGITUDINAL
1:500



PAVIMENTO INFERIOR
1:750

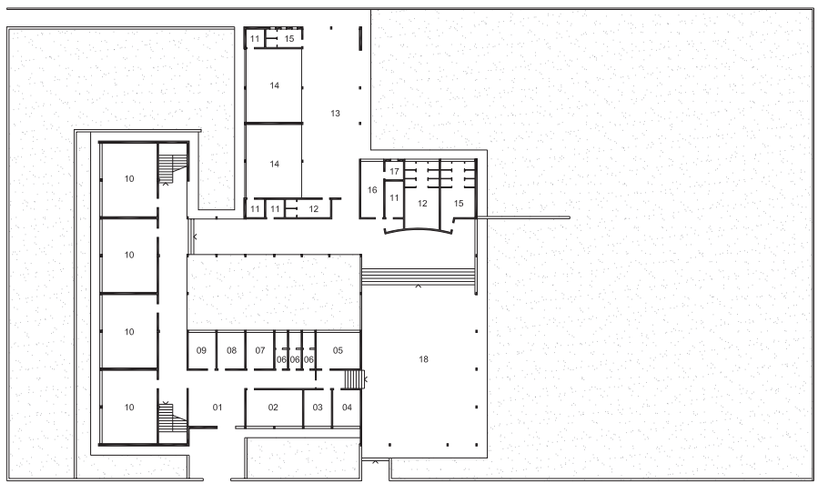


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

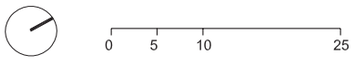


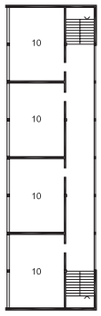
antiga EE Professor Raymundo Pismel

Carlo Benvenuto Fongaro | data não identificada | Santo Anastácio, Vila Oriente | Rua José Aneas Franco, 359



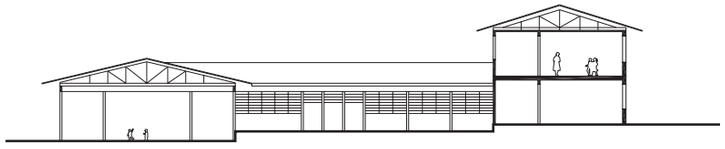
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



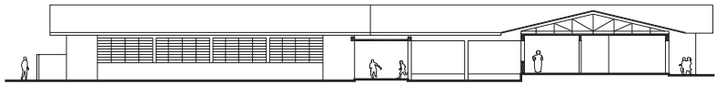


01. VESTÍBULO
02. SALA DOS PROFESSORES
03. DENTISTA
04. EDUCADOR SANITÁRIO
05. BIBLIOTECA
06. SANITÁRIO
07. DIRETORIA
08. AUXILIAR DA DIRETORIA
09. ARQUIVO/SECRETARIA
10. SALA DE AULA
11. DEPÓSITO
12. SANITÁRIO FEMININO
13. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. SANITÁRIO MASCULINO
16. COZINHA
17. DESPENSA
18. RECREIO COBERTO

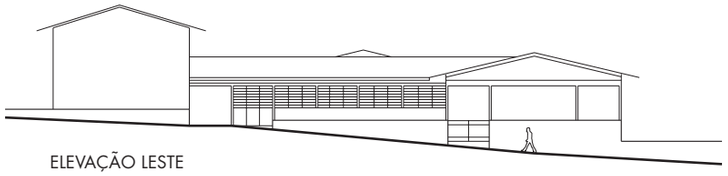
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



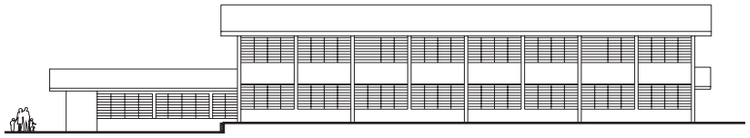
CORTE TRANSVERSAL
1:500



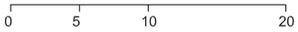
CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

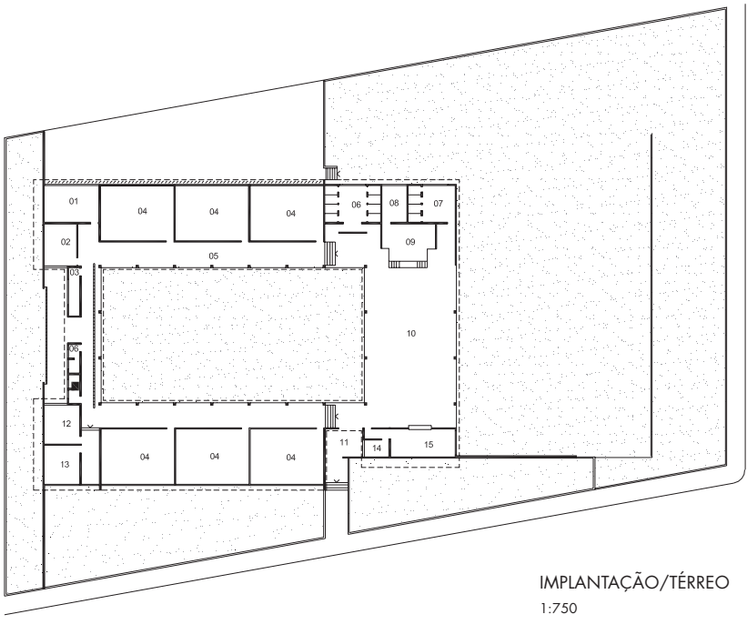


ELEVAÇÃO SUL
1:500



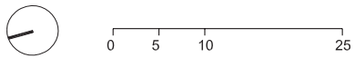
EMEF Professor Lauro Rocha

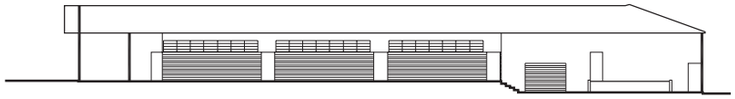
Carlos Alberto Cerqueira Lemos | data não identificada | Mirassol, Santa Cruz | Rua Paulo de Faria, 20-90



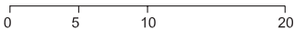
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

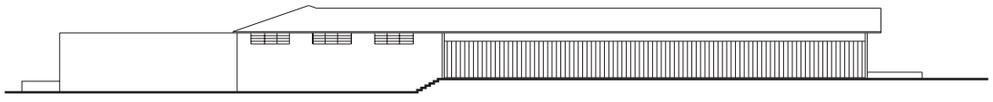
01. DENTISTA
02. SECRETARIA
03. DEPÓSITO
04. SALA DE AULA
05. GALERIA
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. DEP. PALCO/CAMARIM
09. PALCO
10. RECREIO COBERTO
11. HALL DE ENTRADA
12. SALA DOS PROFESSORES/BIBILOTECA
13. DIRETORIA
14. DESPENSA
15. COPA/COZINHA





CORTE LONGITUDINAL
1:500

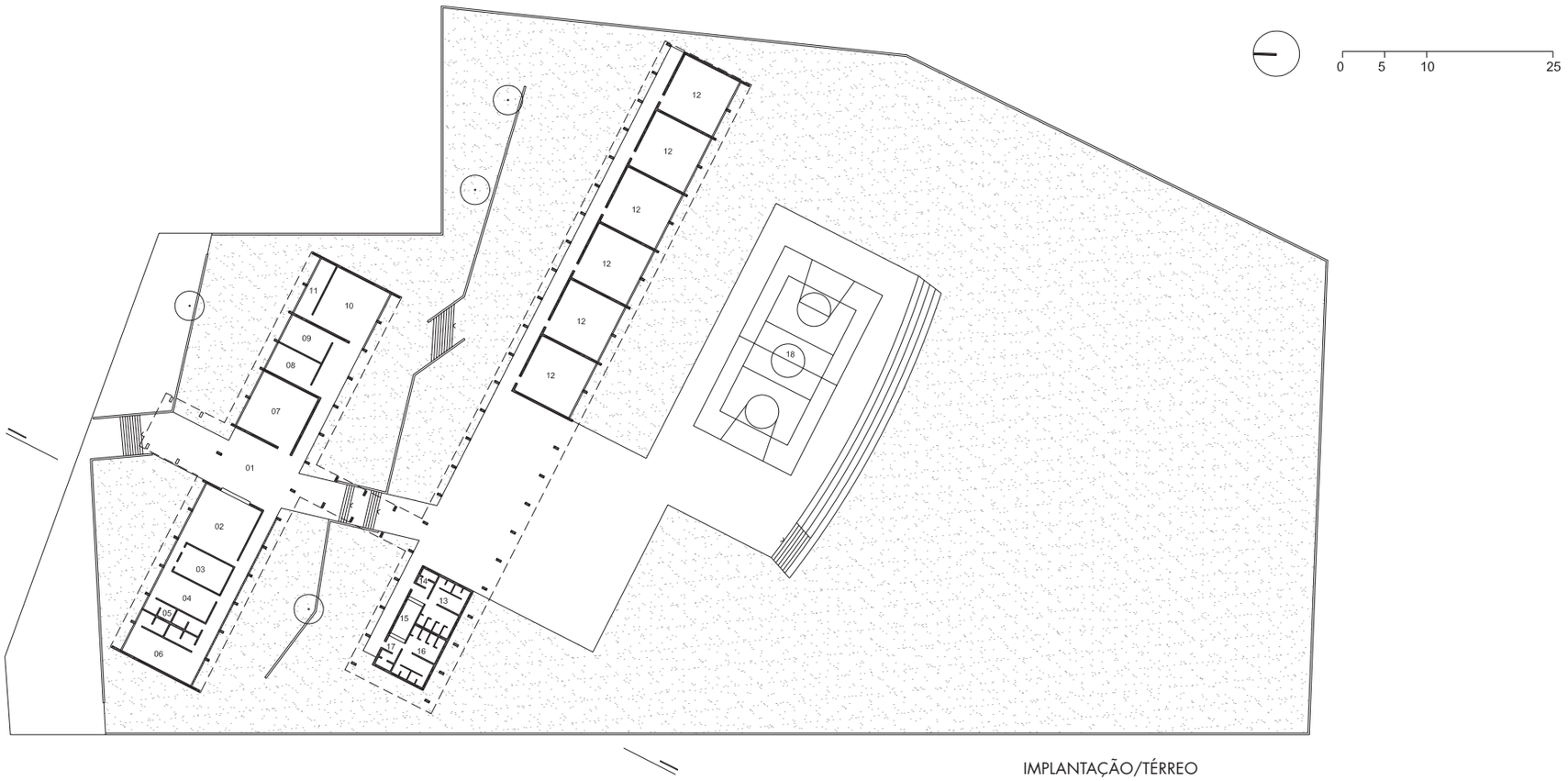




ELEVAÇÃO LESTE
1:500

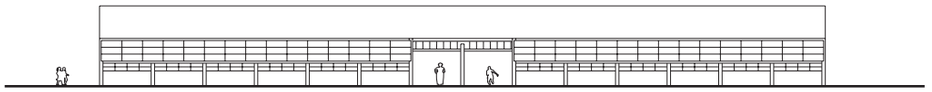
EE Santo Antônio

Carlos Barjas Millan e Galiano Ciampaglia | 1959 | Santo Antônio de Posse, Centro | Rua Miguel Russo, 231

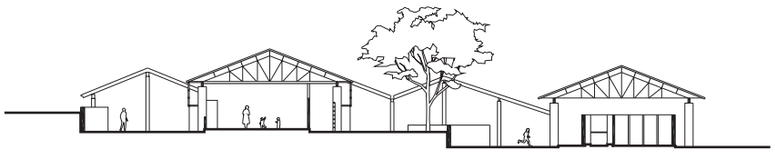


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

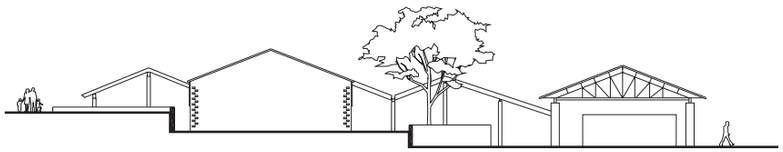
01. HALL DE ENTRADA
02. SECRETARIA
03. MATERIAL DIDÁTICO
04. DIRETORIA
05. SANITÁRIO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. BIBLIOTECA
08. DENTISTA
09. MÉDICO
10. LABORATÓRIO
11. SALA DE PREPARO
12. SALA DE AULA
13. VESTIÁRIO FEMININO
14. SANITÁRIO FEMININO
15. MATERIAL ESPORTIVO
16. VESTIÁRIO MASCULINO
17. SANITÁRIO MASCULINO
18. QUADRA POLIESPORTIVA



ELEVAÇÃO NORTE
1:500



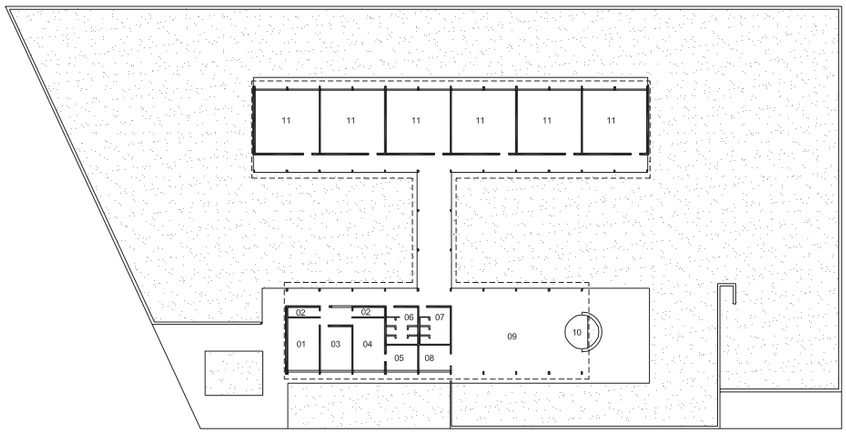
CORTE TRANSVERSAL
1:500



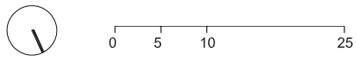
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

EMEF Prefeito Francisco Xavier Santiago

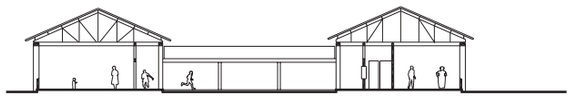
Carlos Barjas Millan e Galiano Ciampaglia | 1959 | Jaguariúna, Guedes | Rua Francisco Dal Bo, s/nº



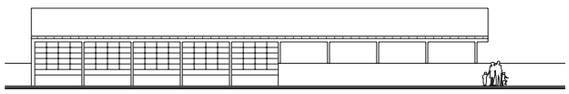
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



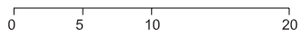
01. DENTISTA
02. SANITÁRIO
03. SALA DOS PROFESSORES
04. SECRETARIA
05. DIRETORIA
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. COZINHA
09. RECREIO COBERTO
10. PALCO
11. SALA DE AULA

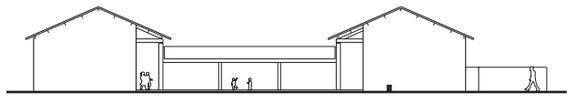


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORTE
1:500

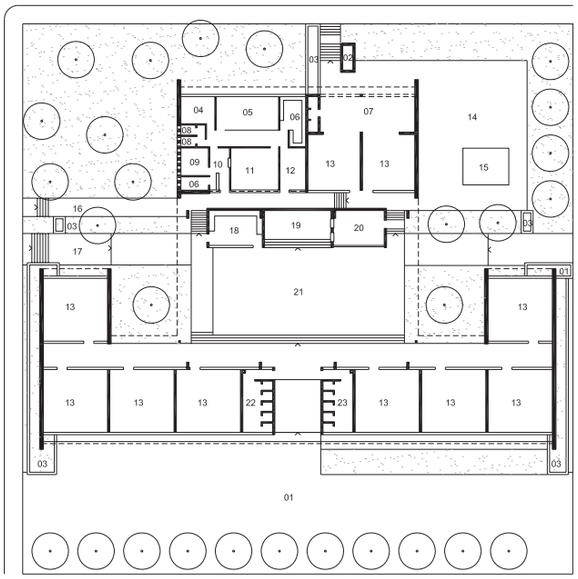




ELEVAÇÃO LESTE
1:500

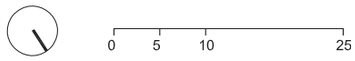
EE Doutor Washington Luiz Pereira de Souza

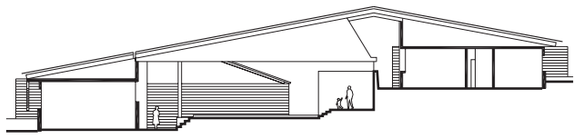
David Araújo Benedito Ottoni | 1961 | Arujá | Rua Washington Luiz, 27



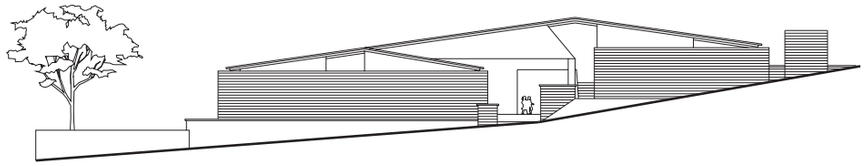
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. RECREIO
02. TORRE CAIXA D'ÁGUA
03. JARDINEIRA
04. EDUCAÇÃO SANITÁRIA
05. SALA DOS PROFESSORES
06. DEPÓSITO
07. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
08. SANITÁRIO
09. DENTISTA
10. PORTARIA
11. SECRETARIA
12. DIRETORIA
13. SALA DE AULA
14. PLAYGROUND
15. TANQUE DE AREIA
16. ENTRADA PÚBLICO
17. ENTRADA ALUNOS
18. BIBLIOTECA
19. PALCO
20. COZINHA
21. RECREIO COBERTO
22. SANITÁRIO MASCULINO
23. SANITÁRIO FEMININO

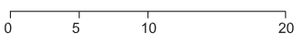




CORTE TRANSVERSAL
1:500

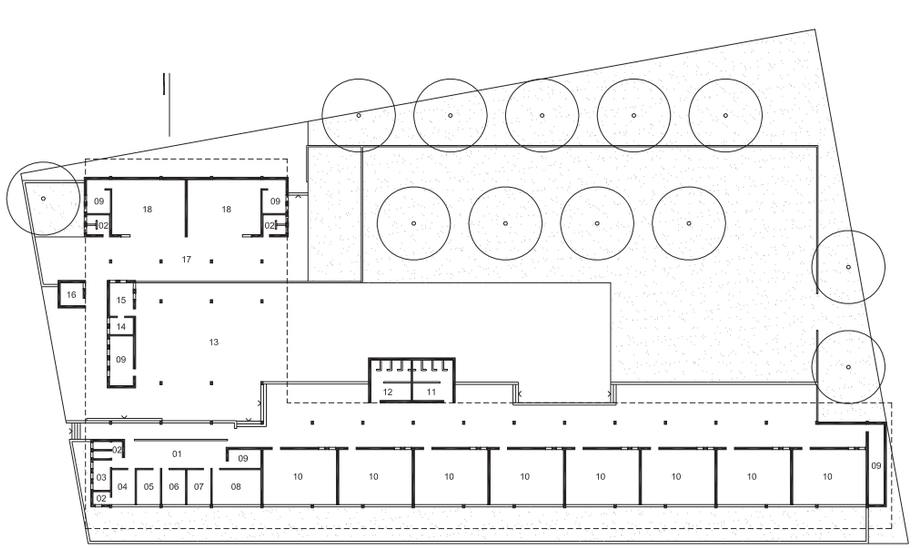


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

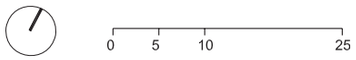


EE Professor Wladimir Rodrigues de Arruda

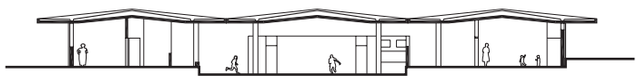
David Araújo Benedito Ottoni | 1962 | Barretos, Monte Castelo | Rua Quatro, 510



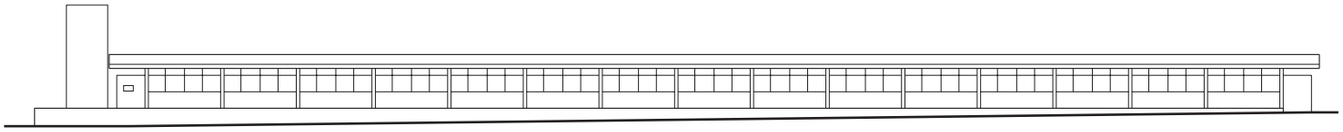
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



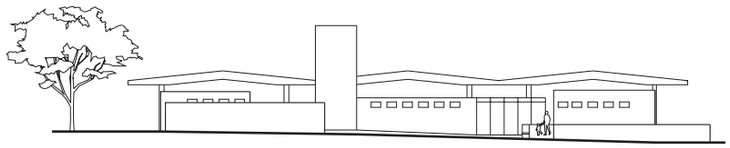
01. BIBLIOTECA
02. SANITÁRIO
03. ARQUIVO
04. DIRETORIA
05. AUXILIAR DA DIRETORIA
06. EDUCADOR SANITÁRIO
07. DENTISTA
08. SALA DOS PROFESSORES
09. DEPÓSITO
10. SALA DE AULA
11. SANITÁRIO FEMININO
12. SANITÁRIO MASCULINO
13. RECREIO COBERTO
14. DESPENSA
15. COZINHA
16. PORTARIA
17. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO



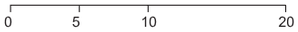
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

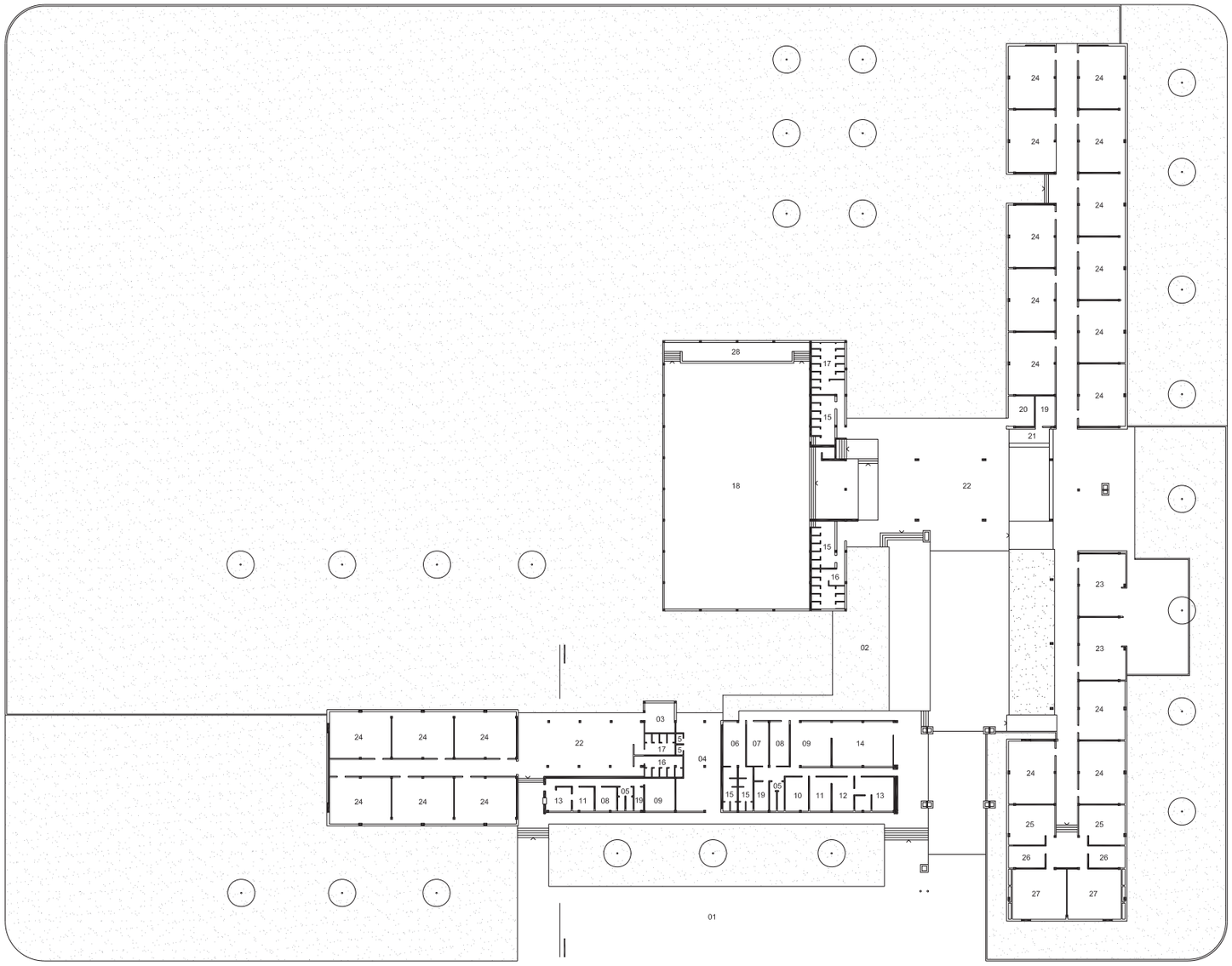


ELEVAÇÃO OESTE
1:500



EE Arnolfo Azevedo

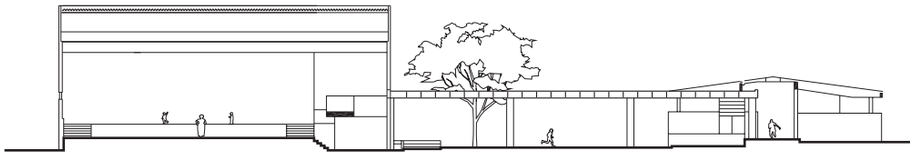
David Araújo Benedito Ottoni | data não identificada | Lorena, Cidade Industrial | Avenida Tomaz Alves Figueiredo, 350



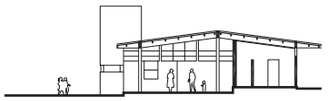
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. ESTACIONAMENTO
02. PLAYGROUND
03. COZINHA
04. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
05. SANITÁRIO
06. FUNCIONÁRIOS
07. MÉDICO
08. DENTISTA
09. SALA DOS PROFESSORES
10. ORIENTADOR EDUCACIONAL
11. DIRETORIA
12. VICE-DIRETORIA
13. SECRETARIA
14. BIBLIOTECA
15. VESTIÁRIO
16. SANITÁRIO MASCULINO
17. SANITÁRIO FEMININO
18. AUDITÓRIO
19. DEPÓSITO
20. GRÊMIO
21. CANTINA
22. RECREIO COBERTO
23. TRABALHOS MANUAIS
24. SALA DE AULA
25. LABORATÓRIO
26. SALETA
27. ANFITEATRO
28. PALCO
29. ARQUIBANCADA

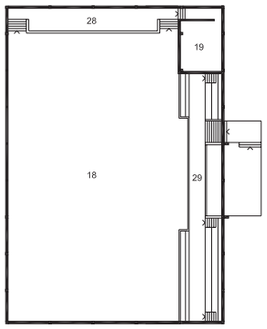
0 5 10 25



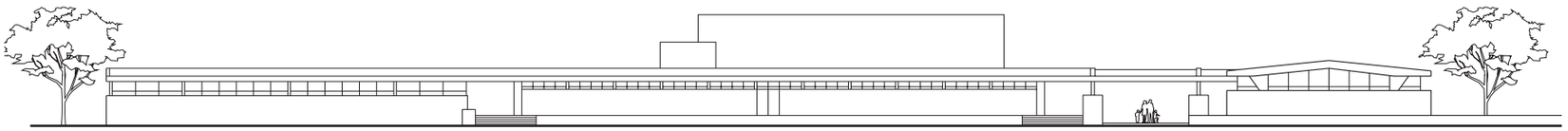
CORTE LONGITUDINAL
1:500



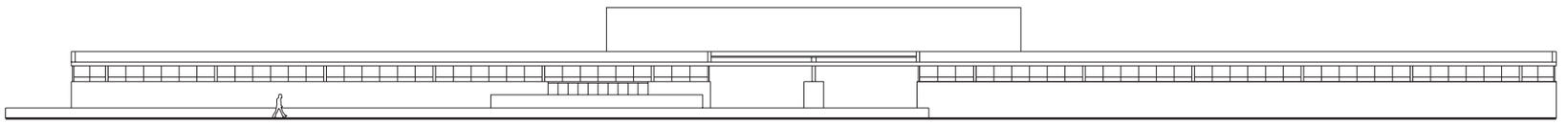
CORTE TRANSVERSAL
1:500



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



ELEVAÇÃO LESTE
1:500



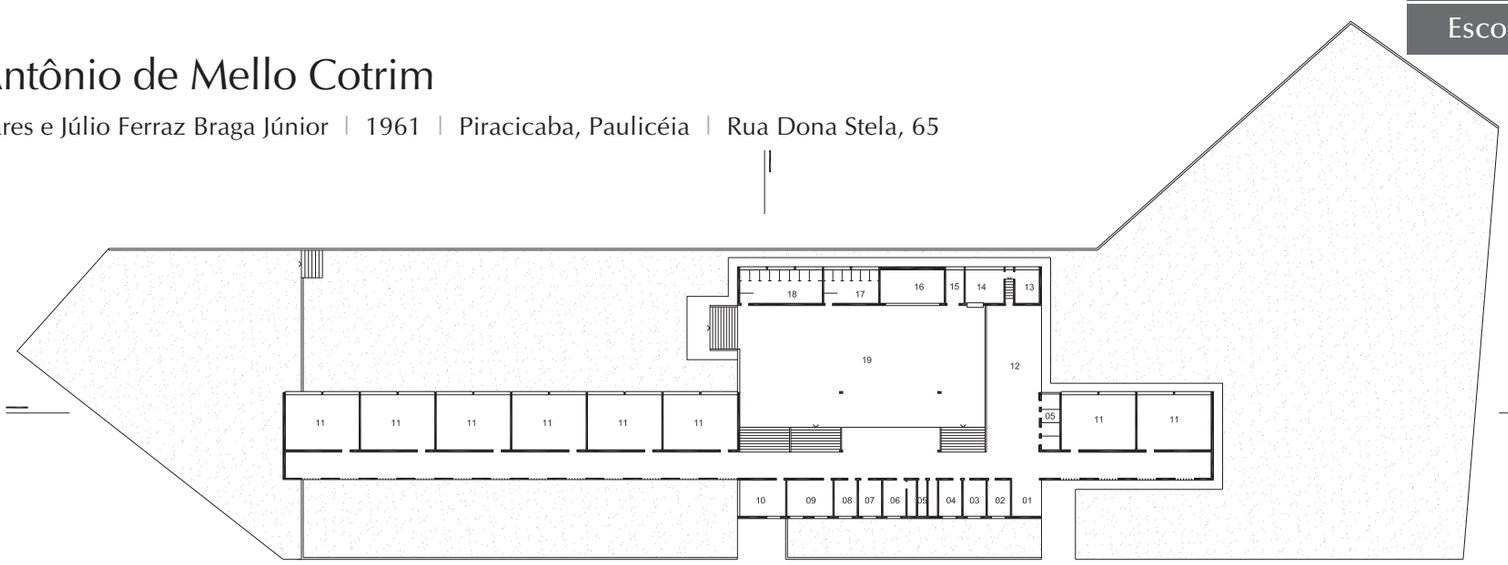
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

0 5 10 20

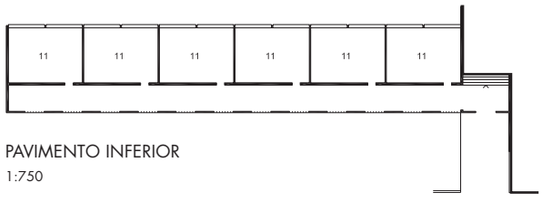
EE Professor Antônio de Mello Cotrim

Djalma de Macedo Soares e Júlio Ferraz Braga Júnior | 1961 | Piracicaba, Paulicéia | Rua Dona Stela, 65

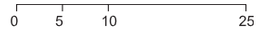
01. PORTARIA
02. EDUCADOR SANITÁRIO
03. DENTISTA
04. MÉDICO
05. SANITÁRIO
06. DIRETORIA
07. AUXILIAR DA DIRETORA
08. ARQUIVO/SECRETARIA
09. SALA DOS PROFESSORES
10. BIBLIOTECA
11. SALA DE AULA
12. CIRCULAÇÃO
13. DESPENSA
14. COZINHA
15. DEPÓSITO
16. PALCO
17. SANITÁRIO MASCULINO
18. SANITÁRIO FEMININO
19. RECREIO COBERTO

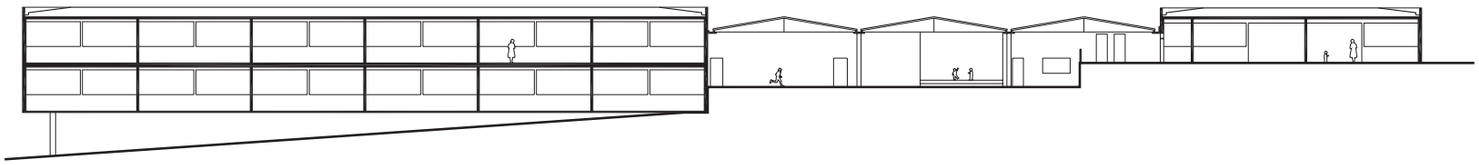


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

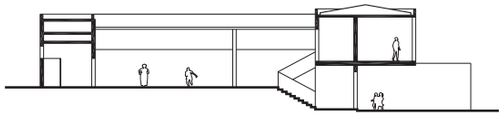


PAVIMENTO INFERIOR
1:750

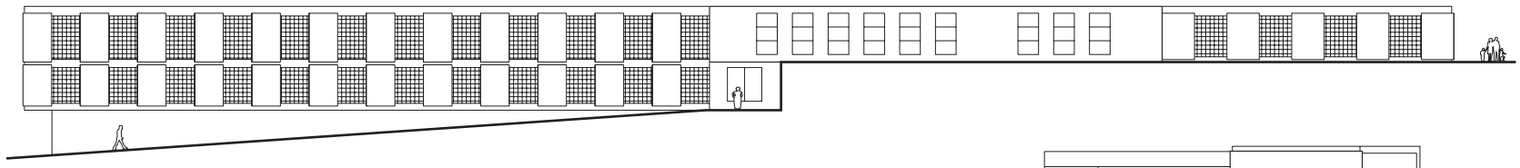




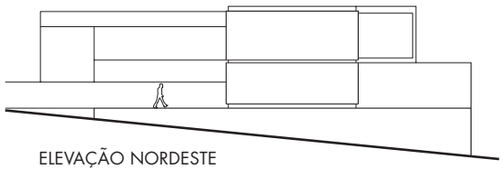
CORTE LONGITUDINAL
1:500



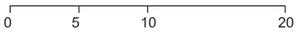
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

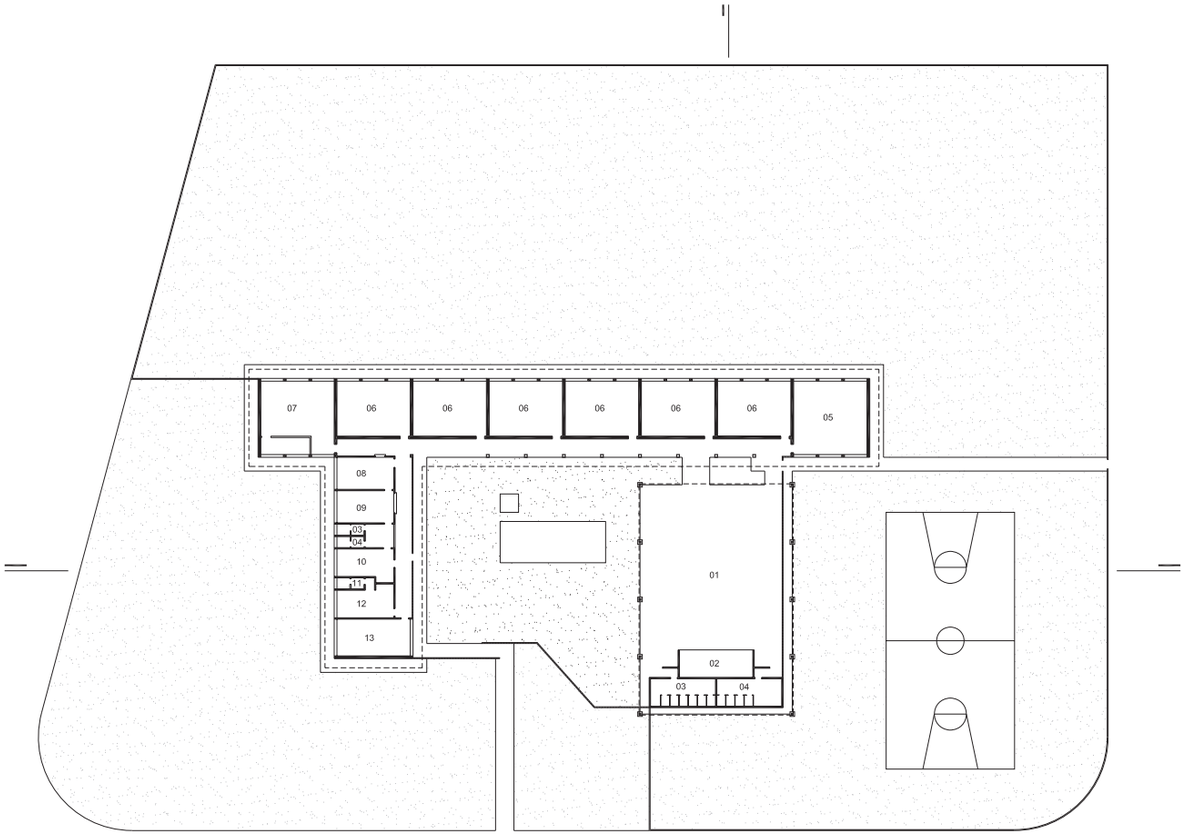


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

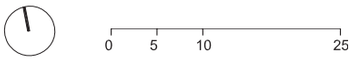


EE Thomaz Ribeiro de Lima

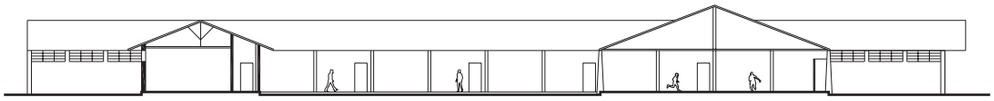
Eduardo Corona | 1959 | Caraguatatuba, Centro | Avenida Frei Pacífico Wagner, 757



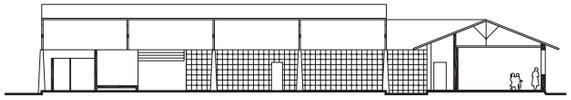
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



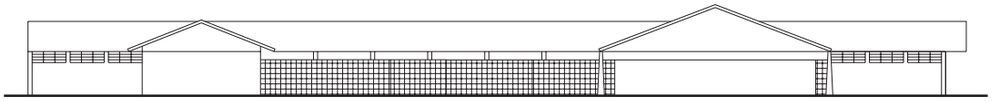
01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SALA DE DESENHO
06. SALA DE AULA
07. LABORATÓRIO
08. BIBLIOTECA
09. SECRETARIA
10. DIRETORIA
11. SANITÁRIO
12. SALA DOS PROFESSORES
13. MÉDICO / DENTISTA



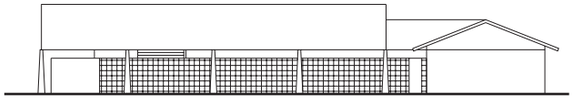
CORTE LONGITUDINAL
1:500



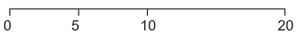
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

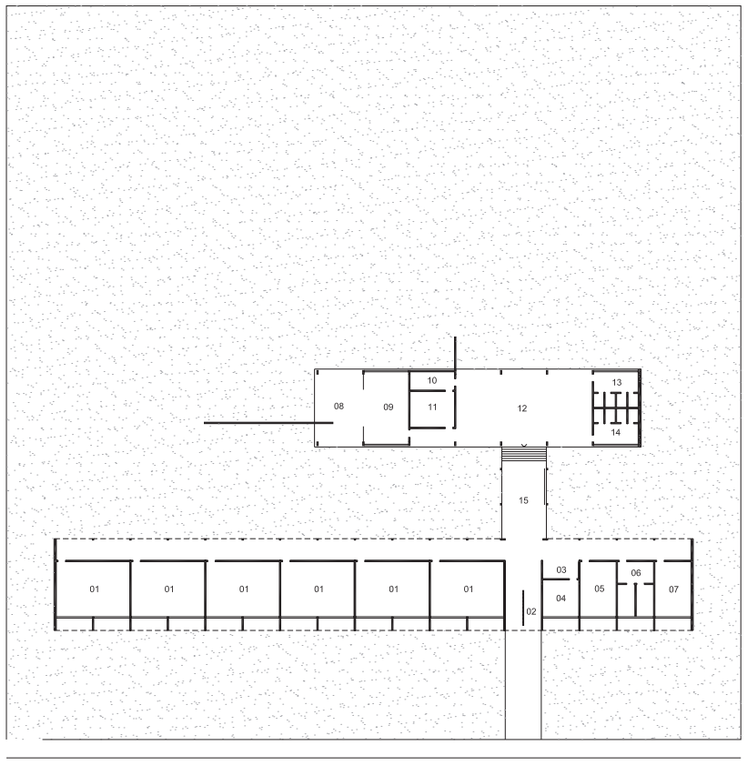


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

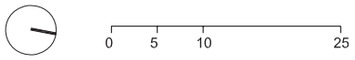


EE Gustavo Fernando Kuhlmann

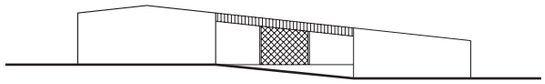
Eduardo Corona | 1960 | Bebedouro, Botafogo | Rua Avelino Mariotini, 1391



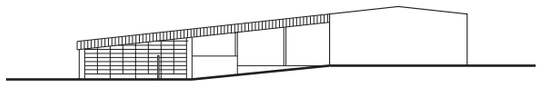
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



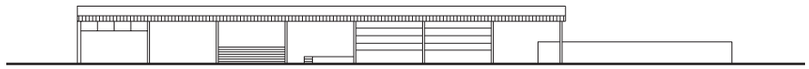
01. SALA DE AULA
02. HALL DE ENTRADA
03. PORTARIA
04. DIRETORIA
05. SALA DOS PROFESSORES E BIBLIOTECA
06. SANITÁRIO
07. DENTISTA
08. RECREIO DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. COZINHA
11. REFEITÓRIO
12. RECREIO COBERTO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. SANITÁRIO FEMININO
15. PASSAGEM COBERTA



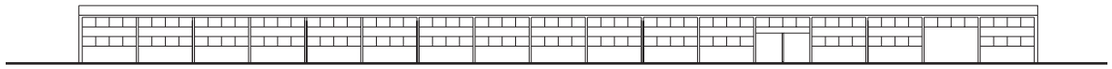
ELEVAÇÃO NORTE
1:500



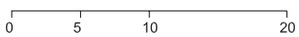
ELEVAÇÃO LESTE
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

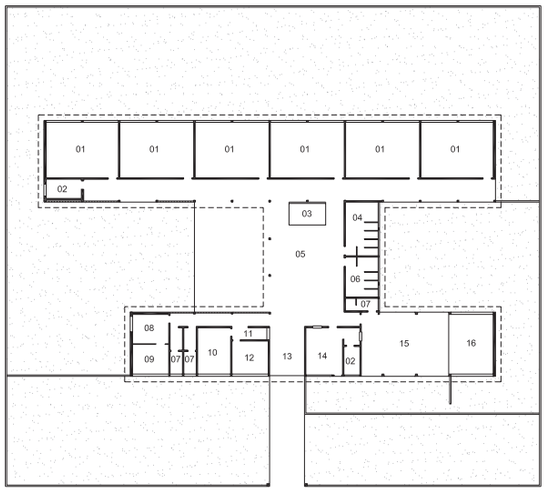


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

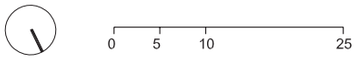


EMEF Professor Victor Padilha

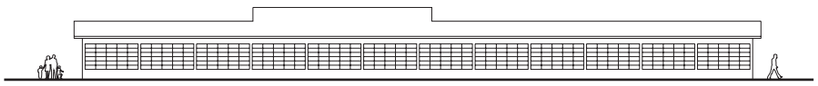
Eduardo Corona | 1961 | Sud Menucci, Centro | Rua Cícero Castilho Cunha, 426



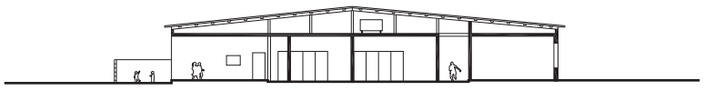
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



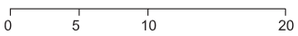
01. SALA DE AULA
02. DEPÓSITO
03. PALCO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. RECREIO COBERTO
06. SANITÁRIO FEMININO
07. SANITÁRIO
08. MÉDICO
09. DENTISTA
10. SALA DOS PROFESSORES E BIBLIOTECA
11. PORTARIA
12. DIRETORIA
13. HALL DE ENTRADA
14. COZINHA
15. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMARIO
16. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO



ELEVAÇÃO SUL
1:500

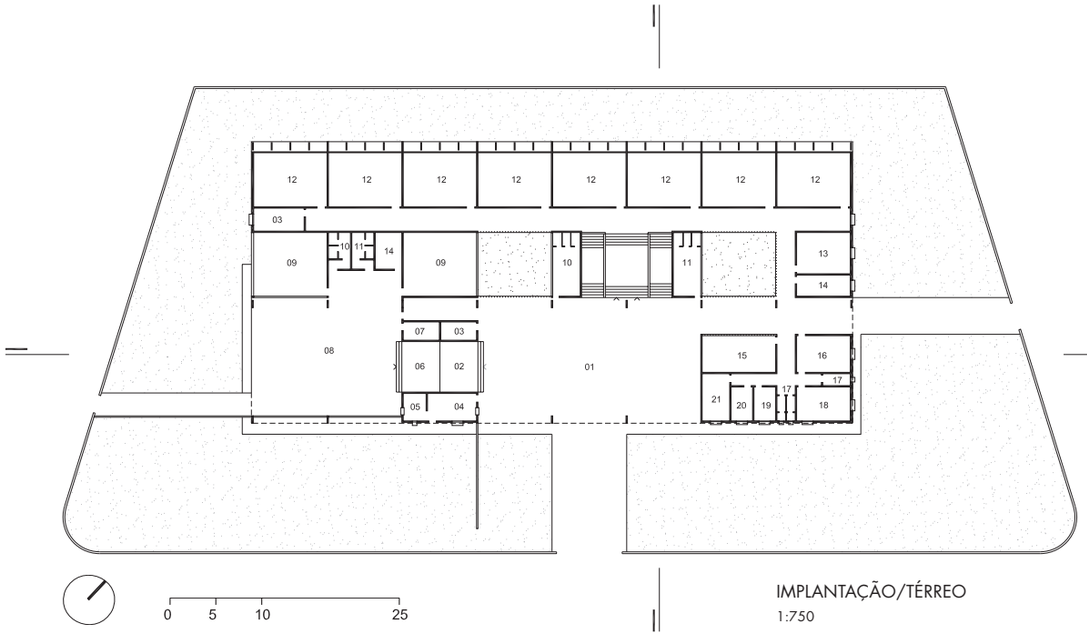


CORTE TRANSVERSAL
1:500

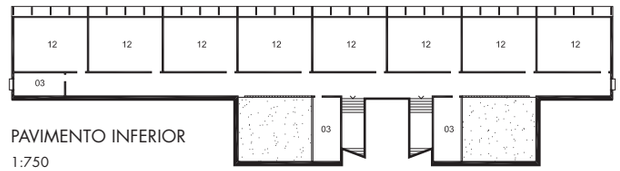


EE Professor Aggeo Pereira do Amaral

Eduardo Corona | data não identificada | Sorocaba, Jardim Cruzeiro do Sul | Rua Hércules Tavares, 389

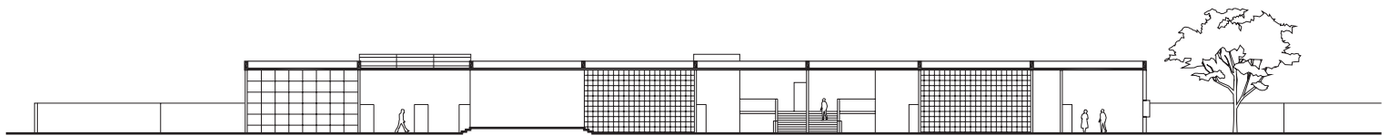


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

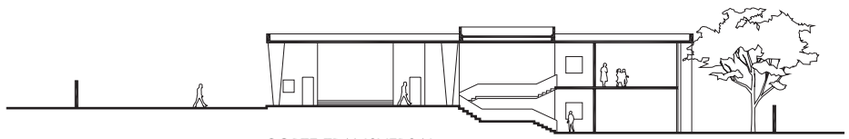


PAVIMENTO INFERIOR
1:750

01. RECREIO COBERTO
02. PALCO/REFEITÓRIO
03. DEPÓSITO
04. COZINHA
05. DESPENSA
06. PALCO/REFEITÓRIO PRÉ-PRIMÁRIO
07. DEPÓSITO DO PRÉ-PRIMÁRIO
08. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. SANITÁRIO MASCULINO
11. SANITÁRIO FEMININO
12. SALA DE AULA
13. SALA DOS PROFESSORES
14. ARQUIVO/SECRETARIA
15. BIBLIOTECA
16. DIRETORIA
17. SANITÁRIO
18. AUXILIAR DA DIRETORIA
19. EDUCADOR SANITÁRIO
20. DENTISTA
21. MÉDICO

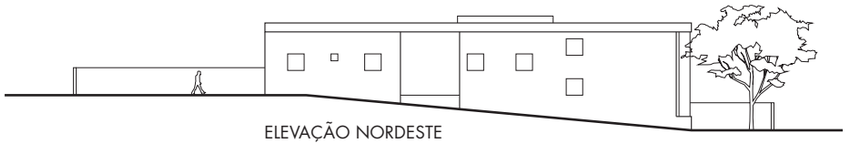


CORTE LONGITUDINAL
1:500

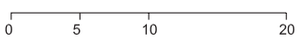


CORTE TRANSVERSAL
1:500

ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

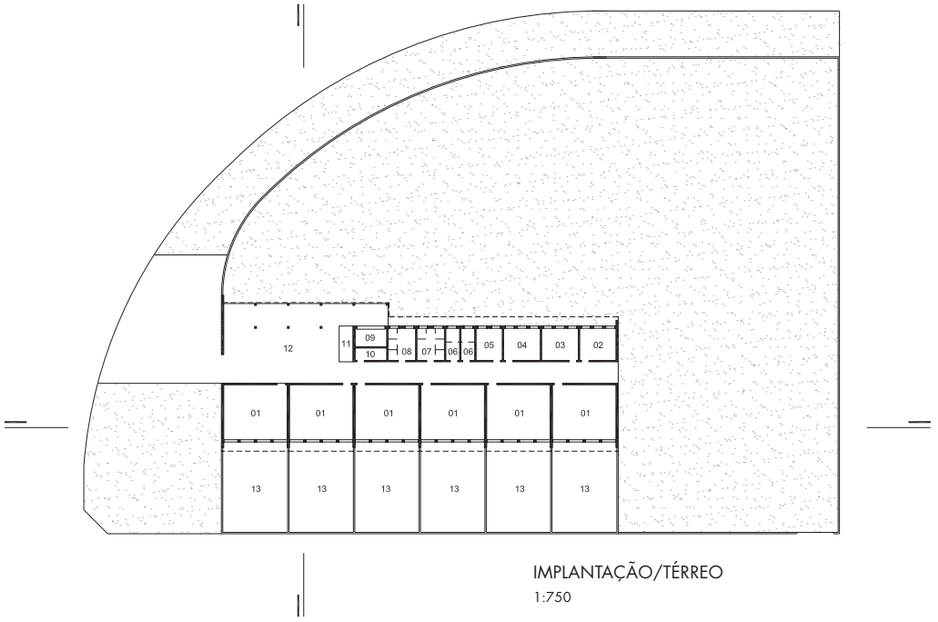


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



EMEF Dona Sinhazinha

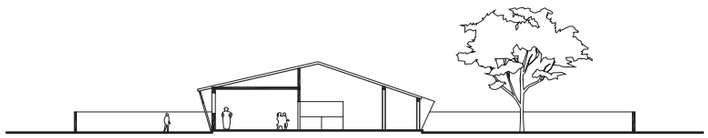
Eduardo Kneese de Mello | 1959 | Mogi Mirim, Nova Mogi | Rua Doutor Artur Cândido de Almeida, 218



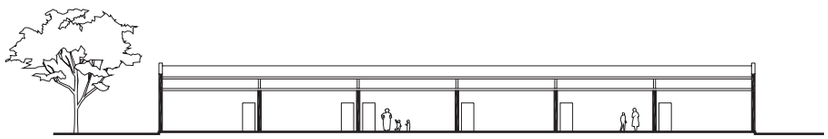
01. SALA DE AULA
02. DIRETORIA
03. DENTISTA
04. SALA DOS PROFESSORES
05. MATERIAL DIDÁTICO
06. SANITÁRIO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. COZINHA
10. DEPÓSITO
11. PALCO
12. RECREIO COBERTO
13. AULA AO AR LIVRE

0 5 10 25

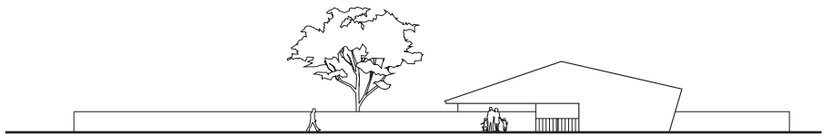
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



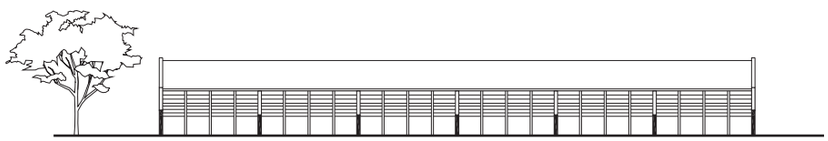
CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

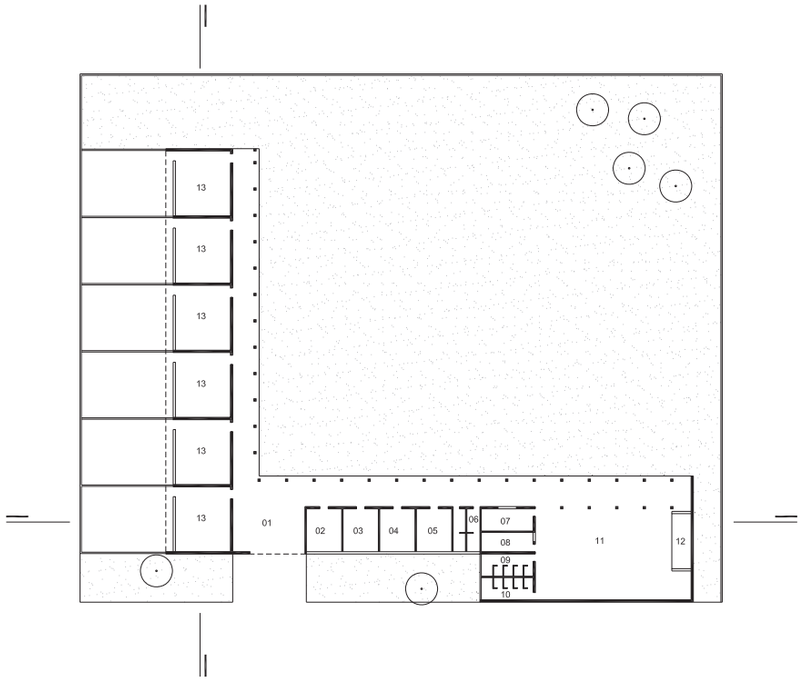


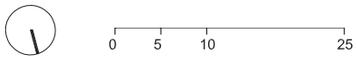
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

0 5 10 20

EMEF Professora Regina Olinda Martins Ferro

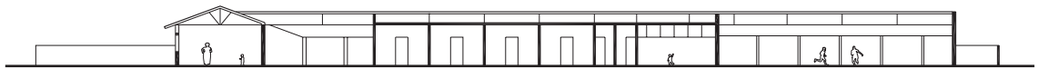
Eduardo Kneese de Mello | 1959 | Reginópolis, Centro | Rua Padre Moisés de Miranda, 662



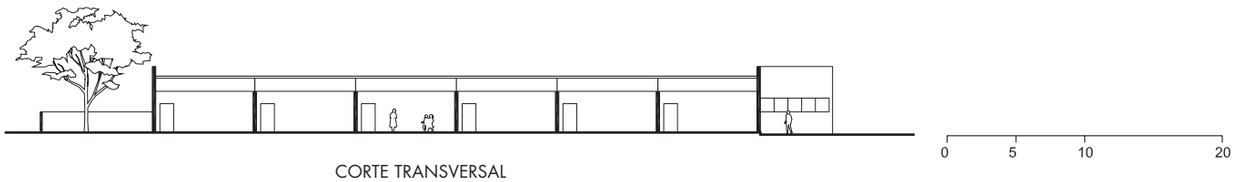


01. PORTARIA
02. DIRETORIA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. MATERIAL DIDÁTICO
05. DENTISTA
06. SANITÁRIO
07. COZINHA
08. DEPÓSITO
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. SANITÁRIO FEMININO
11. RECREIO COBERTO
12. PALCO
13. SALA DE AULA

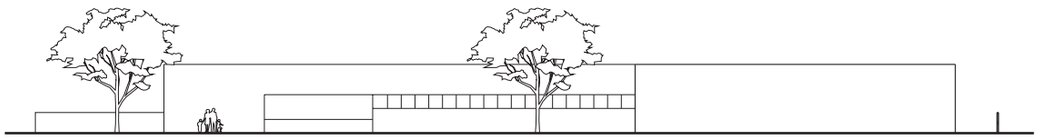
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500



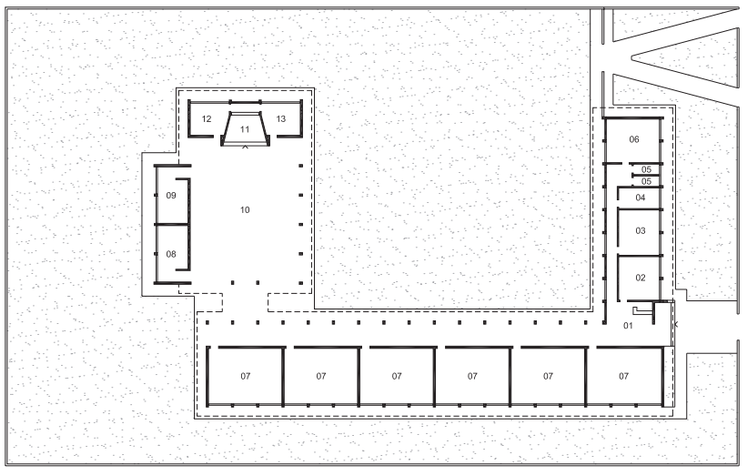
CORTE TRANSVERSAL
1:500

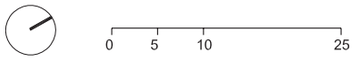


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

antiga EE Holambra II

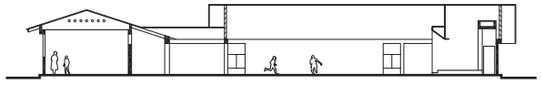
Elisário da Cunha Bahiana | data não identificada | obra construída com outro projeto | Paranapanema, Posses



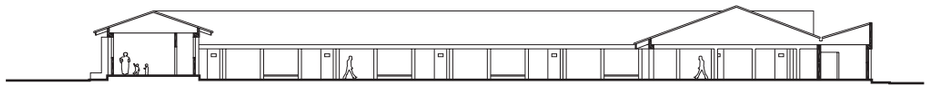


01. HALL DE ENTRADA
02. DIRETORIA
03. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
04. MATERIAL DIDÁTICO
05. SANITÁRIO
06. MÉDICO/DENTISTA
07. SALA DE AULA
08. SANITÁRIO FEMININO
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. RECREIO COBERTO
11. PALCO
12. DEPÓSITO
13. COZINHA

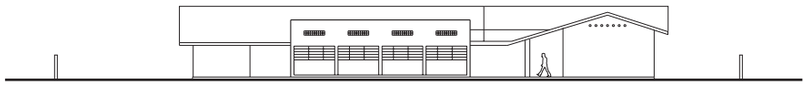
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



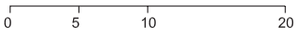
CORTE TRANSVERSAL
1:500

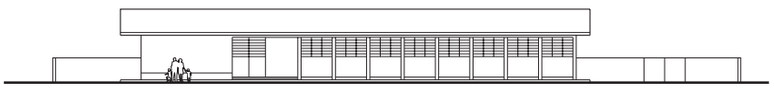


CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

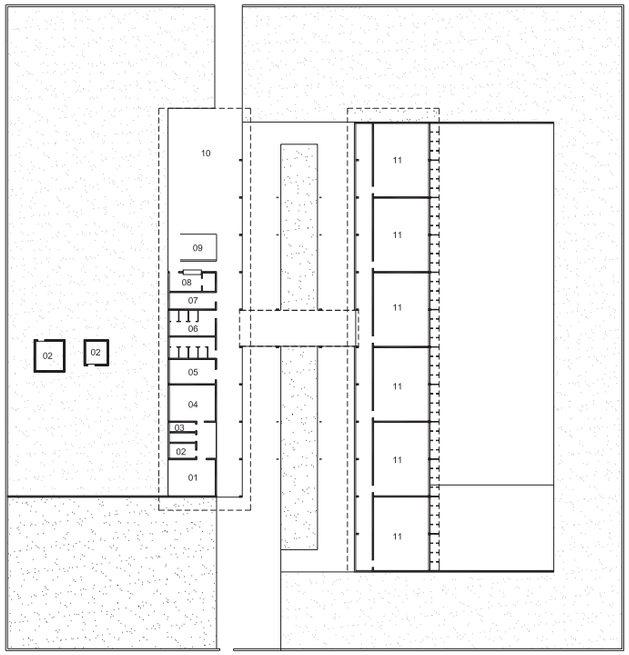


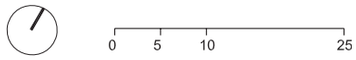


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

antiga EE Expedicionário Diogo Garcia Martins

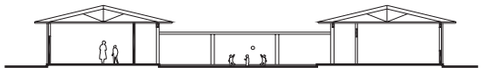
Fábio M. Penteado | 1959 | Alto Alegre, Centro | Avenida Doutor Alcir Alves Leite, 948



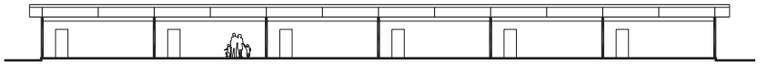


01. SECRETARIA
02. DEPÓSITO
03. SANITÁRIO
04. DIRETORIA
05. DENTISTA
06. SANITÁRIO FEMININO/MASCULINO
07. SALA DOS PROFESSORES
08. COZINHA
09. PALCO
10. RECREIO COBERTO
11. SALA DE AULA

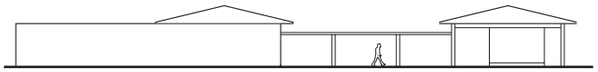
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



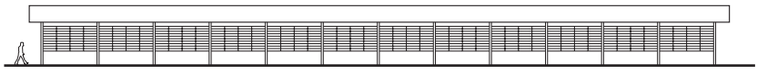
CORTE TRANSVERSAL
1:500



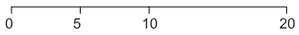
CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

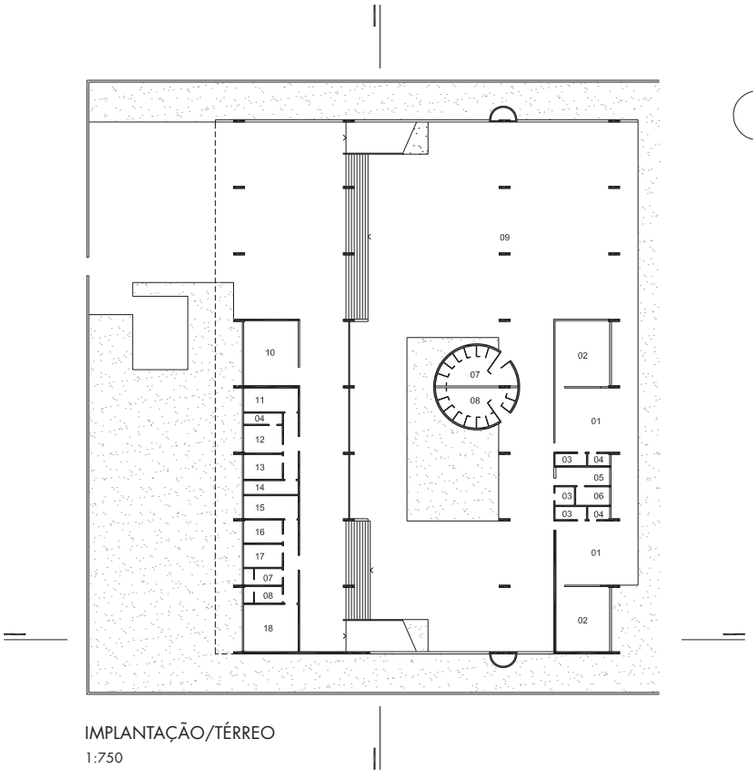


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

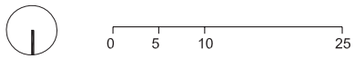


EE Oswaldo Samuel Massei

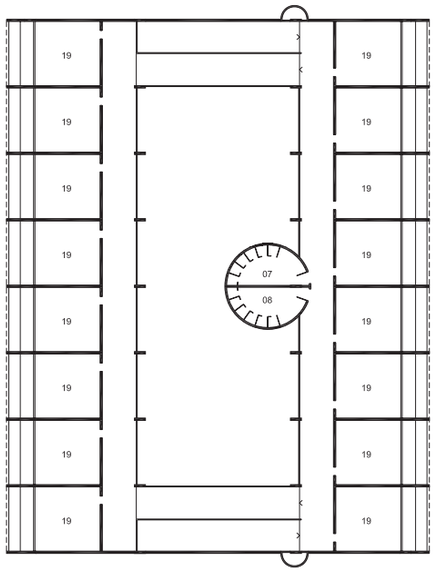
Fábio M. Penteado | 1962 | obra construída com outro projeto | São Caetano do Sul, Osvaldo Cruz | Rua Giovani Peruchi, 190



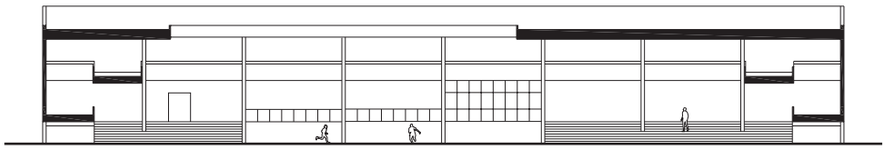
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



01. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
02. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
03. DEPÓSITO
04. SANITÁRIO
05. COZINHA
06. DESPENSA
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. SANITÁRIO FEMININO
09. RECREIO COBERTO
10. BIBLIOTECA
11. ARQUIVO/SECRETARIA
12. DIRETORIA
13. AUXILIAR DA DIRETORIA
14. MATERIAL DIDÁTICO
15. MÉDICO
16. DENTISTA
17. EDUCADOR SANITÁRIO
18. SALA DOS PROESSORES
19. SALA DE AULA

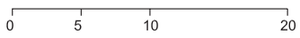


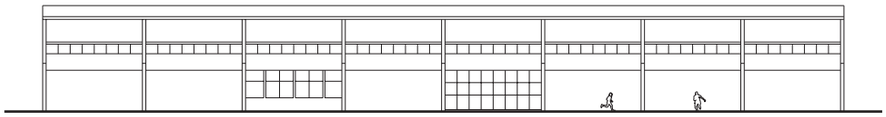
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



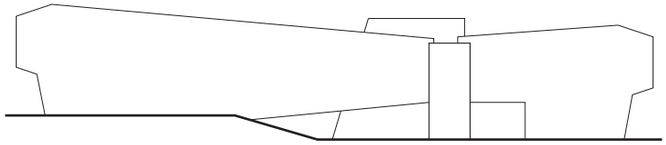
CORTE LONGITUDINAL
1:500

CORTE TRANSVERSAL
1:500





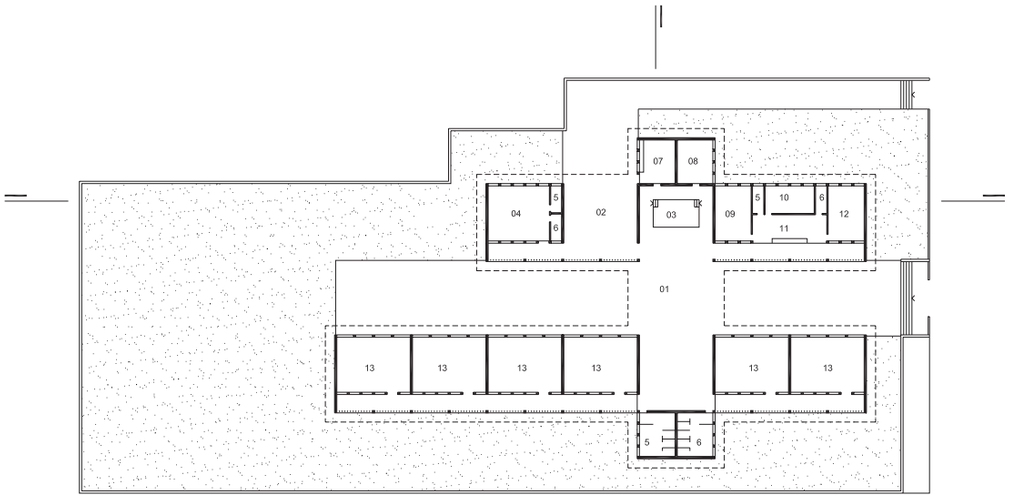
ELEVAÇÃO OESTE
1:500



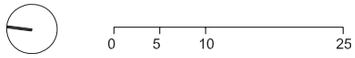
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EMEF Dona Miloca

Fernando Arantes | 1960 | Rancharia, Vila Cantizani | Rua Felipe Camarão, 1664

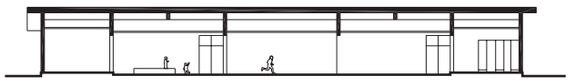


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

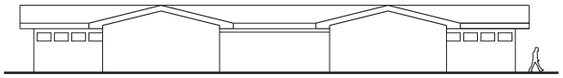


01. RECREIO COBERTO
02. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
03. PALCO
04. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. SANITÁRIO FEMININO
07. COZINHA
08. DEPÓSITO
09. DIRETORIA
10. DENTISTA
11. PORTARIA
12. SALA DOS PROFESSORES
13. SALA DE AULA

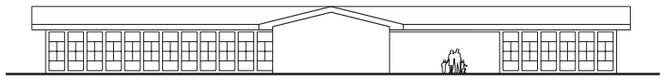
CORTE LONGITUDINAL
1:500



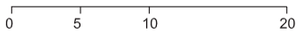
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

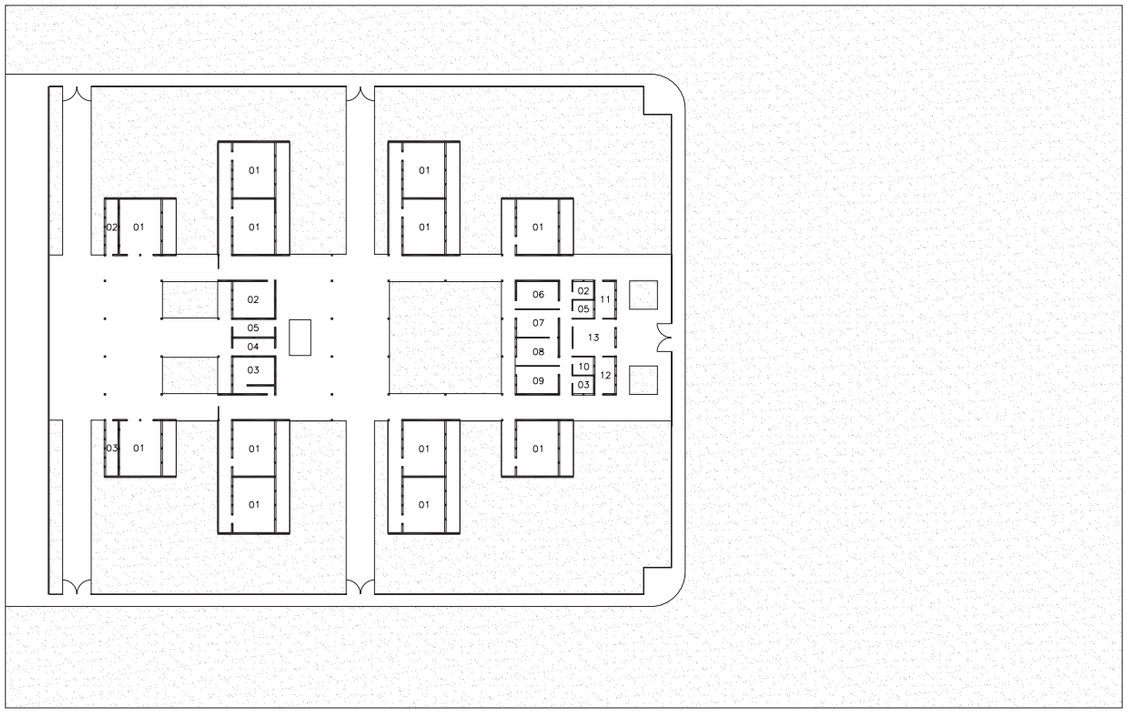


ELEVAÇÃO LESTE
1:500



antiga EE Padre Francisco de Salles Colturato

Fernando Arantes | 1961 | obra construída com outro projeto e já demolida | Araraquara, São Geraldo | Avenida Padre Francisco Salles Colturato, 925

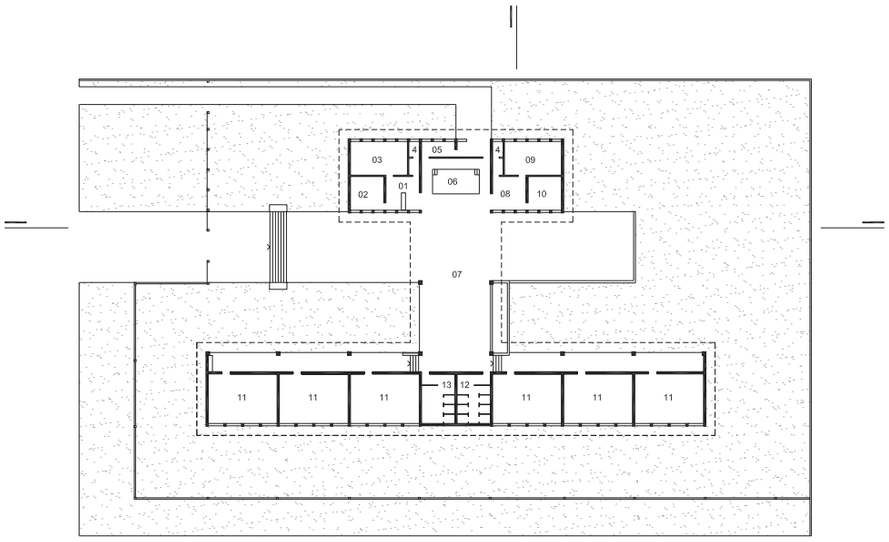


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

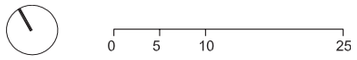
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. COZINHA
05. DEPÓSITO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. DIRETORIA
08. AUXILIAR DA DIRETORIA
09. BIBLIOTECA
10. ARQUIVO
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. DENTISTA
13. PORTARIA/SECRETARIA

EMEF Dona Izaura da Silva Vieira

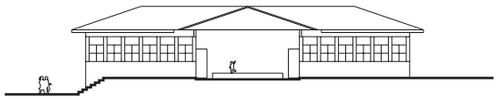
Fernando Arantes, Mário A. Reginato e Salvador Cândia | 1959 | Itapira, Cubatão | Rua Coronel Francisco Vieira, s/nº



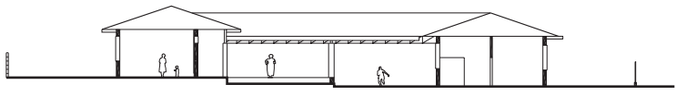
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



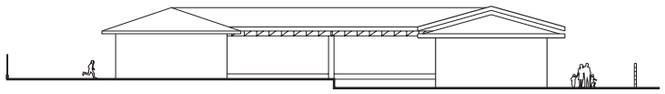
01. PORTARIA
02. MATERIAL DIDÁTICO
03. DIRETORIA
04. SANITÁRIO
05. COZINHA
06. PALCO
07. RECREIO COBERTO
08. SALA DE ESPERA
09. SALA DOS PROFESSORES
10. DENTISTA
11. SALA DE AULA
12. SANITÁRIO FEMININO
13. SANITÁRIO MASCULINO



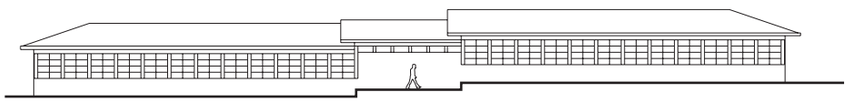
CORTE LONGITUDINAL
1:500



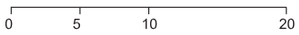
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

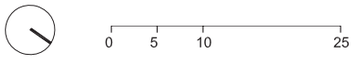


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

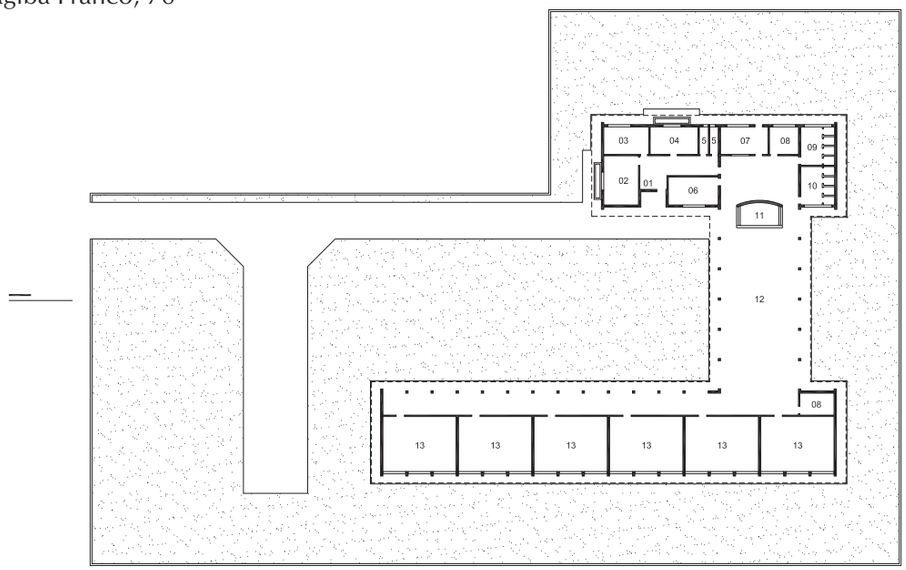


EE Eliseu Alves Teixeira

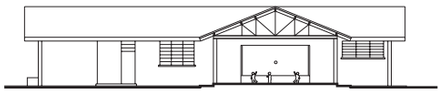
Gastão Rachou Júnior | 1959 | Pedregulho, Alto Pora | Rua Augusto Itagiba Franco, 70



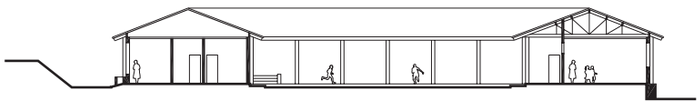
01. PORTARIA
02. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
03. MATERIAL DIDÁTICO
04. DIRETORIA
05. SANITÁRIO
06. MÉDICO/DENTISTA
07. COZINHA
08. DEPÓSITO
09. SANITÁRIO FEMININO
10. SANITÁRIO MASCULINO
11. PALCO
12. RECREIO COBERTO
13. SALA DE AULA



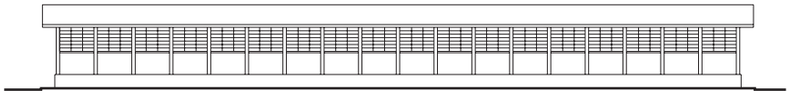
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



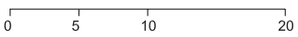
CORTE LONGITUDINAL
1:500

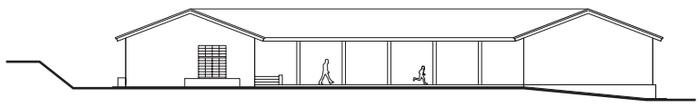


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

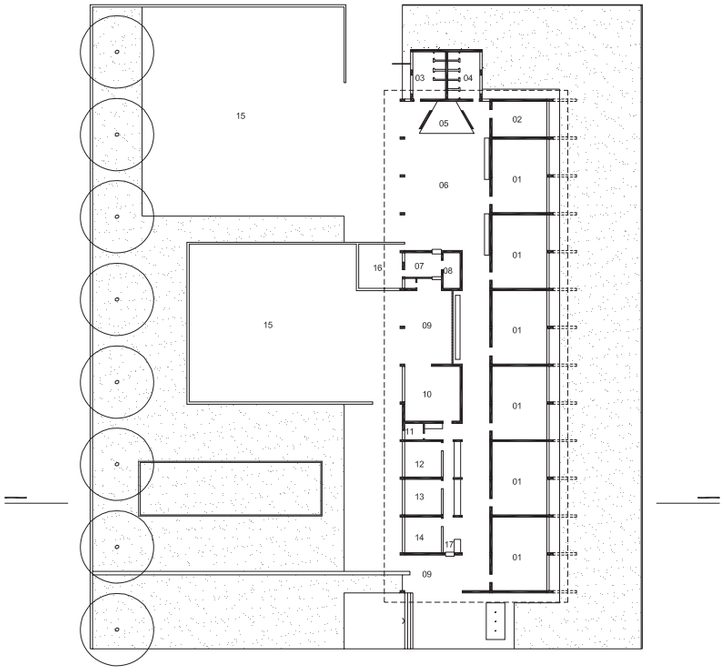




ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

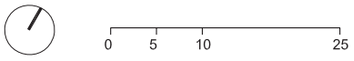
EE Antônio Fontana

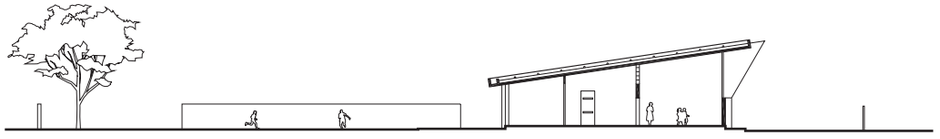
Heitor Ferreira de Souza | 1961 | Cândido Mota, Frutal do Campo | Rua Otávio Pereira, 20



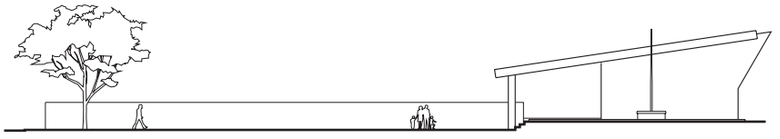
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. SALA DE AULA
02. DEPÓSITO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. PALCO
06. RECREIO COBERTO
07. COZINHA
08. DESPENSA
09. TERRAÇO
10. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
11. SANITÁRIO
12. SALA DOS PROFESSORES
13. DIRETORIA
14. DENTISTA
15. PÁTIO
16. ÁREA DE SERVIÇO
17. PORTARIA

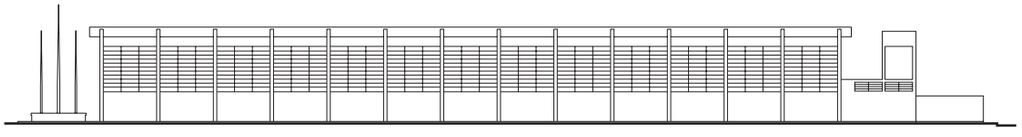




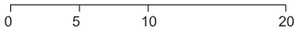
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

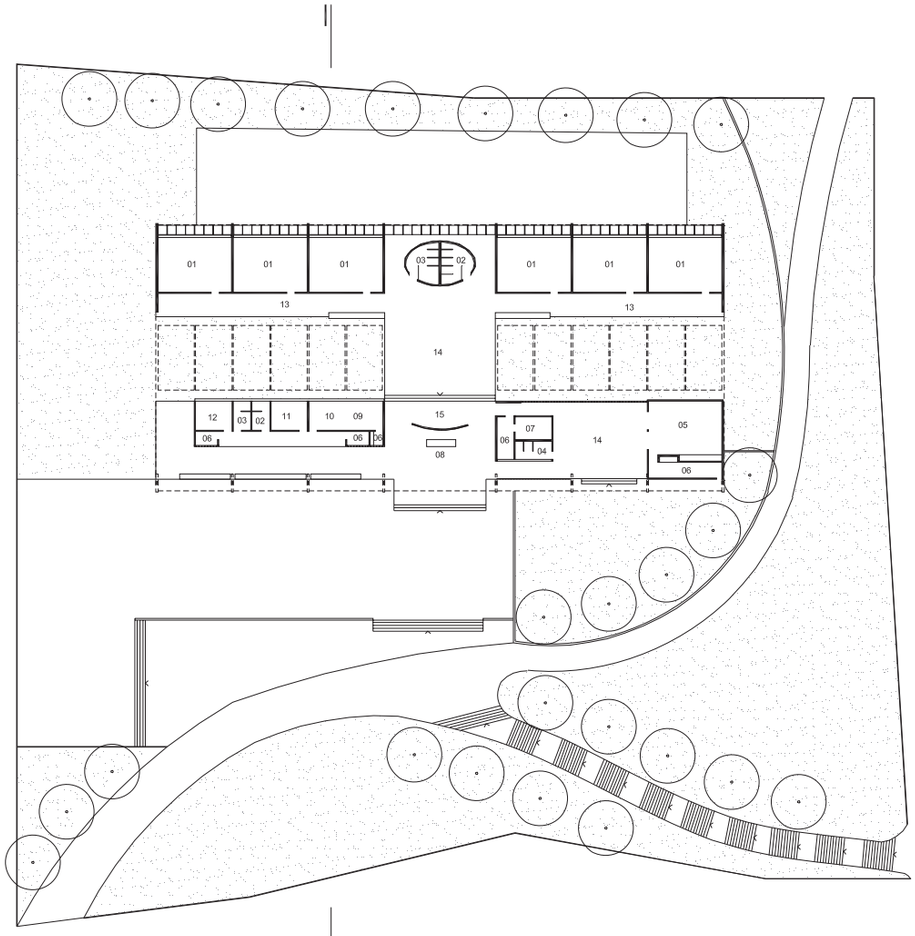


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

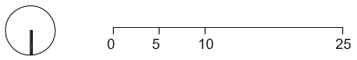


EE Professora Leonor Guimarães

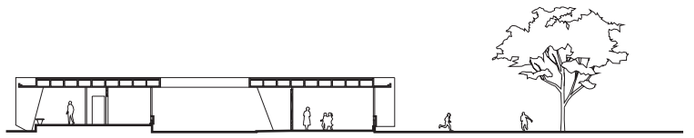
Helio Penteado | 1962 | Piquete, Vila Celeste | Praça D. Pedro I, 130



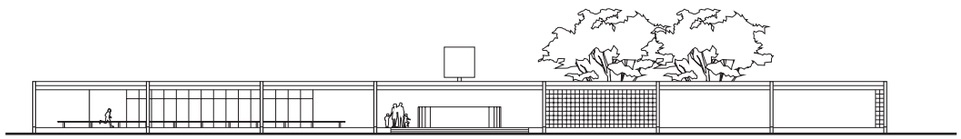
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO DO PRÉ-PRIMÁRIO
05. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
06. DEPÓSITO
07. COZINHA
08. PORTARIA
09. BIBLIOTECA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. DIRETORIA
12. DENTISTA
13. CIRCULAÇÃO
14. RECREIO COBERTO
15. PALCO



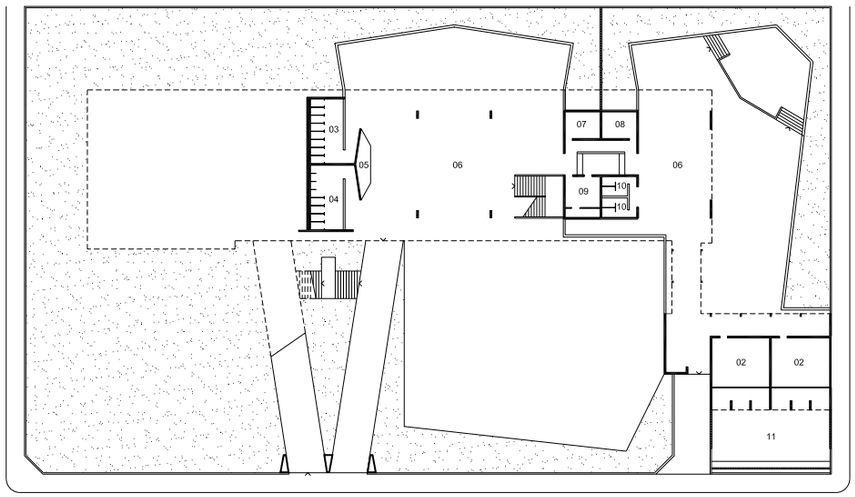
CORTE TRANSVERSAL
1:500



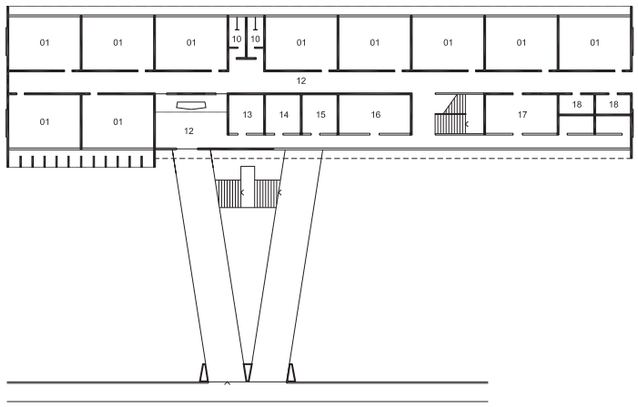
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EMEF Professora Ana Maria Segura

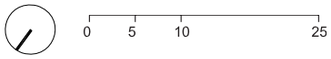
Helio Penteado | data não identificada | Cosmorama, Centro | Rua Sebastião José da Costa, 745



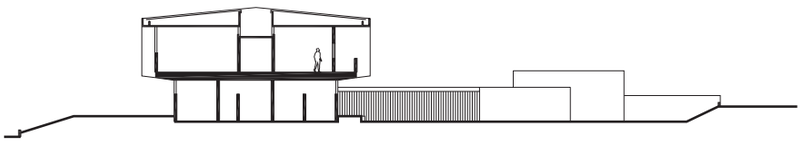
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



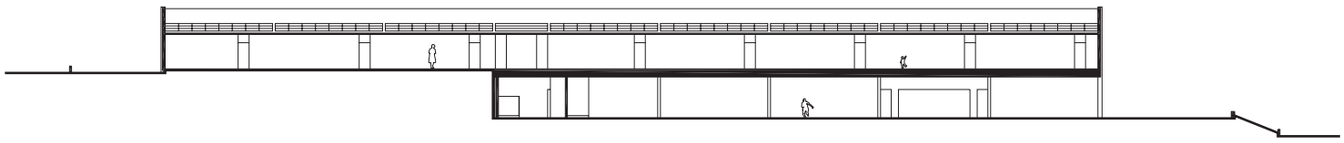
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



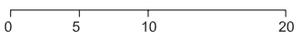
01. SALA DE AULA
02. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. PALCO
06. RECREIO COBERTO
07. EDUCADOR SANITÁRIO
08. DENTISTA
09. COZINHA
10. SANITÁRIO
11. PÁTIO
12. CIRCULAÇÃO
13. ARQUIVO/SECRETARIA
14. AUXILIAR DA DIRETORIA
15. DIRETORIA
16. BIBLIOTECA
17. SALA DOS PROFESSORES
18. DEPÓSITO

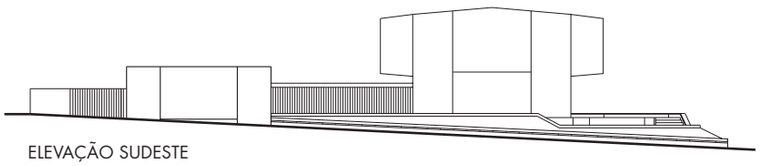


CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

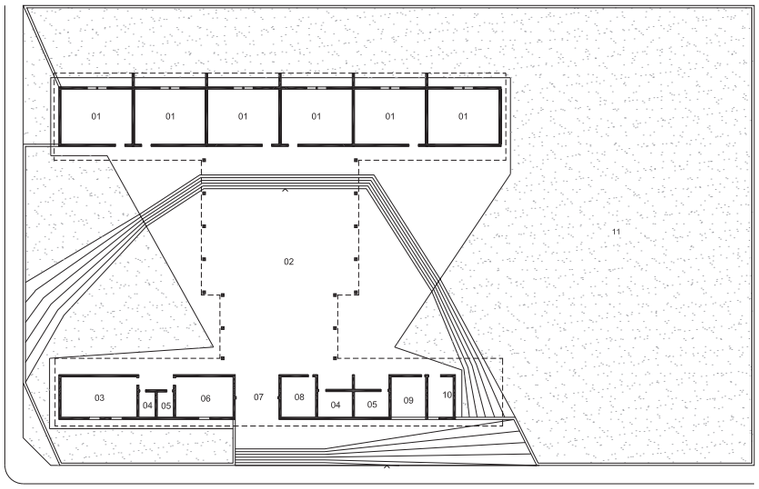




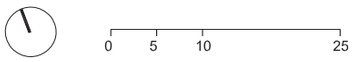
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

EE Professor Fenízio Marchini

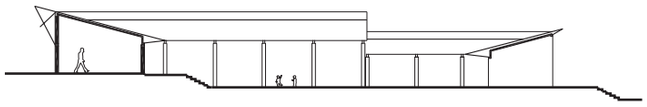
Helio Penteado, Joaquim Guedes e J. Caetano de Mello | 1959 | Itapira, Barão Ataliba Nogueira | Rua Marcelina Breda, s/nº



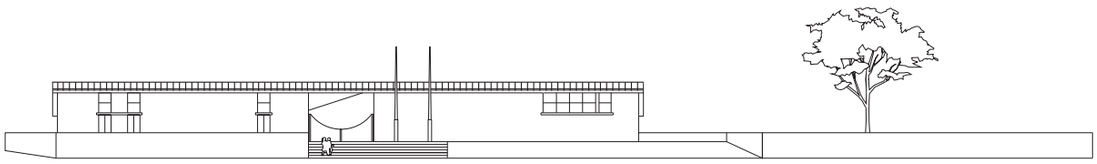
01. SALA DE AULA
02. RECREIO COBERTO
03. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. DIRETORIA/SECRETARIA
07. HALL DE ENTRADA
08. COZINHA
09. DENTISTA
10. ALMOXARIFADO
11. JARDIM



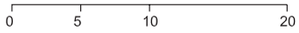
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

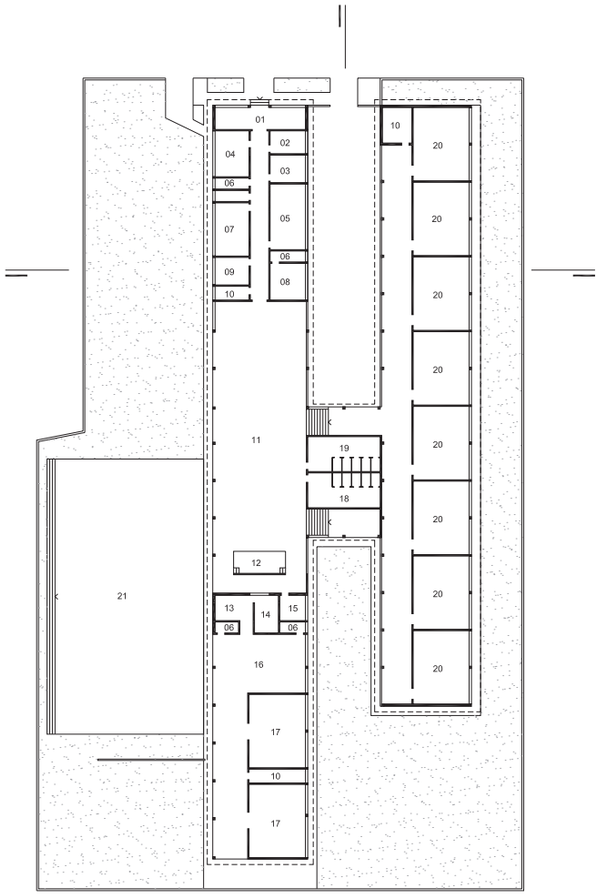


ELEVAÇÃO SUL
1:500

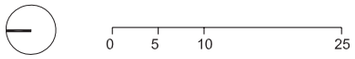


EE Abel Augusto Fragata

Hernani Russo | data não identificada | Marília, Salgado Filho | Rua Aymores, 72

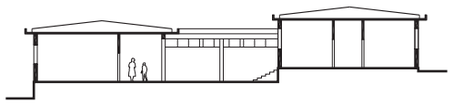


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

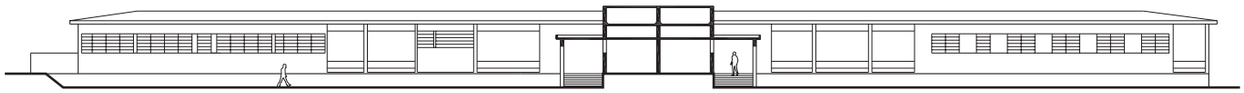


01. PORTARIA
02. CENTRO CÍVICO
03. SECRETARIA
04. BIBLIOTECA
05. SECRETARIA
06. SANITÁRIO
07. SALA DOS PROFESSORES
08. DIRETORIA
09. DENTISTA
10. DEPÓSITO
11. RECREIO COBERTO
12. PALCO
13. COZINHA
14. DESPENSA
15. EDUCAÇÃO FÍSICA
16. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. SANITÁRIO FEMININO
19. SANITÁRIO MASCULINO
20. SALA DE AULA
21. QUADRA POLIESPORTIVA

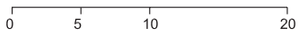
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

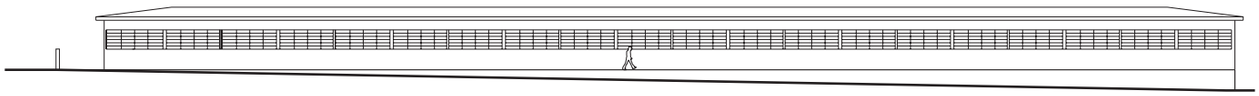


CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

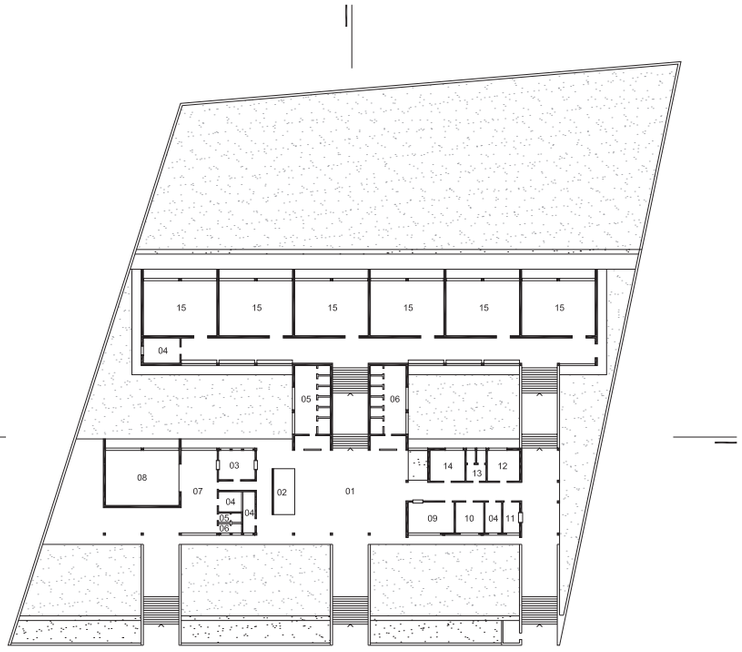




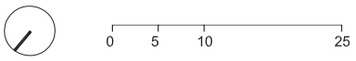
ELEVAÇÃO SUL
1:500

EE Professora Elisa dos Santos

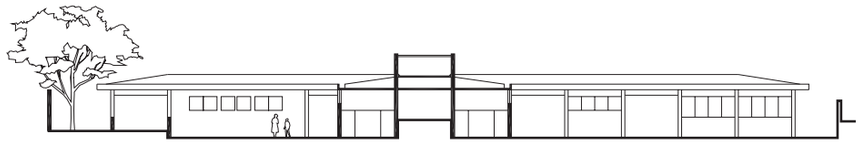
Hernani Russo | data não identificada | Apiaí, Centro | Rua Duque de Caxias, 187



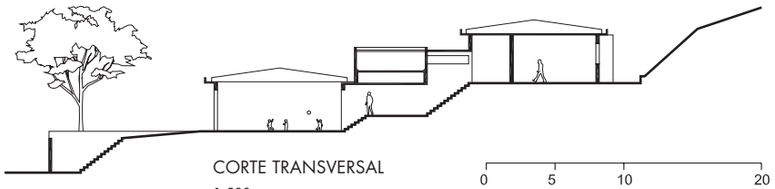
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



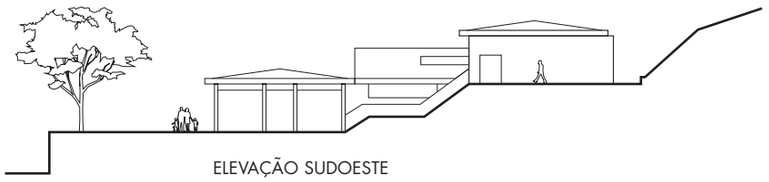
01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. COZINHA
04. DEPÓSITO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
08. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. SALA DOS PROFESSORES
10. BIBLIOTECA
11. PORTARIA/SECRETARIA
12. DENTISTA
13. SANITÁRIO
14. DIRETORIA
15. SALA DE AULA



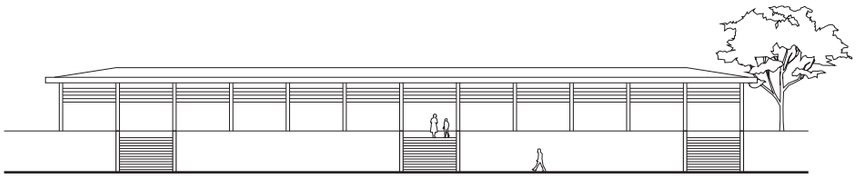
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



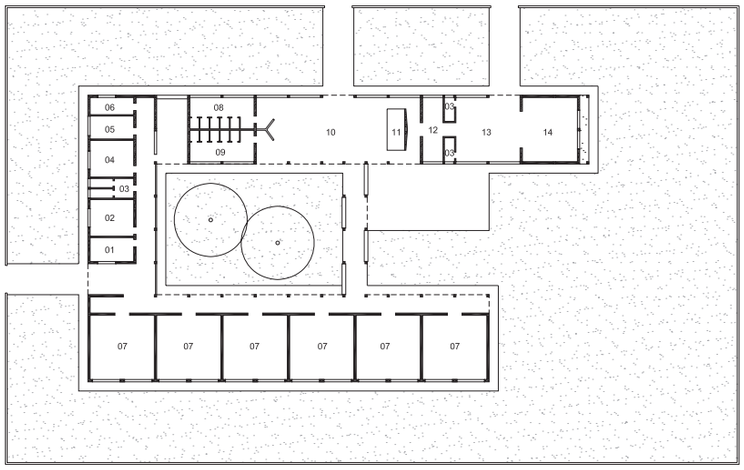
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500



ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

EE/EMEIF José Antônio de Castilho

Hernani Russo | data não identificada | Nova Castilho, Centro | Rua Santo Antônio, 11

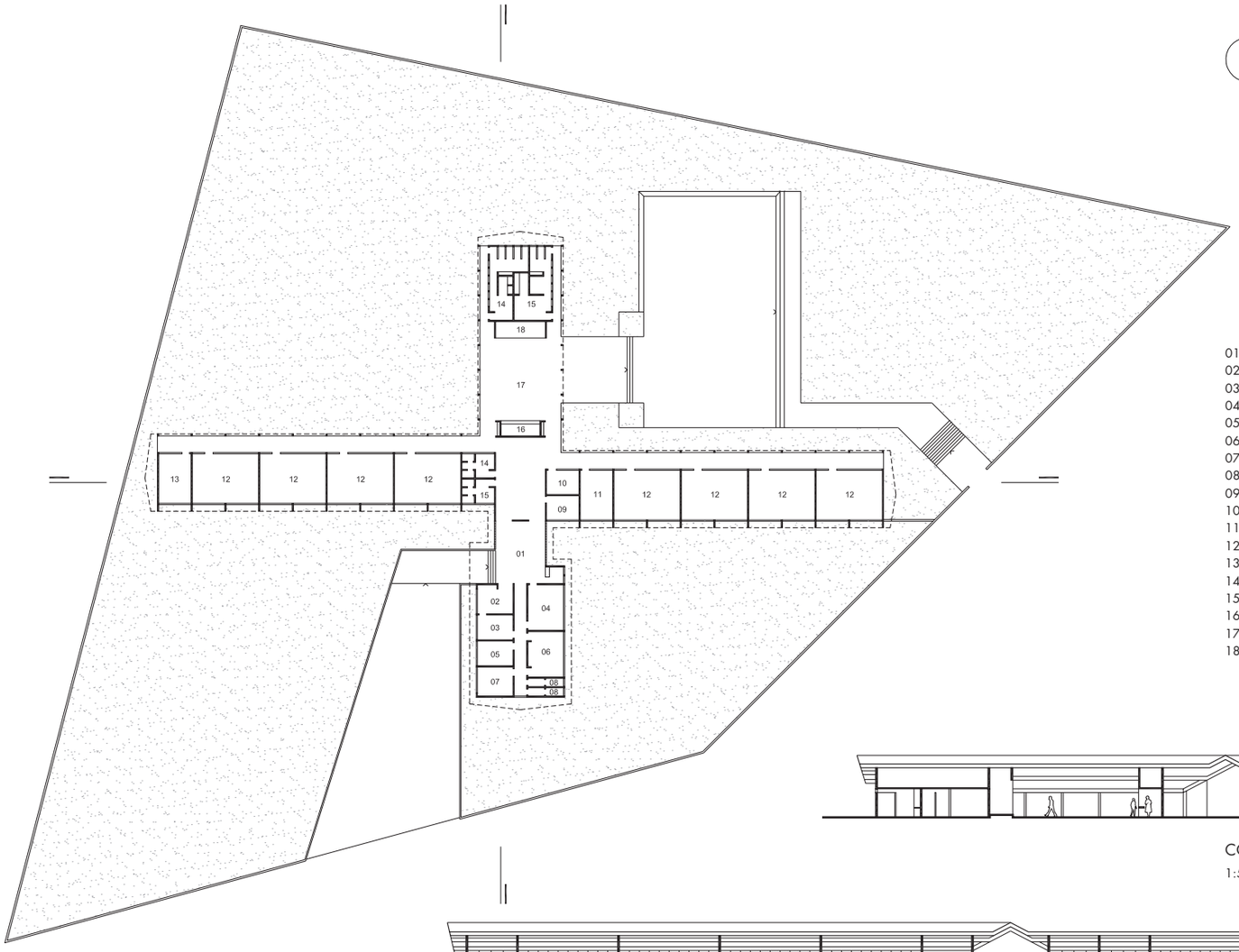


01. PORTARIA
02. DIRETORIA
03. SANITÁRIO
04. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
05. DENTISTA
06. DEPÓSITO
07. SALA DE AULA
08. SANITÁRIO FEMININO
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. RECREIO COBERTO
11. PALCO
12. COZINHA
13. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO

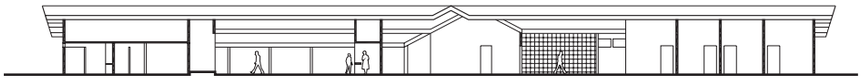
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

EE Orminda Guimarães Cotrim

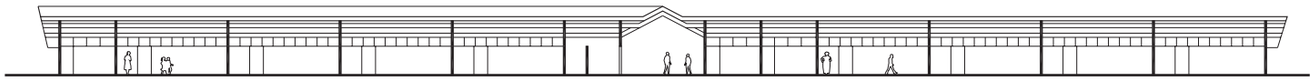
Hirohiko Sawao, José Pinto e Renato Nunes | data não identificada | Pitangueiras, Vila Carone | Rua Rio de Janeiro, 769



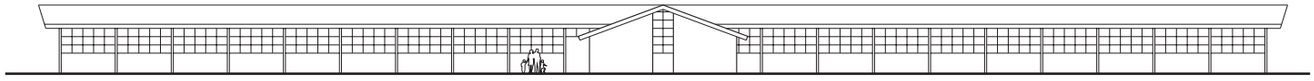
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



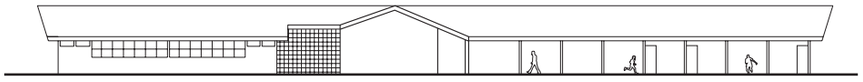
CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

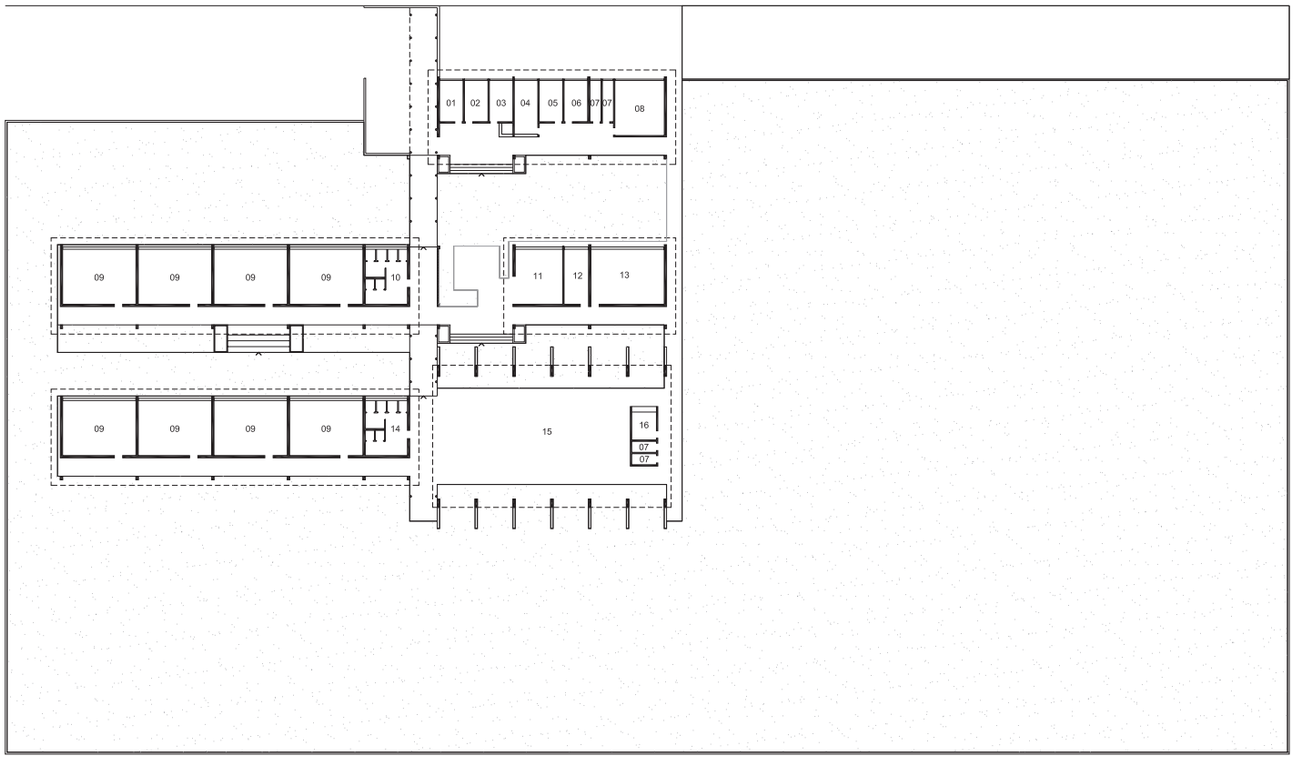


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

0 5 10 20

EE Padre Cesare Toppino

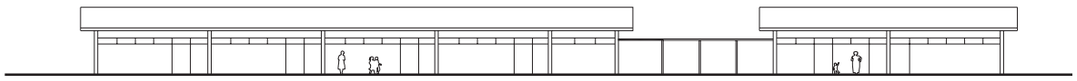
Hiroko Kawauchi | 1960 | Lavínia, Centro | Rua Reginaldo Pereira de Mello, 676



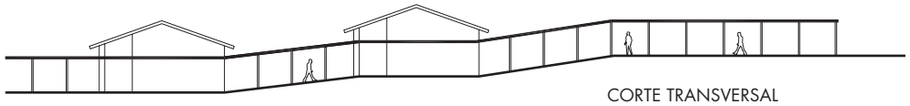
0 5 10 25

01. DENTISTA
02. MÉDICO
03. ORIENTADOR
04. SECRETARIA
05. DIRETORIA
06. ALMOXARIFADO
07. SANITÁRIO
08. SALA DOS PROFESSORES
09. SALA DE AULA
10. SANITÁRIO FEMININO
11. BIBLIOTECA
12. SALETA
13. ANFITEATRO
14. SANITÁRIO MASCULINO
15. RECREIO COBERTO
16. CANTINA

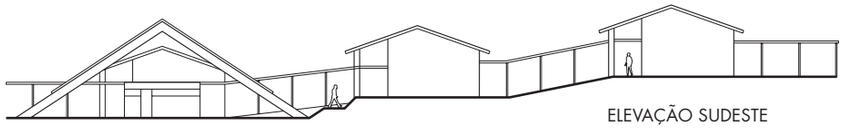
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

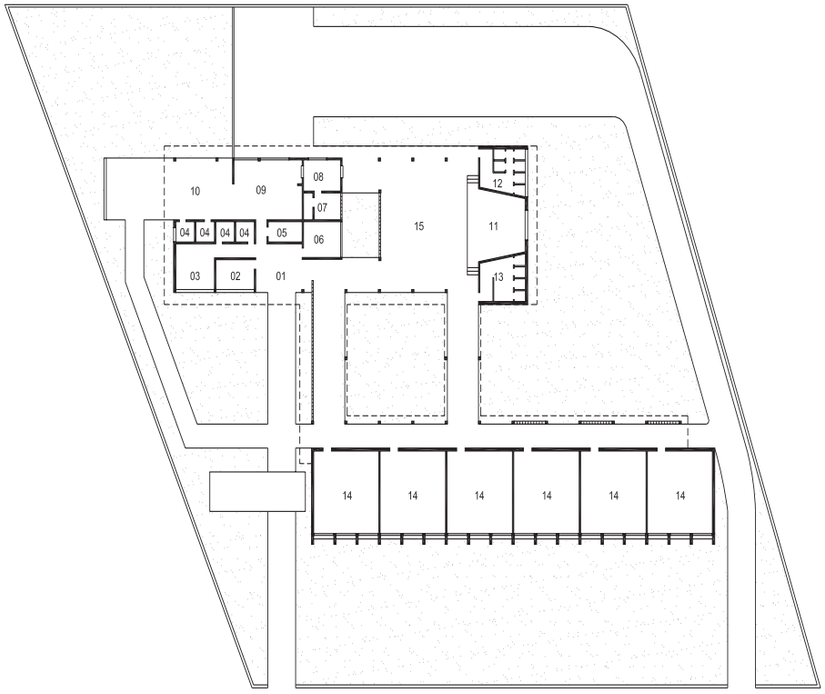


ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

0 5 10 20

EE General Porphyrio da Paz

Hoover Américo Sampaio | data não identificada | obra construída com outro projeto | Paulínia, Nova Paulínia | Rua Presidente Costa e Silva, 520



0 5 10 25

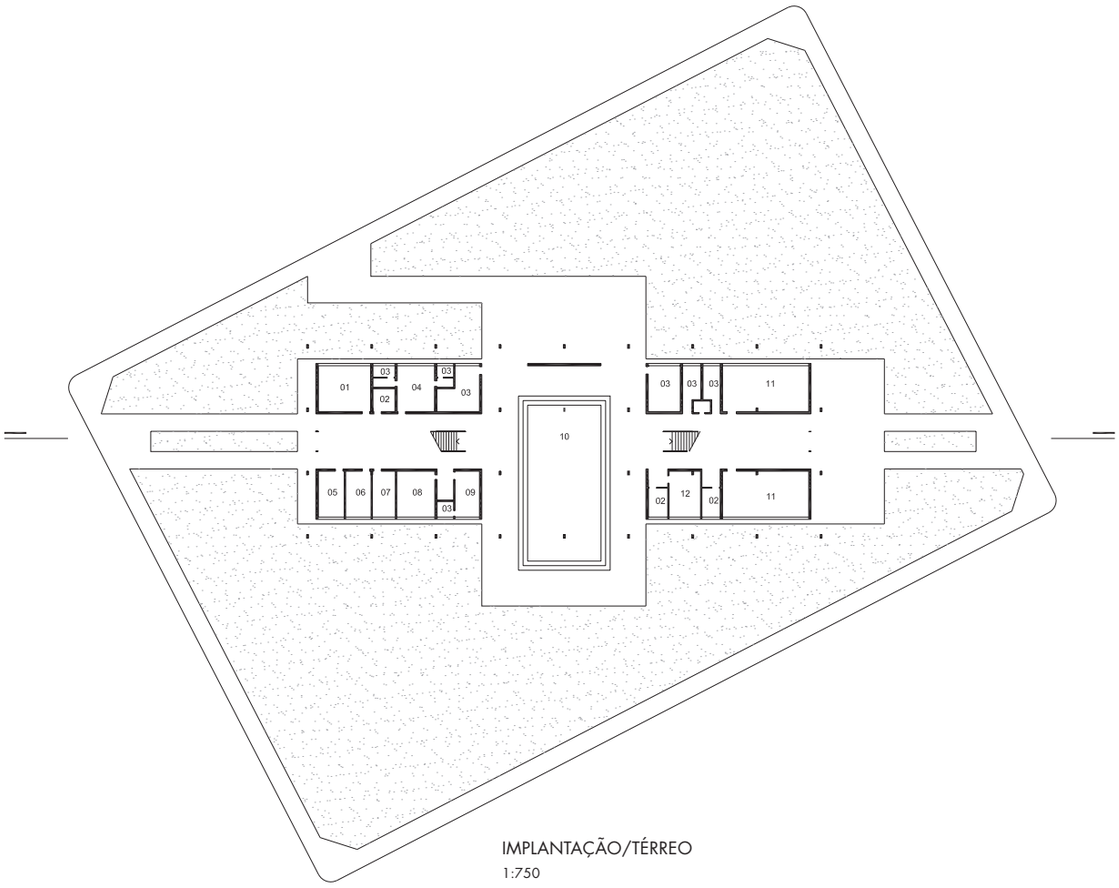
01. HALL DE ENTRADA
02. DENTISTA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. SANITÁRIO
05. DEPÓSITO
06. DIRETORIA
07. SERVIÇO
08. COZINHA
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
11. PALCO
12. SANITÁRIO FEMININO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. SALA DE AULA
15. RECREIO COBERTO

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO

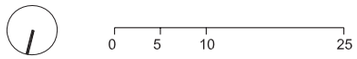
1:750

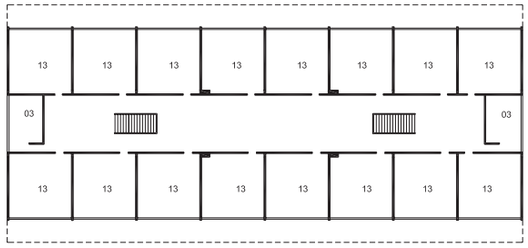
EE Cardeal Leme

Ícaro de Castro Mello | 1961 | São José do Rio Preto, Centro | Praça João Bernardino S. Ribeiro, s/nº



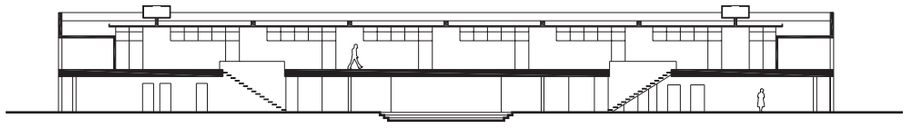
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



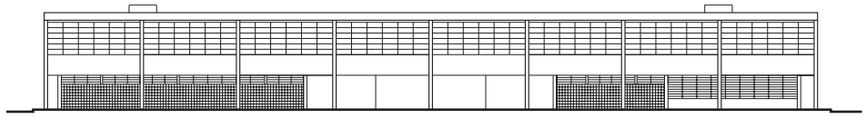


01. BIBLIOTECA
02. DEPÓSITO
03. SANITÁRIO
04. SALA DOS PROFESSORES
05. MÉDICO
06. DENTISTA
07. EDUCADOR SANITÁRIO
08. ARQUIVO
09. DIRETORIA
10. RECREIO COBERTO
11. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
12. COZINHA
13. SALA DE AULA

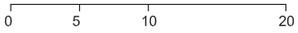
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500

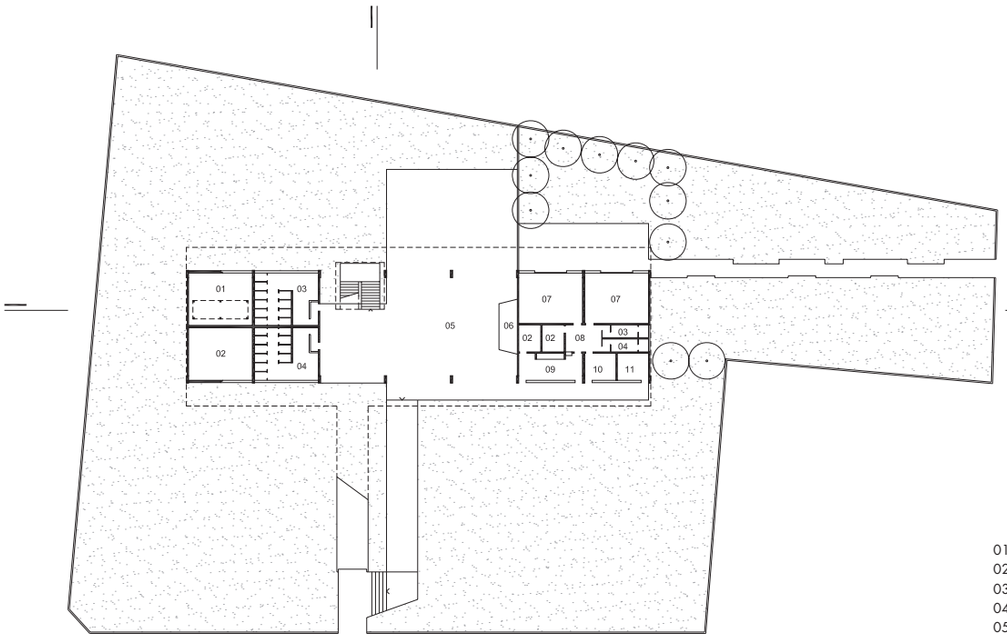


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

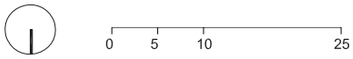


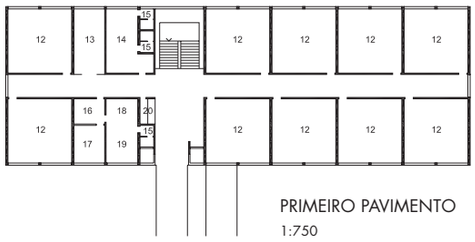
EE Aprigio de Oliveira

Ícaro de Castro Mello | 1961 | Mogi das Cruzes, Centro | Rua Senador Dantas, 1000



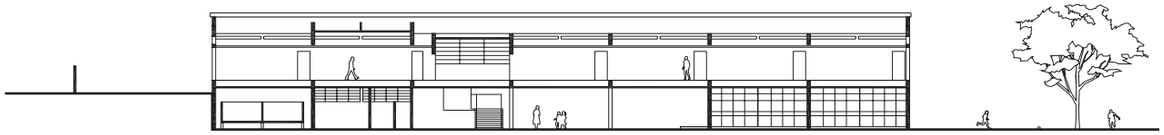
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



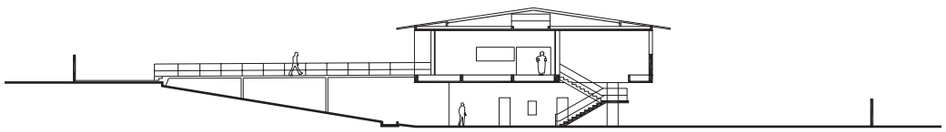


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

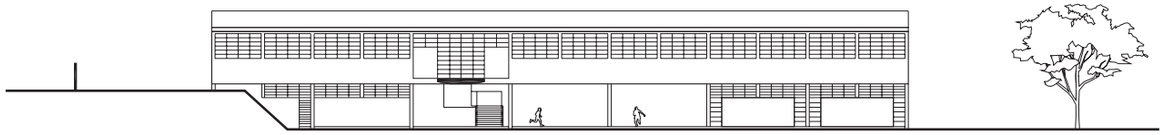
01. CASA DE BOMBAS
02. DEPÓSITO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. RECREIO COBERTO
06. PALCO
07. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
08. CIRCULAÇÃO
09. COZINHA
10. DENTISTA
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. SALA DE AULA
13. BIBLIOTECA
14. SALA DOS PROFESSORES
15. SANITÁRIO PROFESSORES
16. SALA DE ESPERA
17. DIRETORIA
18. AUXILIAR DA DIRETORIA
19. ARQUIVO
20. PORTARIA



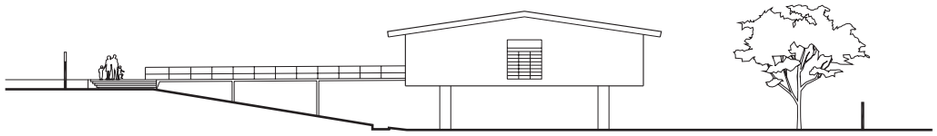
CORTE LONGITUDINAL
1:500



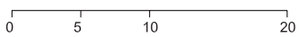
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORTE
1:500

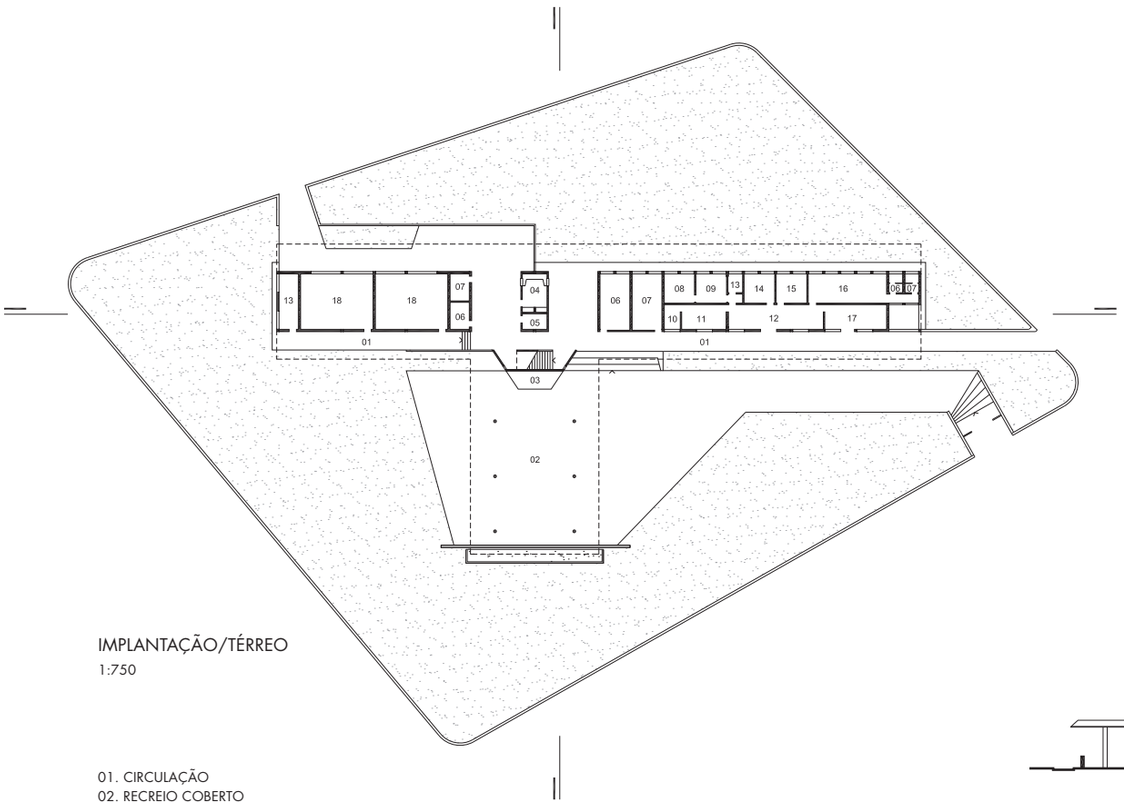


ELEVAÇÃO OESTE
1:500



EMEF Professora Annita Magrini Guedes

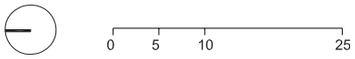
Ícaro de Castro Mello | 1961 | São Bernardo do Campo, Baeta Neves | Rua Americana, 102

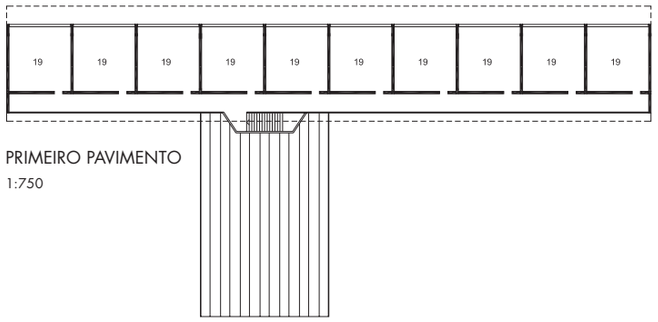


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

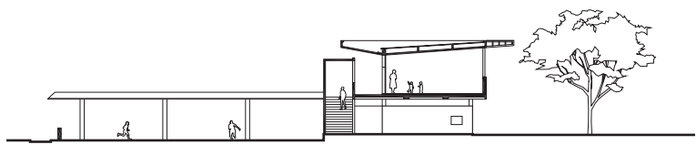
01. CIRCULAÇÃO
02. RECREIO COBERTO
03. PALCO
04. COZINHA
05. DESPENSA
06. SANITÁRIO FEMININO
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. ARQUIVO
09. AUXILIAR DA DIRETORIA
10. SANITÁRIO
11. DIRETORIA
12. PORTARIA/SECRETARIA
13. DEPÓSITO
14. DENTISTA
15. EDUCADOR SANITÁRIO
16. SALA DOS PROFESSORES
17. BIBLIOTECA
18. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
19. SALA DE AULA

0 5 10 20

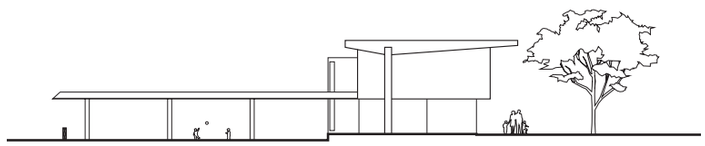




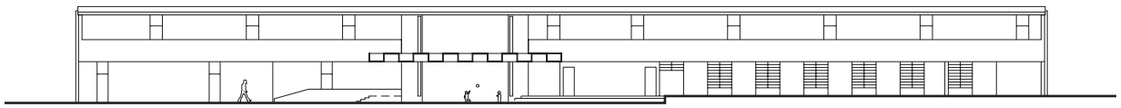
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



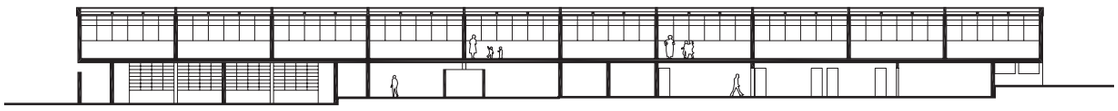
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500



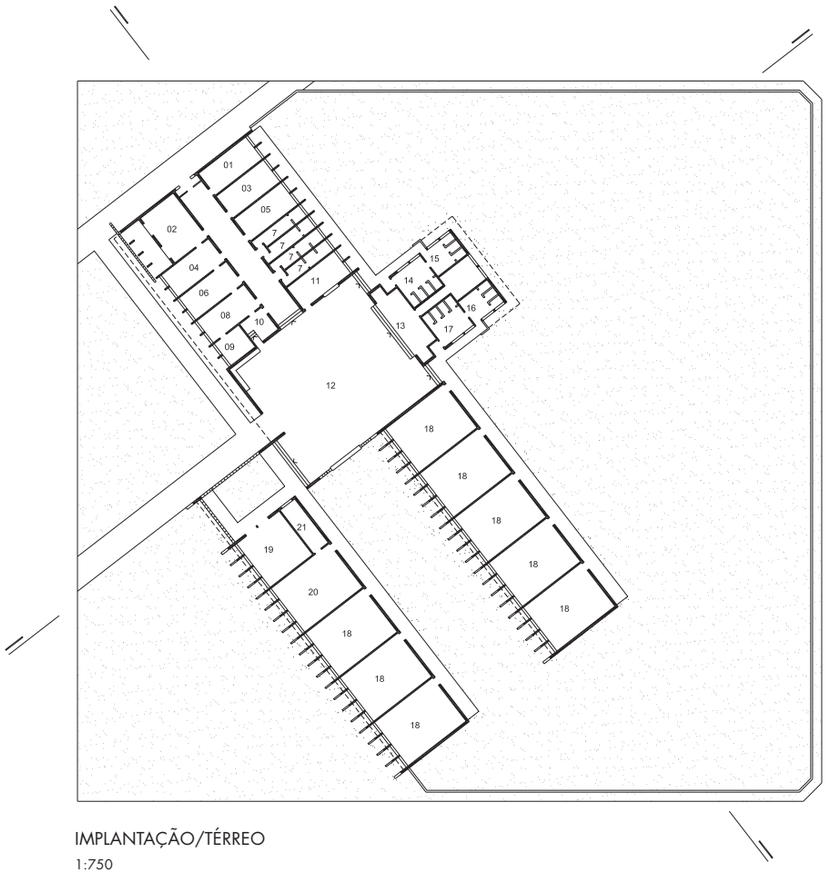
CORTE LONGITUDINAL
1:500



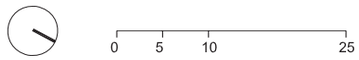
ELEVAÇÃO OESTE
1:500

EE José Ambrosio dos Santos | EMEF Nilce Delfini Diziola

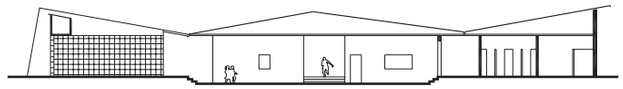
Israel Galman | 1960 | Oscar Bressane, Centro | Avenida José Manzano Garcia, 625



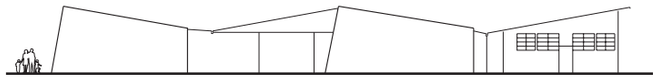
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



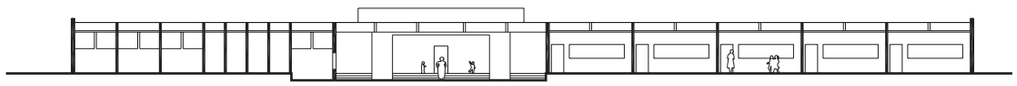
01. MÉDICO
02. SALA DOS PROFESSORES
03. DENTISTA
04. ORIENTADOR
05. ALMOXARIFADO
06. DIRETORIA
07. SANITÁRIO
08. SECRETARIA
09. ARQUIVO
10. PORTARIA
11. CANTINA
12. RECREIO COBERTO
13. PALCO
14. SANITÁRIO FEMININO
15. VESTIÁRIO FEMININO
16. VESTIÁRIO MASCULINO
17. SANITÁRIO MASCULINO
18. SALA DE AULA
19. BIBLIOTECA
20. ANFITEATRO
21. DEPÓSITO



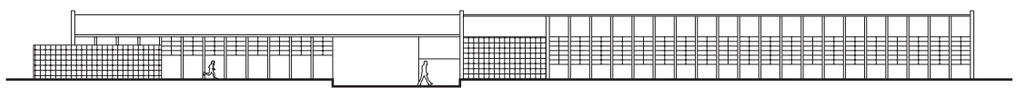
CORTE TRANSVERSAL
1:500



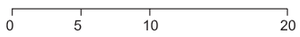
ELEVAÇÃO NORTE
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

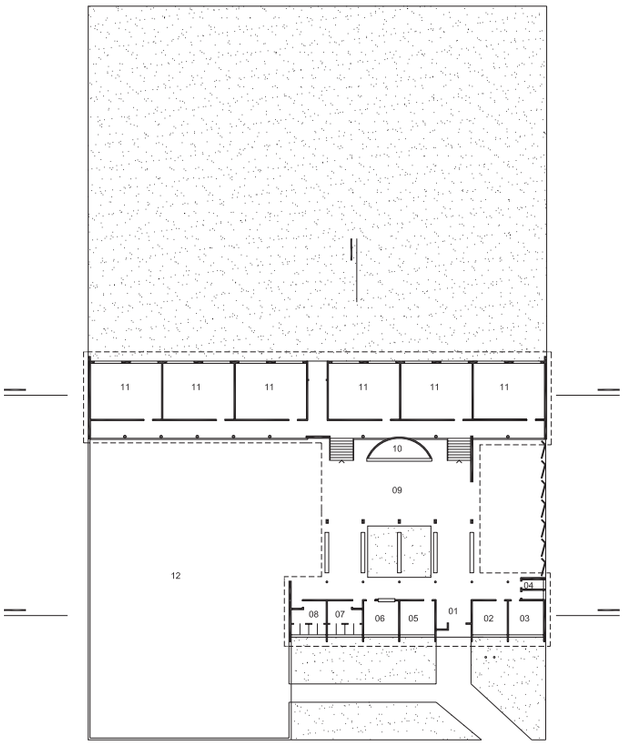


ELEVAÇÃO LESTE
1:500



EE Bairro Santo Antônio da Estiva

Israel Galman | data não identificada | Pirajuí, Estiva | Rua 13 de Maio, 222

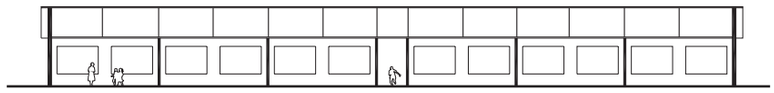


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

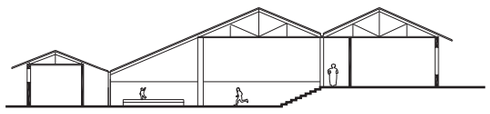
0 5 10 25

01. PORTARIA
02. DIRETORIA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. SANITÁRIO
05. MÉDICO/ DENTISTA
06. COZINHA
07. SANITÁRIO FEMININO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. RECREIO COBERTO
10. PALCO
11. SALA DE AULA
12. PÁTIO

CORTE LONGITUDINAL
1:500



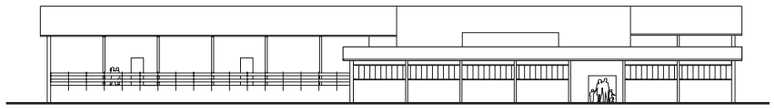
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

0 5 10 20

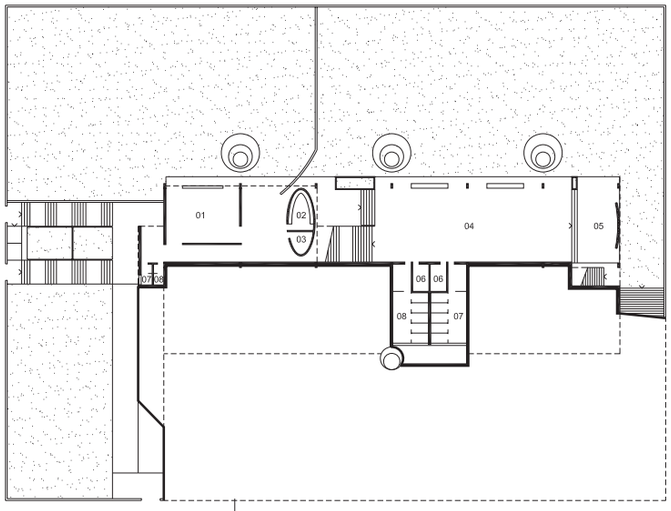
ELEVAÇÃO POSTERIOR
1:500



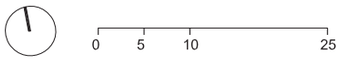
ELEVAÇÃO PRINCIPAL
1:500

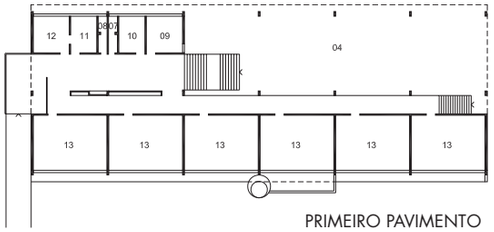
EE Professor Carlos Augusto de Camargo

Israel Sancovski | 1962 | obra construída com outro projeto | Piedade, Centro | Rua Vicente Garcia, 296



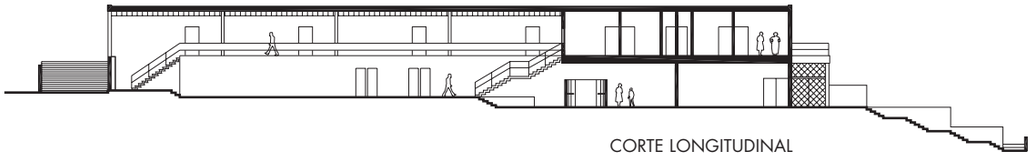
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



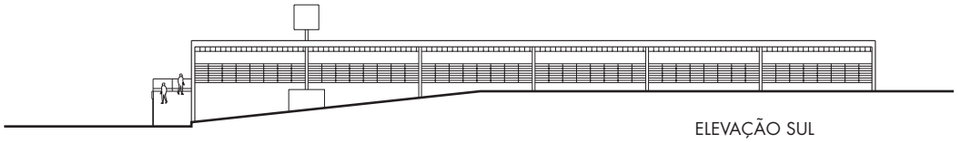


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

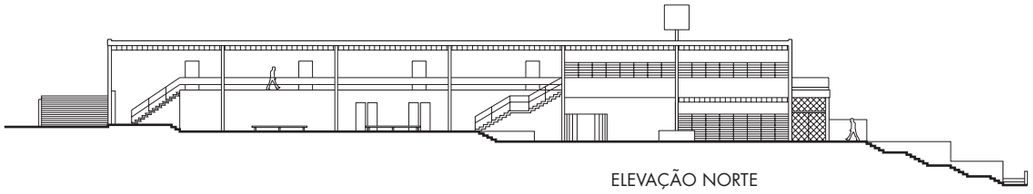
01. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
02. COZINHA
03. DESPENSA
04. RECREIO COBERTO
05. PALCO
06. DEPÓSITO
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. SANITÁRIO FEMININO
09. DIRETORIA
10. DENTISTA
11. BIBLIOTECA
12. SALA DOS PROFESSORES
13. SALA DE AULA



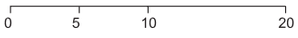
CORTE LONGITUDINAL
1:500

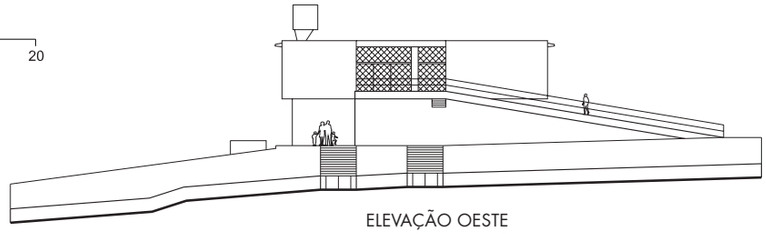


ELEVAÇÃO SUL
1:500



ELEVAÇÃO NORTE
1:500

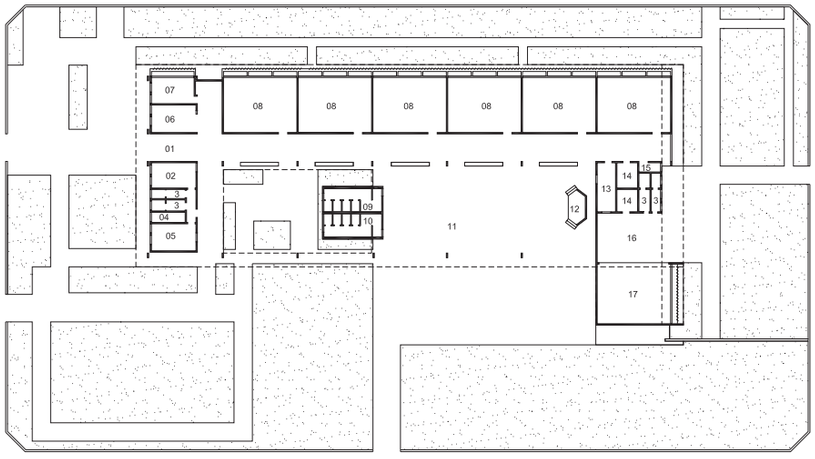




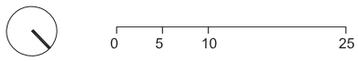
ELEVAÇÃO OESTE
1:500

EMEF Farid Salomão

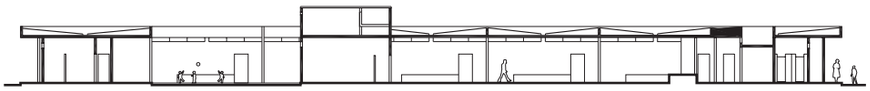
Ivan de Freitas Cavalcanti | 1962 | Ribeirão Corrente, Centro | Rua Marechal Deodoro, 786



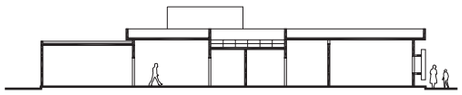
01. PORTARIA
02. DIRETORIA
03. SANITÁRIO
04. MATERIAL DIDÁTICO
05. SALA DOS PROFESSORES
06. BIBLIOTECA
07. DENTISTA
08. SALA DE AULA
09. SANITÁRIO FEMININO
10. SANITÁRIO MASCULINO
11. RECREIO COBERTO
12. PALCO
13. COZINHA
14. DEPÓSITO
15. MATERIAL DE LIMPEZA
16. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO



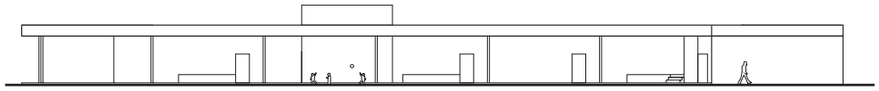
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



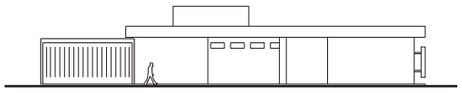
CORTE LONGITUDINAL
1:500

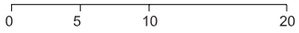


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

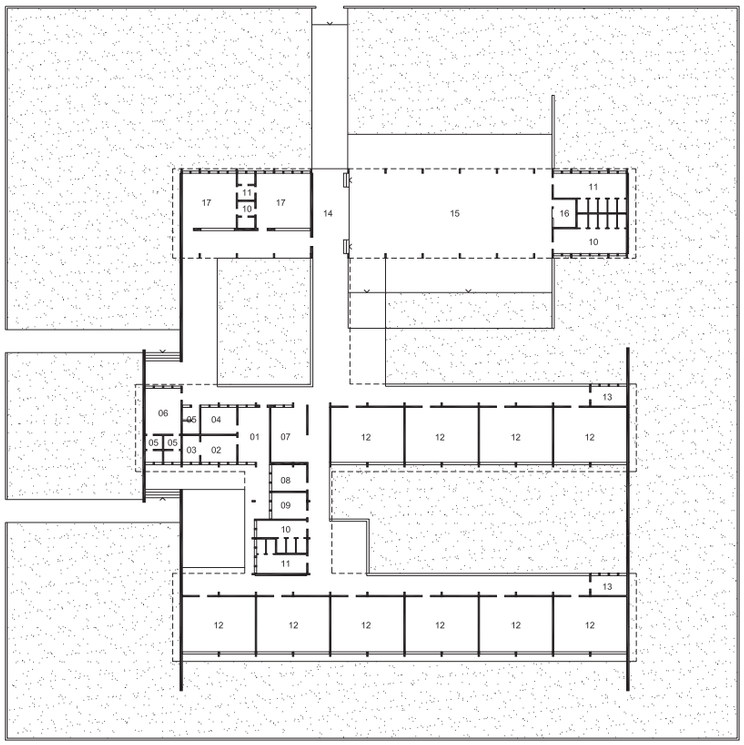




ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

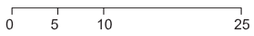
EE João Bernardi

Jerônimo Esteves Bonilha | 1960 | Monte Castelo, Centro | Rua Ciro Alves Leão, 71



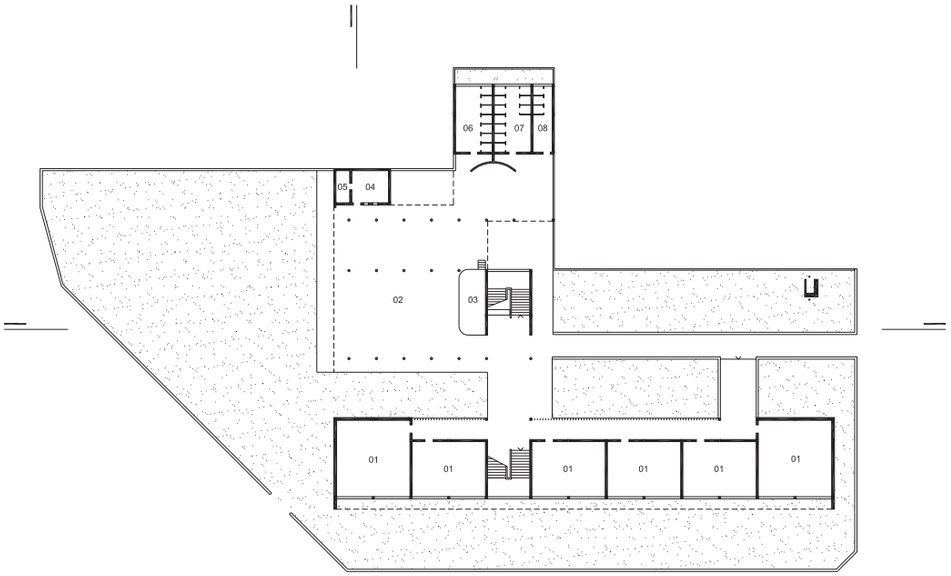
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. PORTARIA
02. AUXILIAR DA DIRETORIA
03. ARQUIVO
04. DIRETORIA
05. SANITÁRIO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. BIBLIOTECA
08. ASSISTENTE SOCIAL
09. DENTISTA
10. SANITÁRIO FEMININO
11. SANITÁRIO MASCULINO
12. SALA DE AULA
13. DEPÓSITO
14. PALCO
15. RECREIO COBERTO
16. COZINHA
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO

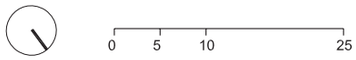


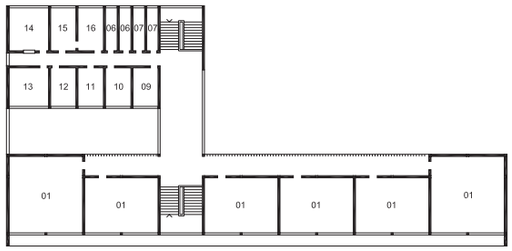
EE Professora Marietta Ferraz de Assumpção

João Clodomiro B. de Abreu | 1960 | Presidente Prudente, Jardim Bela Daria | Avenida São Paulo, 288



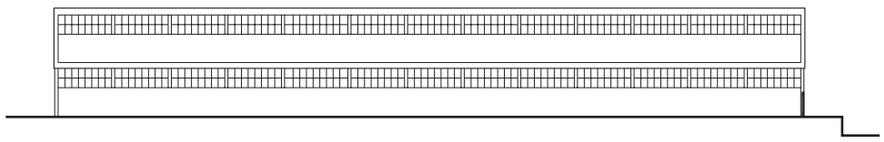
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



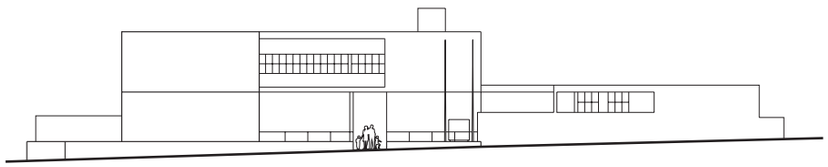


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

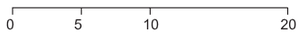
01. SALA DE AULA
02. RECREIO COBERTO
03. PALCO
04. COZINHA
05. DESPENSA
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. VESTIÁRIO FUNCIONÁRIOS
09. MÉDICO
10. DENTISTA
11. ALMOXARIFADO
12. AUXILIAR DA DIRETORIA
13. DIRETORIA
14. SECRETARIA/TESOURARIA
15. BIBLIOTECA
16. SALA DOS PROFESSORES



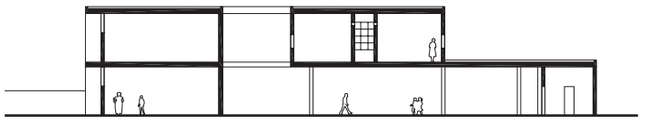
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



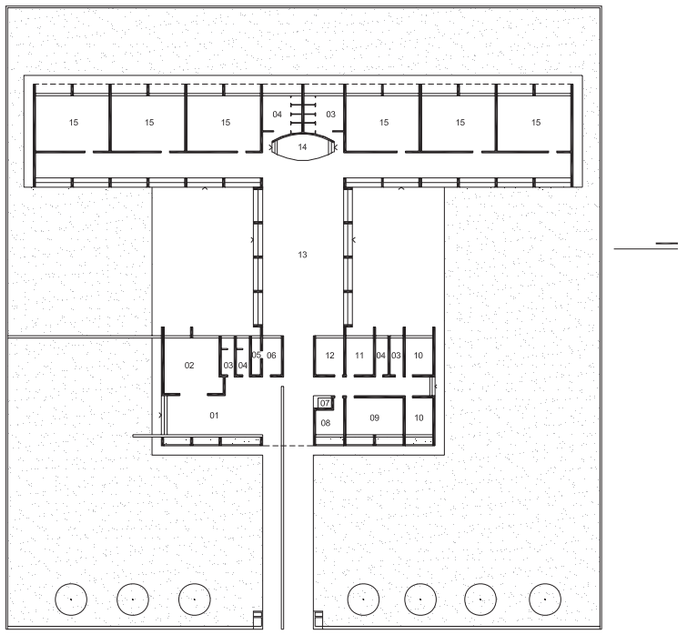
CORTE LONGITUDINAL
1:500



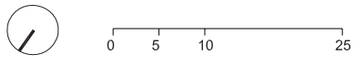
CORTE TRANSVERSAL
1:500

EE Governador Armando de Salles Oliveira

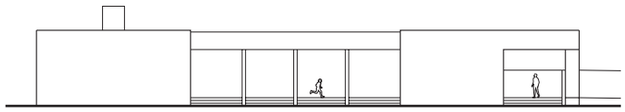
João Clodomiro B. de Abreu | 1961 | Sete Barras, Votupoca | Estrada Vereador Mario S. Hanashiro, km 15



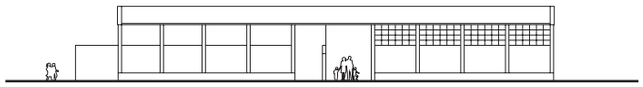
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



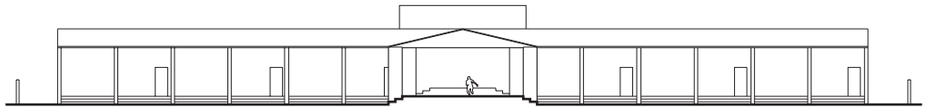
01. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
02. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. DESPENSA
06. COZINHA
07. PORTARIA
08. DEPÓSITO
09. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
10. DORMITÓRIO
11. DENTISTA
12. DIRETORIA
13. RECREIO COBERTO
14. PALCO
15. SALA DE AULA



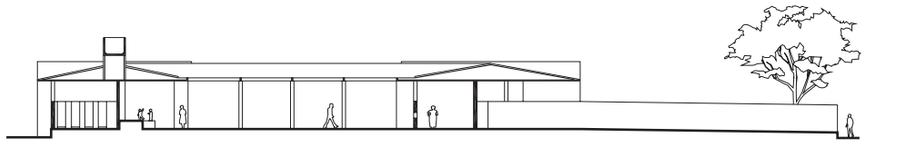
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



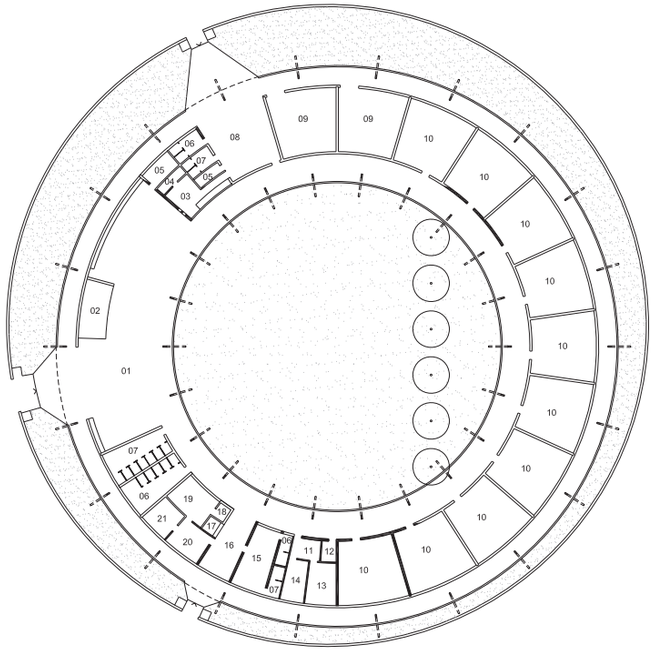
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

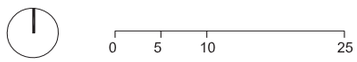
EE Professor Suetônio Bittencourt Júnior

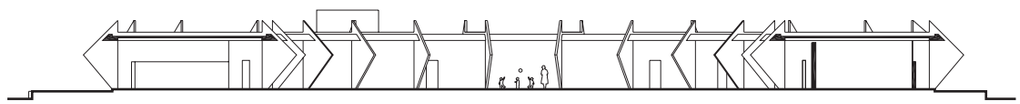
João Clodomiro B. de Abreu | 1962 | Santos, Estuário | Praça Visconde de Ouro Preto, s/nº



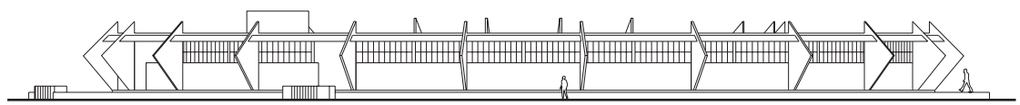
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. COZINHA
04. DESPENSA
05. DEPÓSITO
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. SALA DE AULA
11. SALA DE ESPERA
12. DEPÓSITO
13. DENTISTA
14. EDUCADOR SANITÁRIO
15. SALA DOS PROFESSORES
16. HALL DE ENTRADA
17. PORTARIA
18. SANITÁRIO
19. DIRETORIA
20. AUXILIAR DA DIRETORIA
21. ARQUIVO/SECRETARIA

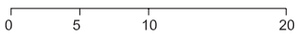




CORTE
1:500

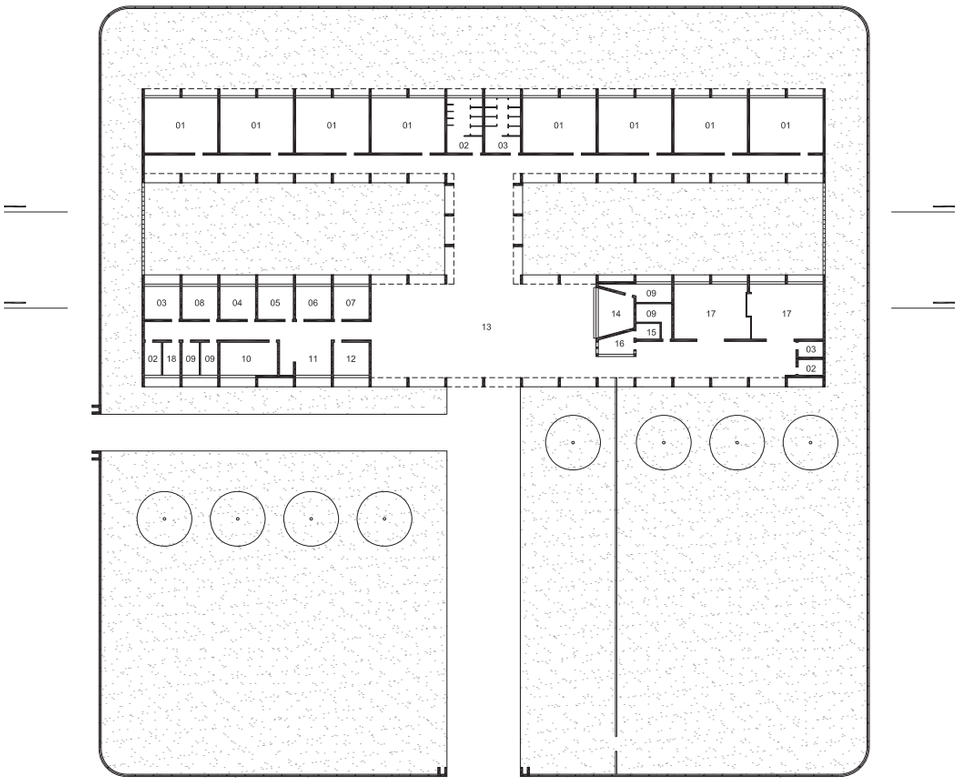


ELEVAÇÃO
1:500

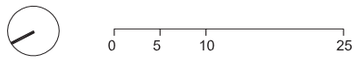


EE José Firpo

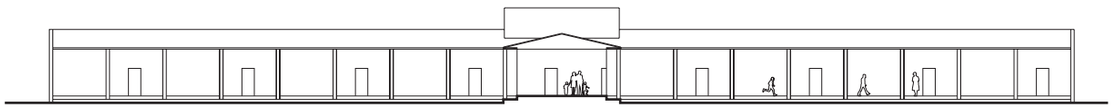
João Clodomiro B. de Abreu | data não identificada | obra construída com outro projeto | Lucélia, Centro | Avenida Internacional, 1.270



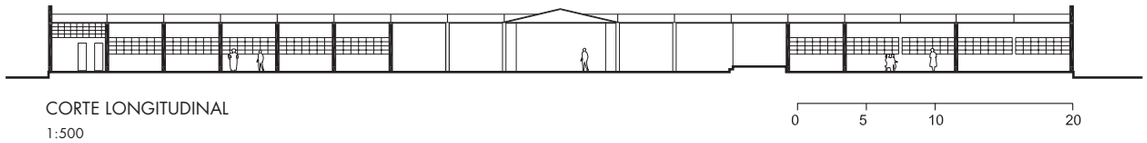
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. DENTISTA
05. ARQUIVO
06. AUXILIAR DA DIRETORA
07. DIRETORIA
08. EDUCADOR SANITÁRIO
09. DEPÓSITO
10. SALA DOS PROFESSORES
11. PORTARIA
12. BIBLIOTECA
13. RECREIO COBERTO
14. PALCO
15. DESPENSA
16. COZINHA
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. SANITÁRIO



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



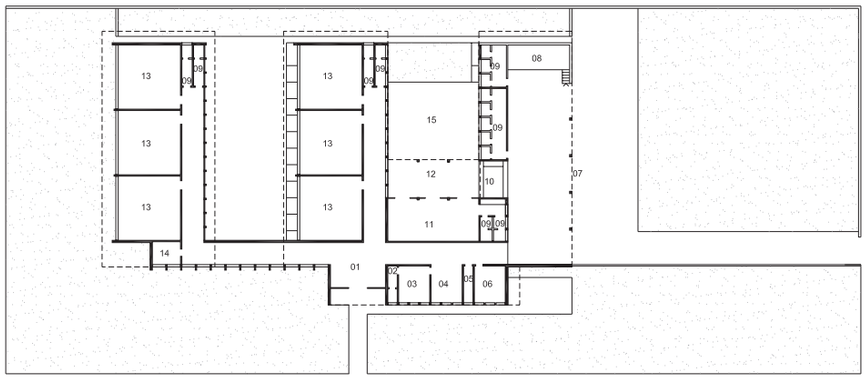
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

EMEF Professora Sônia Ibanhes Soares

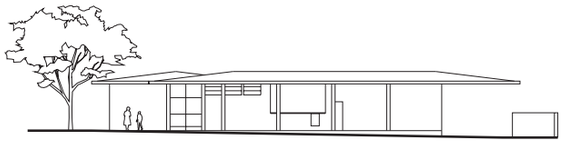
João Francisco de Andrade | 1961 | Presidente Bernardes, Nova Pátria | Rua José Bonifácio, 87



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

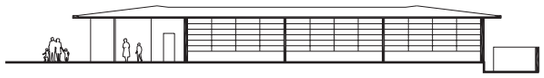
0 5 10 25

01. PORTARIA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. DIRETORIA
04. BIBLIOTECA
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. DENTISTA
07. RECREIO COBERTO
08. PALCO
09. SANITÁRIO
10. COZINHA
11. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
12. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. SALA DE AULA
14. DEPÓSITO
15. RECREAÇÃO/PLAYGROUND

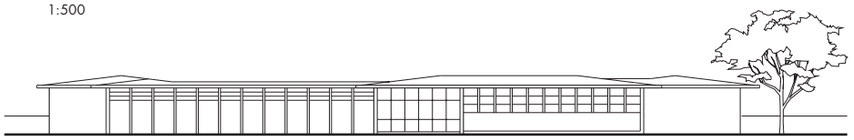


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

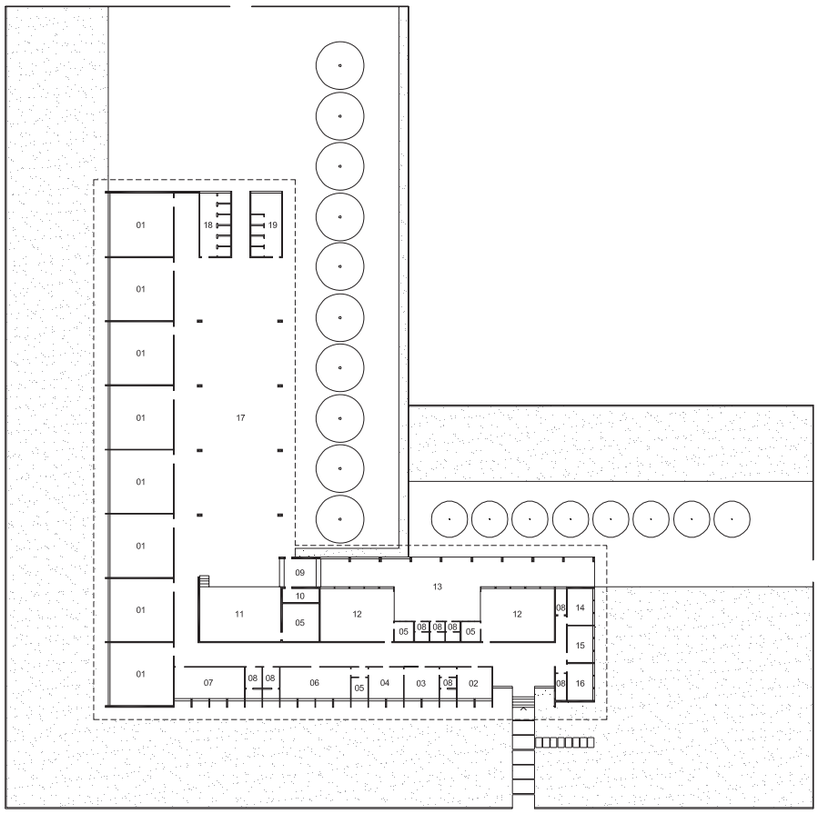


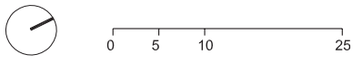
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

0 5 10 20

EE Professora Justina de Oliveira Gonçalves

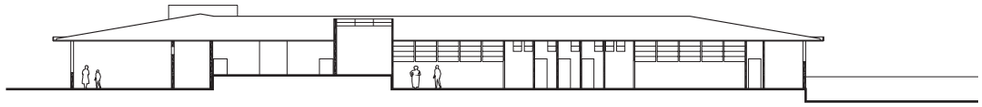
João Francisco de Andrade | 1962 | Ourinhos, Vila São Francisco | Rua Fernando Sanches, 140



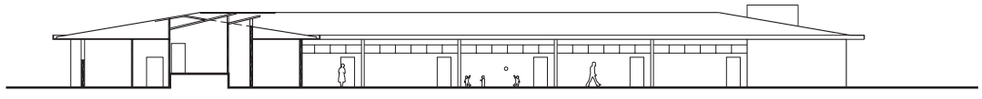


01. SALA DE AULA
02. DIRETORIA
03. AUXILIAR DA DIRETORIA
04. ARQUIVO/SECRETARIA
05. DEPÓSITO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. BIBLIOTECA
08. SANITÁRIO
09. COZINHA
10. DESPENSA
11. PALCO
12. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
14. DENTISTA
15. MÉDICO
16. EDUCADOR SANITÁRIO
17. RECREIO COBERTO
18. SANITÁRIO MASCULINO
19. SANITÁRIO FEMININO

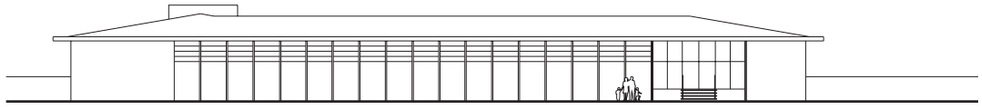
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



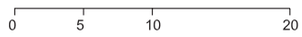
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

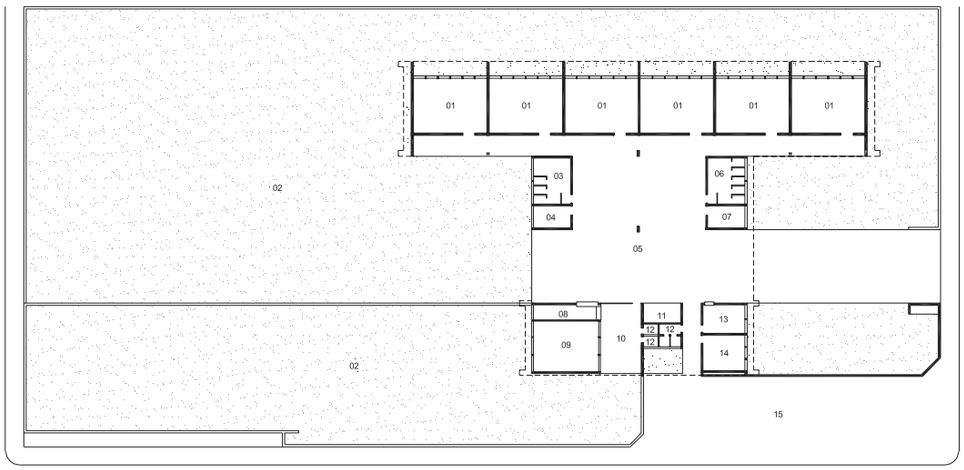


ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500



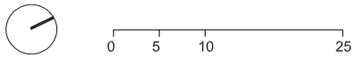
EMEIF Amador Franco da Silveira

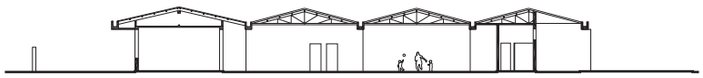
João Francisco Hiroko Kawauch | 1961 | Dracena, Jamaica | Rua Nogueira, 81



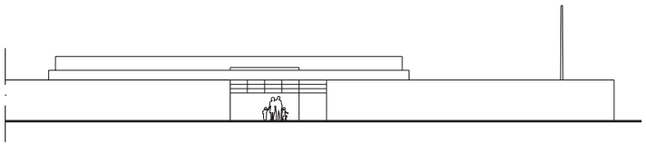
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. SALA DE AULA
02. PÁTIO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. DEPÓSITO
05. RECREIO COBERTO
06. SANITÁRIO FEMININO
07. DENTISTA
08. COZINHA
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
11. PALCO
12. SANITÁRIO
13. DIRETORIA
14. SALA DOS PROFESSORES
15. PRAÇA

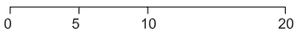




CORTE TRANSVERSAL
1:500

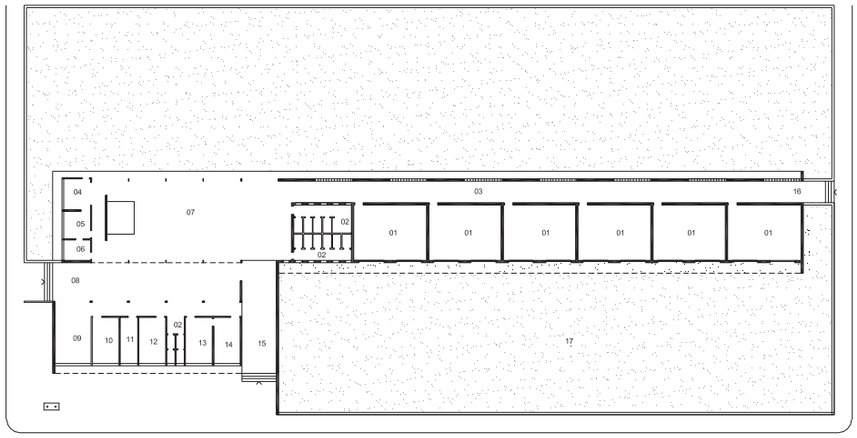


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

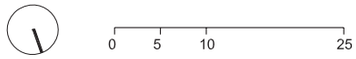


EMEF Azílio Antônio do Prado

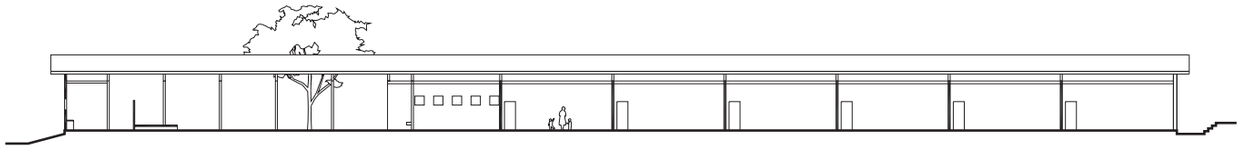
João Walter Toscano | 1960 | General Salgado, Vila Maria | Rua Azílio Antônio do Prado, 990



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

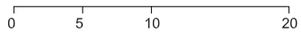


01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO
03. CIRCULAÇÃO
04. COPA
05. COZINHA
06. DEPÓSITO
07. RECREIO COBERTO
08. ENTRADA DE ALUNOS
09. BIBLIOTECA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. MATERIAL ESCOLAR
12. DENTISTA
13. DIRETORIA
14. SECRETARIA
15. ENTRADA PRINCIPAL
16. SAÍDA DE ALUNOS
17. JARDIM



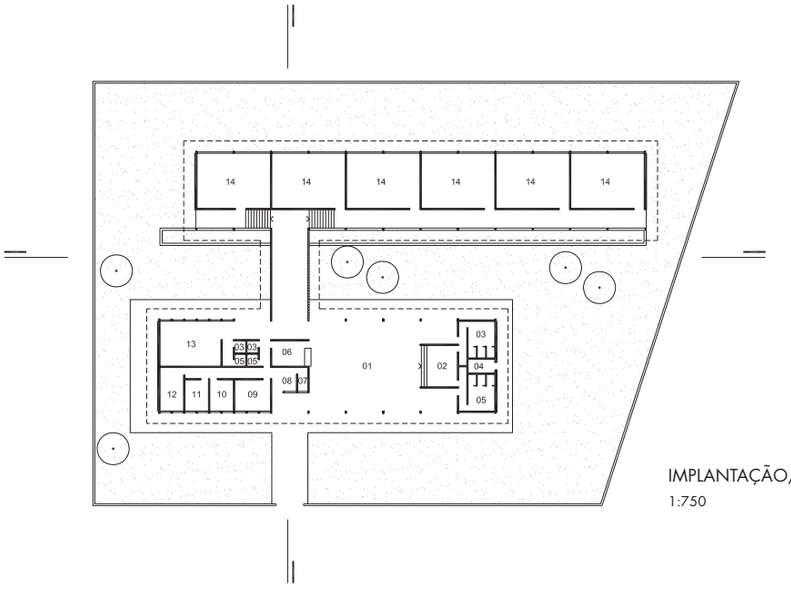
CORTE LONGITUDINAL
1:500

ELEVAÇÃO NORTE
1:500

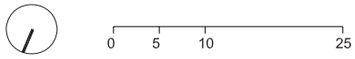


EMEF João Veiga Martins

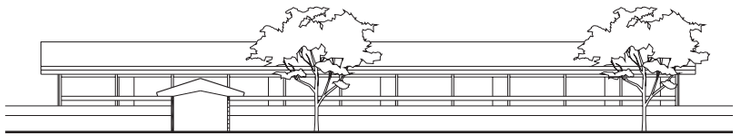
João Xavier | 1960 | Juquiá, Estação | Rua João Carlos Janeta, 61



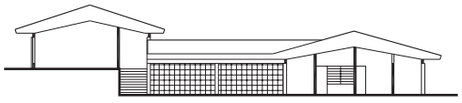
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



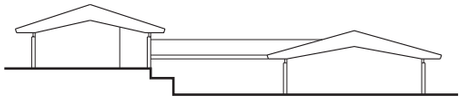
01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. DEPÓSITO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. COZINHA
07. DESPENSA
08. HALL DE ENTRADA
09. DIRETORIA
10. SECRETARIA
11. MÉDICO/DENTISTA
12. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
13. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. SALA DE AULA



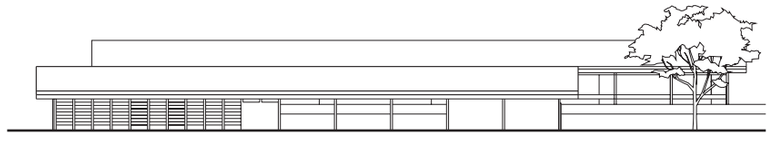
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



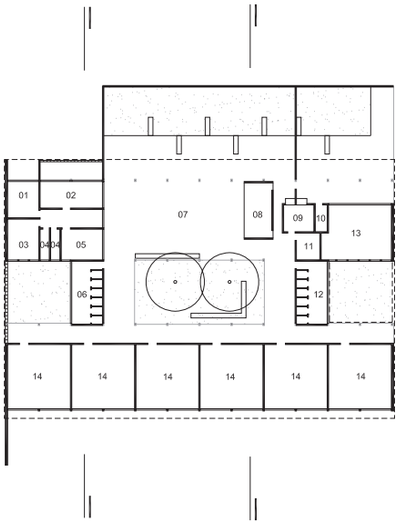
ELEVAÇÃO LESTE
1:500



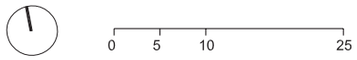
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EE Antônio Marin Cruz

João Xavier | data não identificada | Marinópolis, Centro | Rua Ceará, 168



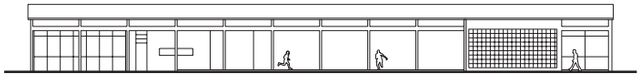
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



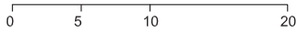
01. PORTARIA
02. SALA DOS PROFESSORES/ BIBLIOTECA
03. DENTISTA
04. SANITÁRIO
05. DIRETORIA
06. SANITÁRIO FEMININO
07. RECREIO COBERTO
08. PALCO
09. COZINHA
10. SANITÁRIO
11. DEPÓSITO
12. SANITÁRIO MASCULINO
13. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. SALA DE AULA

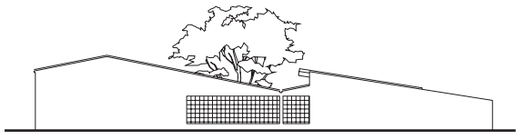
CORTE TRANSVERSAL
1:500

CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORTE
1:500

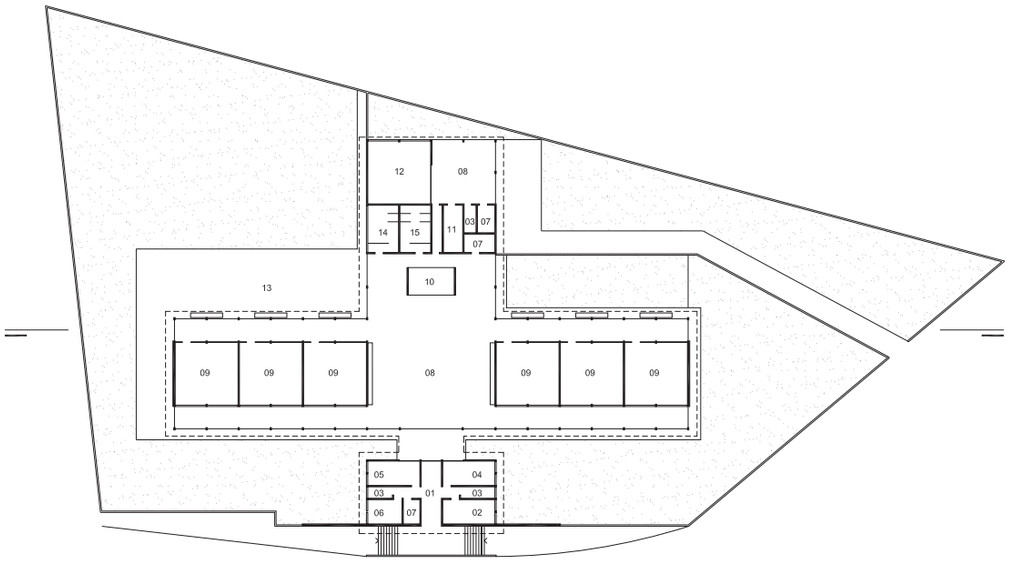




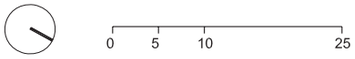
ELEVAÇÃO OESTE
1:500

EE Vereador Elisiário Pinto de Morais

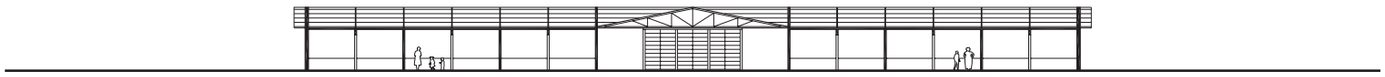
João Xavier | data não identificada | Salesópolis, Distrito Nossa Senhora do Remédio | Estrada Mogi/Salesópolis, Km - 28



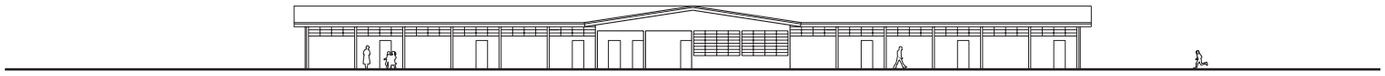
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



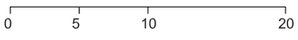
01. PORTARIA
02. SALA DOS PROFESSORES
03. SANITÁRIO
04. DIRETORIA
05. BIBLIOTECA
06. DENTISTA
07. DEPÓSITO
08. RECREIO COBERTO
09. SALA DE AULA
10. PALCO
11. COZINHA
12. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. PÁTIO
14. SANITÁRIO MASCULINO
15. SANITÁRIO FEMININO

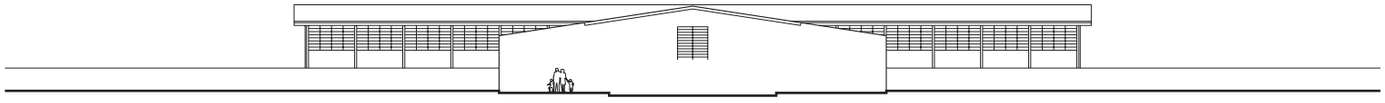


CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

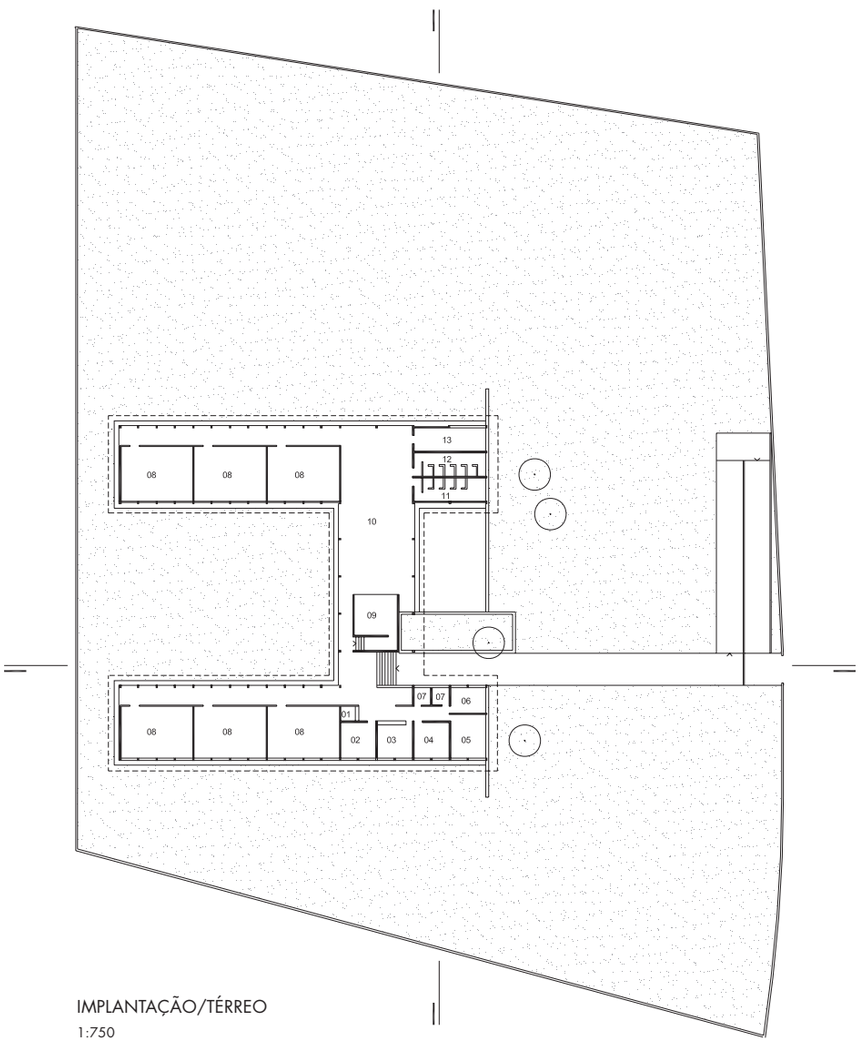




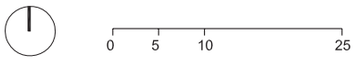
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

EE Professora Maria do Carmo Barbosa

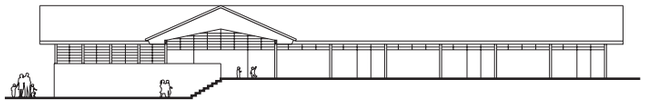
João Xavier, Plínio Croce e Roberto Aflalo | data não identificada | Atibaia, Tanque | Rua José Silva, s/nº



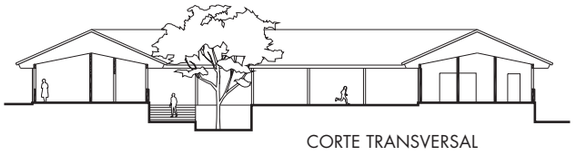
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



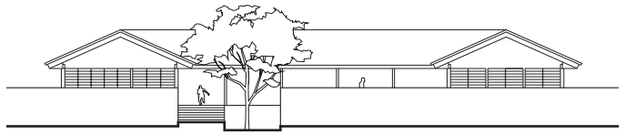
01. PORTARIA
02. DIRETORIA
03. SECRETARIA
04. SALA DOS PROFESSORES
05. MATERIAL DIDÁTICO
06. MÉDICO/DENTISTA
07. SANITÁRIO
08. SALA DE AULA
09. PALCO
10. RECREIO COBERTO
11. SANITÁRIO MASCULINO
12. SANITÁRIO FEMININO
13. COZINHA



CORTE LONGITUDINAL
1:500



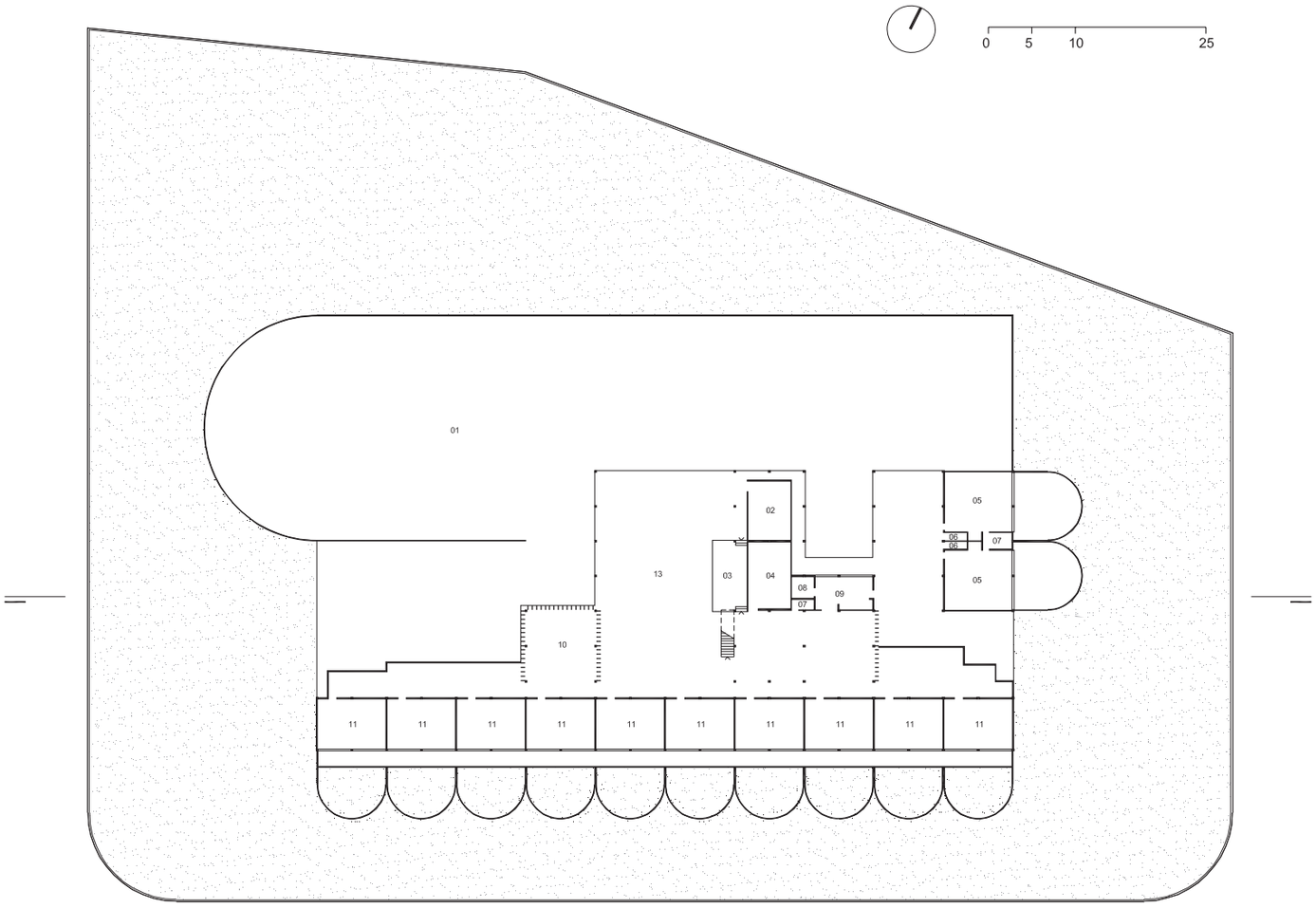
CORTE TRANSVERSAL
1:500



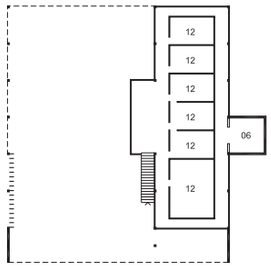
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

EE Professor Bernardino Querido

Joaquim Guedes | 1962 | obra construída com outro projeto | Taubaté, Parque Bandeirantes | Rua Augusta M. Castro Guimarães, 250

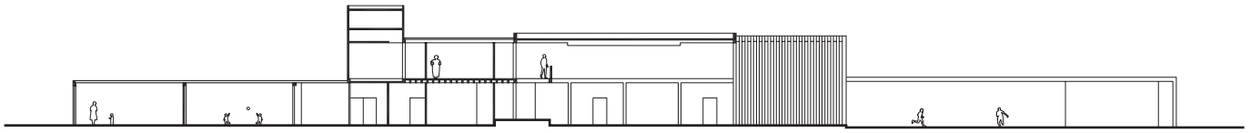


01. PÁTIO
02. SANITÁRIO FEMININO
03. PALCO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
06. SANITÁRIO
07. DEPÓSITO
08. DESPENSA
09. COZINHA
10. BIBLIOTECA
11. SALA DE AULA
12. ADMINISTRAÇÃO
13. RECREIO COBERTO

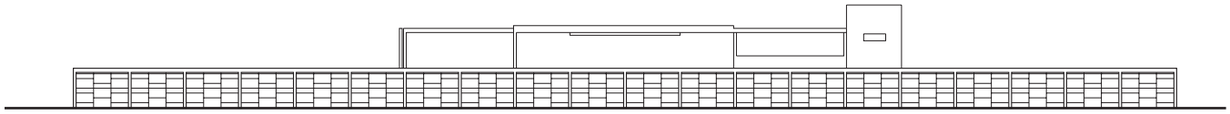


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



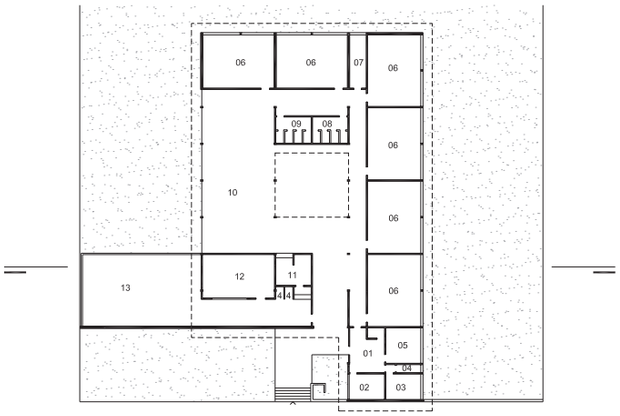
CORTE LONGITUDINAL
1:500



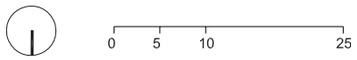
ELEVAÇÃO SUL
1:500

antiga EE Professor Reynaldo Galvão

Jon Vergareche Maitrejean | data não identificada | Paraguaçu Paulista, Campinho | B. Campinho, s/nº



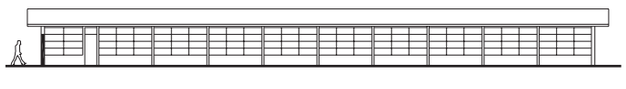
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



01. PORTARIA
02. DIRETORIA
03. DENTISTA
04. SANITÁRIO
05. SALA DOS PROFESSORES
06. SALA DE AULA
07. DEPÓSITO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. SANITÁRIO FEMININO
10. RECREIO COBERTO
11. COZINHA
12. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO

CORTE TRANSVERSAL
1:500

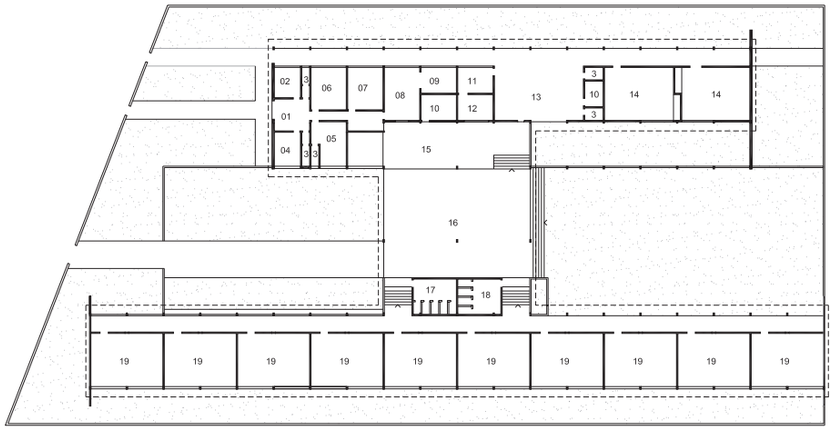
ELEVAÇÃO SUL
1:500



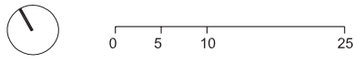
ELEVAÇÃO OESTE
1:500

EE Senhora Aparecida

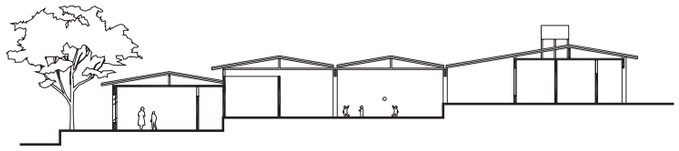
Jon Vergareche Maitrejean | data não identificada | Jaboticabal, Aparecida | Avenida João Pinto Ferreira, 282



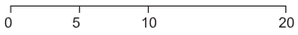
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

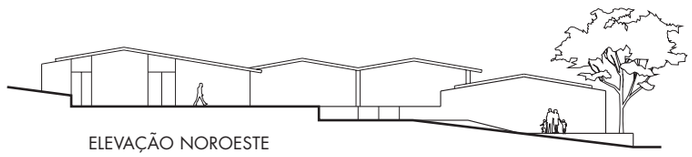


01. PORTARIA
02. EDUCADOR SANITÁRIO
03. SANITÁRIO
04. DENTISTA
05. DIRETORIA
06. AUXILIAR DA DIRETORA
07. SALA DOS PROFESSORES
08. BIBLIOTECA
09. MATERIAL DIDÁTICO
10. DEPÓSITO
11. COZINHA
12. DISTRIBUIÇÃO
13. RECREIO DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. PALCO
16. RECREIO COBERTO
17. SANITÁRIO FEMININO
18. SANITÁRIO MASCULINO
19. SALA DE AULA

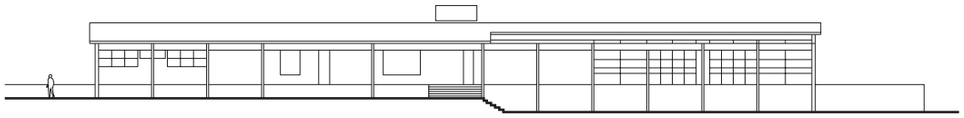


CORTE TRANSVERSAL
1:500





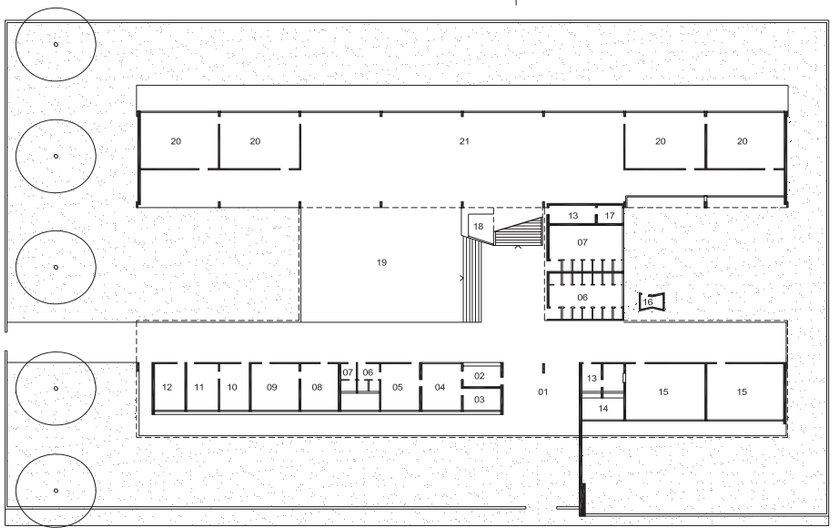
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



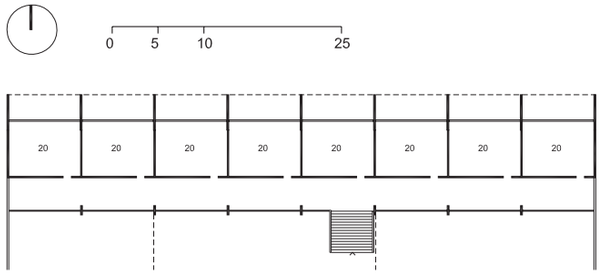
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

EE Anacleto Campanella

Jorge Wilheim | data não identificada | São Caetano do Sul, Olímpico | Rua Cavaleiro Ernesto Giuliano, 849

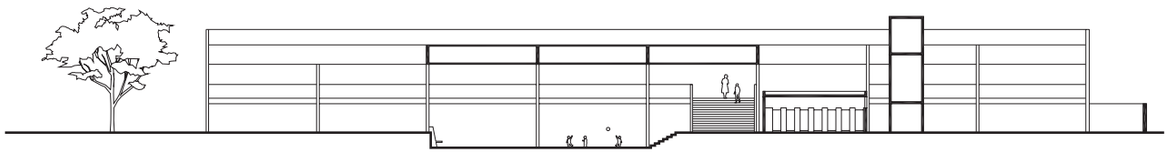


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

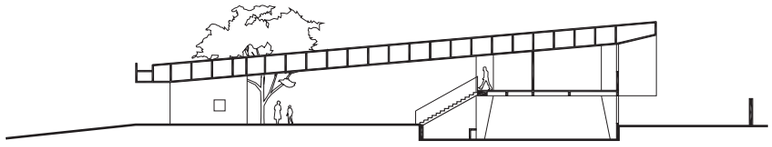


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

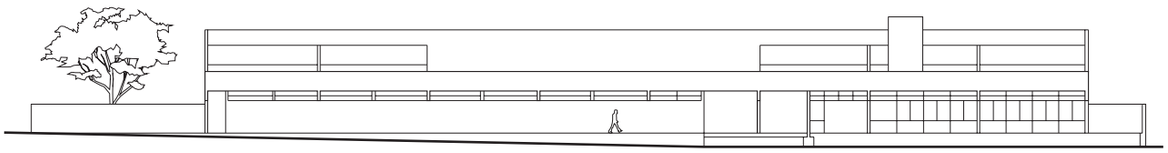
01. HALL DE ENTRADA
02. PORTARIA
03. ARQUIVO
04. ASSISTENTE
05. DIRETORIA
06. SANITÁRIO FEMININO
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. SALA DOS PROFESSORES
09. BIBLIOTECA
10. EDUCADOR SANITÁRIO
11. DENTISTA
12. MÉDICO
13. COZINHA
14. DEPÓSITO
15. SALA DO PRÉ- PRIMÁRIO
16. BOMBAS
17. DESPENSA
18. CANTINA
19. PÁTIO
20. SALA DE AULA
21. RECREIO COBERTO



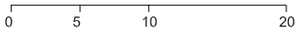
CORTE LONGITUDINAL
1:500

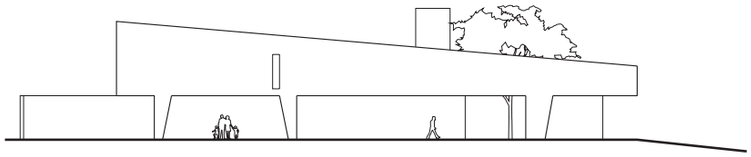


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

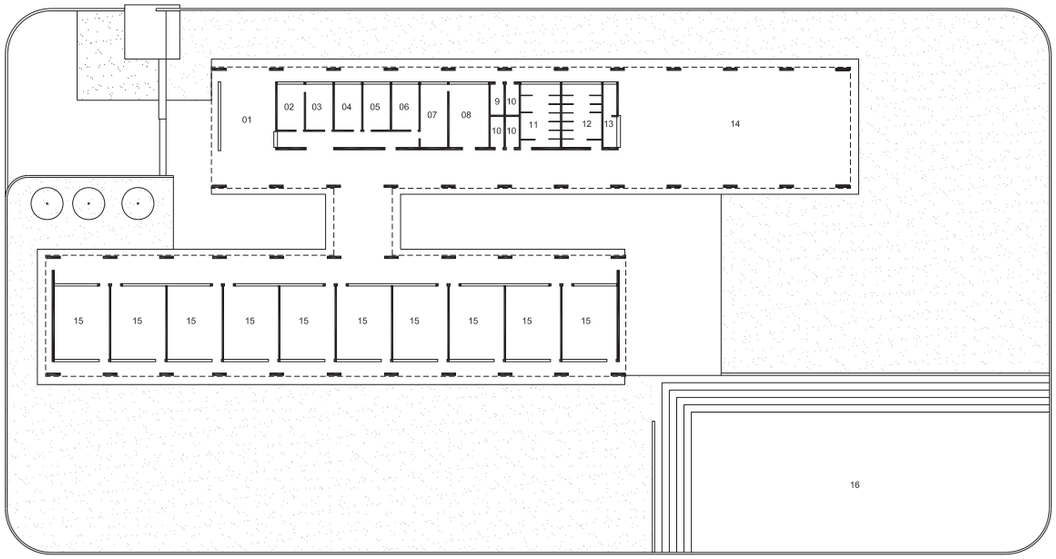




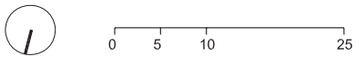
ELEVAÇÃO OESTE
1:500

EE Professor Antônio Gomes de Oliveira

Jorge Wilheim | data não identificada | Marília, Lorenzetti | Rua Nicolino Roselli, 75



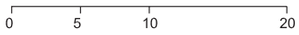
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



01. PORTARIA
02. SECRETARIA
03. MATERIAL DIDÁTICO
04. DENTISTA
05. MÉDICO
06. DIRETORIA
07. SALA DOS PROFESSORES
08. BIBLIOTECA
09. DEPÓSITO
10. SANITÁRIO
11. SANITÁRIO MASCULINO
12. SANITÁRIO FEMININO
13. COZINHA/DESPENSA
14. RECREIO COBERTO
15. SALA DE AULA
16. QUADRA POLIESPORTIVA

CORTE TRANSVERSAL
1:500

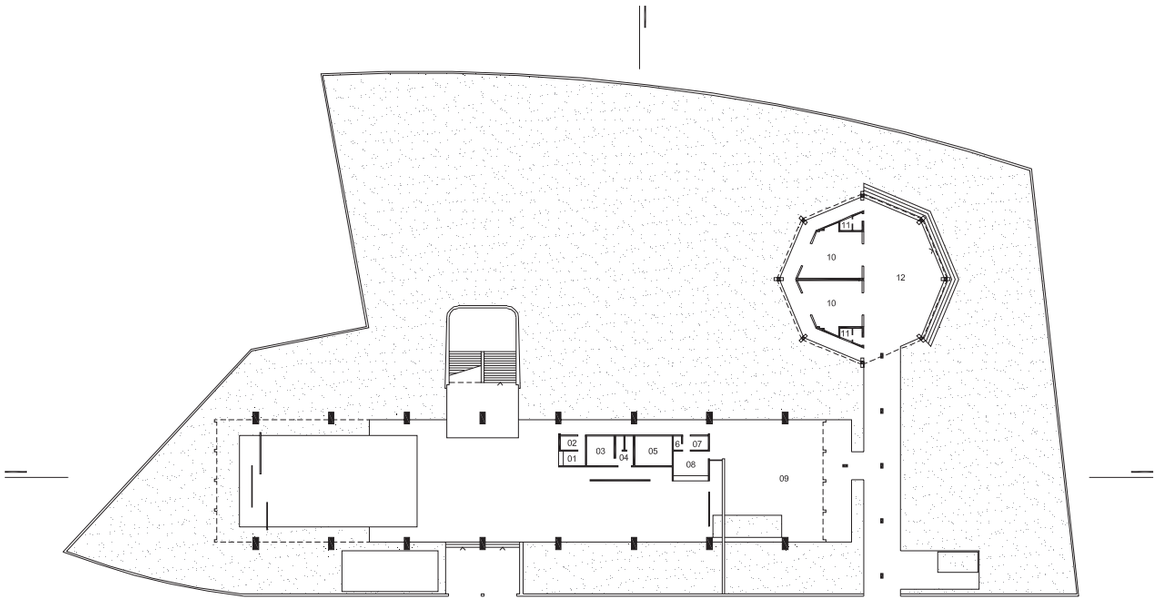
ELEVAÇÃO LESTE
1:500



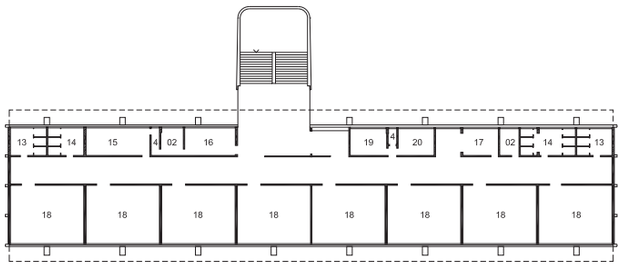
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EE Guido Segalho

Jorge Zalszupin | 1961 | Campinas, Vila Teixeira | Avenida Paschoal Celestino Soares, s/nº

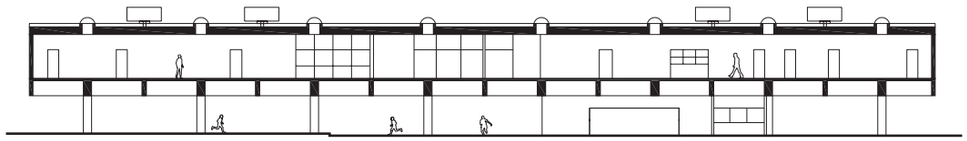


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

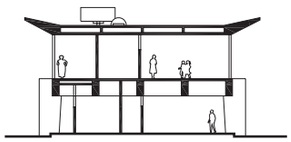


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

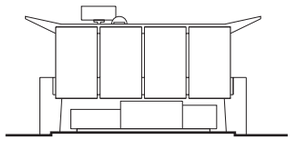
01. PORTARIA
02. DEPÓSITO
03. DENTISTA
04. SANITÁRIO
05. EDUCADOR SANITÁRIO
06. DESPENSA
07. COZINHA
08. REFEITÓRIO
09. RECREIO COBERTO
10. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
11. SANITÁRIO PRÉ-PRIMÁRIO
12. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. SANITÁRIO FEMININO
15. SALA DOS PROFESSORES
16. BIBLIOTECA
17. ARQUIVO
18. SALA DE AULA
19. AUXILIAR DA DIRETORIA
20. DIRETORIA



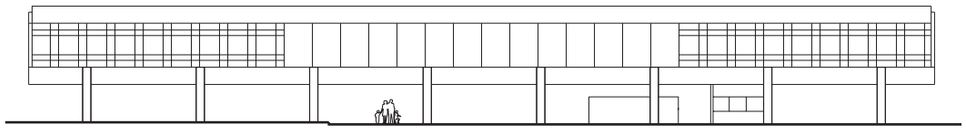
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



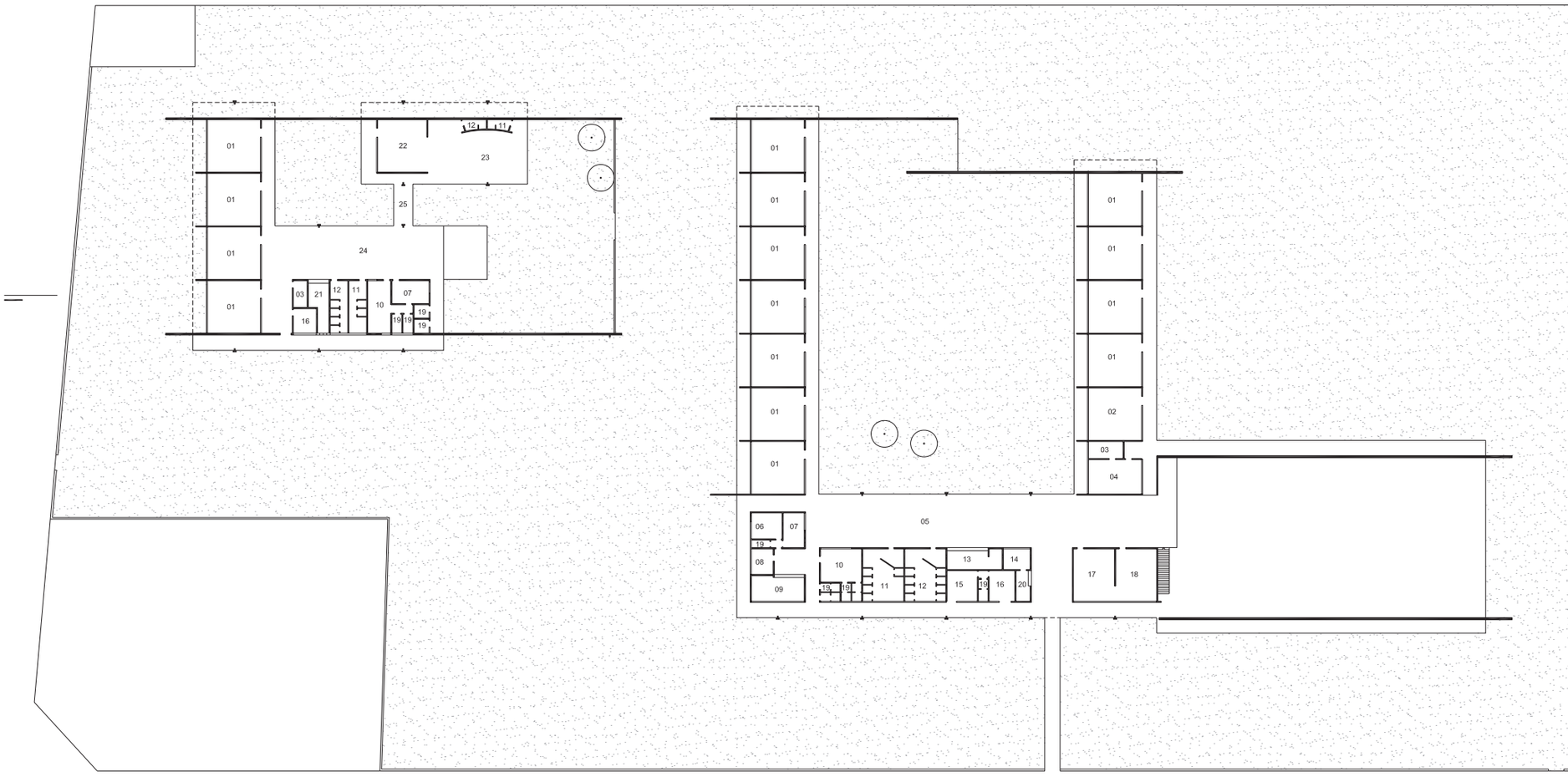
ELEVAÇÃO SUL
1:500



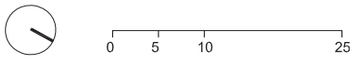
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

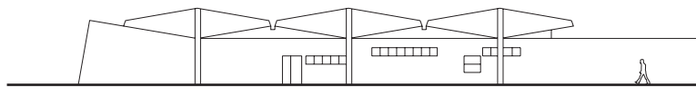
EE Francisco Marques Pinto

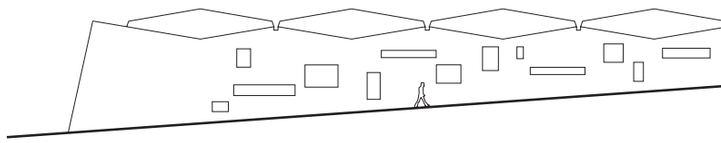
Jorge Zalszupin | 1960 | Nova Granada, Centro | Rua Paulo de Araujo, 153



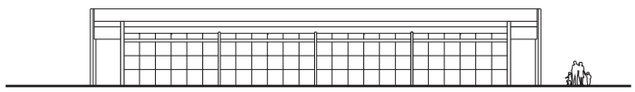
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750





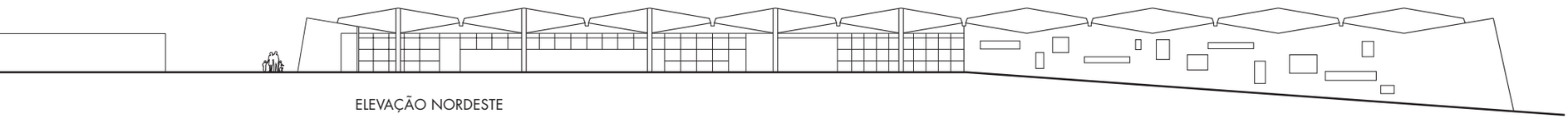


01. SALA DE AULA
02. ANFITEATRO
03. DEPÓSITO
04. LABORATÓRIO
05. RECREIO COBERTO
06. VICE-DIRETORIA
07. DIRETORIA
08. ORIENTADOR EDUCACIONAL
09. SECRETARIA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. SANITÁRIO MASCULINO
12. SANITÁRIO FEMININO
13. CANTINA
14. ALMOXARIFADO
15. MÉDICO
16. DENTISTA
17. BIBLIOTECA
18. GRÊMIO
19. SANITÁRIO
20. PORTARIA
21. COZINHA
22. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
23. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
24. RECREIO COBERTO
25. MARQUISE

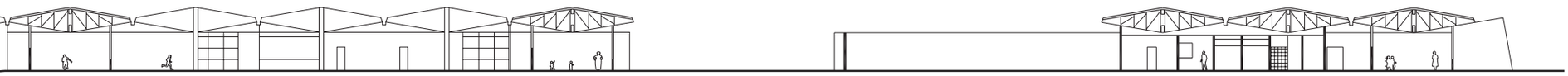


0 5 10 20

ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500



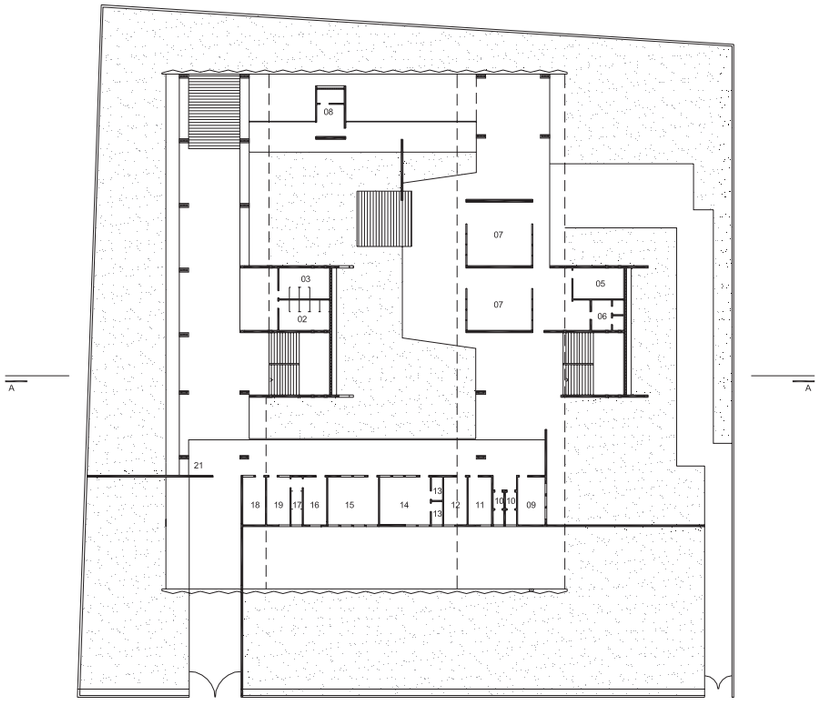
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



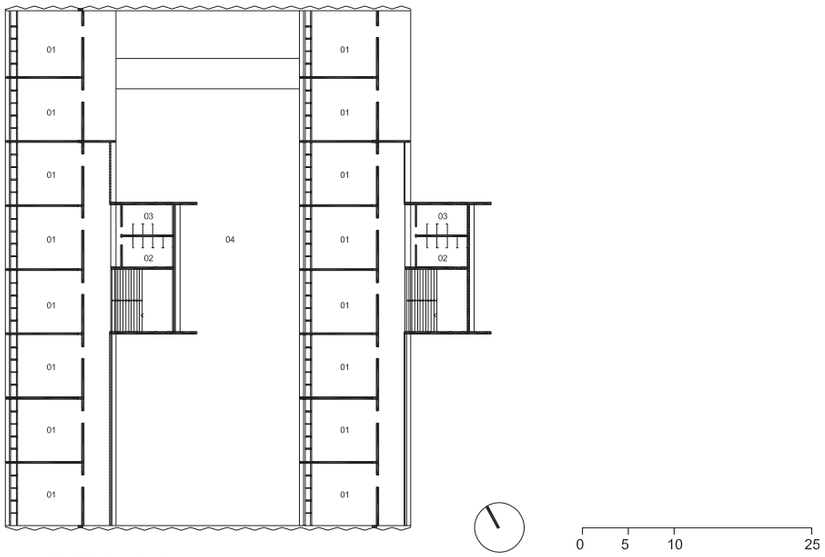
CORTE LONGITUDINAL
1:500

EE Professor Amadeu Oliverio

Jorge Zalszupin | 1961 | obra construída com outro projeto | São Bernardo do Campo, Rudge Ramos | Rua Itauna, 66

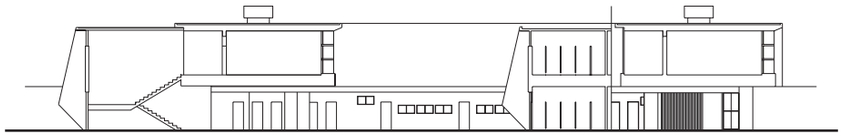


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

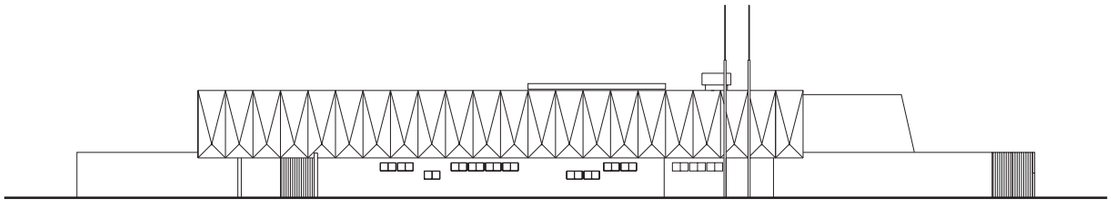


PAVIMENTO SUPERIOR
1:750

01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. RECREIO COBERTO
05. DEPÓSITO
06. SANITÁRIO DO PRÉ-PRIMÁRIO
07. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
08. COZINHA
09. DENTISTA
10. SANITÁRIO
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. MÉDICO
13. SANITÁRIO DOS PROFESSORES
14. SALA DOS PROFESSORES
15. BIBLIOTECA
16. DIRETORIA
17. SANITÁRIO DIRETORIA
18. ARQUIVO
19. VICE-DIRETORIA
20. ENTRADA
21. PORTARIA



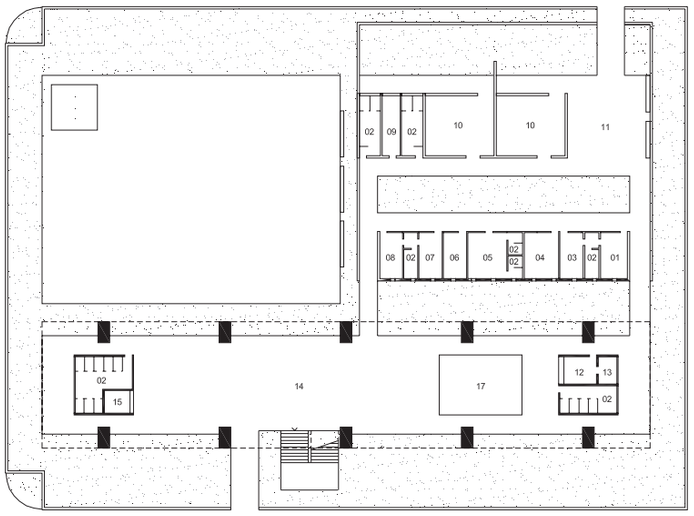
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

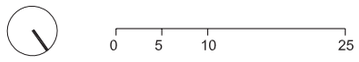
EE Professor Rene Rodrigues de Moraes

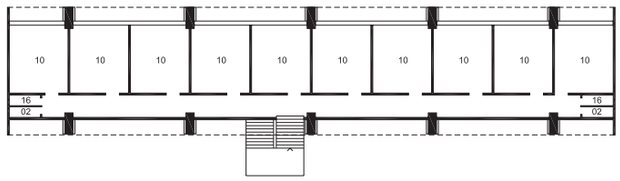
Jorge Zalszupin | data não identificada | Guarujá, Jardim Helena Maria | Rua Doutor Carlos Nerhing, 165



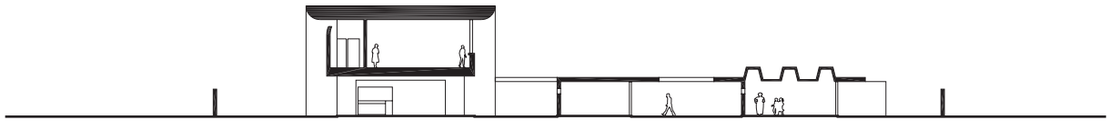
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. DENTISTA
02. SANITÁRIO
03. COORD. PEDAGÓGICO
04. BILBLIOTECA
05. SALA DOS PROFESSORES
06. DIRETORIA
07. AUXILIAR DA DIRETORIA
08. SECRETARIA
09. CENTRO CÍVICO
10. SALA DE AULA
11. ÁREA COBERTA
12. COZINHA
13. DESPENSA
14. RECREIO COBERTO
15. INSPEÇÃO DE ALUNOS
16. DEPÓSITO
17. PALCO



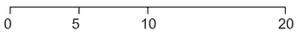


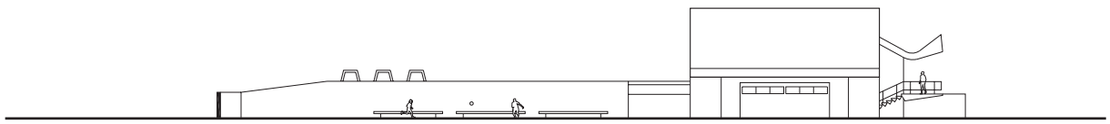
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

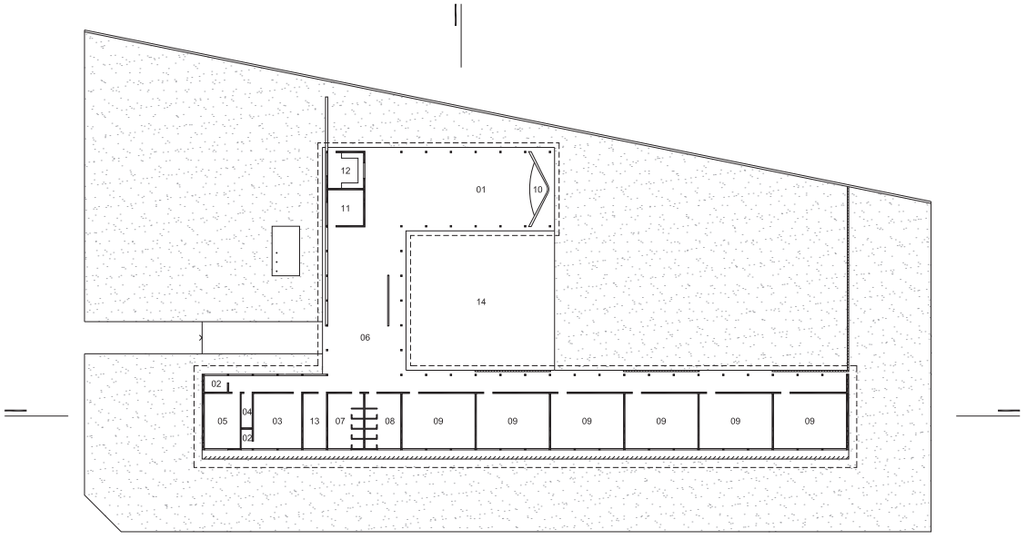




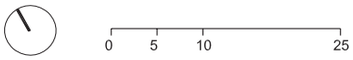
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

EE Gilberto Giraldi

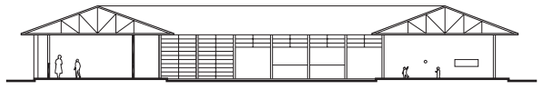
José Alfredo Cardia Galrão e Júlio José Franco Neves | 1959 | Vargem Grande do Sul, Jardim Boa Vista | Rua Mato Grosso, 150



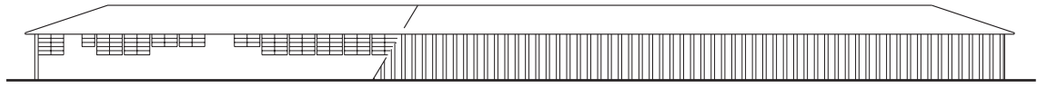
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



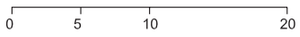
01. RECREIO COBERTO
02. SANITÁRIO
03. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
04. ALMOXARIFADO
05. DIRETORIA
06. PORTARIA
07. SANITÁRIO FEMININO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. SALA DE AULA
10. PALCO
11. DENTISTA
12. COZINHA
13. MATERIAL DIDÁTICO
14. PÁTIO



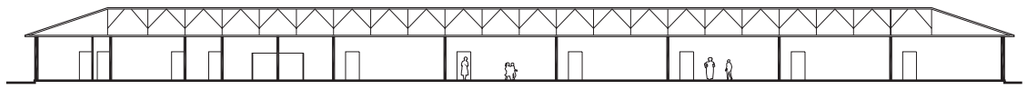
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500



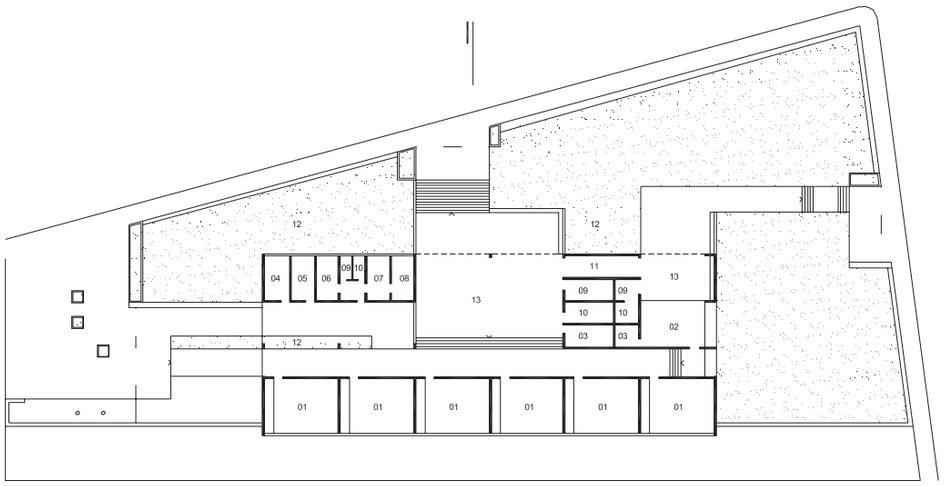
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



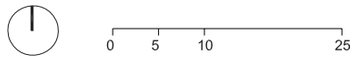
CORTE LONGITUDINAL
1:500

EMEF Professor Arnaldo Rossi

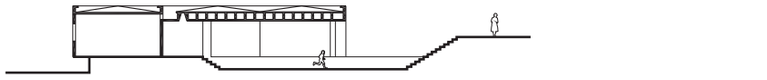
José Maria Gandolfi | 1961 | Pedreira, Centro | Praça Coronel João Pedro, 130



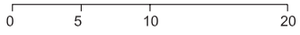
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

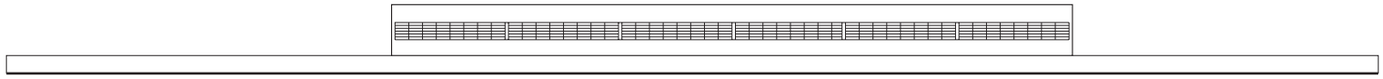


01. SALA DE AULA
02. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
03. DEPÓSITO
04. BIBLIOTECA
05. DENTISTA
06. SALA DOS PROFESSORES
07. SECRETARIA
08. DIRETORIA
09. SANITÁRIO FEMININO
10. SANITÁRIO MASCULINO
11. COZINHA
12. JARDIM
13. RECREIO COBERTO



CORTE TRANSVERSAL
1:500

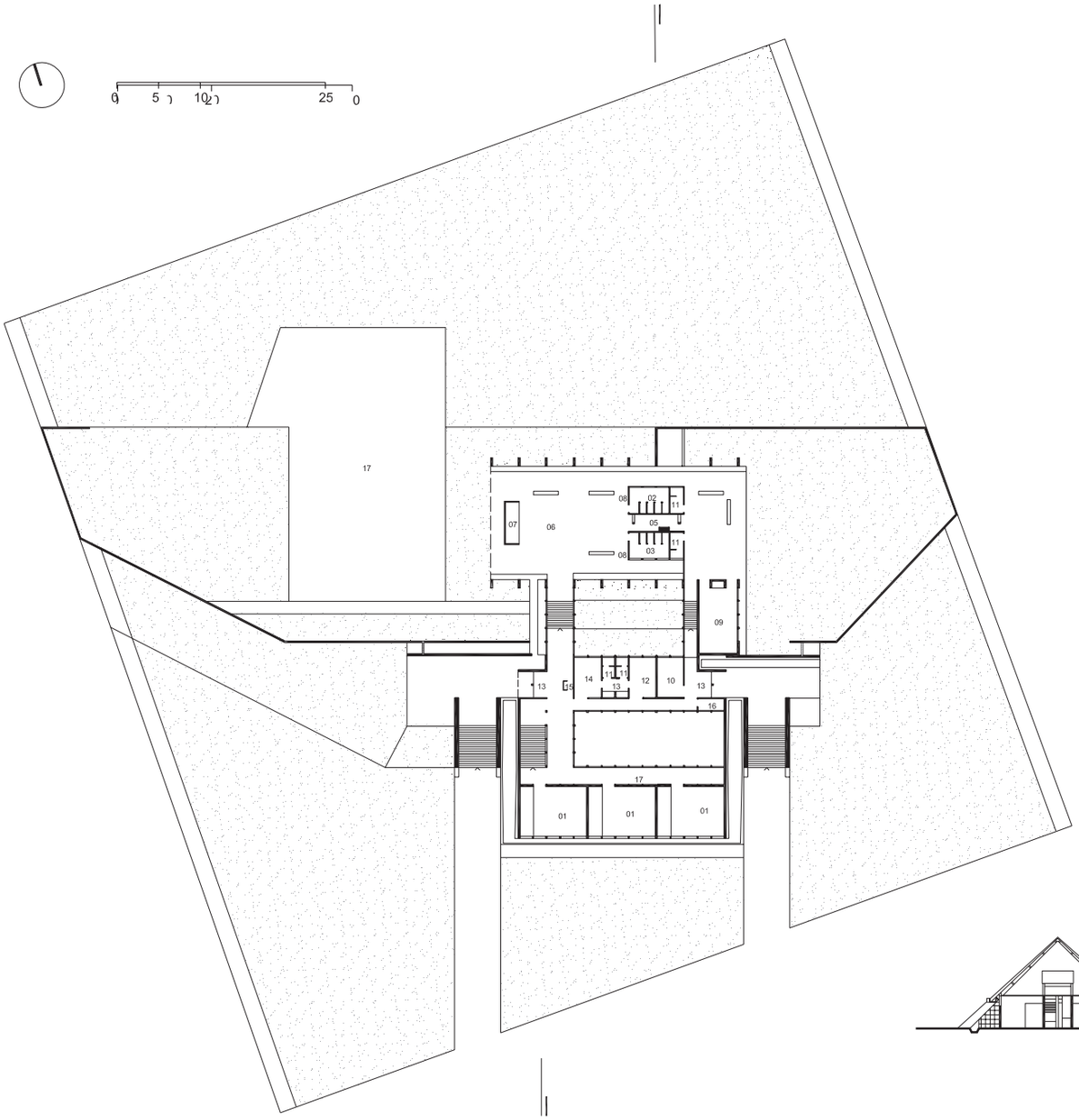




ELEVAÇÃO SUL
1:500

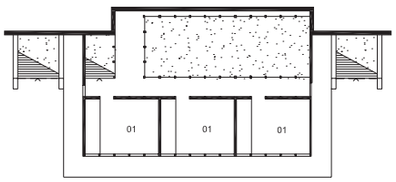
EE Professor Celso Antônio

José Pinto | data não identificada | Cajati, Cajati | Rua Alois Hold, 40

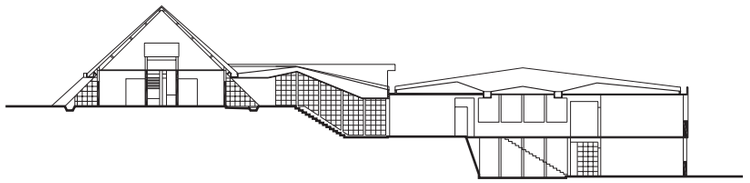


IMPLANTAÇÃO/PAVIMENTO SUPERIOR
1:750

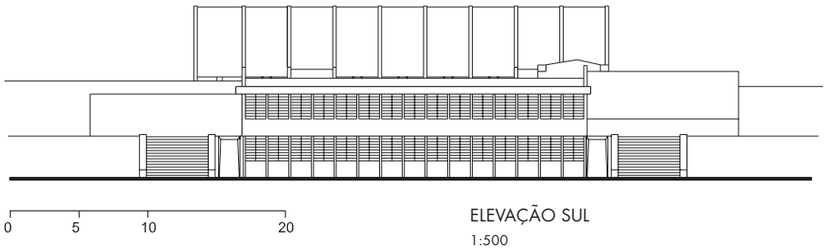
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
05. COZINHA
06. RECREIO COBERTO
07. PALCO
08. BEBEDOURO
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. DENTISTA
11. SANITÁRIO
12. SALA DOS PROFESSORES
13. HALL DE ENTRADA
14. DIRETORIA
15. PORTARIA/SECRETARIA
16. DEPÓSITO
17. QUADRA POLIESPORTIVA



PAVIMENTO INFERIOR
1:750



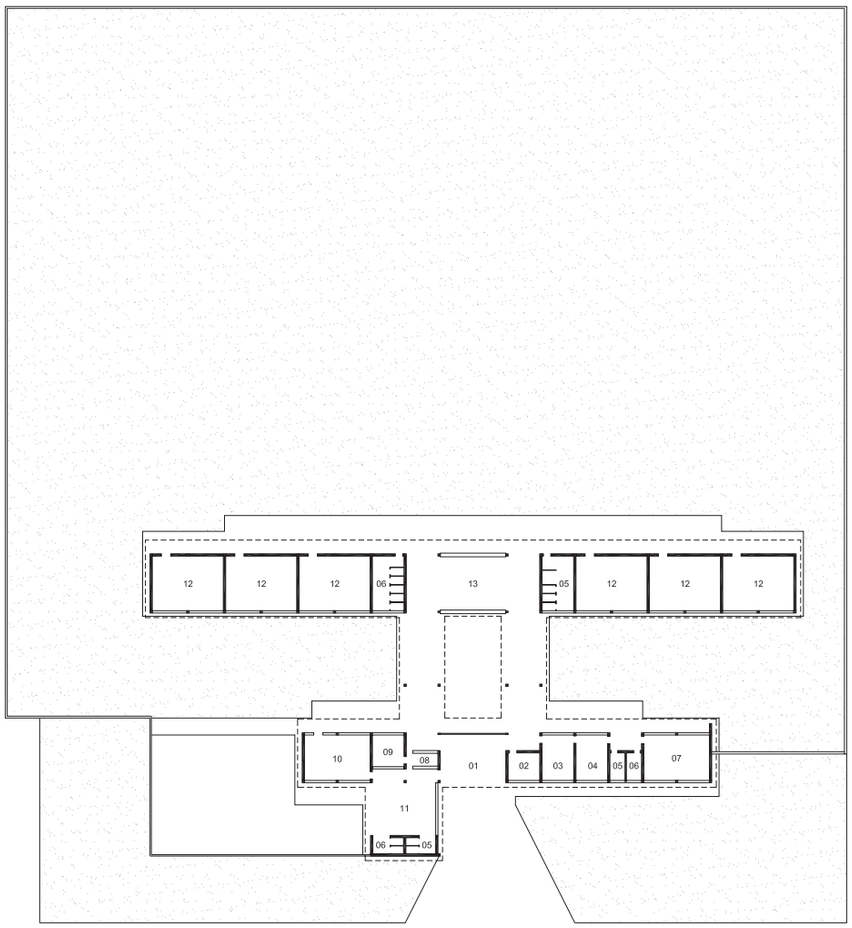
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

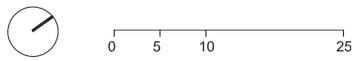
EE Carlos Bernardes Staut

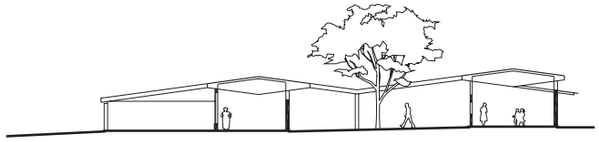
José Silvestre V. Egreja | data não identificada | Ribeirão dos Índios, Centro | Rua Antonio Bueno da Costa, 65



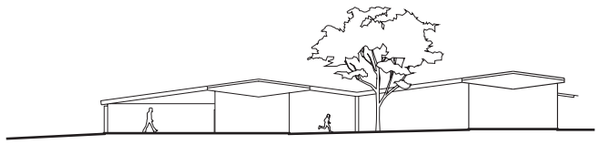
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. PORTARIA
02. DIRETORIA
03. SECRETARIA
04. SALA DOS FUNCIONÁRIOS
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. SANITÁRIO FEMININO
07. SALA DOS PROFESSORES
08. DISTRIBUIÇÃO
09. COZINHA
10. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
11. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
12. SALA DE AULA
13. RECREIO COBERTO

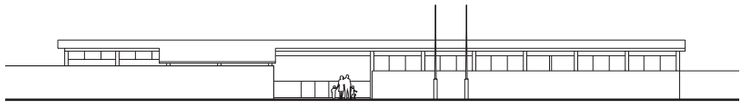




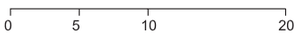
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

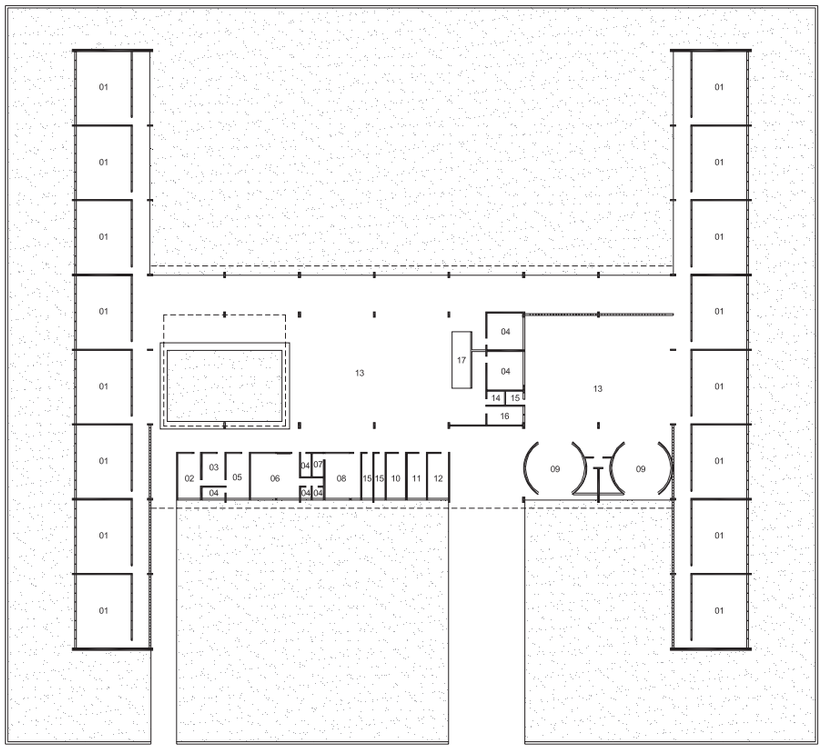


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



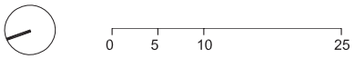
EE Professora Helena Pavanelli Porto

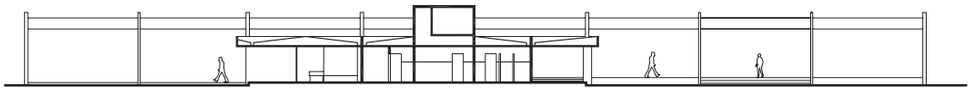
Júlio José Franco Neves | 1961 | Tupã, Centro | Avenida Tapuias, 907



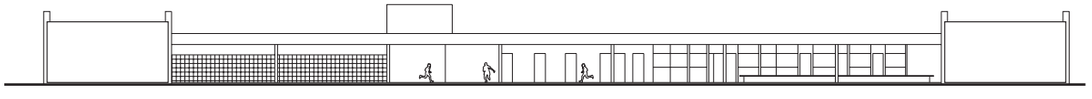
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. SALA DE AULA
02. ARQUIVO
03. AUXILIAR DA DIRETORIA
04. SANITÁRIO
05. DIRETORIA
06. SALA DOS PROFESSORES
07. MATERIAL DIDÁTICO
08. BIBLIOTECA
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. DENTISTA
11. MÉDICO
12. EDUCADOR SANITÁRIO
13. RECREIO COBERTO
14. DESPENSA
15. DEPÓSITO
16. COZINHA
17. PALCO

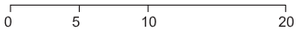




CORTE TRANSVERSAL
1:500

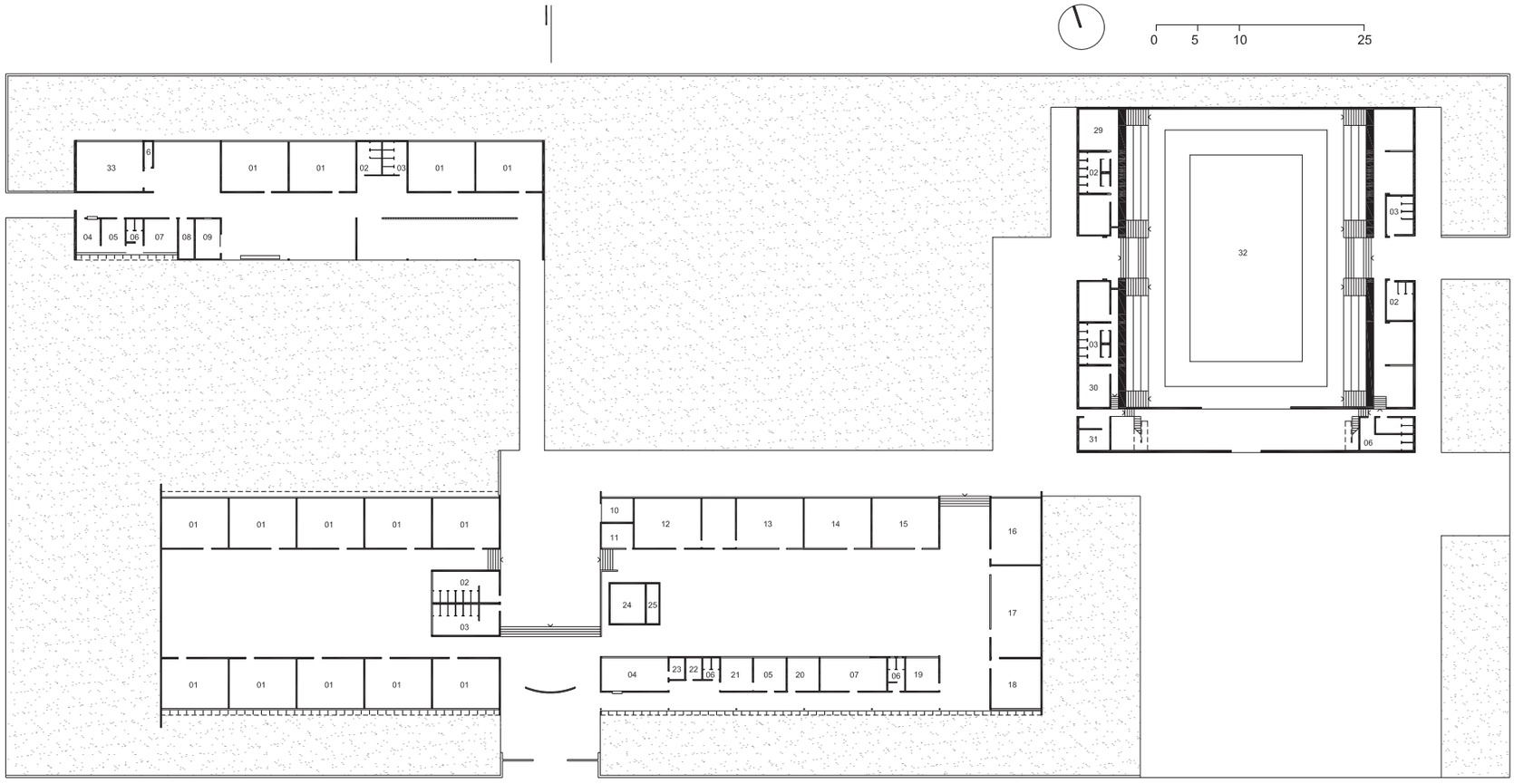


ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500



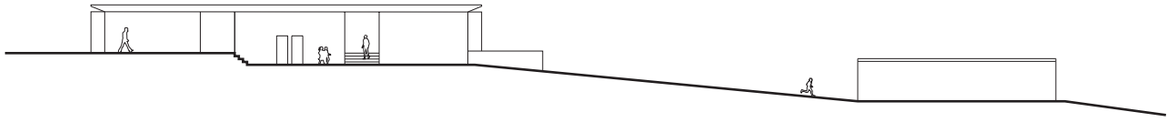
antiga EE Professora Lydia Yvone Gomes Marques

Júlio Roberto Katinsky e Abrahão Sanovicz | 1962 | obra construída com outro projeto | Garça, Labienópolis | Rua José Rosário, 699

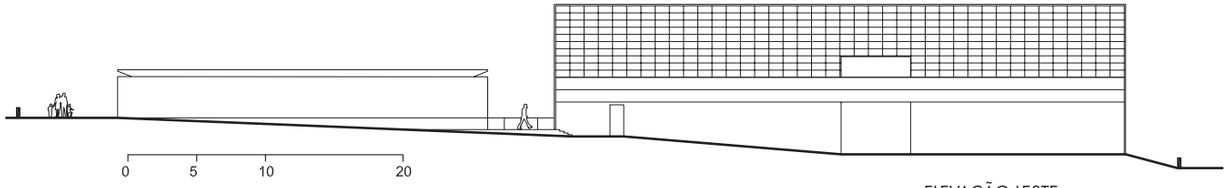


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

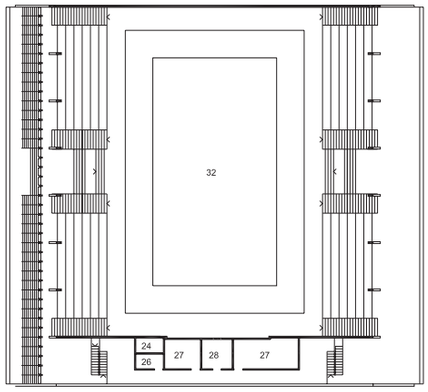
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SECRETARIA
05. DIRETORIA
06. SANITÁRIO
07. SALA DOS PROFESSORES
08. DESPENSA
09. COZINHA
10. CANTINA
11. GRÊMIO
12. AUDITÓRIO
13. SALA AMBIENTE
14. TRABALHOS MANUAIS
15. SALA DE DESENHO
16. LABORATÓRIO
17. BIBLIOTECA
18. SALA DE ESTUDO
19. DENTISTA
20. ORIENTADOR EDUCACIONAL
21. VICE-DIRETORIA
22. DEPÓSITO
23. ARQUIVO
24. CAIXA D´ÁGUA
25. BOMBA
26. INSPEÇÃO
27. CAMARIM
28. CABINE PROJEÇÃO
29. VESTIÁRIO MASCULINO
30. VESTIÁRIO FEMININO
31. GABINETE BIOMÉDICO
32. QUADRA POLIESPORTIVA
33. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO



CORTE TRANSVERSAL
1:500



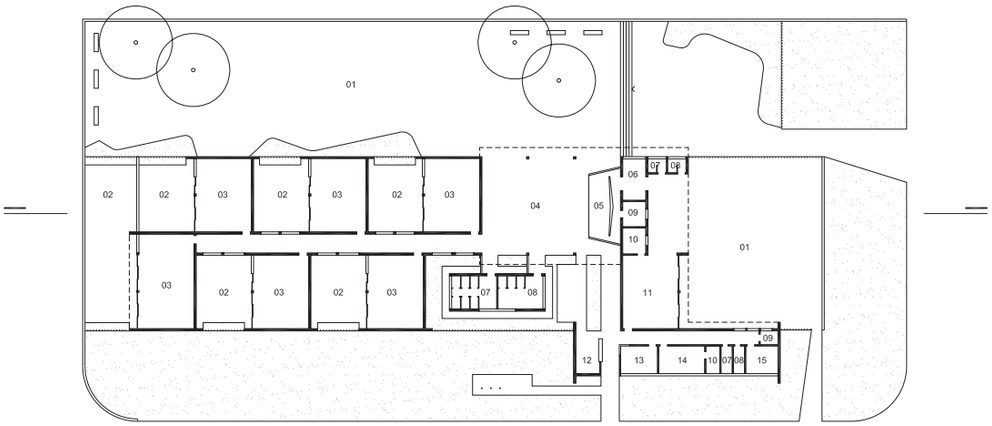
ELEVAÇÃO LESTE
1:500



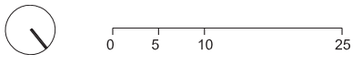
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

EE Professor Antônio Adolfo Lobbe

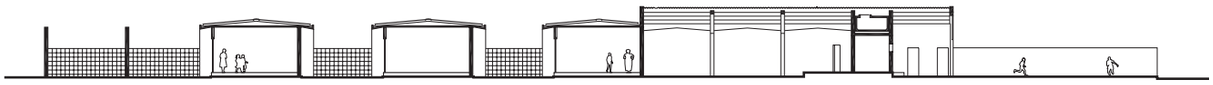
Kurt Hollander | data não identificada | São Carlos, Vila Izabel | Rua Santa Isabel, 12



01. RECREIO DESCOBERTO
02. ÁREA PRIVATIVA
03. SALA DE AULA
04. RECREIO COBERTO
05. PALCO
06. COZINHA
07. SANITÁRIO FEMININO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. DEPÓSITO/SECRETARIA
10. MATERIAL DIDÁTICO
11. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
12. BIBLIOTECA
13. DIRETORIA
14. SALA DOS PROFESSORES
15. DENTISTA

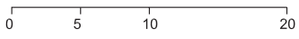


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



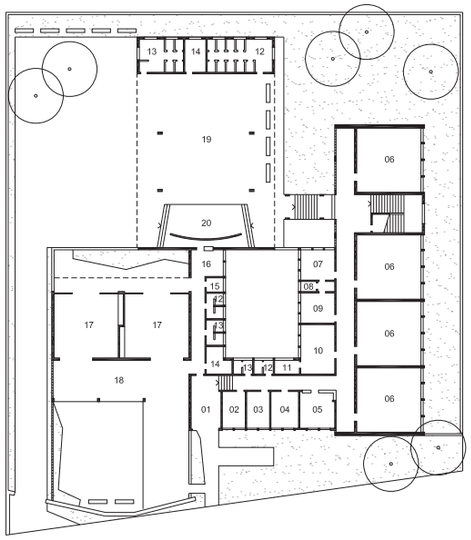
CORTE LONGITUDINAL
1:500

ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

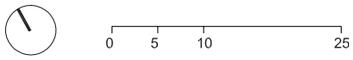


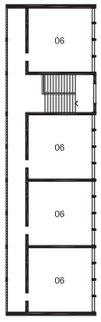
EE Professora Maria Conceição Pires do Rio

Kurt Hollander | data não identificada | Aparecida, Santa Rita | Rua Padre João Batista, 93



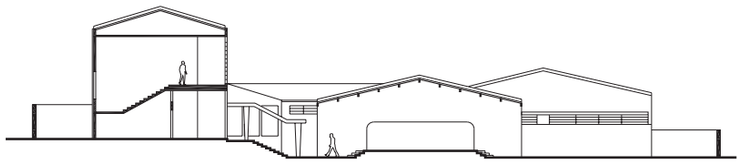
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



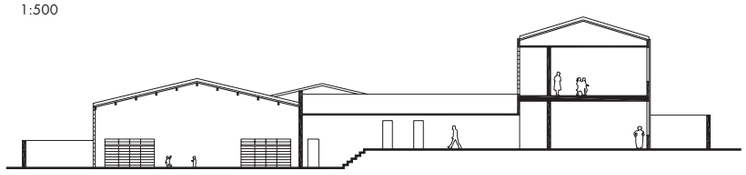


01. PORTARIA
02. EDUCADOR SANITÁRIO
03. DENTISTA
04. ARQUIVO
05. BIBLIOTECA
06. SALA DE AULA
07. DIRETORIA
08. SANITÁRIO
09. AUXILIAR DA DIRETORIA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. MATERIAL DIDÁTICO
12. SANITÁRIO FEMININO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. DEPÓSITO
15. DESPENSA
16. COZINHA
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
19. RECREIO COBERTO
20. PALCO

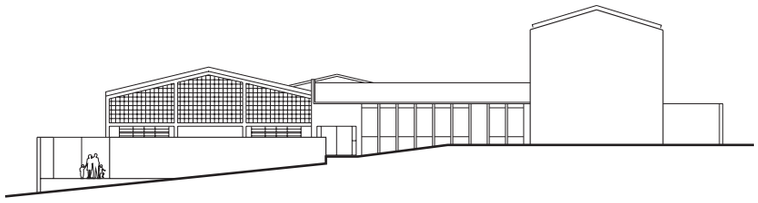
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



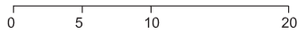
CORTE TRANSVERSAL
1:500

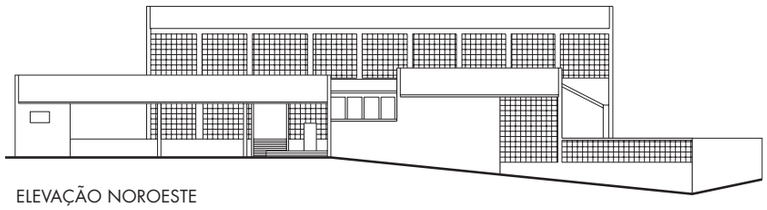


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

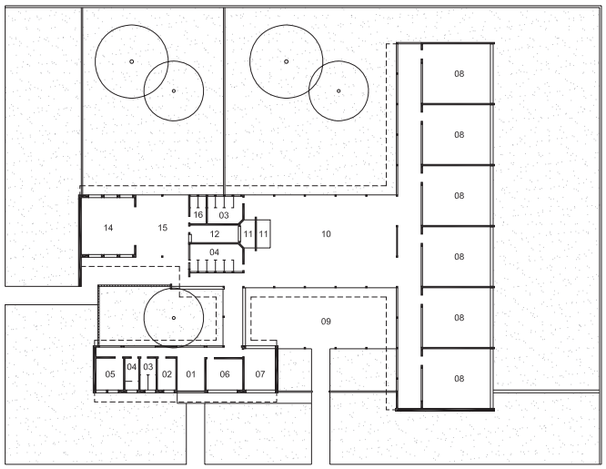




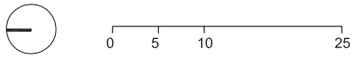
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

EE Professor Pedro Fernandes de Camargo

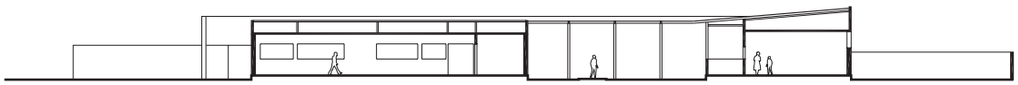
Luiz Fernando de Moraes Rêgo | data não identificada | Porto Feliz, Vila Martelli | Rua João Marinomio de Camargo, 80



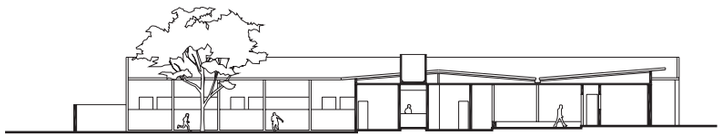
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



01. HALL DE ENTRADA
02. DEPÓSITO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. DENTISTA
06. DIRETORIA
07. SALA DOS PROFESSORES
08. SALA DE AULA
09. PÁTIO
10. RECREIO COBERTO
11. PALCO
12. COZINHA
13. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
16. SANITÁRIO

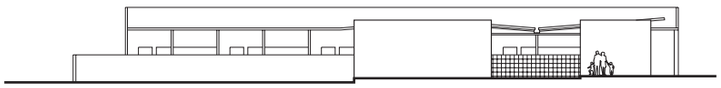


CORTE LONGITUDINAL
1:500

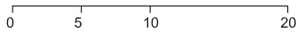


CORTE TRANSVERSAL
1:500

ELEVAÇÃO OESTE
1:500

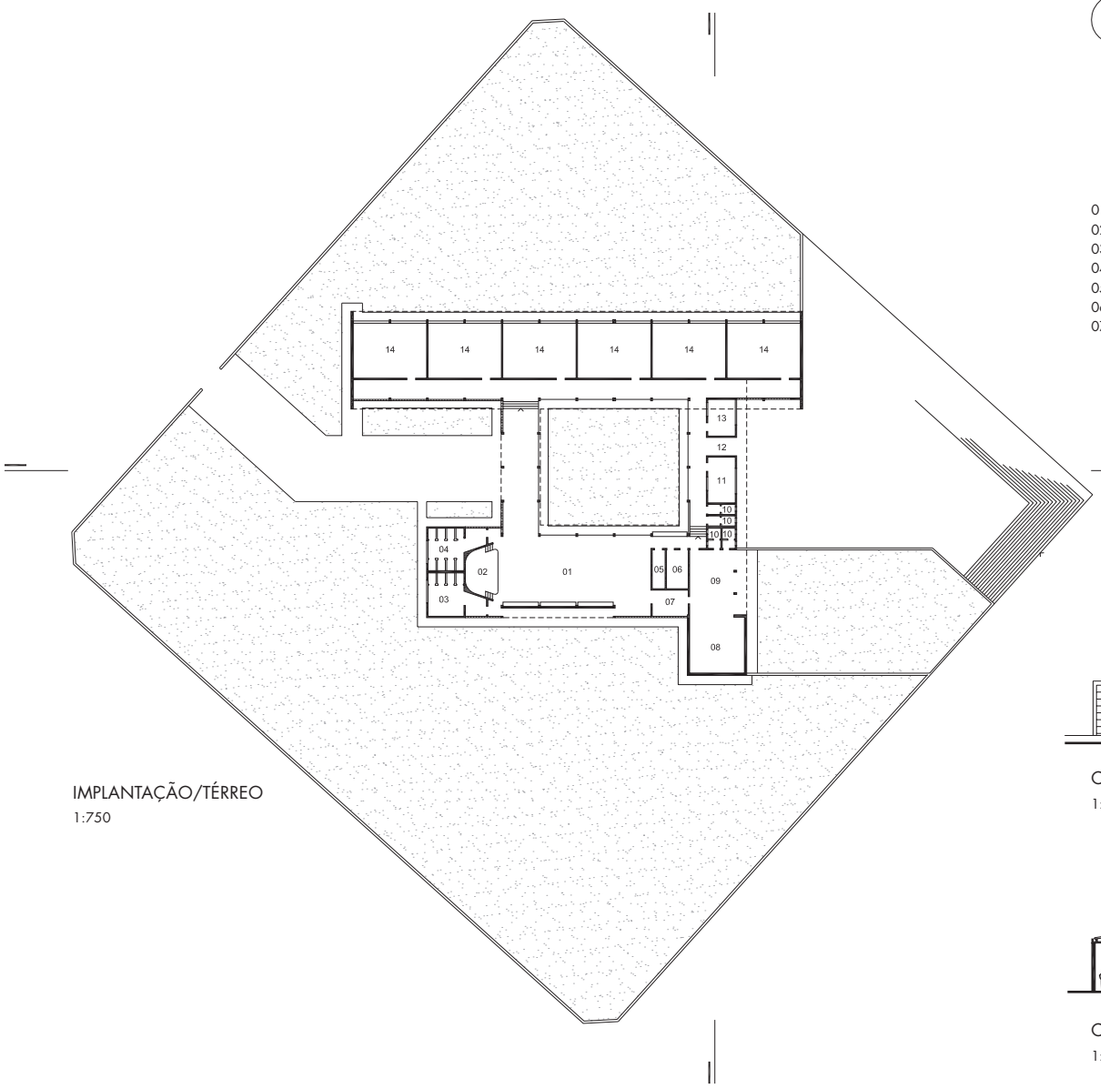


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

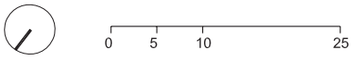


EE Professora Ignêz Alves de Rezende Silva

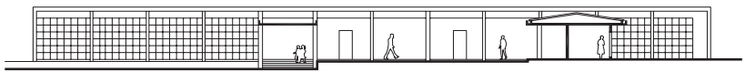
Luis Pessoa Ostiz | 1961 | Ocauçu, Centro | Rua João Francisco Costa e Silva, 414



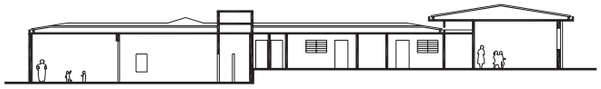
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



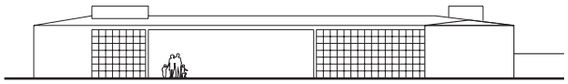
01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. DEPÓSITO
06. DENTISTA
07. COZINHA
08. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. SANITÁRIO
11. SALA DOS PROFESSORES
12. PORTARIA
13. DIRETORIA
14. SALA DE AULA



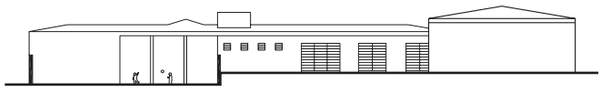
CORTE LONGITUDINAL
1:500



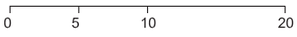
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

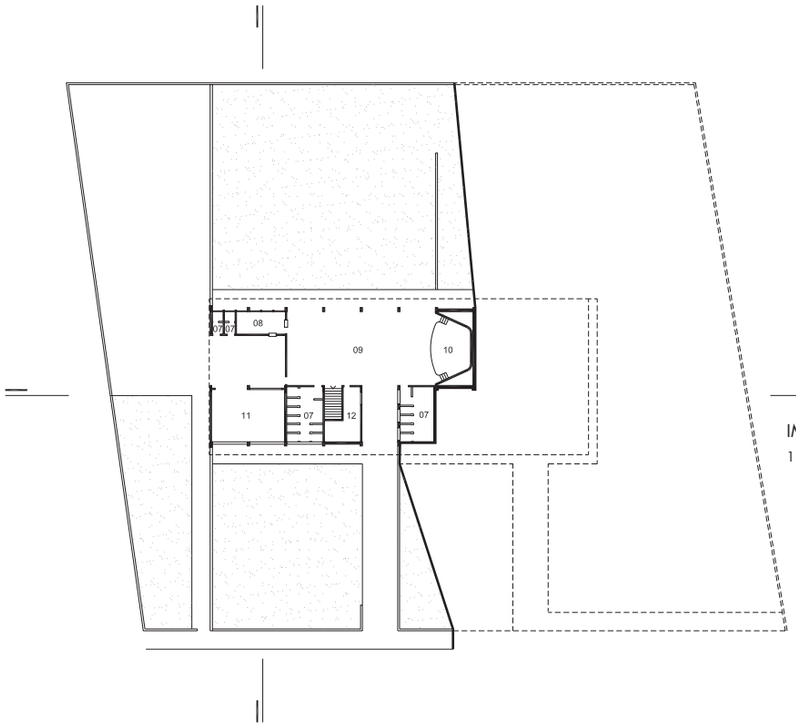


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

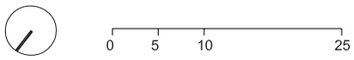


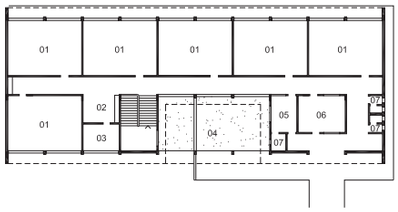
EE Professor Renato Angelini

Luiz Pessoa Ostiz | 1961 | Torre de Pedra, Centro | Rua Ataliba da Costa Avila, 225



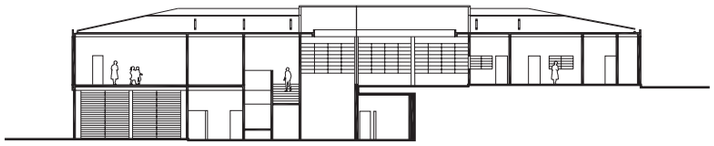
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



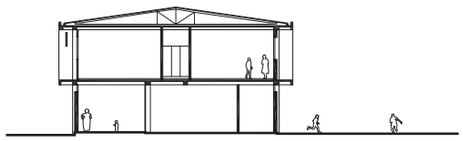


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

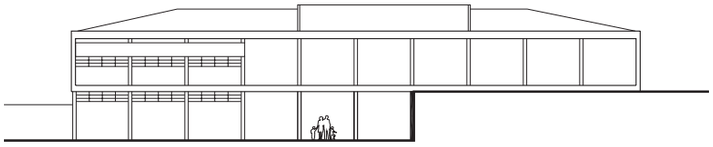
01. SALA DE AULA
02. SALA DE ESPERA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. JARDINEIRA
05. DIRETORIA
06. SECRETARIA
07. SANITÁRIO
08. COZINHA
09. RECREIO COBERTO
10. PALCO
11. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
12. DEPÓSITO



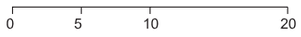
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

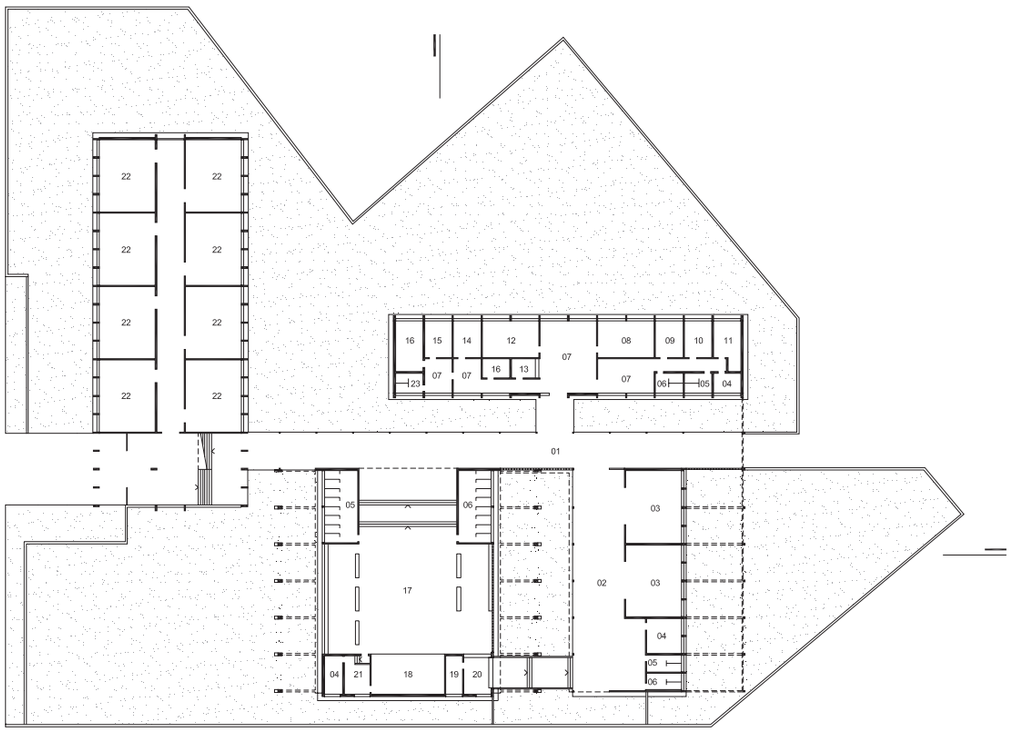


ELEVAÇÃO SUL
1:500

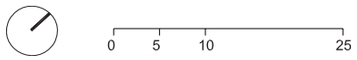


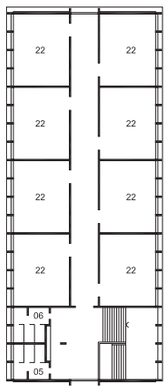
EE Doutor Carlos Garcia

Majer Botkowski | 1962 | Santo André, Camilópolis | Rua Sidney, 760



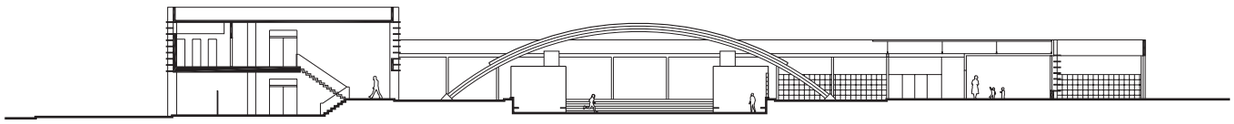
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



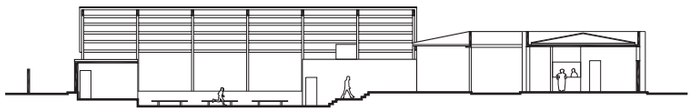


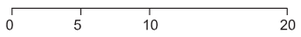
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

01. CIRCULAÇÃO
02. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
03. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
04. DEPÓSITO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SALA DE ESPERA
08. SECRETARIA
09. DENTISTA
10. EDUCADOR SANITÁRIO
11. MÉDICO
12. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
13. PORTARIA
14. ARQUIVO
15. AUXILIAR DA DIRETORIA
16. DIRETORIA
17. RECREIO COBERTO
18. PALCO
19. DESPENSA
20. COZINHA
21. CAMARIM
22. SALA DE AULA
23. SANITÁRIO

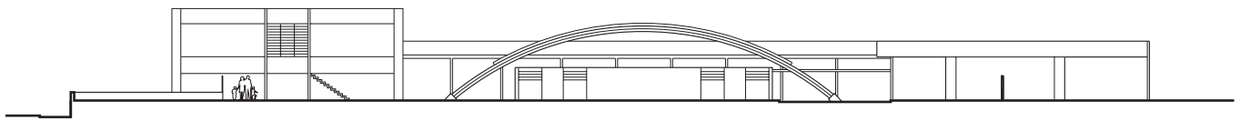


CORTE TRANSVERSAL
1:500





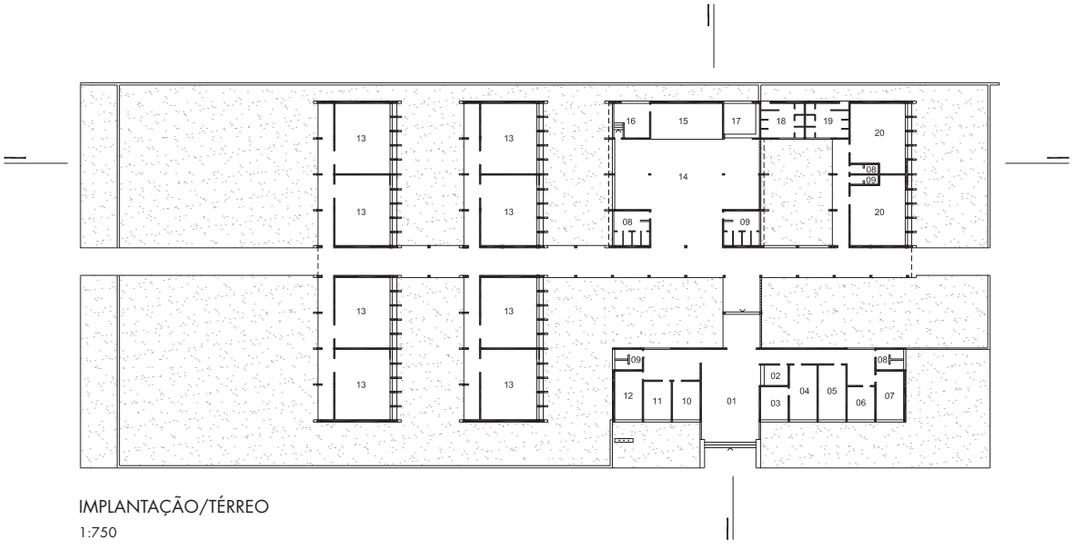
CORTE LONGITUDINAL
1:500



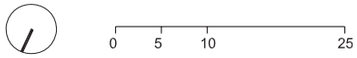
ELEVAÇÃO SUL
1:500

EMEF Barão Jacareí

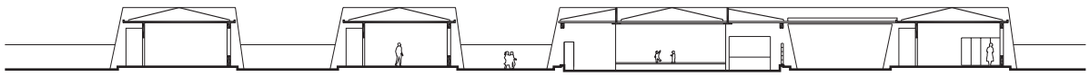
Majer Botkowski | data não identificada | Jacareí, São João | Praça Independência, 369



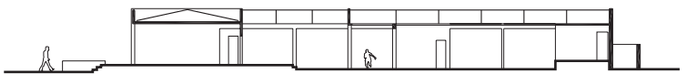
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



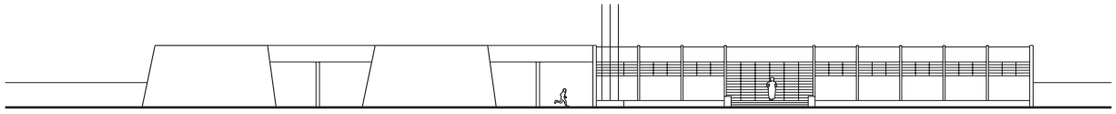
01. HALL DE ENTRADA
02. PORTARIA
03. ARQUIVO
04. BIBLIOTECA
05. SALA DOS PROFESSORES
06. AUXILIAR DA DIRETORIA
07. DIRETORIA
08. SANITÁRIO FEMININO
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. DENTISTA
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. DEPÓSITO
13. SALA DE AULA
14. RECREIO COBERTO
15. PALCO
16. CAMARIM
17. COZINHA
18. VESTIÁRIO FEMININO
19. VESTIÁRIO MASCULINO
20. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO



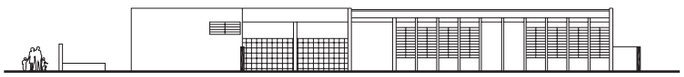
CORTE LONGITUDINAL
1:500



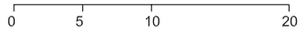
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

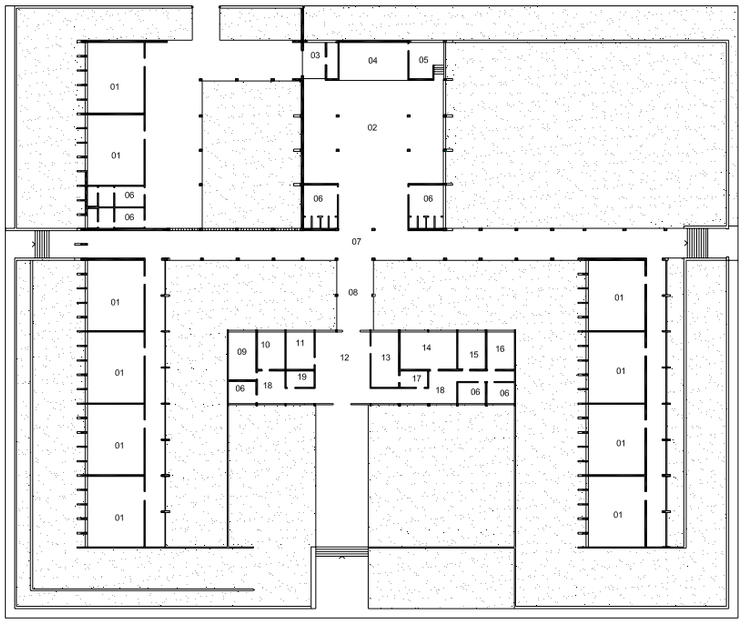


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

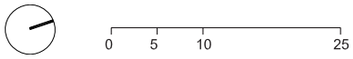


EE Professora Maria do Carmo Lelis

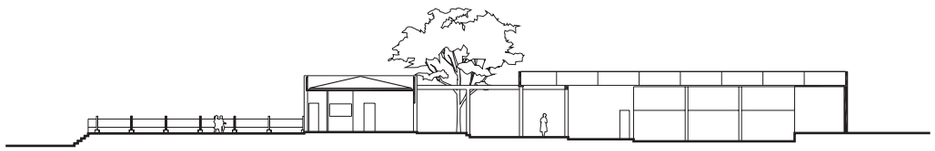
Majer Bototkowski | data não identificada | Araçatuba, Morada Nobres | Rua Lions Club, 130



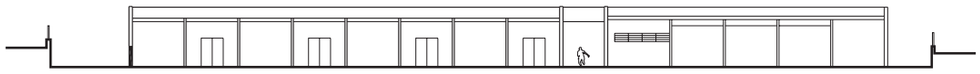
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



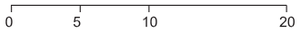
01. SALA AULA
02. RECREIO COBERTO
03. COZINHA
04. PALCO
05. CAMARIM
06. SANITÁRIO
07. CIRCULAÇÃO
08. PASSARELA
09. DIRETORIA
10. AUXILIAR DA DIRETORIA
11. ARQUIVO
12. HALL-MUSEU
13. BIBLIOTECA
14. SALA DOS PROFESSORES
15. GABINETE
16. EDUCADOR SANITÁRIO
17. MATERIAL DIDÁTICO
18. SALA DE ESPERA
19. PORTARIA



CORTE LONGITUDINAL
1:500

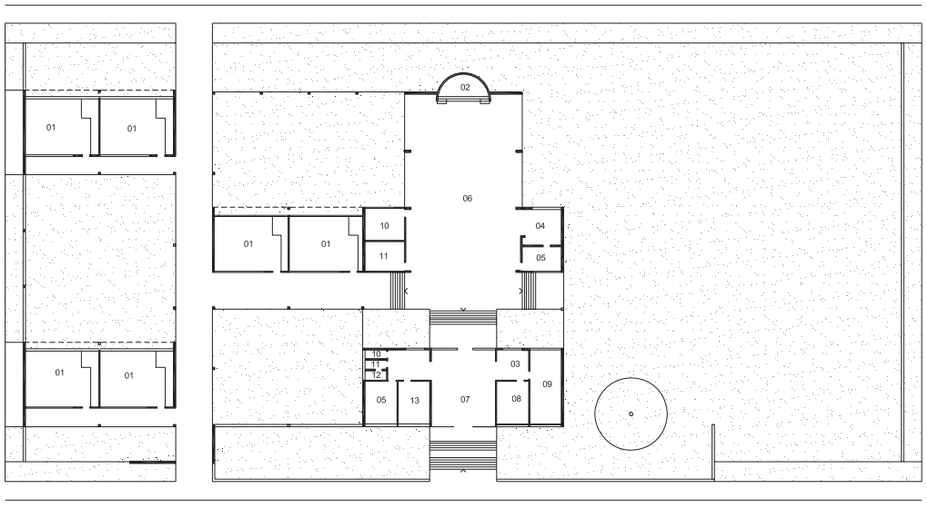


ELEVAÇÃO NORTE
1:500



EMEF Professora Dalila da Silva Afonso

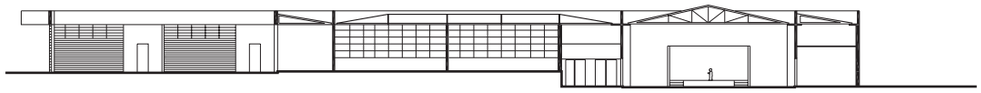
Majer Bototkowski | data não identificada | Bocaina, Pedro Alexandre | Rua Primo Budin, s/nº



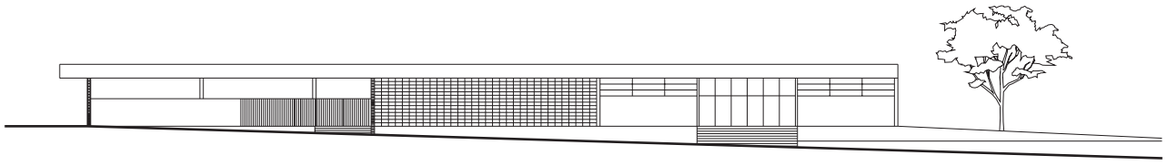
01. SALA DE AULA
02. PALCO
03. ESPERA
04. COZINHA
05. DEPÓSITO
06. PÁTIO
07. HALL
08. DIRETORIA
09. SECRETARIA
10. SANITÁRIO MASCULINO
11. SANITÁRIO FEMININO
12. SANITÁRIO DIRETORIA
13. SALA DOS PROFESSORES

0 5 10 25

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500



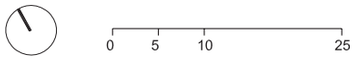
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

0 5 10 20

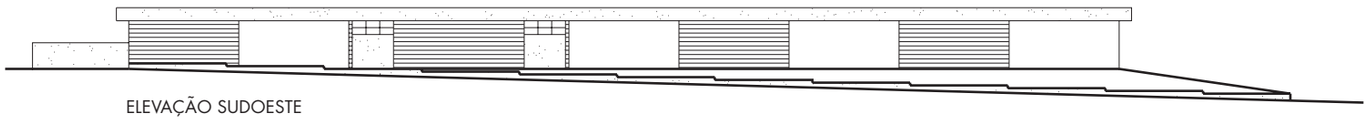
EE Professor Anísio Carneiro

Majer Bototkowski | data não identificada | Tupã | Praça Sérvulo de Castro, 145

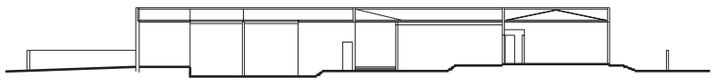
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



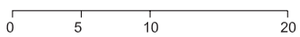
01. JARDIM
02. DIRETORIA
03. SANITÁRIO
04. AUXILIAR DA DIRETORIA
05. HALL
06. SALA DOS PROFESSORES
07. ARQUIVO
08. BIBLIOTECA
09. HALL
10. DENTISTA
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. PORTARIA
13. DEPÓSITO
14. SALA DE AULA
15. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
16. ARMÁRIO
17. ÁREA COBERTA
18. SANITÁRIO FEMININO
19. SANITÁRIO MASCULINO
20. RECREIO COBERTO
21. COZINHA
22. PALCO
23. CAMARIM



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

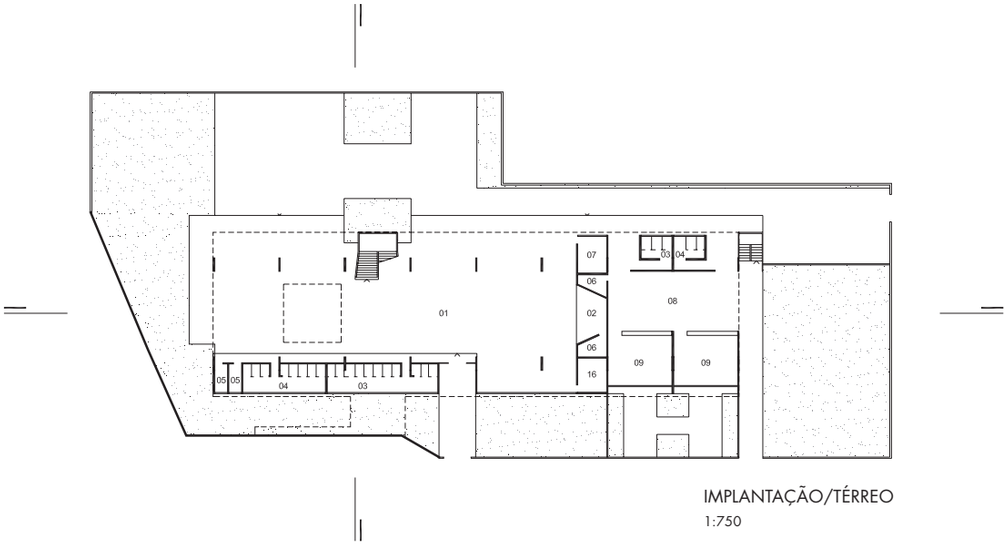


CORTE TRANSVERSAL
1:500

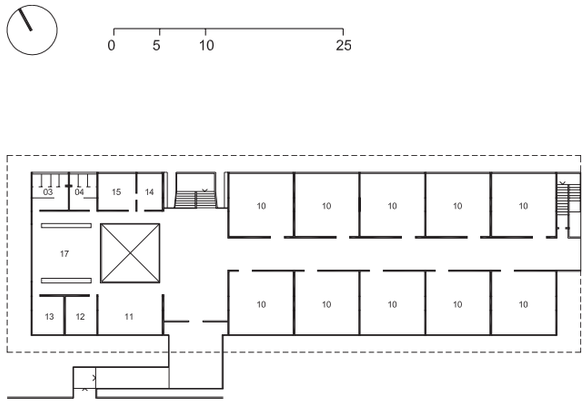


EE Major Hermógenes

Marcelo de Breyne Silveira | data não identificada | Cruzeiro, Vila Paulista | Rua Ipiranga, s/nº

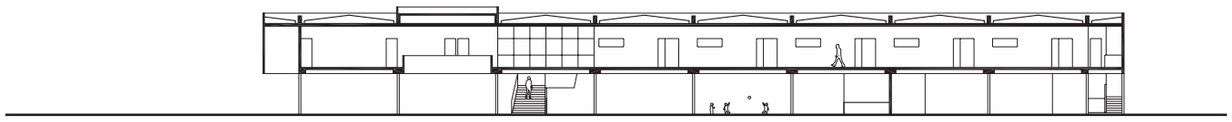


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

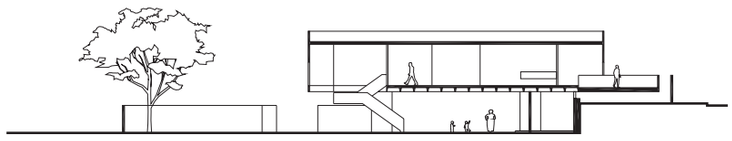


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

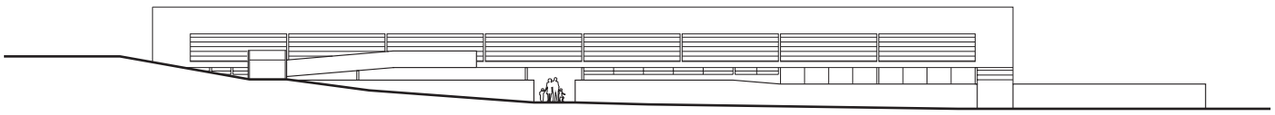
01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SANITÁRIO FUNCIONÁRIOS
06. DEPÓSITO
07. COZINHA
08. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. SALA DE AULA
11. BIBLIOTECA/SECRETARIA
12. DENTISTA
13. EDUCADOR SANITÁRIO
14. AUXILIAR DA DIRETORIA
15. DIRETORIA
16. GRÊMIO
17. SALA DOS PROFESSORES



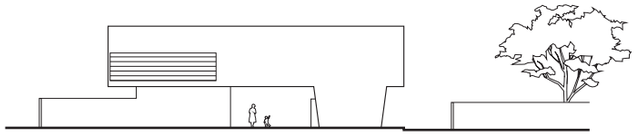
CORTE LONGITUDINAL
1:500



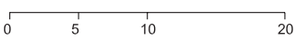
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

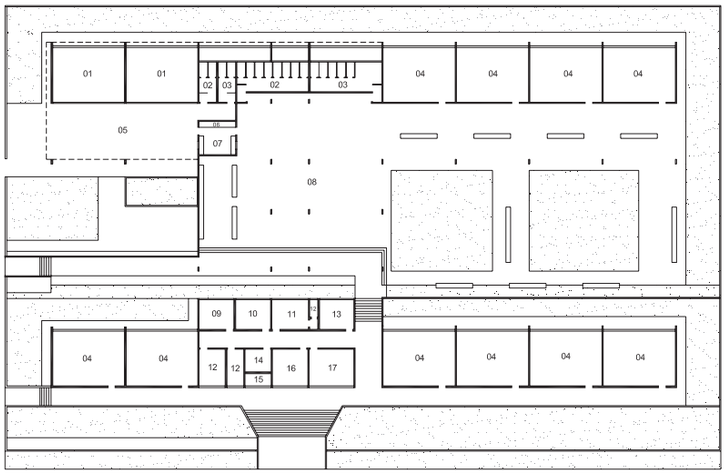


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

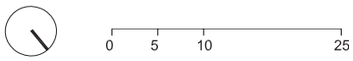


EE Professora Anésia Martins Mattos

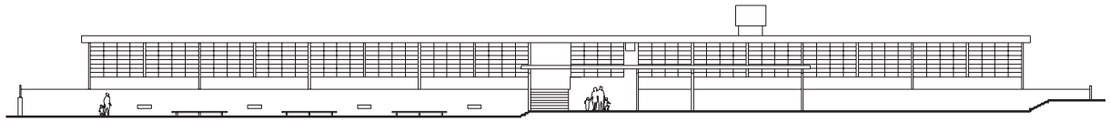
Mario Giraldes Zócchio | data não identificada (projeto não construído) | São João da Boa Vista, Vila Conceição | Rua Juvenal Nogueira, 27



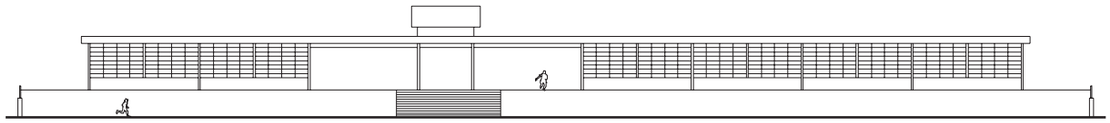
01. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SALA DE AULA
05. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
06. DESPENSA
07. COZINHA
08. RECREIO COBERTO
09. DENTISTA
10. EDUCADOR SANITÁRIO
11. AUXILIAR DA DIRETORIA
12. SANITÁRIO
13. DIRETORIA
14. ARQUIVO SECRETARIA
15. PORTARIA
16. SALA DOS PROFESSORES
17. BIBLIOTECA



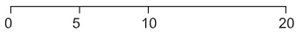
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

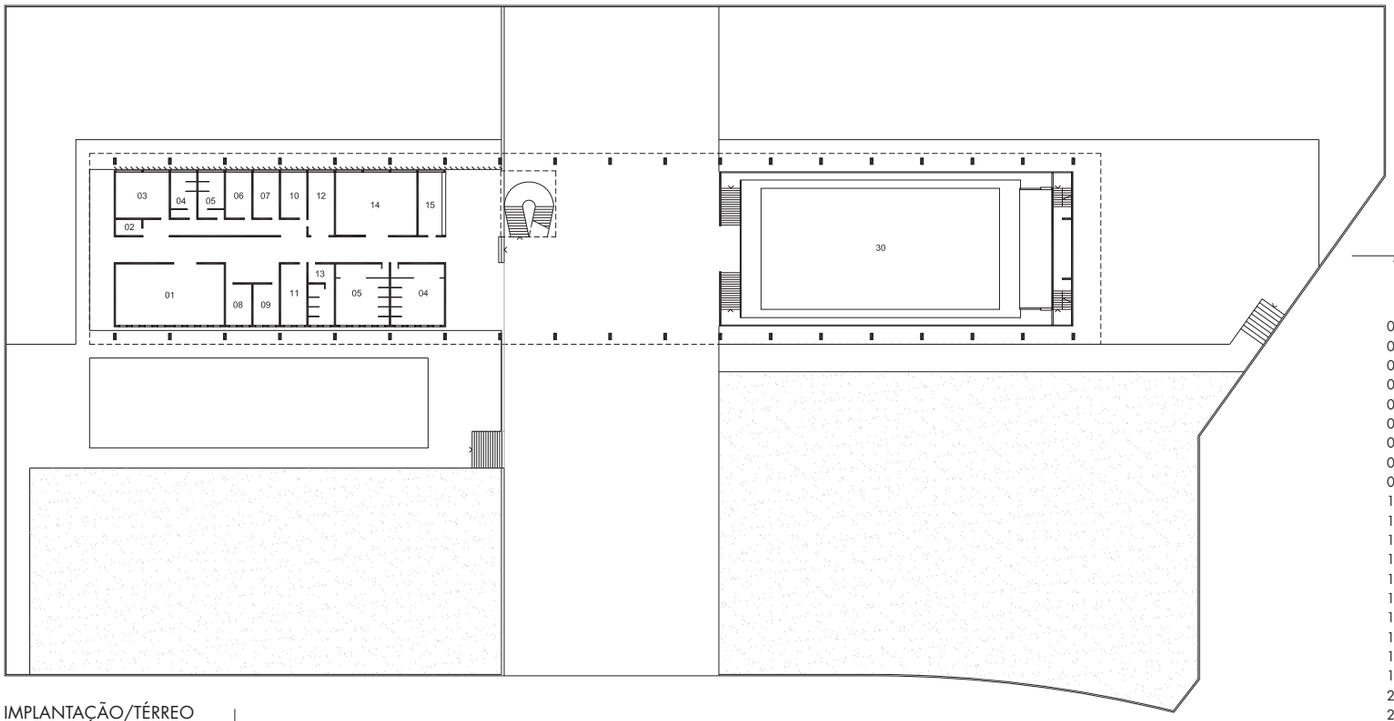


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



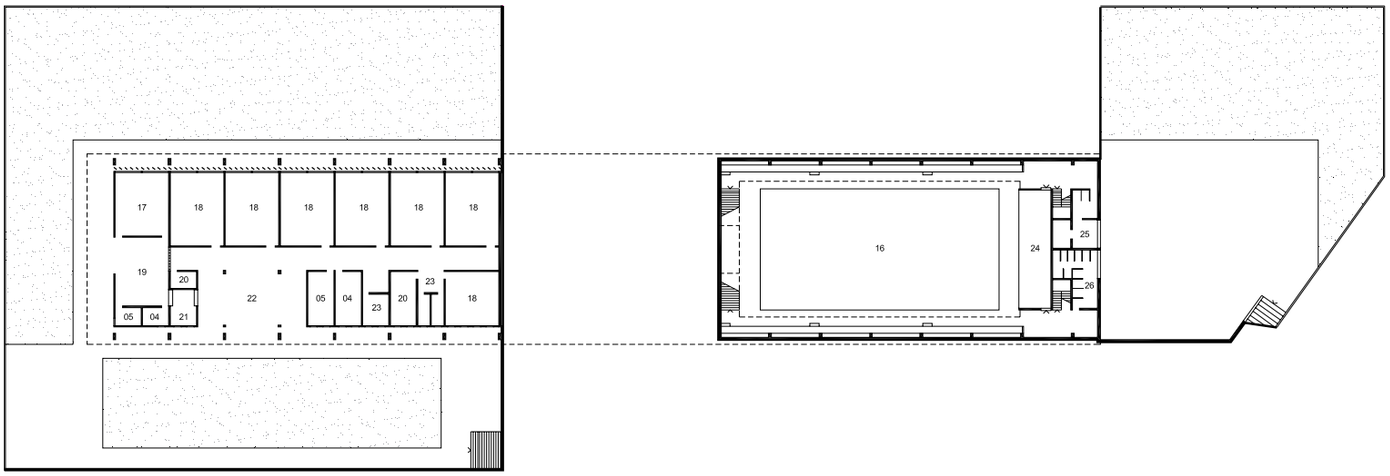
EE Professora Therezinha Sartori

Maurício Tuck Schneider | 1960 | Mauá, Vila Noemia | Rua Vitorino Dell'Antonia, 154

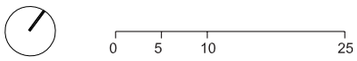


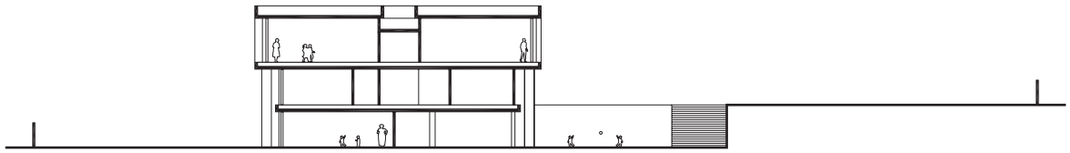
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. BIBLIOTECA
02. COZINHA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. SANITÁRIO FEMININO
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. ORIENTADOR
07. DIRETORIA
08. DENTISTA
09. MÉDICO
10. VICE-DIRETORIA
11. SALA DOS FUNCIONÁRIOS
12. RECURSOS DE ÁUDIO VISUAL
13. VESTIÁRIO FUNCIONÁRIOS
14. SECRETARIA
15. PORTARIA
16. QUADRA POLIESPORTIVA
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. SALA DE AULA
19. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
20. DEPÓSITO
21. COZINHA
22. RECREIO COBERTO
23. GRÊMIO
24. PALCO
25. VESTIÁRIO MASCULINO
26. VESTIÁRIO FEMININO
27. ANFITEATRO
28. SALA DE APARELHOS
29. LABORATÓRIO
30. VAZIO DA QUADRA

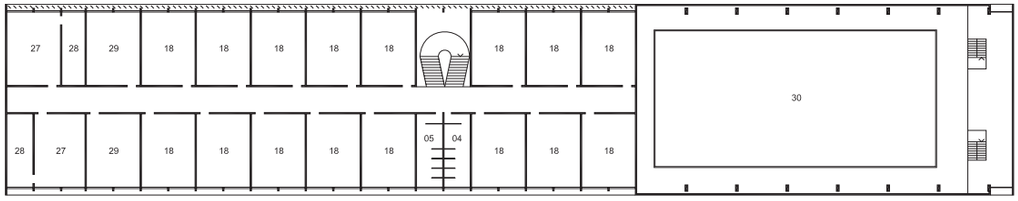


PAVIMENTO INFERIOR
1:750

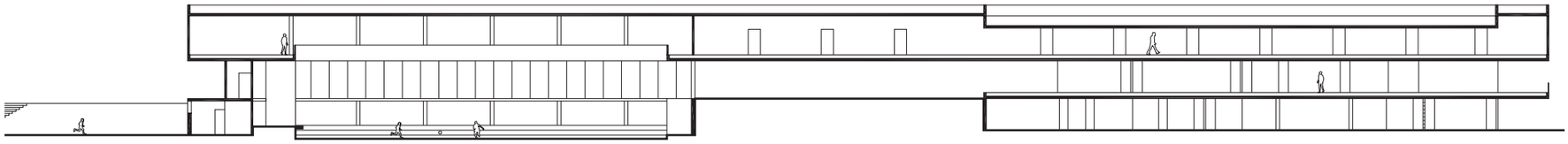




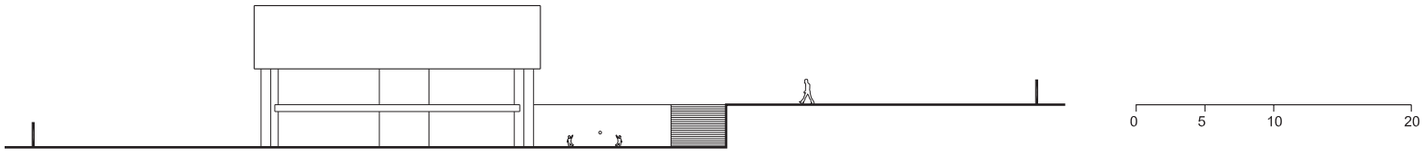
CORTE TRANSVERSAL
1:500



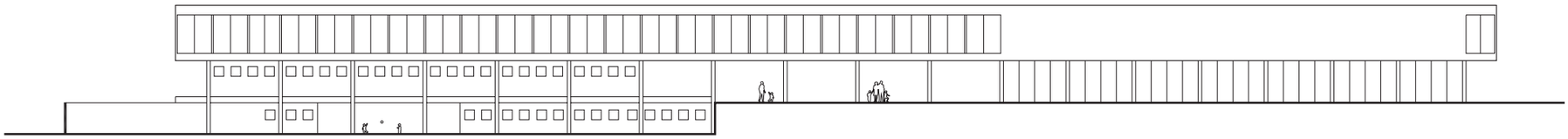
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500



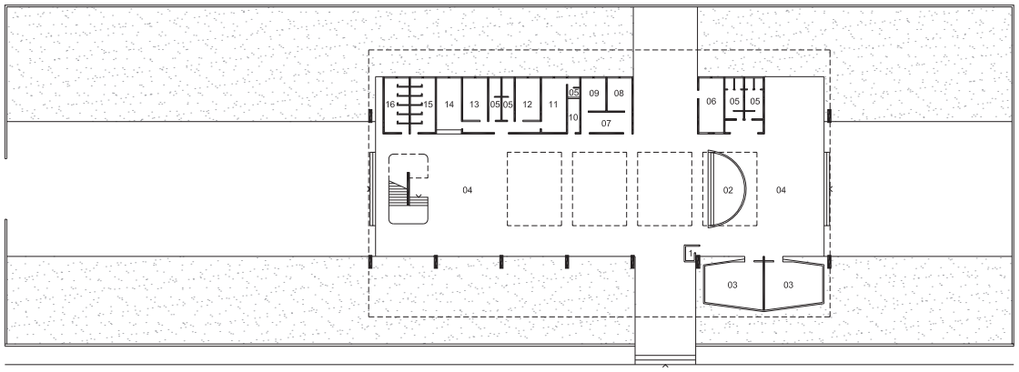
ELEVAÇÃO OESTE
1:500



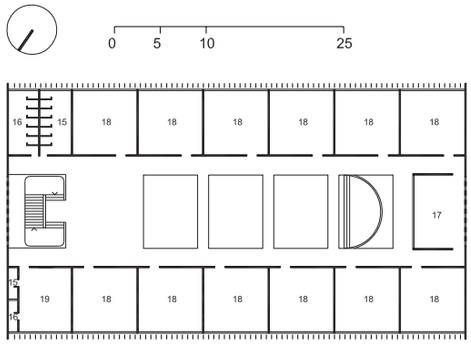
ELEVAÇÃO SUL
1:500

EE Professora Philomena Cardoso de Oliveira

Maurício Tuck Schneider | 1961 | Guarujá, Paecara | Rua Guilherme Backeuser, 250

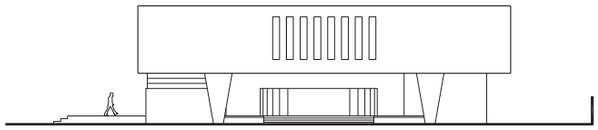


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

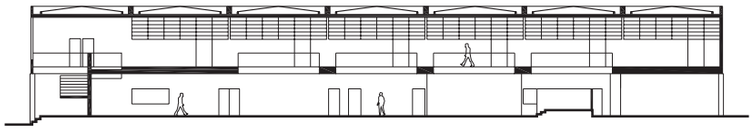


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

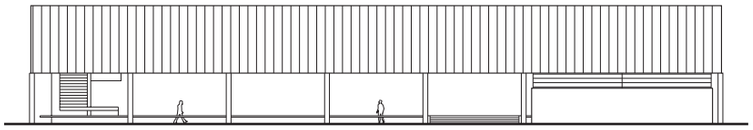
01. PORTARIA
02. PALCO
03. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
04. PÁTIO
05. SANITÁRIO
06. COZINHA
07. ESPERA
08. MÉDICO
09. DENTISTA
10. DEPÓSITO
11. DIRETORIA
12. ASSISTENTE
13. EDUCADOR SANITÁRIO
14. SECRETARIA
15. SANITÁRIO MASCULINO
16. SANITÁRIO FEMININO
17. BIBLIOTECA
18. SALA DE AULA
19. SALA DOS PROFESSORES



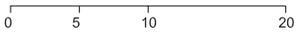
ELEVAÇÃO SUL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

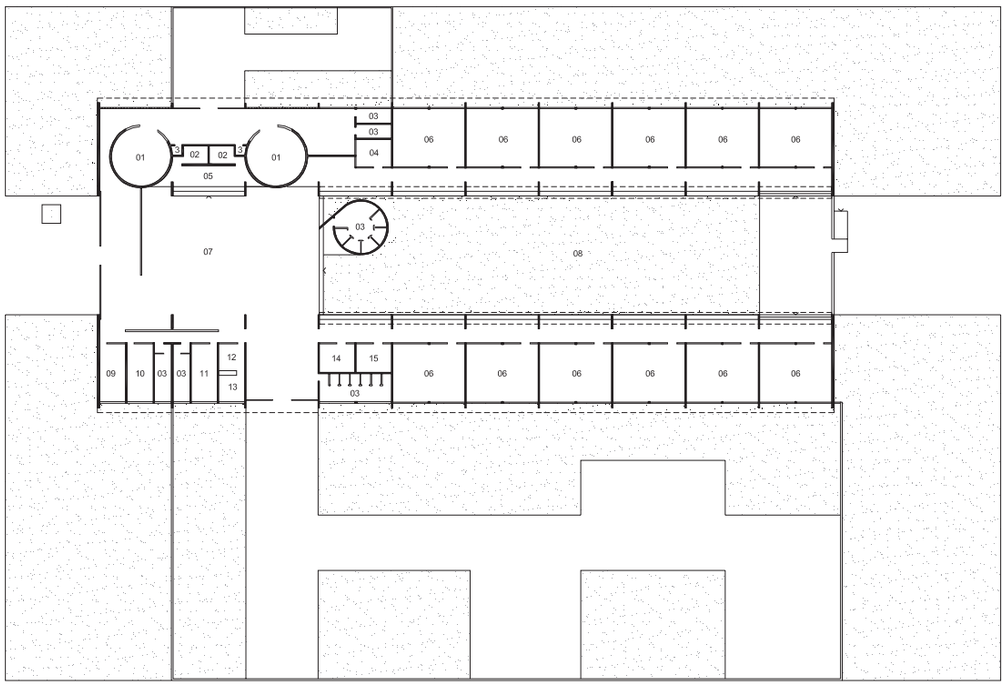


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

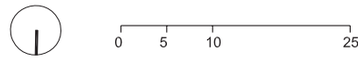


EMEF Professora Julieta Trindade Evangelista

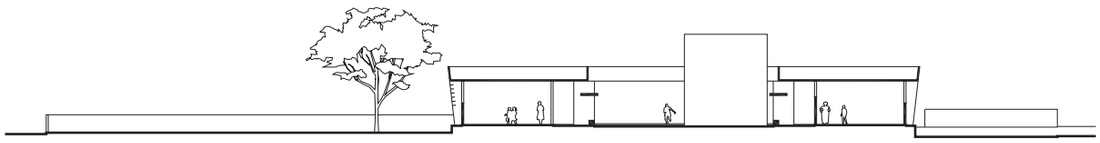
Maurício Tuck Schneider | 1961 | Taquarituba, Centro | Avenida Coronel João Quintino, 513



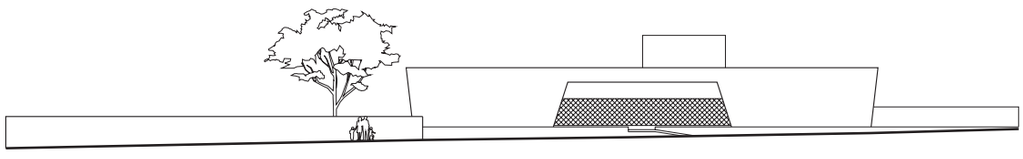
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

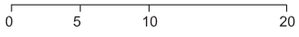


01. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
02. DEPÓSITO
03. SANITÁRIO
04. COZINHA
05. PALCO
06. SALA DE AULA
07. PÁTIO COBERTO
08. PÁTIO DESCOBERTO
09. BIBLIOTECA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. SECRETARIA
12. AUXILIAR DA DIRETORIA
13. DIRETORIA
14. MÉDICO
15. DENTISTA



CORTE TRANSVERSAL
1:500

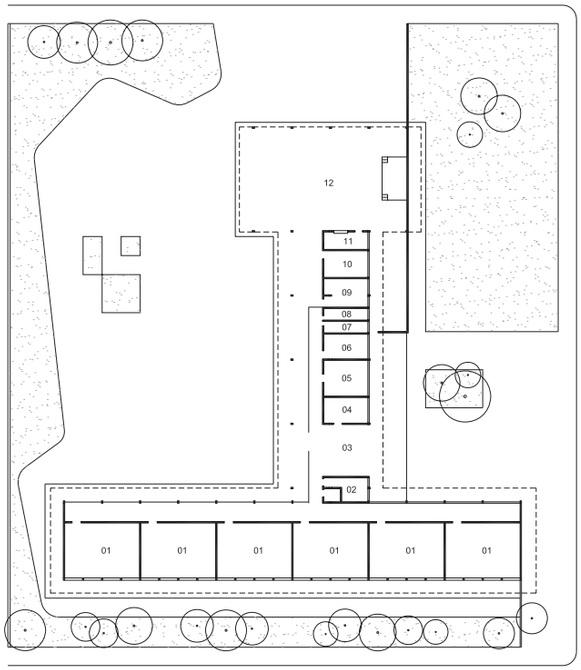




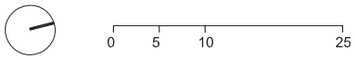
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

EE Antônio Alves Cavalheiro

Maurício Tuck Schneider | 1959 | Engenheiro Coelho, Centro | Rua Antônio Alves Cavalheiro, 585

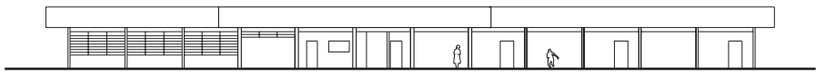


01. SALA DE AULA
02. DEPÓSITO
03. HALL DE ENTRADA
04. DIRETORIA
05. SALA DOS PROFESSORES
06. DENTISTA
07. SANITÁRIO PROF. MASCULINO
08. SANITÁRIO PROF. FEMININO
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. SANITÁRIO FEMININO
11. COZINHA
12. RECREIO COBERTO

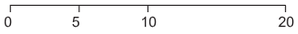


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

CORTE LONGITUDINAL
1:500

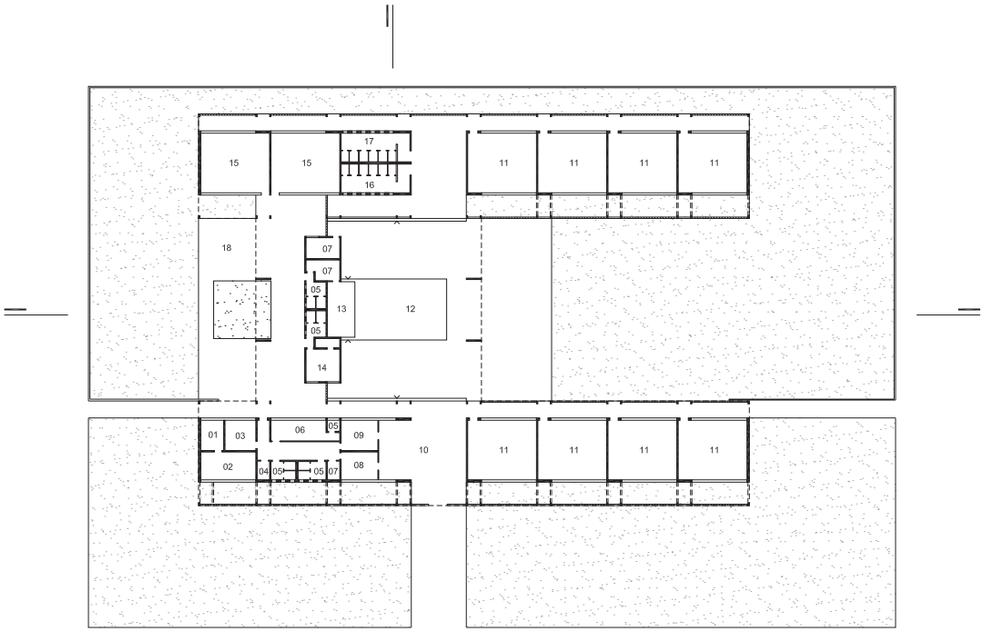


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

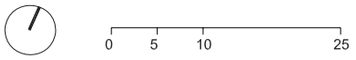


DER Diretoria de Ensino – região de Barretos

Nestor Lindemberg e Paulo B. Magalhães | data não identificada | Barretos, Vila Nogueira | Avenida Coronel Silvestre de Lima, 475

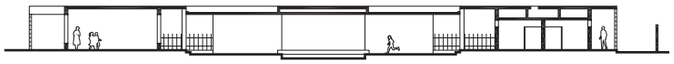


01. EDUCADOR SANITÁRIO
02. SALA DOS PROFESSORES
03. DENTISTA
04. MATERIAL DIDÁTICO
05. SANITÁRIO
06. AUXILIAR DA DIRETORIA
07. DEPÓSITO
08. SECRETARIA
09. DIRETORIA
10. HALL DE ENTRADA
11. SALA DE AULA
12. RECREIO COBERTO
13. PALCO
14. COZINHA
15. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
16. SANITÁRIO MASCULINO
17. SANITÁRIO FEMININO
18. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO

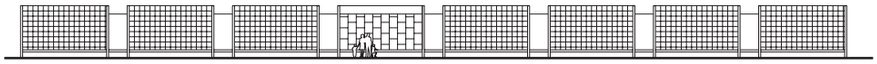


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

CORTE LONGITUDINAL
1:500

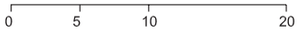


CORTE TRANSVERSAL
1:500



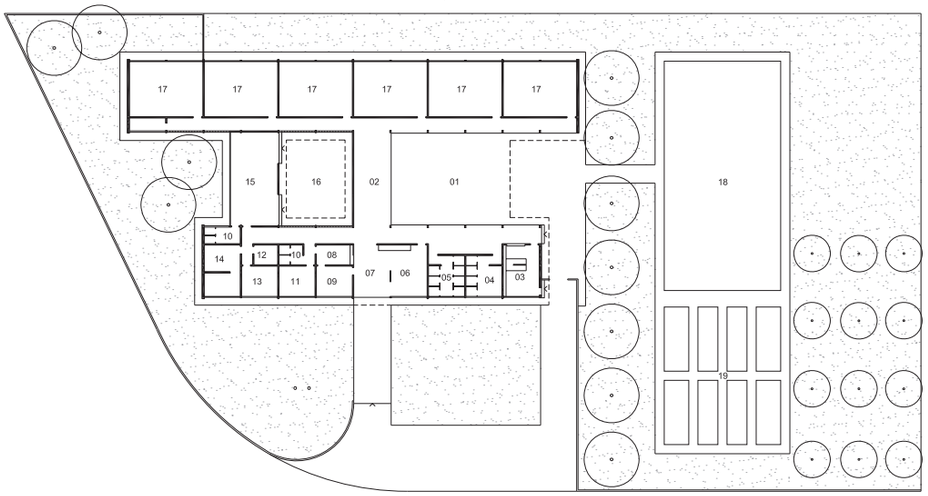
ELEVAÇÃO SUL
1:500

ELEVAÇÃO OESTE
1:500



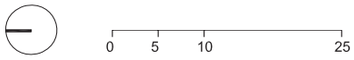
EE Cassiano Ricardo

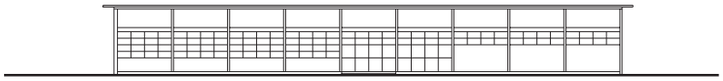
Nestor Lindenberg | 1960 | Rio Grande da Serra, Vila Figueiredo | Rua Agostinho Cardoso, s/nº



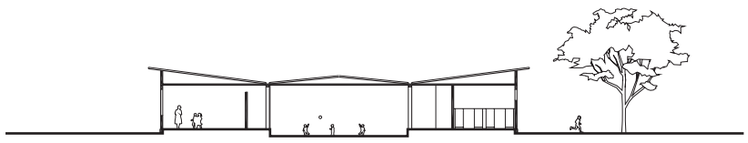
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. COPA/COZINHA
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. BIBLIOTECA
07. SECRETARIA
08. DEPÓSITO
09. DIRETORIA
10. SANITÁRIO
11. SALA DOS PROFESSORES
12. ALMOXARIFADO
13. DENTISTA
14. MÉDICO
15. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
16. PLAYGROUND
17. SALA DE AULA
18. QUADRA POLIESPORTIVA
19. HORTICULTURA

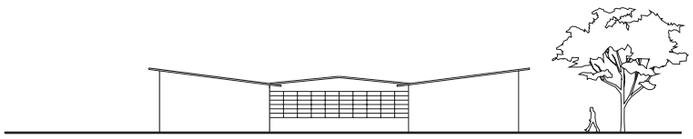




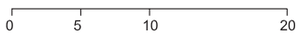
ELEVAÇÃO OESTE
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

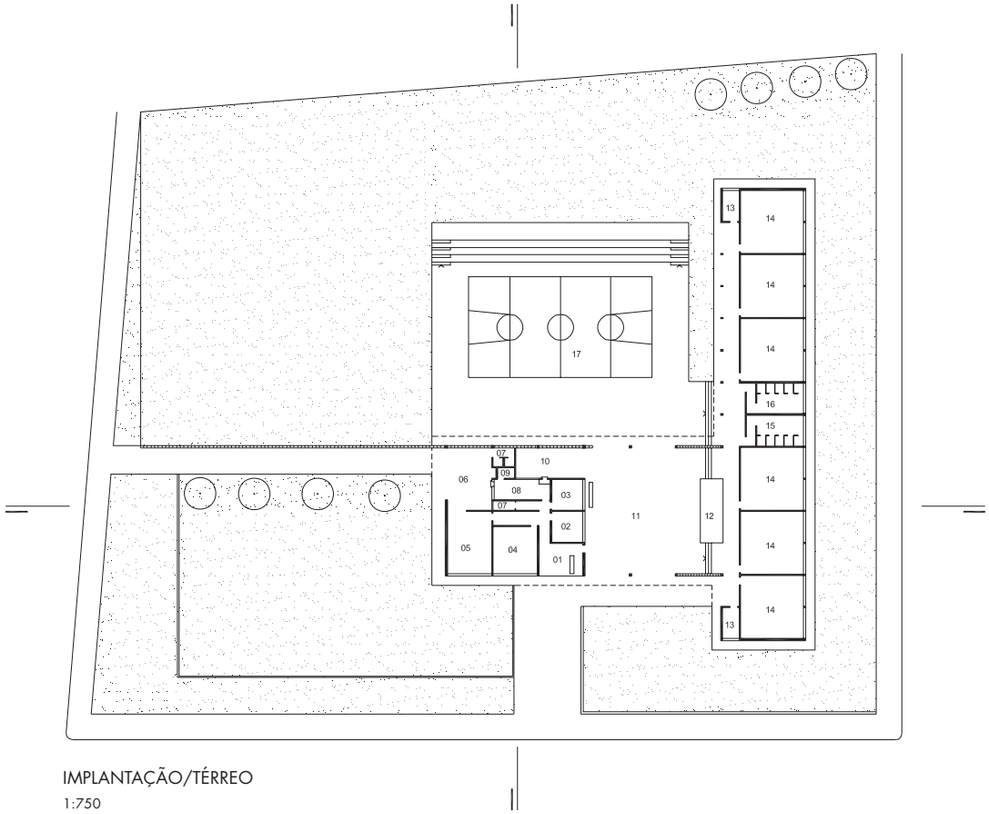


ELEVAÇÃO NORTE
1:500



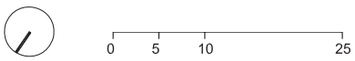
EE Professor Fernando Gomes de Castro

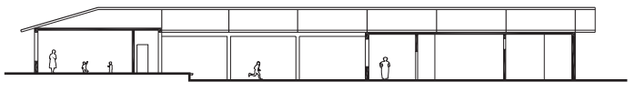
Nestor Lindenberg | 1961 | Araçatuba, Água Limpa | Estrada Municipal Água Limpa, s/nº



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

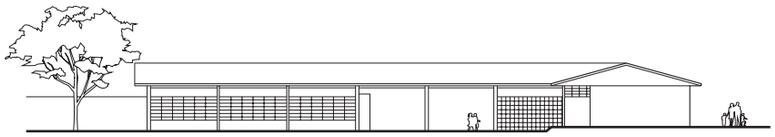
01. PORTARIA
02. SECRETARIA
03. DIRETORIA
04. SALA DOS PROFESSORES/ BIBLIOTECA
05. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
06. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
07. SANITÁRIO
08. COZINHA
09. DESPENSA
10. REFEITÓRIO
11. RECREIO COBERTO
12. PALCO
13. DEPÓSITO
14. SALA DE AULA
15. SANITÁRIO FEMININO
16. SANITÁRIO MASCULINO
17. QUADRA POLIESPORTIVA



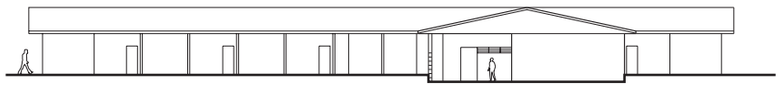


CORTE LONGITUDINAL
1:500

CORTE TRANSVERSAL
1:500



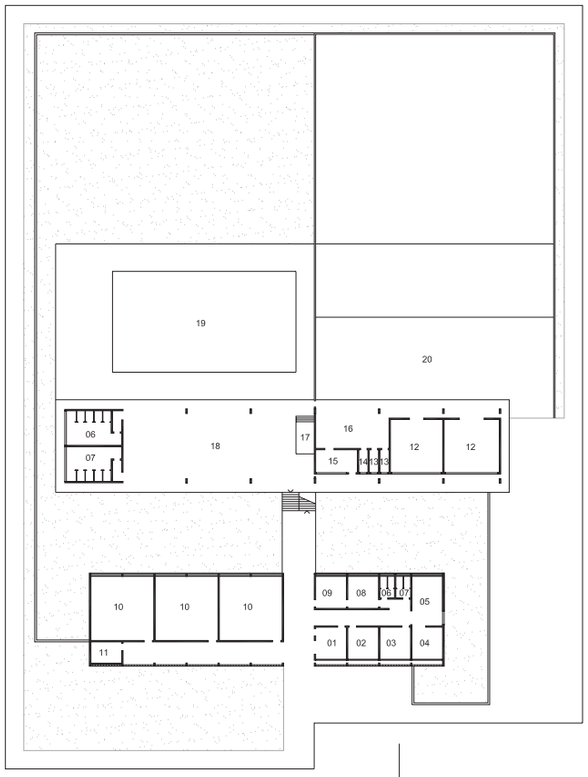
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

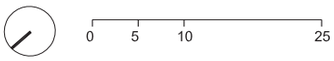
EE Professor Genésio de Assis

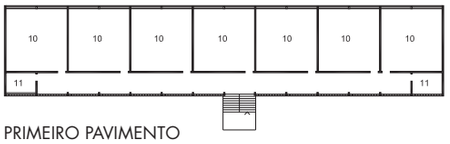
Nestor Lindenberg | 1961 | Araçatuba, Paraíso | Rua Vereador Aldo Campos, 870



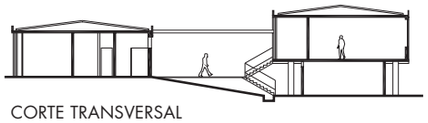
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. SECRETARIA
02. EDUCADOR SANITÁRIO
03. DENTISTA
04. SALA DOS PROFESSORES
05. BIBLIOTECA
06. SANITÁRIO MASCULINO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. AUXILIAR DA DIRETORIA
09. DIRETORIA
10. SALA DE AULA
11. DEPÓSITO
12. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. SANITÁRIO
14. DESPENSA
15. COPA
16. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
17. PALCO
18. RECREIO COBERTO
19. QUADRA POLIESPORTIVA
20. PLAYGROUND

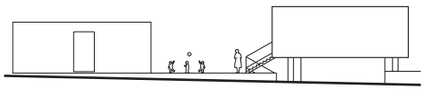


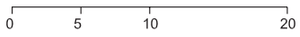


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

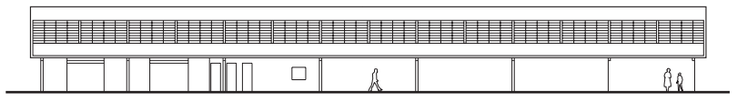


CORTE TRANSVERSAL
1:500





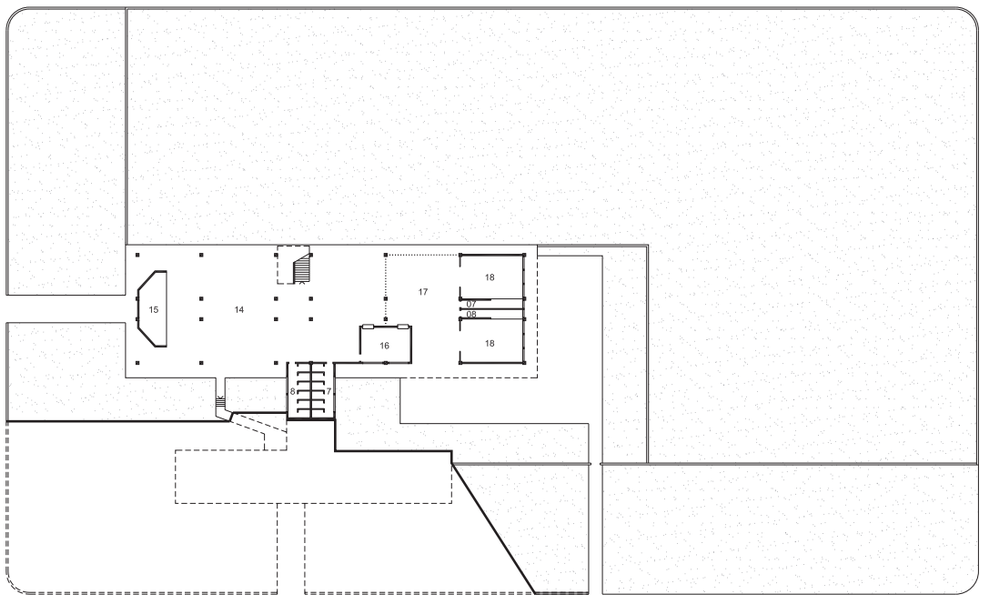
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500



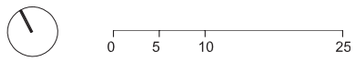
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

EE Quinzinho de Barros

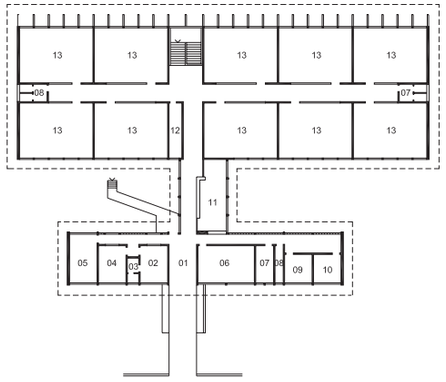
Ney Marcondes | 1961 | Sorocaba, Vila Hortência | Rua Joaquim Rodrigues de Barros, 477



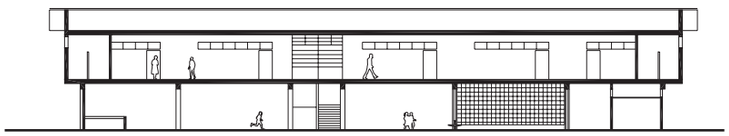
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



01. HALL DE ENTRADA
02. DIRETORIA
03. SANITÁRIO
04. AUXILIAR DA DIRETORIA
05. ARQUIVO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. SANITÁRIO FEMININO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. DENTISTA
10. EDUCADOR SANITÁRIO
11. BIBLIOTECA
12. DEPÓSITO/SECRETARIA
13. SALA DE AULA
14. RECREIO COBERTO
15. PALCO
16. COZINHA
17. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO

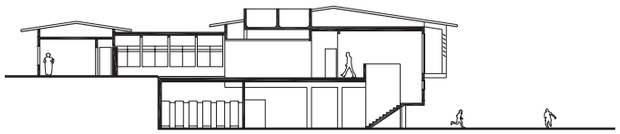


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500

ELEVAÇÃO SUL
1:500

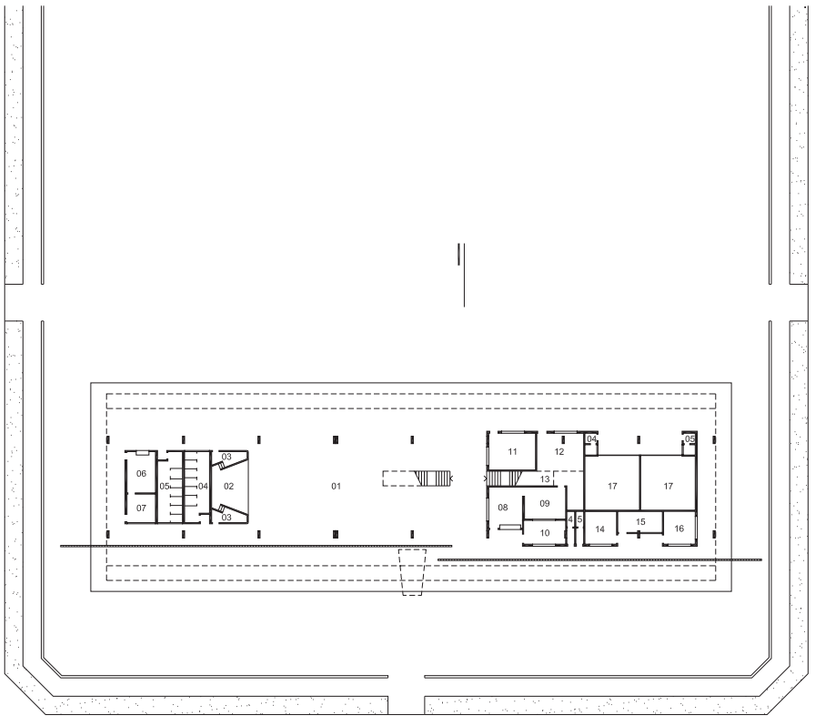


CORTE TRANSVERSAL
1:500

ELEVAÇÃO LESTE
1:500

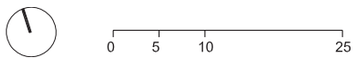
EE Professor Walter Scheppis

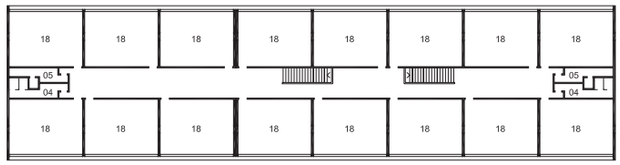
Oswaldo Corrêa Gonçalves | 1960 | Guarujá, Paecara | Rua Joana Menezes de Melo Faro, 867



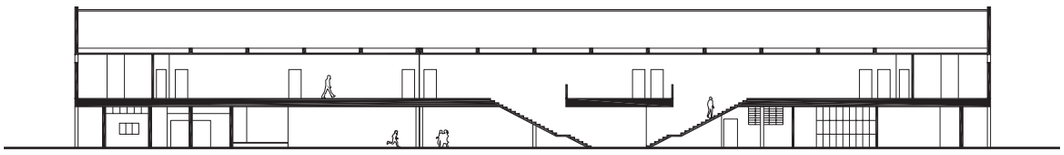
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. RECREIO COBERTO
02. PALCO
03. CAMARIM
04. SANITÁRIO FEMININO
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. COZINHA
07. DESPENSA
08. ARQUIVO/SECRETARIA
09. AUXILIAR DA DIRETORIA
10. DIRETORIA
11. SALA DOS PROFESSORES
12. BIBLIOTECA
13. MATERIAL DIDÁTICO
14. MÉDICO
15. EDUCADOR SANITÁRIO
16. DENTISTA
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. SALA DE AULA

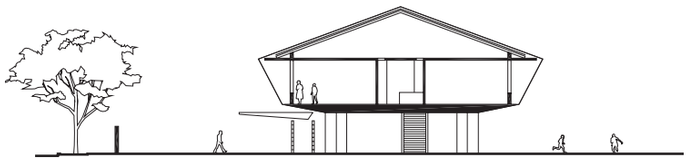




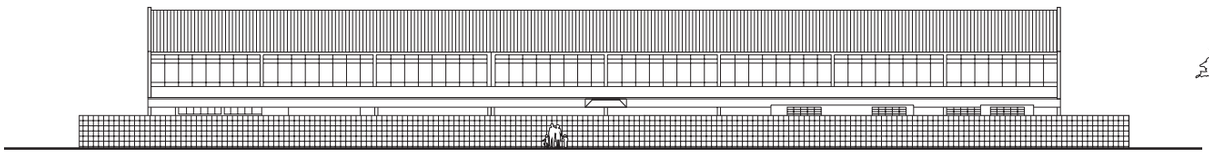
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



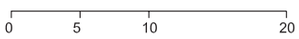
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



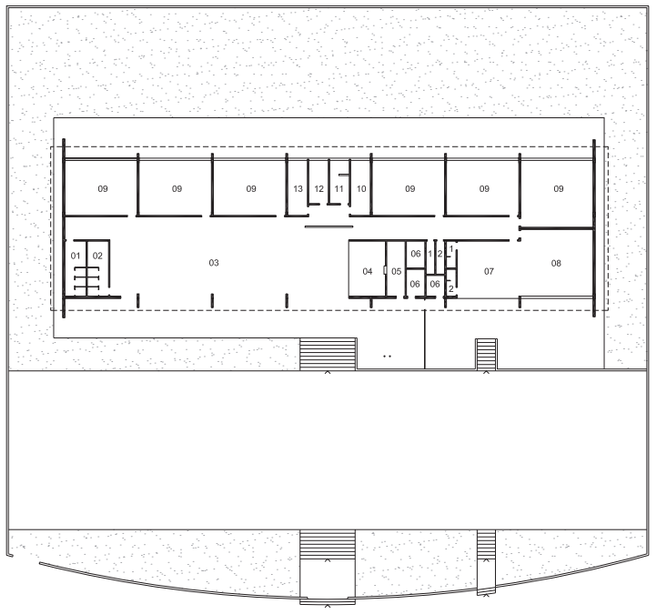
ELEVAÇÃO SUL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

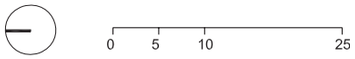
EE Comendador Brasílio Machado Neto

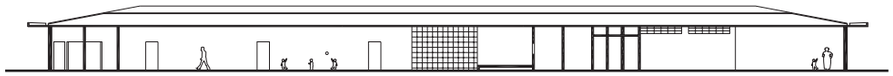
Oswaldo Corrêa Gonçalves | 1962 | Suzano, Sesc | Rua Aguinaldo Cursino, 367



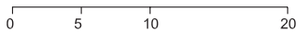
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

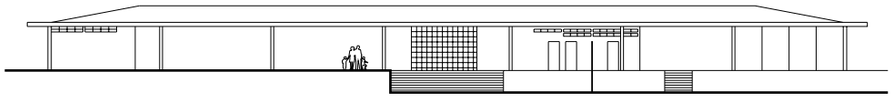
01. SANITÁRIO FEMININO
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. RECREIO COBERTO
04. PALCO
05. COZINHA
06. DEPÓSITO
07. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
08. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. SALA DE AULA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. BIBLIOTECA
12. DENTISTA
13. DIRETORIA





CORTE LONGITUDINAL
1:500

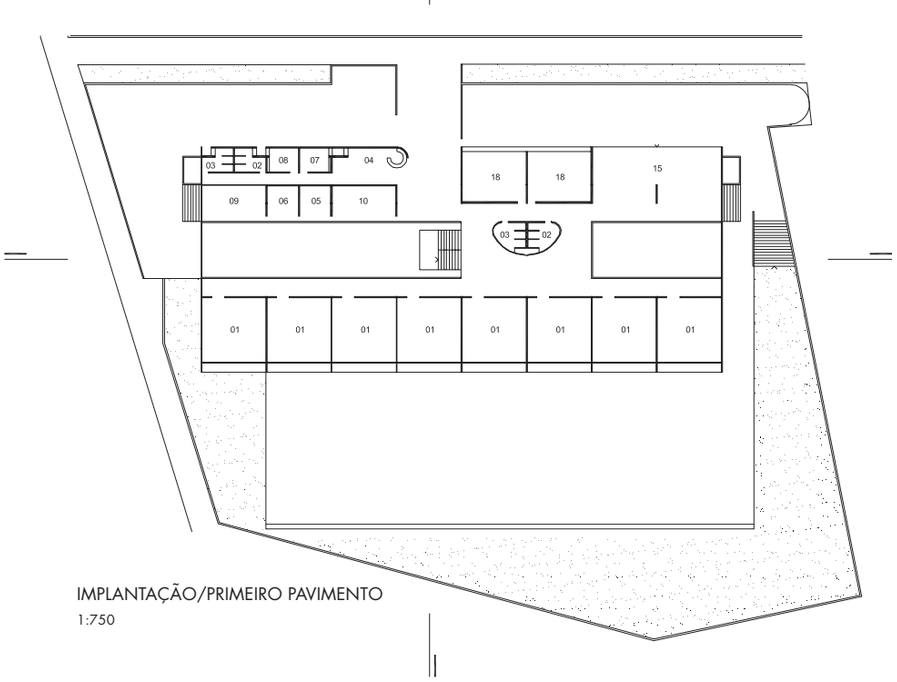




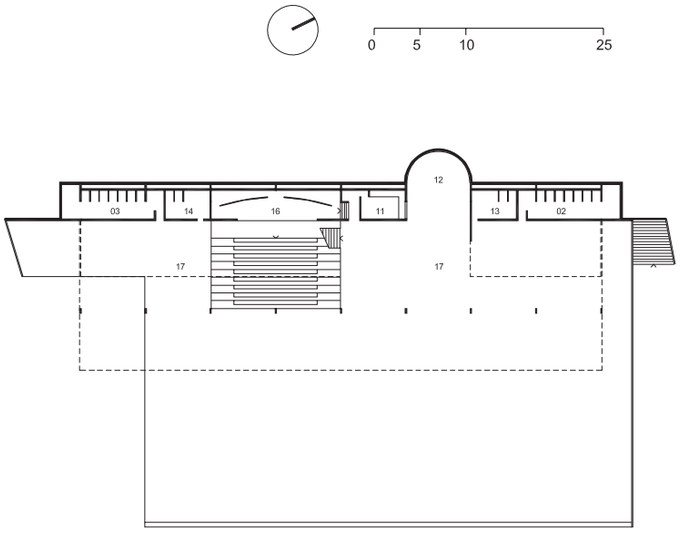
ELEVAÇÃO OESTE
1:500

EE Professora Suely Antunes de Mello

Paulo A. Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro | 1961 | São José dos Campos, Vila Maria | Rua Siqueira Campos, 845

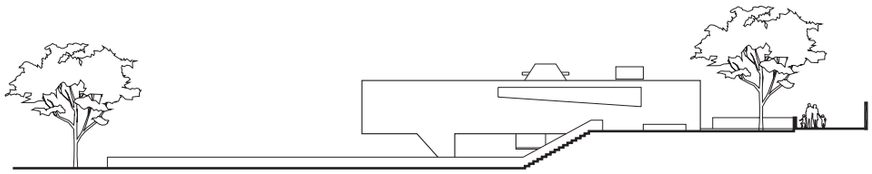


IMPLANTAÇÃO/PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

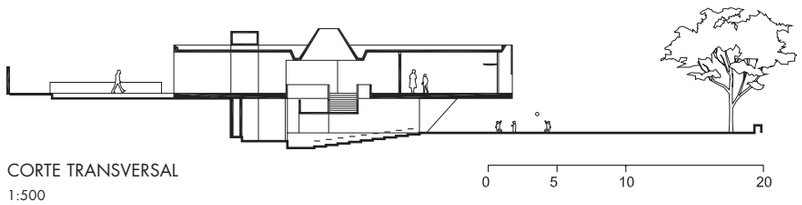


TÉRREO
1:750

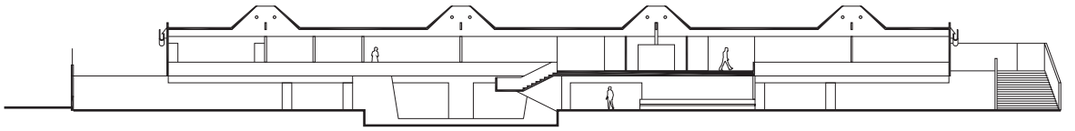
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. PORTARIA/SECRETARIA
05. DIRETORIA
06. AUXILIAR DA DIRETORIA
07. MÉDICO
08. DENTISTA
09. SALA DOS PROFESSORES
10. BIBLIOTECA
11. COZINHA
12. REFEITÓRIO
13. VESTIÁRIO MASCULINO
14. VESTIÁRIO FEMININO
15. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
16. PALCO
17. RECREIO COBERTO
18. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO



ELEVAÇÃO NORTE
1:500



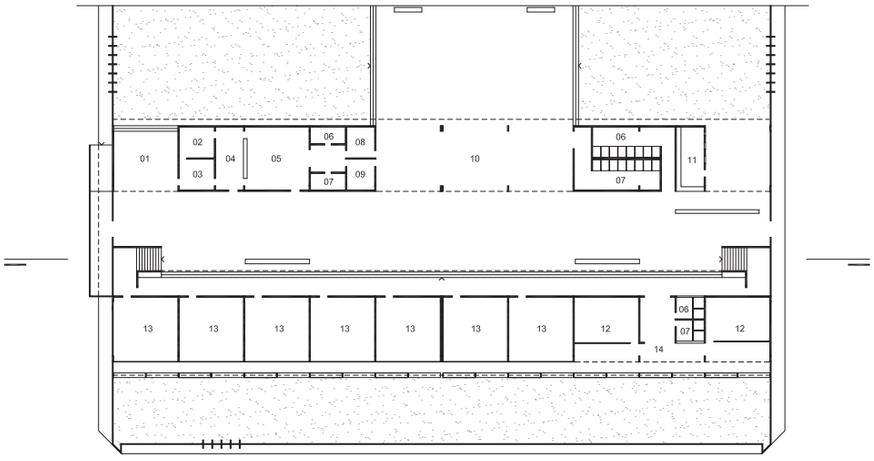
CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

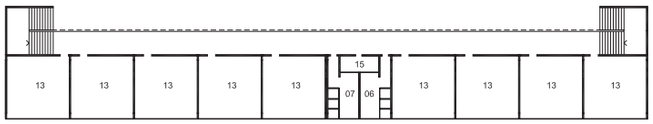
EE Professor Antônio Vilela Junior

Paulo A. Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro | 1960 | Campinas, Vila Industrial | Rua Conselheiro Gomide, s/nº

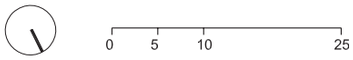


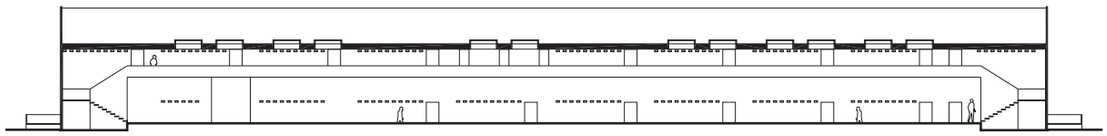
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. PORTARIA
02. DIRETORIA
03. AUXILIAR DA DIRETORIA
04. BIBLIOTECA
05. SALA DOS PROFESSORES
06. SANITÁRIO FEMININO
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. EDUCADOR SANITÁRIO
09. DENTISTA
10. RECREIO COBERTO
11. COZINHA
12. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. SALA DE AULA
14. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. DEPÓSITO

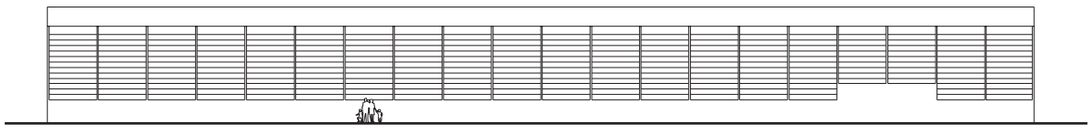


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

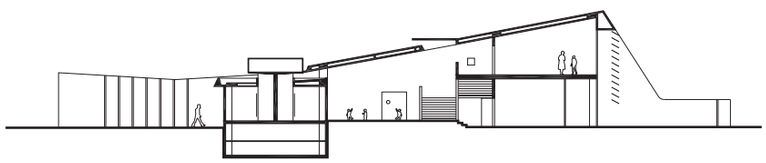




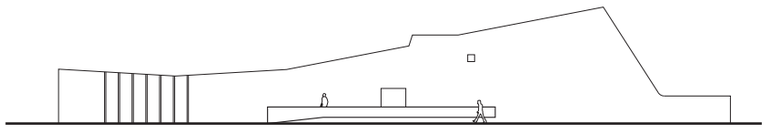
CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO NORTE
1:500

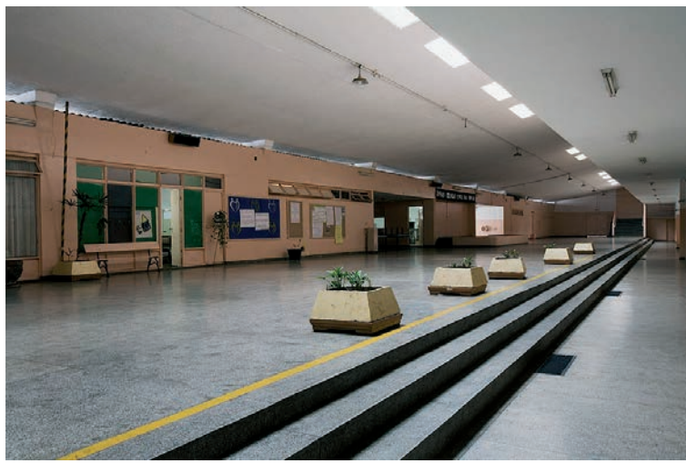


CORTE TRANSVERSAL
1:500



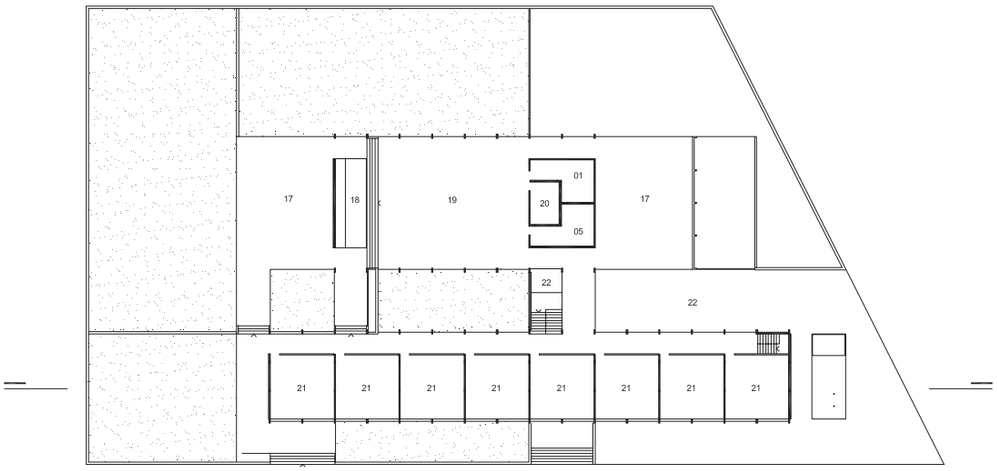
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

0 5 10 20

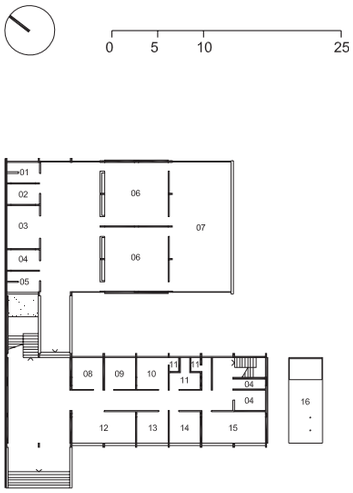


EE 17 de Setembro

Plínio Croce e Roberto Aflalo | 1961 | Pompéia, Flandria | Rua Rodolfo Lara Campos, 1129

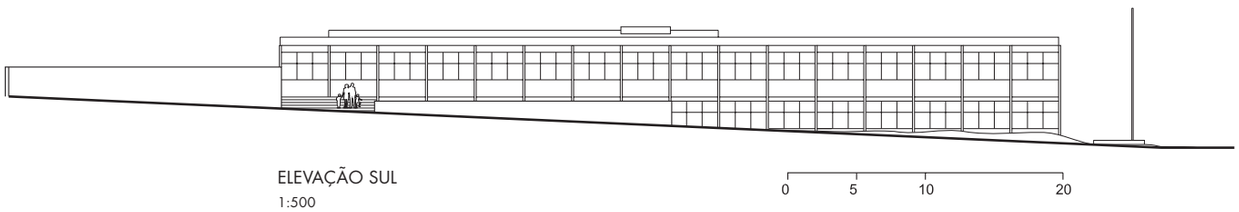


IMPLANTAÇÃO/PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

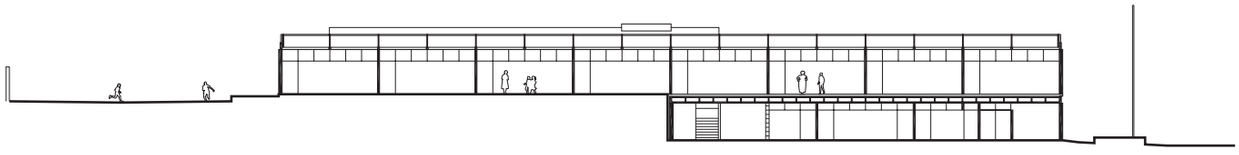


TÉRREO
1:750

01. SANITÁRIO MASCULINO
02. DEPÓSITO PRÉ-PRIMÁRIO
03. COPA
04. DEPÓSITO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
07. ÁREA DESCOBERTA
08. ARQUIVO
09. AUXILIAR DA DIRETORIA
10. DIRETORIA
11. SANITÁRIO
12. BIBLIOTECA
13. VISITADORA
14. DENTISTA
15. SALA DOS PROFESSORES
16. MASTRO
17. TERRAÇO DESCOBERTO
18. PALCO
19. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
20. COZINHA/DESPENSA
21. SALA DE AULA
22. VAZIO



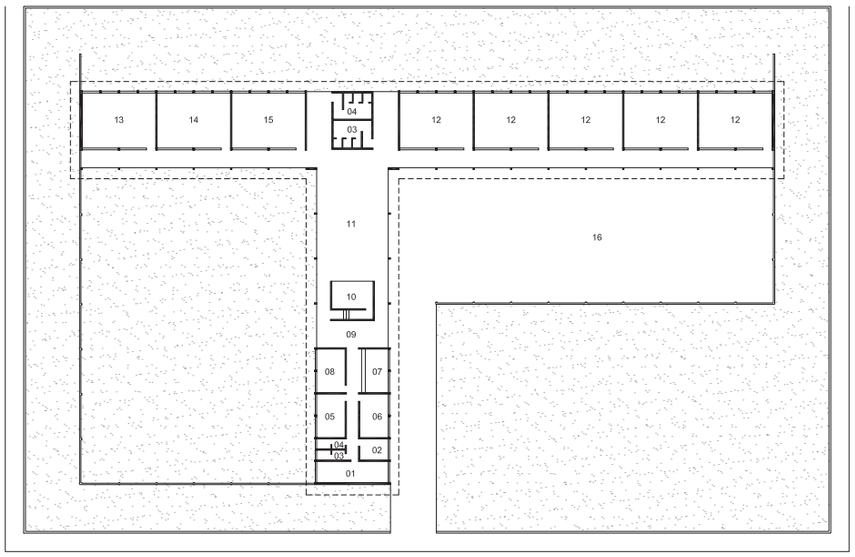
ELEVAÇÃO SUL
1:500



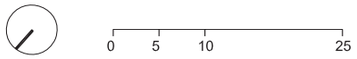
CORTE LONGITUDINAL
1:500

EE Professor Manoel da Costa Neves

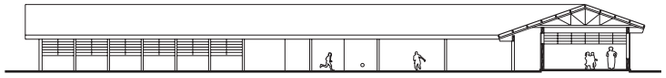
Plínio Croce e Roberto Aflalo | 1959 | Rio das Pedras, Bom Jesus | Rua Resk Coury, 27



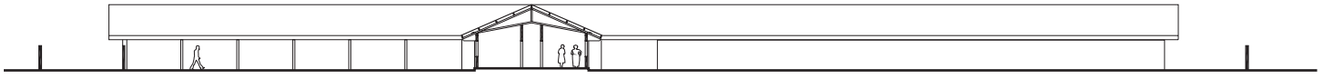
01. MATERIAL DIDÁTICO
02. COPA
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. DENTISTA/MÉDICO
06. DIRETORIA
07. SECRETARIA
08. SALA DOS PROFESSORES
09. HALL
10. PALCO
11. RECREIO COBERTO
12. SALA DE AULA
13. BIBLIOTECA
14. TRABALHOS MANUAIS
15. LABORATÓRIO
16. PÁTIO



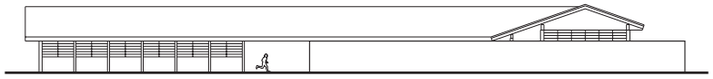
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



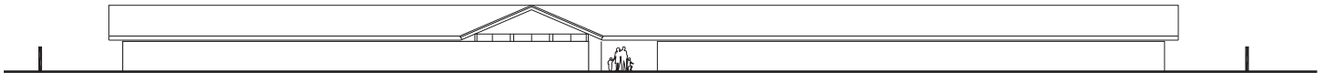
CORTE TRANSVERSAL
1:500



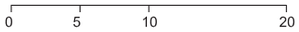
CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

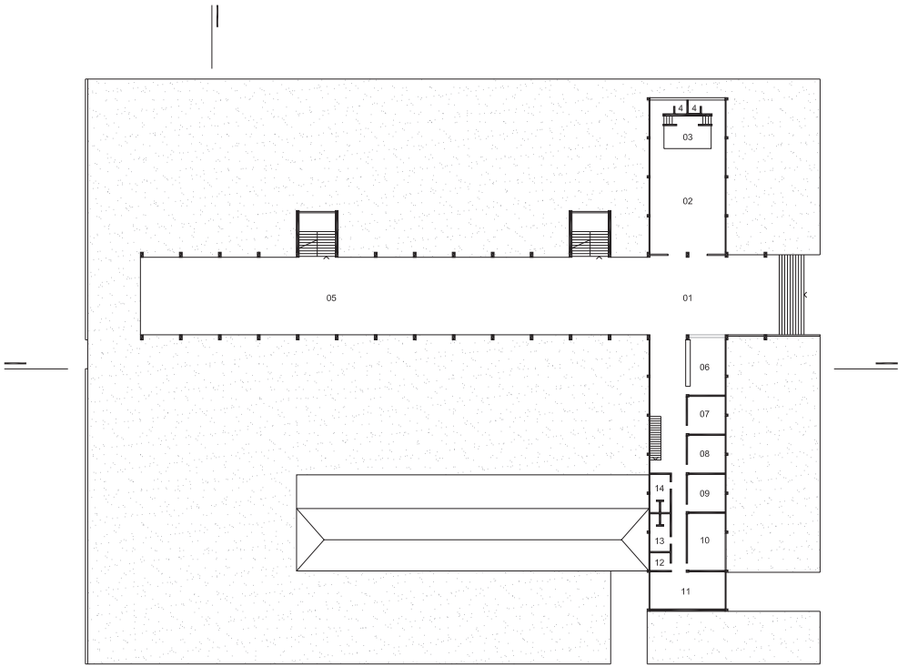


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

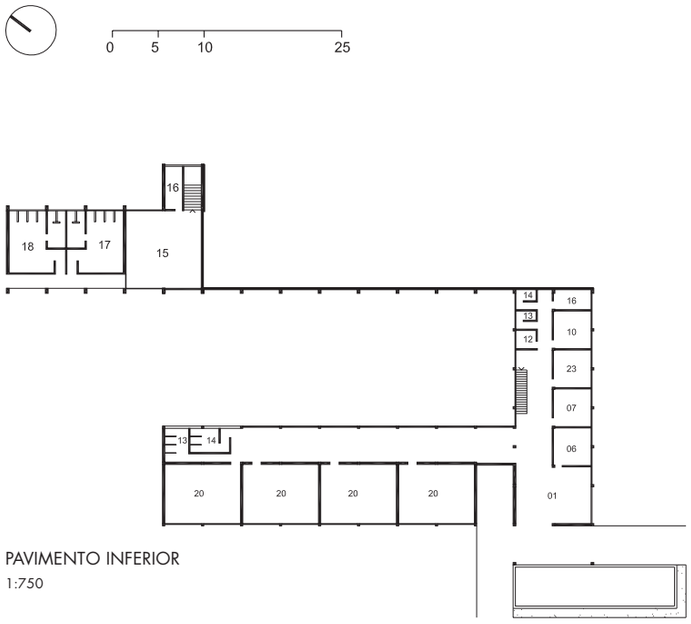


EE Cultura e Liberdade

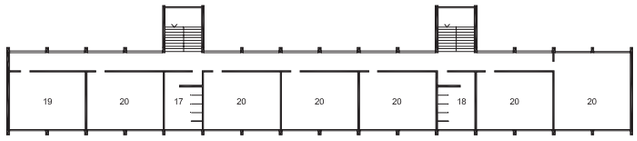
Plínio Croce e Roberto Aflalo | 1960 | Pompéia, Centro | Rua Doutor José de Moura Rezende, 400



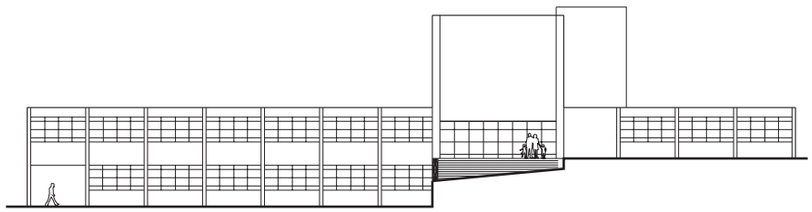
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



PAVIMENTO INFERIOR
1:750

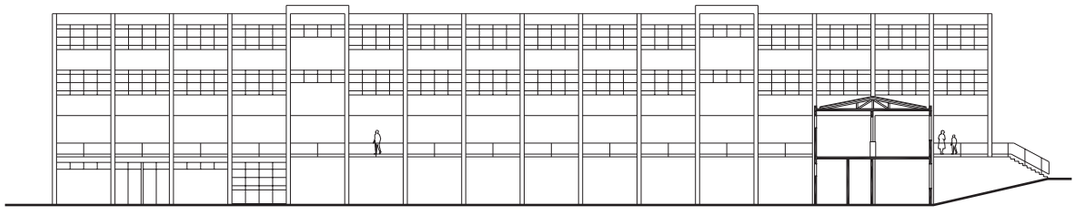


PRIMEIRO E SEGUNDO PAVIMENTOS
1:750

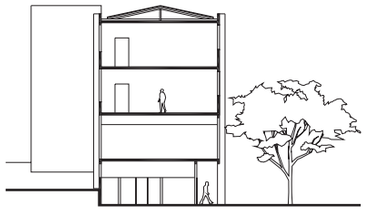


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

01. HALL DE ENTRADA
02. SALÃO NOBRE
03. PALCO
04. SANITÁRIO
05. RECREIO COBERTO
06. SECRETARIA
07. AUXILIAR DA DIRETORIA
08. DIRETORIA
09. MÉDICO/DENTISTA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. MATERIAL DIDÁTICO
12. COPA
13. SANITÁRIO FEMININO
14. SANITÁRIO MASCULINO
15. GRÊMIO
16. DEPÓSITO
17. VESTIÁRIO MASCULINO
18. VESTIÁRIO FEMININO
19. LABORATÓRIO
20. SALA DE AULA



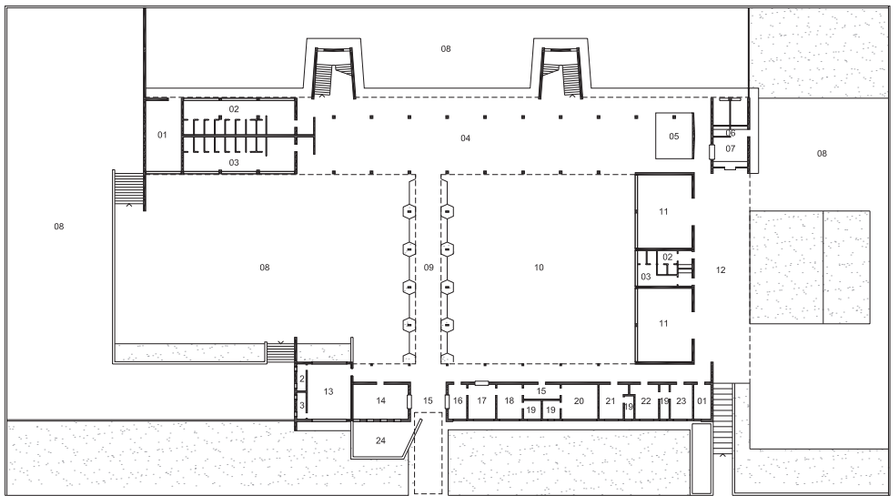
CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

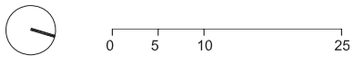
EE Professora Benedita Arruda

Plínio Croce e Roberto Aflalo | 1961 | Jundiaí, Vila Didi | Rua Guaporé, 350

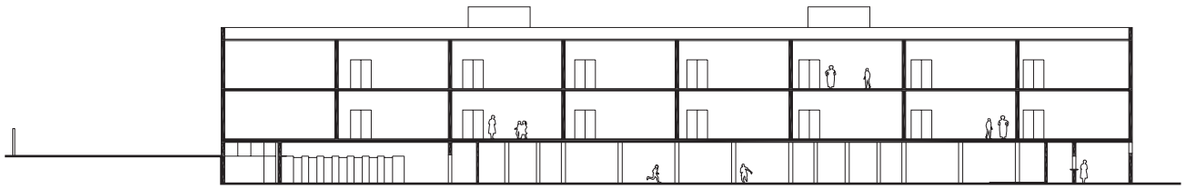


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

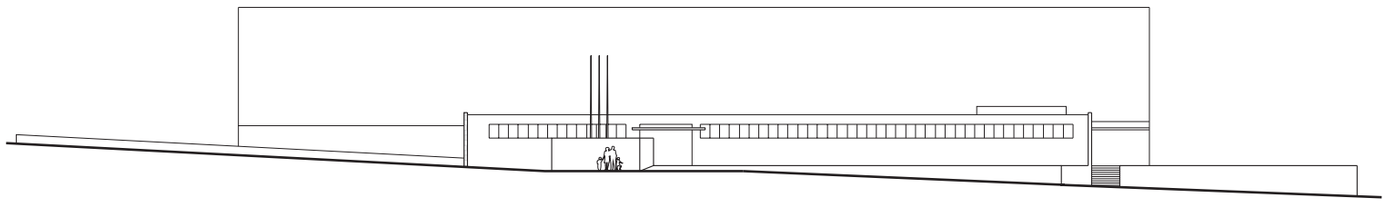
PRIMEIRO E SEGUNDO PAVIMENTOS
1:750



01. DEPÓSITO
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. RECREIO COBERTO
05. PALCO
06. DESPENSA
07. COZINHA
08. PÁTIO AJARDINADO
09. MARQUISE
10. PÁTIO DESCOBERTO
11. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
12. RECREIO COBERTO
13. SALA DOS PROFESSORES
14. BIBLIOTECA
15. HALL
16. PORTARIA
17. SECRETARIA
18. ARQUIVO
19. SANITÁRIO
20. DIRETORIA
21. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
22. MÉDICO
23. GAB. DENTÁRIO
24. PÁTIO DA BIBLIOTECA
25. SALA DE AULA



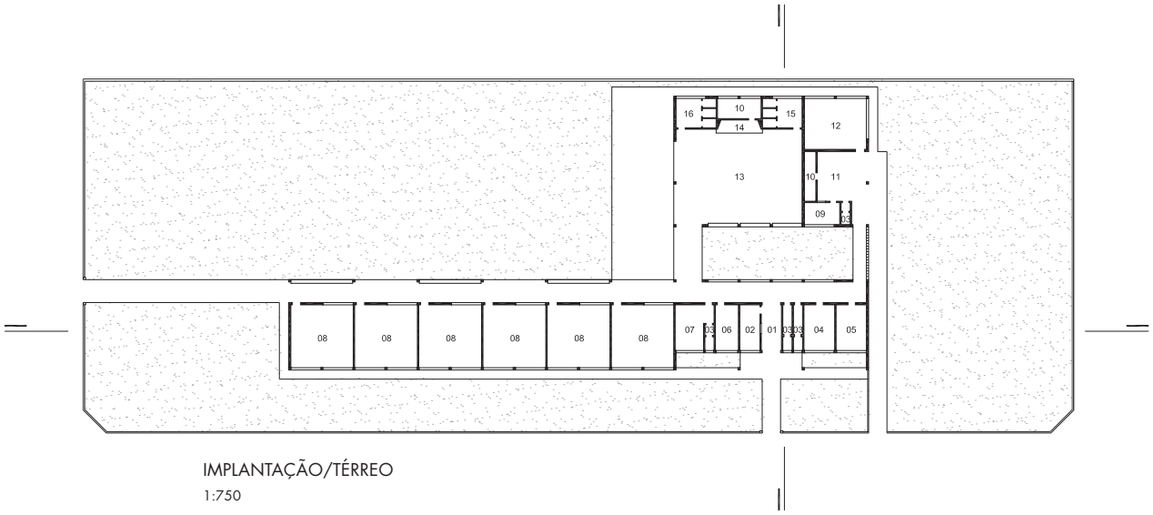
CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

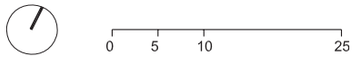
EMEF Capitão Neves

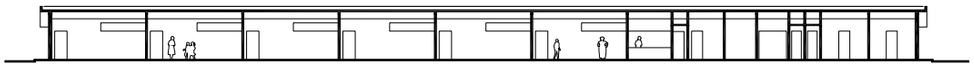
R. M. Arquitetos | 1961 | obra construída com outro projeto | Neves Paulista, Centro | Rua Brasil, 191



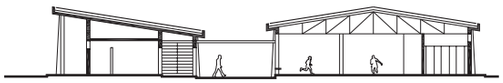
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. HALL
02. PORTARIA
03. SANITÁRIO
04. SALA DOS PROFESSORES
05. BIBLIOTECA
06. DENTISTA
07. DIRETORIA
08. SALA DE AULA
09. COZINHA
10. DEPÓSITO
11. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
12. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. RECREIO COBERTO
14. PALCO
15. SANITÁRIO MASCULINO
16. SANITÁRIO FEMININO

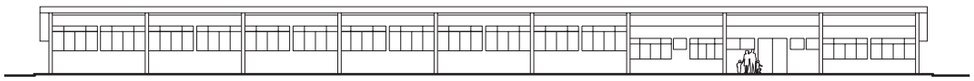




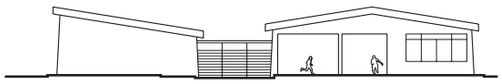
CORTE LONGITUDINAL
1:500



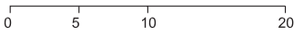
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

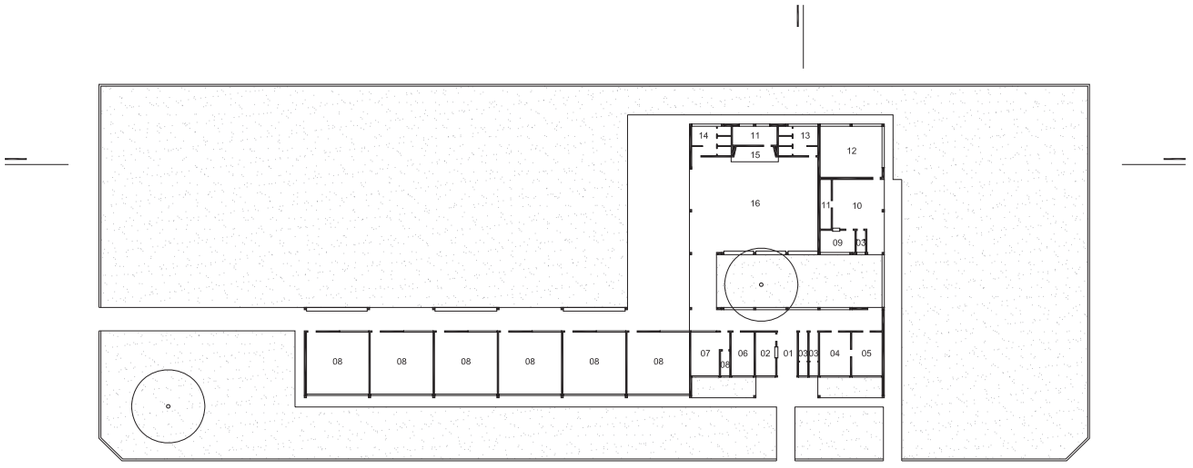


ELEVAÇÃO LESTE
1:500



EMEF Doutor Nehif Antônio

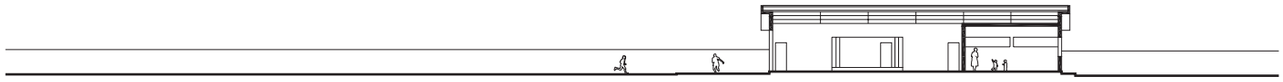
R. M. Arquitetos | 1961 | Guará, Vila Maria | Rua São Miguel, 42



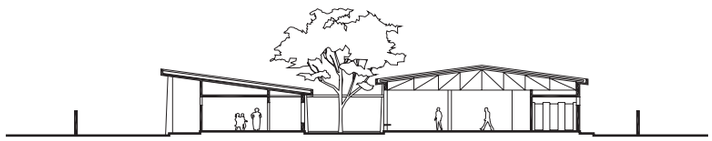
01. ENTRADA
02. PORTARIA
03. SANITÁRIO
04. SALA DOS PROFESSORES
05. BIBLIOTECA
06. DENTISTA
07. DIRETORIA
08. SALA DE AULA
09. COZINHA
10. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
11. DEPÓSITO
12. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. SANITÁRIO FEMININO
15. PALCO
16. RECREIO COBERTO

0 5 10 25

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

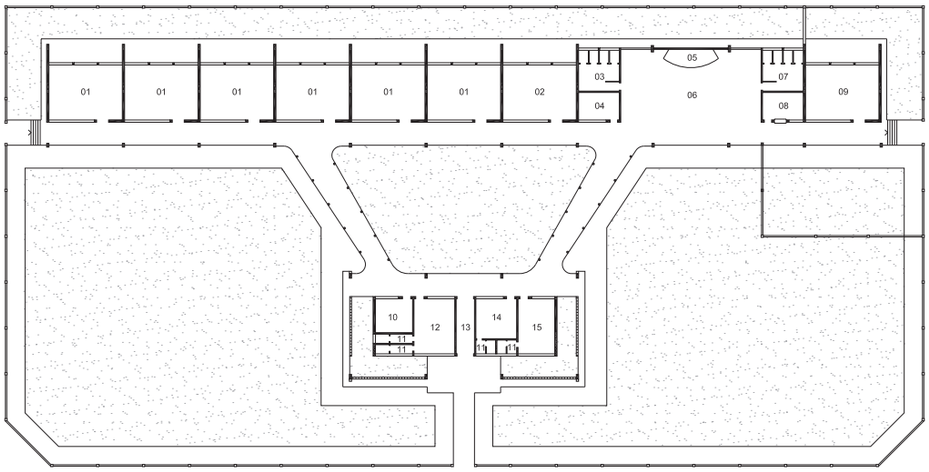
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

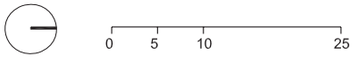
0 5 10 20

EMEF Prefeito Waldomiro Sampaio de Souza

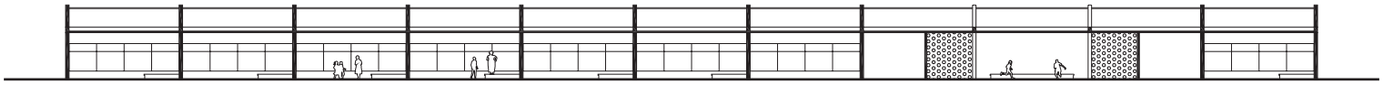
R. M. Arquitetos | 1961 | Sagres, Centro | Rua Vereador José Alexandre de Lima, 306-A



01. SALA DE AULA
02. BIBLIOTECA
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. DEPÓSITO
05. PALCO
06. RECREIO COBERTO
07. SANITÁRIO FEMININO
08. COZINHA
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. DENTISTA
11. SANITÁRIO
12. SALA DOS PROFESSORES
13. VESTÍBULO
14. SECRETARIA
15. DIRETORIA

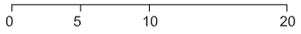


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



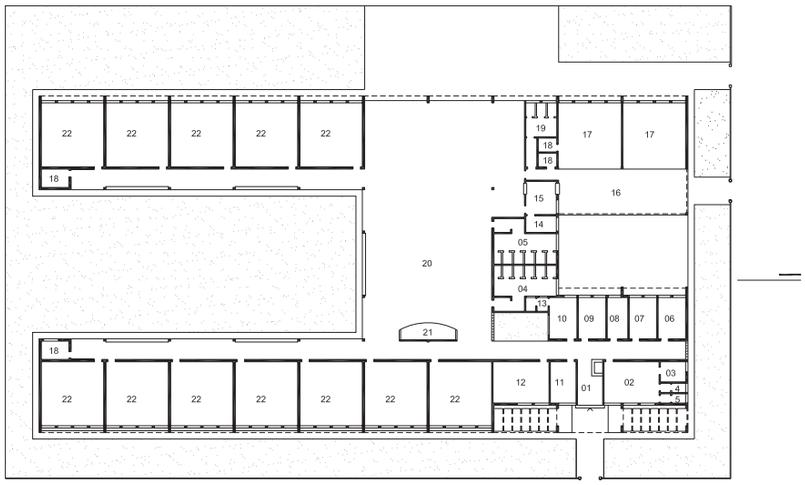
CORTE LONGITUDINAL
1:500

ELEVAÇÃO NORTE
1:500



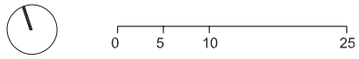
EMEF Professora Maria do Carmo de Mendes Mendonça

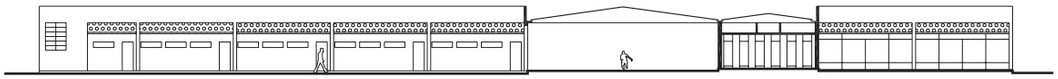
R. M. Arquitetos | data não identificada | Lucélia, Centro | Rua Eduardo Rapacci, 476



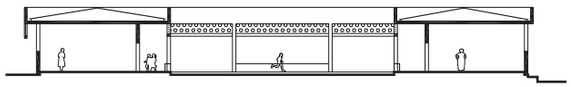
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. PORTARIA
02. SALA DOS PROFESSORES
03. MATERIAL DIDÁTICO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. DENTISTA
07. MÉDICO
08. ARQUIVO
09. AUXILIAR DA DIRETORA
10. DIRETORIA
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. BIBLIOTECA
13. SANITÁRIO
14. DESPENSA
15. COZINHA
16. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
18. DEPÓSITO
19. SANITÁRIO PRÉ-PRIMÁRIO
20. RECREIO COBERTO
21. PALCO
22. SALA DE AULA

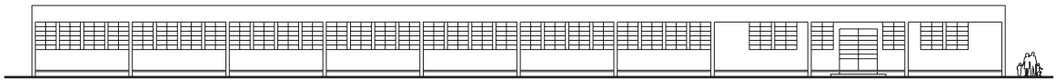




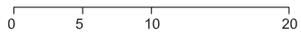
CORTE LONGITUDINAL
1:500

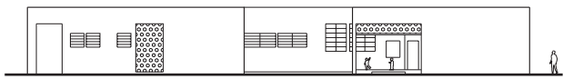


CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

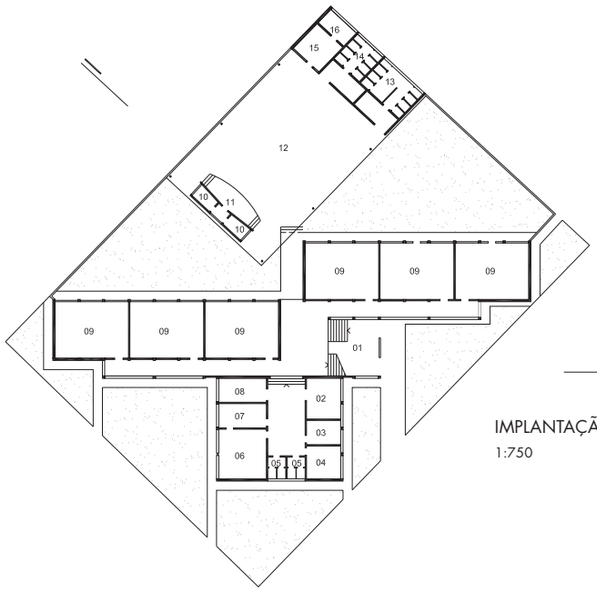




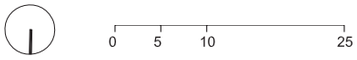
ELEVAÇÃO LESTE
1:500

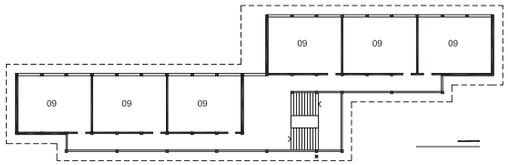
EMEF Professor Oscar Arantes Pires

R. Ortemblad Filho | 1960 | São José do Rio Preto, Imperial | Rua Imperial, 569



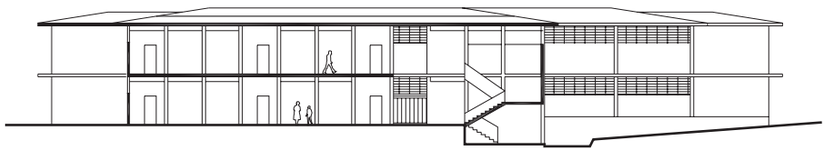
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



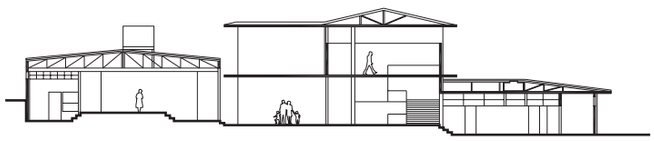


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

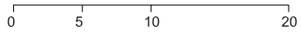
01. PORTARIA
02. SALA DOS PROFESSORES
03. AUXILIAR DA DIRETORIA
04. DIRETOR
05. SANITÁRIO
06. SECRETARIA
07. DENTISTA
08. EDUCADOR SANITÁRIO
09. SALA DE AULA
10. CAMARIM
11. PALCO
12. RECREIO COBERTO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. SANITÁRIO FEMININO
15. COZINHA
16. DESPENSA



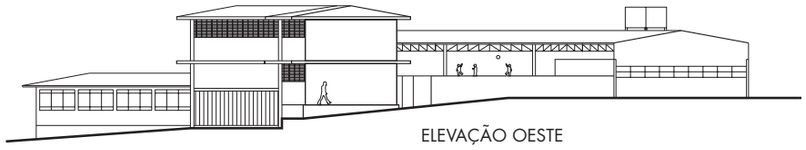
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



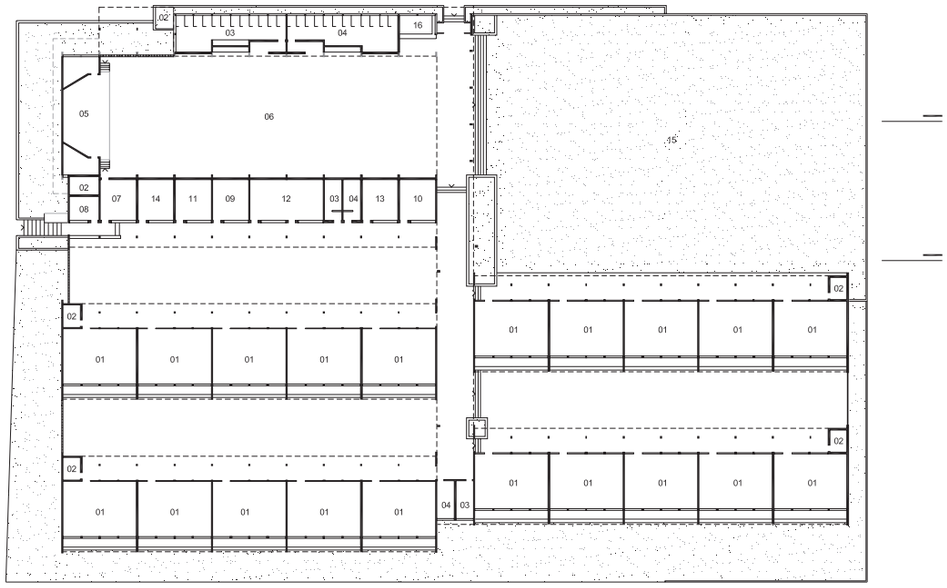
ELEVAÇÃO SUL
1:500



ELEVAÇÃO OESTE
1:500

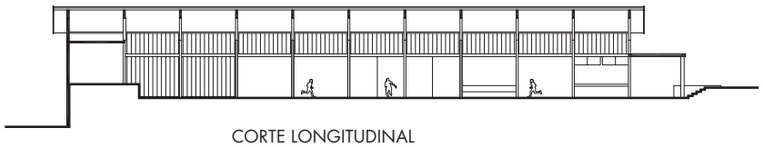
EE Victor Britto Bastos

R. Ortemblad Filho | 1961 | São José do Rio Preto, Vila Maceno | Rua José Nogueira de Carvalho, 304

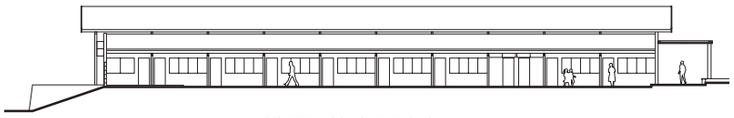


01. SALA DE AULA
02. DEPÓSITO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. PALCO
06. RECREIO COBERTO
07. COZINHA
08. ALMOXARIFADO
09. SALA DOS PROFESSORES
10. SECRETARIA
11. EDUCADOR SANITÁRIO
12. BIBLIOTECA
13. DIRETORIA
14. GABINETE DENTÁRIO
15. PÁTIO
16. CANTINA

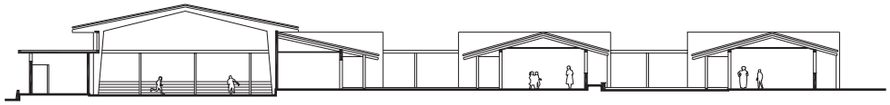
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



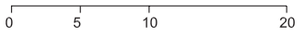
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

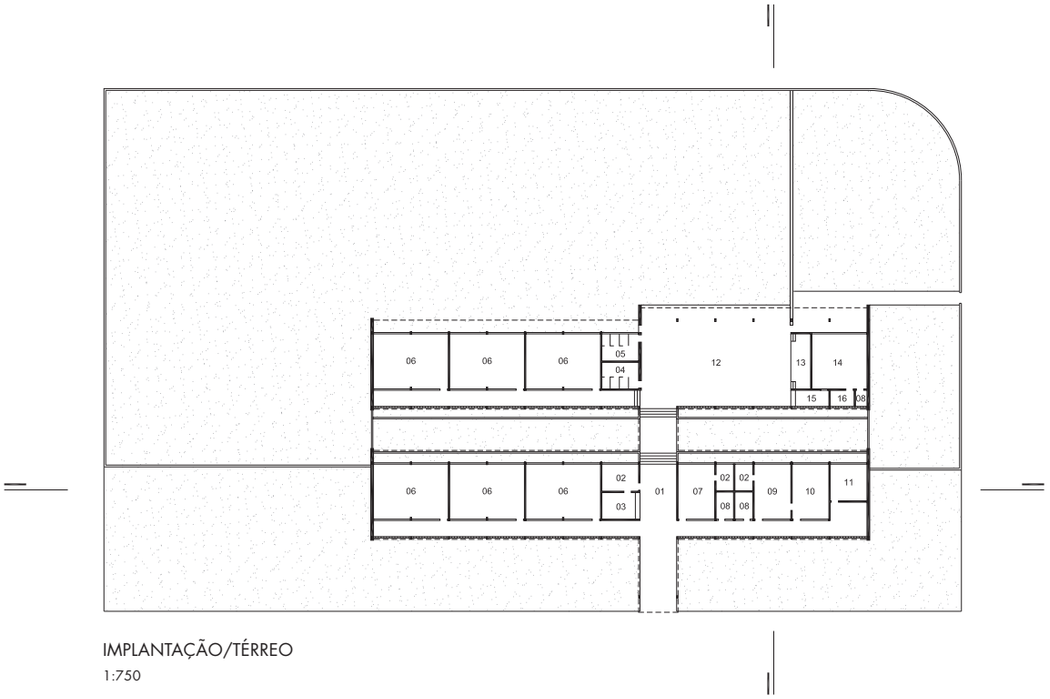


CORTE TRANSVERSAL
1:500

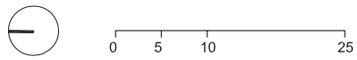


EMEF Barão Piratininga

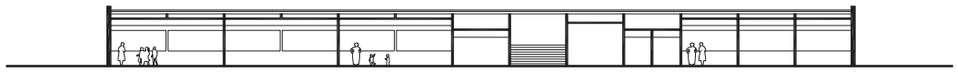
R. Ortemblad Filho | 1961 | São Roque, Jardim Bela Vista | Rua José Henrique da Costa, 252



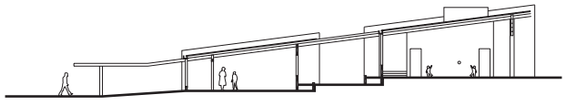
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



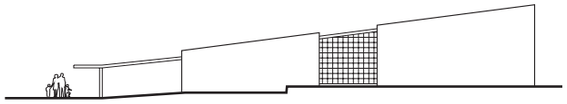
01. HALL
02. DEPÓSITO
03. PORTARIA
04. SANITÁRIO FEMININO
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. SALA DE AULA
07. DIRETORIA
08. SANITÁRIO
09. SECRETARIA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. DENTISTA
12. RECREIO COBERTO
13. PALCO
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. COPA/COZINHA
16. DEPÓSITO

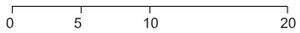


CORTE LONGITUDINAL
1:500

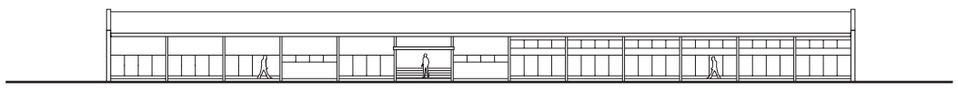


CORTE TRANSVERSAL
1:500





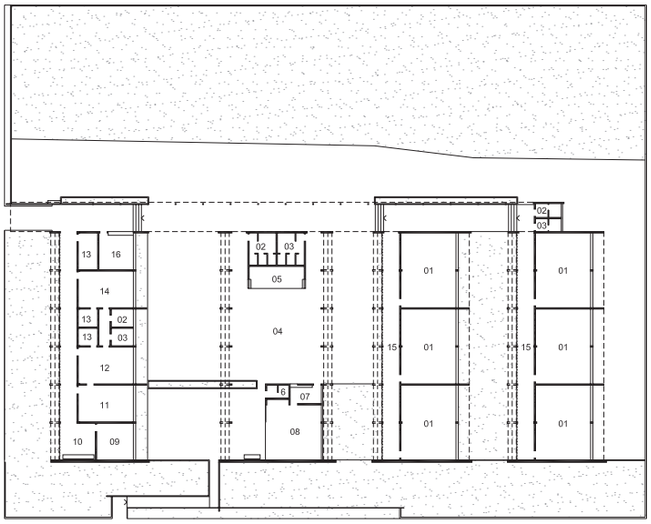
ELEVAÇÃO SUL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

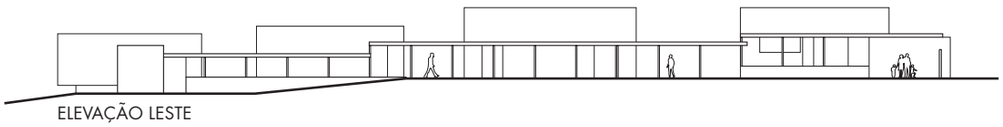
EMEF Professora Coraly de Souza Freire

R. Ortenblad Filho | 1961 | Salto Grande, Vila São João | Rua Rodrigues Alves, 125

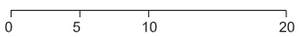


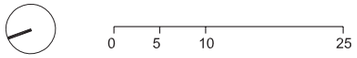
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

CORTE LONGITUDINAL
1:500



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

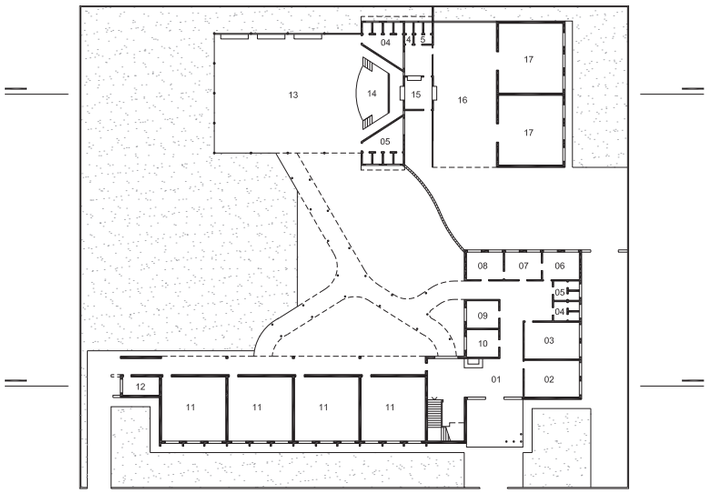




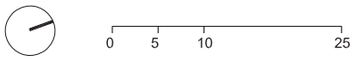
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. RECREIO COBERTO
05. PALCO
06. SANITÁRIO
07. COPA/COZINHA
08. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. DENTISTA
10. SALA DE ESPERA
11. SECRETARIA
12. SALA DOS PROFESSORES
13. DEPÓSITO
14. DIRETORIA
15. CIRCULAÇÃO
16. PORTARIA

EE Humberto Turner

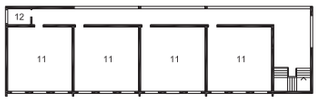
Robert G. M. Gontier | data não identificada | Cruzeiro, Itagacaba | Avenida Luis Bittencourt, 525



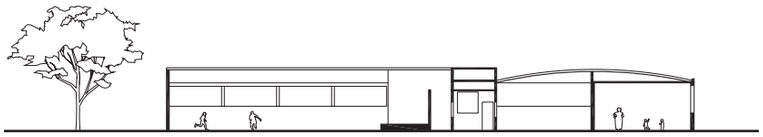
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



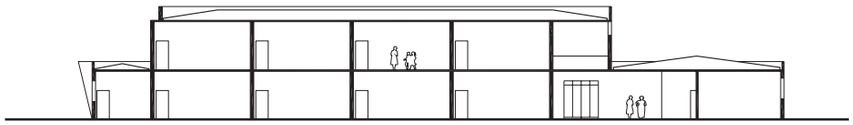
01. HALL
02. SECRETARIA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. SANITÁRIO FEMININO
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. ARQUIVO
07. AUXILIAR DA DIRETORIA
08. DIRETORIA
09. DENTISTA
10. EDUCADOR SANITÁRIO
11. SALA DE AULA
12. DEPÓSITO
13. RECREIO COBERTO
14. PALCO
15. COZINHA
16. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO



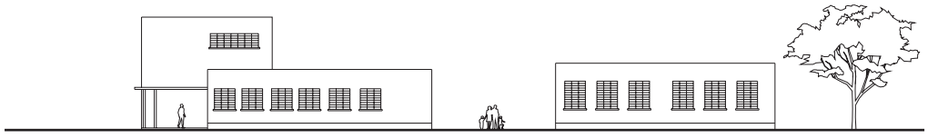
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



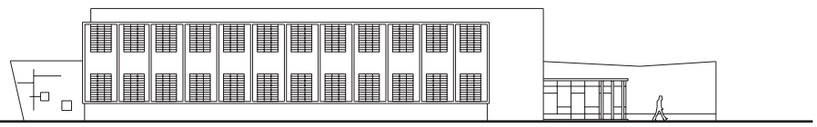
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500



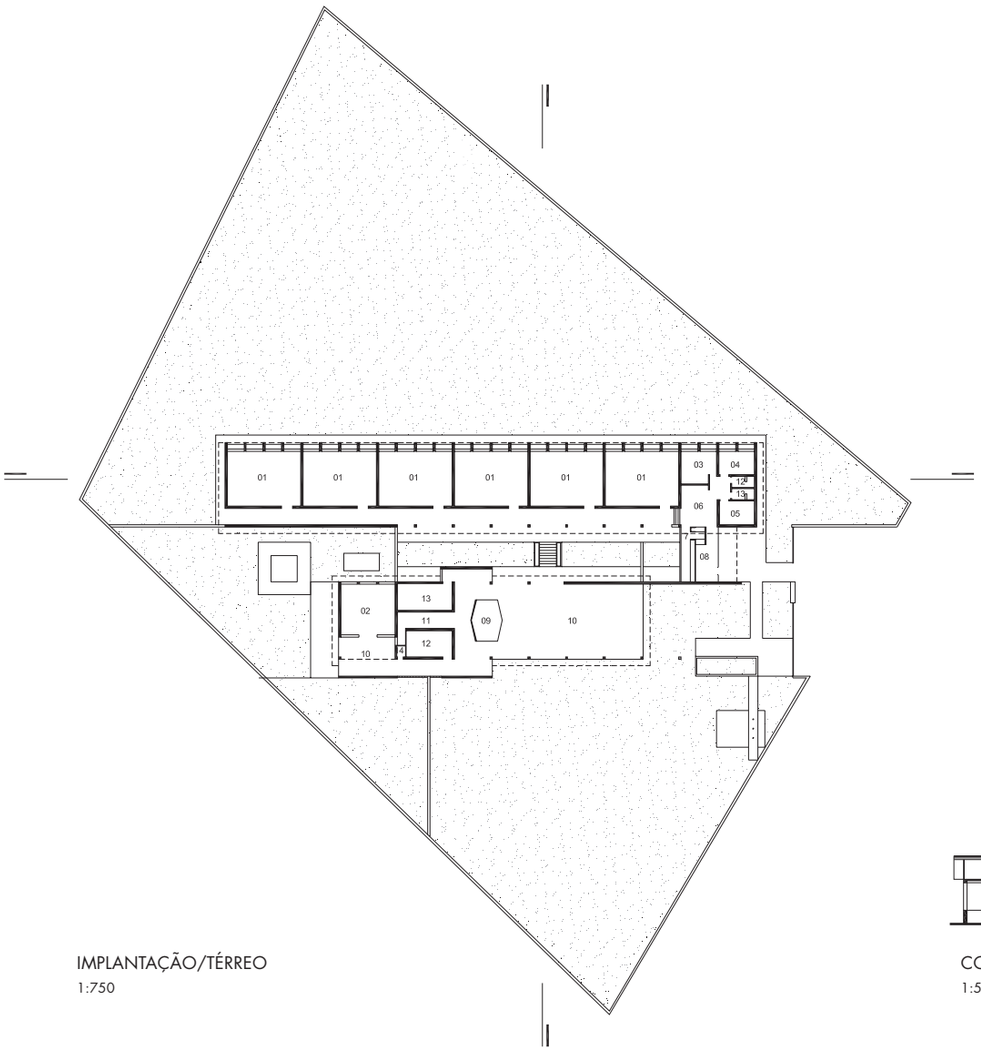
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



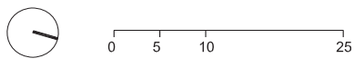
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

EMEIF Professora Maria Pires de Moura

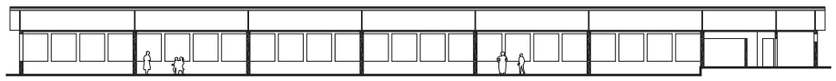
Roberto Goulart Tibau | 1961 | Óleo, Batista Botelho | Rua Mamédio Abraão Milhen Faraht, 37



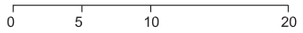
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

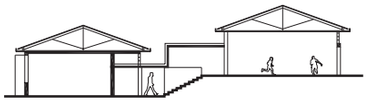


01. SALA DE AULA
02. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
03. SALA DOS PROFESSORES
04. DENTISTA
05. DIRETORIA
06. SALA DE ESPERA
07. SECRETARIA
08. HALL
09. PALCO
10. RECREIO
11. COZINHA
12. SANITÁRIO FEMININO
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. SANITÁRIO

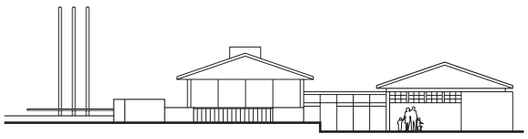


CORTE LONGITUDINAL
1:500





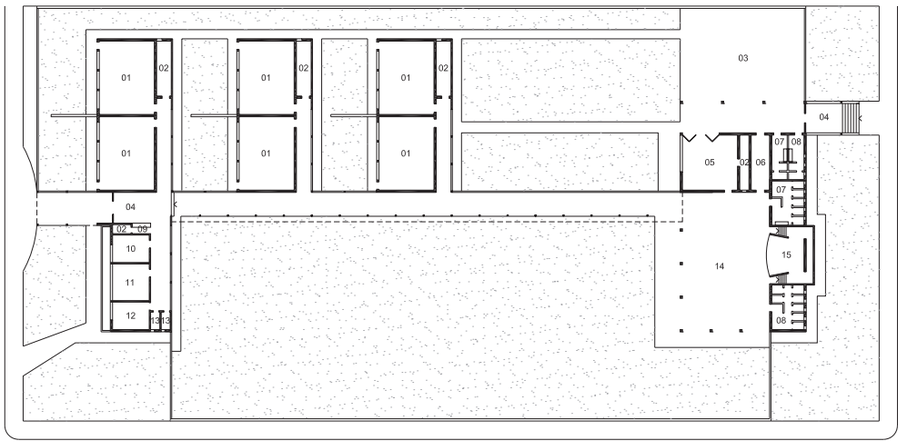
CORTE TRANSVERSAL
1:500



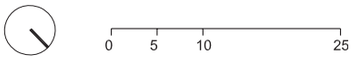
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EMEF Professora Anna Maria Marinho Nunes

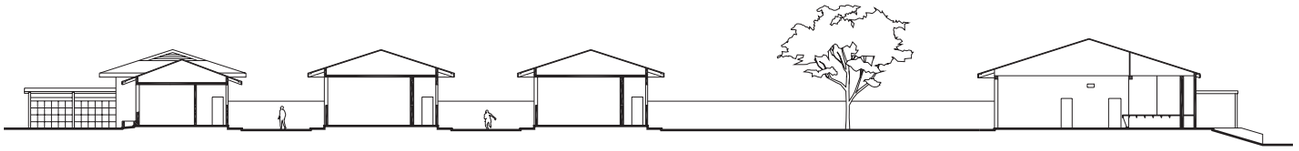
Roger Henri Weiler | 1961 | Andradina, Centro | Rua Floriano Peixoto, 363



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

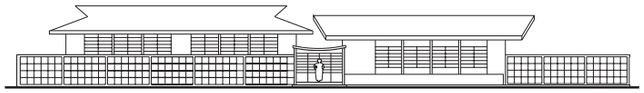


01. SALA DE AULA
02. DEPÓSITO
03. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
04. ENTRADA
05. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
06. COZINHA
07. SANITÁRIO MASCULINO
08. SANITÁRIO FEMININO
09. PORTARIA/SECRETARIA
10. DIRETORIA
11. SALA DOS PROFESSORES
12. DENTISTA
13. SANITÁRIO
14. RECREIO COBERTO
15. PALCO

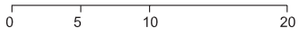


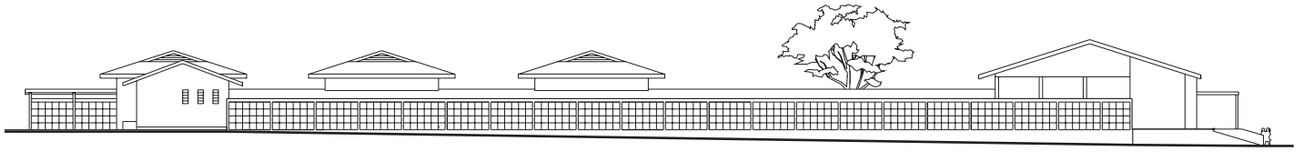
CORTE LONGITUDINAL
1:500

CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

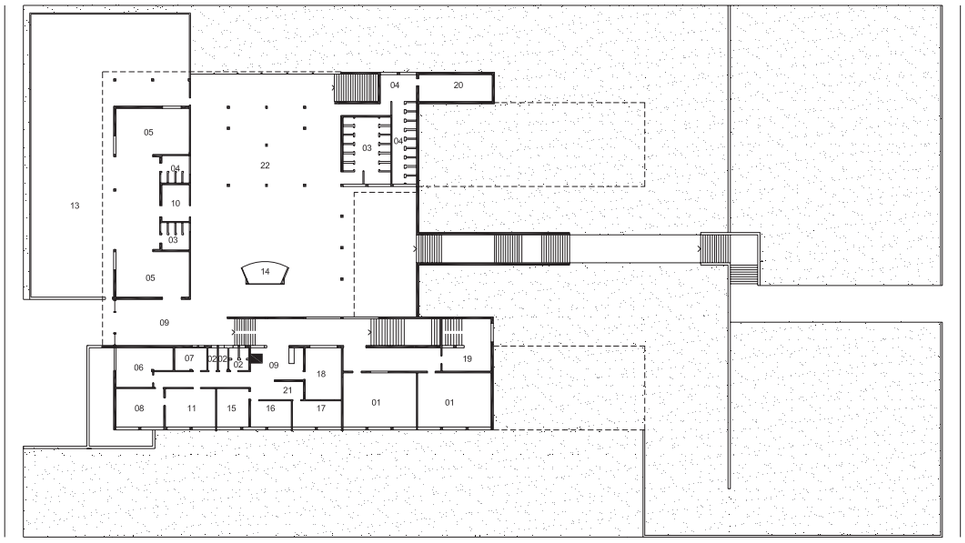




ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

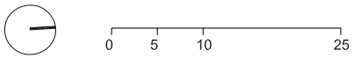
EE Professora Uzenir Coelho Zeitune

Roger Henri Weiler | data não identificada | Votuporanga, Vila Guerche | Rua Pará, 1041



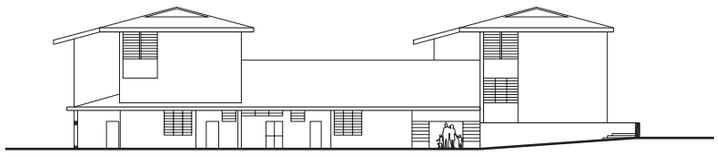
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

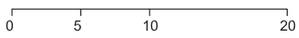


CORTE LONGITUDINAL
1:500

01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. ARQUIVO
08. DIRETORIA
09. ENTRADA
10. COZINHA
11. AUXILIAR DA DIRETORIA
12. CIRCULAÇÃO
13. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. PALCO
15. DENTISTA
16. MÉDICO
17. EDUCADOR SANITÁRIO
18. BIBLIOTECA
19. DEPÓSITO
20. CAIXA D'ÁGUA
21. SALA DE ESPERA
22. RECREIO COBERTO

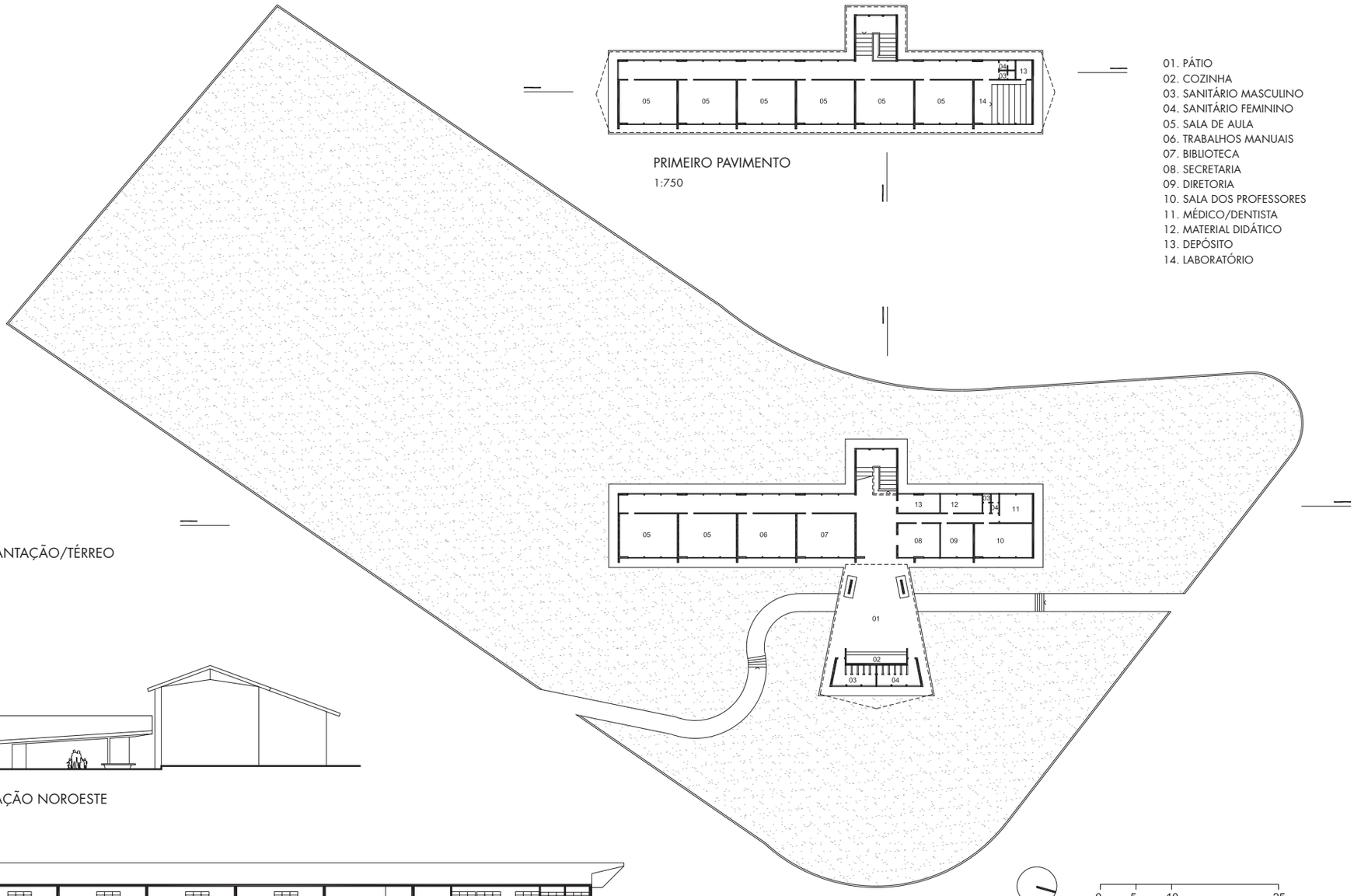


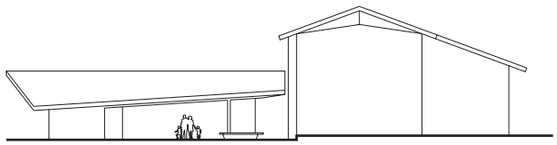
ELEVAÇÃO SUL
1:500



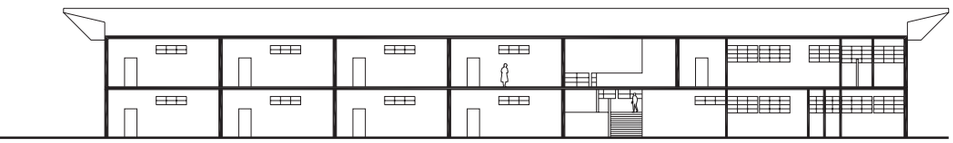
EE Doutor Felício Laurito

Roger Henri Weiler | data não identificada | Ribeirão Pires, Jardim Pastoril | Rua dos Estudantes, 100

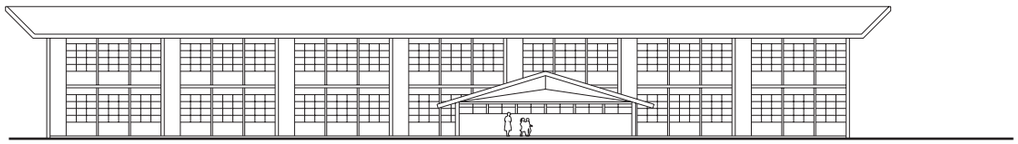




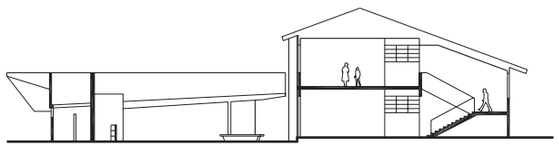
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500



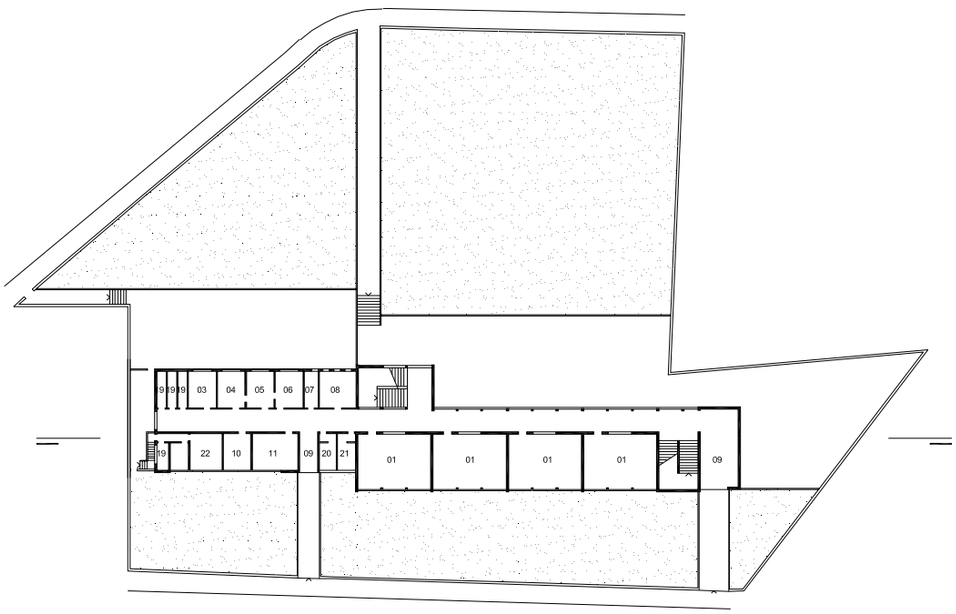
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



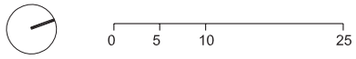
CORTE TRANSVERSAL
1:500

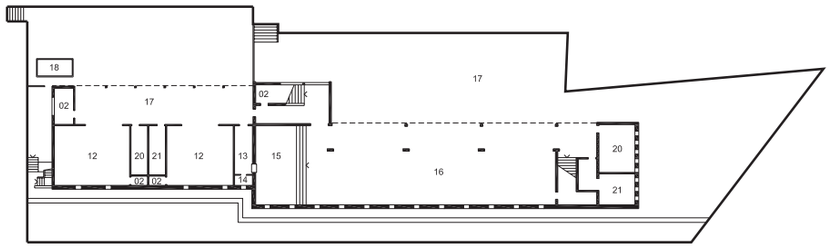
EE Dona Marcelina Maria da Silva Oliveira

Roger Henri Weiler | data não identificada | Mauá, Jardim Zaira | Avenida Armando Bagnara, 75

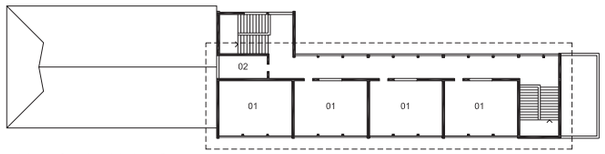


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

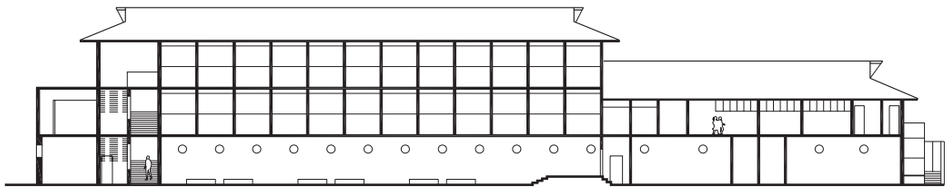




PAVIMENTO INFERIOR
1:750

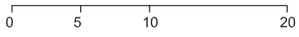


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



CORTE LONGITUDINAL
1:500

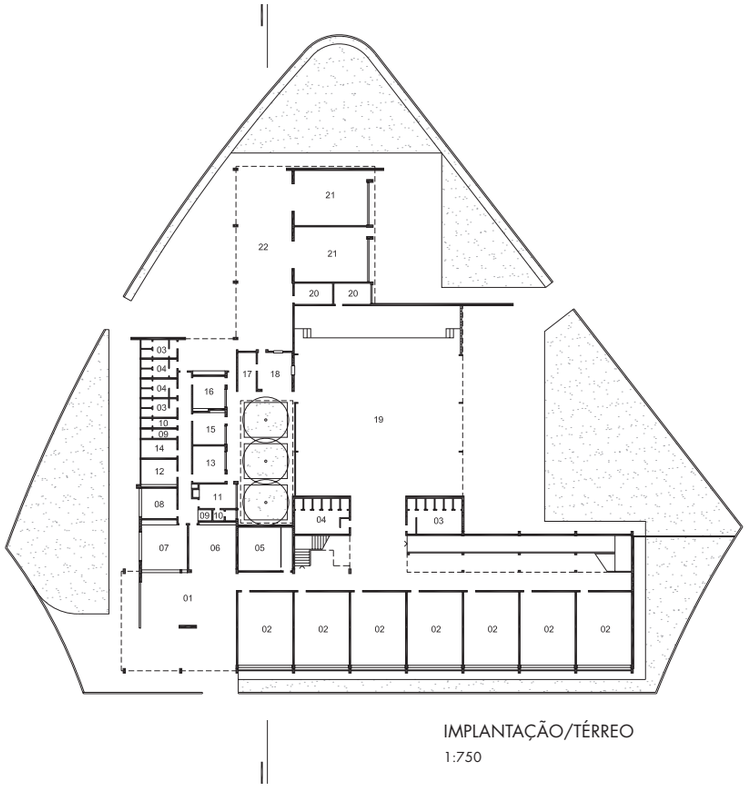
ELEVAÇÃO OESTE
1:500



01. SALA DE AULA
02. DEPÓSITO
03. DENTISTA
04. ARQUIVO
05. SECRETARIA
06. DIRETORIA
07. MATERIAL DIDÁTICO
08. BIBLIOTECA
09. ENTRADA DE ALUNOS
10. EDUCADOR SANITÁRIO
11. SALA DOS PROFESSORES
12. SALA DO PRÉ-PRIMARIO
13. COZINHA
14. DESPENSA
15. PALCO/REFEITÓRIO
16. RECREIO COBERTO
17. TERRAÇO
18. TANQUE DE AREIA
19. SANITÁRIO
20. SANITÁRIO FEMININO
21. SANITÁRIO MASCULINO
22. MÉDICO

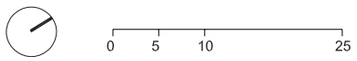
EE Professora Carlina Caçapava de Mello

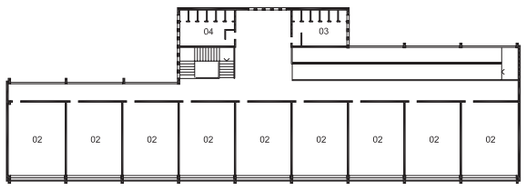
Romeu Thomé da Silva e Ronaldo Masotti Gontijo | 1962 | obra construída com outro projeto | Santo André, Santa Terezinha | Rua Silva Jardim, s/nº



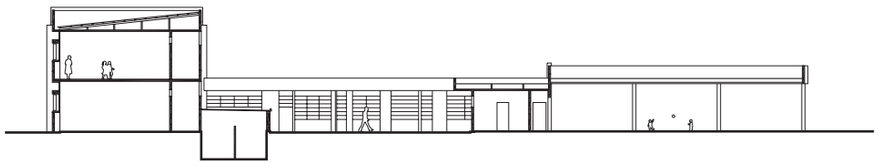
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. PORTARIA
02. SALA DE AULA
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. CAIXA D'ÁGUA
06. BIBLIOTECA
07. SECRETARIA
08. EDUCADOR SANITÁRIO
09. MATERIAL DE LIMPEZA
10. SANITÁRIO
11. DIRETORIA
12. ARQUIVO
13. AUXILIAR DA DIRETORIA
14. MATERIAL DIDÁTICO
15. DENTISTA
16. MÉDICO
17. DESPENSA
18. COZINHA
19. RECREIO COBERTO
20. DEPÓSITO
21. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
22. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO

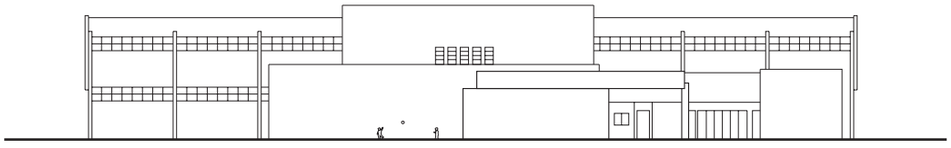




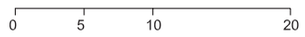
PAVIMENTO SUPERIOR
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

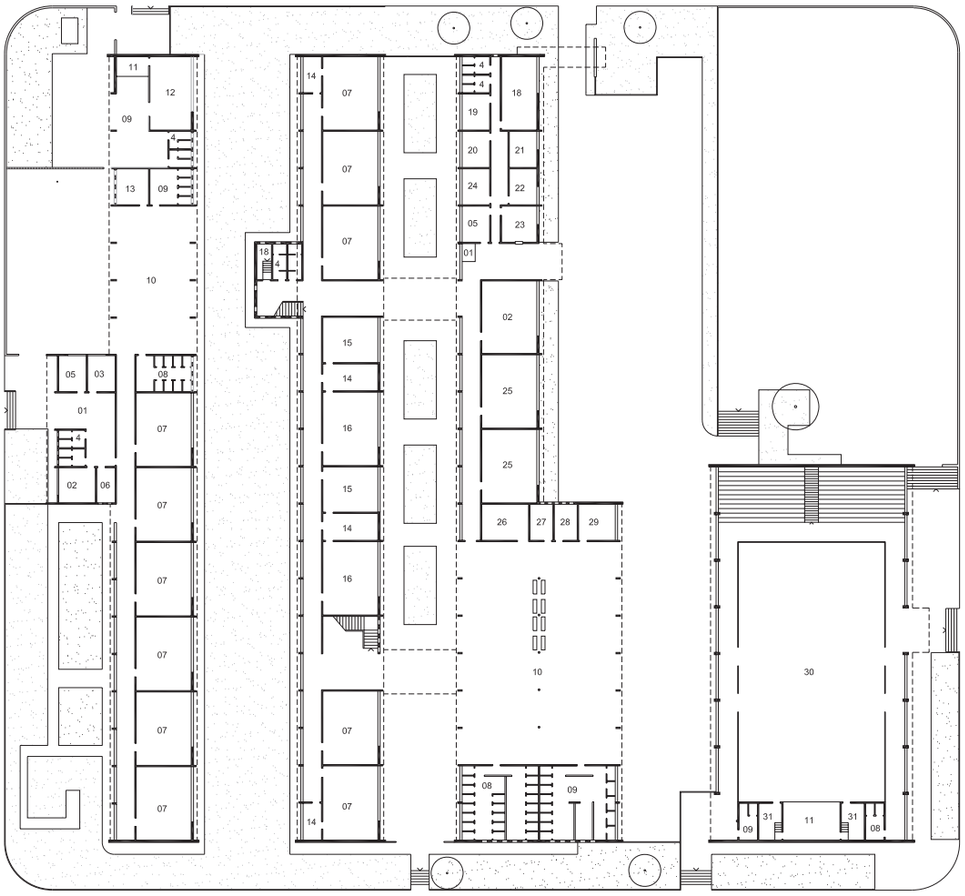


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

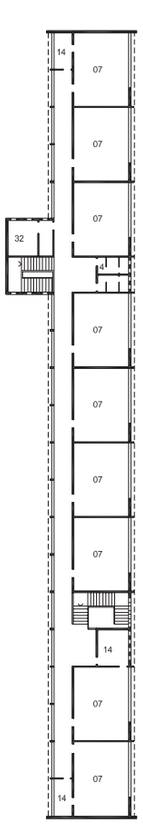


EE Doutor José Manoel Lobo

Romeu Thomé da Silva e Ronaldo Mosatti | 1961 | Votuporanga, Centro | Rua Amazonas, 285



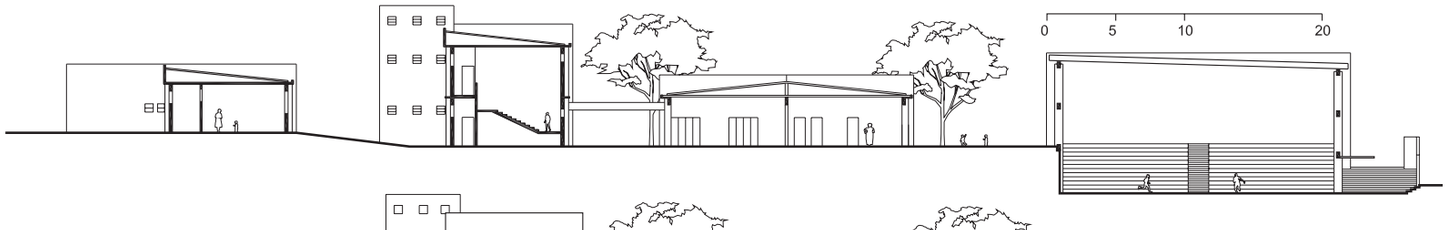
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

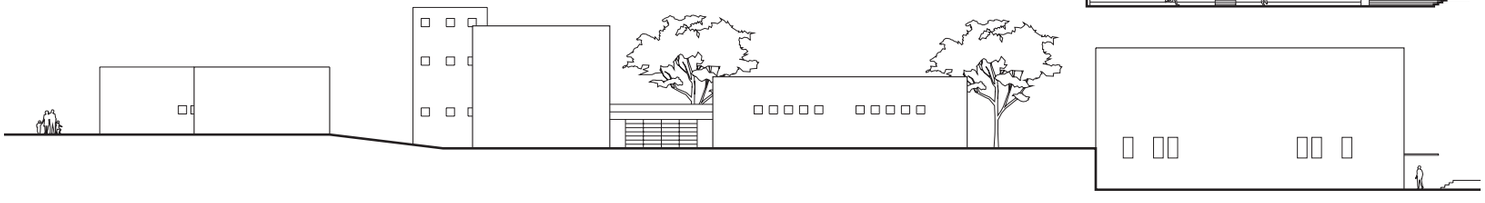
0 5 10 25

01. PORTARIA
02. BIBLIOTECA
03. DIRETORIA
04. SANITÁRIO
05. DENTISTA
06. DEPÓSITO
07. SALA DE AULA
08. SANITÁRIO FEMININO
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. RECREIO COBERTO
11. PALCO
12. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. COZINHA
14. SALETA
15. LABORATÓRIO
16. ANFITEATRO
17. CASA DE BOMBAS
18. SALA DOS PROFESSORES
19. ALMOXARIFADO
20. FUNCIONÁRIOS
21. VICE-DIRETORIA
22. DIRETORIA
23. SECRETARIA
24. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
25. SALA AMBIENTE
26. CANTINA
27. RESERVA
28. EXAME BIOMÉTRICO
29. GRÊMIO
30. QUADRA POLIESPORTIVA
31. CAMARIM
32. SUBESTAÇÃO ELÉTRICA



CORTE TRANSVERSAL
1:500

0 5 10 20

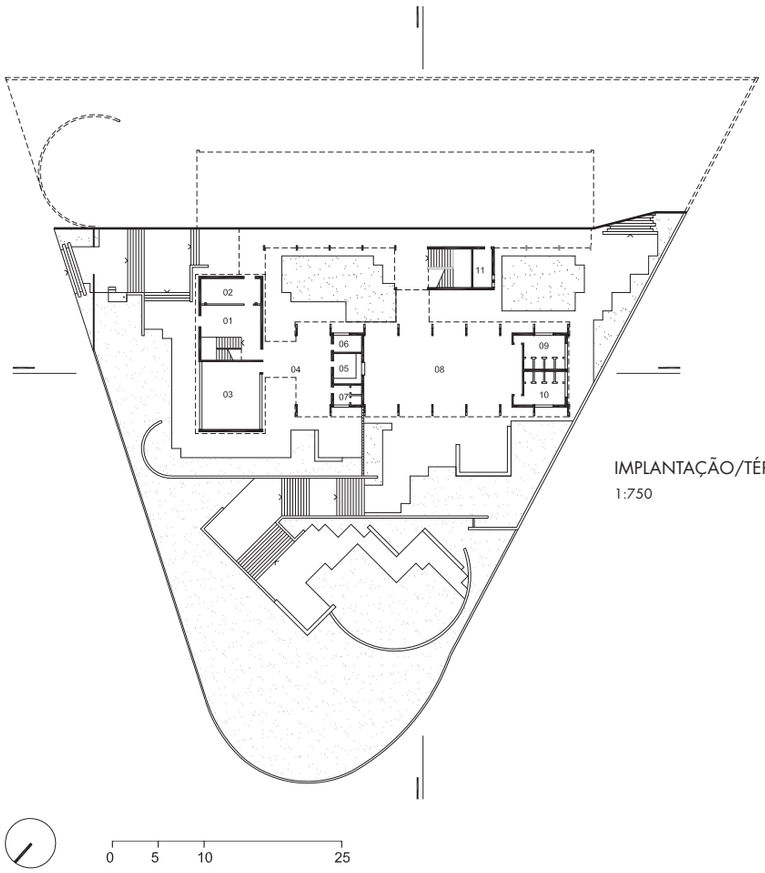


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

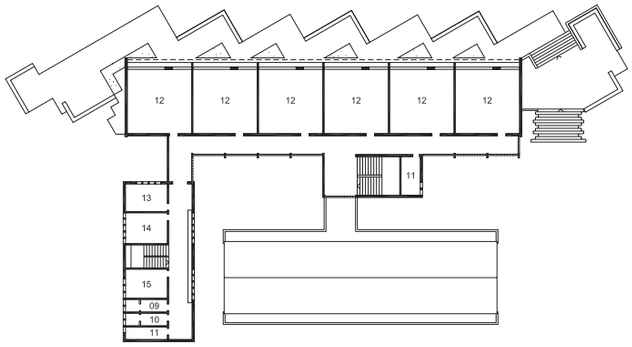
ELEVAÇÃO NORTE
1:500

EE Professor Epaminondas de Oliveira

Rosa Grena Kliass | 1962 | São Roque, São João Novo | Rua Henrique Pinheiro, 8

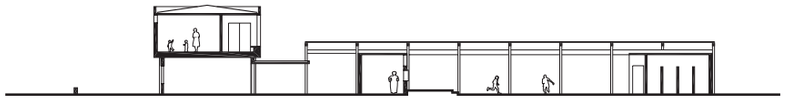


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

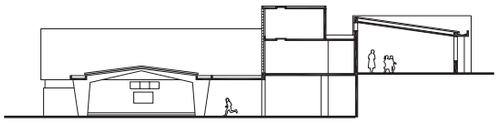


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

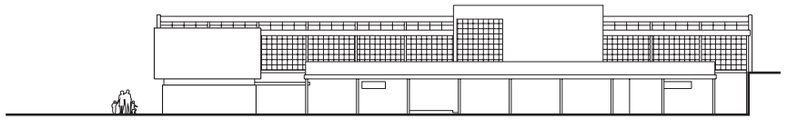
01. HALL
02. BIBLIOTECA
03. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
04. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
05. COZINHA
06. DESPENSA
07. SANITÁRIO
08. RECREIO COBERTO
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. SANITÁRIO FEMININO
11. DEPÓSITO
12. SALA DE AULA
13. DIRETORIA
14. SECRETARIA
15. DENTISTA/MÉDICO



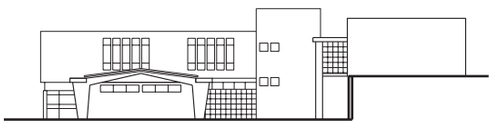
CORTE LONGITUDINAL
1:500



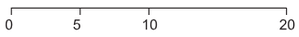
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

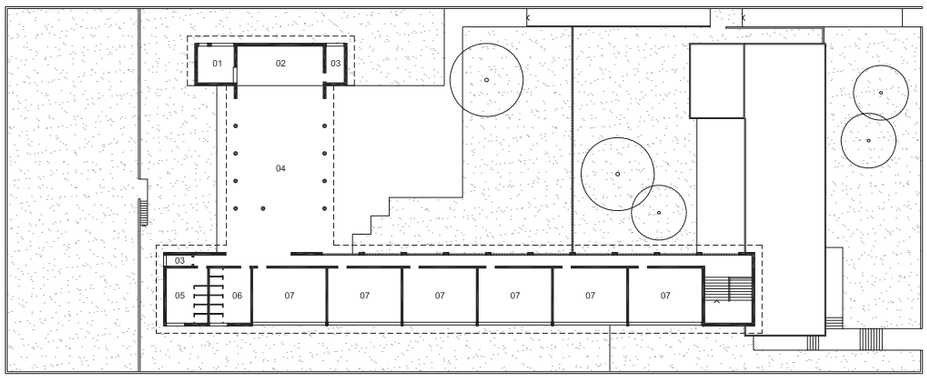


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

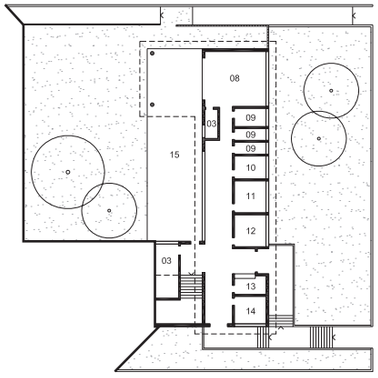


EE Antônio Caio

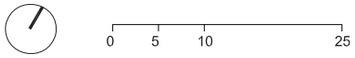
Rubens de Camargo de Monteiro | 1961 | São Vicente, Itapira | Rua Major João Manoel, s/nº



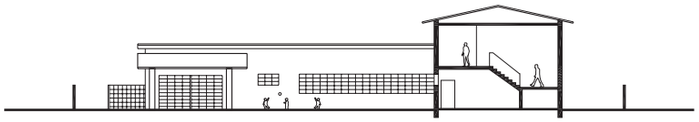
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



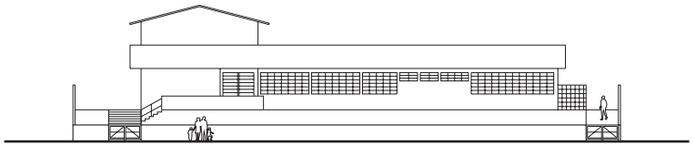
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



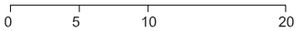
01. COZINHA
02. PALCO
03. DEPÓSITO
04. RECREIO COBERTO
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. SANITÁRIO FEMININO
07. SALA DE AULA
08. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. SANITÁRIO
10. DENTISTA
11. SALA DOS PROFESSORES
12. DIRETORIA
13. SECRETARIA
14. BIBLIOTECA
15. PÁTIO DO PRÉ-PRIMÁRIO



CORTE TRANSVERSAL
1:500

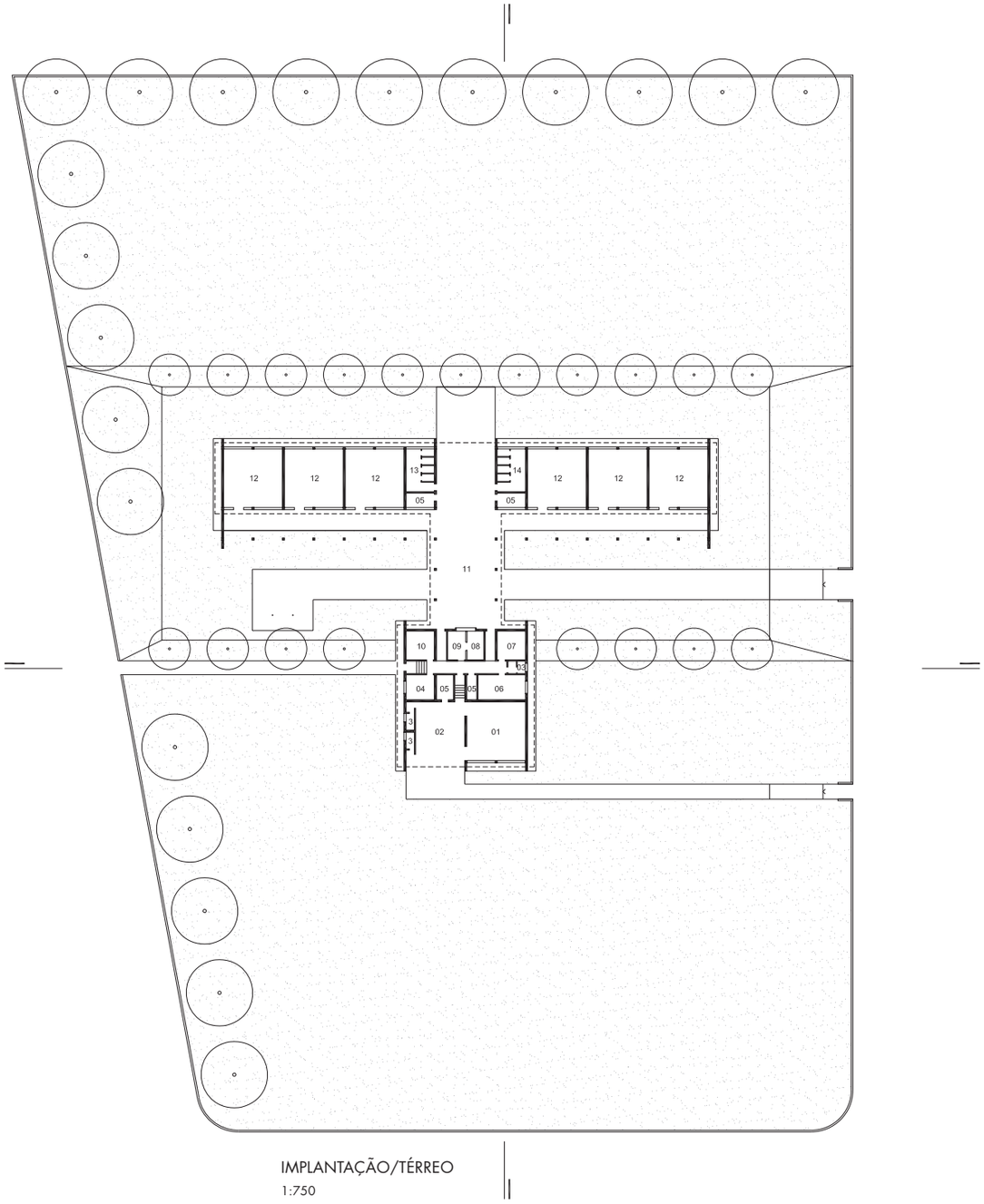


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



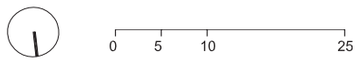
EMEF Professora Ana da Cunha Viana

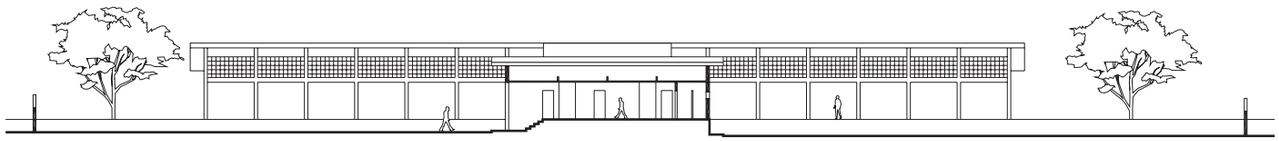
Rubens Gouvêa Carneiro Viana | 1961 | Boa Esperança do Sul, Vila Padre Ricci | Rua Tenente Penha, 841



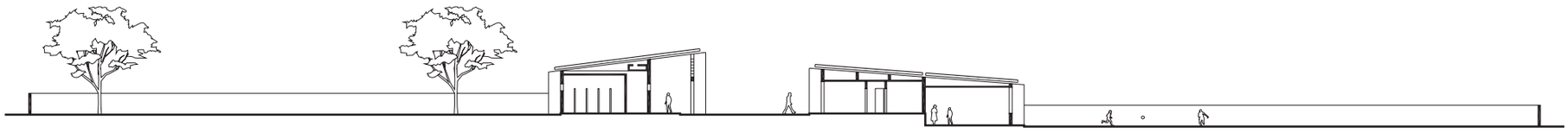
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
02. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
03. SANITÁRIO
04. DENTISTA
05. DEPÓSITO
06. SALA DOS PROFESSORES
07. DIRETORIA
08. DESPENSA
09. COZINHA
10. BIBLIOTECA
11. RECREIO COBERTO
12. SALA DE AULA
13. SANITÁRIO MASCULINO
14. SANITÁRIO FEMININO

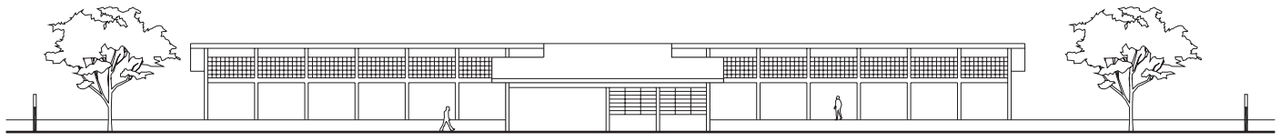




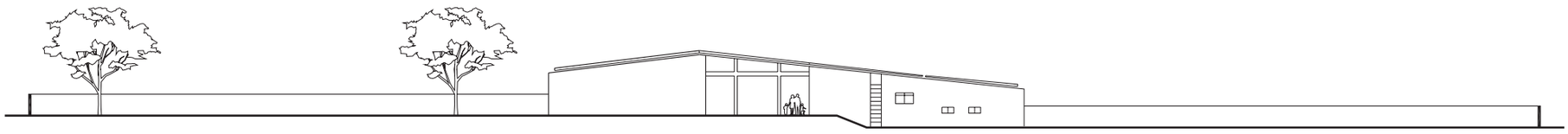
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NORTE
1:500

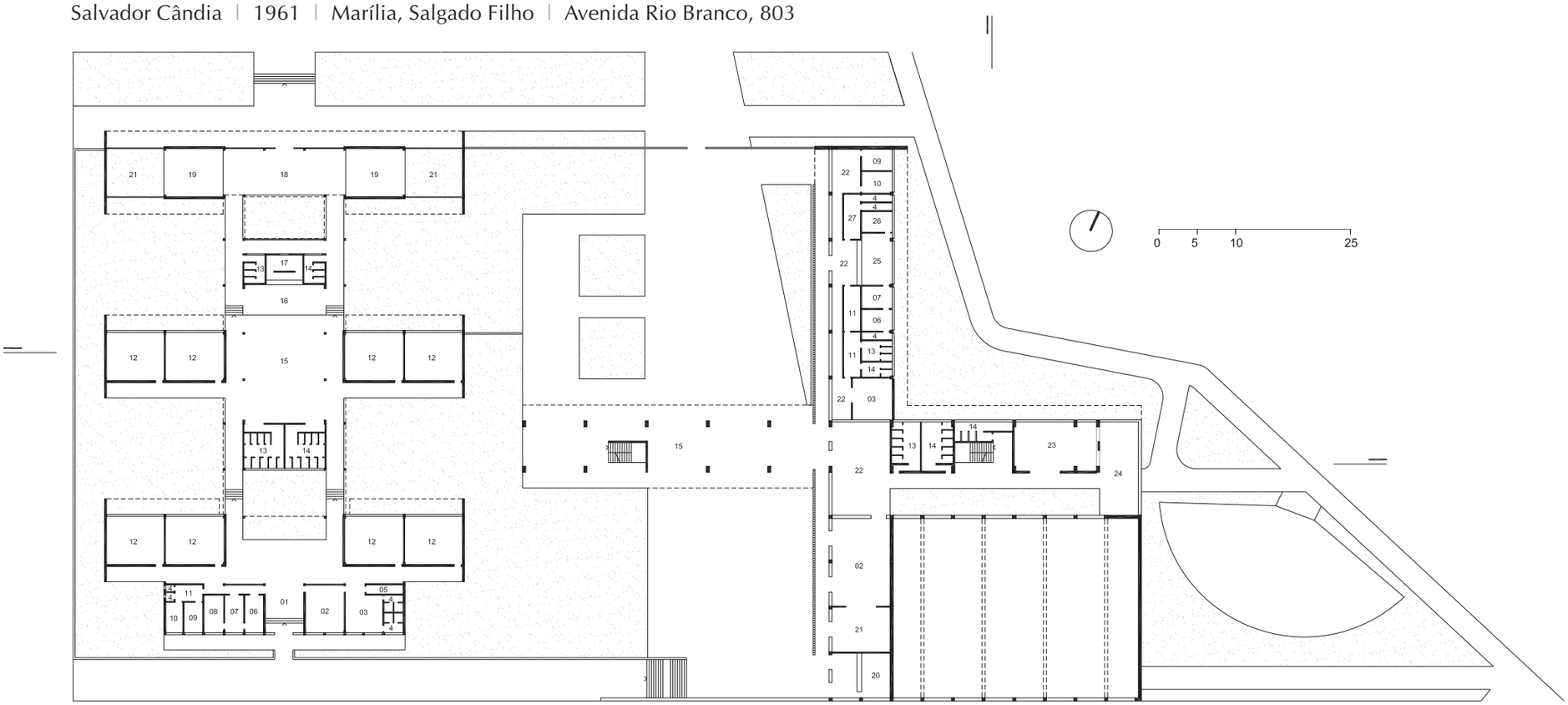


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

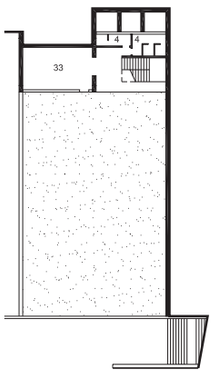
0 5 10 20

EE Monsenhor Bicudo

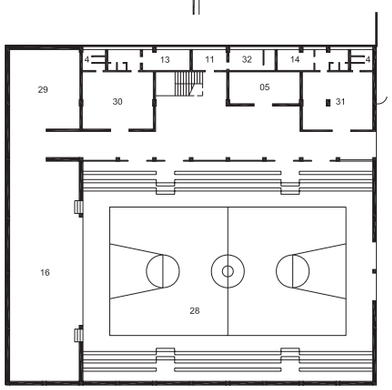
Salvador Cândia | 1961 | Marília, Salgado Filho | Avenida Rio Branco, 803

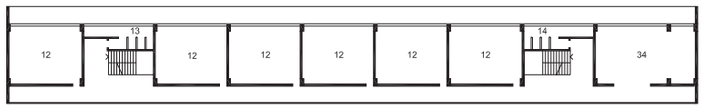


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

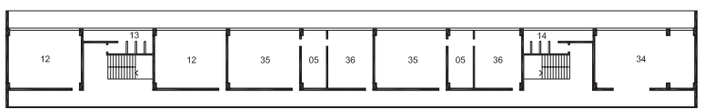


PAVIMENTO INFERIOR
1:750



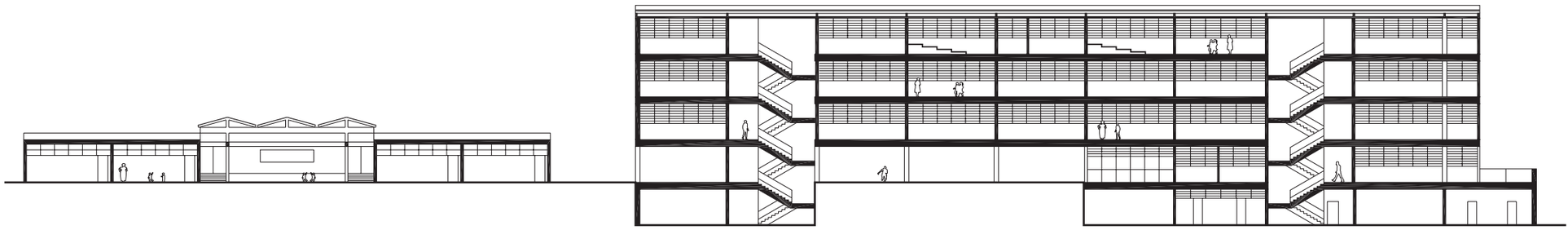


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

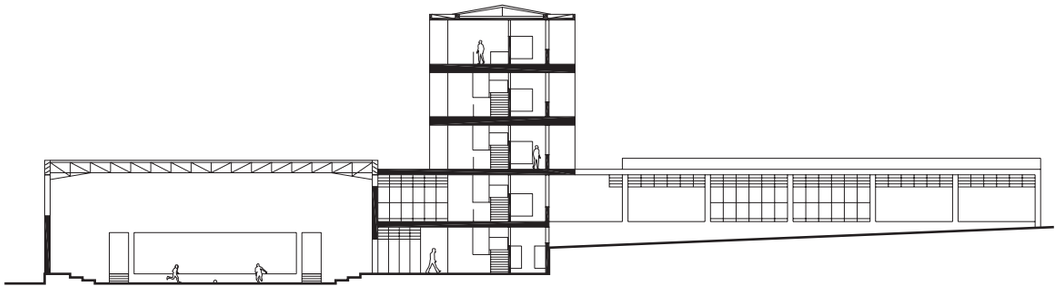


SEGUNDO PAVIMENTO
1:750

01. PORTARIA
02. BIBLIOTECA
03. SALA DOS PROFESSORES
04. SANITÁRIO
05. DEPÓSITO
06. DIRETORIA
07. AUXILIAR DA DIRETORIA
08. ARQUIVO
09. EDUCADOR SANITÁRIO
10. DENTISTA
11. SALA DE ESPERA
12. SALA DE AULA
13. SANITÁRIO FEMININO
14. SANITÁRIO MASCULINO
15. RECREIO COBERTO
16. PALCO
17. COZINHA
18. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
19. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
20. CANTINA
21. MUSEU PEDAGÁGICO
22. HALL
23. SALA DE TRABALHO
24. TERRAÇO
25. SECRETARIA
26. ALMOXARIFADO
27. SALA FUNCINÁRIOS
28. QUADRA POLIESPORTIVA
29. DEPÓSITO DE CADEIRAS
30. VESTIÁRIO FEMININO
31. VESTIÁRIO MASCULINO
32. MÉDICO
33. GRÊMIO
34. SALA DE DESENHO
35. ANFITEATRO
36. LABORATÓRIO

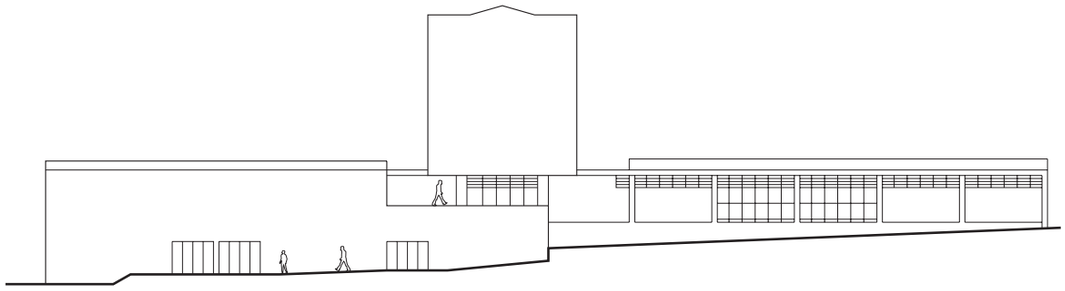


CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

ELEVAÇÃO SUL
1:500

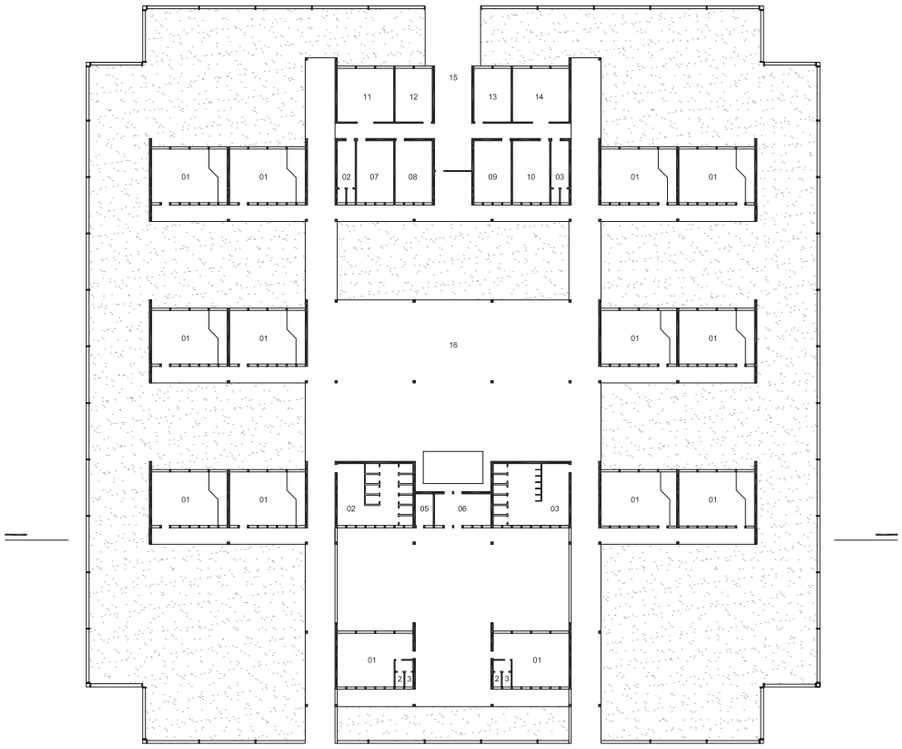


ELEVAÇÃO LESTE
1:500

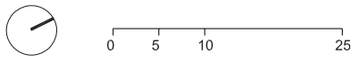
0 5 10 20

EE Professora Esmeralda Soares Ferraz

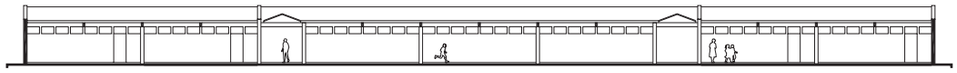
Salvador Cândia | 1961 | Ourinhos, Vila Sá | Rua Prudente de Moraes, 400



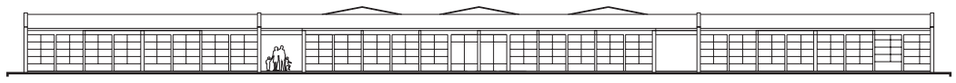
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



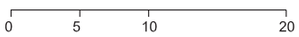
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. COZINHA
05. CAIXA D'ÁGUA
06. DENTISTA
07. ARQUIVO
08. DEPÓSITO
09. MÉDICO
10. EDUCADOR SANITÁRIO
11. SECRETARIA
12. DIRETORIA
13. SALA DOS PROFESSORES
14. BIBLIOTECA
15. HALL
16. RECREIO COBERTO



CORTE LONGITUDINAL
1:500

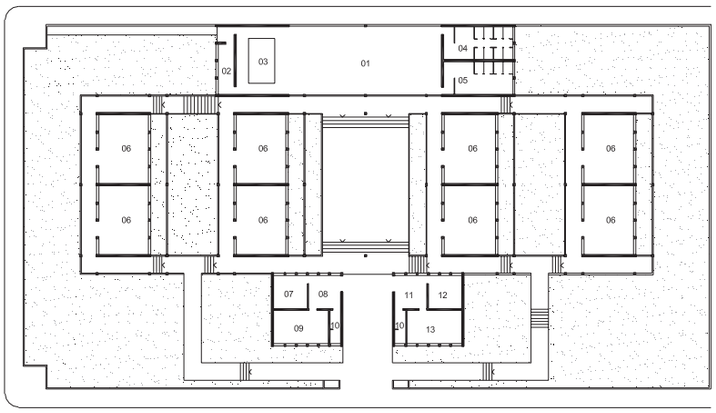


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

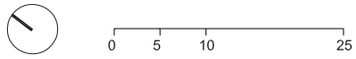


EE João Portugal

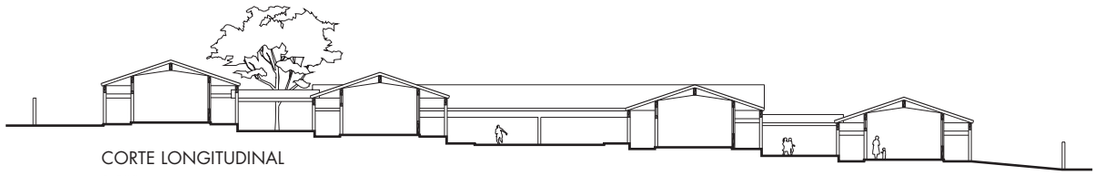
Salvador Cândia e Fernando Arantes | data não identificada | Tanabi, Centro | Rua Professora Odete Garcia, 66



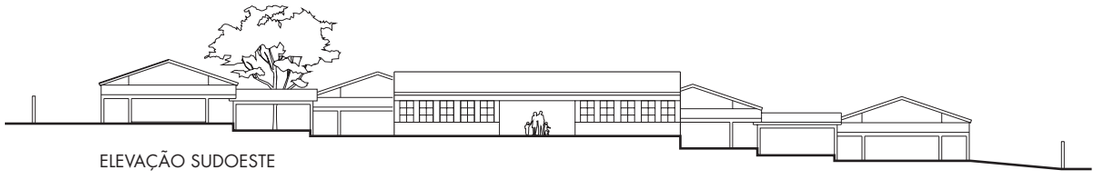
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



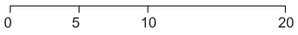
01. RECREIO COBERTO
02. COZINHA
03. PALCO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. SALA DE AULA
07. ALMOXARIFADO
08. PORTARIA/SECRETARIA
09. DIRETORIA
10. SANITÁRIO
11. SALA DE ESPERA
12. DENTISTA
13. SALA DOS PROFESSORES



CORTE LONGITUDINAL
1:500

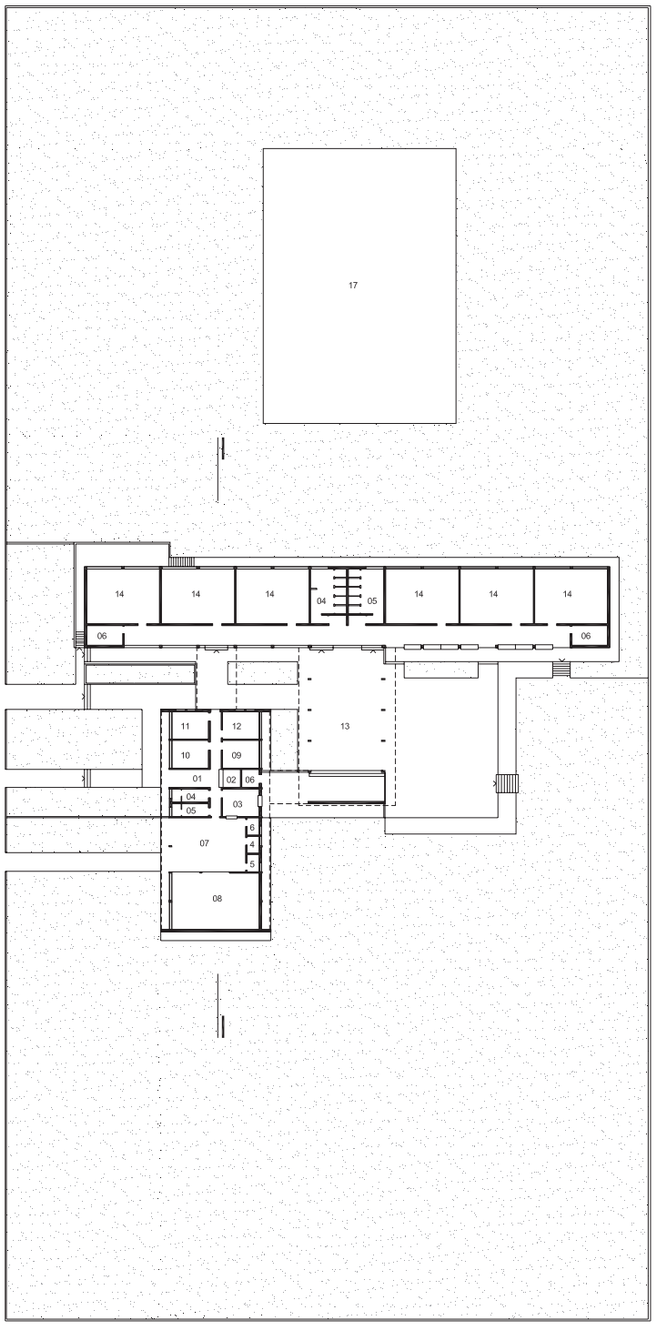


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

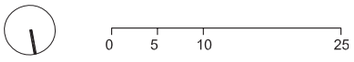


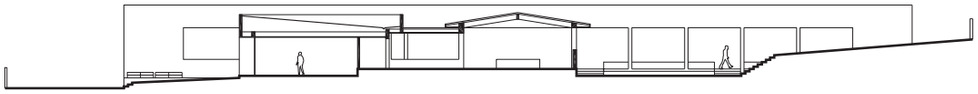
EMEF Carlos Bueno de Toledo

Slioma Selter | 1961 | Rancharia, Gardênia | Rua Jucelina Antônia Marucci, 225

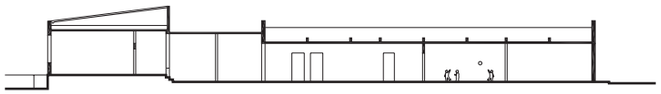


IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750





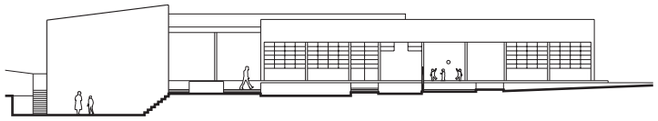
CORTE LONGITUDINAL
1:500



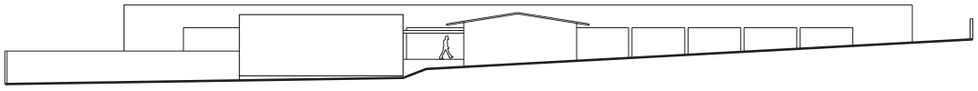
CORTE TRANSVERSAL
1:500

01. HALL DE ENTRADA
02. PORTARIA/SECRETARIA
03. COZINHA
04. SANITÁRIO FEMININO
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. DEPÓSITO
07. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
08. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
09. DENTISTA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. BIBLIOTECA
12. DIRETORIA
13. RECREIO COBERTO
14. SALA DE AULA
15. CAIXA D´ÁGUA
16. ZELADORIA
17. QUADRA POLIESPORTIVA

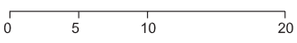
PAVIMENTO INFERIOR
1:750



ELEVAÇÃO LESTE
1:500

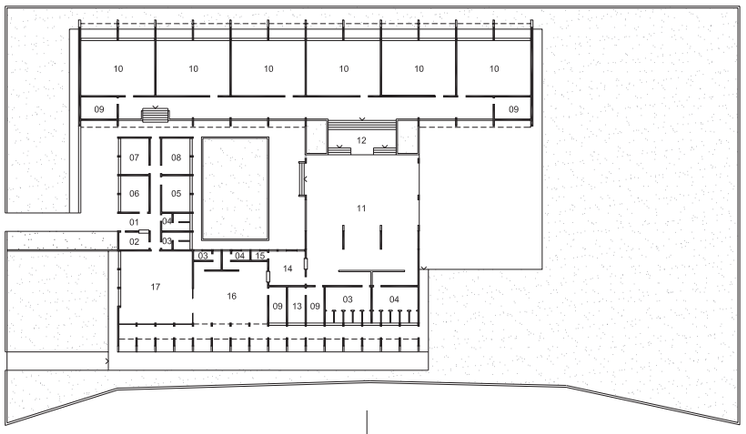


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

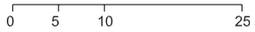


EMEF Professor Tibério Justo da Silva

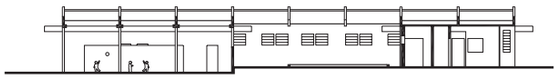
Slioma Selter | 1962 | São Roque, Mailasqui | Rua Professora Celia Asse Jacob, 3



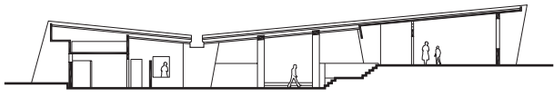
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



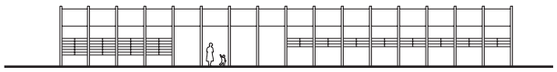
01. HALL DE ENTRADA
02. PORTARIA/SECRETARIA
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. SALA DOS PROFESSORES
06. DENTISTA
07. BIBLIOTECA
08. DIRETORIA
09. DEPÓSITO
10. SALA DE AULA
11. RECREIO COBERTO
12. PALCO
13. CAIXA D'ÁGUA
14. COZINHA
15. DESPENSA
16. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
17. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO



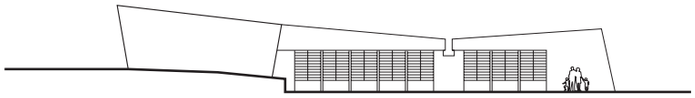
CORTE LONGITUDINAL
1:500



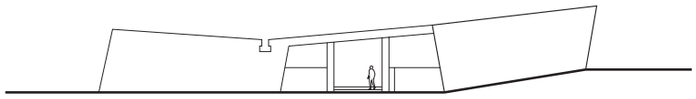
CORTE TRANSVERSAL
1:500



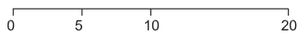
ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

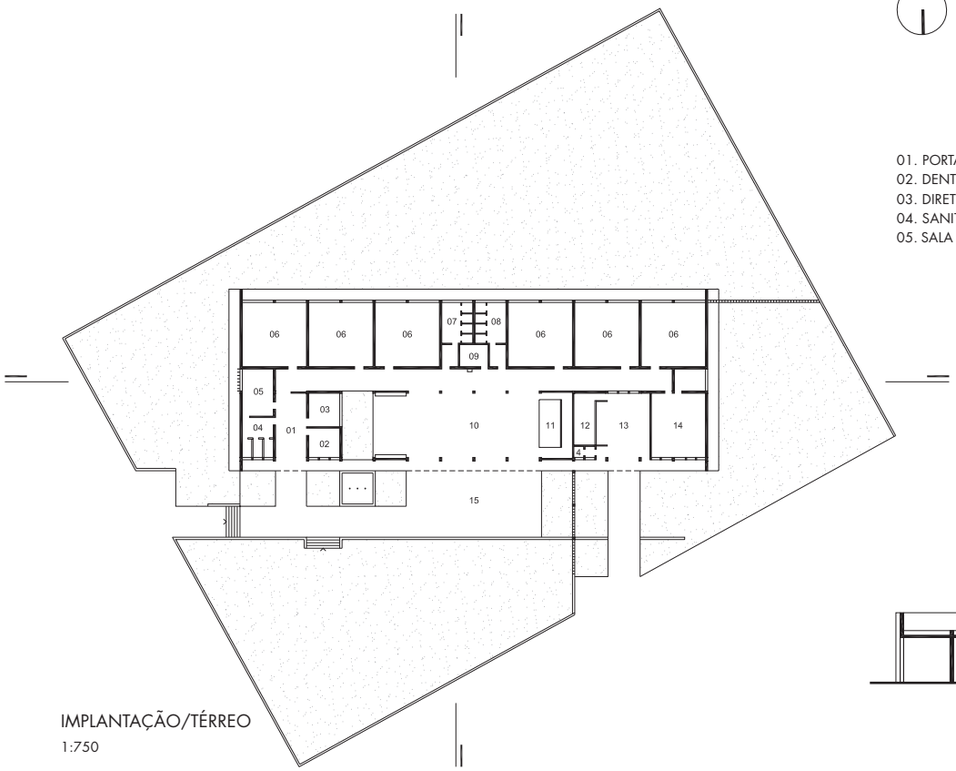


ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

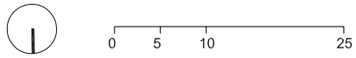


EE Professora Amália Valentina Marsiglia Rino

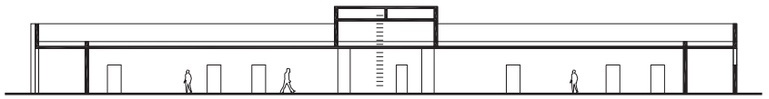
Telesforo Giorgio Cristofani | data não identificada | Rinópolis, Centro | Rua Carlos Gomes, 750



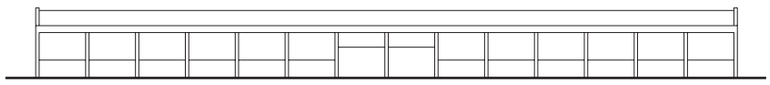
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



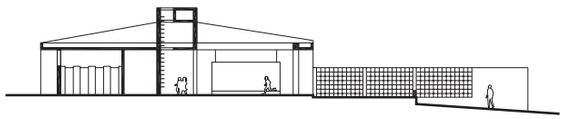
01. PORTARIA
02. DENTISTA
03. DIRETORIA
04. SANITÁRIO
05. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
06. SALA DE AULA
07. SANITÁRIO FEMININO
08. SANITÁRIO MASCULINO
09. DEPÓSITO
10. RECREIO COBERTO
11. PALCO
12. COZINHA
13. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. PÁTIO



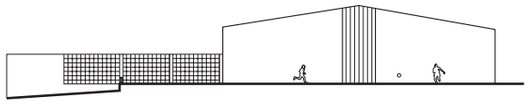
CORTE LONGITUDINAL
1:500



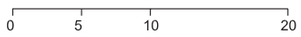
ELEVAÇÃO SUL
1:500



CORTE TRANSVERSAL
1:500

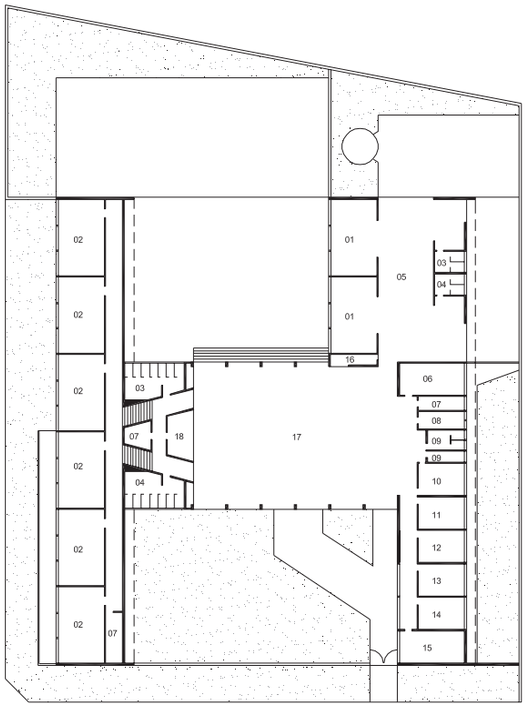


ELEVAÇÃO OESTE
1:500

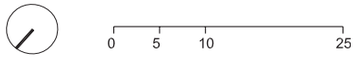


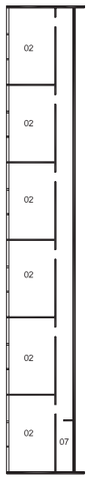
CEFAM Santa Fé do Sul

Ubirajara Ribeiro e Zenon Lotufo | 1960 | Santa Fé do Sul, São Francisco | Rua 13 de Maio, 396



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



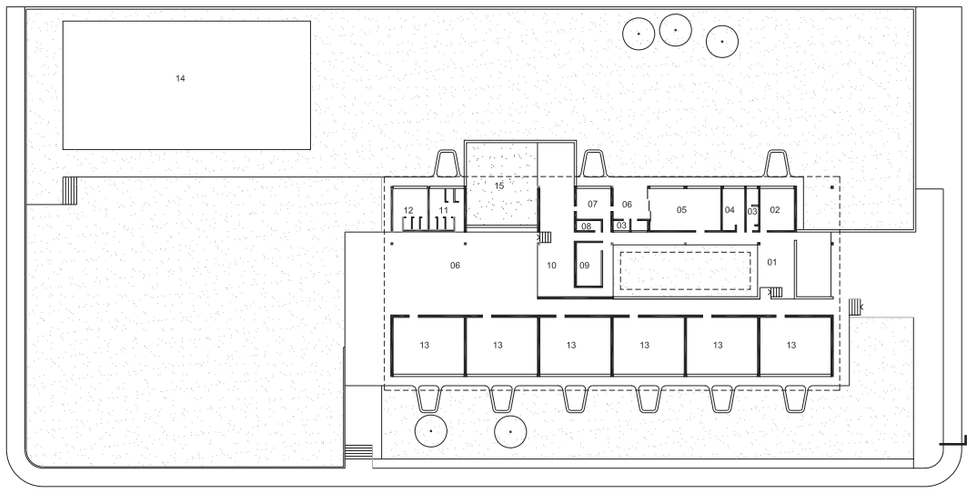


PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

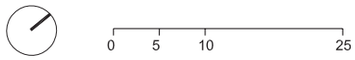
01. AULA DO PRÉ-PRIMÁRIO
02. SALA DE AULA
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. SANITÁRIO FEMININO
05. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
06. SECRETARIA
07. DEPÓSITO
08. GUARDADOS
09. SANITÁRIO
10. ALMOXARIFADO
11. DIRETORIA
12. AUXILIAR DA DIRETORIA
13. DENTISTA
14. SALA DOS PROFESSORES
15. BIBLIOTECA
16. CANTINA
17. RECREIO COBERTO
18. PALCO

antigo Grupo Escolar José Bonifácio do Couto

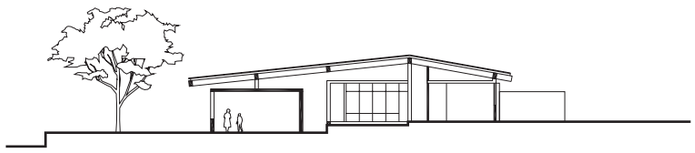
Ubyrajara Gonçalves Giglioli | 1961 | Alvinlândia | Rua Major Couto Junior, s/nº



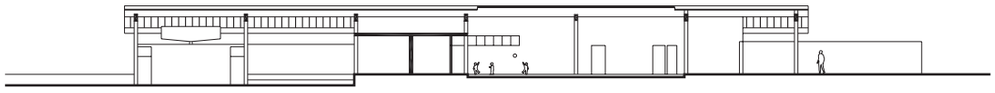
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



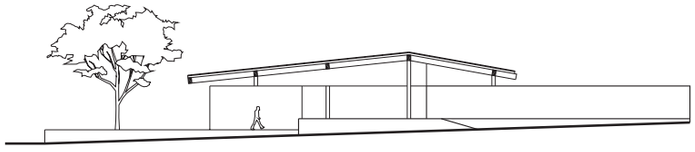
01. SECRETARIA
02. SALA DOS PROFESSORES
03. SANITÁRIO
04. DENTISTA/MÉDICO
05. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
06. RECREIO COBERTO
07. COZINHA
08. DEPÓSITO
09. DIRETORIA
10. PALCO
11. SANITÁRIO FEMININO
12. SANITÁRIO MASCULINO
13. SALA DE AULA
14. QUADRA POLIESPORTIVA
15. JARDIM

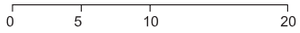


CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500



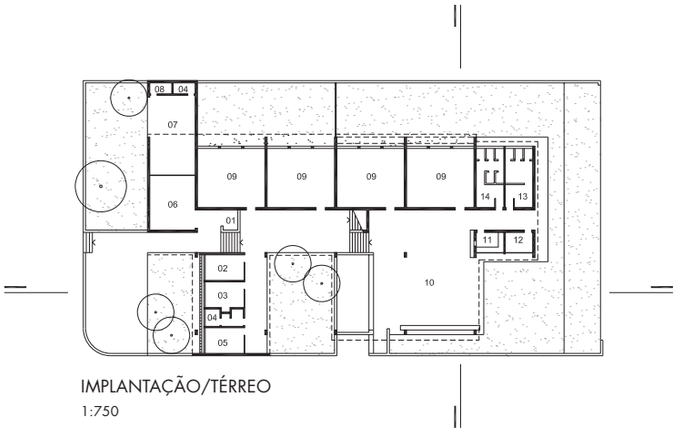


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

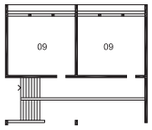
ELEVAÇÃO SUDESTE
1:500

EMEI Gália

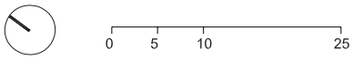
Ubyrajara Gonçalves Giglioli | data não identificada | Gália, Centro | Avenida Paulista, 880



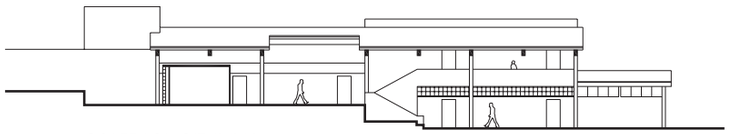
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



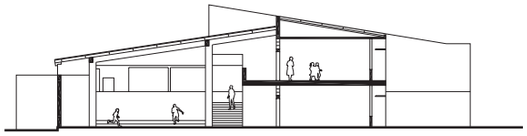
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



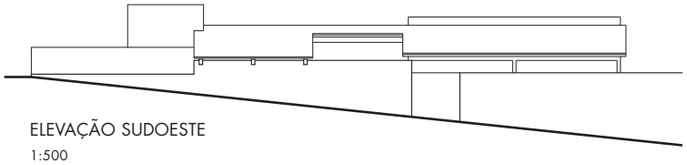
01. SECRETARIA
02. DIRETORIA
03. PROFESSORES
04. SANITÁRIO
05. DENTISTA/MÉDICO
06. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
07. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
08. COPA
09. SALA DE AULA
10. RECREIO COBERTO
11. COZINHA
12. DEPÓSITO
13. SANITÁRIO FEMININO
14. SANITÁRIO MASCULINO



CORTE LONGITUDINAL
1:500

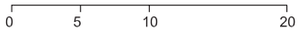


CORTE TRANSVERSAL
1:500



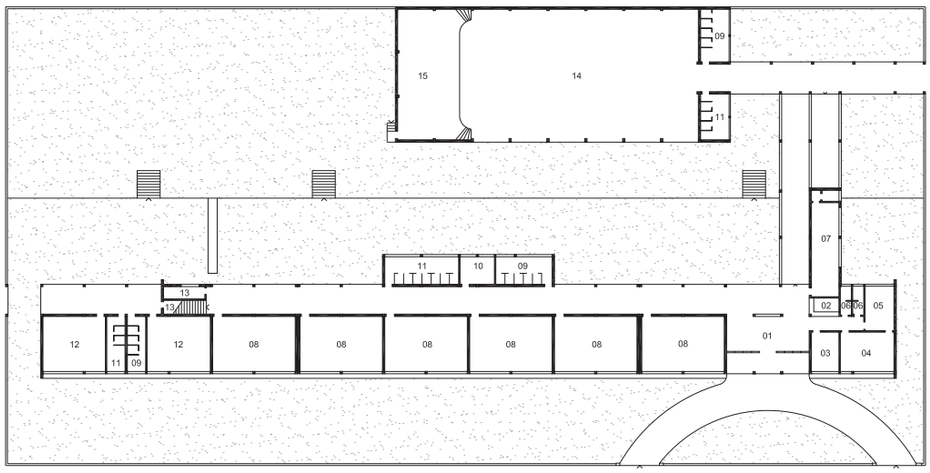
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

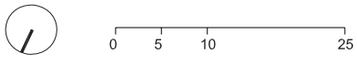


EE Paulo Mendes Silva

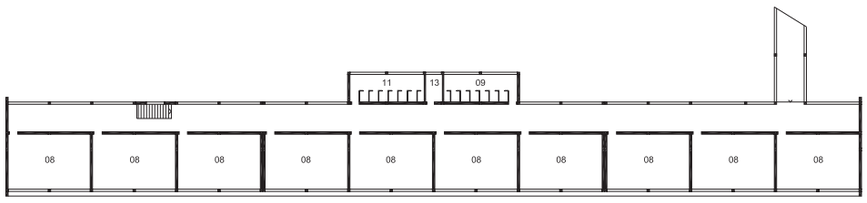
Vasco Antônio Venchiaruth | 1958 | Jundiaí, Vila Arens | Avenida Fernando Arens, 830



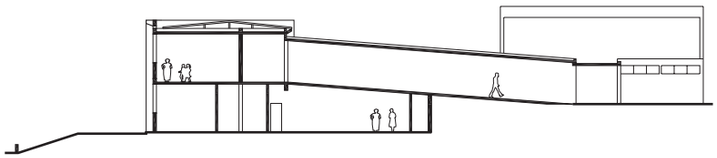
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



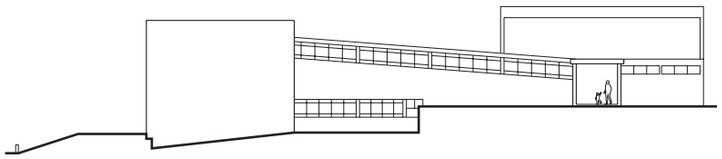
01. HALL DE ENTRADA
02. PORTARIA
03. DENTISTA
04. SECRETARIA
05. DIRETORIA
06. SANITÁRIO
07. SALA DOS PROFESSORES
08. SALA DE AULA
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. COZINHA
11. SANITÁRIO FEMININO
12. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
13. DEPÓSITO
14. RECREIO COBERTO
15. PALCO



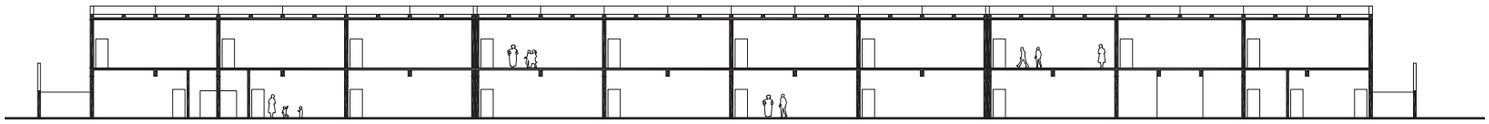
PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750



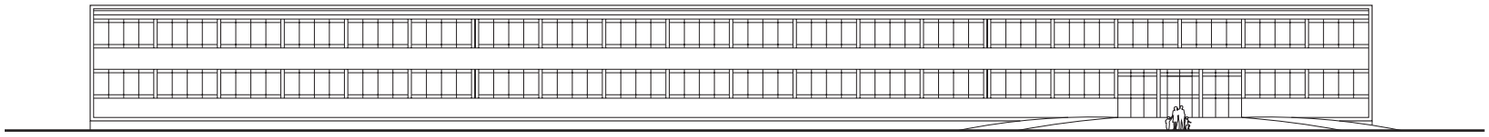
CORTE TRANSVERSAL
1:500



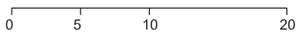
ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

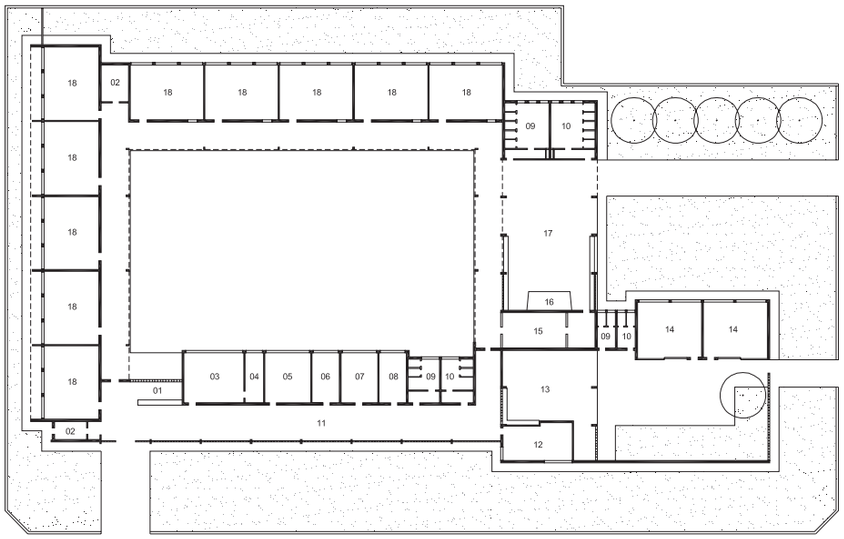


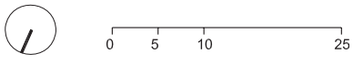
ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500



EE Monsenhor Martins

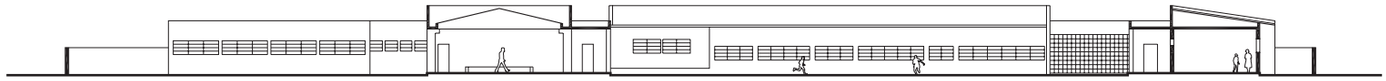
Victor Reif | 1961 | Rio Claro, Vila Operaria | Avenida Trinta e Seis, 717



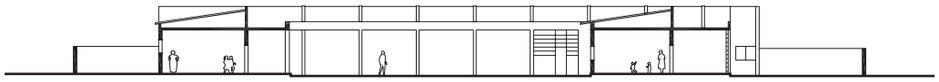


01. PORTARIA/SECRETARIA
02. DEPÓSITO
03. BIBLIOTECA
04. MATERIAL DIDÁTICO
05. DIRETORIA
06. AUXILIAR DA DIRETORIA
07. EDUCADOR SANITÁRIO
08. DENTISTA
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. SANITÁRIO FEMININO
11. CIRCULAÇÃO
12. SALA DOS PROFESSORES
13. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. COZINHA/DESPENSA
16. PALCO
17. RECREIO COBERTO
18. SALA DE AULA

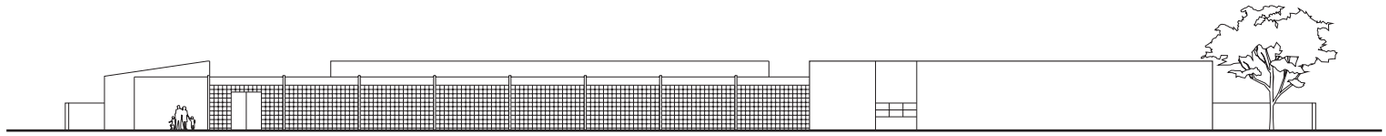
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



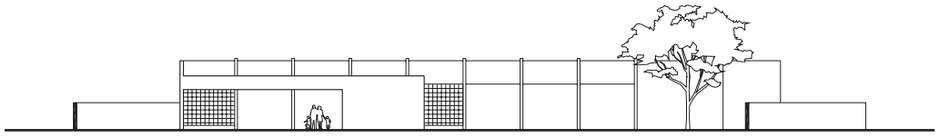
CORTE LONGITUDINAL
1:500



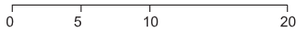
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO NOROESTE
1:500

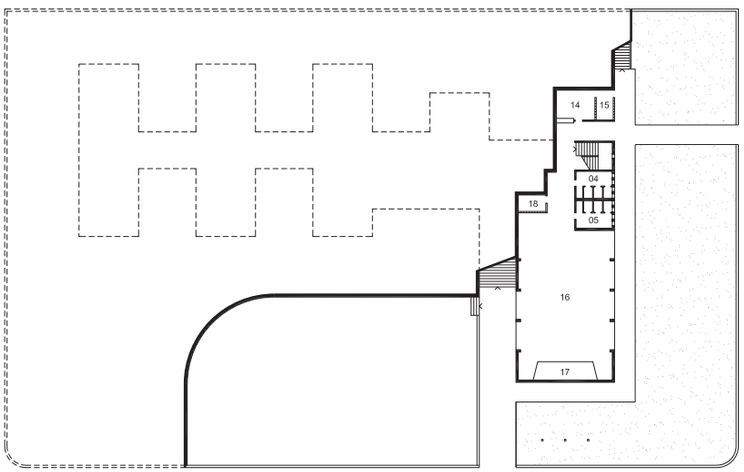


ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

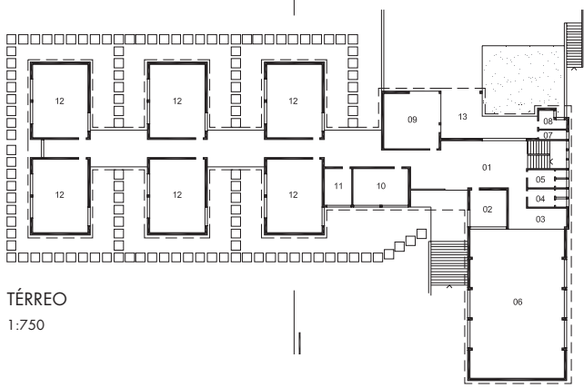


EE Francisco da Silveira Franco

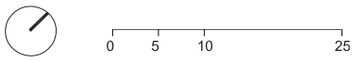
Victor Reif | data não identificada | Amparo, Arcadas | Rua José Jacobsen, 390



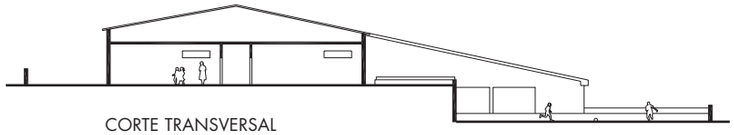
IMPLANTAÇÃO/PAVIMENTO INFERIOR
1:750



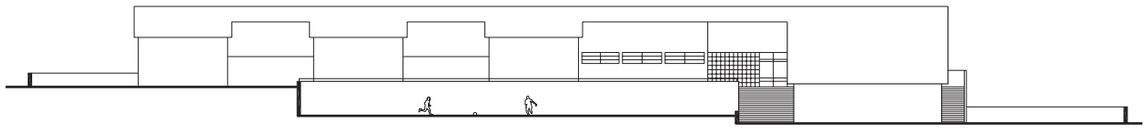
TÉRREO
1:750



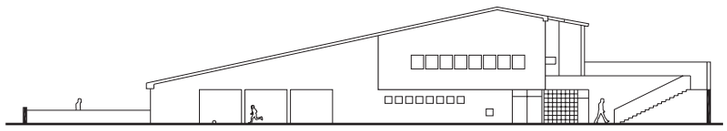
01. HALL DE ENTRADA
02. DIRETORIA
03. GALERIA
04. SANITÁRIO MASCULINO
05. SANITÁRIO FEMININO
06. RECREIO COBERTO
07. SANITÁRIO
08. COPA
09. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
10. SALA DOS PROFESSORES/BIBLIOTECA
11. DENTISTA
12. SALA DE AULA
13. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
14. COZINHA
15. ÁREA DE SERVIÇO
16. RECREIO COBERTO
17. PALCO
18. DEPÓSITO



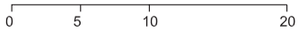
CORTE TRANSVERSAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

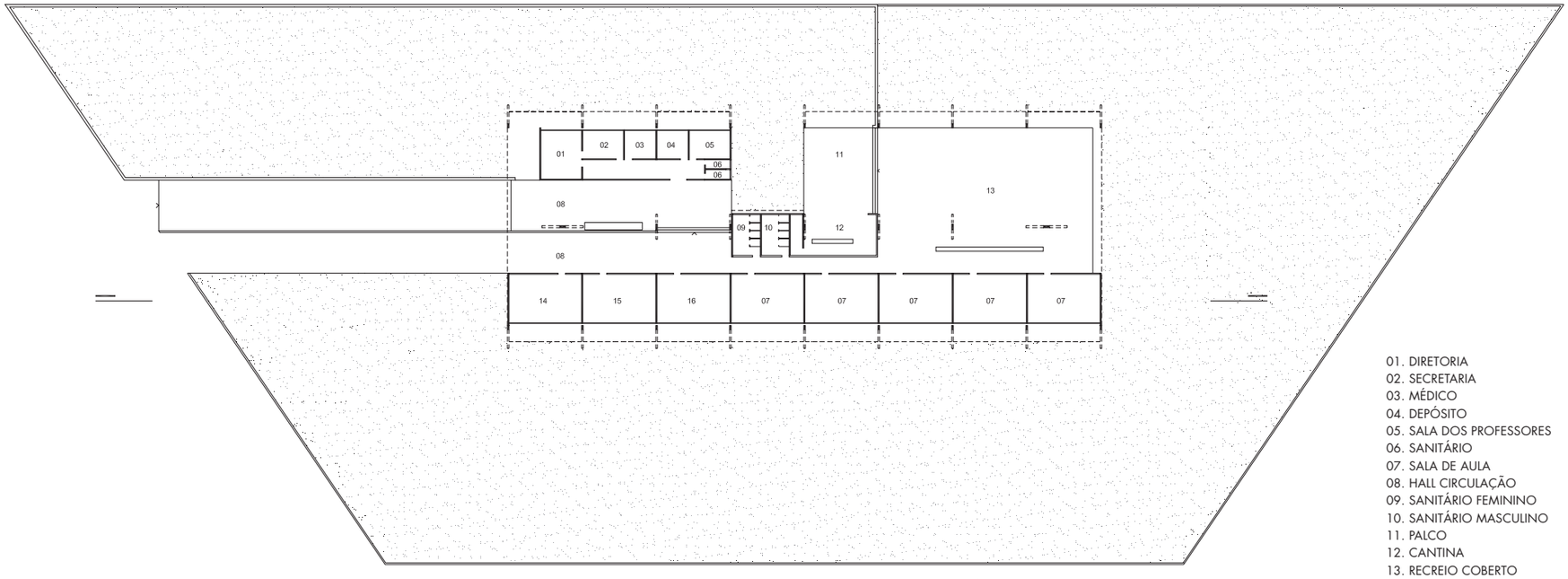


ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500



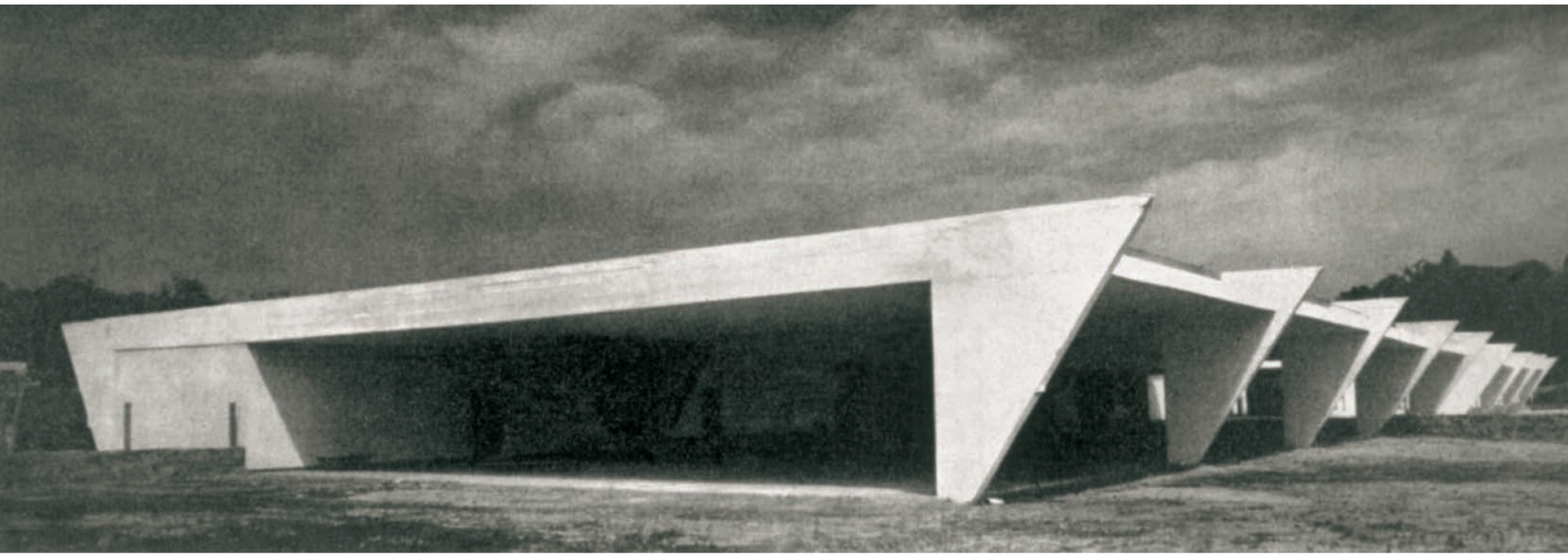
EE Professor Jon Teodoresco

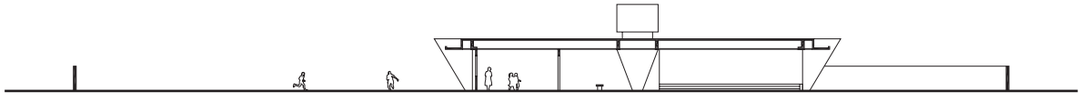
Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi | 1959 | Itanhaém, Jardim Mosteiro | Avenida Tiradentes, 46



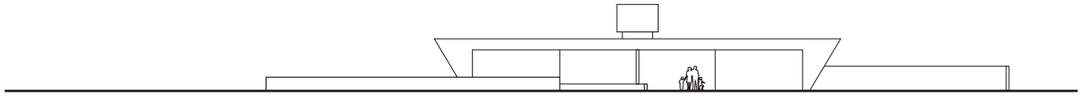
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. DIRETORIA
02. SECRETARIA
03. MÉDICO
04. DEPÓSITO
05. SALA DOS PROFESSORES
06. SANITÁRIO
07. SALA DE AULA
08. HALL CIRCULAÇÃO
09. SANITÁRIO FEMININO
10. SANITÁRIO MASCULINO
11. PALCO
12. CANTINA
13. RECREIO COBERTO
14. BIBLIOTECA
15. TRABALHOS MANUAIS
16. LABORATÓRIO

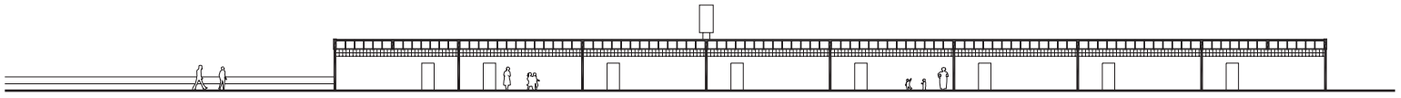




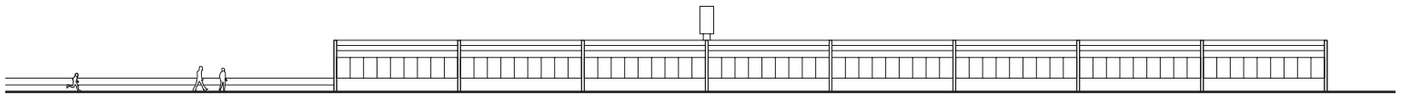
CORTE TRANSVERSAL
1:500



ELEVAÇÃO OESTE
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500

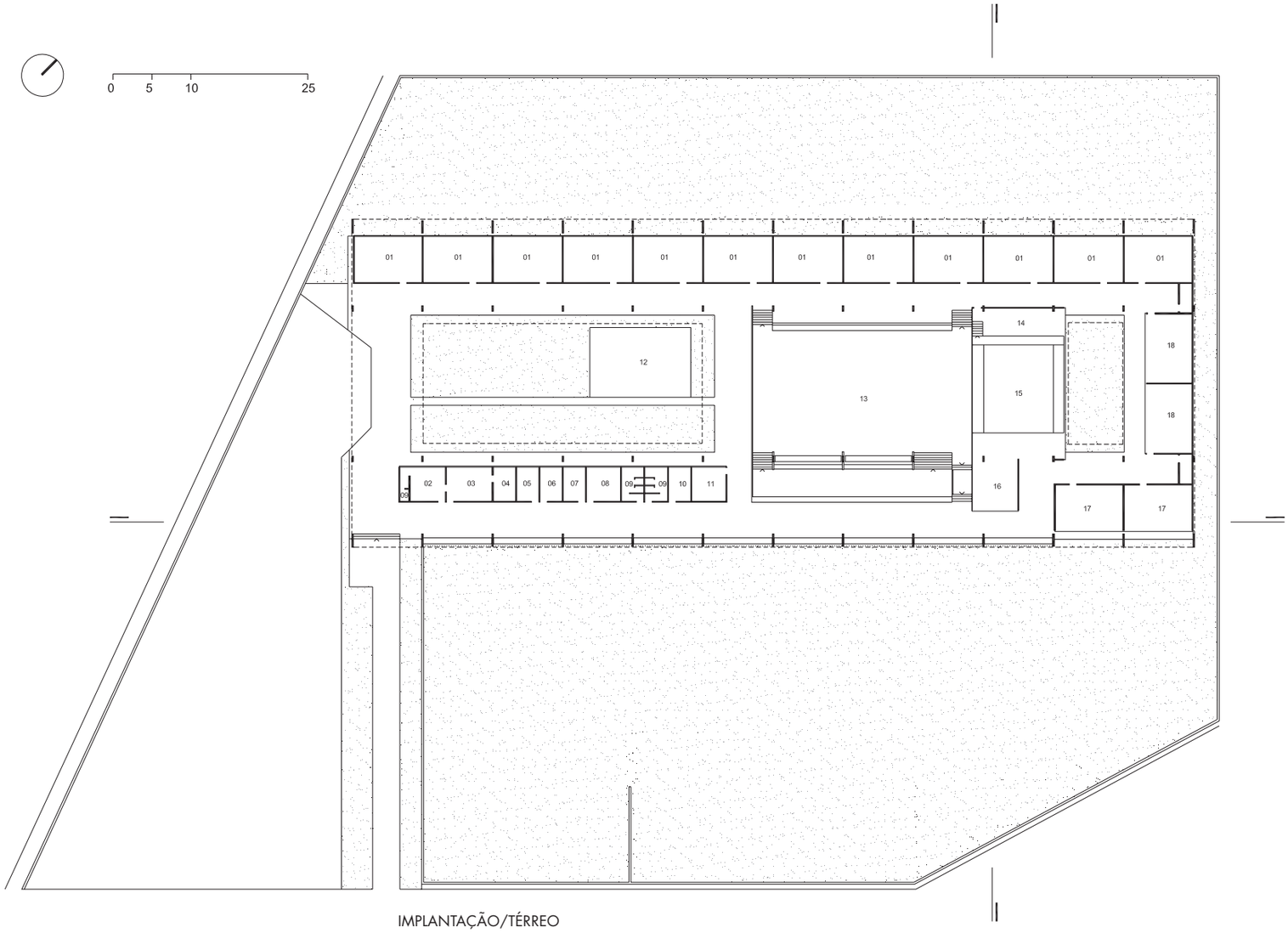


ELEVAÇÃO SUL
1:500

0 5 10 20

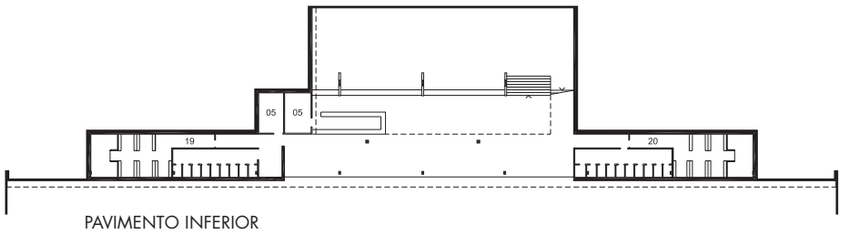
EE Conselheiro Crispiniano

Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi | 1960 | Guarulhos, Vila Progresso | Avenida Arminda de Lima, 75

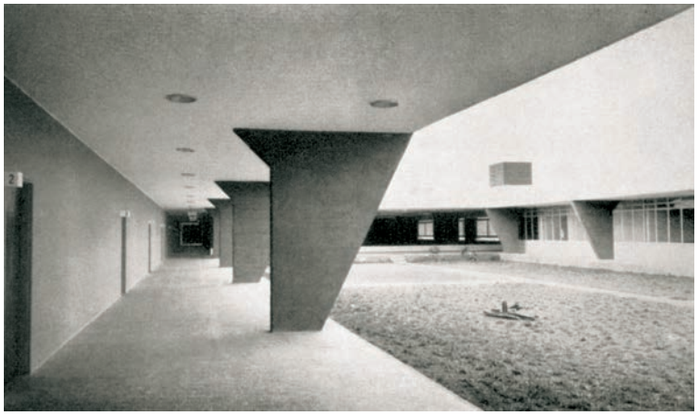


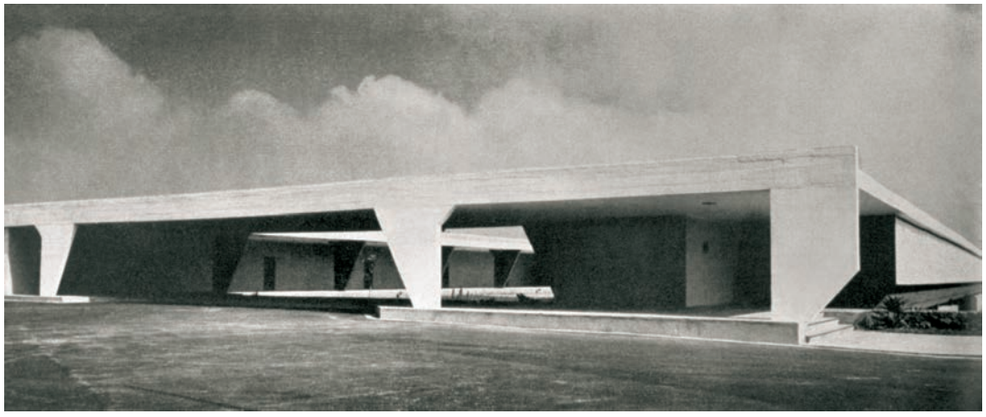
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. SALA DE AULA
02. DIRETORIA
03. SECRETARIA
04. ARQUIVO
05. DEPÓSITO
06. ORIENTAÇÃO DIDÁTICA
07. BIOMETRIA
08. SALA DOS PROFESSORES
09. SANITÁRIO
10. COPA
11. GRÊMIO
12. ESPELHO DE ÁGUA
13. RECREIO COBERTO
14. PALCO
15. AUDITÓRIO
16. BIBLIOTECA
17. LABORATÓRIOS
18. TRABALHOS MANUAIS
19. SANITÁRIO/VESTIÁRIO MASCULINO
20. SANITÁRIO/VESTIÁRIO FEMININO



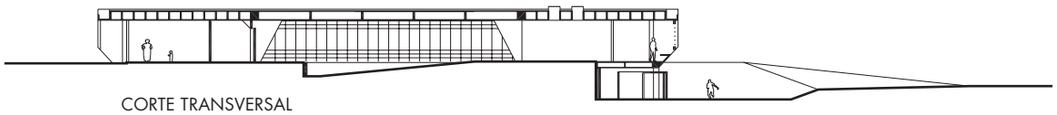
PAVIMENTO INFERIOR
1:750





ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

0 5 10 20

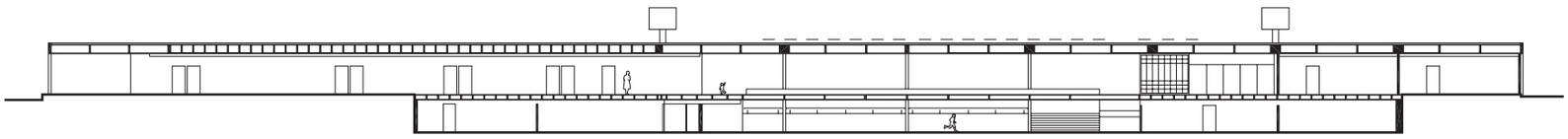


CORTE TRANSVERSAL
1:500

ELEVAÇÃO NOROESTE

1:500

0 5 10 20

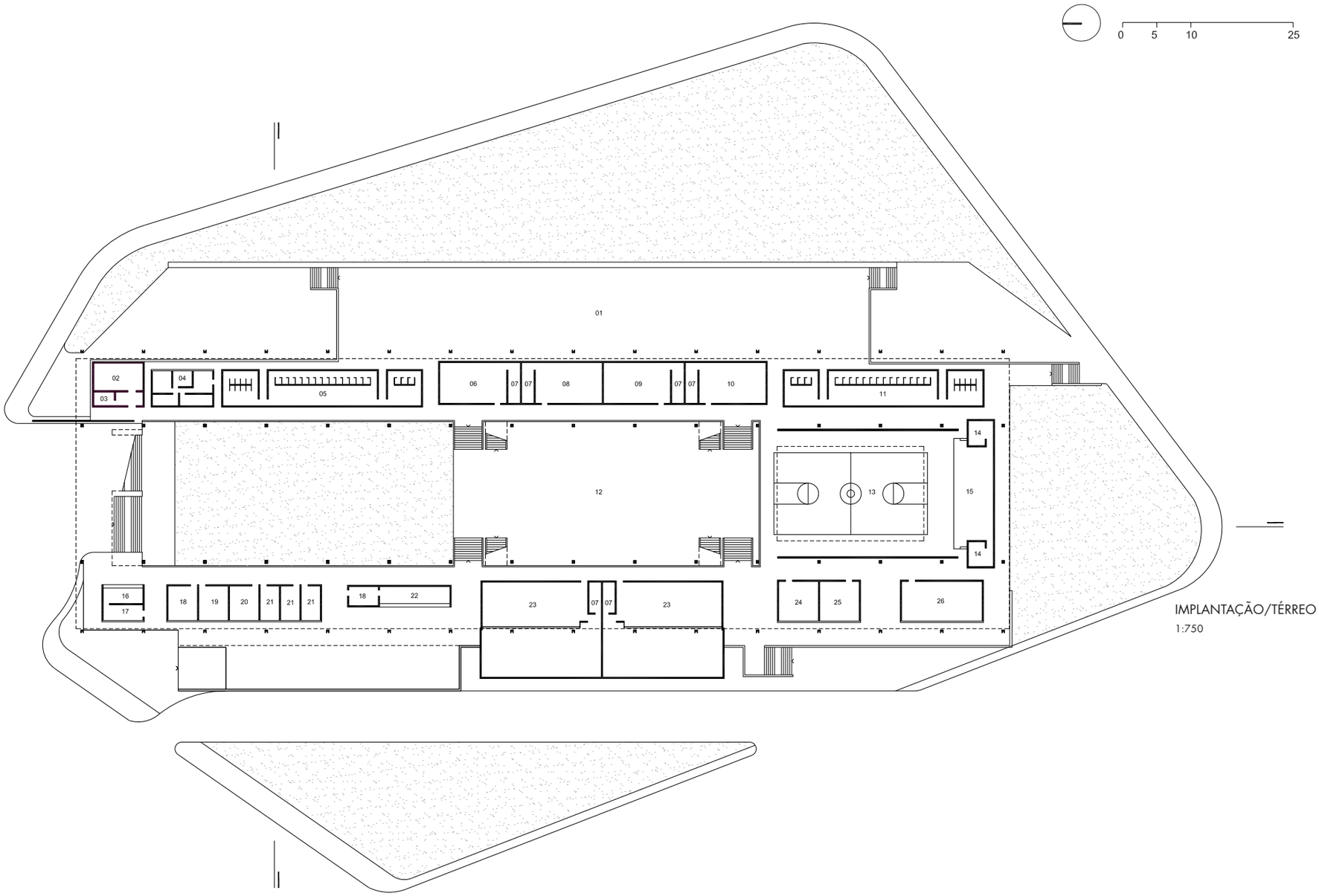


CORTE LONGITUDINAL

1:500

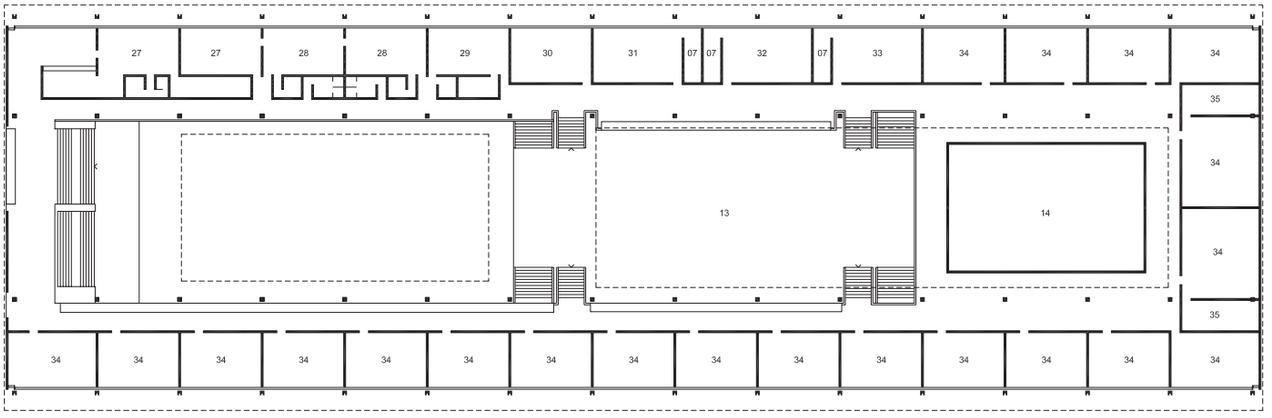
EE Professor Adamastor de Carvalho

Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi | 1962/1968 | Santo André, Vila Metalúrgica | Avenida Utinga, 1100

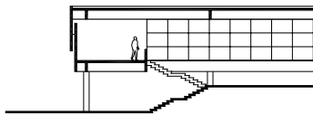


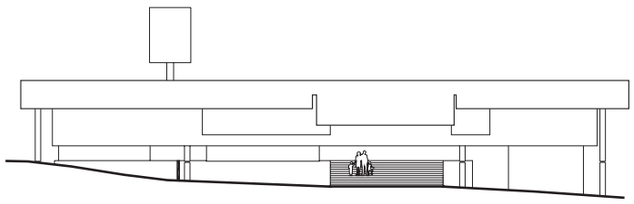
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. PÁTIO
02. CABINE DE FORÇA
03. CASA DE BOMBAS
04. ZELADORIA
05. SANITÁRIO MASCULINO
06. CIÊNCIAS
07. ANEXO
08. COMERCIAL
09. ECONOMIA DOMÉSTICA
10. ARTES
11. SANITÁRIO FEMININO
12. PÁTIO COBERTO
13. QUADRA POLIESPORTIVA
14. CAMARIM
15. PALCO
16. PORTARIA
17. COPA
18. MÉDICO
19. DENTISTA
20. COORDENADOR
21. ATENDIMENTO AO ALUNO
22. CANTINA
23. ARTES INDUSTRIAIS
24. PROFESSOR ED. FÍSICA
25. MATERIAL
26. GRÊMIO
27. SECRETARIA
28. DIRETORIA
29. SALA DOS PROFESSORES
30. BIBLIOTECA
31. LABORATÓRIO FÍSICA
32. LABORATÓRIO QUIMICA
33. LABORATÓRIO BIOLOGIA
34. SALA DE AULA
35. PREPARAÇÃO



PRIMEIRO PAVIMENTO
1:750

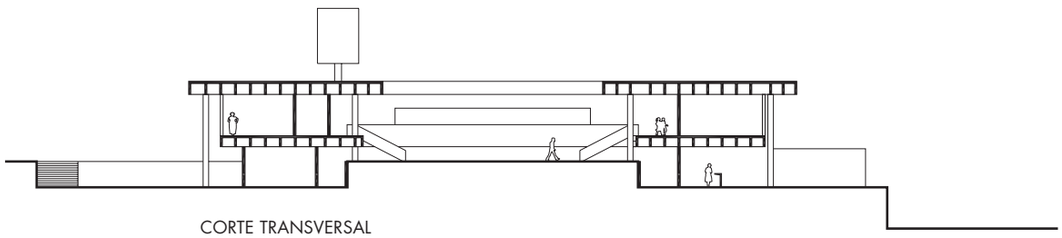




ELEVAÇÃO NORTE

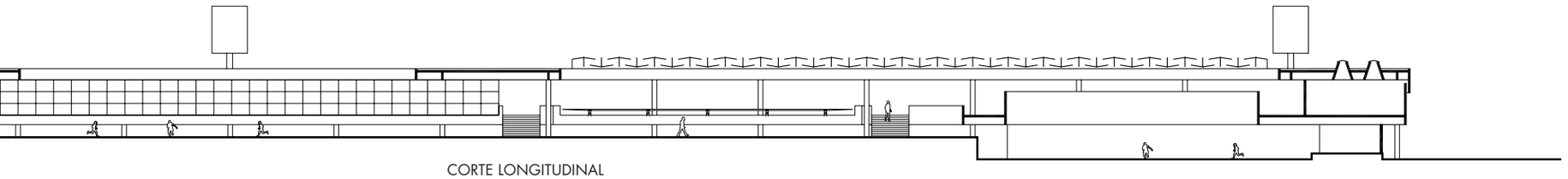
1:500

0 5 10 20



CORTE TRANSVERSAL

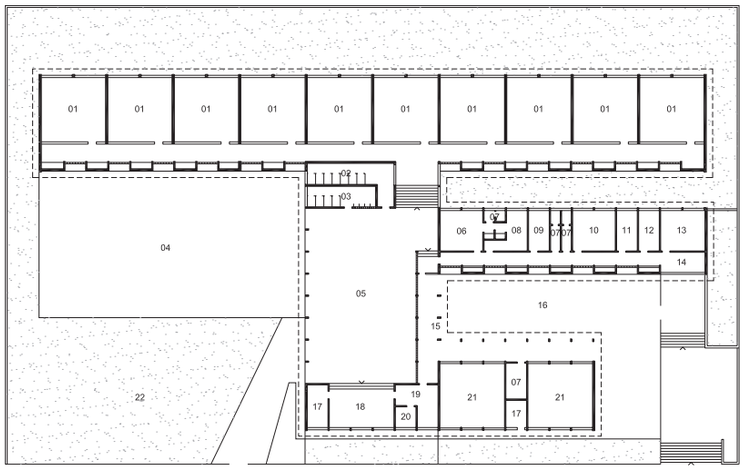
1:500



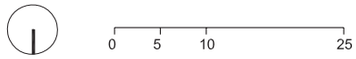
CORTE LONGITUDINAL
1:500

EMEF Antônio Giovani Lanzi

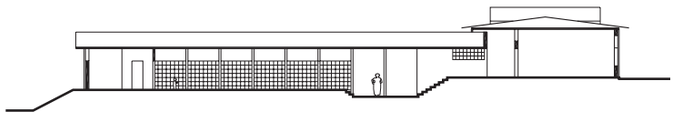
Zila Tambasco | data não identificada | Mogi Guaçu, Vila Paraiso | Rua Sete de Setembro, 72



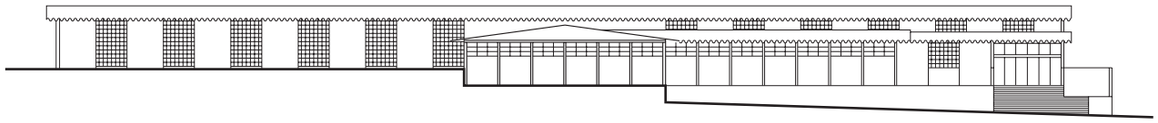
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



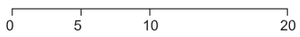
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. PÁTIO
05. RECREIO COBERTO
06. DIRETORIA
07. SANITÁRIO
08. VICE-DIRETORIA
09. ARQUIVO/SECRETARIA
10. SALA DOS PROFESSORES
11. DENTISTA
12. EDUCADOR SANITÁRIO
13. BIBLIOTECA
14. HALL DE ENTRADA
15. RECREIO COBERTO PRÉ-PRIMÁRIO
16. PÁTIO PRÉ-PRIMÁRIO
17. DEPÓSITO
18. PALCO
19. COZINHA
20. DESPENSA
21. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
22. JARDIM



CORTE TRANSVERSAL
1:500

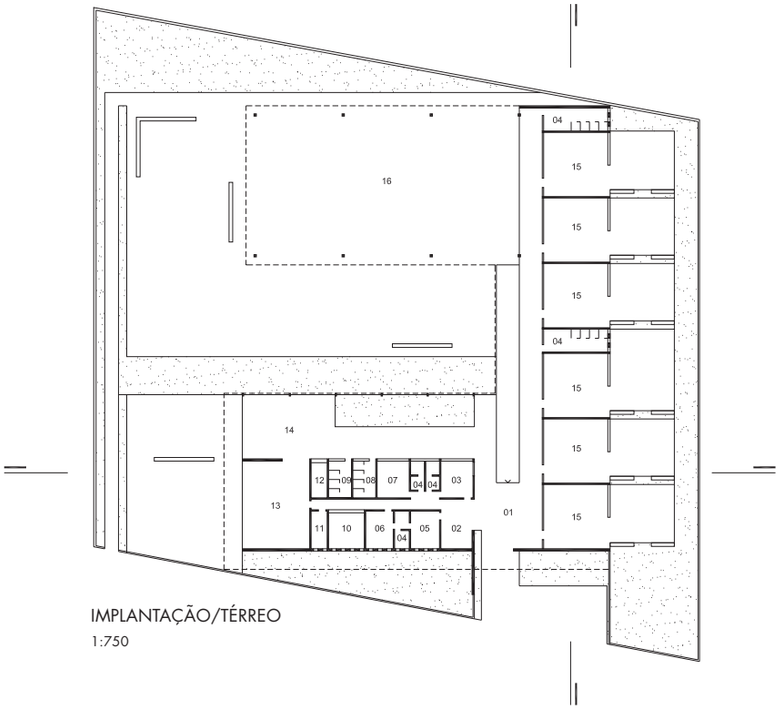


ELEVAÇÃO NORTE
1:500

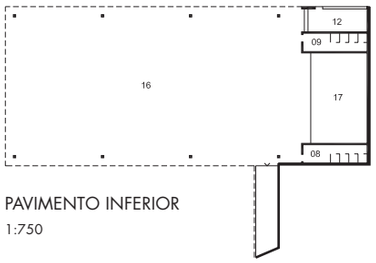


EE Professor Henrique Unger

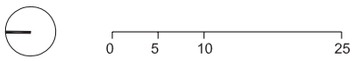
Autoria não identificada | 1962 | obra construída com outro projeto | Guaiçara, Centro | Rua Yoshi Sato, 250



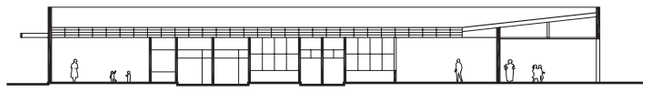
IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



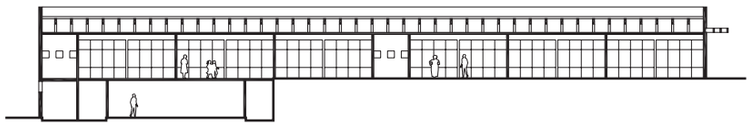
PAVIMENTO INFERIOR
1:750



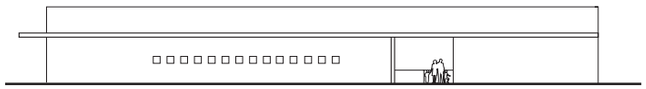
01. HALL DE ENTRADA
02. SALA DE ESPERA
03. DIRETORIA
04. SANITÁRIO
05. DENTISTA
06. MÉDICO
07. SALA DOS PROFESSORES
08. SANITÁRIO FEMININO
09. SANITÁRIO MASCULINO
10. BIBLIOTECA
11. DEPÓSITO
12. COPA/COZINHA
13. SALA DO PRÉ-PRIMÁRIO
14. RECREIO COBERTO DO PRÉ-PRIMÁRIO
15. SALA DE AULA
16. RECREIO COBERTO
17. PALCO



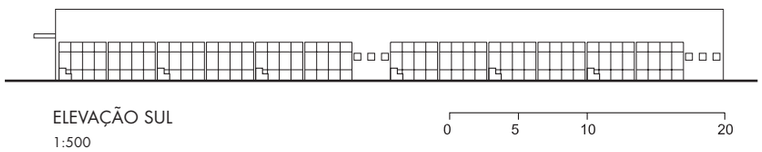
CORTE LONGITUDINAL
1:500



CORTE LONGITUDINAL
1:500



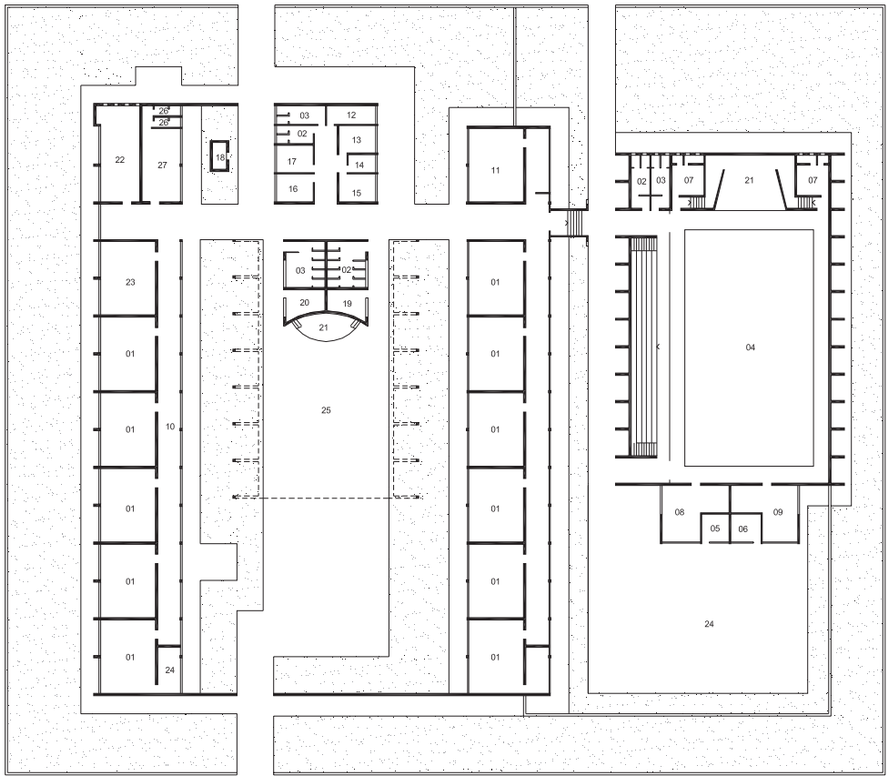
ELEVAÇÃO OESTE
1:500



ELEVAÇÃO SUL
1:500

EE Tupi Paulista

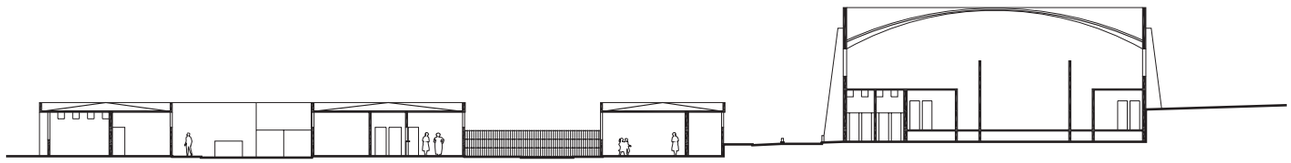
Autoria e data não identificadas | Tupi Paulista, Centro | Rua Tiradentes, 852



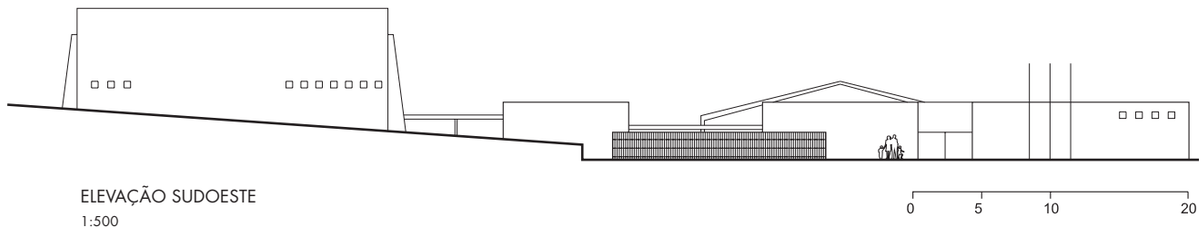
01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO FEMININO
03. SANITÁRIO MASCULINO
04. QUADRA POLIESPORTIVA
05. MÉDICO
06. DENTISTA
07. CAMARIM
08. VESTIÁRIO MASCULINO
09. VESTIÁRIO FEMININO
10. CIRCULAÇÃO
11. ANFITEATRO
12. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
13. ALMOXARIFADO
14. ARQUIVO
15. SECRETARIA
16. DIRETORIA
17. VICE-DIRETORIA
18. CAIXA D'ÁGUA
19. GRÊMIO
20. CANTINA
21. PALCO
22. BIBLIOTECA
23. LABORATÓRIO
24. PÁTIO DESCOBERTO
25. RECREIO COBERTO
26. SANITÁRIO
27. SALA DOS PROFESSORES
28. PÁTIO DESCOBERTO

0 5 10 25

IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750



CORTE TRANSVERSAL
1:500

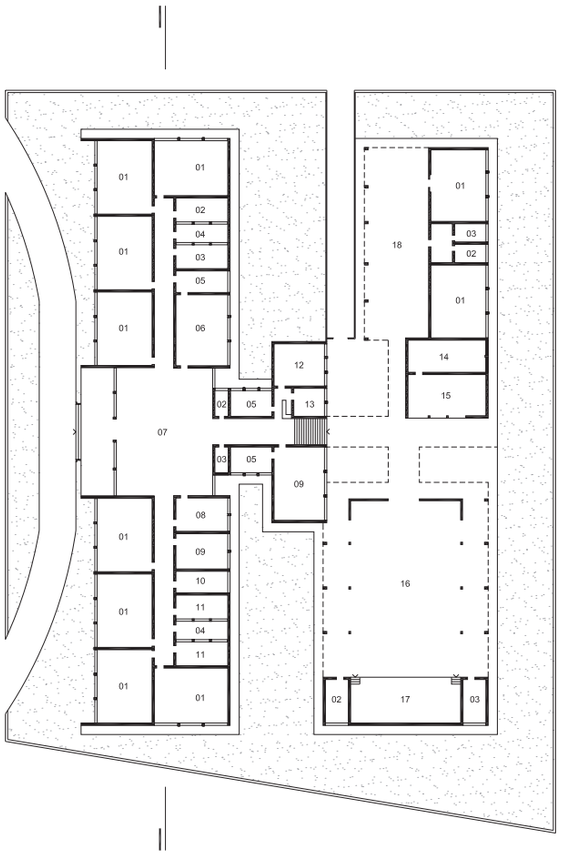


0 5 10 20

ELEVAÇÃO SUDOESTE
1:500

EE Professor Abigail de Azevedo Grillo

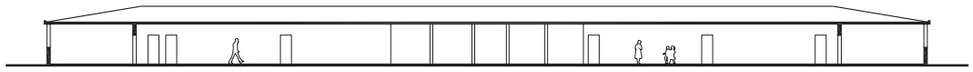
Autoria e data não identificadas | Piracicaba, Nho Quim | Avenida João Teodoro, 1485



IMPLANTAÇÃO/TÉRREO
1:750

01. SALA DE AULA
02. SANITÁRIO MASCULINO
03. SANITÁRIO FEMININO
04. ÁREA
05. ARQUIVO
06. BIBLIOTECA
07. HALL DE ENTRADA
08. DENTISTA
09. SALA DOS PROFESSORES
10. DEPÓSITO
11. SANITÁRIO
12. DIRETORIA
13. SECRETRIA
14. COZINHA
15. REFEITÓRIO
16. RECREIO COBERTO
17. PALCO
18. RECREIO

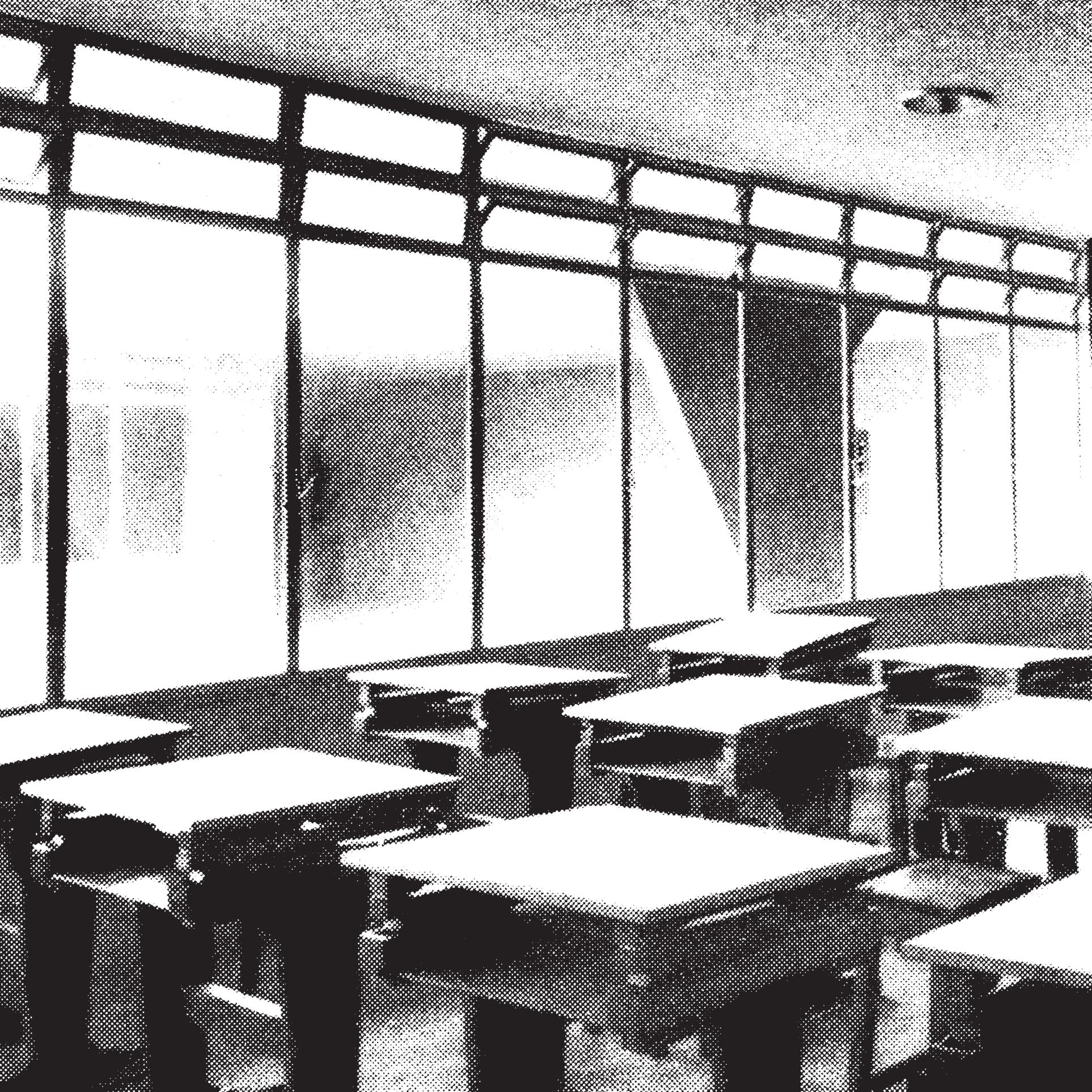
0 5 10 25



CORTE LONGITUDINAL
1:500

ELEVAÇÃO NORDESTE
1:500

0 5 10 20



Arquivos, Bibliotecas e Acervos consultados

- Departamento de Edificações da prefeitura do Município de São Paulo – EDIF da Secretaria
- Departamento de Edificações da prefeitura do Município de São Paulo (EDIF) da Secretaria de Obras e Vias Públicas: projetos do Convênio.
- Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (Ipesp): documentos.
- Companhia Paulista de Obras e Serviços (CPOS): projetos.
- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU / USP): Periódicos e acervo fotográfico da Fundação Vilanova Artigas.
- Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), São Paulo: Atas de assembléias.
- Arquivo Técnico da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE).

Créditos das fotografias

- Páginas 6, 10, 68, 69, 85 (fotos 1 e 2) e 86 (foto 1); EE Nossa Senhora da Penha. Revista *Habitat* dezembro/ 1953.
- Página 8: EE Prudente de Moraes. Revista *Habitat*, 1951.
- Página 14: EE São Paulo. Revista *Acrópole*, maio/1959.
- Páginas 20, 180, 181, 347, 348 e 349: EE Jon Theodoresco, Itanhaém. Fundação Vilanova Artigas, Acervo FAU / USP.
- Páginas 40 e 58: EE Professora Suely Antunes de Mello, São José dos Campos. Foto: Carlos Kipnis.
- Páginas 168 e 169: Foto Aérea de 1962 cedida pelo Laboratório de Aerofotogeografia e Sensoriamento Remoto –(LASERE) do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH / USP) .
- Páginas 75, 76, 77, 78, 80, 81, 85 (foto 3), 86 (foto 2), 87, 89, 96, 97, 100, 101, 105 (foto 2), 106, 107, 109 (foto 2), 110 (foto 2), 114, 116, 117, 135, 162, 205, 206, 207, 216, 258, 259, 260, 261, 308, 309, 351, 352 e 353: Carlos Kipnis.
- Páginas 90 e 95: Revista *Acrópole*, março / 1955.
- Páginas 99, 103 e 108; Revista *Habitat*, 1952.
- Páginas 104, 105 (foto 1), 109 (foto 1), 110(foto 1), 111, 115, 121: Revista *Habitat*, 1951.
- Página 126: Revista *Habitat*, janeiro / 1956.
- Página 137: Revista *Habitat*, fevereiro / 1955.
- Página 141: Revista *Acrópole*, maio / 1959.
- Páginas 142 e 143: Clóvis Copelli.
- Páginas 170: Capa do programa da peça *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, encenada no Teatro Oficina em 1967.
- Páginas 350, 355, 356, 357 e 366: Fundação Vilanova Artigas; Acervo FAU / USP

ÍNDICE POR CÓDIGO DA FDE

00.02.105 EE Professor José Carlos Dias 111
00.02.202 EE Professor Colombo de Almeida 153
00.03.201 EE Professora Isabel Vieira de Serpa e Paiva 95
00.04.201 EE Visconde de Taunay 110
00.04.203 EE Paulo Setúbal 161
00.05.207 EE Regente Feijó 71
00.06.201 EE Dona Suzana de Campos 137
00.08.202 EE Almirante Visconde Inhaúma 164
00.08.203 EE Doutor Octávio Mendes 96
00.08.204 EE Professor Antônio Lisboa 75
00.08.208 EE Barão Homem de Mello 167
00.09.202 EE Albino César 72
00.09.204 EE Gabriela Mistral 91
00.09.205 EE Júlio Pestana 160
00.09.223 EE Pedro Alexandrino 85
00.10.201 EE Toledo Barbosa 149
00.10.202 EE Deputado Pedro Costa 159
00.11.201 EE Júlio Maia 146
00.12.101 EE República do Chile 94
00.13.201 EE Professor Octávio Monteiro de Castro 165
00.16.204 EE Pedro Taques 122
00.17.203 EE Professor Ascânio de Azevedo Castilho 135
00.17.220 EE Comendador Mario Reys 134
00.18.201 EE Nossa Senhora da Penha 86
00.19.202 EE Dom Pedro I 76
00.20.201 EE República do Uruguai 163
00.22.202 EE Pandiá Calógeras 106
00.22.203 EE André Ohl 128
00.24.201 EE Domingos Faustino Sarmiento 92
00.24.202 EE São Paulo 142
00.26.201 EE Frei Paulo Luig 74
00.27.112 EE Erasmo Braga 81
00.27.202 EE Carlos Escobar 124
00.28.201 EE Orville Derby 105
00.29.109 DER Diretoria de Ensino-região Leste 4 151
00.29.201 EE Doutor José Pereira de Queiroz 158
00.29.202 EE Dona Zalina Rolim 155
00.30.209 EE República do Paraguay 125
00.34.201 EE Canuto do Val 121
00.37.102 EE Doutor Murtinho Nobre 113
00.40.202 EE Júlio de Mesquita Filho 166
00.40.204 EE Manuela Lacerda Vergueiro 162
00.42.201 EE Aristides de Castro 154
00.43.201 EE Doutor Reinaldo Ribeiro da Silva 84
00.43.204 EE Professor José Monteiro Boanova 115
00.43.205 EE Romeu de Moraes 123
00.43.206 EE Doutor Edmundo de Carvalho 130
00.43.209 EE Thomaz Galhardo 120
00.45.202 DER Diretoria de Ensino-região Centro Oeste 90
00.45.203 EE Clóvis Bevilacqua 129
00.46.102 EE Alfredo Bresser 150
00.48.101 EE Prudente de Moraes 116
00.50.201 EE Brasílio Machado 112
00.55.201 EE César Martinez 114
00.56.103 EE Coronel Domingos Quirino Ferreira 126
00.56.207 EE Almirante Barroso 104
00.57.204 EE Professor Isaltino de Mello 148
00.57.207 EE Professor Alberto Conte 138
00.57.215 EMEF Professor Linneu Prestes 147
00.58.118 EE Professor Pedro Voss 100
00.58.119 EE Brasílio Machado 156
00.58.201 EE Artur Sabóia 136
00.58.202 EE Júlio Ribeiro 140
00.65.110 EE Alberto Torres 132
01.01.103 EE Doutor Washington Luiz Pereira de Souza 220
01.15.105 EE Conselheiro Crispiniano 354
01.22.108 EE Professora Therezinha Sartori 296
01.22.109 EE Dona Marcelina Maria da Silva Oliveira 331
01.23.101 EE Aprigio de Oliveira 249
01.24.112 EMEF General Antônio de Sampaio 93
01.24.214 EMEF Frei Gaspar da Madre de Deus 152
01.27.103 EE Doutor Felício Laurito 330
01.28.101 EE Cassiano Ricardo 302
01.29.401 EE Vereador Elisiário Pinto de Morais 266
01.32.103 EE Professor Adamastor de Carvalho 358
01.32.108 EE Doutor Carlos Garcia 289
01.32.231 EE Professora Carlina Caçapava de Mello 332
01.33.109 EMEF Professora Annita Magrini Guedes 250
01.33.119 EE Professor Amadeu Oliverio 276
01.34.103 antiga EE Professor Ângelo Vaqueiro 213
01.34.105 EE Oswaldo Samuel Massei 233
01.34.108 EE Anacleto Campanella 271
01.35.102 EE Comendador Brasílio Machado Neto 307
01.35.105 EE Doutor Morato de Oliveira 185
02.02.101 EE Professor Rene Rodrigues de Moraes 277
02.02.701 EE Professor Walter Scheppis 306
02.02.702 EE Professora Philomena Cardoso de Oliveira 298
02.03.102 EE Professor Jon Teodoresco 351
02.09.116 EE Professor Suetônio Bittencourt Júnior 258
02.09.117 EE Dona Luiza Macuco 191
02.13.102 EE Thomaz Ribeiro de Lima 225
02.22.701 EE Professor Celso Antônio 280
02.23.102 EMEF João Veiga Martins 264
02.27.405 EE Governador Armando de Salles Oliveira 257
03.03.101 EMEF Barão Jacareí 290
03.10.105 EE Professora Suely Antunes de Mello 308
03.18.102 EE Professor Bernardino Querido 268
03.22.101 EE Professora Maria Conceição Pires do Rio 285
03.25.102 EE Severino Moreira Barbosa 200
03.26.104 EE Humberto Turner 326
03.26.107 EE Major Hermógenes 294
03.31.105 EE Arnolfo Azevedo 222
03.32.103 EE Professora Leonor Guimarães 239
03.36.101 EE Professor Hildebrando Martins Sodero 207
04.04.103 EE Professora Laurinda Vieira Pinto 203
04.08.101 EE Professor Carlos Augusto de Camargo 253
04.10.102 EE Professor Pedro Fernandes de Camargo 286
04.13.101 EMEF Barão Piratininga 324
04.13.105 EMEF Professor Tibério Justo da Silva 343
04.13.701 EE Professor Epaminondas de Oliveira 334
04.15.102 EE João Climaco de Camargo Pires 202
04.15.109 EE Quinzinho de Barros 305
04.15.110 EE Professor Aggeo Pereira do Amaral 228

04.35.102 EE Professora Elisa dos Santos ... 243
04.48.104 EE Doutor Epaminondas Ferreira Lobo ... 199
04.59.601 antiga EE Holambra II ... 231
04.61.101 EMEF Professora Julieta Trindade Evangelista ... 299
04.70.701 EE Professor Renato Angelini ... 288
05.03.701 EE Francisco da Silveira Franco ... 350
05.04.401 EE Antônio Alves Cavalheiro ... 300
05.05.103 EE Professor Milton de Tolosa ... 194
05.05.114 EE Professor Antônio Vilela Junior ... 312
05.05.122 EE Guido Segalho ... 273
05.05.171 EE Dom Barreto ... 205
05.10.103 EMEF Dona Izaura da Silva Vieira ... 236
05.10.104 EE Antônio Caio ... 335
05.10.701 EE Professor Fenízio Marchini ... 241
05.11.401 EMEF Prefeito Francisco Xavier Santiago ... 219
05.13.106 EMEF Antônio Giovani Lanzi ... 362
05.14.101 EMEF Dona Sinhazinha ... 229
05.19.101 EE General Porphyrio da Paz ... 247
05.20.103 EMEF Professor Arnaldo Rossi ... 279
05.22.101 EE Santo Antônio ... 218
05.30.101 EE Ângelo Franzin ... 184
05.33.102 EE Professor Antônio de Mello Cotrim ... 224
05.33.109 EE Monsenhor Jeronymo Gallo ... 190
05.33.111 EE Professora Olívia Bianco ... 211
05.33.116 EE Professor Abigail de Azevedo Grillo ... 365
05.34.102 EE Professor Manoel da Costa Neves ... 315
05.45.104 EE Professor Nestor Martins Lino ... 189
05.56.105 EE Monsenhor Martins ... 349
05.65.106 EE Professora Anésia Martins Mattos ... 295
05.67.103 EE Gilberto Giraldi ... 278
05.84.102 EE Paulo Mendes Silva ... 348
05.84.108 EMEB Pedro de Oliveira ... 187
05.84.110 EE Professora Benedita Arruda ... 317
05.90.401 EE Professora Maria do Carmo Barbosa ... 267
06.13.104 EE Professora Eugênia Vilhena de Moraes ... 196
06.20.103 EE Professor Bruno Pieroni ... 214
06.24.101 EE Professora Amália Pimentel ... 195
06.24.113 EE David Carneiro Ewbank ... 198
06.28.702 EE Eliseu Alves Teixeira ... 237
06.30.101 EMEF Farid Salomão ... 254
06.37.102 EMEF Doutor Nehif Antônio ... 319
06.51.103 DER Diretoria de Ensino – região de Barretos ... 301
06.51.104 EE Coronel Silvestre de Lima ... 201
06.51.106 EE Professor Wladimir Rodrigues de Arruda ... 221
06.58.701 EE Gustavo Fernando Kuhlmann ... 226
06.61.104 EE Senhora Aparecida ... 270
06.65.103 EE Orminda Guimarães Cotrim ... 245
06.76.102 antiga EE Padre Francisco de Salles Colturato ... 235
06.77.102 EMEF Professora Ana da Cunha Viana ... 336
06.94.103 EE Professor Antônio Adolfo Lobbe ... 284
07.01.103 EE Padre João Batista de Aquino ... 212
07.05.109 EE Joaquim Rodrigues Madureira ... 186
07.14.701 EE Bairro Santo Antônio da Estiva ... 252
07.18.102 EMEF Professora Regina Olinda Martins Ferro ... 230
07.25.101 EE Professor Henrique Unger ... 363
07.35.401 EMEF Professora Dalila da Silva Afonso ... 292
08.14.101 EMEF Professor Lauro Rocha ... 217
08.18.101 EMEF Capitão Neves ... 318
08.22.102 EE Francisco Marques Pinto ... 274
08.32.106 EMEF Professor Oscar Arantes Pires ... 322
08.32.112 EE Victor Britto Bastos ... 323
08.32.115 EE Cardeal Leme ... 248
08.34.102 EE João Portugal ... 341
08.34.103 EE Padre Fidelis ... 215
08.40.701 EE Saturnino Antônio Rosa/EMEF Miguel Padula ... 192
08.59.101 EMEF Professora Ana Maria Segura ... 240
08.63.101 EE Doutor José Manoel Lobo ... 333
08.63.105 EE Professora Uzenir Coelho Zeitune ... 329
08.82.101 EE Antônio Marin Cruz ... 265
08.88.101 CEFAM Santa Fé do Sul ... 345
09.01.103 antiga EE Expedicionário Diogo Garcia Martins ... 232
09.02.110 EMEF Índio Poti ... 204
09.02.114 EE Professora Maria do Carmo Lelis ... 291
09.02.115 EE Professor Genésio de Assis ... 304
09.02.401 EE Professor Fernando Gomes de Castro ... 303
09.16.102 EMEF Azílio Antônio do Prado ... 263
09.16.701 EE/EMEIF José Antônio de Castilho ... 244
09.20.101 EE Padre Cesare Toppino ... 246
09.31.106 EMEF Professora Anna Maria Marinho Nunes ... 328
09.39.101 EMEF Professor Victor Padilha ... 227
10.12.704 EMEF Professora Sonia Ibanhes Soares ... 260
10.13.107 EE Professora Marietta Ferraz de Assumpção ... 256
10.14.102 EMEF Dona Miloca ... 234
10.14.701 EMEF Carlos Bueno de Toledo ... 342
10.27.103 EE Alfredo Marcondes Cabral ... 183
10.28.101 antiga EE Professor Raymundo Pismel ... 216
10.28.701 EE Carlos Bernardes Staut ... 281
10.32.701 EMEIF Amador Franco da Silveira ... 262
10.34.101 EE João Bernardi ... 255
10.41.101 EE Tupi Paulista ... 364
10.46.701 EE Professor Yukie Takemoto Scafi ... 193
10.48.101 EE José Firpo ... 259
10.48.102 EMEF Prof. Maria do Carmo de Mendes Mendonça ... 321
10.48.401 EMEF Ermínio Firmino Pollon ... 188
10.56.102 EE Professora Amália Valentina Marsiglia Rino ... 344
10.57.102 EMEF Prefeito Waldomiro Sampaio de Souza ... 320
11.02.101 antigo Grupo Escolar José Bonifácio do Couto ... 346
11.04.102 EMEI Gália ... 347
11.05.204 antiga EE Professora Lydia Yvone Gomes Marques ... 283
11.07.109 EE Professor Antônio Gomes de Oliveira ... 272
11.07.110 EE Monsenhor Bicudo ... 338
11.07.112 EE Abel Augusto Fragata ... 242
11.08.102 EE Professora Ignêz Alves de Rezende Silva ... 287
11.10.101 EE José Ambrosio dos Santos/EMEF Nilce Delfini Diziola ... 251
11.11.101 EE Cultura e Liberdade ... 316
11.11.103 EE 17 de Setembro ... 314
11.19.701 EE Antônio Fontana ... 238
11.24.401 EE/EMEF Professor Lourenço Luciano Carneiro ... 210
11.26.701 antiga EE Professor Reynaldo Galvão ... 269
11.36.702 EMEIF Professora Maria Pires de Moura ... 327
11.37.102 EE Professora Justina de Oliveira Gonçalves ... 261
11.37.103 EE Professora Esmeralda Soares Ferraz ... 340
11.40.103 EMEF Professora Coraly de Souza Freire ... 325
11.53.103 EE Professora Helena Pavanelli Porto ... 282
11.53.105 EE Professor Anísio Carneiro ... 293
11.53.106 EE Professor Sebastião Teixeira Pinto ... 206

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que contribuíram para a realização desta publicação. Particularmente a nossos colegas da Gerência de Planejamento e Projetos; a Miguel Haddad, José Carlos Beraldi e Jaderson Spina pela oportunidade e apoio para esta publicação; a Plínio Soares de Arruda Sampaio, Anthero Vieira Machado, Júlio Katinsky, Paulo Mendes da Rocha, Francisco Petracco, Joaquim Guedes, Dácio Ottoni, João Xavier, Thereza Katinsky, Fábio Penteado, Ubyrajara Gilioli, Celso Lamparelli, Armando Pinheiro, Silvio Brenno de Souza Santos e Maria Rey Kobayashi Yamane pelos depoimentos; a Cláudia Maria da Rosa e Silva, pela disponibilização de dados sobre o Ipesp; a Roselene Nogueira pela leitura e comentários ao texto; a Carlos Kipnis; a Helena Ayoub Silva; a Arnaldo Martino e Daya Rigueiro; e, especialmente, a Silvio de Oliveira Júnior, Marília Rollemberg de Mello, Rodrigo de Francisco Ferreira e Oliveira e Tatiana de Francisco Ferreira e Oliveira pelo carinho e compreensão durante a elaboração deste livro.

Catalogação na Fonte: Centro de Referência em Educação Mário Covas

F981a Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Arquitetura escolar paulista: anos 1950 e 1960 / Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Organizadoras, Avany de Francisco Ferreira, Mirela Geiger de Mello. São Paulo : FDE/DOS, 2006. 372 p. : il., mapas, gráficos, fotos, desenhos arquitetônicos Textos de: Júlio Katinsky, Janice Theodoro, Guilherme Wisnik e Ignácio Loyola Brandão.
ISBN: 85-87028-24-3
1. Construção escolar 2. Arquitetura escolar 3. Prédio escolar 4. Escola pública 5. São Paulo
I. Ferreira, Avany de Francisco. II. Mello, Mirela Geiger de. III. Título.

CDU: 727.1(815.6)"1950/1960"

imprensaoficial
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO